Fundação Júlio Campos

O ARQUIVO

Coleção
MEMÓRIAS HISTÓRICAS
Vol. 3

Revista
O ARCHIVO

- Coleção Facsimiliar Completa -
1904 - 1906

Fundação Júlio Campos
Várzea Grande - 1993

Linéria: Muita coisa você poderá achar aqui p/a sua Bibliografia.

Um abraço

O ARCHIVO

O ARCHIVO

COLEÇÃO DE MEMÓRIAS HISTÓRICAS
DA FUNDAÇÃO JÚLIO CAMPOS

VOL 3

Revista
O ARCHIVO

Coleção Fac-similar completa
1904 - 1906

Fundação Júlio Campos
Várzea Grande - MT
1993

FUNDAÇÃO JÚLIO CAMPOS

Pres. Júlio José de Campos

Coleção de Memórias Históricas

Coordenação

Paulo Pitaluga Costa e Silva
João Carlos Vicente Ferreira

Conselho Editorial

Adauto Dias de Alencar
da Academia Matogrossense de Letras
Elizabeth Madureira Siqueira
da Universidade Federal de Mato Grosso
João Carlos Vicente Ferreira
da Fundação Júlio Campos
Pe. José de Moura e Silva
do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso
Paulo Pitaluga Costa e Silva
do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

A Fundação Júlio Campos tem como um de seus objetivos o resgate e difusão e obras históricas que dizem respeito a Mato Grosso, daí a criação da "Coleção de Memórias Históricas"

Fundação Júlio Campos

Pres. Conselho Diretor
Júlio Domingos de Campos

Presidente
Júlio José de Campos

DIRETORES

Waldemar Marconato
Diretor Executivo

Marcelo Soares
Diretor Adm. Financeiro

João Carlos Vicente Ferreira
Diretor Cultural

Fundação Júlio Campos
Fundada em 11/12/86
CGC/MF 03.239.084/0001-09
CNSS-MEC Nº 23002.003.631/88-94
Av. Couto Magalhães, 1.686
Fone: (065) 381-2101
Fax: (065) 682-1136
78110-400 - Várzea Grande-MT

APRESENTAÇÃO

De vez em quando a bibliografia nos faz uma surpresa, e sem mais nem menos, quando nada se espera, eis que se depara com uma raridade bibliográfica de valor incomensurável.

Tal se deu com a coleção completa da revista "O ARCHIVO", obra preciosa e eterna de Estêvão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza em princípios deste século.

A garimpagem de obras raras nunca foi o forte de nenhum pesquisador, historiador ou bibliófilo matogrossense, e se esta raridade foi encontrada e agora, por edição da Fundação Júlio Campos é publicada, foi fruto mais do puro acaso do que pesquisa séria em torno da busca dessa obra já quase esquecida pelo tempo.

Neste estado não existem sebos que se dediquem a comercialização e consequente preservação de livros antigos e raros, nem nunca houve a preocupação institucional com tal tipo de salvamento cultural, e nem existem grande e antigas bibliotecas particulares, cujos acervos pudessem ser revirados em busca de alguma preciosidade.

Por isso, somente o acaso e a sorte permitem hoje em Mato Grosso o encontro fortuito de raridades bibliográficas dadas como desaparecidas ou ainda totalmente desconhecidas.

Nos grandes centros culturais isso é bem possível. E esse foi o caso da revista "O ARCHIVO", por pura sorte encontrados os seus sete volumes em mãos de bibliófilo colecionador de raridades.

A certeza da não existência de qualquer outra coleção completa deu margem à imediata publicação em edição fac-similar de todos os volumes que a compõe.

Cuiabá, ano de 1904.

A época era de transtornos e intranqüilidade política. Homens e partidos se digladiando pelo poder estadual tornavam o ambiente social bastante intranqüilo e agitado. Anos antes tinha havido uma sangrenta revolução, onde dois líderes haviam se defrontado, Antonio Paes de Barros e Generoso Ponce. Este, há pouco, havia chegado do exílio, e seu partido perdido a eleição governamental. A agitação era intensa.

Desmandos do governo e abusos e provocações da oposição, essa a tônica do ambiente político e social em Mato Grosso nos primeiros anos do século XX.

Nessa época um pequeno número de homens eruditos e cultos formavam a nata da intelectualidade mato-grossense. A distância dos grandes centros culturais, a ausência de instituições de cultura e de ensino, de grandes bibliotecas, os levou ao autodidatismo, e consequentemente, ao amor extremo aos estudos, às pesquisas e aos livros.

Período pobre em produções históricas, tínhamos tão somente artigo publicados em revistas especializadas, como é a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e umas poucas publicações avulsas. Esse foi um período de transição evidente entre essas tímidas publicações e uma produção maior após 1919, data do bicentenário de Cuiabá e da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Dentre poetas, cronistas, prosadores, nesse tempo destacam-se os historiadores Estêvão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza. O primeiro advogado provisionado e o segundo contador, dedicavam-se com afinco à pesquisa e aos escritos de história regional.

Antonio Fernandes de Souza, amigo pessoal do Presidente Antonio Paes de Barros, era o contador geral da Usina Itaici, estabelecimento industrial pioneiro, que por si só demonstrava a grande visão de seu proprietário. Homem de confiança extrema desse usineiro.

Estêvão de Mendonça, nomeado pelo mesmo Totó Paes, dirigia o Arquivo Público do Estado. Nesse cargo, a par de uma primeira tentativa de organização e metodização arquivística dos preciosos documentos históricos que compunham o seu acervo, pode acima de tudo, pesquisar e estudar mais profundamente os fatos do passado da terra mato-grossense. Dai o seu profundo conhecimento histórico acerca das coisas desse passado de Mato Grosso.

E com ânsia buscava o historiador um espaço para publicar as suas produções, fruto de uma pesquisa direta nas fontes históricas.

Como todo homem letrado da época, escrevia para os jornais cuiabanos de então, que era basicamente a única forma de divulgação da produção intelectual. Buscou e achou o apoio de Benjamin Franklin Ramiz Galvão, que lhe abriu as páginas do famoso Almanaque Garnier, por ele dirigido. Ai inseriu tanto os artigos por ele redigidos, como publicações institucionais do governo Totó Paes.

Nesse mesmo ano de 1904, o Colégio Salesiano São Gonçalo iniciava a publicação de uma revista mensal, a REVISTA MATTO GROSSO, que perdurou até meados da década de 20, quando teve o seu nome mudado para Revista Santa Cruz. Essa Revista Matto Grosso, abrigou em suas páginas artigos históricos de ambos os escritores mencionados.

Sempre buscando um espaço para a publicação de seus artigos, bem como para a divulgação da produção de outros raros e dedicados intelectuais que nessa época despontavam, face às eternas dificuldades sempre encontradas, surgiu a idéia de uma revista. Uma publicação séria que enfeixasse não só artigos acerca da história regional, mas também que ensejasse a divulgação de documentos importantes e interessantes para a preservação da memória social de Cuiabá e de Mato Grosso.

Aproveitando-se o cargo de Estêvão de Mendonça, e contando com a imediata aprovação do Presidente Antonio Paes de Barros, agregou-se a revista idealizada, ao Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

Assim, com a ''Publicação feita sob os auspícios do Exmo. Sr. Coronel Antonio Paes de Barros'', saiu do prelo em novembro de 1904, o volume nº 1 da revista O ARCHIVO.

Ao todo foram publicados 7 volumes, sendo 6 sequenciais até mesmo na numeração das respectivas páginas, de 1904 a 1906, e 1 volume especial, comemorativo ao falecimento do Barão de Melgaço, publicado a 14 de janeiro de 1905. Desse volume comemorativo nem ao menos se sabia de sua existência concreta, sendo absolutamente inédita a sua divulgação.

As edições boas para a época, foram todas confeccionadas pela Imprensa Oficial do Estado, com exceção da ''Edição Comemorativa do 25º aniversário do passamento do inolvidável Barão de Melgaço", impressa que foi pelo Estabelecimento Avelino de Siqueira. As folhas de rosto de cada número eram primorosas, utilizando-se várias fontes de tipos para a sua diagramação e composição, o mesmo se dando com a maioria dos tipos escolhidos para os textos de forma geral.

Todavia, a impressão em si deixa a desejar. Não contém quase erros gráficos, porém é de baixa qualidade, face, possivelmente, ao péssimo estado de conservação das máquinas impressoras oficiais. Por outro lado, nota-se nitidamente a boa qualidade da impressão do volume comemorativo, este já feito pelo gráfico Avelino de Siqueira. Este, face a imensa produção saída de seu estabelecimento, teve um papel extraordinário no desenvolvimento da cultura mato-grossense das primeiras décadas deste século, sendo sem dúvida, sua contribuição, digna de registro histórico.

A mesma observação se pode fazer com relação ao papel usada pela Imprensa Oficial na impressão dos seis volumes da revista, um tipo sulfite de baixa qualidade, fato esse não ocorrido com o material empregado pelo Estabelecimento Avelino de Siqueira na edição comemorativa mencionada.

Interessante e vale notar que, ainda no primeiro volume da revista, é lançado por Antonio Fernandes de Souza, as bases da fundação de uma instituição histórica, que só veio a ocorrer realmente em 1919, ''... a fim de fundar-se nesta capital um Instituto Histórico e Geográfico que se incumbirá de criar e manter uma revista do Estado de Mato Grosso...''. Era a preocupação com a cultura, com a preservação da memória social, com o registro histórico dos fatos, datas e personagens da terra mato-grossense.

O primeiro volume já define em sua folha de rosto os objetivos e a proposta de Estêvão de Mendonça e de Antonio Fernandes de Souza. ''Revista destinada à vulgarização de documentos geográficos e históricos do Estado de Mato Grosso''.

A proposta é francamente de uma revista institucional, realmente patrocinada e oriunda de um Arquivo Público, não só pelo próprio nome, O ARCHIVO, como pelo que se verifica no artigo inicial de Antonio Fernandes de Souza, ''A QUEM LER''.

Justificando a revista, nos diz: ''Temos valiosos e preciosíssimos manuscritos que encerram tudo o que poderia constituir dados seguros para erguer o monumento da história de Mato Grosso''. Continuando, ''Mas tudo isto permanece nas prateleiras dos arquivos, expostos à destruição pelas traças, ou existe guardado sem jamais vir à luz da publicidade''. ''Convém empregarmos o melhor de nossos esforços a fim de se coligirem todos os elementos dispersos que constituem a relíquia do nosso passado''.

Dessa forma, a proposta e objetivo da revista é essencialmente a divulgação de documentos da história mato-grossense, importantes e essenciais para a compreensão de fatos passados, e abundantemente encontrados por Estêvão de Mendonça no Arquivo Público do qual era Diretor.

E essa realmente foi a tônica de todos os números da revista, chegando mesmo o vol. IV de 1905 ser inteiramente dedicado a instruções, partes, ofícios, ordens do dia e atas de oficiais do Exército que combateram na Guerra do Paraguai, em operações militares no sul do Estado.

Como documentos divulgou-se Informações, Relatórios de Viagens e Explorações, Quadro de Governantes, Tabelas astronômicas, Cartas Régias, oriundos provavelmente de manuscritos originais encontrados no Arquivo Público.

São inseridas ainda notícias de jornais de fora de Mato Grosso, bem como eram divulgadas, no fim da cada volume, cartas contendo opiniões acerca da revista por quantos a recebiam por todo o país e até no exterior.

A revista conseguiu salvar do desconhecimento completo os nomes de viajantes, militares e estudiosos tais como os Capitães Francisco Sizenando Peixoto e Francisco de Paula Castro, João Prudêncio Batista, Joaquim Alves Ferreira, Antonio Pimentel, que por certo seus manuscritos se teriam perdido na poeira dos séculos não fosse a preocupação com o registro dos diretores de O ARCHIVO. Os originais dos referidos trabalhos não mais existem no Arquivo Público de Mato Grosso, nem foram jamais publicados em qualquer outra revista.

Trabalhos históricos na revista inseridos, foram somente produzidos por Antonio Fernandes e Estêvão de Mendonça, sendo que este historiador, no bojo da mesma, foram divulgados certos artigos contendo algumas datas mato-grossenses, decerto os primeiros ensaios para a sua obra maior com esse mesmo nome publicada em 1919. Há exceção nos artigos do volume comemorativo, em que várias pessoas escreveram sobre o Barão de Melgaço.

Nota-se claramente a admiração que ambos os editores nutriam pela ''inolvidável'' figura de Augusto Leverger, o Barão de Melgaço. Vários pequenos artigos de autoria do Barão são inseridos em alguns volumes, além é claro, do já citado volume comemorativo. Essa edição comemorativa ao 25º aniversário de falecimento de Augusto Leverger contém pequenos trabalhos elaborados por intelectuais, jornalistas, advogados, a respeito e fazendo apologia ao notável Almirante, Barão e ex-Presidente da Província Augusto Leverger, além de artigo do próprio pranteado, uma ''Observação sobre a Carta Geral do Império, relativas à Província de Mato Grosso''. Pela primeira vez se observou, nesse volume mencionado, um trabalho histórico de autoria do impressor Avelino de Siqueira, numa homenagem singela ao Barão de Melgaço.

Há que salientar o mérito pelas várias edições da revista O ARCHIVO. Não só os editores Estêvão de Mendonça e Antonio Fernandes, mas, principalmente ao então Presidente do Estado Antonio Paes de Barros.

O próprio Antonio Fernandes de Souza, em seu artigo inicial, no primeiro volume nos afirma: ''Sua Excia. o Sr. Coronel Antonio Paes de Barros em sua nítida compreensão das boas normas a adotar para o andamento progressivo deste Estado, não hesitou um só momento em nos dar o seu franco e valioso concurso, aliás indispensável à realização do nosso intento. Qualquer glória porventura advindo do resultado desta publicação, certo caberá de justiça tão somente a S. Exa.''.

Já no volume 1 de 1906, comemorando o primeiro aniversário da revista, nos afirmam os seus diretores: "...porém jamais abandonaremos o nosso posto, enquanto for O ARCHIVO prestigiado pelo concurso valioso e eficaz da ordem do que lhe presta o Exmo. Sr. Coronel Antonio Paes de Barros". Continuando, "in fine" da referida matéria, assim se referem os diretores: "Em nossa primeira página estampamos o retrato do Coronel Antonio Paes de Barros, como penhor de nossa gratidão pelo muito que tem feito em favor de nossa terra natal, dispensando a sua valiosa proteção a O ARCHIVO...

Se muito contribuiram os editores, muito também fez Totó Paes pela edição e manutenção dessa importante revista durante 1904 a 1906, E foi tão claro o apoio desse Presidente à publicação que, a edição de O ARCHIVO em seu último número, foi tirada do prelo em abril de 1906, um mês antes de eclodir a revolução desse ano. Em junho, o Presidente Antonio Paes de Barros foi covardemente assassinado pelos vencedores dessa revolução.

Tivessem os Presidentes do Estado que o sucederam, o mesmo "feeling" cultural que Totó Paes, provavelmente a publicação da revista O ARCHIVO teria sido mantida ainda por algumas décadas, a exemplo da "Revista Matto Grosso". Infelizmente tal não ocorreu. A notória preocupação de tentar riscar o nome do Presidente Totó Paes do mapa político de Mato Grosso, não só fez demitir Estêvão de Mendonça do Arquivo Público, mas proporcionou a paralização definitiva dessa importante e marcante publicação cultural. Além do mais, os revolucionários vencedores promoveram a destruição, de centenas de exemplares de O ARCHIVO que se encontravam estocados nas dependências do Palácio do Governo, juntamente com documentos e um quadro a óleo do Presidente Totó Paes. Motivos políticos, raivas e ódios pessoais, assassinando homens e queimando a cultura matogrossense.

A destruição desses últimos volumes numa fogueira nos fundos do velho Palácio, fez com que se tornassem sumamente raros os exemplares de O ARCHIVO, e ensejou obviamente a quase impossibilidade de se encontrar, hoje em dia, coleções completas da revista ou até mesmo seus números avulsos. A única coleção completa que se tem notícia, às duras penas foi encontrada e imediatamente providenciada a sua reedição. Instituições culturais e de ensino tanto em Mato Grosso como em outros grandes centros, ao que sabemos, não possuem uma coleção completa do O ARCHIVO.

Passados 87 anos após de encerrada a sua publicação, enfim entende-se o valor dessa revista, percebe-se o que ela realmente representou para a cultura mato-grossense em princípios deste século XX.

Não só pelo mérito da divulgação de documentos de inegável valor histórico como forma de preservá-los da destruição e do esquecimento, mas também significou O ARCHIVO um marco cultural institucional único, no esforço de poucas pessoas realmente interessadas, em tempos políticos difíceis, numa época quase que nula em produção histórica.

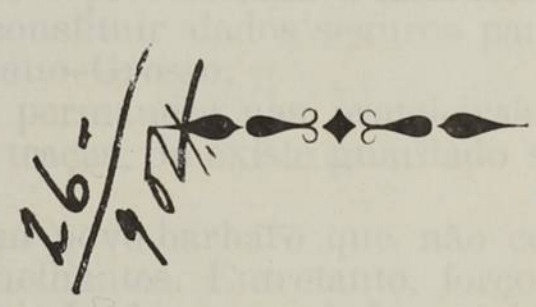
A revista O ARCHIVO, obra perene, fruto do amor à terra natal, da profunda pesquisa e do conhecimento histórico, da preocupação com o registro, de um ideal conceitual de Estêvão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza, e ainda da sensibilidade, apoio e visão cultural do Presidente Antonio Paes de Barros.

PAULO PITALUGA COSTA E SILVA
do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

ANNO I

O ARCHIVO

Revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso.



Publicação feita sob os auspicios do Ex.mo Senr. Coronel Antonio Paes de Barros.

VOLUME I

Cuyabá, XI 1904.

A quem lêr

O desejo que ardentemente nutrimos de contribuir com o nosso pequeno contingente para fortalecer a grande obra do desenvolvimento moral, intellectual e material da patria matto-grossense, anima-nos a trazer hoje á luz da publicidade este modesto trabalho.

As razões que nos demoveram a tomar sobre os hombros empreza tamanha, acham-se justificadas nas linhas que se vão lêr.

Em Junho do corrente anno escreviamos o seguinte artigo subordinado á epigraphe — *Historia de Matto-Grosso* : — « A historia do nosso Estado, se bem que ainda não escripta e officialmente acceita, tem, entretanto, muitos e valiosos subsidios que jazem esparsos, aguardando o momento opportuno de serem reunidos chronologicamente formando um volume a que possámos acertadamente denominar—Historia de Matto-Grosso.

Emquanto isto não succeder, teremos necessidade, para conhecer alguma cousa do que diz respeito a factos que tanto nos interessam, que tanto interessam a todos os que empunham as redeas da publica administração, de recorrer aos poeirentos archivos, ou a este e aquelle particular que tem a felicidade de enfeixar em suas mãos tão preciosos thesouros da historia patria.

Temos valiosos e preciosissimos manuscriptos que encerram tudo o que poderia constituir dados seguros para erguer o monumento da historia de Matto-Grosso.

Mas tudo isto permanece nas prateleiras dos archivos, exposto á destruição pelas traças, ou existe guardado sem vir jamáis á luz da publicidade.

Não somos um povo barbaro que não comprehenda o valor de publicações semelhantes. Entretanto, forçoso é convir, nada temos feito, nenhum impulso havemos dado para levar a effeito tão proveitosissimo commettimento.

A historia é um espelho em que se mira a geração presente, regulando por ella a sua marcha, desviando do erro, e enveredando francamente pelo caminho da civilisação e do progresso.

Matto-Grosso tem a sua historia cheia de abnegações patrioticas, de emprehendimentos, de luctas, de combates, de victorias; varios dentre os seus filhos têm-se distinguido nas armas, na politica, na industria, nas artes. Entretanto, não temos presentemente quasi nada disposto de fórma a offerecer uma fonte segura de informações a todos os que desejam conhecer o nosso Estado.

Convém, pois, empregarmos os melhores dos nossos esforços afim de se colligirem todos os elementos dispersos que constituem a reliquia do nosso passado.

E neste sentido, induzimos os homens em que pezem as nossas justas aspirações, afim de fundar-se nesta capital um Instituto Historico e Geographico que se incumbirá de crear e manter uma Revista do Estado de Matto-Grosso, com o fim especial de publicar todos e quaesquer documentos relativos á geographia e historia do nosso Estado, como sejam memorias, chronicas, relatorios, roteiros e mais documentos deixados pelos nossos antepassados, offerecendo assim,

valiosa contribuição para a reconstituição da historia do nosso paiz.

Talvez pareça isto uma idéa difficil de ser posta em execução. Não o será, entretanto, se o nosso patriotismo e o nosso amôr pela causa que abraçames, conseguir supplantar o velho e prejudicial conceito de que todas as associações são ephemeras nesta terra.

Não o será se todos os bons matto-grossenses auxiliarem-n'a com verdadeiro interesse e abnegação.

Cumprimos assim um dever sagrado.»

Não se tendo fundado o instituto projectado, e após vencermos multiplos obstaculos, tomamos a resolução audaz e quiçá superior ás nossas forças, de publicar o primeiro numero desta modesta Revista a que se seguirão outros na medida dos nossos esforços e da escassez dos nossos recursos intellectuaes.

S. Exc. o Sr. Coronel Antonio Paes de Barros, em sua nitida comprehensão das bôas normas a adoptar para o andamento progressivo deste Estado, não hesitou um só momento em nos dar o seu franco e valioso concurso, aliás indispensavel á realisação do nosso intento.

Qualquer gloria porventura advinda do resultado desta publicação, certo caberá de justiça tão sómente a S. Exc.

Sem almejarmos recompensa alguma, só temos em mira sermos uteis ao Estado, poupando aos que desejam conhecel-o e estudal-o o trabalho muitas vezes fastidioso de revolver archivos e andar a procura das informações de que carecem.

Embora se nos deparem muitos impecilios no decorrer da presente publicação, o prazer pelo cumprimento do dever que nos impômos, será o nosso unico galardão; e o pharol que nos guiará á meta dos nossos intuitos, o sacrosanto amôr á Patria.

Outubro de 1904.

A. F.

INFORMAÇÕES

Ministradas ao Presidente da Provincia de Matto-Grosso, AUGUSTO LEVERGER, **por** João Baptista Prudencio, **sobre o municipio do Alto Paraguay Diamantino.**

Informações ministradas ao Exm. Sr. Augusto Leverger, muito digno Presidente da Provincia de Matto-Grosso, ácerca das necessidades mais urgentes e remediaveis do Municipio do Alto Paraguay Diamantino, em virtude de sua mui honrada e respeitavel carta de 7 de Março de 1854.

———

Convém antes que passe a especialisar as necessidades deste Municipio, remontar ao principio de sua povoação, á epocha de sua maior prosperidade, á de sua decadencia, e á actual em que estamos declarando os motivos, que em meu conceito concorrerão para estas differentes epochas, afim de que S. Exc. possa com mais seguros dados avaliar o meu modo de expôr e ajuizar das necessidades e dos meios de as remover. Na indicação tanto das mesmas necessidades, como das providencias a tomar-se, adoptarei tambem a divisão das que parecerem necessarias á cooperação dos Poderes geraes do Estado, das que sómente bastarem os Poderes Provinciaes.

1.ª EPOCHA

A mais de oitenta annos parece-me com toda probabilidade entrarão para estes lugares alguns mineiros exploradores, e segundo a tradição dos antigos povoadores e os factos existentes, os primeiros pontos explorados forão o rio Arinos, e alguns de seus confluentes onde encontrarão ouro e diamantes em abundancia, e onde existem grandes lavrados com as denominações de arrayal velho, do Padre Leite e de Dionisio Felix.

Estes mesmos exploradores, ou outros, que julgo vindos da cidade de Matto-Grosso, descobrirão os dous confluentes do Rio S. Anna chamados ambos—S. Francisco, e as ricas lavras das Arêas, e tambem segundo parece descobrirão ouro e diamantes nos diversos ramos, em que se divide o rio Diamantino estabelecendo ahi algumas moradas; pois que até hoje conserva tambem este logar o nome de arrayal velho, huma legoa ao norte da Villa, e em cima da serra defronte á ella, e por onde desce o dito Diamantino, conduzindo algum ouro e grande copia de diamantes, que os antigos extrahião até sua confluencia com o Paraguay, e de que hoje só existem os vestigios de grandes serviços ou lavrados. Estas descobertas deram occasião ao governo de Matto-grosso, que seguia o systema pernicioso de embaraçar e por outra vez á industria á collocar no lugar onde hoje está situada esta villa, entre o Diamantino e o pequeno mas permanente riacho de ouro, que corta algumas de suas ruas, huma guaeda de tropa paga,

para estorvar a continuação da extracção dos diamantes, que o Rei havia chamado á si, como propriedade da Corôa: apezar porém da guarnição continuou a extracção, como era de esperar-se té que nos primeiros annos do presente seculo, houve aqui a primeira repartição das terras á titulo de datas d'ouro, com obrigação de levar-se á Intendencia de Cuyabá os diamantes que encontrassem os mineiros em suas datas chamadas de sorte e em certos lotes de terras, que se medião a favor da Fazenda Real, do General, ouvidor e do descobridor, com o nome de preferencia que os Ministros da repartição fazião arrematar pelos mineiros. Muito pouco e talvez nem a centesima parte dos diamantes entrava na Intendencia; pois comquanto existissem diversas guardas, e pontos de registros na estrada para o Rio de Janeiro, incumbidos de darem rigorosas buscas nos negociantes, que se dirigião a aquella Provincia, os tocadores de diamantes passavão facilmente grandes porções tanto deste genero como de ouro.

Da primeira repartição das terras data pois o principio da povoação do Municipio, e julgo pouco axcederá a 50 annos, porquanto estando eu já a completar 46 annos de idade, fui baptisado em huma pequena Capella coberta ainda de palha. A emigração de familias de Cuyabá e Poconé para cá foi então em grande escala tanto em procura das novas riquezas como porque as minas de lá já havião a muito enfraquecido bastante, e assim foi rapida a marcha da povoação, e diversos estabelecimentos logo se formarão, e a emigração para cá continua sempre a proporção que se fazião novas descobertas, e assim continuou té o anno de 1812, em que por ordem do Marquez de Aracaty se tentou a 1ª viagem fluvial para o Pará pelo Arinos, e donde faço datar a epocha que passo á descrever.

2.ª EPOCHA

Com o commercio por esta via com a Provincia do Pará, e com o que directamente se continuou a faser com a do Rio de Janeiro, onde sempre se venderão mais bem os diamantes, vindo destas muitas fazendas seccas, e d'aquella todos os generos de molhado e primeira necessidade, tomou rapido incremento a prosperidade da povoação; e com a descoberta que se segue dos rios Paraguay e S. Anna, sendo aquelle rio tanto em seu leito desde bem perto de sua nascente, como depois de descer a serra da Melgueira té juntar-se com o S. Anna, cingidos além disso de muitas guapiaras, que forão assaz abundantes em diamantes, sendo que aquelle rio S. Anna encerra tambem grande copia de diamantrs, porém só em seu leito e de mais difficil extracção, por ser mais caudaloso e tecido de muitos travessões de grandes pedras; com a nova repartição pois que destas descobertas fez o então Ouvidor Antonio José de Carvalho Chaves sempre sob o titulo de lavras de ouro, tocou a povoação a hum grande gráo de prosperidade, e foi logo elevada a cathegoria de Villa pelo Alvará de 13 de Novembro de 1820, e creando-se as 1ªs Autoridades judiciarias em Agosto de 1821. Este estado florecente de prosperidade foi devido tanto ao avultado numero de trabalhadores, que se empregavão nas lavras, como ao activo commercio, que directamente se fasia com a Provincia do Pará e Rio de Janeiro, vindo annualmente desta, alem das

fasendas, grande numero de braços Africanos que supria com excesso aos que as febres devorarão; foi maior o grão de prosperidade desde o anno predicto de 1821 á 1830; tempo este em que nas mãos dos proprios escravos e jornaleiros se encontravão porções de moedas de ouro e prata, que com rebate as trocavão por cobre. Neste anno de 1830 principiou para este lugar huma forte causa, que unida á outras deu principio em 1834, á sua decadencia.

Foi a cessação do ingresso de braços Africanos, que data daquelle anno de 1830, e que até hoje mui poderosamente tem concorrido para esta gradual decadencia. Em 1834, alem daquella causal, apparecerão ou nos vierão do Rio de Janeiro as rivalidades contra os Brasileiros adoptivos, que tiverão de soffrer a catastrofe de 30 de Maio deste anno, perecendo nella alguns e outros evadirão-se para della escaparem, abandonando seus estabelecimentos e casas de commercio e bem poucos forãe os que regressarão, passada a crise.

Desta primeira emigração para fóra deste lugar não só dos adoptivos, como depois dos que se achavão compromettidos no massacre data a epocha em que foi tornando-se sensivel a decadencia que passo a descrevor.

3.ª EPOCHA

Com a crise de 1834 seguida da retirada de alguns capitalistas, que mantinhão o commercio com a Provincia do Pará, e de algumas familias de forças que se occupavão na lavoura, accumulada tambem a revolução vinagrista daquella Provincia foi engravecendo a decadencia do Municipio onde e em toda a Provincia se vendeu o sal nos annos de 1836 á 1838 pelo exhorbitante preço de 2$400, 3$600 e 4$800 réis a medida; accrescião já á estes males, falta de novas descobertas e a diminuição das forças causada pelas febres e mudanças repetidas que já não tinhão a substituição de novos braços Africanos: comtudo como as guapiaras do Paraguay de mui facil trabalho ainda correspondião ás esperanças dos Mineiros, e depois seus taboleiros e varzeas ainda que mui difficeis de escavar, pois que a mór parte destes lugares dependem de escavações de 30 á 40 palmos, para se encontrar os cascalhos em que tambem se descobrião diamantes, os quaes com a subida gradual de seus preços, que nos primeiros tempos só alcançavão 30 á 40$000 a oitava e nos da epocha que descrevo chegou a vender-se no lugar da extracção á 320$000 servirão, pois, estas circumstancias de tornar mais lento o giro da roda decadente, em que estavamos em olvidos. Este estado porém precario destas felizes circumstancias pouco durou e não pôde por si só impedir a diminuição dos braços e o enfraquecimento do commercio com o Pará, que se foi tornando quasi só exclusive á importação do guaraná, e alguns liquidos, té que veio a fatal baixa dos preços dos diamantes, pela abundancia do Sincorá na Bahia, chegando a descer aqui nos annos de 1847 a 1850 a menos de 100$000 a oitava. Neste fatal quatriennio, em que as forças, que se occupavão na extracção dos diamantes, orçavão os dous terços dellas em partes libertas e outras pessoas livres, e sómente outro terço era de escravos, não montando o seu total a tresentos trabalhadores, foi quando então apoderando-se de grande parte das familias hum desanimo assustador, houverão

muitas emigrações dellas da primeira classe para essa cidade de Cuyabá, bem como as de outra classe despovoando-se não só a Villa, como os dous populosos arrayaes do Buritisal e S. Pedro, onde ainda contava-se com huma população de mil habitantes, e ficarão reduzidos a meia duzia de familias em cada um delles. Este foi o maior grão de decadencia em que ficou o Municipio.

No anno de 1851, em que outra vez foi crescendo o preço dos diamantes parou a febre das mudanças e os que ficarão fixarão os animos e assentarão de trabalhar. No anno seguinte de 1852 deu-se então a feliz circumstancia de entrar para este Municipio a companhia de mineração composta de 130 trabalhadores, fóra os seus empregados, e camaradas montando um total de 160 individuos : comquanto ella perdesse ou suspendesse seus primeiros trabalhos que tinhão por fim desviar de um leito o rio S. Anna, em cuja Ilha, poços, e cachoeiras visinhas a ella existão grandes riquezas em diamantes, e que no novo lugar hoje de sua situação não tenhão té o presente tirado valores que cubrão suas despezas ; estas mesmas feitas no lugar tem concorrido para esbarrar aquelle estado desanimador de decadencia, não só dando bons ordenados aos filhos do Paiz, empregados em seu serviço, como animando os outros poucos Mineiros que restavão ; deu tambem novo incremento de prosperidade aos lavradores. He muito de esperar que quando ella prosiga explorações nesta secca nas varjas e taboleiros do Paraguay encontre serviços ricos pois que estes lugares foram examinados quando já era muito sensivel a falta de braços tanto que então já não havia hum só mineiro que empregasse mais de 20 trabalhadores. No anno passado tambem deu-se um outro facto a bem do municipio, que foi a organisação de huma sociedade commercial para a Provincia do Pará, e que antes de sua primeira viagem reuniu um capital de 16 a 20 contos.

Se ella tiver bons resultados nas suas primeiras viagens e fôr animando com a valiosa protecção do Governo geral e Provincial pode muito prosperar, utilisando ao Municipio em particular e em geral á Provincia, reanimando o commercio quasi amortecido com o Pará, donde passados dous á tres annos que não entra o sal tem este subido ao enorme preço de 2$400 rs. a medida, como a experiencia nos tem convencido por vezes, ainda mesmo depois da descoberta das salinas do Baixo Paraguay. Este hé o estado actual do Municipio, que apezar de um pouco lisongeiro, parece-me marcar huma nova epocha, cujo feliz fucturo depende em meu entender de remediar-se de prompto as necessidades que passo a expender.

Necessidades cuja remoção dependem dos Poderes Central Providencial

---

CATECHESE E CIVILISAÇÃO DOS INDIOS

Huma das primeiras necessidades do Municipio hé sem duvidar a catechese e civilisação dos Indios, principalmente das nações Apia-

cás, Bacarahy, e Paricis, que já entretêm comnosco relações de amisade, porém ainda vivem aferrados aos seus barbaros costumes, sem terem recebido o Santo Evangelho da nossa Religião, como é dever rigoroso do Estado, e muito aproveitará aos interesses da agricultura e commercio do Municipio.

A nação Apiacá que tem habitado diversos lugares da margem do Juruena e S. João da Barra, já nos fornece alguns remadores e por vezes tem alugado seus serviços na fabrica de Agua-fria, além da importante coadjuvação que tem prestado aos nossos navegantes na varação dos vasos no Salto Augusto, fornecendo por troca de algumas ferramentas de lavoura e algumas bagatellas, farinha e outras miudezas de sua lavoura. Esta nação tem sido muito perseguida de outras selvagens, que habitão nas margens do mesmo rio Juruena, e seus affluentes, e nenhum soccorro temos dado a ella, sendo nossa alliada, e tendo instado por elle com alguns de nossos negociantes, dos quaes apenas tem obtido algumas armas de fogo, de que já vão fazendo uso; antes algum auxilio de gente tem sido prestado a elles, pela forte e guerreira nação Mandurucú que tem obstado a completa extincção dos Apiacás, ainda assim estão reduzidos a menos da quarta parte do numero que tinha quando abriu-se esta navegação, segundo affirmão alguns dos primeiros navegantes.

A nação Bacarahy, que quando principiou-se a navegar os Arinos trocavão comnosco alguma farinha, habitava ás margens deste rio; tem tambem variado muito de aldeamento, óra nos confluentes deste rio, óra na origem do Paranatinga, S. Manoel ou Azevedo: esta nação tambem hé muito tratavel, e desde muito tem por vezes alugado seus serviços nas fabricas do Quebó, Dona Feliciana, e ultimamente na Agua-fria; já vestem o nosso algodão fabricado no Paiz, fazem uso (de pouco tempo) de armas de fogo, tem ella tambem diminuido muito de população pelos repetidos ataques das tribus selvagens, que habitão o rio dos Peixes, e seus confluentes, e ainda o anno passado soffrerão grande damno delles, surprehendendo-os a noite e destruirão suas plantações, pelo que algumas familias, que ficarão sem roças descerão os Arinos, e se achão situadas logo abaixo do novo porto, em que se abriu varadouro ás canôas para Cuyabá. Esta nação tambem de balde tem reclamado nosso auxilio contra seus inimigos: ella planta milho, mandioca e outras miudezas, fabrica pequenos tecidos de algodão, peneira e louças para o uso culinario de molhor consistencia e duração que a nossa.

—

A Nação Perecis, que tambem tem andado errante nos campos deste nome, óra nos confluentes do Paraguay, ora nos do Juruena, sempre foi docil e de a muito tempo frequentão esta Villa para trocar suas peneiras por algumas ferramentas de lavoura, contas, anzóes, e outros objectos; plantão milho, mandioca e algumas miudezas; crião gallinhas, porcos, que têm levado daqui; fabricão além das peneiras, alguns tecidos de algodão, pequenos e estreitos, porém finos, pintados, e de urdume á imitação do brim e do nosso algodão trançado, de que fazem usos para cintos e cobertas das partes pudendas. Quan-

do por ordem de V. Exª. fiz expedir uma força em auxilio desta nação, foi por ella muito bem recebida, e fizerão baptisar pelo commandante da força e outras pessôas, os seus filhos innocentes com demonstrações de prazer e alegria.

A' vista do que fica expendido com toda certeza e veracidade dos factos observados, bem se comprehende a facilidade de completar a civilisação destas tres nações, fazendo-as receber o nosso dogma e moral, e que por nós auxiliada nos servirão não só de uteis braços para lavoura como de auxilio para chamar outras numerosas tribus á nossa amisade. No meu entender he necessario e urgente, emquanto o Governo não pode empregar o necessario numero de Ministro da Religião nesta importante catechese, a nomeação de um empregado com a denominação que parecer, mas que além de hum ordenado vantajoso, tenha depois de seus bons serviços, uma recompensa honrosa, que o torne de alta consideração na sociedade, definindo-se em um Regulamonto seus deveres e obrigações, sendo as principaes d' ellas residir nesta villa em o ponto que julgar mais conveniente, visitar por si ou pessôa do sua confiança, annualmente, as aldêas destas tres nações, principalmente na occasião de suas plantações, para os persuadir a usar das melhores sementes, e ministrar-lhes algumas ferramentas á custa de uma consignação dos cofres publicos nunca menor de 600$000 annuaes; fiscalisar e proteger os Indios em seus trocos, e jornaes dos que voluntariamente queirão vencel-os dos nossos lavradores por seus serviços; requisitar das Autoridades do lugar, ou da Presidencia a força necessaria para bater os inimigos destas nações, quando sejão acommettidas, cujo auxilio além de devidos a ellas, fará que os combates sejão menos devastadores: para este fim julgo muito necessario que o Governo da Provincia elevasse o destacamento desta Villa de 40 a 50 praças, que quando não possão ser de 1.ª linha, pode a Guarda Nacional do Municipio prestal-o sem prejuizo algum da lavoura; neste destacamento vejo tres importantes interesses publicos a bem do Municipio: 1.º que sendo elle commandado nos dous ou tres primeiros annos por hum bom official de 1.ª linha, podia este encarregar-se da instrucção tanto dos officiaes da Guarda Nacional, como das praças, que mensal ou trimensalmente fizessem o destacamento, pois que sem instrucção e disciplina nunca a Guarda Nacional prestará para quaesquer serviços e menos para auxiliar a 1.ª linha, quando os interesses da Provincia reclamem o seu auxilio: 2.ª a mais activa policia do Municipio por que terião as Autoridades os necessarios meios de prevenir os crimes, prender delinquentes, desertores, e destruir pequenos Quilonbos em um Departamento como este, cujos habitantes existem assás desseminados em grandes distancias e onde têm varios portos de embarque para outras provincias; 3.ª serviria tambem esta força para a requisição do respectivo empregado dar prompto auxilio ás acima indicadas nações de Indios contra seus inimigos, o que acho de summa justiça, á vista das relações de amisade que mantêm comnosco, sem nunca nos terem hostilisado.

Colonisação Militar e de Estrangeiros, como meios de augmentar a população e facilitar o commercio com a Provincia do Pará, pela via fluvial e de terra

—

Por duas vezes se tem inutilmente tentado estabelecer uma povoação de paizanos no Salto Augusto e nenhuma dellas chegou á durar até 3.º anno; assim devia acontecer pelo pessimo methodo adoptado para seu estabelecimento, e para melhor dizer, por não ter-se dado o necessario Regulamento para a economia e policia da povoação, e que bem definisse os deveres do Director, e povoadores entre si, e para com os Indios alli residentes que nunca resistirão a este intento e assim bôas quantias forão gastas em pura perda da Provincia, ficando o commercio com o Pará privado por tanto tempo deste salutar beneficio, pelo qual a muito se aspira.

A falta de população de nossa Provincia difficulta talvez estabelecer-se ali já uma Colonia Militar de cem praças, que tanto interesaria ao commercio com aquella Provincia, que hoje mais que nunca tem de prosperar com a navegação a vapor encetada nas aguas do Amazonas, a colonia tem nas mattas e rios muitos meios de prosperar, e nos serviria de forte auxilio de chamar a catechese innumeras tribus que occupão hoje o vasto sertão entre o Tapajós e Xingú; no meu entender os Poderes Provinciaes muito se deverão empenhar em obter do Governo geral o estabelecimento desta colonia ou com tropas do Pará ou da Provincia de Minas, e atè mesmo com parte da nossa tropa.

Uma feliz occasião se offerece para a abertura de uma estrada por terra á cidade de Santarém, que hoje se pode considerar como um excellente porto de mar, pela navegação a vapor ali estabelecida. Segundo me consta, o Director da Sociedade de Mineração tenta a exploração das lavras dos Martyrios, e como naquelle sertão entre o Tapajós e Xingú se suppõe ser o jazigo destas minas, muito convirá que o Governo Provincial não só dê todos aquelles auxilios, que o Geral se comprometteu a dar, como outros mesmos pecuniarios, para esta empreza, com a condição de que o encarregado da exploração das minas, encontre-as ou não, siga com uma picada até a cidade de Santarém, segundo algumas cartas geographicas mais acreditadas não póde ficar á maior distancia de cem leguas desta Provincia.

Talvez que alguem se illuda que a navegação á vapor incetada no Paraguay até Corumbá, faça desnecessaria esta nova via de communicação com o Pará: porém V. Exc. dotado de saber e experiencia bem comprehenderá as vantagens que podem-nos resultar desta estrada terrestre, e no meu curto alcance posso enumerar algumas: a via de communicação fluvial que óra temos com o Pará, o unico melhoramento que se lhe póde dar, hé o estabelecimento da colonia Militar no Salto Augusto, e deste ponto para baixo são innumeras as caxoeiras, e recifes de pedras, que ainda com grandes despezas muito pouco se fará no intento de vencer estas difficuldades, e assim a estrada de terra utilisará muito; a descoberta de minas, a povoação de tão vasto sertão, mattas e ferteis campos de crear, onde se poderá

não só estabelecer colonias nacionaes, como estrangeiras, hé da primeira intuição o bom resultado, que mostrará tão interessante estrada; o dever sagrado que temos como Nação civilisada tambem nos diz será ella muito conveniente para conseguirmos tirar do barbarismo tantas tribus selvagens que vagão neste sertão a tantos seculos.

Por ontro lado se ponderarmos bem o estado vertiginoso e boliçoso das cinco Republiquetas banhadas pelo Prata, inquietadas por continuas guerras civis, sem que até agora possão estabelecer um Governo regular, inspire confiança na fé de seus .ratados com outras Nações; se bem ponderarmo,spois, estas circumstancias veremos que o commercio com ellas terá de por vezes ficar interceptado e ahi então tendo nós necessariamente deixado a penosa viagem de terra para o Rio de Janeiro veremos a vantagem de procurarmos hoje animar o commercio com o Pará, facilitando e augmentando as nossas vias de communicação.

—

Necessidades locaes do Municipio, que só dependem dos Poderes Provinciaes removel-as.

—

Hé de necessidade urgente melhorarmos a navegação fluvial do Cuyabá desde sua confluencia com o rio Manso até o porto geral dessa eidade que beneficio algum tem recebido desde ha mais de um seculo que hé conhecido, não hé que tenhão os mercadores do 2.º Districto desta Villa encontrado grandes difficuldades nella, e soffrido muitos prejuizos por causa das caxoeiras e pedras, que em alguns lugares bastante difficultam o transito das canôas; huma quantia de 400$000 votada annualmente por espaço de seis annos e entregue ao Capitão Estevão Alves Corrêa, ou ao Tenente João Baptista de Almeida, proprietarios de bôas forças e empenhados assiduamente no melhoramento de suas fabricas, seria bastante, no meu entender, para obtermos muitos melhoramentos nesta importante via de communicação, deixando-se á disposição do encarregado principiar os melhoramontos nas caxoeiras que lhe parcesse mais conveniente.

Huma ponte no Ribeirão do Nobre, na estrada que desta Villa vai á Capital, e ao 2.º Districto tambem, se faz muito necessaria, porque este Ribeirão nas aguas difficulta e priva o transito das tropas por alguns dias. Quando não seja possivel votar-se sufficiente quantia para sua conclusão,deve-se votar ao menos 500$000 para promptificar-se a madeira necessaria, não só porque a falta de operarios difficulta nestes lugares fazer qualquer obra, como porque as forças da receita Provincial aconselhão este proceder lento, porém o unico seguro, e compativel de obtermos estas obras.

A barca collocada na passagem da correnteza tem estado muito ruim, a ponto de não passar mais de dous animaes, ainda assim com perigo; a experiencia tem convencido aos moradores de ambos os districtos que seria mais conveniente e util transferir a passagem na freguezia do Rosario, fazendo-se uma barca bôa à custa da Fazenda

Provincial e pôr-se sob a vigilancia e administração do Collector, visto que o systéma de arrematação tem sempre produzido máos resultados.

As serras do Tombador e Vermelha estão já necessitando promptos concertos pelos estragos feitos pelas alluviões das aguas e julgo será necessario para ambas votar-se no respectivo orçamento uma quantia nunca inferior a 600$000, obrigando-se aos emprezarios destes concertos, fazer calçadas nos lugares mais intransitaveis e desviar as aguas do caminho, quando verificado por exame não ser bastante esta quantia para calçár ambas as serras.

A Igreja Matriz desta Villa precisa muito de algum soccorro não pequeno tanto para assegurar-se as duas Torres principiadas e levantar a ultima do frontispicio, como para compra de algumas alfaias, de que está bastante necessitada, a ponto de não ter algumas necessarias á celebração dos cultos Divinos : da segurança das torres depende a segurança de todo o frontispicio, e das paredes lateraes, que muito se têm arruinado com goteiras inevitaveis vindas das torres

A instrucção publica do Municipio, que se acha reduzida a duas unicas Aulas do ensino primario em uma e outra Parochia, necessita para seu progresso e utilidade da mocidade de hum Regulamento interno das Aulas, por onde os Professores se rejão, definindo-se as suas obrigações, do Inspector dos estudos e dos Paes de familia, tutores e educadores ; além de outras providencias, que a sabedoria de V. Exc. ministrará, deverá conter o Regulamento o gráo de castigo e sua natureza, que os Professores poderão applicar ; o tempo e os dias de féria que deverão dar no decurso do anno ; que não se possa tirar da Aula hum menino, depois de matriculado, senão por molestia grave e contagiosa ou por mudança de sua familia ; nos casos porém de castigo rigoroso contra o Regulamento e pouco aproveitamento do alumno, o Pae de familia representará ao Inspector dos estudos para este suspender parecendo-lhe necessario a frequencia daquelle alumno, e passará logo a syndicar do caso e decidirá a effectiva retirada do alumno, ou obrigará a frequentar a aula, com recurso ao Presidente da Provincia que poderá ser intentado pelo Professor ou Pae de familia ; deverá estabelecer-se tambem o numero de visitas que o Inspector dos estudos deve fazer ás Aulas, e dias marcados para alguns exames, que poderá ser feito na presença do Professor, Inspector, Parocho da Freguezia, Juiz de Paz e alguma pessôa instruida que exista então na Freguezia, dando parte o Inspector do resultado do exame ao Inspector geral e á Presidencia.

Acho muito conveniente para animar os meninos, e introduzir a necessaria emulação entre elles, estabolecer-se tres premios annuaes, ainda que fossem de mui pequeno custo, como por exemplo, um canivete bom de aparar penna, um livrinho de bonita encadernação da Doutrina Christã, ou que contivesse a Constitição do Imperio e as maximas de alguns moralistas : ou huma moeda de ouro de 2$000.

Estes premios devião ser destribuidos aos tres meninos que se mostrassem mais adiantados na Doutrina Christã, na escriptura, e contabilidade, e quando houvessem mais nesta circumstancia, tirar-se-á sorte entre elles para a recepção dos premios.

Diamantino, 1.º de Abril de 1854.

João Baptista Prudencio.

Datas matto-grossenses

11 de Outubro

Notas biographicas do Bispo de Cuyabá, D. José Antonio dos Reis

Commemora-se hoje o vigesimo setimo anniversario do passamento do illustre varão que se chamou José Antonio dos Reis.

O autor destas linhas não teve a felicidade de conhecer esse virtuoso brasileiro, que se fez querido dos seus contemporaneos e cuja memoria è adorada pelos que vieram depois, mas não póde deixar de render homenagem áquelle que em vida foi a encarnação da Bondade e da Justiça.

E' assim a consagração da posteridade.

Nasceu D. José na cidade de S. Paulo a 10 de Julho de 1798, sendo baptisado na cathedral da mesma cidade sete dias depois de ter vindo ao mundo.

Foram seus paes Francisco Mendes de Oliveira e D. Anna Maria Franca, pessôas pobres e de quasi nenhuma representação.

Orphão muito cêdo, sem protecção e sem amparo, a sua mocidade correu difficil e penosa, tendo luctado com os maiores embaraços para proseguir os estudos que encetára.

Em 1818 foi nomeado professor substituto das cadeiras de Theologia Dogmatica e Moral, em cujo exercicio demorou-se até 1821.

Neste ultimo anno recebeu a ordem de presbytero, e no dia da Paschoa celebou a sua primeira missa.

Em 1823 seguiu para a cidade de Pouso Alegre, om Minas Geraes, afim de ensinar Philosophia, regressando a S. Paulo em 1825 a chamado do presidente da então Provincia, Visconde de Congonhas do Campo, que o convidára com instancias para organisar a Bibliotheca, deu exhuberantes provas do seu alto saber e vasta intelligencia, exercendo tambem, ao mesmo tempo, os cargos de membro do conselho geral da Provincia, vereador da camara municipal, juiz de paz e, como sacerdote, o de capellão e director das freiras do recolhimento de Santa Thereza.

Em 1828 matriculou-se no curso juridico, que havia sido creado por carta de lei de 11 de Agosto de 1827, e a 23 de Outubro de 1832 recebeu o grão de bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas, tendo sido premiado ao concluir o curso com uma medalha de ouro, pelo brilhantismo dos seus exames finaes.

A 27 de Agosto de 1831 foi nomeado bispo de Cuyabá, sendo o decreto confirmado pela bulla do papa Gregorio XVI em 2 de Julho do anno seguinte e sagrado a 8 de Dezembro pelo bispo D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, na mesma igreja em que fôra baptisado e celebrára a sua primeira missa.

Por breve de 17 de Dezembro de 1841 o papa Gregorio XVI nomeou-o prelado domestico, bispo assistente ao sólio pontifical e conde Palatino.

Nesse mesmo anno por occasião da coroação do segundo impera-

dor, com a commenda da ordem de Christo, por ter sido um dos sete bispos que assistiram e officiaram no dito acto.

Como deputado á assembléa legislativa do imperio, tomou parte em duas legislaturas — a de 1834 a 1837 e a de 1838 a 1841.

Além desses cargos, exerceu mais o de vice-presidente da Provincia, deputado provincial e outros, os quaes desempenhou com a habitual modestia e illustração que distinguiam a sua pessôa e que o tornaram bemquisto de toda a população matto-grossense, sem distincção de classe e posição.

Era socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, membro honorario da Academia das Bellas Artes, Presidente Honorario do Instituto d'Africa, de Paris, membro da Real Sociedade dos Antiquarios do Norte, de Copenhague, socio correspondente da Academia Real de Historia, Antiguidades e Bellas Letras de Stockholm e de outras sociedades scientificas.

Extremamente tolerante e liberal, ao tumulo levou sobre si as bençães d'aquelles a quem estendeu por muitas vezes a sua mão caridosa e as lagrimas de um povo.

Cuyabá, 11 — X — 904

Estevão de Mendonça

—

INFORMAÇÃO

prestada em 1851 por Augusto Leverger, Presidente da Provincia de Matto-Grosso sobre o traçado de uma estrada que communique esta capital com a cidade de Santarem, no Pará.

Illm. e Exm. Snr.—Tenho a honra de accusar o recebimento do Aviso de V. Exc. datado de 5 de Março ultimo, communicando que, tendo-se offerecido o 1º Tenente do Imperial corpo de Engenheiros Pedro Dias Paes Leme para determinar a mais curta e melhor direcção de huma estrada que communique esta capital com a cidade de Santarem na Provincia do Pará, cuja distancia o dito Engenheiro, pelos dados que possue, não culcula em mais do que 100 a 130 leguas, e sendo obvias as vantagens que da abertura de semelhante estrada devem tirar ambas as Provincias; determina V. Exc. que se encarregue desta commissão o mencionado Engenheiro, a cuja disposição se manda, pelo Ministro da Guerra, por a força necessaria, e finalmente previne-me V. Exc. que para as respectivas despezas já se mandou abrir hum credito de Rs. 4:000$000.

Tendo-se recolhido á Côrte o Tenente Paes Leme, estou na impossibilidade de, por óra, dar cumprimento á ordem de V. Exc.

A esta declaração porém não limitarei a minha resposta.

Julgo do meu dever rectificar as informações menos exactas em que se basea o citado Aviso.

Reconheço a honradez do official que as deu, sou-lhe mesmo pes-

soalmente affeiçoado; mas não posso deixar de dizer que neste particular obrou elle com leviandade, referindo sem exame um dizer do vulgo, que na verdade muitas pessôas repetem, mas cujo erro mathmaticamente se póde demonstrar. Com effeito, segundo as observações astronomicas, feitas em fim do seculo passado pelos Astronomos da commissão de demarcação de limites:

A Latitude de Cuyabá, hé de	15° 36' 0"
A de Santarem	2° 24' 0"
	13° 11' 10"

Logo quando as duas cidades estivessem sobre o mesmo meridiano, o que exactamente não se dá, ainda assim a mais curta distancia entre ellas seria de 13° 11' 10", que correspondem a 263 leguas de 20 ao grão, ou 234 de 18 ao grão, despresando as fracções.

Accrescentando um quinto por causa dos desvios a que obrigão os accidentes do terreno, vê-se que a distancia iteneraria das ditas cidades nunca será menor de 316 ou 278 leguas, isto hé, mais do duplo e quasi o triplo do que indica o referido official Engenheiro.

Notarei mais que a projectada estrada terá de passar por huma região inteiramente desconhecida.

Ha quinze annos que occupo-me de colher informações acerca da topographia desta Provincia, e nenhum esclarecimento positivo pude obter acerca da mencionada região, explorada tão sómente pelo que diz respeito á navegação dos rios Arinos, Juruena e Tapajóz, e por huma unica viagem fluvial feita em 1820 desde as cabeceiras do Paranatinga até o mesmo Tapajóz. O que se sabe hé que aquelles sertões são habitados por nações, algumas dellas selvagens, indomadas e antropophagas; e que são os mesmos sertões cortados por muitos cursos de agua, sendo alguns rios caudalosos como v. g. o S. Manoel, galho oriental do já citado Tapajóz.

Penso que V. Exc. dignando-se de attender ao que levo dito, reconhecerá que a execução do mencionado projecto de estrada se não pode presentemente realisar sem grande dispendio de gente e de dinheiro, e parece dever ser reservada para os vindouros. Direi ainda que quando se queira estabelecer huma via de communicação terrestre entre esta cidade e a Provincia do Pará, convirá que a estrada se dirija para Itaituba, lugar muito mais perto que Santarém, situado abaixo das Caxoeiras e onde podem sem difficuldade chegar embarcações de vela e de vapor.

Mas esta mesma estrada ainda me parece exigir despezas consideraveis e trabalhos excessivos para esta Provincia no seu actual estado.

Porém já que V. Exc. foi servido mandar abrir hum credito de 4:000$000 para as vias de communicação, além dos 6:000$000 para o varadouros entre os rios Brilhante e Nioac, tomarei a liberdade de rogar a V. Exc. permitta que esses quatro contos sejão applicados ao melhoramento muito preciso da estrada desta capital para a Côrte, quer por Goyaz quer por S. Paulo, a cujo respeito já tive a honra de officiar a V. Exc. em 13 do corrente mez.

Deus guarde a V. Exc.—Palacio do Governo de Matto-Grosso em Cuyabá, 17 de Maio de 1851.—Illm. e Exm. Snr. Senador Visconde de Monte Alegre, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.—*Augusto Leverger.*

(*) CARTAS REGIAS DE 1771 A 1803

relativamente ao Governo da Capitania de Matto-Grosso

—

Este livro q.e hadeservir p.a secarregar o ouro das partes depois detirado o quinto de S. Mag.e antes de entrar nacasa dasforjas, he numerado e rubricado pormim com omeo apelido Corte Real, ena ultima folha leva o encerram.to Lx.a 7 de Janr.o de 1751.

Thomé Joachim da Costa Corte Real.

—

Livro que hade servir nesta Secretaria do Gov.o de Matto-grosso p.a o Reg.o das Cartas Regias e da Secret.a do Est.o V.a Bella 19 de Dezr.o de 1772.

Manoel Cardozo da Cunha

—

Reg.o dehuma Carta Regia p.a o Ill.mo Ex.mo Sr. Luiz de Albuq. deMello Per.a eCaceres G.or ecap.m General desta Cap.a em q.e S. Mag.e lhe concede toda anecesr.a jurisdição paraformar uma Junta deJust.a emque sesentenceem os Reos detoda aqualid.e

Luiz de Albuquerque de Mello Pereira eCaceres Governador eCapitão General da Capitaniado Matto-Grosso. Amigo. Eu El Rey vos envio muito saudar.—Sendome presente aindispensavel necessidade quehâ desecrear na Capital dessaCapitania huma Junta de Justissa, naqualsejão sentenciados todos os Reos q.e cometerem dellictos que por elles meressão não só aspenas arbitrarias, mas athé aultima para que cressão emvirtudes os bons, eseapartem ós maos dos seus perversos costumes confiando dasvossas boas qualidades, instrucção, prudencia e zelo doserviço de Deos, emeu quevos empregareis com todo oacerto emtão meritoria enecessaria Obra, Souservido concedervos toda acumprida jurisdição que necessaria vos fôr paraque nos cazos dedesobediencia formal dossoldados eofficiaes aosseus superiores namateria domeuReal servisso ousejam pagos, ou de Auxiliares, e ordenações, de deserção dos mesmos soldados eofficiaes, de sedição, de rebelião, ede todos oscrimes de Lesa Magestade, Divina e Humana edaquelles que são contra o Direito Natural e das Gentes, como homicidios voluntarios, rapinas desalteadores, que grassam nos caminhos e lugares ermos, infestando-os para empedirem o Comercio humano, eresistencias as Justiças estabelecidas para conservarem a Paz

(*) Copia do Livro de Registro de Cartas Regias do Archivo da Secretaria do Governo,

A. F.

publica; possaes faser aprehender, processar, e sentenciar os Reos detão abominaveis crimes, ou sejão Europeos, ou Americanos, ou ainda Africanos, ou Livres, ou Escravos emprocessos simplesmente verbaes e summarissimos pelos quaes conste do mero facto da Verdade da culpa observados sómente os termos de Direyto Natural que constem no Auto de Corpo dedelicto na Inquerição, eescrita dastestemunhas queprovarem aculpa navista que detudo sedevedâr ao Reo umtermo competente para allegar, eprovar asuadefeza reduzido amaior brevidade que couber no possivel ena Sentença profferida sobre odito Processo verbal, esumarissimo pelos competentes Juizes que serão sinco dos Ministros Letrados dessa Villa e das terras a ellas mais visinhas, e na falta dos sobreditos quaesquer Advogados de boa notta que vos parecer nomear nos casos accordantes; Sendo Juiz Rellator delles, o Curador geral dessa Comarca. Para o que sou servido outro sim dispensar todas as formalidades Civis que requerem determinado tempo e determinado numero de testemunhas para as Devassas se concluirem etodos os mais termos que as Leys prescrevem para os Processos Criminaes as quaes para estes effeitos sómente hey por derrogadas para que esta se cumpra tão inteyramente, como nella se contém; como tambem para que as sentenças profferidas na sobredita forma, se deem a sua devida execução, sem appellação, agravo, ou duvida alguma no breve termo que for pelos Juizes arbitrado, conforme a gravidade das culpas, e qualidades dos Réos. Escrita no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a doze de Agosto de mil sete centos sessenta e hum.

R E Y.

Para Luiz de Albuquerque de Mello Pereyra e Caceres.

Manoel Cardoso da Cunha.

—

Reg.º de huma Carta da Secret.ª de Est.º dos Negoc.ºs ultramar.ºs q. acompanhou a Carta Regia emq. S.º Mag.e mandou criardenovo nesta Capit.ª huma Junta de Justissa p.ª sesentenciarem todos os crimes de qualq.r qualid.e

—

Serve esta unicamente decoberta a Carta Regia inclusa porque S. Magestade haporbem conceder a V. S.ª toda a cumprida jurisdição quenecessr.ª lhefôr para naCapitania do Governo de Matto-Grosso formar huma Junta de Justiça, naqual sesentenceem todos os Reos que cometerem delictos queporelles meressão, não só aspenas arbitrarias mas athe ultima:

Eespera o mesmo Snr. daactividade, zello, eprudencia de V. S.ª faça uzo da ditaCarta nas occasiões queselhe offeresserem com todo oacerto, desorte que fique desempenhado o conceyto quefez dapessoa de V.S.ª quando foi servido nomealo Governador e Capitão General daquella Capitania.

Deos g.e a V. Sª. Pallacio de Nossa Senhora da Ajuda a 27 deSetembro de 1771. Martinho de Mello e Castro. Snr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereyra eCaceres.—*Manoel Cardoso da Cunha.*

Reg.º dehum termo de junta mandado celebrar pelo Ill.mo Ex.mo Sr. Luiz de Albuq.e de Mello Per.a eCaceres Governador e Cap.m Gen. desta Capitan.a sobre os objectos nella expressados.

—

AOS 19 de Desembro de 1772 annos em Junta de Justiça convocada porordem do Ill.mo eEx.mo Sr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereyra eCaceres, propôs o dito Ill.mo e Ex.mo Sr. Primeyro: sea Carta Regia de S. Mag. de 12 deAgosto de 1771, naqual manda o dito Sr. queseestabelessa nesta capitania huma Junta de Justiça em que sesentenceem sem appellação nem aggravo, sumarissimamente, todos os delitos que mereção não só aspenas arbitrarias mas athe aultima, seestas palavras devem comprehender todos equaesquer delitos cometidos porqualquer qualidade de Reos, e assentarão uniformemente que comprehende todos os delitos cometidos porquaesquer Reos eque era mesmo util para os cohibir mais efficazmente oprocesso sumario eaopronto Castigo. 2.º Propôz od.º Ill.mo e Ex.mo Sr. seoestabelecimento danova Junta fôr que seja incompetente Juiz aRelação do Rio de Janeiro : Acentarão que adita Rellação era Juiz incompetente equesedeviam avocar para esta Junta todas as apelações que não estiverem sentenciadas ; eque se sentenciassem nesta Junta todos osditos crimes appellados, eman. dou od.º Illmo e Ex.mo Sr. Luiz Pinto de Souza, que naconformidade das ordens de S. Mag.e asestio na dita Junta com o seu votto consultivo quede ambas aspropostas setomasse assentos que seregistrassem assim nesta Secretaria, na Ouvidoria geral e assinarão os ditos Ill.mos e Ex.mos Senhores com os Ministros da Junta convocados na forma das ordens de Sua Mag.e Eu Miguel Per.a Pinto Ouvidor geral, Juiz Relator da Junta q. escrevy. Rubrica do Ill.mo e Ex.mo Sr. Luiz Pinto de Albuquerque de Mello Pereyra e Caceres.—Rubrica do Illustrissimo e Ex.mo Sr. Luiz Pinto de Souza.—*Pereyra—Lima—Antão—Vavaes—Abreu—Roballo—Martins da Sylva*

Manoel Cardoso da Cunha.

—

COPIADA

Instrucção comqne Sua Mag.e mandou passar á Capitania de Mato Ill.mo e Ex.me Sr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, Governador e Cap.m General della.

—

1 HAVENDO S. Mag.e nomeado a V. S.a Governador e Capitão General da Capitania de Matto-Groso se lhe não podem dar melhores Instruções, que aquellas com que o Ex.mo Sr. Marquez de Pombal tem instruido os predecessores de V. S.a nas differentes cartas de Officio que lhes foram dirigidas desde o anno de 1757 por diante.

Como nellas se acha estabelecido o sistema fundamental que hoje forma o Governo Politico, Militar e Civil de toda a America Portugue-

za, aplicado a cada huma das capitanias daquelle continente, segundo a situação e circunstancias de cada uma dellas, será todo o objecto destas Instruçõens, substanciar, o que ha demais importante nas referidas cartas de Officio, que contem Negocios publicos, e juntar aqui por copias cada huma das mesmas cartas, e seus Documentos.

2 A primeira carta que V. S.ª achará junto debaxo do n.º 1, he que tem a datta de 7 de Julho de 1757.

Esta carta sendo escripta ainda no tempo em que os Jesuitas rezidião e Dominavão na America, hum dos objectos, he instruir o Governador de Matto-Grosso, sobre as cautellas que devem tomar contra as infestaçoens daquella pernicioza Sociedade.

Como porem os Castelhanos substituirão os Jesuitas, não só nas terras, mas nas maximas, particularmente naquellas que nos dizem respeito; as mesmas cautellas e prevençoens que então se apontarão a respeito de huns, devem presentemente tomar-se com muito pouca diferença, a respeito dos Outros.

3 Na mesma carta particularmente nos paragraphos 5.º — 6.º — 7.º — 8.º — 19 — 20 — e 21 achará VS. tudo oquedeve obrar p.ª conciliar a amizade, e confiança dos Indios da Margem oriental do Guaporé, edos Payagoàz; epara *civilisar e atrahir os Indios Silvestres*; desorte que entre os Portuguezes e as referidas naçoens, sedesterre para sempre athe o nome odioso decativeyro, q. tanto astem afugentado dos nossos Dominios.

4 Damesma Sorte achará V. S. nos Paragraphos 12 — 15— 16 — e 17, o quedeve Obrar arespeito dos Indios Bororôs, formando delles hum *Terço de Millicia ou tropas erregulares* a maneyra dos Sipaes da India Oriental e como a concessão deste Plano, hê de huma Grande emportancia, para a segurança e fortaleza da Capitania de Matto-Grosso; deve V. S. pôr todo o seu cuydado e deligencia em formar o referido corpo, entroduzindo nelle, quanto a possibilidade o permittir a Disciplina e sobordinação, e avizando por esta Secretaria dos progressos que tiver feito sobre este importantissimo artigo e das providencias que lhe poderão ser necessarias para opôr em estado de nos ser util.

5 Namesma Carta e nos Paragraphos 10 e 11 della verá V. S. os motivos q.e então havia para embarassarmos a comonicação e entrada dos Castelhanos nos Dominios Portuguezes pela via de Terra, permitindoselhe som.e a do Rio. Como porem os ditos motivos têm sessado com a extinção dos Jesuitas e nos hê muito conveniente o Comercio com as Aldeas castelhanas, pela facilidade e bom mercado com que lhes podemos introduzir os generos de que necessitão; *terá V.S.ª todo o cuidado em assinar o dito Comercio por todos os meyos que lhe forem possiveis* de tal sorte porem e com tal desfarse que não paressa que V. S.ª o promove, e menos que tem Ordem para assim o fazer.

6 Nestas circunstancias bem verá V. S.ª, que hum dos meios para conseguir este fim hê *o de agazalhar, de receber com agrado os habitantes das Aldeas Castelhanas confinantes dessa Capitania particularmente os passadores de fazendas*, que sempre cresserão em numero a proporção que o Comercio aumentar. E destes poderá V. S.ª tambem haver noticias de tudo quanto se passar nos Dominios da Castella.

7 He preciso comtudo, andar com gr.ᵉ vigilancia sobre esta gente p.ª q.ᵉ nosnão introduzão espiões em lugar dehomens de Negocio.

As luzes que V. S. adquiriu na Praça de Almeida, lhe servirão de grande soccorro para distinguir os bons dos máos Castelhanos e p.ª que elles conheção esepersuadão que *os primeyros serão recebidos entre nós comtoda asegurança e bôafé, e os segundos serão tratados comtodo origor eseveridade das Leys.*

8 A segunda carta que V. S. acharà debaxo de N. 2 he aquetem adata de 23 deAgosto de 1758. Ecomo essa carta tambem foy escrita notempo emq.ᵉ os Jesuitas seachavão ainda nosDominios de Castella, selhedeve aplicar omesmo que fica asima referido no paragrapho 2.º desta Instrução.

9 Na sobredita Carta e nos Paragraphos 1.·, 2.· e 3.· della, acharà V. S. omodo comque os Jesuitas Castelhanos enfestão portoda aparte osdominios Portuguezes, muito particularm.ᵉ os doMatto Grosso, servindo-se, eindispondo contra nôs os *Indios Habitantes das vinte e duas Aldeas estabelecidas na margem occidental do rio Guaporè eos outrosdassuas Missões fronteiras da dita Capitania.*

10 Achando-se porem extincta aquela sociedade, e não sendo os Castelhanos, postoque herdeyros das suas maximas, tão habeis como ella para omodo deas praticar; todo o cuidado de V. S.ª, deve ser ode *estabelecer entre os Portuguezes eos habitantes dassobreditas Aldeas e Missoens huma amizade e confiança mutua, de sorteque por mais que trabalhe o Governo de Castella avedar acomonicação entre elles enôs, achem sempre aquelles Povos mais utilidade e mayor ventagem em nos comonicar doque em obedecer as Leys que oprohibem e querirão na intelligencia, de que no caso deserem opremidos, acharão sempre nos Dominios deSua Mag.ᵉ uma recepção certa e hum Azilo seguro.*

11 Esta maxima bem cultivada foy a que fez perder ao Reyno de França muitos melhores de Vassallos uteis que sucessivamente forâm povoar eenriquesser as Provincias do Paiz Bayxo para encher a Cidade de Amsterdam de milhares defamilias industriosas eopolentas. *Omesmo hade certam.ᵉ acontecer com as Aldeas Castelhanas, huma vez que aquelles Povos se persuadirem quetem entre nós, segurança, consideração eliberdade.*

12. Do Paragrafo 7.º atê o Paragrafo 19 da dita Carta achará V.S. todas asprovidencias quepodem mais eficazm.ᵉ contribuir para *oaumento dapopolação epor consequencia da defença da Capitania de Matto-Grosso,e por ellas conhecerâ aemportancia deste grande Objecto, ao qual deve V.S. aplicar todo oseo Cuydado: remetendo a esta Secretaria deEstado anualmᵉ. huma relação do numero dos habitantes dessaCapitan. divididos em classes,* eseparando os sexos por ondesemostre:

O numero das Familias ou dos Fogos: O dos meninos, des de aidade dehum anno athê aidade desete, eo das meninas damesma idade: O numero dos rapazes, desde aidade deoyto annos athê adequinze; o das raparigas desde aidade deoyto annos athê a de catorze: O numero de homens desde aidade de 16 annos athê aidade desincoenta, cada molheres desde aidade de 15 athê aidade de quarenta: Onumero emfim dehomens desde aidade desincoenta p.ª sima eodas molheres desde aidade dequarentaparasima. Namesma relação virão egualmente numerados os Nascim.ᵗᵒˢ, as Mortes eoscasamentos decada an-

no, tudo afim dequesepossa aqui formar huma idéa justados Habitantes dessaCapitania, edoaumento oudecadencia dasua População.

13. Desde oParagrafo 20 athe oParagrapho 21 achará V.S. *outra Providencia* sobre o Terço quesedeo eformar dos Indios Bororôs, e della, comotambem doque nacarta n. 1 serefere aeste respeito, conhecerá V.S. a emportancia do dito *Corpo* eocuidado comquesedeve aplicar aopôr pronto, ebem disciplinado.

14. Desde o Paragrafo 25 athê o Paragrafo 29 verá V. S. as Providencias, que naquelle tempo sederão assim arespeito das maiores despezes que então se fazião indispensavelm.e necessarias como da aplicação dos rendimentos da Copitania de Matto-Grosso havendo porem S. Magestade dado presentemente nova forma a arrecadação da sua Real Fazenda debaxo da Inspecção do *Erario Regio : Por elle receberá V. S.a as Instrucções necessarias para se saber regular sobre este emportante objecto.*

15 Desde o Paragrapho 30 athê o Paraprapho 34 ultimo da sobredita Carta, verá V.S.a os solidos e efficazes meyos *de introduzir no animo e no Coração dos Povos segundo as suas differentes Classes a economia e afragilidade desterrando delles os perniciosos vicios de más, superfluas e dispendiosas ostentações, e substituindo* em seu lugar todo aquillo que pode contribuir para o bem do Estado e utilidade do Real Servisso.

16. A terceyra Carta que V.S.a achará debaxo do n. 3 hê a que tem a data de 26 de Junho de 1760, na que visa *a justa indignação com que S. Magestade mandou proceder contra o Bacharel João Antonio Vas Morilhas pelas extorçoens, e vexaçoens que fazia aos Povos, e pelas diffiuldades com que embarassava a navegação e Comercio, entre Matto-Grosso e o Pará, e da referida Carta que V. S.a conhecer, a indispensavel obrigação inherente ao seu lugar para sustentar e defender os Povos de toda aopressão que lhes quizerem fazer, ou seja por Ministros de Justiça ou por Ecclesiasticos, ou por qualquer outra pessôa constituida emdignidade ou sem ella.*

17. Da mesma Sorte deve V. S.a *promover e animar quanto possivel lhe fôr o Comercio entre as duas Capitanias de Matto-Grosso e Pará, conservando sempre livre a navegação dos Rios, e estabelecendo huma regular correspondencia, com o Governador e Capitão General da referida Capitania* do Pará em que lhe comonique as suas idèas, e noticias detudo o que disser respeito ao dito Comercio, a a extenção e progressos delle, como tambem a segurança e maior facilidade da Navegação dos mesmos Rios.

18. A quarta Carta que V. S.a achará debaxo no N. 4 he a que tem a data de 18 de Junho de 1761. E nella *as positivas ordens de S. Mag.e* que V. S.a deve seguir, *não só para se conservar na posse em que nos achamos da Aldea e Districto de Santa Roza, a Velha.; mas na occupação de toda a margem oriental do Rio Guaporè cujas ordens manda S. Mag.e ratificar presentemente que V. S.a a observe servindo-se se fôr preciso dito das forças que tiver, e defendendo a dita margem do Guaporè atè a ultima extermidade.*

19. A quinta Carta que V.S.a achará debaxo no N. 5.o he a que tambem tem a data de 18 de Junho de 1761. Nella se conforma, aprova e louva tudo que fez o Governador e Capitão General de Matto-Grosso na ocupação e defença, assim da sobredita Aldea de Santa Rosa como

dos dous importantes sitios da mesma Aldea e das Pedras : e por esta repetição verá V. S.ª a importancia dos ditos Lugares ea *obrigação que tem de os conservar e defender na forma asima refferida.*

20. Namesma Carta se conforma S. Mag.ᵉ com oparecer do dito Governador sobre ser de Infantaria e não de Cavallaria o Regimento da Guarnição daquela Colonia. E aeste respeito logo que V. S. chegar a ella, deve mandar juntar o dito Corpo e passalo em revista informando por esta Secretaria de Estado com todo odetalhe da situação emq.ᵉ achou o dito Regimento e das providencias que deu para conservar, ou estabelecer nelle a Disciplina Militar, na forma das ordens e Regulamentos de S. Mag.ᵉ

21. Deve igualment.ᵉ informar, senadita Capitania ha criação de Cavallos, aquantidade, epresso de cada um delles, se as terras são proprias para pastos, quaes são as principaes producções das mesmas terras e os *meios que lhe paresserem mais conducentes para promover, e animar nellas, e nos Seus habitantes, a Industria e a cultura.*

22. Na mesma Carta achará V. S.ª resolvidas algumas duvidas que se ofereceram sobre a *Liberdade dos Indios* em certos casos: e *observará nas providencias que se dão, que todos respirão Liberdade a favor dos mesmos Indios, não havendo caso algum, qualquer que elle seja em que possa ter lugar a respeito daquelles uteis vassallos de* S. Mag.ᵉ o Nome odiozo do Captiveyro,

23. A Sexta Carta que V.S.ª achará debaxo no N. 6 hê que tambem tem a data de 18 de Junho de 1761. Nella verá o *Descobrimento dos Diamantes* que se fez no terreno de Cuyabá e as *clandestinas extrações que ahy se praticarão deste precioso Genero; Como tambem as apertadissimas ordens com que S. Mag.ᵉ tem mandado Vedar o dito Descobrimento, com pernicioso abuzo, que delle se fazia.*

24. Este Objecto sendo da mayor importancia pelas suas concequencias, *deve V. S.ª ter sobre elle a mays exacta e circunspecta vigilancia, para que se não faça uzo algum do referido descobrimento, e que os trasgressores das Leys de S. Mag.ᵉ que o prohibem, sejão severissimamente castigados*, para o que tirará o Ouvidor de Matto-Grosso huma Devassa em cada Anno qoe remeterá a esta Secretaria do Estado o os Culpadados nella, se os ouver a Cadeia do Limoeyro desta Corte a ordem de S. Mag.ᵉ

25. Sendo este hum *simples extracto* das principaes Instrucçoens, eordens que Seremeterão a Capitania de Matto-Grosso no tempo do Governo de Dom Antonio Rolim de Moura, hoje Conde de Azambuja : *As mesmas Instrucçoens e ordens, semandarão executar por João Pedro da Camara, Successor do dito Conde naquelle Governo*, como V. S. verâ na copia junta debaixo do N. 7.º, que tem a data de 11 de Janeiro de 1764: *e estas mesmas são as que V. S. deve seguir e* observar comtudo *eportudo.*

26. Debaixo do N. 8.º achará V.S. mais acarta Regia com data de 18 de Janeiro de 1764.dirigida ao d.º João Pedro da Camara, sobre *as providencias que se devem tomar para aarecadação da Real Fazenda, remetendo-se annualmente as contas da Receyta e Despeza na forma prescripta na mesma Carta ao Erario Regio.*

27. Debaixo do N. 9.º achará V.S. a copia de uma Carta com a data de 26 de Janeiro de 1764 da qual verâ *a importancia da Fortaleza* que se *mandou construir* no Districto da Aldea de Santa Rosa, de que já se

tem fallado em outras Cartas precedentes, *aindispensavel necessidade quehâ deconcluir, se ainda o não está.*

28. Debaixo do N. 10 achará V.S. a copia de Outra Carta com data de 1.º de Julho de 1765 que trata da noticia que chegou a presença de S. Mag.e do Estabelecimento de huma Fundição de Artelharia na Mição de São Pedro.

29. Debayxo do N. 11 achará V.S. acopia de Outra Carta com data de 5 de Julho de 1765, aqual trata *da grande vegilancia que deve ter oGovernador de Matto-Grosso emtomar todas as medidas necessarias para se acautelar e prevenir contra qualquer surpreza ou Invasão q. os Castelhanos queirão intentar contra os Dominios de Sua Mag.e*

30. Debayxo do N. 12 achará V. S.a acopia de outra Carta com data de 2 de Mayo de 1767 comque seaprova a ronda que se mandou estabelecer sobre a Margem do Rio Guaporê, para embaraçar que os Castelhanos passem este Rio para a parte dos Dominios Portuguezes.

31. Debayxo do N. 13 achará V. S. acopia de outra Carta com data de 2 de Mayo de 1767, *quetrata da Lavoura e da Cultura, para terem os indios por meyo della os mantimentos necessarios,epara selhe pagarem por justo presso osfrutos que colherem; sendo este o unico modo de se aumentar amesma Cultura, o Comercio ea População.*

32. Debayxo do N. 14 achará V. S. a copia de Outra Carta com amesma data de 2 de Mayo de 1767 aqual trata de *hum Mapa* que se remetteu da Capitania de Matto-Grosso do qual constavão *as Armas e muniçoens de Guerra* que havia nos Armazens daquella Capitania, esendo este Artigo de mayor importancia, V. S. remetera todos os annos outro Mappa semelhante no qual indique oq.e existe, oestado emque seacha, eo quehê preciso para defença esegurança da mesma Capitania.

33. Debayxo do N. 15 achará V.S. acopia de Outra Carta, tambem comdata de 2 de Mayo de 1767 naqual verá *as positivas ordems de S. Mag.e para se construir a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceyção: A importancia desta Praça que deve ter, digo, Praça para a livre Navegação do Pará*, a guarnição de terra *a vigilancia com que sempre deve estar o Commandante sobre os movimenios de Castelhanos e como deve fomentar o Comercio com Habitantes das Aldeas daquella Navegação.*

34 *Todas as refferidas cartas escritas ao Governador e Capitam General João Pedro Camara, juntas que precedentemente se dirigirão a o Conde de Azambuja, e as ordens que se expedem ao Governador e Capitão General actual Luiz Pinto de Souza para Instruir a V. S, sobre o Estado presente dos Negocios da Capitania de Matto-Grosso, e com tudo o mais que possa ser concernente ao Real Serviço: Todos estes Socorros juntos e unidos ao zelo eCapacid.e deq.e V.S. tem dado conhecidâs Provas oconduzirão com Segurança, para oacerto do Governo e felicidade dos Povos q.e S. Mag.e lhe confia.*

Deus g.e aV.S.a Pallacio de Nossa Senhora da Ajuda a 13 de Agosto de 1771.—*Martinho de Mello e Castro.*—S.or Luiz de Albuquerque de Mello Per.a e Caceres.

N.º 1.º Para D. Antonio Rolim de Moura

—

1.º A Carta em que V. S. na data de 26 de Junho do anno proximo passado expoz que os Indios Payaguaz que se entendia serem ferozes e incapazes de sociedade a tinhão com os Castelhanos, sendo esses os que os animavão contra nós, porque vendo os inclinados os Portugues zes lhes sugerião que estes os havião fazer escravos; concordo muyto tambem digo, muito bem com as outras Cartas dos dias seguintes 27 e 29 do dito Mez em que V. S. referio as intrigas e os atentados dos Padres da Companhia espanhóes, seus Confinantes, e com a outra Carta que V. S. havia escrito com o mesmo assumpto, a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, no dia 26 daquelle mez.

2.º Pois que pela combinação de todos os factos refferidos por V. S. e dos que tem passado nesta Corte nas Campanhas do Uroguay, Paraguay e nas Aldeas dos Certões do Grão Pará, Maranhão e Javary, se conclue que os insultos dos refferidos Indios Payaguaz contem mais huma nova hostilidade acomulada pelos ditos Padres da Companhia as outras muitas que tem feito, contra os Dominios e vassallos de S. Mag., e contra o socego publico das duas Monarchias, procurando nesta Corte, e na de Madrid illaquear huma com outra por innumeras intrigas e nessas partes, alienar os Povos Civilisados, e concitar os Indios Barbaros, contra a sugeição que devem aos seus legitimos Soberanos.

3.º Tudo isto se tem ordenado manifestamente ao fim de tentarem os refferidos religiosos todos os meyos de se conservarem no estado de proseguirem com o tempo em melhor conjuntura para os seus designios, o Plano de Conquista de toda a America Meridional, que havião maquinado e que na Europa somente era ignorado em Portugal, e Castella, até o tempo em que a Guerra do Paraguay o descobrio manifestam.e tanto acusta do Erario de Sua Mag.e

4.º E como emtão urgentes circunstancias, não podia o mesmo Sr. deyxar deseservir de todos os meyos possiveis para desconcertar e entreter, aquelle projecto de iniquidade: Daqui vaso a expedição das muytas, e socecivas ordens de que tem munido o Governador e Capitão General do Grão Pará e Maranhão para fazer sahir daquelas Capitanias todos Religiosos da refferida Proffissão, que fossem revoltosos como otemsido muitos delles para os privar de todo o Governo Temporal dos Indios epara lhe vedar todo o Comercio que antes fazião como com effeito se acha vedado pelo estabelecimento da Companhia Geral e pela visita das Canoas que vão para o Certão e dele voltão fazendosse esta Previdencia, ainda mais necessaria que se descobrio que os refferidos Padres hião transportando pessas de Artelharia, para o Certão do Rio Madeyra.

5.º Com o mesmo indispensavel fim mandou S. Mag. instruir tambem o dito Governador para fazer civilisar os Indios palo meyo da suavidade, restituindo-os a sua liberdade, fazendolhes conveniencias, e dando-lhes honras que lhes fação ver a grande infelicidade em que estão os que vivem nos Mattos, e o que ganhão os que se achão vivendo em sociedade civil nas Cidades, villas e Aldeas, para que esta

differença fazendo na racionalidade dos Indios Silvestres aimpressão que he natural que faça em homens quediscorrem, seja o mais efficaz atractivo para os trazer acomonicação, e a Civilidade de que athe agora osafugentarão, aescravidão, eadureza comqueforão tratados pelos chamados Missionarios.

6. O mesmo hé Sua Mag.e Servido que V. S. faça praticar nessa parte quanto possivel for com os Indios da Margem Oriental do Rio Guaporé mandando o dito Senhor, fazer Comnas a V. S. as Instruçoens e Ordens que forão expedidas ao dito respeito a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, aquem seavisa nesta conformidade :

E assim sesarão as sugestões que V. S. escreveo, que os Padres havião feito aos Indios dessa Capitania, persuadindolhes que os queriamos fazer Captivos, como aos dos Certoens do Pará fizerão crer, que serião mortos pelos brancos se não fugissem delles.

7 Semelhantemente mandou sua Mag.e, não só comonicar ao dito Governador e Capitão General o conteudo nas refferidas cartas de V. S.a que trouceram as datas de 27 e 29 de Junho em reposta da sua relação, em que havia mandado incluir a que V. S.a lhe tinha escrito no dia 23 daquelle mez, mas tambem instruido sobretudo pelas ordens da Copia inclusa que O mesmo Senhor manda fazer comuas a V.S.a para o seu governo para que desta sorte de unanime acordo em ambos esses Estados a ter esta conformidade, de ordens, e dictames, e a reciprocidade de soccorros, hum dos meyos mais proprios para se conseguir o interessante fim de respirarmos para o servisso de Deos ede ElRey Nosso Senhor as difficuldades que obstão aos estabelecimentos, de que V. S.a e o dito Governador estão encarregados.

8 Elle tem ordem para se prover nos Armazens da Companhia Geral da Cidade do Pará das fouces, enchadas, martellos, eixos, e das mais ferramentas com que se darão os casaes que de novo se plantão, como tambem dos espelhos, berimbaos, anzoes e mais miudezas que costumão servir nos Certões para ganhar os Indios Silvestres, e necessitando V.S.a ahy de algumas das refferidas quincalharias e ferramentas, lhe pode hir mandando relaçoens do que lhe fôr preciso porque tem ordem para cumprir com estas encomendas de V.S.a pela via do Rio, cuja navegação se fará tambem mais frequentada com esta mutua correspondencia e reciproco Comercio.

9 A ó que Sua Mag.e tem ordenado pela Instrução comua da referida Copia incluza, se manda acressentar para o Governo pessoal de V. S.a, que o Governador Hespanhol da Assumpção, e o mais Governadores dessas partes nada hão de fazer se não o que quererem os Padres por quem são pagos para bem o servirem e que nestes termos deve V. S.a repelir com as suas proprias forças as violencias que lhe fizerem os mesmos Padres deytando sempre elles a culpa, que na verdade tem, sem tocar de nenhuma sorte na Corte de Madrid.

10 Emquanto nos não achamos inteyramente Estabelecidos ; e as demarcaçoens, ou feitas, ou derem sanados de que não chegaram os comissarios que as hão de fazer será melhor conservar os caminhos fechados, e que os Castelhanos não tenhão outra porta que não seja a do Rio para entrarem nos Dominios de Sua Mag.e

11 No entretanto será tambem mais seguro suspender o Comercio com os Hespanhoes por tres motivos, os quaes são : primeyro,

evitarlhe a Comonicação para que não tenham quem os informe do que passa nesse Governo. Segundo para que os Padres não fação intrigas na Corte de Madrid, com o pretesto de que fazemos contrabando. Terceyro para que lhe não menistremos os generos de que necessitarem, e tenham o discomodo de o mandarem vir de mais longe nas pequenas quantidades que sô podem permitir emtão remotas distancias os grandes custos dos Transportes.

12 A idea em que V. S.ª se achava de puchar para esses Rios alguns moradores, acompanhados do mayor numero de Indios Bororós que lhe for possivel ajuntar; foy inteyramente aprovada por Sua Mag.ᵉ, porque sendo os ditos Bororós os mais valerosos Gentios desses Certõens será muyto util telos da nossa parte para os fins que vão ponderados na Instrução comua que acompanha esta.

13 Pelo que pertence porem ao modo de Administração da disciplina e do emprego dos referidos Indios; hè que pode haver algumas duvidas que Sua Mag.ᵉ manda prevenir para se evitarem.

14 Porque se os Bororós forem entregues aos novos Povoadores, como escravos, emplica esta escravidão com o Sistema das Leys em que o mesmo Senhor tem declarado Livres todos os Indios, alem de que os taes moradores que os dominarem se servirem delles para cometerem tiranias contra os outros Indios Silvestres, como athé agora praticarão: e se ficarèm os taes Bororós na sua inteyra liberdade, não pararão nos Sitios onde forem necessarios, cometerão nesses Certoens desordens infinitas, e não haverâ facil modo de as conter nos limites do que se deve praticar.

15 Nesta consideração resolveu Sua Mag. que V. S.ª reduza aquelles uteis Indios aos termos dos Sipaes, que servem nas Tropas da nossa India Oriental, formando com elles hum Corpo de Milicias, ordenanças ou Tropas, irregulares dividindo-o por companhias, pondo nellas por officiaes alguns Reynicloas da sua Confiança, dando-lhe hú superior com o titolo de Mestre de Campo, oqual tenha para substituhilo, hum Sargento Môr, mandando lhes fazer exercicios de Armas debaxo da disciplina de hum Corpo hunido, para os costumes a obediencia, e executarem o que lhes ordenar avóz de Mestre de Campo, quando estiver formado todo o Terço, e a dos capitaens quando obrarem destacados.

16 Com o que obrando aquelles officiaes das ordens de V. S., e não podendo osditos Indios obrar senão o que lhes ordenarem os seus ditos officiaes, conservarão em respeito esses Povos, sem nelles poderem fazer a menor violencia.

17 E sendo necessario ocorrer a subsistencia daquelle Corpo de Tropas pode sahir a sua sustentação: primeyro de alguma moderada porção de Mandioca, ou milho, que se empenha a cada morador para o sustento daquelles que devem defendellos, conservandolhes seguras as vidas, e as fazendas: Segundo das prezas que elles fizerem nas expediçoens a que forem dirigidas, sedendo o que se tomar aos inimigos em beneficio daquelles que se acharem na Empreza: Terceyro tambem se lhe podem determinar para a cultura das Terras alguns dias da Semana, em que por modo de fachina, fabriquem milhos, e mandiocas, e se apliquem a cassa e a pescaria para se alimentarem, e cobrirem, no cazo, em que a tanto chegue o seu trabalho.

18 Pelo que pertence aos meyos pecuniarios que V. S.ª diz lhe faltão nessa Capitania athé a ponto de se dever hum anno de pagamento aos Militares: Tambem S. Mag.ᵉ tem dado providencia, mandando ratificar ao Conde de S. Miguel Alvaro José as ordens que se tenhão expedido ao dos Arcos para Socorrer a V. S.ª com o ouro que fôr necessario ao fim do que porfaltarem os meyos precizos; senão perca a conjuntura deseeffectuarem os emportantes estabelecimentos quefazem o assumpto dapresente Instrucção: Ordens que S. Mag.ᵉ não só manda ratificar, mas ampliar, determinando, que nocaso denão haver outro dinhr.º naquella Recebedoria da Fazenda, seja V. S. soccorrido athé com os mesmos Quintos não obstante não haver exemplo de que isto se praticasse e sem embargo de terem os mesmos Quintos, aplicaçoens muyto urgentes; perque omesmo Sr., confiando da prudencia de V. S. que não excederá oque for indispensavelm.ᵉ necessr.º, considerou que as urgencias deaproveitar aconjuntura de segurar a sua Fronteyra para todo o Sucesso futuro, e de fortificar a Margem Oriental do Rio Guaporé e Territorio della com a civilisação dos Indios Silvestres, que nelle vivem devião prevalecer a qualquer outra sendo negocios que tão immediatam.ᵉ interessão oserviço de V. E. ede Sua Mag.ᵉ

19 Omesmo Sr. considera desnecessario prevenir a V. S. que as Villas e Aldeas que seestabelecerem, devem ser Povoaçoens civis, governadas no Temporal por Justiças de El-Rei.

20 E no Espiritual por Parocos que sejão clerigos do Habito de S. Pedro, edenenhuma Sorte Regulares, emuito menos ainda Religiosos da Companhia, porque estes em razão doGoverno Monarchico que hé dasua Constituição não distinguem Naçoens cooperando todos igualmente em causa comua para ointeresse tambem Commum da Sociedade, epara oservisso do Soberano que os Governa debaixo do nome de Geral; Por cujo motivo os Religisos Portuguezes qne se estabelecerão nos rios Javari, e da Madeyra, logo que ali chegarão, fizerão Liga com os seus Jesuitas Castelhamos, que estavão da outra parte, e hostilisarão em causa comua os Moradores do Pará que acostumavão hir comerciar aquellas Fronteyras, fexando-lhes as Portas inteyramente confiscandolhes os bens, echegando athe ao atrevimento desearmarem de artilharia transportadas do Pará, por modo clandesno que se não percebeu.

21 Finalm.ᵉ como o Governador e Cap.ᵐ General do Pará tem sido larga e cathegoricam.ᵉ instruido sobre esta materia dos principios Geraes, e da Policia e economia particular das villas, e Aldeas q.ᵉ tem fundado, por não repetir o que está dito: Meordena Sua Mag.ᵉ quefaça evá fazendo aV. S. comuas as noçoens e ordens queselhes expedirão ad.ᵉ respeito. Parecendo muyto propria para consolidar a sociedade entre os Indios, eReynicolas, e para atrahir os primeyros que seachão Silvestres ás Povoaçens e por consequencia ao Curral da Igreja a ultima Instrução, que na conformid.ᵉ das Reaes ordens havia dado omesmo Governador, e Capitão General aos officiaes da Camara de Borba a Nova, fundada na Aldea do Trocano.

Deos g.ᵉ a V. S. Belem a 7 de Julho de 1757.

Thomé Joaquim da Costa Corte Real,

(Continúa).

RELATORIO da viagem exploradora de Matto-Grosso ao Pará pelo rio Xingú, apresentado ao Ministro da Guerra—em 1885—pelo então Capitão Francisco de Paula Castro.

———

Tendo de chegar á Cuyabá uma commissão composta de tres allemães, sendo um medico, outro engenheiro e o ultimo desenhista, com o fim de explorar o rio Xingú, ordenára o governo imperial que á referida commissão prestasse o presidente de Matto-Grosso todo o auxilio possivel. O presidente da provincia fez tudo quanto pode, não só para cumprir a ordem do governo, como para ver realisada tão arriscada empreza de vantagem para Matto-Grosso e Pará; concorreo com o pessoal e material necessario para a viagem e nomeou-me para seguir junto á commissão, dando-me instrucções pelas quaes compria-me apresentar, concluida a expedição, um relatorio circumstanciado da viagem e informar ao governo, principalmente, sobre a possibilidade de uma estrada de rodagem ligando as duas provincias.

Tendo sido dadas todas as ordens e preparada a expedição, sahimos de Cuyabá a vinte e seis de Maio de 1884, á uma hora da tarde.

Compunha-se a expedição do capitão Antonio Tupy Ferreira Caldas, como commandante da força, dos tres allemães, vinte e cinco praças do 8.º batalhão de infantaria, dois guias contractados, da expraça Valentim Aniceto que trouxe como pratico, e finalmente de mim como auxiliar da commissão e para o fim acima declarado. Acompanhavão mais a commissão uma força do piquete de cavallaria, de um sargento, dous anspeçadas e um soldado, conduzindo nove muares, sendo cinco para os tres allemães e os dois capitães, e vinte e cinco bois de carga, dos quaes vinte e tres fornecidos pelo governo.—Nesta epocha de viagens por terrenos desconhecidos, habitados por tribus de indios bravios, e que tantas descripções se tem lido, cada qual mais interessante não só pelas narrações bem organisadas dos exploradores como pelas noticias scientificas que elles dão, não deve V. Exc. esperar que este relatorio, feito por um capitão de infantaria, dispondo de pouco cabedal de conhecimentos, seja um trabalho de grande monta. Conhecendo V. Exc. viagens expedicionarias descriptas por Stenley, Crevaux, Serpa Pinto, Ivens e Capello e outros, nada tem que aproveitar de um official inteiramento separado do mundo scientifico. Tendo sahido de Cuyabá, como disse, a 26 de Maio levamos o rumo NO. mais ou menos e fizemos pouso ás 6 horas da tarde na cabeceira do Manduca. A estrada até este lugar não é bôa e tem uma ponte velha. No dia 27 tivemos de esperar um boi que havia desapparecido e um muar que desparára; ás 11 horas encontrando-se os animaes, continuamos a viagem ás 3 da tarde, parando ás 5. Sahimos no dia 28 ás 6 e 30' da manhã, passamos o Pindahibal ás 8 3/4 e descançamos até ás 2 e 20' da tarde em que se proseguio na viagem atravessando 2 pontes em máu estado. Chegamos ao Poção ás 5 e ahi parámos na freguezia da Guia depois de passarmos o pequeno rio Coxipó-assú cujas aguas vão ao Cuyabá. Sendo o tempo da nossa viagem o chamado da secca, em razão de não haver chuvas, pudemos passar á váu este rio que em tempo das chuvas enche extraordi-

nariamente e difficulta as communicações por terra, entre Cuyabá e Guia. Ha em suas margens lugares proprios para construir-se facilmente uma ponte. Tendo nós chegado á Guia ás 7 1/4 d'ahi sahimos ás 8, passamos um pequeno rio chamado Taquaral e descançamos ás 9 1/4 da manhã, no lugar denominado Olho d'Agua, d'onde sahimos ás 2 1/2 da tarde, chegando ao Bahú ás 8 1/4.. Passamos 4 ribeirões distando um do outro uma legua pouco mais ou menos e indo todos ter ao Cuyabá, pela margem esquerda. No dia 30 estivemos parados nesse lugar afim de providenciar o commandante da força sobre algumas cousas de que necessitava a comitiva. O engenheiro Otto-Clauss tomando a latitude do Bahú achou 15°. O rio Cuyabá corre muito proximo a esse lugar e é já todo encachoeirado, cheio de corredeiras, cujas pedras causão grandes embaraços e perigos ás canoas que por ahi descem. Ha no Bahú de 6 a 8 casas, sendo 2 de telha e as demais de palha. Os moradores empregão-se em criação de gado vaccum, e plantações de milho, arroz, canna, feijão e fumo, de que mandão parte para Cuyabá. Sahimos á 31 ás 2 1|4 da tarde, deixando ahi perdido um boi, e as 4 1|2 chegamos ao Laranjal, afim de juntarmo-nos ao nosso guia Daniel que de Cuyabá partira adiante.

A primeiro de Junho rompemos a marcha ás 6 e 50' da manhã, passando o ribeirão do Cambatá; seguem-se-lhe o ribeirão Vermelho e o Forquilha, sendo os dois primeiros affluentes do ultimo, e os tres tributarios do Cuyabá pela margem esquerda. Seguimos para o Acurisal, onde descançamos, ás 9 1/4, tendo caminhado desde a capital treze leguas. A's 2 horas da tarde continuámos a viagem, chegando ao ribeirão do Engenho ás 5 e 40 onde parámos. E' um lindo ribeirão, de agua crystallina, que corre entre duas mattas ornadas de altivas palmeiras de Aguassú. Sahimos a 2 de Junho ás 6 1/4 da manhã e chegamos ao ribeirão da Forquilha Grande ás 9 horas; tendo passado o ribeirão do Ivo, ahi descançamos, e seguimos a viagem ao meio dia e um quarto. Junto ao ribeirão ha apenas um morador. Chegámos á passagem do Cuyabá ás 4 1|4 da tarde atravessando antes os ribeirões do Salles e Barreirinho, affluentes do Cuyabá pela margem esquerda. Proximo ao ribeirão do Salles, ha um sitio. Tendo nós passado o rio Cuyabá em uma barca que ahi existe para o serviço de passagens, chegamos á villa do Rosario ás 5 horas da tarde. Esta villa tem 160 casas, 1.500 habitantes, pouco mais ou menos, uma pequena praça cuja área tem approximadamente 10.750 metros quadrados e uma pequena capella. O trabalho dos habitantes consiste em plantações de arroz, feijão, canna, milho, que exportão para Cuyabá, por agua, em canoas. Exportão tambem farinha de mandioca, aguardente e madeira de construcção. Ha pelos arredores diversos engenhos de assucar, cujos proprietarios occupão-se tambem da criação de animaes vaccum e cavallar. As mulheres occupão-se principalmente em confeccionar redes de dormir e cigarros. A capella tem a frente a SE. A villa está collocada á margem direita do rio Cuyabá, na latitude 14°—50'—10". Das 160 casas que existem, 96 são de telha e as outras de palha. No dia 4 o engenheiro Clauss preparou um regulador do sol e collocou-o na praça em frente ao quartel da residencia do commandante do destacamento da villa. Demoramo-nos nesta villa até o dia 6 em que chegámos ás 7 1|4 da manhã e alcançamos o ribeirão do Nobre ao meio dia, sendo a distancia do Acurisal ao Rosario de

cinco leguas e d'ahi ao Nobre quatro. Junto ao ribeirão do Nobre ha 28 casas de palha e oitenta e nove moradores de ambos os sexos. Sahimos do Nobre ás 7 1|2 da manhã do dia 7 e chegamos á Serra Tombador ao meio dia. Ao sahir da villa do Rosario, logo que se entra na estrada geral, avista-se uma grande serra a S. O. As margens do Nobre são assaz pittorescas. O ribeirão é piscoso e as suas mattas são formadas de grandes arvores frondosas e de palmeiras de acury. Chegamos á serra do Tombador onde existe um ribeirão do mesmo nome ao 1|2 dia, tendo nós transposto uma ladeira de difficil ascenção por ter grande quantidade de pedras soltas e ser demasiado ingreme. Do alto da subida avista-se um lindo ribeirão de agua crystallina que vindo de N.E. dirige-se para o S., despenhando-se de cima da serra em soberba cascata de diversas quedas até a base onde engrossa as aguas de um outro ribeirão que vae ao Cuyabá. A cascata produz um grande ruido e precipita-se por uma garganta guarnecida de gigantescas mattas.

Está esta parte da serra de 150 a 200 metros acima do ribeirão do Nobre e toda a região comprehendida entre uma e outra é formada de lindos campos de criação e mattas destacadas proprias para lavoura, ornadas de palmeiras, havendo terrenos alagadiços onde se vê grandes buritisaes. Logo depois de chegarmos á serra do Tombador, de onde começão os grandes chapadões, vimos duas casas de palha abandonadas cujos moradores em numero de quatro, sendo um homem, uma mulher e duas crianças, tinhão sido, exceptuando o homem, assassinados pelos indios Coroados. Havia ahi algum gado em abandono. No chapadão em que parámos no dia da chegada, a estrada bifurca-se indo em rumo a O. ter á Diamantino depois de passar outra serra e o outro a N. E. mais ou menos, que foi o que seguimos em busca das cabeceiras do Xingú. Percorremos atè este ponto desde o Cuyabá trinta e duas leguas. No dia 9 ás 8 horas da manhã continuamos a nossa viagem, chegando ás 20 3|4 a cabeceira do Estivado onde descançamos depois de percorrermos mais ou menos duas leguas. Encontramos ahi meia duzia de casas de palha abandonadas pelos moradores que forão atacados pelos indios Coroados. A cabeceira do Estivado é uma especie de sitio sobre uma elevação com terrenos ferteis e lindas pastagens. Encontramos larangeiras, limeiras, limoeiros, e algum gado; achando-se porém tudo em abandono. A L. da cabeceira do Estivado corre o ribeirão do mesmo nome para o N. indo lançar suas aguas no rio Preto. Antes da cabeceira do Estivado ha um péqueno ribeirão denominado Aricá, que corre para o Cuyabà. Sahimos ás 4 da tarde e chegamos ao Estivado ás 5 1|2 fazendo ahi alto de uma marcha de uma legua. No dia 10, vimos no Estivado 2 casas de pálha tambem abandonadas por causa dos indios; sahimos ás 7 1|2 da manhã e chegamos a Cerquinha ao meio dia e 20', passando por um ribeirão do mesmo nome que cae em outro muito proximo denominado Quebò, sendo ambos tributarios do Cuyabá. O ribeirão Cerquinha corre de N. O. a S. E., tendo a sua origem em um buritisal; fizemos ahi pouso, tendo percorrido desde o Estivado 5 1|2 legoas. Sahimos da Cerquinhá no dia 11 ás 4 1|2 da madrugada, passando as cabeceirrs do Arinos ás 11 1|2. Estas cabeceiras, contravertentes das do Cuyabà, são formadas de milhares de buritisaes gigantescos que se estendem de S. a N. em uma vasta região

alagadiça. Chegamos ao Buracão ao 1|2 dia e 30' tendo percorrido nove legoas de caminho. O Buracão é uma grande baixada entre os chapadões, tendo ao S. as cabeceiras do Cuyabá e a uma legoa O. as do Arinos. Existem ahi 4 casas abandonadas, cujos moradores retirarão-se em razão de perseguição dos indios, os quaes matarão uma mulher desse lugar. Sahimos a 13 á uma hora e vinte minutos da tarde. Chegamos ao campo do Morrote às 5 e 58' passando os ribeirões das Trahiras, do Salto e da Tapera, sendo todos tributarios do Arinos e tendo nós percorrido 4 legoas. Sahimos a 14 ás 7 da manhã e chegamos ao aldeamento dos indios Bacairis, á margem esquerda do rio Novo ao 1|2 dia, depois de passarmos os ribeirões do Pantanalsinho e do Retiro, todos tributarios do Arinos desaguando primeiramente no rio Novo.

Tendo chegado no rio Novo distante 5 legoas do Morrote resolvemos parar alguns dias, não só para prover a tropa do necessario, como principalmente, para espera o commandante da força que, desde o Nobre se havia ausentado em busca de um boi que desapparecera com toda a ferramenta que carregava. Esse pequeno aldeamento de indios já civilisados fallando todos o portuguez, sem terem esquecido o seo dialecto, contêm seis casas de palha, quadradas e bastante velhas. Duas legoas ao N. do aldeamento, ha uma grande roça de mandioca, milho, arroz, feijão e canna. Tem 55 habitantes sendo adultos do sexo masculino 16, feminino 19 e crianças 20. Occupei-me ahi em organisar alguns vocabulos dialecto bacairi e tomar mais algumas notas. Occupão-se mais os Bacairis na criação do gado vaccum e outros animaes domesticos. São dirigidos pelo indio Reginaldo da Silva Nogueira que é nomeado chefe pelo director geral dos indios que reside em Cuyabá, e os indios respeitão muito ao chefe Reginaldo que tem o tratamento de capitão. Occuparão-se os 3 exploradores allemães em diversos serviços : o Doutor Carlos em estudos antropologicos, o engenheiro Clauss em desenhos topographicos e o desenhista Guilherme em paisagens e retratos de diversos indios.—Não tendo regressado o capitão Tupy até o dia 20 e faltando já mantimentos para as praças, resolvi continuar a viagem, fazendo seguir para a cidade parte da força e recommendando-lhe toda a velocidade nas marchas, afim de chegar em Cuyabá sem ter soffrido fome em caminho. Sendo o capitão Tupy o commandante da força e o encarregado de fornecel-a, para o que tomára importancia sufficiente, era perigosa a demora por mais dias de toda a gente nesse ponto, estando ausente a muito tempo o capitão, e não havendo quasi generos para alimental-a. Depois de tomada essa providencia que era a legitima, por isso que tinha eu de cumprir a ordem do governo, mandando-me fazer esta viagem de grande importancia e utilidade para o paiz, preparei os papeis em que narrava todas as peripecias e acontecimentos havidos até esse dia e remetti-os pelo sargento da força ao Exm. Presidente da provincia. Continuamos a viagem a 21 com o pessoal muito resumido, porém, de gente escolhida, tendo sahido á 1 e 20' da tarde e pousamos ás 4, a uma legoa e meia do aldeamento em uma cabeceira chamada « Carumtupâ. » Sahimos a 22 ás 7 3|4 da manhã, tendo passado os ribeirões da Tapera, do Quilombo e um pequeno affluente do ultimo, sendo todos tributarios do Arinos e as suas ultimas cabeceiras. Paramos ao 1|2 dia no Quilombo depois de cami-

nharmos quatro legoas. Começamos a 23 a nossa marcha ás 6 3|4 da manhã chegando ao rio Verde ás 9 horas onde descançamos. As mattas deste rio são altas, alagadiças e cheias de seringaes ; os terrenos sesonaticos, e a agua limpida e crystalina deixando vêr claramente o leito, apresenta, em razão das folhas das arvores que a ensombrão, uma côr esverdeada de onde vem o nome que se dá ao rio. E' effluente do Paranatinga pela margem esquerda e dista 5 legoas da cabeceira do " Corumtupâ ". Continuamos a caminho ao 1|2 dia chegando ao ribeirão das Pedras ás 3 horas da tarde depois de passarmos duas cabeceiras, denominada a Segunda, cabeceira do Baptista e um estreito ribeirão que corre entre os chapadões. O ribeirão das Pedras corre entre o declive de duas collinas e é de agua crystalina. Ahi parámos depois de duas legoas de marcha. Sahimos a 24 ás 6 3|4 da manhã, chegando a cabeceira do caixão ás 9 3|4 e ahi descançamos. Lutamos nesse lugar com grandes difficuldades para passarmos os animaes por um immenso tremedal junto á cabeceira e chegamos ao ribeirão proximo que tem o mesmo nome da cabeceira, e rompendo a marcha de 1 3|4 da tarde chegámos junto ao rio Beija-flor ás 5 horas, tendo transposto 4 cabeceiras e 4 ribeirões, o ultimo chamado da Boa-Vista, que recebendo as aguas dos outros ribeirões e cabeceiras afflue no Beija-flôr. Ao sahir do Caixão depois de caminhar de 2 kilometros pouco mais ou menos, apresenta-se á vista um magnifico panorama da natureza que ahi formou uma soberba baixada entre os chapadões, que parece de longe um immenso soalho forrado de um lindo tapete de velludo verde e os mattos cultivaveis que destacadamente existem nessa baixada, cheios de arvores floridas, como que formão jarros de flôres de variadas côres que realção a formosura do tapete. Vê-se a L. uma linda cadea de montanhas situada de S. a N. Depois de attingida a baixada, caminha-se por grandes e magnificos campos de criação de excellente pastagem. Paramos á margem direita do Beija-flôr depois de 6 leguas de caminho. Seguimos a 25, ás 11 da manhã, tendo começado a dar uma volta em rumo S. E. pouco mais ou menos, chegámos ao ribeirão dos Veados que recebe as aguas do Parasita ás 4 da tarde, percorrendo apenas uma legua em razão de diversas quédas que tomarão os animaes nesse caminho cheio de altos e baixos, passagens perigosas e tambem por termos feito um desvio errando caminho. São estes ribeirões tributarios do Beija-flôr pela margem esquerda. Paramos á margem direita do Parasita. Sahimos a 26 ás 7 3/4 da manhã e chegamos na Fazenda do Corrego Fundo ás 3 3/4 da tarde, tendo passado muitas cabeceiras e descidas um pouco os chapadões e caminhado sete leguas. Sendo necessario prover a tropa de alguma cousa, deliberámos parar algum tempo nesta fazenda.

Dahi voltára para o aldeamento dos Bacahiris no rio Novo o indio Joaquim que servira-nos de guia por não háver estrada de seu aldeamento até a fazenda e ser o caminho conhecido por elle. Segundo a observação do engenheiro Dr. Clauss a fazenda está situada na lat. de 10° — 18'. Dista do ribeirão do Parasita sete leguas. Nesta fazenda occupão-se principalmente da criação de gado vacum e suino; ha cinco casas de palha sendo 2 em máu estado. Dessa fazenda parte uma estrada para o Rosario, tendo um desvio para Diamantino. A' 10 ou 12 leguas da fazenda ha uma pequena povoação em lugar de-

nominado Quebô. O capitão Antonio Tupy Ferreira Caldas, commandante da força, e que se achava ausente desde o dia 8, apparece nesse lugar a 30 ás 4 e 20' da tarde, dizendo-nos ter encontrado a força e ordenado que voltasse, afim de continuar a viagem.

No dia primeiro de Julho ás 11 horas da manhã, depois de uma demora de quatro dias no " Corrego Fundo ", proseguimos na viagem com os mantimentos indispensaveis, calculados para tres mezes. Tomando de novo o rumo L., chegamos ás 4 3|4 da tarde á margem esquerda do rio Paranatinga, depois de passarmos um corrego, tres cabeceiras e um ribeirão, mais o Corrego do Doutor, e da Pontinha, e da Lage indo todas estas aguas ao Paranatinga pela margem esquerda. São todos os terrenos desde o " Corrego Fundo " até Paranatinga formados de grandes chapadões, proprios para criação de gado, tendo mattas destacadas cultivaveis e lugares alagadiços, com buritisaes. Tendo chegado comnosco até Paranatinga o capitão Tupy, fallamos-lhe sobre alguns acontecimentos da viagem e depois de algumas discussões havidas entre nós, resolveo o capitão voltar para cidade. De tudo dei novamente parte ao Exm. Sr. presidente da provincia. Fiquei d'ahi para adiante sobrecarregado de serviço, por isso que tinha de attender ás obrigações de que fôra incumbido pelo presidente de Matto-Grosso e ainda a força que havia ficado sob o meu commando desde 20 de Junho, sendo por consequencia o responsavel por toda a expedição. Fizeramos uma viagem de 4 1|2 legoas. O aldeamento dos Bacairis á margem esquerda do Paranatinga contém 9 casas quadradas, de palha. Ha 19 pessoas. Os tres expedicionarios allemães occuparão-se ahi em seus trabalhos. Estes indios Bacairis que são mansos e fallão o portuguez ainda furão as orelhas, e a membrana do nariz. Vivem com os Bacairis, uma india Parici e duas Cajabis, tendo estas um typo muito semelhante ao do japonez. O rio Paranatinga tem as suas cabeceiras de 4 a 6 legoas ao S. do aldeamento e a sua largura onde parámos é de pouco mais de cem metros. E' bastante piscoso e encachoeirado. Coincidio estar escrevendo sobre esse rio na occasião que me foi dada a *Gazeta de Noticias* de 5 de Dezembro onde vinha inserido um resumo do discurso feito pelo illustrado e sabio Dr. Carlos von den Stein, um dos exploradores do Xingù. O orador em sessão solemne de 3 d'aquelle mez na sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, perante S. Magestade o Imperador, declarou que : « Sahindo a 26 de Maio a expedição chegou a 28 de Junho ás terras dos Bacairis que formão duas pequenas aldeas, junto a um affluente do Arinos. » Se o distincto orador não enganou-se em seus apontamentos, durante a nossa viagem foi o tachygrapho ou quem resumiu o discurso deixou escapar alguns enganos. Sahimos com effeito a 26 de Maio de Cuyabá, porém ás terras dos Bacairis chegamos a 14 de Junho e não a 28. Nesse dia 28 chegamos a outro aldeamento de Bacairis vinte e tantas leguas distante do primeiro e á margem esquerda do Paranatinga.

Só o aldeamento do Rio Novo é que está proximo a um affluente do Arinos e tem esse affluente o mesmo nome do aldeamento. A 22 de Junho deixamos para traz as ultimas cabeceiras do Arinos e a 28 fomos ao Paranatinga que é affluente do Tapajóz ; é verdade que Arinos e Paranatinga são tributarios do Tapajóz mas guardão uma gran-

de distancia entre si, e a fóz de um dista da de outro mais de dois gráos á margem direita desse rio em que lanção as suas aguas. Feita esta correção ao engano do sabio orador, engano que só posso attribuir ao resumidor do discurso, por isso que estou muito convencido da exactidão das notas do preclaro explorador e do cuidado que sem duvida teve quando discorreo sobre a sua viagem, passo a continuar o meu arido relatorio, não deixando de declarar que tratarei de mais alguns enganos, que encontrei na exposição do nobre Dr. sempre que se offereça occasião. Resultando desta viagem apontamentos que podem ser tomados em consideração na carta geographica do Brazil, não devo deixarem passar desapercebidos enganos commettidos pelo resumidor do discurso do predito Doutor. Eu que tambem fiz parte na expedição e com instrucções para tomar notas de toda a viagem, não devo estar inhibido de apontar erros, quer geographicos quer de qualquer outra natureza, embora não seja de uma notabilidade scientifica como qualquer dos tres insignes viajantes allemães. Só a 6 de Julho pudemos sahir do Paranatinga, tendo ás 5 1/2 da tarde do dia 5,o atravessado. Começamos a viagem seguindo mais comnosco as 4 praças de cavallaria e um Indio Bacairi que trouxe para servir de interprete. A nossa passagem foi feita em canoas de casca de jatobá. O jatobá é uma grande arvore pertencente a familia dos leguminosos, de cuja casca aproveitão-se os indios para fazer pequenas canoas que durão de 1 a 2 annos, quando bem seccos ao tempo, e viajão em rios sem cachoeiras. O illustrado Doutor Carlos von den Stein disse em seu discurso que essas canoas, são as mais proprias para os rios encachoeirados. Creio que o Doutor estavadistrahido quando tratou deste assumpto, á vista de tão grande engano que deixou escapar. Estas canoas são as mais improprias para os rios encachoeirados.

As canoas de casca são feitas por indios que não têm ferramenta necessaria para construir canoas de madeiras, e utilisadas nos lugares dos rios em que a agua corre mansa e livremente sem estorvos de pedras, paus, etc.

Quando têm de passar cachoeiras ou lugares perigosos em taes canoas, os indios immediatamente as descarregão e as passão sobre os hombros.

As canoas de casca por qualquer alteração das aguas vão logo ao fundo e uma vez neste estado não voltão mais ácima, sendo preciso grande trabalho para se retirar. Se passão 2 ou 3 dias sobre pedras ou paus fortes rachão-se logo e vão ao fundo não servindo mais para nada.

E a expedição ainda tem presente que em todos os logares onde encontrou canoas de casca, estas viajavão em aguas inteiramente destituidas de cachoeiras; e que as nossas por causa das cachoeiras se inutilisavão diariamente.

Começando pelos indios da margem esquerda do Paranatinga vemos que por onde elles viajão, no rio, as suas canoas não passão em cachoeiras. No Batovy onde existe uma grande quantidade de cachoeiras só encontramos canoas de casca, do " Salto d'Alegria " para baixo por onde se póde viajar sem perigos de cachoeiras.

Os Tramalhys e os Chuyás que tambem têm canoas de casca navegão pelo Xingú até uma extensão de cem legoas pouco mais ou

menos sem cachoeiras, limpa e bem navegavel em canoas e botes não podendo ser por embarcação de grande calado em razão de muitos baxios que existem.

Os indios Chuyás nos declararão que só descião o rio até onde elles encontravão uma grande cachoeira que lhes causavão grande pavor.

Ali carregavão as canoas sobre os hombros, por terra, quando tinhão de fazer alguma cousa abaixo da cachoeira e voltavão para o seu aldeamento, concluido o serviço.

Se a exposição do illustrado viajante foi em referencia ao peso da canoa, é bastante que se saiba que uma canoa de casca de jatobá pesa mais que qualquer outra de madeira branca que tenha as mesmas dimensões e que, como a de jatobá, conste só do casco.

Só a 6 de Julho, como disse, começamos a viagem sahindo da margem direita do Paranatinga ás 10 1|2 da manhã, indo todos a pé. Desse dia principiou verdadeiramente a procura do Xingú. O nosso rumo foi L. em terrenos completamente deshabitados e que nunca tinhão sido pisados por gente civilisada.

Fomos dando nomes aos diversos lugares. Passamos em 2 ribeirões e uma cabeceira. O primeiro chamado das " Formigas ", o segundo da " Bacava " e a cabeceira " Mesmo ".

Descançamos junto á cabeceira ao 1|2 dia tendo percorrido uma legoa de caminho. Deste ponto avista-se ao S. a serra do Capistrano. Continuamos a viagem á 1 hora da tarde passando a cabeceira da " Tinta " e o ribeirão do " Kagado " onde paramos ás 4 1|2 da tarde, depois de 2 1|2 legoas de caminho.

Todas estas aguas vão ao Paranatinga. Alguns destes ribeirões têm mattas elevadas, ornadas da linda palmeira Bacava, de cujo fructo se faz uma excellente bebida, conhecida com o nome de vinho de bacava. Sahimos no dia 7 ás 6 3|4 da manhã e depois de passarmos 2 ribeirões e 10 cabeceiras descançamos na ultima ás 10 1|2.

Continuamos a viagem á 1 3|4 da tarde e passamos mais 2 cabeceiras parando na ultima ás 5 e 50' da tarde, dando-lhe o nome de cabeceira do " Tamanduá ", e tendo nós caminhado 6 legoas. Todas as aguas correm ao Paranatinga pela margem direita.

No dia 8 ás 6 3|4 da manhã começamos a nossa marcha e depois de passarmos 4 cabeceiras descançamos junto ao ribeirão das Pombas ás 10 horas. Uma serra proxima á segunda cabeceira denominamos " Daniel ".

Continuamos a viagem ás 2 da tarde passando 3 ribeirões e parando junto ao ultimo ás 4 1|2 da tarde dando-lhe o nome de " Formoso ". Já do dia 8 em diante as aguas que fomos encontrando como que tomavão uma direcção a N. E., parecendo ir ao outro rio que não o Paranatinga.

No aldeamento dos Bacairis á margem esquerda do rio Novo, nos informára o indio Reginaldo, chefe da aldea, de que os seus antepassados fallavão-lhe em um rio não longe do Paranatinga que era muito grande e que não se juntava com o Paranatinga.

No outro aldeamento junto ao Paranatinga tivemos a mesma informação de modo que ficamos quasi convencidos de encontrarmos, dentro em pouco tempo, o rio Xingú ou algum seu affluente. Sahi-

mos no dia 9 ás 6 3|4 da manhã e passamos 4 cabeceiras, chegando a um ribeirão onde fizemos algum serviço para se poder transpol-o. Descançamos ahi ás 10 1|2. Este ribeirão e todos os outros que passamos são pedregosos. Demos-lhe o nome de "Profundo". A um kilometro ao S. do ribeirão avistão-se grandes serras; proseguimos a viagem á 1 e 1|4 da tarde. Depois de uma hora de caminho vimos grandes mattas ao S. parecendo-nos seguirem as margens de um grande rio que se dirigia ao N., o que nos fez ter esperança a respeito do Xingú.

Chegamos ás 4 e 1|2 a uma cabeceira que chamamos da "Boa Esperança" e ahi paramos. Sahimos no dia 10 ás 6 3|4 da manhã e depois de passarmos 2 cabeceiras, paramos junto a um morrote ás 10 1|2. Fomos eu, os tres exploradores allemães, o Daniel e o seu filho, o indio Bacairi, ver se encontravamos algum rio nas grandes mattas que viramos na vespera; ahi chegamos, porém, não vimos mais que pequenos ribeirões guarnecidos por essas mattas.

Essas mattas e esses ribeirões ficão em um valle que contém excellentes campos para criação de gado. Voltamos ás 4 3|4 para onde deixaramos o resto da comitiva, junto a uma cabeceira que denominamos do "Desengano". Sahimos a 11 ás 6 3|4 da manhã, passando 6 cabeceiras, 2 grandes ribeirões e paramos junto do segundo ao 1|2 dia e 30'.

Notamos grandes mattas ao N. guarnecendo ao ribeirão e parecendo ir este n'aquelle rumo tomando grandes proporções. Demos-lhe o nome de ribeirão do Bugio. Sahimos no dia 12 ás 7 1|4 da manhã e descançamos ás 11 e 5'; continuamos ás 3 da tarde e paramos ás 4 1|2 tendo passado 8 cabeceiras e tres ribeirões.

O primeiro exigio trabalho para podermos passar; o segundo denominamos do Jatobá e o terceiro da Cobra, onde fizemos a parada. Todas estas aguas correm ao Bugio e os ribeirões são todos pedregosos. No dia 13 continuamos a nossa viagem ás 6 1|2 da manhã, tendo passado 5 cabeceiras, descançamos ao 1|2 dia.

Proximo ás 2 cabeceiras que estão mais a L., ha uma montanha em que subimos com alguma difficuldade por ser bastante ingreme, com grande quantidade de pedras soltas que resvalão debaixo dos pés. O seu cume com uma área bastante regular, permitte caminhar-se livremente. O espectaculo que d'ali se apresenta á vista é maravilhoso: vê-se, circulando a serra, grande quantidade de vertentes ou cabeceiras e ribeirões que dirigem-se em todos os sentidos em uma immensa campina verdejante, indo pouco a pouco, ao longe, reunirem-se, formando pequenos rios.

Descobrem-se immensas serras longinquas que parecem fechar completamente em circulo, os grandes chapadões sobre as quaes se eleva a montanha em que subimos, a qual demos o nome de Bôa-Vista; ao N. da montanha uma linda collina como sua companheira nesta solidão, apresenta ao viajante uma vegetação variada cujos matizes deleitão a vista e alegrão o espirito.

Continuando a nossa viagem ás 2 1|2 chegamos ás 5 1|2 junto a um rio bastante largo e paramos á margem esquerda. Havendo grandes divergencias nas cartas geographicas da provincia de Matto-Grosso sobre as nascentes do Xingú, os tres illustres exploradores

ficarão em duvida sobre o caminho que deviamos tomar e desconfiavão muito que fosse affluente do Paranatinga.

Por isso o Dr. Carlos propoz que fizessemos uma excursão afim de vermos se poderiamos descobrir algum facto que demonstrasse não ser o rio affluente do Paranatinga. Sahimos no dia 11 eu e os tres illustrados exploradores ás 7 1|2 da manhã e andamos até ás 2 horas da tarde em rumo N., e não tendo nada adiantado voltamos á nossa parada onde chegamos ás 7 da noite.

Fizemos outra excursão a 16 em rumo L., sahindo ás 7 da manhã. Chegamos ás 2 horas junto a uma serra e descançamos, tendo percorrido 6 legoas, do lugar em que estava a tropa. A's 3 1|2 subimos a serra do alto da qual vê-se um immenso valle que se estende de S. a N. contendo pasto, algumas cabeceiras e ribeirões cujas aguas vão todas ao rio em que chegamos a 13; de S. a N. O. uma grande matta, ao S. algumas serras e ao O. e N. grandes chapadões.

Descemos ás 5 1|2, mas não pudemos mais alcançar o pouso e agarrou-nos a noite em caminho. Eu e o Dr. Clauss perdemo-nos dos outros companheiros e depois de muito cançados resolvemos dormir no caminho. Passamos uma noite horrivel sobre a sólo, cujo pasto tinha sido queimado. Haviamos andado aos trambolhões e estavamos demasiado cançados, mas nem por isso pudemos dormir com o intenso firio que fez.

Começamos a nossa volta no dia seguinte ás 6 horas da manhã chegando ao pouso ás 11, encontrando a tropa já com susto de nossa ausencia e dispondo-se a sahir a nossa procura. Pouco depois reunimo-nos ahi aos Srs. Dr. Carlos e desenhista Guilherme que nos contarão os soffrimentos que tambem tiverão na excursão.

Tomou o rio o nome de "Rio de Batovy" e a serra que haviamos subido a serra de "Maria" em memoria do Ex.mo Barão de Batovy que preparára a expedição e a de S. Exm.a Sr.a Não tendo nós adiantado tambem muito na segunda excursão, emitti a minha opinião de mandar preparar canoas e fazer viagem pelo rio, não só porque os bois estavão completamente estragados, como tambem por ter eu desconfiança de ser este rio affluente do Xingú.

Achando-se o rio Batovy em um terreno muito mais baixo que o do Paranatinga e tendo já nós passado por grande quantidade de ribeirões e cabeceiras cujas aguas ião sempre para N. E., era mais provavel ser elle affluente de qualquer rio que não o Paranatinga.

Tendo mais para corroborar a minha opinião as informações dos indios Caetano e Reginaldo, estava de quasi convencido de irmos pelo Batovy direito ao Xingú. O Dr. Clauss não admittio a minha opinião, foi afinal resolvido que começassemos a viagem em canoas pelo Batovy.

O engenheiro, fazendo as suas observações, achou no ponto em que estavamos parados a latitude meridional de 13.° — 56'. As cartas geographicas não são de accôrdo, como já disse sobre o nascente do Xingú. Encontrão-se algumas a 14.° e tanto, em outros a 13.°, e nas mais modernas estão essas nascentes muito mais ao N. A nossa parada para o serviço de canoas foi em um terreno em forquilha formada por dois ribeirões que desaguão no Batovy pela margem esquerda.

O Batovy é piscoso e até o lugar onde paramos, as suas mattas são baixas e delgadas. Os seus campos proprios para criação de gado. O

pouso do Batovy dista do Paranatinga 16 legoas. O rio Batovy, uma das cabeceiras do Xingú, vem do Sul da serra da Boa-vista, dá uma grande volta a L. e toma depois o rumo mais ou menos de N. E. A 21 de Julho fiz voltar para a cidade o sargento Januario e 2 praças de cavallaria levando os muares que tinhão servido para nos conduzir e seis bois muito estragados ; tendo ficado com nosco uma das praças do piquete que não podia montar.

Preparei a correspondencia para o Ex.mo Presidente e remetti-a pelo sargento, dando parte das occurencias havidas até aquella data. Começarão d'ahi em diante os nossos maiores trabalhos da viagem. Já com poucos mantimentos, tivemos de matar dez bois magrissimos para carne secca, afim de prevenirmo-nos, pois não faziamos idèa do que encontariamos para adiante.

A' muito tempo já não tinhamos mais assucar. Passamos a 19 ás 7 da manhã para a margem direita do Batovy. Depois de ter a tropa trabalhado em canoas sob a direcção do indio Bãcairi Antonio, começamos a viagem por agua no dia 25 ao 1[2 dia e 25'.

Tive de lutar com grandes difficuldades para providenciar sobre a nossa viagem, por faltarem-nos muitos materiaes indispensaveis ao nosso serviço. Paramos ás 3 horas da tarde á margem esquerda, tendo viajado 2 legoas. Ahi tivemos de parar até o dia 27 por não chegarem as canoas para todos nós e mais cinco cães que vinhão nos fornecendo de vez em quando alguma caça. Sahimos nesse dia ás 7 da manhã e paramos ás 4 e 50' da tarde.

A nossa viagem d'ahi para diante foi horrivel. Tivemos canoas no fundo, roupa perdida e falta de mantimentos. A 5 de Agosto ficamos sem farinha, a 8 sem toucinho e a 9 sem arroz. E fomos passando com carne secca e feijão. Felizmente ainda tinhamos algum sal e o rio e as mattas nos fornecião peixe e caça. A 6 de Agosto por occasião de abrirmos uma picada á margem direita afim de evitar uma cachoeira difficil de se transpor, encontramos 3 trempes de paus finos, atadas com cipòs e muito bem preparadas, não tendo signal algum de serem trabalhadaspor meio de ferro.

Desconfiamos logo estarmos perto de alguma aldêa de indios que não tinham ainda tido communicação com a gente civilisada. Continuamos ainda a viagem óra de cargas ás costas para podermos arrastar mais facilmente as canoas, óra parte por terra, parte em canôas, diminuindo assim o serviço.

Andamos todos nós descalços e jà cançados de trabalhar em tantas corredeiras e cachoeiras, comecei a receiar sériamente do estado da gente que já queixava-se de soffrer muitas dores pelo corpo.

Desde o referido dia 6 que encontravamos diariamente vestigios dos indios. E erão pégadas pelas margens do rio, riscos sobre as arvores, armações de casas de palha e muitos caminhos por terra dirigindo-se todos ao N. Anceava extraordinariamente pelo encontro da habitação de tal gente, não só porque havia probabilidade de algum recurso para nós, como por irmos travar conhecimento com uma nova gente que muito se admiraria de nossa presença em suas terras.

Receiamos que fossem indios bravos e ferozes e que não quizessem travar relações de amizade comnosco, mas não obstante, queriamos

esse encontro que nós considerávamos, em vista do estado em que nos achavamos, como um grande soccorro.

Faziamos as nossas conjecturas a respeito dos nossos futuros conhecidos, quando a 11 de Agosto depois de um trabalho horrivel chegamos a um lindo salto de tres quedas, proximo ao qual vimos, á margem esquerda, uma canoa de casca de jatobá, muito bem feita e toda bordada.

Percorremos a barranca rapidamente e descobrimos logo uma estrada limpa para o interior da matta. Conhecemos então que estavamos em terreno habitado. Já éra tempo de haver esse encontro. A força já soffria demasiado de tanto trabalhar e pela falta de mantimentos.

Com mais dois ou tres dias de viagem pelas cachoeiras, tinhamos de ficar com alguns homens fóra do serviço. Dei algumas providencias para o caso de hostilidade da parte dos indios, recommendei toda a prudencia e depois de deixar tres homens cuidando das canoas e cargas, seguimos os de mais em busca de habitação.

Passámos por terrenos magnificos, encontrando um lindo bacaiuval, uma grande derrubada para roça feita a machado de pedra, e demos em um pequeno aldeamento depois de uma hora de viagem.

Passei adiante de todos, chamei o indio Bacairi, nosso companheiro de viagem, e disse-lhe que fallasse em seo dialecto afim de ver se apparecia algum e tinhamos a felicidade de encontrar gente da mesma tribu delle. Desconfiava eu que fosse uma tribu de Bacairi, pelo que me havião dito os chefes do Rio Novo e Paranatinga.

Estavamos todos anciosos pelo que succederia, olhavamos uns para os outros. Instei com o Antonio Bacairi que fallasse, porem elle estava com muito medo. Fui sempre adeantado-me com elle e mais o guia Daniel. Quando estavamos muito proximo da habitação e já viamos perfeitamente os moradores, no interior das casas, movendo-se precipidamente, dando assim signaes de inquietação, sahio de uma pequena porta da casa um indio de 16 a 18 annos de idade com uma pequena haste na mão direita a guisa de bengala, e sem signal algum de guerra e com ar de riso dirigio-se sem o menor susto para o nosso lado.

Instei de novo com o Antonio Bacairi para que fallasse e pedisse licença, ouvio então dizer ao habitante da selva: *Coluno*, (dá licença) e este respondeo-lhe, *Curá le—lá*, (pois não).—Conversarão os dois ainda alguns minutos, fallando sempre o interprete o que eu mandava.

Fil-os abraçarem-se notando nesta occasião que ambos tremião. Animei com gestos o indio bravo e finalmente travamos relações. Receberão-nos os moradores perfeitamente. Sabendo elles do fim da nossa viagem e das circumstancias em que nos achavamos, derão-nos logo as suas bebidas e comidas. Retiramo-nos para o porto onde haviamos desembarcado ás 5 horas.

Foi um dia feliz para nós. A providencia nos soccorreo, dando-nos alimento, e concedeo-nos mais a graça de chamarmos ao gremio da civilisação estes nossos semelhantes que vivem inteiramente segregados do resto do mundo.

A 12, isto é, no dia seguinte, os indios forão ao porto comnosco. Levarão as suas armas e ornamentos que trocarão comnosco por ferramentas e roupa.

As facas e machados que lhes demos causarão-lhes uma alegria extraordinaria. De botões tambem gostarão muito. Os tres exploradores allemães, por meio dos brindes que fizerão aos indios, organisarão collecções ethnologicas e poderão fazer seus trabalhos. O Dr. Otto Clauss achou a latitude de 13.° 14' para o ponto em que está situado o aldeamento.

Demos ao salto o nome Salto d'Alegria. Pela roupa, brinquedos e ferramenta que lhes dei, obtive canoas e provisões de boca para a expedição. Occuparão-se ainda no dia 13 os tres allemães em seus trabalhos e pernoitarão no aldeamento.

O aldeamento consta de duas casas de palha redondas e uma especie de galpão, entre as casas, de tecto abobadado, destinado para as festas e para os hospedes e onde se encontrão todos os ornamentos, armas e preciosidades.

Têm os Bacairis a sua pequena lavoura. Plantão milho, mandioca brava, de que fazem grande quantidade de farinha, polvilho e bebidas; algodão, de que fazem redes de dormir e outros trabalhos, pelos quaes se vê que elles têm a sua industria, que é importante, attendendo-se a que os instrumentos que usão, são : machados de pedra, conchas empregadas como facas, dentes e ossos de peixes.

Os Bacairis selvagens andão completamente nús e as suas mulheres usão um pequeno pedaço de palha de fórma triangular para cobrir as partes pudendas. Como todos os indios usão arco, flecha e a massa, que è um cacete que empregão com muita efficacia nos combates. Tirão fogo pela fricção. São amabilissimos. Eu obtive delles tudo quanto quiz. Vivem da caça e da pesca sendo mais ichthyophagos. Aprecião extraordinariamente as aves como companheiras de casa; e por isso têm mansos: papagaios, aráras, jacús, etc. Transpassemos até o Salto d'Alegria : 112 cachoeiras, 11 corredeiras, e sete saltos sendo o d'Alegria de 6 metros de altura com tres quédas e todos os outros inferiores a tres metros.

Descarregamos quarenta e cinco vezes as canoas para transpormos cachoeiras. D'entre estas algumas erão horriveis, medonhas. O rio até o Salto d'Alegria tem as voltas muito pronunciadas e proximas, cahem nelle 16 affluentes pela margem esquerda e 9 pela direita sendo 6 apenas regulares e os demais quasi corregos; é todo cheio de pedras e forrado de cascalho pelo que podia bem chamar-se rio das pedras. Muitas serras acompanhão as suas margens até o Salto d'Alegria cahindo agua de algumas.

Tendo nós adiantado desde e pouso do Batovy, pouco mais de meio gráo em rumo, percorremos por agua sessenta legoas pouco mais ou menos. De vinte legoas ao S. do Salto d'Alegria começão as mattas a tornar-se muito altas e espessas, com excellentes madeiras como : aroeira, peúva (páo d'arco), vinhatico, cedro, etc., e a arvore da copahiba.

O vinhatico e o cedro são muito utilisados pelos Bacairis; o primeiro para os seus grandes instrumentos de sopro e o segundo para bancos e ontros objectos. Os Bacairis derão-nos informações de um grande rio que vindo de S. O. recebia as aguas do Batovy e de outro tambem grande que vindo de S. E. recebia a dos dois. O de S. O. elles chamão : *Ranuro*, o de S. E. *Colisèo* e o Batovy, *Tamitoale*.

A 15, depois de passarmos as cargas sobre os hombros para baixo do salto e tambem as canoas, preparamo-nos para a sahida. Achando-se as nossas canoas estragadas, obtive dos Bacairis quatro, dando-lhes em troca roupa e facas. Essas canoas postas em lugar das da expedição que se achavão arruinadas, nos permittirão continuar a viagem, tendo eu obtido tambem d'elles mantimentos. Sahimos com effeito no dia 15 ás 6 1[4da manhã e paramos cinco minutos depois da sahida em razão de ter-se alagado uma das canoas, sendo preciso seccar as cargas que pudemos salvar. Continuamos á 1 hora da tarde e viajamos até ás 4, indo nessa hora ao fundo a mesma canoa. Os Bacairis mandarão aviso por terra aos seos companheiros das outras aldêas : e disserão-nos que encontrariamos com elles e tambem outras tribus de *Custanaús*, *Vaurás*, *Tramalhys* e *Chuyás*, vivendo estes ultimos já muito longe á margem direita do grande rio, e que erão muito feios e ferozes. Na primeira aldêa dos Bacairis contei 19 crianças, 13 mulheres, sendo 3 velhas e 12 homens. O indio que nos recebeu chamava-se *Panága*.

Sahimos a 16 á 1 3[4 da tarde e a 17 ás 2 e 40' chegamos á outro aldeamento de Bacairis á margem esquerda. Fomos hospedados perfeitamente. Tem quatro casas formando um quadrado. Contei 18 homens, 17 mulheres e 7 crianças, sendo quatro meninas.

Dista do primeiro aldeamento seis legoas por agoa e duas por terra. As casas não são tão bem feitas como as do primeiro aldeamento e estão a 3[4 de hora distantes do porto. A estrada estava toda cheia de figuras, e disse-nos o interprete que isto significava que ia haver uma grande festa.

Dei-lhes alguma cousa obtendo delles outros objectos, inclusive uma canoa para a expedição. Uma das suas quatro casas era uma especie de museo. Encontramos nella : ornamentos, armas e figuras representando todos os animaes por elles conhecidos, feitos de cêra da terra, folhas e cipós. Sahimos ás 10 e 20' da manhã do dia 28, levando em nossa companhia um indio dessa aldêa, e a 20 ás 8 e 45 da manhã chegamos á terceira aldêa, á margem esquerda, com quátro casas sem muita regularidade, tendo 13 homens, sendo 2 velhos, 12 mulheres, sendo 3 velhas e 19 crianças, sendo 10 meninas. Tocarão ahi para ouvirmos. O seu instrumento chamado *mèui*, é de vinhatico e tem 90 centimetros pouco mais ou menos de comprimento, da fórma de um cone de base de oito centimetros de diametro approximadamente ; e esta parte que é a que vae á boca, tem um furo por onde o musico sopra ; a outra parte que fica para baixo é mais fina e tem quatro furos. Executão o instrumento assentados, descançando-o sobre o dedo grande do pé direito, cuja perna acha-se junto ao corpo e entre os abraços que trabalhão estendidos para que os dedos possão alcançar os furos. A perna esquerda está bem estendida e um pouco afastada da direita. A posição é bastante incommoda e a musica que elles fazem ouvir é horrivel.

Encontramos nessa aldêa um ferro em fórma de talhadeira, e indagando eu sobre a procedencia desse instrumento, disse-me o interprete que o avô de um dos indios trouxera-o de muito longe e que pelas indagações que fazia ao dono do ferro, parecia ao nosso interprete ter vindo o instrumento do Paranatinga.

Este avô já não existia. Essa aldêa dista do porto vinte cinco minutos de viagem e da 2.ª tres legoas pouco mais ou menos por agua.

Abaixo d'aldea, á margem direita, encontramos um bom porto de desembarque e chegando a elle vimos a 200 metros pouco mais ou menos da margem, uma casa, em uma linda campina, com muita provisão de bocca. Tendo nós sahido a 21 á uma hora da tarde fizemos pouso ás 4 1/2.

Sahindo a 22 ás 8 horas da manhã, viajamos mais dois dias e chegamos a 24 ás 10 horas da manhã ao 4.º aldeamento de Bacairis depois de havermos ás 4 1[2 encontrado alguns indios desse aldeamento que nos ensinarão o porto de desembarque.

Esse aldeamento acha-se á margem direita do rio e dista de 15 a 20 legoas do terceiro. Ahi fomos, como haviamos sido em todos os outros, bem hospedados. E' o maior dos aldeamentos de Bacairis, dos que vimos; tem sete casas dispostas circularmente.

Contei 37 crianças, sendo 29 meninas 30 homens, 21 mulheres. Vimos quasi a expirar uma mulher e uma criança. Tendo os indios Bacairis nos informado de 5 aldeamentos de sua tribu, apenas encontramos quatro deixando de ir ao ultimo, por se achar á margem de um affluente do Batovy em que passamos sem ter notado signal algum de moradores.

As casas do 4.º aldeamento estão a trinta e cinco minutos distantes do porto. Sahimos no dia 25 ás 8 3[4 da manhã e a 27 ás 8 1[2 da manhã encontramos uma pequena canoa de casca, chegando ás 8 e 50' em um porto onde havia tres canoas.

Desembarcamos depois de ter eu dado algumas providencias, pois, desconfiava não serem estas canoas de Bacairis; seguimos pela estrada e logo a trinta passos do porto vimos em uma velha casa de palha, duas indias velhas trabalhando, e um velho em pé. Forão sorprehendidos com a nossa presença, e ficarão todos assustados, tremulos e dando demonstrações de que temião ser hostilisados por nós.

Começarão de gesticular e fallar muito. O indio Bacairi que nos acompanhava desde Paranatinga, disse-me que não comprehendia a lingua e por isso verifiquei que encontravamos indios de outra tribu. Vierão chegando mais indios entre elles dous Bacairis que entretiverão logo relações com o nosso interprete.

Ahi só contei nove homens, sete mulheres, um menino e uma menina e os dous Bacairis. Soube depois pelo interprete que a tribu se denominava *Custanaú* e que o seu aldeamento estava muito ácima, á margem esquerda e que tinhamos passado por elle, que tinha muita gente e era formado de cinco casas grandes e que o ponto em que nós estavamos com elles era uma roça onde havia tres casas em que guardavão provisões.

Os Custanaús não são tão trataveis como os Bacairis. Em sua conversação dizem muitas palavras da lingua guarany como *ayucá* (matar) *iguatá-iereo*, (vá-se embora), *peúno* (fumo), etc.

Dizem *papá*, *mamã*, palavras estas que nos levão a crêr que em tempos remotos andou por ahi gente civilisada que fallava o portuguez, ou que pelo menos alguns destes indios estiverão em contacto com elle. Os tres exploradores allemães á muito custo conseguirão obter dos Custanaùs o consentimento para os seus trabalhos de anthopologia, craneometria, etc., etc.

Este aldeamento póde distar do ultimo dos Bacairis de 15 a 20 legoas. O nosso pouso foi á margem esquerda em frente ao porto dos Custanaús. Em um indio velho que nos recebeo e que pareceo-me ser o chefe, colloquei ao pescoço um fio de contas com uma pequena medalha: elle ficou muito satisfeito e deo-me logo uma das suas flechas.

No dia 28 quando nos preparavamos para sahir, appareceráo os Custanaús, trazendo-nos bejus e nos convidando para irmos ao seu aldeamento, ao que não pudemos annuir, partindo d'ahi ás 8 e 20' da manhã. Chegamos a 30 ás 3 horas da tarde em um grande rio, entrando pela margem direita.

Ha muito tempo anceavamos pelo encontro deste rio que parecia fugir de nós, pois, já estavamos bem cançados de viajar a sua procura. Antes de encetarmos a nossa viagem pelo grande rio, digamos as ultimas palavras sobre o Batovy no qual tanto trabalhamos e onde saudosamente deixamos grande numero de moradores que, em estado differente do que se achão, tem trazido ao paiz interesses muito reaes e uteis. Não encontramos no Batovy os indios Vaurás que tambem vivem em uma das suas margens. Attribuo esse desencontro á falta de alguma canoa no porto do aldeamento. Desde a primeira aldea dos indios Bacairis o rio torna-se navegavel para pequenas embarcações. Tem mais 6 affluentes pela margem direita e dois pela esquerda e nove corredeiras sem importancia.

A sua profundidade média é de quatro metros, a largura de cincoenta. O numero total de cachoeiras é 112 e de corredeiras vinte; de affluentes pela margem direita quinze, e pela margem esquerda dezoito.

Da 1.ª aldea á foz pode ter 65 a 70 legoas por agua. Os indios Bacairis e Custanaús usão corôa e aparão o cabello de modo que ficão com a cabeça como a de um frade. Isto faz desconfiar que os frades andarão em algum tempo entre elles. Não têm barba. O rio é abundante em peixe não havendo, porém, delle muita variedade. As suas mattas têm bastante caça. Todos os indios do Batovy plantão mandioca, milho, cará, batata doce, favas: e os Custanaús têm mais um lindo feijão miudo.

Cultivão o fumo, fião e tecem algodão; e o fumo dos Custanaús é o mais bem preparado. Todos os indios envolvem o fumo em uma folha comprida, lanceada, que dá á fumaça um agradavel cheiro de balsamo. São apreciadores da musica e têm horror ao tiro.

Quando se aponta a arma, olhão para ella com muita attenção e logo que ouvem o estampido, gritão, tremem, tapão os ouvidos e pedem que não se atirem mais. A saudação dos Bacairis consiste em mostrar a palma da mão e dizer: *ama*; a dos Custanaús, em fazer tambem o mesmo acêno e dizer: *icatú*.

Todos pintão-se de preto e vermelho. Os Bacairis são mais amaveis e de phisionomia mais intelligente. Têm todos estatura mediana; são robustos e de côr mais ou menos bronzeada. Fallão com raiva dos Carayás que vindo de L. hostilisão de vez em quando os moradores da margens do Batovy. Nas mattas do Batovy encontrão-se as melhores madeiras: aroeira, peuva, o angico, o vinhatico, o cedro etc., e nas margens, desde o salto d'Alegria até proximo a fóz, estão as arvores entrelaçadas das trepadeiras da baunilha cujo delicioso per-

fume, muitas vezes, no pouso, pela manhã e á tarde, fazia-nos esquecer por alguns momentos as grandes fadigas da nossa espinhosa jornada. Encontra-se á proporção que se vae descendo para a foz do Batovy, depois do maior salto: muitas bahias, mattas e campos que apparecem alternadamente, e trabalhos dos indios que vivem nas margens do rio, sendo esses trabalhos, especies de pontes que vão das lagoas á terra firme, servindo não só para darem passagem como para prenderem os peixes.

O illustrado e sabio Dr. Carlos von den Steinen disse na mesma sessão de tres de Dezembro, « que a nossa fauna é escassa e que só por si a caça seria insufficiente para alimentar a expedição. » — Não é possivel que a expedição esteja toda de accôrdo n'isto. Creio mesmo que o illustre explorador enganou-se. E' verdade que nos chapadões não póde haver abundancia de caça, por isso que nesses terrenos só ha quasi pasto.

A expedição, porém, lembra-se perfeitamente que sempre encontrára veados e jabotys e outros animaes nos chapadões. Os chapadões que, como já disse e todos sabem, quasi que contêm só pasto não deixão de ter mattas destacadas que os sertanejos chamão ilhas ou capões e a expedição ainda tem presente que houve dias em que matavamos de oito a dez aves quasi sem trabalho. E nunca interrompemos a viagem para procurar caça.

Os indios protestão com certesa contra quem disser que a nossa fauna é escassa. Se uma expedição não podesse alimentar-se de caça pelo interior do Brazil, como viverião os indios? Elles que morão nas mattas, onde procurarião o seu alimento?

E' certo que os moradores do Batovy vivem mais da pesca do que da caça, porém, cação tambem muito e quando sahem para as mattas vão em grande numero trazendo de regresso muitas aves e outros animaes que guardão por muitos dias conservando-os moqueados.

Se, porém, a abundancia de caça consiste em não fugir esta do viajante e ao contrario vir procural-o e collocar-se nos caminhos, então creio eu que todos concordão em que a caça no Brazil é pouca, quasi não ha. O rio do Batovy tão aproveitavel pelo que possue, póde ser muito util á provincia de Matto-Grosso.

Uma estrada de rodagem, partindo da margem direita do Paranatinga, da altura do aldeamento dos Bacairis mansos e seguindo mais ou menos o rumo N. E., irá ter ao primeiro aldeamento de Bacairis ainda selvagens, á margem esquerda do Batovy na lat. de 13°—14'.

Esta estrada não chegará a sessenta legoas, tal vez mesmo a cincoenta. E, uma vez estabelecida a communicação com a cidade de Cuyabá terá a gente civilisada chamado a si todos os moradores do Batovy, que são de caracter pacifico, trabalhadores e os melhores que se póde desejar; e ficará de posse de um magnifico terreno proprio para colonias agricolas e pastoris, e onde a par de muitas riquezas vegetaes é possivel que se encontrem tambem mineraes.

Chegamos, como disse, a 30 ás 3 horas da tarde ao grande rio, tendo entrado nelle pela margem direita. A' sahida da foz do Batovy demos algumas descargas em regosijo do nosso encontro com o gran-

de rio. Logo abaixo da foz do Batovy ha uma linda bahia, á margem direita. As aguas do Batovy e do grande rio cahem em outro maior vindo de S. E. apresentando uma foz de 380 metros de largura e parecendo o rio principal.

Em frente a esta foz vê-se outra bahia tendo uma grande ilha em sua entrada. São estes tres rios, o Ronuro a S. O., o Batovy, seu affluente pela margem direita e o Colyseo de S. E., recebendo as aguas dos dois primeiros pela margem esquerda, que constituem as grandes cabeceiras do Xingú; engrossados pelos pequenos rios, ribeirões e vertentes dos chapadões limitados a O. pelo Jatoba e Bugio que formão o Ronuro e a L. por outras aguas que correndo de 12 a 16 legoas do Batovy formão o Colyseo.

Achou o engenheiro a juncção dos tres rios na latitude de 12.° Todas as aguas ahi reunidas formão uma grande bacia banhando um immenso areal que no tempo secco descobre-se e serve de pouso a uma grande quantidade de aves aquaticas. Essa immensa bacia, que contêm tantas aguas e que está guarnecida de numerosissimas mattas que realção a sua belleza, como que apresenta uma abertura por onde escoão-se as aguas que dirigindo-se ao N. mostrão o grande curso do Xingú.

Passamos no areal ás 3 1|2 da tarde. O Ronuro tem a foz de 280 a 300 metros de largura. Tivemos nesse lugar muito peixe e ovos de tracajás. Pairavão sobre o espirito dos illustrados exploradores duvidas sobre o rio que elles suppunhão ainda que fosse o Paranatinga, que mais ao N. podia ir tomando o rumo de cahir no Tapajoz.

Fazendo-lhes eu as considerações que achava justas para provar que o rio não podia ir ao Tapajoz, não concordarão elles commigo e por isso aguardei uma occasião de poder reforçar a minha opinião. Nesse areal em que pousamos, encontramos grande quantidade de ovos de tracajás. Já do Batovy, abaixo do Salto d'Alegria, vinhamos encontrando delles pelas praias. A 31 de Agosto ás 6 horas da manhã, quando nos preparavamos para continuar a viagem, não vi no porto a canoa em que eu viajava e onde vinhão as minhas cargas e papeis officiaes para a presidencia do Pará. Foi um choque horrivel para toda a expedição.

Mandei logo duas pessoas procural-a, ás 11 horas voltarão trazendo a canoa, que havia sido levada pelo vento S. que havia á noite, não tendo havido perda alguma. O dia 30 fôra para nós cheio de prazer. Não acontecera o mesmo com o trinta e um.

A's 9 horas da manhã desse dia apparecerão os indios Tramalhys em numero de 43 em 15 canoas de casca. A' 30 já tinhão apparecido em numero de 4 ás 6 da tarde, descendo o Coliseo em uma pequena canôa. Chamei-os muito, mostrei-lhes lenços e bandeiras; vinhão já aproximando quando um dos nossos cães começa a latir e correr para o lado do rio.

Pararão os indios por algum tempo e depois voltarão a toda pressa rio acima. Esperando-os no dia seguinte, preveni a gente para que empregasse todos os meios afim de chamal-os á falla.
Assim que os vi no dia 31, mandei logo toda a gente chamal-os, mostrou-lhes lenços e roupa e aproximei-me o mais que foi possivel acenando-lhes muito.

Elles fazião uma algazarra infernal fallando todos ao mesmo tempo, batendo contra o peito e gritando: icatú—Tramalhy. Resolvi mandar encostar a elles uma de nossas canoas com tres praças, armadas, para o caso de serem atacadas. Foi uma acertada medida. Assim que virão a nossa canôa unir-se a uma delles, derão todos um grito de alegria e immediatamente desembarcarão.

Um que parecía-me o chefe, chegou-se logo a mim e deo-me abraço. Levei-o para onde estavão as nossas barracas. Já elle tinha posto o meu chapéo sobre a sua cabeça e segurava alguns dos peixes que tinhamos na praia e que lh'os haviamos dado quando ouvimos um tiro. Foi como uma corrente electrica estabelecida por todos os indios. Derão ao mesmo tempo um grito de horror, atirarão-se na agua e tratarão de fugir.

Na fuga conduzirão com o meu chapéo e do desenhista e duas armas que tinhão pedido aos soldados para vêr; sem importar-me do terror dos indios, mandei novamente uma canoa atraz para ver se os fazia voltar e tomava os chapéos e armas. Elles não queria mais nem uma conversação comnosco. Fazião signal aos soldados para que voltassem e finalmente vendo que estes continuavão a seguil-os começarão de preparar os arcos. Os soldados vendo esta resolução dos indios perguntão-me se podem atirar.

Fallavão-me de grande distancia de maneira que pouco se podia ouvir o que dizia um ao outro. Eu respondi-lhes que não; e elles suppoem o contrario e fazem fogo. E' preciso declarar em tempo que as praças desde o começo da viagem por agua tinhão ordem minha para nunca apontarem em indio algum e para atirarem sempre para o ar quando fosse necessario fazerem fogo. O fogo tendo sido feito para o ar não offendeo se quer um só dos indios, mas fez cahirem todos n'agua e ganharem a barranca do rio para onde se retirarão deixando canôas, arcos, flechas e ornamentos, bem como, as armas dos soldados e o meu chapéo, ficando perdido o do desenhista.

As nossas canoas já bastante estragadas forão substituidas pelas delles. Guardamos algumas armas e sendo examinadas essas armas e as canoas reconhecemos que os indios vinhão preparados para a paz e para a guerra. Para o primeiro caso, tinhão bejús, fumo e ornamentos para nós, e para o segundo grande quantidade de flechas bem aguçadas e grossos cacetes.

Se não houve infelizmente uma boa paz, não tivemos felizmente guerra. Indaguei depois sobre o tiro que tinha sido origem do desastre. O desenhista disse-me que um indio querendo a todo o custo tomar-lhe a espingarda, puchava-a pelo cão, fazendo-a incontinentemente disparar. Acreditei no que contou-me o Sr. Guilherme von den Steinen, mas com alguma desconfiança porque no aldeamento dos indios Custanaús já elle havia disparado de proposito para o ar a sua arma. O tiro inesperadamente ia causando quasi a fuga dos poucos indios que ali encontramos.

Se trago a luz estes factos não é por espirito de maldade nem por que veja nelles algum desár para este ou aquelle individuo e sim para impedir que mais tarde appareção completamente transformados e com prejuizo para mim; pois tendo eu sob o meu commando uma força militar, não deveria deixar de ser castigado na desobediencia ás ordens do governo, praticadas por soldados.

Reparando ligeiramente nos indios Tramalhys, notei que elles usão o cabello como os Bacairis e que puxando para diante formão nm bico que atão com um cordão. Preparamo-nos para sahir no mesmo diã 31 e ao 1ᵽ2 dia proseguimos na viagem pelo grande rio parando ás 4 1ᵽ2 da tarde em uma extensa praia.

(Continúa).

QUADRO dos Governadores e Capitães Generaes da Capitania de Matto-Grosso, elevada a Capitania independente a 9 de Maio de 1748.

	NOMES	NOMEADO POR	TOMOU POSSE A	DUROU O GOVERNO			OBSERVAÇÕES
				ANNOS	MEZES	DIAS	
1	D. Antonio Rolim de Moura Tavares, depois Conde de Azambuja	C. R. de 22 de Setembro de 1748	17 de Janeiro de 1751	13	11	14	Tendo sido deposto o General Magessi em 20 de Agosto de 1821, passou a provincia a ser administrada por duas Juntas Governativas Provisorias, a saber: uma na cidade de Cuyabá installada e juramentada no mesmo dia da deposição, composta dos seguintes membros: Presidente D. Luiz, Bispo de Ptolomaida, Prelado de Cuyabá, Secretario Capitão Luiz de Alencourt, Deputados Vigario Geral Agostinho Luiz Gularte Pereira. Tenentes-Coroneis Antonio Navarro de Abrêo, Felix Merme, Jeronymo Joaquim Nunes, Sargento mór, André Gaudie Ley, Commissario da Bulla José da Silva Guimarães e João José Guimarães e Silva; e outra na Cidade de Matto-Grosso, installada e juramentada em 21 de Setembro do dito anno, composta dos seguintes membros: Presidente, o Vigario José Antonio de Assumpção Baptista, Secretario Manoel Theodoro Tavares da Silva, Deputados, Capitães Manoel Velloso Rabello e Vanconcellos e José da Silva Gama e Cunha, Reverendo Joaquim Teixeira Coelho, Tenente Luiz Antonio de Souza, Capitão Joaquim Vieira Passos, Ajudante Matheus Vaz Pacheco e Quartel Mestre João Francisco dos Guimarães. Estes dous ultimos forão depostos em 5 de Janeiro de 1822 e substituidos pelo Sargento-mór João Paes de Azevedo e Reverendo José da Silva Fraga, os quaes forão juramentados e empossados no mesmo dia. — Em virtude da Carta Regia de 18 de Novembro de 1822 deixarão de funccionar as referidas Juntas em 17 de Agosto de 1823, sendo installada, juramentada e empossada nesse dia a Junta do Governo Provisorio, composta dos seguintes membros: Presidente Manoel Alves da Cunha, Secretario Tenente-Coronel Felix Merme, Deputados, Capitão-mór José da Silva Gama e Cunha, Capitão Manoel Velloso Rabello e Vasconcellos, Sargento-mór João Paes de Azevedo, Tenente-Coronel João Paupino Caldas e Capitão Caetano da Costa Araujo Mello.
2	João Pedro da Camara	C. R. de 6 de Junho de 1763	1.º de Janeiro de 1765	4		2	
3	Luiz Pinto de Souza Coutinho, depois Visconde de Balsemão	C. R. de 21 de Agosto de 1767	3 de Janeiro de 1769	3	11	10	
4	Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.	Patente de 26 de Junho de 1771	13 de Dezembro de 1772	16	11	7	
5	João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.	C. R. de 17 de Outubro de 1788	20 de Novembro de 1789	6	3	8	
	Ouvidor Antonio da Silva do Amaral Tenente-Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra Vereador Marcelino Ribeiro	Governo interino por fallecimento do Capitão General	29 de Fevereiro de 1796		8	6	
6	Caetano Pinto de Miranda Montenegro, depois Marquez da Praia Grande	C. R. de 18 de Setembro de 1795	6 de Novembro de 1796	6	9	9	
	Ouvidor Manoel Joaquim Ribeiro Coronel Antonio Felippe da Cunha Pontes Vereador José da Costa Lima, substituido por Manoel Leite de Moraes em 1.º de Janeiro de 1804	Governo interino por ausencia do Capitão General	15 de Agosto de 1803		11	3	
7	Manoel Carlos de Abrêo e Menezes	Patente de 2 de Agosto de 1802	28 de Julho de 1804	1	3	11	
	Ouvidor Sebastião Pita de Castro, substituido pelo Dr. Gaspar Pereira da Silva Navarro em 24 de Maio de 1806 Coronel Antonio Felippe da Cunha Pontes, substituido pelo Tenente-Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra em 12 de Dezembro de 1806 Vereador José da Costa Lima, substituido por Marcelino Ribeiro em 1.º de Jan.º de 1806, e este por Francisco de Salles Brito em 1.º de Janeiro de 1807	Governo interino por fallecimento do Capitão General					
8	João Carlos Augusto Ocynhausen Grevenburg depois Marquez de Aracaty	C. R. de 9 de Julho de 1806	18 de Novembro de 1807	11	1	19	
9	Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho depois Barão de Villa-Bella	C. R. de 7 de Julho de 1817	6 de Janeiro de 1819	1	7	14	

QUADRO dos Presidentes e Vice-Presidentes da Provincia de Matto-Grosso.

	NOMES	Cartas Imperiaes que os nomearão	Datas de suas posses	Quando passarão a administração	Tempo de duração do Governo			OBSERVAÇÕES
					Annos	Mezes	Dias	
1	José Saturnino da Costa Pereira	21 de Abril de 1824	10 de Setembro de 1825	10 de Abril de 1828	2	7		
	Vice-Presidente Jeronymo Joaquim Nunes		10 de Abril de 1828	1.º de Janeiro de 1830	1	8	21	
	» » André Gaudie Ley		1.º de Janeiro de 1830	21 de Julho de 1831	1	6	21	
2	Antonio Corrêa da Costa	20 de Abril de 1831	21 de Julho de 1831	19 de Abril de 1833	1	8	29	
	Vice-Presidente André Gaudie Ley		19 de Abril de 1833	4 de Dezembro de 1833		7	15	
	» » Antonio Corrêa da Costa		4 de Dezembro de 1833	24 de Maio de 1834		5	20	
	» » José de Mello Vasconcellos		24 de Maio de 1834	26 de Maio de 1834			2	
	» » João Paupino Caldas		26 de Maio de 1834	22 de Setembro de 1834		3	27	
3	Antonio Pedro de Alencastro	4 de Janeiro de 1834	22 de Setembro de 1834	31 de Janeiro de 1836	1	4	9	
	Vice-Presidente Antonio Corrêa da Costa		31 de Janeiro de 1836	24 de Fevereiro de 1836			24	
	» » Antonio José da Silva		24 de Fevereiro de 1836	26 de Agosto de 1836		6	2	
4	José Antonio Pimenta Bueno, depois Marquez de S. Vicente	5 de Novembro de 1835	26 de Agosto de 1836	21 de Maio de 1838	1	8	26	
	Vice-Presidente José da Silva Guimarães		21 de Maio de 1838	16 de Setembro de 1838		3	25	
5	Estevão Ribeiro de Rezende	9 de Fevereiro de 1838	16 de Setembro de 1838	25 de Outubro de 1840	2	1	9	
	Vice-Presidente Antonio Corrêa da Costa		25 de Outubro de 1840	28 de Outubro de 1840			3	
6	José da Silva Guimarães	30 de Julho de 1840	28 de Outubro de 1840	9 de Dezembro de 1842	2	1	12	
	Vice-Presidente Antonio Corrêa da Costa		9 de Dezembro de 1842	11 de Maio de 1843		5	2	
	» » José da Silva Guimarães		11 de Maio de 1843	7 de Agosto de 1843		2	27	
	» » Manoel Alves Ribeiro	31 de Março de 1843	7 de Agosto de 1843	5 de Outubro de 1843		1	28	
	» » José Mariano de Campos	31 de Março de 1843	5 de Outubro de 1843	24 de Outubro de 1843			19	
7	Zeferino Pimentel Moreira Freire	17 de Março de 1843	24 de Outubro de 1843	27 de Setembro de 1844		11	3	
8	Tenente-Coronel Ricardo José Gomes Jardim	9 de Maio de 1844	27 de Setembro de 1844	5 de Outubro de 1847	2	6	8	Accumulou o cargo de Commandante das Armas.
9	João Chrispiniano Soares	17 de Setembro de 1846	5 de Abril de 1847	6 de Abril de 1848	1		1	
	Vice-Presidente Manoel Alves Ribeiro	9 de Junho de 1845	6 de Abril de 1848	31 de Maio de 1848		1	26	
	» » Antonio Nunes da Cunha	18 de Janeiro de 1848	31 de Maio de 1848	27 de Setembro de 1848		3	27	
10	Major Joaquim José de Oliveira	28 de Março de 1848	27 de Setembro de 1848	8 de Setembro de 1849		11	12	Accumulou o cargo de Commandante das Armas.
11	João José da Costa Pimentel	11 de Junho de 1849	8 de Setembro de 1849	11 de Fevereiro de 1851	1	5	3	
12	Augusto Leverger, depois Barão de Melgaço	7 de Outubro de 1850	11 de Fevereiro de 1851	1.º de Abril de 1857	6	1	18	
	Vice-Presidente Albano de Souza Ozorio	31 de Outubro de 1843	1.º de Abril de 1857	28 de Fevereiro de 1858		11		
13	Chefe de Divisão Joaquim Raymundo de Lamare	5 de Setembro de 1857	28 de Fevereiro de 1858	13 de Outubro de 1859	1	7	13	Depois Almirante grad.º e Veador de S. M. a Imperat.
14	Tenente-Coronel Antonio Pedro de Alencastro	13 de Junho de 1859	13 de Outubro de 1859	8 de Fevereiro de 1862	2	3	25	Accumulou o cargo de Commandante das Armas.
15	Senador Herculano Ferreira Penna	2 de Outubro de 1861	8 de Fevereiro de 1862	12 de Maio de 1863	1	3	3	
	V. P. Chefe d'Esquadra ref. Augusto Leverger, depois Barão de Melgaço	22 de Setembro de 1857	12 de Maio de 1863	15 de Julho de 1863		2	2	
16	General Alexandre Manoel Albino de Carvalho	21 de Maio de 1863	15 de Julho de 1863	9 de Agosto de 1865	2		24	
	V. P. Chefe d'Esquadra ref. Augusto Leverger depois Barão de Melgaço	22 de Setembro de 1857	9 de Agosto de 1865	13 de Fevereiro de 1866		6	3	Accumulou o cargo de Commandante das Armas.
17	Chefe d'Esquadra Barão de Melgaço	2 de Outubro de 1865	13 de Fevereiro de 1866	1.º de Maio de 1866		2	16	Accumulou o cargo de Commandante das Armas.
	Vice-Presidente Albano de Souza Ozorio	15 de Março de 1853	1.º de Maio de 1866	2 de Fevereiro de 1867		9	1	
18	Doutor José Vieira Couto de Magalhães	22 de Setembro de 1866	2—2—1867 5—7—1868	13—4—1868 17-9-1868	1	4	23	Tendo seguido para o rio Araguaya, afim de inaugurar a navegação a vapor d'aquelle rio e seguir para a Côrte a tomar assento na Camara temporaria, voltou d'aquelle ponto depois de inaugurada a mesma navegação e chegando a esta Capital a 4 de Julho de 1868, reassumio no dia seguinte a administração.
	Vice-Presidente Barão de Aguapehy	15 de Março de 1853	13 de Abril de 1868	5 de Julho de 1868		2	23	
	» » Albano de Souza Ozorio	15 de Março de 1853	17 de Setembro de 1868	19 de Setembro de 1868			2	
	» » Cirurgião-Mór ref.º do ex.º Dr. José Antonio Murtinho	5 de Agosto de 1868	19 de Setembro de 1868	26 de Março de 1869		8	8	
19	Chefe d'Esquadra reformado Barão de Melgaço	25 de Julho de 1868	26 de Março de 1869	10 de Fevereiro de 1870		8	15	Accumulou o cargo de Commandante das Armas.
	Vice-Presidente Luiz da Silva Prado	31 de Julho de 1868	10 de Fevereiro de 1970	29 de Maio de 1870		3	17	
	» » Antonio de Cerqueira Caldas, depois B. de Diamantino	11 de Dezembro de 1869	29 de Maio de 1870	12 de Outubro de 1870		4	14	
20	Conselheiro Francisco Antonio Raposo	31 de Maio de 1870	12 de Outubro de 1870	27 de Maio de 1871		7	14	Accumulou o cargo de Commandante das Armas.
	V. P. Antonio de Cerqueira Caldas, depois Barão de Diamantino	11 de Dezembro de 1869	27 de Maio de 1871	29 de Julho de 1871		2	1	
21	Tenente-Coronel Francisco José Cardoso Junior	15 de Abril de 1871	29 de Julho de 1871	25 de Dezembro de 1872	1	4	27	Accumulou o cargo de Commandante das Armas.
22	General José de Miranda da Silva Reis	25 de Outubro de 1872	25 de Dezembro de 1872	6 de Dezembro de 1874	1	11	19	Accumulou o cargo de Commandante das Armas.
	Vice-Presidente Barão de Diamantino	11 de Dezembro de 1869	6 de Dezembro de 1874	5 de Julho de 1875		11	29	
23	General Hermes Ernesto da Fonseca	1.º de Maio de 1875	5 de Julho de 1875	2 de Março de 1878	2	7	28	Accumulou o cargo de Commandante das Armas, tendo servido este cargo desde 23 de Junho de 1875.
	Vice-Presidente Barão de Aguapehy		2 de Março de 1978	6 de Julho de 1878		4	4	
24	Doutor João José Pedrosa	16 de Abril de 1878	6 de Julho de 1878	5 de Dezembro de 1879	1	4	29	
25	General Barão de Maracajú	9 de Outubro de 1879	5 de Dezembro de 1879	2 de Maio de 1881	1	4	27	Accumulou o cargo de Commandante das Armas.

INDICE

Paginas

A QUEM LÊR (Exordio) 1

INFORMAÇÕES ministradas ao Presidente da Provincia de Matto-Grosso, Augusto Leverger, por João Baptista Prudencio, sobre as necessidades mais urgentes e remediaveis do municipio de Diamantino, em 1854 3

DATAS MATTO-GROSSENSES Notas biographicas do Bispo de Cuyabá, D. José Antonio dos Reis, por Estevão de Mendonça 12

INFORMAÇÕES prestadas pelo chefe de esquadra reformado Augusto Leverger, Presidente da Provincia de Matto-Grosso, sobre o traçado de uma estrada que communique a capital desta então Provincia com a cidade de Santarém, no Pará 13

CARTAS REGIAS de 1771 a 1803 relativamente ao Governo da Capitania de Matto-Grosso 15

RELATORIO da viagem exploradora de Matto-Grosso ao Pará, pelo Xingú, apresentado ao Ministerio da Guerra em 1885 pelo então capitão de infantaria Francisco de Paula Castro 27

QUADRO DOS GOVERNADORES E CAPITÃES GENERAES da capitania de Matto-Grosse de 1748 a 1823.....

QUADRO DOS PRESIDENTES E VICE-PRESIDENTES da Provincia de Matto-Grosso de 1824 a 1881.....

ERRATA 47

Publicação feita sob os auspicios do Ex.mo Snr. Coronel Antonio Pires de Barros.

VOLUME II

Cuyabá, XX 1905.

ANNO I

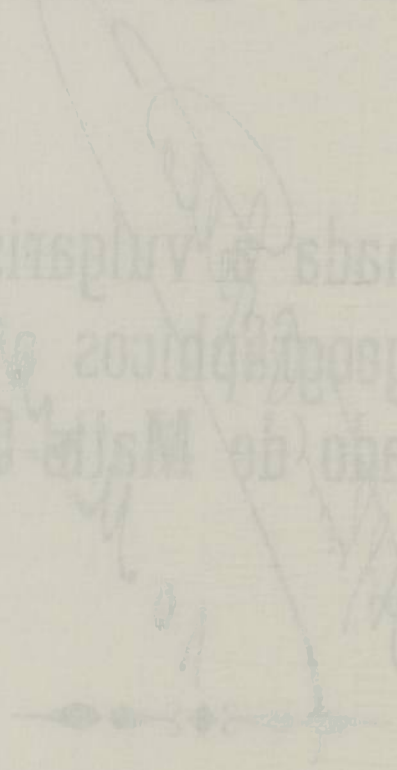
O ARCHIVO

Revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso.

Publicação feita sob os auspicios do Ex.mo Senr. Coronel Antonio Paes de Barros.

VOLUME II

Cuyabá, XX 1905.



AO LEITOR

Ao publicar o segundo volume d'*O Archivo*, agradecemos á imprensa matto-grossense, representada pelos seus illustres orgãos *Gazeta Official*, *O Estado*, *O Matto-Grosso*, *O Rebate* e *Revista Matto-Grosso*, desta capital, e *Autonomista*, de Corumbá, bem como, a todas as pessôas que nos dirigiram palavras animadoras, — o acolhimento franco e benevolo que dispensaram ao primeiro volume desta Revista.

É certo que para levarmos ao fim esta tentativa, não serão pequenos os obstaculos com os quaes teremos de enfrentar, constituindo já uma recompensa aos nossos esforços e ás nossas, fadigas, o facto de ter sido exgotada em pouco tempo a edição do primeiro volume.

Com desvanecimento podemos affirmar que *O Archivo* continúa a merecer do Exm.º Snr. Coronel Antonio Paes de Barros o mesmo valioso e indispensavel auxilio que tem recebido de S. Exc.ª desde o seu apparecimento.

Podemos ainda asseverar, que proseguiremos na nossa trabalhosa empreza alimentados pela esperança de que, assim o fazendo, estamos cooperando com as nossas limitadas forças, para o desenvolvimento desta terra que nos servio de berço, e que está fadada para os mais gloriosos destinos.

Cuyabá, Fevereiro de 1905.

(A DIRECÇÃO)

Cartas Regias de 1771 até 1803

Relativamente ao governo da Capitania de Matto-Grosso

(*Continuação*)

N. 2» P.ª D. Ant.º Rolim de Moura.

1 A Sua Mag.ᵉ forão prez.ᵗᵉˢ as duas cartas que V.S.ª dirigio a Real Prezença domesmo Snr. por esta Secretaria de Estado nas datas de 11 de Dezembro de 1756 e de 20 de Abril de 1757 referindo V.S.ª nellas que os Religiosos Espanhoes da Companhia que seachão estabelecidos nas 22 Aldeas da Margem occidental do Rio Guaporê, e nas mais chamadas Missoens, das Fronteyras dessa capitania, pertendião continuar as Invazoens q. no Territorio da mesma Capitania havião feito o P.ᵉ Romon Lainés, atrahindo para este effeito alguns certanistas Portuguezes; eprezenteando os viandantes do Parâ, para o Matto-Grosso, aofim de lhesdarem atroco demantimentos, apolvora, exumbo,que não podem obter do Parâ senão agrande presso emuito inferiores.

2 Tudo isto combina com o que V.S.ª noshavia avisado, em 26 e 29 de Junho do anno de 1756—principalmente, no ponto de sehaver descoberto, que intendendose antes que os Indios Payaguazes, erão ferozes, e imcapazes de Sociedade, atem effectivamente com os Castelhanos (que nesta Fronteyra, são os Padres) os quaes vendo os mesmos Indios inclinados aos Portuguezes, os desvião sugerindolhes, que antes oshão de fazer escravos.

3 E como aomesmo tempo seavizou da Capitania de Goyaz q' nella havião os Indios (para nós ferozes eincapazes de Sociedade, epara osditos Padres manços pusilanimes, esugeitos aservirem como sefossem irracionaes) asaltado easolado duas Aldeas que se havião estabelecido acustada Fazenda Real, matandose todas as Pessoas, que não erão Religiosas da Companhia, ou adherentes seus: Que com omesmo diabolico espirito naCapitania de S. José do Rio Negro, havião as Doutrinas dos mesmos Padres, corrompido desorte aimaginação dosSoldados, que fizerão huma sublevação no Arrayal de Marivâ, Saqueando e roubando os Armazens, epassando (segundo informação que tinha havido) para as chamadas Missoens, ou verdadeyramente colonias Jezuitas, dos Dominios de Espanha. Que tambem namesma Capitania entrarão nas Aldeas de Cabouquena, eoutras daquellaparte, Matando hum Paroco Carmelita, hum Principal, eoutras pessoas, e Roubando, equeymando a igreja, eamayor p.ᵗᵉ das casas de huma dellas. E que semelhantem.ᵉ, enomesmo Espirito das irreligiosas, edetestaveis sugestoens que os mesmos Padres tinhão feito aos Indios Manços das Sete Aldeas que foram cedidas a S. Mag.ᵉ na margem oriental do Rio Uroguay, oshavião persuadido aseinternarem outravez nos Mattos incultos, eagrestes para recahirem no Paganismo, ena infedilidade, depois deseacharem no Gremio da Igreja: Não poderão deyxar de Resultar destes antecedentes na seria consideração deste Negocio tres consequencias tão certas, como são: 1.ª Que ossobreditos Religiosos, nos fizerão sempre (e continuão ainda) huma durissima Guerra nas Fronteyras desses certoens, para nos desviarem dellas, desorteque nem penetremos os Segredos das suas colonias, nem embarassé-

mos osprogressos das suas conquistas—2.ª Que, ou Sua Mag.e havia de obviar aestas insolencias, ou não tinha Brazil para dêz annos—3.ª Que por isso sedevem aplicar aestefim, todos osmeyos que apossibilidade nos puder permittir.

4 Os queV.S.ª tem applicado (tão judiciosa, eprudentm.e como a S. Mag.e constou pelos Documentos que acompanharão as refferidas cartas, especialm.e o depublicar o Bando n.º 5.º dos papeis inclusos, na primeyra dellas,em quedeclarou justissimam.e Reos do Crime de Lesa Mag.e todos os Portuguezes, que acompanhassem os Padres nas refferidas entradas, ou lhes vendessem armas emunições para sustentarem aguerra, que nos fazem, eodas guardas que mandou por no sitio das Pedras) comprehenderão tudo oque cabia na actividade, e no zelo do Real Servisso; nos termos das poucas possibilidades dessa Capitania, enos das circunstancias que erão prezentes a V.S.ª athê otempo das referidas cartas.

5 Tambem S. Mag. fica certo em que V.S.ª terá dado mayor vigor aos referidos meyos depois das amplas Ordens que lhe participei na de sete de Julho do anno proximo passado pelas duas vias do Pará, e do Rio de Janr.º concedendo-lhe omesmo Senhor os Socorros, q' então permittio a ocazião para V.S.ª ter mais algumas forças dequepoder servirse.

6 Avendo porem aquelle grande mal crecido até aoponto de constituir huma estremidade perigosa, para a concervação detodo oBrazil, e do Reyno, que dependetanto desse Estado, como hê manifesto: E sendo preciso a S. Mag.e ocorrer aeste aperto portodos os modos possiveis; memanda comonicar a V.S.ª o que tem ocorrido nesta parte, desde oanno proximo passado athê agora; para que V.S.ª obre ahi nomesmo Espirito empregando ao necessario fim desegurar as Fronteyras dos Dominios do Mesmo Senhor contra essa nova Potencia Ecleziastica, antes não conhecida, todos os meyos que lhe participarey agora com apossivel indeviduação.

7 O que tem passado neste Reino e na Europa arespeito dos ditos Religiosos da companhia depois das minhas referidas Cartas de sete de Julho do anno proximo precedente constará a V.S.ª pelo catalogo, q' ajuntarei a esta Carta, epelos papeis por elle indicados.

8 Nelles verá V.S.ª que sobejando a S. Mag. os motivos para explicar todos os referidos Padres—pela via da natural defeza dos seus vaçalos, e da concervação dos seus Reinos e Dominios, como ainda sem odeclarado rompimento que tem feito os sobreditos Padres praticou El-Rey de França, e a Republica de Veneza; porque o Direito da Natural defeza hé mais antigo, doque toda aimunidade, enão admite alteração alguma, sendo tambem Direito Divino imutavel) tudoisto não obstante, sereduzio a Religiozissima Providencia do d.º Senhor aprocurar, como procura, aemenda dos vicios, que seachão inveterados no Governo dadita Religião sem permitir q' ella acabe nos seus Reinos pela total expulção dos seus Religiosos.

9 Para começar pois estes dois serissimos eneceçarios objectos tem sua Mag.e resoluto que os ditos Religiosos nestes Reinos conservem as Casas que tem nelles: E que na America sejão reduzidos aos Conventos, eCasas, que tem nos Portos do Mar eterras grandes aonde aautoridade Regia eas Justiças Ecleziasticas e Seculares tem forças coactivas para reprimir os seus abusos; innibindoos por ordens

sirculares, econforme as constituiçoens deste Reino, e Bula Apostolica do Santo Padre Benedicto decimo quarto expedida sobre esta materia para entregarem nos Certoens dos Dominios de Sua Mag.e nem ainda com omotivo especioso das Missoens que as experiencias de todo hum Seculo tem mostrado por modo defezivo q' hê mero pretexto para estabelecer Colonias, accumular interesses pecuniarios nellas, revelar Vassalos aos seus Legitimos Soberanos, perpetuar a barbaridade eimpedir a civilidade, pelo meyo daqual averião entrado no Gremio da Igreja os muitos milhares de Indios, que omedo da Escravidão e damiseria conservão nesses vastos Certoens.

10 Neste sentido pois ordena Sua Mag.e, que V. S.a acresente as providencias que tem dado nessa Capitania á demandar sahir dos Dominios dela todos quantos Religiosos dadita profição aparecerem nesses certoens, ou sejão Portuguezes, ou sejão Castilhanos; remetendo-os ao Pará, onde ha ordem para cerem transportados logo a Pernambuco, pois que só assim rezistiremos aos inimigos defóra, poupando-nos aos domesticos, quesão pelo menos huns Espioens, para avizarem detudo oque fôr nocivo ao Estado aos seus Padres Espanhoes dessas Fronteiras: osquais ignorando oque passa nessa Capitania, e nas do grão Pará, e Maranhão, hê certo que lhes faltarão nestas noticias as armas mais perigosas, com que nos estão ofendendo, para obrarem, e escreverem com mais moderação.

11 Sobre a falta degente, Artelharia, e Armas q'. V. S. representou, que não tinha para segurar a Aldêa de S. José, eanavegação do Rio Guaporé onde considerava aos pertendidos Missionarios Castelhanos facilidade de interromperem a Comonicação entre o Pará e o Matto-Grosso pela vantagem depoderem ser todos osdias socorridos em Canoas pela via do Rio Mammoré, quando adita Missão de S. José está tanto nos seus prencipios, que nem tem Povoação tão numeroza que possa sustentarse, nem pode dar mantimentos para si, epara os queforem socorrel-a: Manda Sua Mag.e dar as outras providencias seguintes.

12 Primeiramente seconformou o dito Senhor com aparecer de V. S. em ordem ao fim de V. S. fazer passar a Residencia do Ouvidor dessa Capitania da V.a do Cuyabá para essa Villa Bella da Santissima Trindade debaixo dopretexto dequevindo assistir nella por ora, emquanto durarem as demarcaçoens, e devendo empregar emdeligencias do serviço Real os Ministros de Letras, hê precizo telos junto desi, eque Sua Mag.e tem ordenado com este motivo que asim se observe por ora e emquanto não mandar o contrario.

13 Com oque crecerá Logo pela frequencia dos pertendentes essa Povoação, para ter mayor força. Servindo por Ora o Juiz de Fora de Ouvidor, no cazo, q'. o Baxarel Teatonio da Silva de Gusmão passase para as Caxoeiras; eservindo-se por Joizes Ordinarios oLugar do dito Ministro; porque alem deque V. S.a terá a sim menos quem o perturbe acrescerá hum dos dois Ordenados abem da Real Fazenda dessa Capitania onde tudo fas falta.

14 Em segundo lugar para que cressa ainda mais onumero da Gente atraindo-se a esse Governo, e terras delle os Certanistas e Furagidos que V. S.a dis que andão dispersos; porque averdade hê que sem gente nada sepode fazer, equesendo tambem serto, que fazendosenos a Guerra nas Fronteiras nellas hê que devemos por toda a nossa força. Mandará V. S.a publicar, e afflxar Edditais, asim

nessa Capital como em todos os Lugares dos mesmos Certoens, que lhe paresserem conveniente pelos quais renovo todos os previlegios, que forão concedidos para a fundação damesma Villa com as modificações seguintes.

« Que Sua Mag.e atendendo aque os Mineiros são aquelles que « com os seus uteis trabalhos hão de constituir afelicidade dessa « Capitania, eprocurando porisso distinguilos, efavorecelos quan- « to o pode permitir a apocebelidade : Hâ por bem commutar por « Espaço de dez annos contados da publicação dodito Edital em « diante adecima do Ouro que prezentemente pagão os mesmos « Mineiros do que tirão daterra nos Direitos das entradas das fa- « zendas secas e molhados que entrarem nadita Capitania pagas na « mesma forma emque searecadão nas minas das outras Commar- « cas do Brazil pelo Regimento desta impozição: para que devendo- « se desta sorte amoderada porção dos referidos Direitos de Entra- « das portodos os moradores em geral fiquem mais tolerante ato- « dos, efiquem inteiramente aleviados os Mineiros por serem aquel- « les que mais trabalho tem, emais despezas fazem para sustenta- « rem as Minnas.

« Que por quanto nesta circunstancias de não cobrar Quintosa Fa- « zenda Real não deve esta ficar com encargo dadespeza que sefaz « com a Casa da Fundição a qual todosede em utelidade dos Minei- « ros fora por elle paga por um rigoroso rateyo; pagando cada hum « conforme onumero de Oitavas que houver fundido oque direita- « mente lhepertencer nofim dos quarteis de cada anno.

15 Antes depassar as outras modificaçoens, e amplificaçoens do referido edital devo prevenir a V.Sª. sobre aeficacia desto meyo duas couzas; asaber: 1ª. que o Direito das Entradas hê omais util a Fazenda Real, omais natural, eomais Conforme a Aritmetica politica, e apratica detodas as Naçoens iluminadas q. cultivarão Minnas; as quais Naçoens nunca estabelecerão o beneficio do Erario sobre os productos das Minas mas sim sobre o consummo q. fazem os que por occazião dellas concorrem para as cultivar. 2.ª que isto hê tambem conforme ao espirito dos nossos mal instruidos Mineiros os quaes na occazião em q. se estabelecerão os Quintos pela Ley de 3 de Dezembro de *1750* clamaram em todas as commarcas para que os referidos Quintos lhesfossem comutados em grosissimas impoziçoens sobre as Fazendas secas e molhados que entrarem nas Minas.

16 E continuando oreferido Edital pode V.Sª. acrecentar nelle:

« Que os moradores que seforem estabelecer nessa Capitanianão « poderão ser executados no espaço dos referidos dez annos contados « da data domesmo Edital por dividas que houverem contraidos fora « desse territorio, exceto no cazo de averem fugido com fazenda alhe- « ya que levarem furtada

« E que sua Mage. pelo mesmo espaço de dez annos absolve de « donativo os provimentos dos Oficios da mesma Capitania paramais « seutelizarem as Partes exturquindo-lhes mayores selarios do que « derem.

« **17** Enterceiro lugar mandando El-Rey Nosso Senhor novo Go- « verno para a Capitania de Guayaz, e conhecendo que os abitantes « do Arrayal das minas da Meya Ponte serão muito mais uteis nessa « Fronteira mandou instruir neste sentimento o Governador para

« per suadir esta util transmigração apezar dadistancia aos ditos Mi-
« neiros;os quaes hê esperavel que sejão atraidos pelo engodo denão
« pagarem Quintos, aomesmo tempo que ahi são necessarios como
« na Meya Ponte inuteis os trabalhos que ali fazem no centro daquel-
« le Certão onde não podemos recear tendo tanto que temer nessa
« Fronteira.

18 Enquarto Lugar : Considerando omesmo Snr. que os mais naturaes povoadores dessas terras são os mesmos Indios primarios poçuidores eprimarios ocupantes dellas, espera que V. S.ª obrando no Espirito dos dois Alvarás de 6 e 7 de Julho de 1755 (expedidos afavor dos Indios do Pará, Maranhão ehoje comum para todos os Indios do Brazil pelo outro Alvará de 8 de Maio deste prezente anno que agora remeto a V. S.ª) faça publicar eobservar entoda essaCapitania as referidas Leis, desorte que chegue ao conhecimento detodos os Indios) sevelizados esilvestres) que El-Rey Nosso Senhor lhes tem restetuido toda a Liberdade das suas pessoas, ebens eComercio na conformidade das referidas Leis edo Regimento que seacha establecido e confirmado pelo Mesmo Senhor para o Governo politico e economico das Aldeyas que sefundarem epara ahonrra, sucego efelecidade dos seus abitantes : mandando V. S. entroduzir oclaro conhecimento destas verdades, ouporalguns delles mesmos que sejão manços ouganhados com premios para este fim util ou por alguns Certanistas que os comoniquem noseu e lioma até sepropagarem nestas partes a Lingoa Portugueza como praticou na Azia o Grande Affonço de Albuquerque com fedelidade epoliticas bem diversas dos aleivozos fins com que osditos Religiosos tem proibido emtodas as Aldeyas q' chamão suas ouzo donosso edioma.

19 Porquesendo os Indios tão Racionais como são os Religiosos por quem vivem enganados : evendo danossa parte tudo Liberdade, etudo honrra econveniencia sua, edaparte dos ditos Religiosos tudo engano, e Escravidão, etudo desprezo, erapina : hê de esperar q' esta diferença os fará empoucos tempos conhecer as imposturas q' denos lhedicerão, ebuscar os q' os favoressem fugindo atoda aprêça dos seus perseguidores.

20 Emquinto Lugar observando aprespicassissima penetração de El-Rey nossso Senhor, que emquanto senão fizerem estes Estabelecimentos não podem deixar os Religiosos, nossos maos vezinhos nesta vasta Fronteyra,depi oseguir os inçultos q' nella tem feito para nos embaraçarem por que prevem oque lhes ade sucederdepois que huma ves formos estabelecidos :

Torna Sua Magestade a ratificar a V. S.ª a Ordem que lhe participey pelos paragraphos 12 — 13 — 14 — 15 — 16 e 17 daminha Carta instrutiva de 7 de Julho do anno proximo passado para V. S.ª estabelecer o Terço dos Certanistas e Indios Bororos na conformidade doque então lhereferi mandando o mesmo Senhor agora acrecentar o seguinte.

21 Porque o dito Terço hê tão necesario que no Estabelecimento delle consiste aprincipal força q' deve sustentar esas Fronteiras. Para V. S.ª oautorizar engrandecer, egraduar os Postos delle desorte q' sefação apeteciveis avaidade dos Brazileiros : Resolveo Sua Mag.e que omeyo mais propio para estes fins hê ode V. S.ª sedeclarar Co-

ronel dodito Regimento fazendo denominar—o Regimento do General—como se pratica em Alemanha ondeos mayores Generaes são osque tem os Regimentos ; e como nesta Corte sepraticou notempo da Aclamação do Senhor Rey D. João o quarto, quando o Principe D. Teodozio, com o mesmo motivo de animar as gentes, sedeclarou Mestre de Campo de hum dos Terços da Cidade de Lisboa.

22 Tambem fora util que V. S.ª appareça algumas vezes montado acavalo diante dodito Regimento, quando fizer exercicio : Que nomêe hum Mestre de Campo Comm.ᵉ debaixo das suas Ordens, como sempre succede, quando são Coroneis Generais ou Principes Soberanos ; e quecrie hum bom Sargento Mór, ehum bom Ajudante pagos pela Fazenda Real com soldo que vencem estes postos no Brazil.

23 Alem do referido hâ S. Mag.ᵉ por bem que querendo e tendo meyos desefardar oreferido Terço possa uzar de uniformes, e que os Officiaes tragam Caireis de Ouro, ou prata, não obstante, que nunca tal se permitisse aos Auxiliares, e ordenanças deste Reino : persuadindo-lhes V. S.ª, que S. Mag.ᵉ lhes permitio esta preeminencia em attenção a ser V. S.ª o Coronel ; e estabelecendo-se emfim tudo isto por outro Eddital com aoutra prerogativa, deque S. Mag.ᵉ ha, alem de tudo por bem, que os Officiais do mesmo Regimento (que sera melhor ser de Cavalaria auxiliar, cabendo nopossivel) desde oposto de Alferes athé ode M.ᵉ de Campo incluzive, sejão despachados, como os das Tropas pagas deste Reino, sem embargo do Decreto do anno de 1706, que não permite, que os Officiaes dos Auxiliares, e Ordenanças, sejão despachados pela Secretaria de Estado das Mercês.

24 O quetudo V. S.ª verá bem q. hê ordenado a se compensar com estas honrras, e distinçoens, ecom asconveniencias, queforão indicadas no §. 17 da minha dita carta de 7 de Julho do anno proximo passado, a falta de soldos, que o Real Erario dessa Capitania não pode por hora permitir, que se estabeleção atodos os sobre ditos Officiaes e Soldados : Sendo estes promiscuamente Reiniculas e Indios paraque os Segundos (quero dizer os Indios) conheção que os primeiros(isto hê as Reiniculas) oshonrrão como amigos, e como Camaradas que hê couza que não poderâ deixar defazer grande impressão nos outros Indios que os tais Religiosos tratão como Captivos para fugirem para os Dominios de S. Mag.ᵉ.

25 Em sexto lugar tambem Sua Mag.ᵉ mandou Ratificar aos Governos de Guayaz, edo Parâ as Ordens de socorrerem a V. S.ª contudo oquelhe for pocivel na conformidade doq' avizei a V. S.ª pelos §§ 8 e 9 da minha Carta instructiva de 7 de Julho do anno proximo precedente acrecentando tambem agora omesmo Snr. ao dito respeito : 1.º a ordem que se expede ao G.ᵒʳ do Pará afim de que tomando as necessarias informaçoens sobre os fundos da navegação que sefas daquela Cidade até o Rio Guaporé e logares dele onde V. S.ª concidera util, enecessario, o Curso da Galé Artilhada que deve cobrir aquellas Costas, afaça logo construir epreparar a toda adeligencia avizando pella primeira embarcação das muitas q' a Companhia traz no giro do Comercio dos Negros, da Terra g.ᵉ Mastreação massame e Calibre, enumero das Peças q' nececita para se lhes remeterem pelos mesmos Navios do giro sem esperar Frota. 2.· A outra

ordem deseremeterem a V. S.ª as Armas e Moniçoens de Guerras que a pocebelidade permetir emquanto não chegar mayor provim.to destes generos que daqui sefará transportar com apocivel brevidade sem que esqueça a Pessa de amiudar.

26 Em 7.· lugar, pelo que pertence afundos pecuniarios, sem os quaes hê certo, que nada sepode ou costuma fazer confia S. Mag.e ao prudente, ebem regulado arbitrio de V. S.ª a applicação dos productos dessa Providoria, onde mais necessarios forem, Segundo a exigencia, e urgencia dos Cazos; productos, que consestindo actualmente: primo nos Dizimos dos Fructos das Terras da mesma Capitania: segundo nos Quintos e direitos das Minas do Cuyabá: Tercio no rendimento do Direito das Entradas, que se comutão no lugar dos Quintos desse territorio do Matto-Grosso, se espera, que vão crescendo, eavultando aproporção que engrossar a Povoação pelos meyos que Sua Mag.e manda applicar agora para V. S.ª atrahir asi os Mineiros, Sertanistas, vagabundos e Indios dispersos.

27 Porque porem não hé pocivel que tudo isto prencepie afructificar desde logo em termos competentes manda Sua Mag.e ratificar a V.S.ª e ao novo Governador, e Provedor da Fazenda de Goyaz as Ordens que já se lhes expedirão os annos proximos passados para V.S.ª se Soccorrer eser socorrido por aquele Governo.

Eomesmo mandou S. Mag.e repetir ao Governador do Pará, pelo que pertence aos generos de Resgate, e de Comercio, que continua transportar a Companhia Geral daquelle Estado.

28 Sobre isto memanda S. Mag.e participar a V.S.ª que refletindo V. S.ª em que a amayor parte dagente que deve entrar denovo nesse Estado será atraida pela cobiça das Minas, eque tambem amayor parte dos que já seacham ahi estabelecidos são Mineiros.

Emque estes são porisso os que tem mayor influencia nesses póvos:

Emque os tais Mineiros vem facilm.te emtoda aempozição que grave o commum çomtanto que elles possão utilizarse do Ouro no seu partecular como prova o exemplo dos abitantes das Minas Geraes, que deixo acima ponderados emque a absolvição dos Quintos, ou Decimos, q.' prezentemente sepagão nessas Minas disporá os Mineiros dellas para tudo oque V.S.ª lhes propuzer segundo as aparencias:

Emque os Direitos das Entradas dos generos, que vão atão remotas distancias, não avultarão muito emhum tempo no qual nos hê tão nessesario fertelizar portodos os modos pociveis os Fundos dessa Provedoria:

Nestas circunstancias memanda Sua Mag.e (digo) partecipar a V. S.ª que será muito util q.' V.S.ª comtodo ogeito emodo que saberá empregar, tomando por motivo anecesidade publica desedefenderem essas Minas contra os seus infestissimos vezinhos, veja sepode estabelecer alguma nova impozição suave sobre os generos de mais ordinario e de mayor cosummo; porque por pequeno queseja arespeito decada pesoa noseu particular, sempre chegando atodos, fara hum grande vulto.

29 Para mais animar e facelitar amesma contribuição pode V.S.ª persuadir, q.' hé tão nesesaria que V.S.ª para dar della exemplo, toma sobre si preferir anecessidade dadefeza edasegurança delles abitantes do Matto Grosso até amesma urgencia da Capital deste Reino mandando meter no Cofre dessa Provedoria, edespendendo delle

para os referidos efeitos até os mesmos donativos que essa Camera eado Cuyabá offerecerão para acalamidade do Terremote de Lisboa.

E com effeito há Sua Mag. por bem que V.S.ª faça esta applicação, não só para exemplo, como asima digo: mas tambem porque asim opede anecessidade.

30 O mesmo Senhor conciderando que avaidade dos Brazileiros os leva facilmente para excessos de despezas aplicadas ao que menos importa, ou alem do que he necessario, destetuindo-se asim de meyos para oque hé mais precizo, manda prevenir aV. S.ª que espera que V.S.ª cuide em morigerar essas gentes desorte que cortando por tudo oque forem festas, e ostentaçoens superfluas da vaidade para aqual tomão asvezes pretestos athe os mesmos Santtos faça V.S.ª com os seus exemplos e com as suas praticas hum novo, eproveitozo espirito, que transfira avaidade dos mesmos Brazileiros para objectos que sejão uteis ao Estado: Como v. g. para terem boas companhias os que forem officiais dellas; bons cavallos, os Segundos boa destreza em atirarem ao alvo nos dias que não forem de trabalho; boa ospitalidade com os Colonos que vierem de novo; recebendo-os com Caridade deproximos; e ajudando-os depois como amigos; e como camaradas para que mais facilmente possão estabelecerse, &.

31 Para V.S.ª dar exemplo aos uteis exercicios que deixo indicados, aplicará em alguns premios moderados as pesoas que se destenguirem nos mesmos exercicios eem ajudar os novos Colonos para se Estabelecerem; aquela parte dos fundos, q.' restarem no Cofre dessa Provedoria dos mais esenciaes emdispençaveis despezas; quais são ado pagamento dos Soldos, eOrdenados, a o fornecimento das Expedicoens, que mandar as Fronteiras, e as das gratificaçoens e Vestidos quedeve dar aos Indios que vierem das Aldeyas dos Padres Castelhanos buscar as nossas terras; asquais emporta muito alliciar V.S.ª agazalhando-os, favorecendo-os e honrando-os o mais q.' for pocivel.

32 Em outavo e ultimo lugar: Avendo Sua Mag.ᵉ posto no zelo cuidado, eprestimo de V.S.ª toda a sua Real confiança: Esperando que daquelas virtudes sesigão inspiraçoens muito semelhantes asque na napremetiva India Oriental fizerão, comq.' sevissem tampoucos Portuguezes fazer tantos etão numerosas nassoens: Sendopor serto que os Portuguezes são sempre, ehão de ser osmesmos, eque adeferença só consiste nomodo comque são deregidos; Considerando que nestas circunstancias, emediante aboa direcção de V.S.ª, não deixará deaver entre esses Mineiros, e ainda entre os mesmos Sertanistas, efuragidos, deque hoje sefas pouco cazo, alguns q.' sendo empregados venhão adestinguiremse m.ᵗᵒ efazerse benemeritos deserem premiados: nocazo emque a sim suceda, e que V.S.ª seache felismente emsemelhante cazo; ha Sua Mag.ᵉ porbem conceder-lhe faculdade para no seu Real nome honrrar asemelhantes homens agradecendolhe publicamente obem, q.' sehouverem, declarando-os por nobres desde aquela Ora; e consedendolhes amercê dos habitos das Ordens Militares nomesmo Real nome.

33 O que mesmo Senhor confia da comsumada prudencia de V.S.ª conhecim.ᵗᵒ bem que aestimação deque depende obom effeito destas honrras consiste na oportunidade do momento emque se apli-

cão na notoriedade do merecim.to dos q.' areceberem e na raridade com q.' são concedidas.

34 Finalmente tendo partecipado a V. Sª. quais são os objectos de Sua Mág.e quais omesmo Senhor aplica atão justos eneceçarios fins, e qual a confiança que omesmo Senhor fas da benemerita pessoa de V.S.a e tendo V.S.a noseu mesmo Regimento a Ordem para tomar opartido que lhe parecer mais conveniente aos Cazos que selheprezentarem eem que não houver expecial determinação Regia; quando aurgencia, eaperto dotempo não permetirem que V.S.a recora sem que ademora seja prejudicial: manda omesmo Senhor precaver a V.S.a com a reflexão que lhe faço, sobre estes sertos prencipios, para que V.S.a segoverne por elles quando ointeresse ou anececidade do Real serviço asim orequererem.

Deus Guarde a V.S.a Bellem a 22 de Agosto de *1758.—Thomè Joaquim da Costa Corte Real.*

N. 3—COPIA. PARA D. ANTONIO ROLIM DE MOURA.

Fis prezente a Sua Mag.e a carta de VS.a de 23 de Novembro do anno de 1757 em que dá conta do Estado em que seacha o Comercio das Minas dessa Capitania com ado Pará, as vexaçoens que ahi praticara o Baxarel João Antonio Vaz Murillas e os Officiaes dos Absentes eos mais q'· nella refere.

O mesmo Senhor confia de V.S.a inteiramente ainformação das extorçoens que tem feito este pessimo Baxarel, cujos bens devem ser como em outra carta digo a V.S.a infalivelmente Suquestrados, sem dilação alguma, edamesma sorte Ordenar que VS.a informe tambem das desordens dos Officiaes dos defuntos e Auzentes: que sobre as entregas das Eranças dava Sua Mag.e providencia geral: que os Indios deve V.S.a mandalos Aldêar nas proprias terras emquanto for possivel sem prejuizo das Povoaçoens que nas margens dos Rios sefazem indispensaveis para socorro dos Navegantes que frequentão o Comercio entre o Pará e essa Capitania: oque V.S.a executará.

Deus Guarde a V.S.a N. Senra da Ajuda a *26* de Junho de *1760.—Francisco Xavier de Mendonça Furtado.*

N. 4—COPIA. PARA D. ANTONIO ROLIM DE MOURA.

Fiz prezente a Sua Mag.e, a Carta de V.S.a de *22* de Fevereiro do anno proximo passado eo Termo aella junto da Vistoria aque procedeu no Sitio de Santa Roza a Velha pelo qual lhe constou ocularmen-

te, que os Jezuitas Espanhoes avião plantado no refferido Sitio huma roça de milho, eMandioca com ointento de serestabelecerem no mesmo Sitio contra oque avião prometido a V.S.ª.

O mesmo Senhor manda significar a V.S.ª que afalta depalavra dos Sobreditos Regulares eos insultos quetem acumulado, são muito bons motivos, para V.S.ª sesustentar na ocupação da margem Oriental do Rio Guaporé enasobredita Aldeya e Roça deferindo nocazo dedisputa com arezão deque nadapode obrar sem ordens desta Corte sobre as informaçoens dos fatos asima refferidos.

Deus Guarde a VS.ª N. Snr.ª da Ajuda 18 de Junho de 1761.— *Francisco Xavier de Mendonça Furtado.*

N. 5—PARA D. ANTONIO ROLIM DE MOURA.

Fis prezente a Sua Mag.ᵉ as Cartas de V.S.ª de 12 de Julho e 29 de Novembro de *1759* que comprehendem diferentes materias nas quais omesmo Senhor tomou as Resoluçoens que nesta parteciparei a V.S.

Quanto ao expediente que V.S.ª tomou demandar ocupar a Aldêa de Santa Roza paraque seprevenira comtodas as Cautellas que lhe pareceram justas: me Ordena Sua Mag.ᵉ declare a V.S.ª que tudo oexecutado Respectivo a esta deligencia foy com oaserto propio daprudencia de V.S.ª.

Pello que respeita ao procedimento que V.S.ª teve comos dois unicos Jezuitas que avia nessa Capitania chamados Estevão de Castro e Agostinho Lourenço eoque lhe parecia quanto aremessa dos mesmos Padres por São Paulo por evitar mayor despeza eincomodos, eser mais segura a remessa do Cuyabá aonde seachavão de oque virem a essa Villa : omesmo Senhor aprova aforma da remessa dos ditos dous Regulares.

Sua Mag.ᵉ ficou na serteza da mudança da Ouvidoria do Cuyabá para essa Villa Bella enoconhecimento doverdadeiro Caracter do Juiz de Fora Manoel Fangueiro Fraûsto.

O Mesmo Senhor manda louvar a V.S.ª aprudencia comque suspendeo aexecução da commutação das meyas Entradas rezervandoas para aoportunidade que refere ; edamesma sorte lhelouva oprudente modo comque obrou napratica do Direito dos Quintos por Capitação visto não seachar ainda estabelecida a Casa da Fundição, oque V.S.ª continuará, emquanto não receber ordem emcontrario.

Damesma sorte seagradou Sua Mag.ᵉ doque V.Sª. dispos quanto amandar occupar os dois emportantes Sitios das Pedras, e de Santa Roza, Cuja conservação sefas agora mais necessaria depois que seanulou o Tratado dos Lemites, como em outra Carta separada avizo a V.Sª.

Tudo oque V.S.ª refferio a respeito da mayor segurança dos Sobreditos Sitios de Santa Roza, e das Pedras, hê muito propio para a Conservação dos nossos Estabelecimentos principalmente depois deseanular o Tratado dos Lemites como acima digo. Porem recomenda omesmo Senhor a V.S.ª obre nesta materia (emquanto hou-

ver daquelas partes comissarios Espanhoês) com a Circunspessão que lheprevenio em Carta de 15 de Março deste prezente anno, eque agora novamente lhemanda recomendar, Sua Magestade fica nainteligencia das solidas rezoens comque V.S.ª com experiencia clara e ocular conhecimento acha que hê mais conveniente, que o Regimento nessa Capitania seja antes depé que de Cavalo; e Ordena que V.S.ª oforme como lheparecer mais util ao seu Real serviço, e asegurança dessas Fronteiras.

Aos Indios Aldeados deve V.S.ª estabelecer forma de Governo Civil e conforme adisposição do Directorio Estabelecido por Ley para os do Pará e Maranhão aoque for aplicavel como já separticipou a V.S.ª: desta sorte sesevelizarão, eamançarão os que seachão como levantados, explicando-lhes compaciencia os seus respectivos Directores e Principaes, que são Livres para disporem das suas pesoas, bens, e Comercio como os mais Vasalos de Sua Mag.ᵉ que porem como taes Vaçalos são sugeitos as Leys do mesmo Senhor, para serem por ellas protegidos os que asguardarem embeneficio commum e castigados osque as excederem.

Asprovizoens antigas, que declararão os Payaguas Cativos são demuito pouco momento porque forão extorquidas por maquinaçoens dos Jezuitas.

Emquanto aos Indios que forão Captivos nas Guerras antigas: Sem duvida abrange adeterminação geral da Ley de 6 de Junho de 1755 porque expresamente são nellas compreendidos para ficarem namesma Liberdade que todos os outros. Como porem sepoderão dar naturalmente alguns Cazos emque sejapreciso, que elles sedetenhão por algum tempo em algumas fazendas deses moradores que de Outra sorte ficarão perdidas epostas ao dezamparo: nestes precizos termos: he Sua Mag.ᵉ servido que V.S.ª mande fazer pelo Ouvidor Geral humas rellaçoens exactissimas detodos aquelles Indios que erão Escravos ese fizerem indispençaveis para asustentação daquelas Fazendas; eque os dê odito Menistro por ordem de V.S.ª a soldada, e como criados aqueles mesmos homens em cujo poder seachavão como escravos arbitrando-lhes V.S.ª de acordo com omesmo Ouvidor Geral o Ordenado que devem vencer por cada mez, ou cada anno atendendose ao estado da terra edos moradores dela; fazendo elles termo perante aquele Menistro em que seexprece tanto onumero de Indios que tomão a soldada como olhasatisfazem pontualissimamente naprezénça domesmo Ministro ou dapesoa que elle deputar nas partes aque elle não poder chegar pesoalmente, e este foy o meyo quesesseguio no Pará e Maranhão comgrande proveito, para seevitarem os clamores que sem fundamento algum fazia toda aquela quantidade de gente que sepertendia sustentar comtanta tirania sobre aescravidão dos desgraçados Indios naquele vastisimo Estado.

Os Indios Silvestres devem ser persuadidos para sealdearem: Acujo fim deve V.S.ª mandar publicar hum Bando pelo qual intime efaça passar aoconhecimento de todos os Indios Silvestres, quetodos aqueles quevoluntariamente viêrem Aldearse serão Livres nas suas pessoas, bens ecomercio eserão protegidos por sua Mag.ᵉ semficarem sujeitos senão as mesmas Leys, aque osão os outros Vasalos brancos do mesmo Snr. quepelo contrario porem aqueles, quefizerem guerra ofensiva aos outros Vaçalos desua Mag.ᵉ Indios ou Bran-

cos, eforem tomados namesma Guerra prezioneiros, serão transportados para outros Lugares remotos das suas Patrias. Oque deve Melitar mais opportunamente pelo que pertence aos Payagoás desorte que vindo buscar as Aldeyas sedevem receber nellas: Não vindo econservandose tranquillos, sedevem alliciar com dadivas para osatrair: Efazendo insultos sedevem debelar, ereduzir, emandar devidir pelas Aldeyas Sevelizadas para servirem nellas por jornal:

Estabelecendo-se hum Livro de Registro exacto, emque sematriculem os Indios queforem asim transportados nasobredita forma para Constar sempre autenticamente quais São, porque forão entroduzidos nas Povoaçoens aque que forem destinados nasobredita forma.

Peloque pertence afalta depropagação dos mesmos Indios hê esta hum necesario efeito da Escravidão, da mizeria, edafome, que dela rezultarão. Elogo que forem Aldeyados, Livres eque a Sevelidade lhesmenistrar osmeyos deabitarem asterras, eviverem das Suas produçoens estimulados huns pela emulação daabundancia emque vivem os outros serão todos igualmente prolificos e todos igualmente laboriosos; vencendo odesmazelo, ea dessidia emque ostem afalta de Conhecimento doquehe commodidade da Vida, e ambição de bens, como têm sucedido, nas terras do Pará.

Pelo que respeita amodeficação, e suspenção que V.S.ª fes das Ordens, quelhes forão expedidas para effeito depersuadir aesses moradores a Concorrerem com huma contrebuição para asua propria defeza, edatranquilidade Publica dessa Capitania: achou sua Mag.ᵉ serem m.ᵗᵒ prudentes nas circumstancias que V.S.ª refere, eprencipalmente depois que ao Rio Negro chegarão os Comisarios Espanhoes.

Ultimamente quanto afalta que hâ de Officiais para as Tropas que guarnesem esa Capitania, anecesidade deseproverem os postos vagos hê Sua Mag.ᵉ servido que V. S.ª dê aCompetente providencia uzando da Ordem que tem para prover os referidos postos.

Deus Guarde a V.Sª. N. Senhora da Ajuda a 18 de Junho de 1761. —*Francisco Xavier de Mendonça Furtado.*

N. 6 — PARA D. ANTONIO ROLIM DE MOURA.

A Sua Mag.ᵉ fiz prezente noseu original ainformação de V.S.ª sobre odescobrimento dos Diamantes que sefez no Territorio do Cuyabá esobre aextração clandestina que fizerão algumas Pessoas com a cooperação do Intendente João da Fonseca não obstante aprohibição comque oOuvidor Manoel Antunes Nogueira aprocurou acautellar, na forma das Reaes Ordens aeste respeito. Deque rezultou aparecerem tantos Diamantes neste Reino fora dos Cofres no anno de *1753*.

Asobred.ª informação de V.Ex.ª foi aprimeira que El-Rey Nosso Senhor teve do verdadeiro modo, comque apparecerão nesta Corte so ditos Diamantes, edas habilidades do máo Bacharel João da Fon-

seca, oqual na verdade foi nomeado Intendente de Obras da Barra do Aveiro sobre falsas informaçoens.

Aoactual Ouvidor dessa Capitania tem Sua Mag.e encarregado de tirar huma exacta Devassa das sobre ditas dezordens, tomando por Corpo dedelicto as Contas de V. Ex.a sobre as mesmas dezordens.

Em attenção a Recommendação de V. Ex.a seacha já Alferes e passará logo aser Tenente o Sargento Gaspar Ferreira, que levou ás Vias a V. Ex.a eserecolheu a Sua Praça do Pará.

Fico para servir a V. Ex.a com amais prompta e obsequioza obediencia.

Deus Guarde a V. Ex,a m.tos annos. N. Snr.a da Ajuda 18 de Junho de *1761.—Francisco Xavier de Mendonça Furtado.*

———

N. 7. COPIA. PARA JOÃO PEDRO DA CAMARA, GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL DA CAPITANIA DO MATTO-GROSSO.

Havendo embaraçado athe oprezente o Rigor da Estação ea Occurrencia de Outros negocios que requerião amais prompta expediçam apartida das charruas que naprezente occazião partem para o Porto da Cidade de Bellem do Grão Pará, não me foi possivel remeter a V. S.a com abrevidade que achava as copias que acompanhão citadas Instruçoens, e Ordens que se deregirão ao Conde de Azambuja, Antecessor de V. S.a nesse Governo. As quais manda El-Rey Nosso Senhor remetter a V. S.a para porellas seregular na administração domesmo Governo, dando aexecução tudo oque nellas secontem expressamente; eregendo-se pelo espirito dellas nos Cazos que denovo acresserem, emquanto Sua Mag.e não der outras mais especificás providencias, depois que forem prezentes aomesmo Senhor as Contas que V. S.a lhe deve dar de todos os cazos occurrentes nessas capitanias.

Nesta occazião embarca para o Pará donde deve passar aessa Capital Manoel Cardozo da Cunha Secretario desse Governo, havendo-se demorado thê oprezente nesta Côrte por falta de Embarcação que o transportase.

Suas Magestades logram aperfeita Saude que devemos dezejar-lhes, eamesma felecidade se conserva emtoda a Real Famillia.

Deus Guarde a V. S.a. Palacio de N. Snr.a da Ajuda 11 de Janeiro de *1764.—Francisco Xavier de Mendonça Furtado.*

———

N. 8 —COPIA. JOÃO PEDRO DA CAMARA, GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL DAS CAPITANIAS DE MATTO-GROSSO E CUYABÁ.

Amigo. Eu El-Rey vos envio muito saudar.

Sendo indispensavelmente necessaria huma inteira, eindividual

noção de todos os rendimentos annuaes de cada huma das Repartiçoens por que sefas aarecadação da Minha Real Fazenda, e das despezas aque seaplicão os mesmos rendimentos, para que no Meu Real Erario Sepossam fazer os respectivos Assentos com adestinção e Clareza, que tenho determinado: Sou Servido dar as Providencias Seguintes: Logo que receberes esta ordenareis que nessa Provedoria haja hum Livro Separado de Receita e Despeza para nelle selançarem dehuma parte todas as parcellas que Sucessivamente forem entrando, ehouverem entrado pertencentes aos rendimentos dessas Capitanias, vencidos athê oultimo de Dezembro de mil sete centos sessenta ehum, eda outraparte asdespezas pertencentes ao referido tempo: declarando-se em cada huma das adiçoens da Receita o Rendimento aquepertence otempo emque sevenceo: eonome do Rendeiro, que pagou; ou do Admenistrador, no cazo que a Renda seache admenistrada por conta da Minha Real Fazenda: Semelhantemente se declarará emcada huma das adiçoens da Despeza, sepertence a folha Ecleziastica, civil ou Militar, eaque anno.

Omesmo fareis praticar pelo que respeita a Receita e Despeza dos annos seguintes, Ordenando que para cada hum delles haja outro Livro separado, para nelle sefazerem os Assentos com asmesmas formalidades, edeclaraçoens assima referidas. Dos ditos Livros mandareis extrair annualmente Relaçoens exactas da Receita e Despeza; fazendo-se as declaraçoens nesta determinadas em Cada huma das adiçoens das ditas Relaçoens asquais remetereis Successivamente ao Conde de Oeyras, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reyno e Inspector Geral do Meu Real Erario.

Oque tudo executareis efareis executar, não obstantes quaes quer Leys, Ordens, Regimentos, ou Editos contrarios. Escripta no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 18 de Janeiro de 1764.

REY

N. 9.º COPIA

Nestes Navios recebi aCarta com que V. S.ª mefavoreceo participando-mea certeza de que tinha chegado aessa Cidade com aquele bom successo que eu sinceramente lhe desejo, e espero que Deos Nosso Senhor lhe hade continuar para concluir a sua Longa viagem, eque igualmente lhe hade dar huma completa Saude para lhe render, e a Sua Mag.ᵉ aquelles interesantes Serviços que eu tenho por sem duvida, que V.S.ª lhe há de fazer nessa dilatada, eimportante parte do Mundo, tendo para conseguir este virtuoso fim, ábem do Talento, eprudencia comque Deus Nosso Senhor odotou, oexemplo deseu dignissimo Tio, que com maximas tão solidas estabeleceo esse emportante, e Largo Governo.

Naprimeira occazião, que seprezentar, que creyo será brevemente, farei todo opossivel para dar a V.S.ª reposta da Carta de Officio, que recebi nesta occazião não cabendo agora napossibilidade o fazelo prezente a Sua Mag.ᵉ por seachar no Real Sitio do Pinheiro.

Já VS. terá hum completo conhecimento do quanto importante hê a Fortaleza na Aldea de Santa Roza e reconhecendo-o assim El Rey Nosso Senhor manda nesta occazião o Engenheiro que V.

S.ª representa-lhe era preciso, o qual hê o Sargento Mayor Jozé Mathias, de que aqui houve boas informaçoens, Deus queira que elle por Lá as qualifique.

Deus Guarde a VS.ª mˢ ann.ˢ. Nossa Senhora da Ajuda a 26 de Janeiro 1764..— *Francisco Xavier de Mendonça Furtado.*
Snr. João Pedro da Câmera.

N. 10.—COPIA. PARA JOÃO PEDRO DA CAMARA GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL DA CAPITANIA DE MATTO GROSSO.

Sendo prezente a Sua Mag.ᵉ que os nossos vizinhos tem estabelecido huâ Fundição de Artilharia na Missáo de S. Pedro, pareseu ao Mesmo Senhor de huma indispênsavel nacessidade acautelarmo-nos por aquela parte. Aeste fim manda Sua Mag. remetter naprezente occazião Seis Pessas de Artilharia ao Governador e Cap.ᵃᵐ General do Estado do Grãm Pará: Recommendando-lhe q. mande logo passar para a Aldeya de Santa Roza a Ordem de V. S.ª para que dellas sepossa servir como julgar mais conveniente.

Deos Guarde a VS. Palacio de Nossa Snr.ª da Ajuda ao 1.º de Julho de 1765.—*Francisco Xavier de Mendonça.*

N. 11.—COPIA. PARA JOÃO PEDRO DA CAMARA, GOVERNADOR E CAPITAM GENERAL DA CAPITANIA DE MATTO-GROSSO.

Sua Mag.ᵉ manda recommendar a VS. que empregue todo o Cuidado, evigilancia em seprevenir contra quais quer surprezas e Invazõens que os nossos vezinhos intentem fazer nas Terras da Jurisdição de V.S., não omittindo deligencia algúa q' lhepareça conducente para adefeza dessa Capitania.

E sendo as providencias, q' seachão declaradas nas amplas Instrucçõens que o Mesmo Senhor manda dar ao Antecessor de V.S.; eselhepartecipará̃o, pelas copias que remetti a VS., asquaes parecerão mais uteis, enecessarias á Conservação esegurança desses Remotos Dominios. Confia Sua Mag.ᵉ do zelo, eactevidade de VS. que asterá dado á sua devida execução.

Suas Mag.ᵉ Logrão aperfeita saude que devemos dezejar-lhes, e amesma felicidade seconserva emtodas as mais Pessôas Reaes.

Deos G.ᵉ a VS. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda 5 de Julho de *1765.—Francisco Xavier de Mendonça Furtado.*

N. 12—COPIA. PARA JOÃO PEDRO DA CAMARA GOVERNADOR E CAPITAO GENERAL DA CAPITANIA DE MATTO GROSSO.

A Sua Mag.e fis prezente a Carta de V.S. que trouxe adata de 14 de Dezembro de *1765*, emque VS. dá conta da Ronda que mandou pôr na Margem Oriental do Rio Guaporé.

O Mesmo Senhor ordena que VS. conserve adita Ronda, para vigiar se os Hespanhoes intentão passar á parte Oriental dodito Rio, executando VS. inteiramente as Instrucçõens que lhe ficarão do seu Antecessor.

Deos G.e a VS. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 2 de Mayo de 1767 « *Francisco Xavier de Mendonça Furtado* ».

N. 13. COPIA PARA JOÃO PEDRO DA CAMARA, GOVERNADOR E CAPITAM GENERAL DA CAPITANIA DE MATTO-GROSSO.

Sendo presente a Sua Mag.e a carta que V.S.a me dirigio na data de 10 de Outubro de 1765, emq.' V.S.a dá Conta da regulação q.' havia feito para as Aldeyas dos Indios terem mantimentos bastantes, tudo na forma do Directorio do Pará.

O mesmo Snr. tem compreendido muito bem o quanto interessantes são as Lavouras de Mantimentos e por isso tem dado todas as providencias para se conseguir este importante beneficio:

E Louva a V.S.a oexecutar aeste fim as Suas Reaes Ordens, com cuja execução cessará adespeza que sefazia exorbitante com Mantimentos; e Ordena egualmente que promova V.S.a as plantaçõens com amayor activid.e Sendo omeyo mais essencial eunico, ode serender justiça aos Indios, pagandoselhes os fruitos inviolavelmente por hum preço racionavel para elles se poderem vestir, e Comprar Fervamentas, eem os mesmos Indios comprehendendo que trabalhão em seu proveito, Logo hão de adiantar as Lavouraz sem ser necessario violentalos a este fim.

Deos Guarde a V.S.a: Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 2 de Mayo de *1767*. *Francisco Xavier de Mendonça Furtado*.

N. 14—COPIA. PARA JOÃO PEDRO DA CAMARA.

Com a Carta de VS. que trouxe adata de 15 Fevereiro de 1765 fiz prezente a Sua Mag.e o Mappa que aacompanhou das Moniçoens de Guerra que há nessa Capitania.

Ao mesmo Senhor sefes muito reparavel, agrande quantidade de Espingardas queseachão por concertar, assim nessa Villa, como no Destacamento da Conceição.

Da mesma sorte sefes tambem reparavel apouca Polvora, comque seacha essa Capitania, depois deseaverem mandado diverssos socorros do Pará estando na mesma falta detodos os Petrechos que são indispensaveis para segurança desses Dominios.

Sua Mag.e manda nesta occazião o Mappa q'. V. S.a remeteo ao Governador e Capitão General do Estado do Grão Pará, e lhe ordena que socorra a V. S.a emforma que não seveja essa Capitania no infeliz estado, a que seacha reduzida, emperigo deser surprendida, sem sepoder defender.

Igualmente reçomendo ao dito Governador e Capitam General do Pará daparte do mesmo Senhor que faça todo o esforço por mandar a V. S.a hum dos ditos Sarralheiros e Outros tantos Armeiros não só para se concertarem as Armas dessa Capitania mas para as Conservarem em estado deterem uzo.

Deus G.e a V. S.a Palacio de N. Senhora da Ajuda a 2 de Mayo de 1767—*Francisco Xavier de Mendonça Furtado.*

———

N. 15—COPIA. PARA JOÃO PEDRO DA CAMARA

Sendo prezente a S. Mag.e a Carta que V. S.a mederigio nadata de 11 de Fevereiro de 1765, emque V. S.a dá Conta das providencias que tem dado a respeito danova Fortaleza no Destacamento de Nossa Senhora da Conceição : Espera omesmo Senhor, que seconcluisse adita Fortaleza tão importante para a concervação dessa Capitania, esegurança da Navegação do Pará ; em cuja Fortaleza mandara V. S.a concervar huma competente Guarnição Governada por hum Official deprovidencia grande e devalor para conservar apaz; eno cazo de haver rompimento, poder rebater os attaques dos Inimigos.

Suppostos os termos em que seachão os nossos Vezinhos por ora tera odito Official mais occazião de exercitar avirtude daprudencia, doque a do Valor; enão seachando nessa Fronteira Jezuita algum, não havera com facilidade quem oinquiete; antes hê natural, que os Castelhanos vizinhem bem osobredito Offecial, achando-se separadas todas as intrigas daquelles infames Homens: Não sedescuidando porem o referido Official, nem enganando-se com apaz, e com otrato dos vezinhos para deixar deter a Guarnição da Fortaleza em bom pé, na Certeza deque quanto mais respeitavel, etemida for a Fortaleza, tanto mais firme, esegura será apaz, etranquilidade por essas partes.

Aeste Official deve V.S. recomendar muito oagazalho ebom trato, que deve ter com os vezinhos, epermetir-lhes a Liberdade de lhes vender alguns generos; porque hê natural, que achando elles conveniencia neste novo Comercio, ofomentem em forma que haja por ali huma boa introdução de generos e extracção de Prata; oque hê muito natural, achando se essas Povoaçoens desassombradas daquelles inimigos communs do Genero Humano.

Isto porem deve V. S.a como desi partecipar ao tal Commandante sem que seperceba desorte alguma, que V. S.a ofomenta, ou prote-

gue por ordem da Corte, porque assim hé conveniente ao Serviço de Sua Mag.e, conservando esta idéa no mais inviolavel segredo.

Ainda que em outra Carta mais extença partecipo a V. S.a amplissimas Ordens á respeito dos Jezuitas Hespanhoes : O mesmo Senhor recommenda outra vez a V. S.a agrande vigilancia que deve haver emtodo o Destricto desse Governo, com omayor cuidado, se algum individuo daquella infame Corporação passou dos Dominios de Castella a essas partes, para neste Cazo oprender logo com todo a segurança ; separando-o da communicação das Gentes ; eremettel-o na primeira occazião seguro ao Pará ao Governador e Capitam General com esta mesma recommendação, para o fazer transportar para este Reino.

Deus Guarde a V. S.a Palacio de Nossa Snr.a da Ajuda em 2 de Mayo de 1746 «*Francisco Xavier de Mendonça Furtado*».

EXPLORAÇÃO DO RIO ARAGUAYA (1)

(Offerecida a *O Archivo* pelo Dr. João de Moraes e Mattos)

Tendo suspendido do porto de Itacaiú, na Provincia de Matto-Grosso, a 24 de Junho, assignalei a 3 milhas de distancia á N. E. o rio Claro, que conflue no Araguaya pela sua margem direita. Na distancia de 5 milhas da foz d'este, ha uma ilha, offerecendo o rio franco canal entre ella e a margem direita, embora existam umas pedras, que se estendem d'aquella margem na direcção da ponta septentrional da mesma ilha. Mais abaixo 100 braças existem outras pedras soltas, em frente á praia sobre a mesma margem, deixando no entretanto espaçoso canal. A 46 milhas abaixo d'essas pedras, e portanto a 51 da foz do rio Claro, na mesma margem, encontra-se o ribeirão da Agua-limpa, e a 1 milha mais abaixo, o travessão do mesmo nome, o qual offerece passagem por um canal de 8 braças de largura e 7 palmos de profundidade, (n'esta estação), que já é de grande baixa, de aguas; este canal passa junto á margem direita, havendo outros a meio rio, que dão transito aos lotes.

A 22,3 milhas d'esse travessão entra o rio Vermelho, que tambem conflue pela margem direita com o Araguaya, e na distancia de 0,7 de milha de sua foz se acha edificado o presidio de Santa Leopoldina, de cuja barreira nasce um cordão de pedras, que vai a menos de meio rio, deixando entre ellas e a margem esquerda um bom canal.

Estimei a distancia de Leopoldina a Itacaiú em 78 milhas, variando a largura do rio de 200 a 300 braças, sendo a profundidade media de 15 palmos, tendo aliás alguns passos mui rasos, porque o rio se divide por vezes em muitos braços, cada um dos quaes summamente espraiados, o que dá em resultado esses passos dos quaes alguns não têm profundidade superior a 4 palmos, n'esta estação. O rumo geral é de Sul a Norte.

O presidio de Santa Leopoldina, que presentemente è commandado pelo Tenente Cyriaco José de Azevedo, e pela sua posição um dos lugares mais importantes nas margens do Araguaya, visto achar-se distante da capital de Goyaz 32 leguas, e portanto parece estar destinado a ser o emporio do commercio do Pará tanto mais quanto além da estrada de terra para a Capital tem a navegação do rio Vermelho até o presidio de Jerupensen, que dista de Goyaz 14 leguas.

A 1,8 milha abaixo do presidio encontra-se outro travessão, deixando a meio rio o maior canal nas mesmas condições do de Agualimpa, isto é de 8 braças de largura e 7 palmos de profundidade, além de outros menores, pelos quaes navegam os botes. D'ahi em diante o rio tem mais ilhas, e torna-se mais largo, espraiado, sem prejuizo da navegação, até a ilha do Dr. Couto, que fica em frente da povoação de São José, situada na margem direita. O canal navegavel n'esse ponto é que fica entre a ilha è essa povoação. Entre os lagos que se vêm em nma e outra margem na extensão de 84 milhas, que dista Leopoldina de São José, e que me quero persuadir tiram

---

(1) Do relatorio apresentado ao Exm. Sr. Presidente da Provincia de Matto-Grosso, Dr. José V. Couto de Magalhães, em 1868.

sua origem dos ribeirões que defluem no rio, tornam-se mais notaveis o das Cangas, Dumbá pepueno e grande, da Saudade, Rico, Cocal e Cocalzinho. Trinta milhas acima da povoação de São José entre o rio do Peixe pela margem direita, na embocadura do Dumbá grande uma milha abaixo do lago Rico, e a 2 da foz do rio do Peixe existem algumas pedras que em nada embaraçam a navegação, por se acharem fóra do canal, demandando no entretanto algum cuidado no tempo das aguas, por ficarem mergulhadas.

O rio continua no seu rumo geral de Sul a Norte, sua menor profundidade é de 4 palmos, alcançando a sua largura algumas vezes a 500 braças. A povoação de São José Jomimbú, talvez de 300 almas, entregue aos cuidados do reverendo capuchinho frei Sigismundo de Taggia, emprega-se na cultura e na criação do gado vaccum e cavallar, e ahi se encontram por modico preço os generos alimenticios de que se faz uso commum na provincia, os quaes são tambem ministrados pelos moradores de Crixás e Salimas, com os quaes se communica por terra. Encontrei ahi a noticia de que essa povoação foi fundada em 1863 (1), reunindo tribus dos indios Chavantes e Carajás, com o fim de, fazendo-os cultivar o solo fertil da margem do rio, prestarem aos navegantes os viveres de que necessitarem ; fim esse que me parece ter sido perfeitamente conseguido, conforme acima expendi. Tive occasião n'esse logar de vêr pela primeira vez essas tribus.

Os Chavantes estavam todos vestidos, e segundo me disse o reverendo capuchinho, era á custa do seu trabalho, o que não acontecia com os Carajás, que ainda arraigados aos usos selvagens, andam nús, e comquanto já se entreguem á cultura, continuam a fazer da caça e da pesca sua mais estimada profissão: alguns ha que já se vão sugeitando a servirem de camaradas para as guarnições dos botes; este serviço é tão trabalhoso e esta raça de gente se presta tão bem para elle, que si pudermos conseguir d'elles marinheiros, será de grande vantagem para a navegação.

Na distancia de 27 milhas d'essa povoação entre o rio Crixá-assú pela margem direita, e a 57 de sua foz está a ponta meridional da ilha do Bananal, d'onde seguimos pelo braço que a ilha forma entre ella e a margem esquerda.

N'essa parte do rio, a 40 milhas de navegação, avistamos umas ubás de indigenas inteiramente selvagens, que acabavam de levantar seu acampamento, por terem presentido o barulho do vapor. A confusão que se notava entre elles, a precipitação com que algumas das ubás procuravam escapar-se por uma ou outra bocca do lago ou braço que n'esses lugares haviam, tudo denunciava o temor de que ficaram possuidas essas creaturas; porém alcançando logo o vapor esses lugares, ainda pude ver alguns selvagens que de dentro da agua esforçavam-se a levarem arrastadas pela praia as referidas ubás, afim de as esconderem no matto, onde já muitas se achavam. Esse facto sensibilizou-me tanto, que parei na minha marcha e procurei por todos os meios dissipar o temor dos espiritos d'esses filhos da natureza, motivado sem duvida pela sua ignorancia. Consegui

---

(1) *Pelo Exm, Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães.*

que alguns viessem a bordo, e depois de fazer-lhes uma recepção adequada, e de brindal-os, prosegui na minha marcha.

Na distancia de 56 milhas da ponta meridional da ilha, avistei umas serras que nos ficavam a N.O. e a 100,5 milhas está, na margem esquerda a bocca superior da foz do rio das Mortes, e a 1 milha mais abaixo a inferior.

A 11 milhas de navegação da bocca superior avistam-se outras serras ao poente. Na distancia de 48 milhas encontra-se uma lage immersa no rio, o qual aproximadamente terá ahi a largura de 800 braças; essa lage fica mais proxima á margem esquerda do rio. A 80,5 milhas da supracitada bocca superior conflue pelo mesmo lado o rio Tapirapés; encostado á fóz e pelo lado de baixo o Araguaya passa compremido entre dois cabeços rochosos a que dão o nome de fechos dos morros. A 62 milhas da fóz do Tapirapés termina a ilha do Bananal, havendo portanto uma extensão de ponta á ponta da ilha, pelo braço esquerdo, de 81 leguas.

Da ponta septentrional da mesma ilha a 67 milhas de distancia, existe uma outra pequena ilha, d'onde se avistam os morros de Santa Maria. Dos braços em que esta ilha divide o rio, é navegavel o da margem direita, por isso que, o da margem esquerda tem o travessão denominado Sant'Anna, que, por assim dizer, liga a ilha áquella margem.

O braço da margem direita deitando um travessão da ponta superior da dita ilha, apresenta a sua convexidade para a mesma parte do rio, e deixa, entretanto passagem aqui ou alli, onde as pedras são mais profundas; e da ponta inferior da mesma ilha parte outro que deixa um canal de 5 braças de largura e 6 palmos de fundo.

Comquanto nas 374 milhas de São José ao travessão de Sant'Anna, de que venho de falar, seja bôa a navegação, todavia devo chamar a attenção dos viajores d'esta secção do rio para a lage que acima mencionei, e bem assim para as pedras que, ficando juntas á margem e na estação presente descobertas, no tempo das meias enchentes demandam muito cuidado, por ficarem submergidas. Essas pedras são encontradas, as primeiras a 9 milhas de navegação pelo braço esquerdo da ilha do Bananal, e no barranco esquerdo, as outras, a vinte milhas, encostadas á barranca direita, e mais outras a 27 n'aquella mesma barranca. Com 36 milhas depois da bocca superior do rio das Mortes, encontram-se outras pedras encostadas no barranco esquerdo, e a 10 milhas da fóz do Tapirapés, entrando-se por um furo da margem direita, que a isso obriga a baixa das aguas, vê-se outras sobre o barranco da direita, esse furo tem de extensão 2,5 milhas.

São estes lugares que aqui ficam marcados com precizão, os que entendo se deve navegar com cautella.

As 7,5 milhas que medeiam entre o presidio de Santa Maria e o travessão de Sant'Anna, embora o rio seja todo empedrado offerece canaes pelos quaes francamente se navega.

Continua o rio o rumo geral do Sul á Norte, os passos mais rasos nunca têm menos de quatro palmos de profundidade, sua largura alcança algumas vezes a 800 braças.

Até aqui as margens do rio são em parte alagadiças e em parte de barreiras altas, como em Leopoldina, apropriadas para as habitações

e possue madeiras proprias para construcção e para combustivel dos vapores. A correnteza do rio é de 1,6 milhas por hora, e os seus estirões são compridos e de voltas suaves.

A necessidade de fundarem-se mais presidios entre Santa Maria e São José torna-se palpitante. N'essa extensão contei 12 aldeias de indios das tribus Carajás, sendo dentre ellas a que dispõe de mais pessoal as dos capitães Feliciano, Lobo e João Leite. Um filho d'este ultimo mostrou desejos de me acompanhar e com effeito teve isso lugar, trazendo elle mais em sua companhia um outro indio. Acceitando-os, tive em vista chamal-os para o seio de nossa sociedade, e mesmo concorrer para a catechese d'esses selvagens, e dar-me-hei por muito satisfeito se conseguir prestar ao meu paiz algum serviço n'esse sentido.

O presidio de Santa Maria, situado sobre a margem direita em um lugar bastante alto, perto de umas serras, administrado pelo Capitão José Manoel da Silva Marques, acha-se em melhores condições do que todos os outros presidios, já pelas construcções de suas casas que são todas de pedra e telha, e já pelas officinas que conta o mesmo presidio, como seja a de carpinteiros, ferreiros, olaria, etc. e portanto, tendo alli os viajantes todos os recursos, tanto mais preciosos quanto em meio d'esses sertões de tudo se carece.

A Egreja que a esforços do venerando capuchinho frei Francisco do Monte São Victor, foi construida, é do systema gothico e acha-se concluida, faltando apenas o reboco e pintura. O armazem para arrecadar os generos que forem conduzidos pelo vapor, já se acha prompto.

O enthusiasmo com que foi recebido o vapor n'esse lugar, e mesmo as delicadezas que fizeram o favor de dispensar me e á guarnição do meu navio os dois cavalheiros de que acima falei, e mais moradores do lugar, foram taes que eu com a minha tosca penna nunca poderei exprimir o quanto me penhoraram.

Recapitulando o que fica exposto, vê-se que o rio offerece uma navegação de cento e oitenta e oito leguas, entre Itacaiú e Santa Maria.

Si addiccionarmos mais 4 leguas, que tem de Itacaiú para cima, de franca navegação até a Cachoeira-grande, temos a extensão de 192 leguas de navegação a vapor em toda a estação para navios cujo calado não exceda de 30 pollegadas, por isso que os passos razos na maxima baixa das aguas nunca têm menos de 4 palmos.

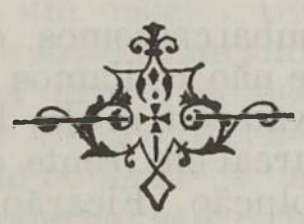
Asseguraram-me os praticos da navegação do Pará, existentes em Santa Maria, que mesmo n'aquella estação eu podia avançar, sem o menor risco, mais 58 leguas ao Norte, até o travessão do Pau d'Arco, junto ao secco de S. Miguel. Tive grandes desejos de estender a exploração até aquelle ponto, e tel-o-hia feito; mas limitada como se achava a minha commissão até Santa Maria e tendo muito em vista as instrucções recebidas, que me recommendavam positivamente que não arriscasse o navio, não me animei a assumir a responsabilidade d'essa viagem; retrocedi para o ponto de partida, conseguindo concluir a viagem de subida em 12 dias.

Si comprehendermos mais essas 58 leguas n'esta secção temos uma extensão total de 250 leguas de rio, navegaveis a vapor repartidas da seguinte forma:

Da Cachoeira-Grande a Itacaiú	4
De Itacaiú a Leopoldina	26
De Leopoldina a S. José	28
De São José a Santa Maria	134
De Santa Maria ao Pau d'Arco	58
Total	250

Eis aqui o que com os meus maiores esforços posso expender sobre esta importante navegação do Araguaya, que sob a protecção de Sua Magestade o Imperador e com os esforços de S.Ex.ª o Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, deve em breve tempo mostrar a sua grande utilidade para as provincias de Goyaz, Pará e Matto-Grosso.

Francisco Sizenando Peixoto.



RELATORIO da viagem exploradora de Matto-Grosso ao Pará pelo rio Xingú, apresentado ao Ministro da Guerra—em 1885—pelo então Capitão Francisco de Paula Castro

(Continuação)

A 3 de Setembro ás 3 1/2 da tarde, vimos ao longe em um terreno elevado, á margem direita, algumas casas de palha : já tendo nós visto desde 1.· de Setembro muitos signaes feitos por gente, esperavamos encontrar alguma habitação. Fomo-nos aproximando e começamos a notar que os moradores movião-se com rapidez de um lado para outro. Quando já estavamos proximos ao aldeamento, veio uma canôa receber-nos e depois dos tripulantes fallarem muito comnosco uma lingua que nos era inteiramente estranha, convidarão-nos por acenos a seguirmos até o seo porto. Ahi chegando não pudemos nos entender com elles porque estavão em uma confusão horrivel.

Ora querião que desembarcassemos, ora que nos afastassemos. Finalmente vendo eu que não podiamos chegar a um accôrdo com os indios e que elles estavão com medo, determinei que fossemos todos desembarcar em um areal em frente do aldeamento. Expliqueilhes por acenos essa resolução. Ficarão muito satisfeitos e depois de desembarcarmos, vierão ter comnosco trazendo-nos batatas, doce e beijús, mas exigião que fossemos de um a um ter com elles.

Forão finalmente perdendo o receio de modo que ao escurecer já estavão juntos comnosco. No dia seguinte trouxerão-nos outra vez beijús e trocarão os seus objectos com os nossos. Formão estes indios a tribu denominada « Chuyá» ou « Suyá». Têm as mesmas armas que as das outras tribus. São mais altos.

Os homens desfigurão-se completamente; fazem dilatar a parte inferior do pavilhão da orelha, isto é, o lobulo, de 6 a 8 centimetros, e abrem ahi um rasgo onde introduzem uma roda de palha, da palmeira bacava, em cuja parte exterior adhere aquelle rasgo, que toma a forma da roda.

No labio inferior têm tambem um grande rasgo em que collocão um pedaço de madeira muito leve de forma mais ou menos elliptica e preparada com todo o esmero, com uma gola onde se ajusta o rasgo. Este pedaço de madeira collocado no labio conserva-se na posição horisontal e parece um pires de pau que está preso aos cantos da bocca.

A parte inferior do pavilhão da orelha conserva-se dilatada, sem a roda, pelo que elles a descanção sobre a superior. Estes indios cortão o cabello rente da parte media da cabeça para diante, e da parte media para traz deixão-n'o crescer até quasi à cintura.

As mulheres fazem nas orelhas o mesmo que os homens, mas não furão os labios. Andão todos completamente nús, são ávidos por botões, contas, ferros e roupa. Muito naturalmente vão procurando esconder os objectos que encontrão fora das vistas dos donos. As

mulheres Chuyás são trataveis, mais corajosas que os homens e usão o cabello até os hombros. Os Chuyás logo que se relacionarão comnosco perguntarão pelos Trumãlhys e contando nós o que se tinha dado com estes indios, ficarão muito alegres e nos fizerão saber que andavão em guerra com Trumãlhys. Os Chuyás plantão mandioca brava, batata dôce, milho, fumo, fava, mandubi e abobora. Sendo os indios mais feios de todos os que encontrámos, são em compensação os mais perfeitos em seos trabalhos. São excellentes oleiros; têm vasos de barro feitos com toda symetria e formosura.

Um delles trouxe-me uma panella grande toda bordada e trabalhada com muita arte. Fiz-lhe vêr que não podia conduzil-a por que ainda tinhamos de fazer uma viagem longa e com certesa se québraria uma tão importante preciosidade. O indio sentiu muito eu não receber a panella, e eu mais ainda não poder apresentar esta prova da arte desenvolvida em um lugar até então desconhecido do mundo civilisado. Elles cultivão o algodão.

Os Chuyás, assim como todos os indios que vimos, têm em geral os dentes ruins. Trouxerão-nos castanhas ou tocaris, dizendo que ião buscal-os nas mattas um pouco afastadas da margem do rio. Uma manhã apresentarão-se muitos indios no areal que era nosso pouso, trazendo cada um, um cacete. Desconfiando disto preveni a gente que tivesse cautela e fosse segurando as suas armas.

Elles nos vendo com as armas começarão a recuar receiosos; chamei então um delles e fil-o comprehender que eu queria todos sem os cacêtes, que fossem collocal-os nas canoas e viessem depois ter comnosco que nos acharião sem armas. Immediatamente este com quem fallei dirigio-se aos outros e vi-os então deixarem não só os cacêtes como as flechas e arcos e chegarem-se a nós completamente desarmados.

Neste lugar em que estavamos parados apresentei aos illustrados exploradores a prova de estarmos no Xingú ou em algum rio que não ia ao Tapajóz. Pescando nós todos os dias, notei que nunca apanhavamos dos peixes grandes que havia no Paranatinga, o affluente do Tapajóz. Fiz então vêr isto ao engenheiro, dizendo-lhe que era um signal de que as aguas não se misturavão.

Concordou elle commigo, declarando-me que eu apresentára realmente uma prova. A 4 de Setembro os tres exploradores forão ao aldeamento, com 2 praças armadas que lhe dei afim de vêr se fazião os seus trabalhos com os indios.

Tendo partido ás 10 1/2 da manhã, regressarão ao pouso ás 11 3/4 não conseguindo fazer nada. E participarão-me as praças que os indios sò ficarão alegres e satisfeitos quando os virão fòra do aldeamento. Incumbira as praças de contarem as casas e os habitantes. Derão-me a nota de 12 casas de palha redondas.

Disserão-me terem podido contar 96 homens, tendo visto afastados muitos outros e muitas mulheres e crianças que não poderão contar, mas que calculavão, de crianças, em mais ou menos cem. As suas casas não são muito asseiadas e elles dormem mais em esteiras que em rêdes.

Este aldeamento dista de 20 a 25 legoas da foz do Batovy e está numa forquilha formada pelo Xingú e um seu affluente pela margem

direita. Este affluente tem a foz de 220 metros de largura e vem de S.E. E' denominado pelos Chuyás—*Chuyá-miçú* :—este é rio dos Chuyás.

Antes deste affluente passámos por outro á mesma margem á 31 de Agosto, de 80a 100 metros de largura na foz, distando de 6 a 8 legoas do Batovy. Os Chuyás tinhão como prisioneiros alguns indios *Mariçauás*. São estes indios muito amarellos e de olhos amortecidos, e usão o cabello como os Bacairis. Um indio Chuyá já velho e que parecia ser o chefe da tribu, deo-nos informações da existencia de diversas tribus por elle conhecidas e fez-nos saber que elle já havia andado por quasi todas ellas e que muito tinha viajado, porém, mais ao S.L. e a L. do que para qualquer outro rumo. São estas tribus as seguintes: Em dois affluentas do Xingú acima da confluencia deste com o Ronuro : *Trumãlhys, Uariuitis, Aritis, Munacús, Jaguaraquáras, Cuicurús, Amairicas, Aratás, Uauakiris, Cuafurús, Iamuricumas, Natirús, Cajufarás, Amús, Tapacuyàs, Camayuràs, Iauarabichis;* ás margens do Ronuro os *Cuiaús*.

O Ronuro é chamado pelos Chuyás, *Cuiaú-miçú* (rio dos Cuiaús). Informou o mesmo indio que o Ronuro, de certa distancia da foz para cima, era muito encachoeirado. O rio Colisêo é chamado pelos Chuyás, Trumãlhys-miçú (rio dos Trumãlhys).

Não nos disse o velho indio haver cachoeiras no Colisêo, pelo que supponho ter elle uma grande extensão navegavel a partir da foz. O aldeamento dos Chuyás está situado em um terreno elevado com muitas moitas importantes pelas immediações, onde elles cação e encontrão muitas fructas silvestres. Ha ahi no rio, muita abundancia de peixe.

Todos os indios pescão por meio de flechas e armadilhas preparadas nos rios com pedras, paus, etc. Depois de tomarmos mais algumas informações sobre o Xingú que elles chamão apenas de—*Paraná*, palavra que supponho ser da lingua chamada geral e significar rio, e já sabermos que hàviam ainda para baixo muitos indios, mas que não tinhão tido nunca com os Chuyás relação alguma, deliberamos proseguir na viagem. Obtive delles algum mantimento dando-lhes em troca roupa e mais outros objectos que trazia, e sahimos no dia 6 de Setembro ás 10 1/2 da manhã.

Logo abaixo do terreno dos Chuyás, vimos nas duas margens campos proprios para criação de gado. A 7 passamos o rio dos *Mariçauás* onde vivem os indios do mesmo nome. E' affluente pela margem esquerda e tem de bocca de 130 a 150 metros, distando do aldeamento dos Chuyás de 10 a 12 legoas; vem este affluente de S. O.

A 8 de Setembro quando estavamos ainda no pouso, ás 9 da manhã, apparecerão 5 indios Chuyás que descerão o rio em uma canôa. Estiverão conversando comnosco algum tempo e seguirão depois como nossos companheiros de viagem ás 9 1/2 em que sahimos do pouso; e passamos por 2 affluentes um pela direita outra pela esquerda, distante do rio dos Mariçauás de 12 a 15 legoas,

Estão em frente um do outro e regulão de 130 a 150 metros de bocca. O da esquerda chama-se *Uáuayá-miçú* (*Uauayás*) e o da direita *Auayá-miçú*) rio dos Auayás.) As aguas do Auayá-miçú, são

vermelhas e vê-se logo em sua foz, proximo a qual passamos, muitas pedras. No dia 10 ás 7 e 55' da manhã deixárão os 5 Chuyás a nossa companhia prevenindo-nos que iamos encontrar alguns de sua tribu, e pedindo que não lhes fizessem mal; e seguindo nós rio abaixo, chegamos a uma hora em uma ilha onde vimos algumas canoas e alguns indios. Dirigimo-nos para ahi, fizemos signaes de amigos, mas elles não quizerão que desembarcassemos, pelo que fomos pousar ás 2 1/2 em uma outra ilha ao N. d'aquella em que estavão os indios, 3 kilometros aproximadamente.

Elles forão ter comnosco ao pouso. Era a turma de Chuyás que nos havia sido recommendada e que tinha ahi vindo para pescar e caçar. No dia seguinte forão os allemães até o lugar onde encontraramos a referida turma, acompanhados de algumas praças afim de verem se conseguião fazer com os indios alguns trabalhos; ahi chegando não encontrarão ninguem.

Havião todos se retirado de madrugada para o aldeamento rio ácima. Continuamos a viagem a 12 ás 7 1/2 da manhã e a 13 vimos excellentes campos em ambas as margens do rio; passámos a 15 por outro affluente pela direita de 100 a 120 metros de boca distando de 40 a 45 legoas do Auayá-miçú e vindo de S. E.; a 18, por outro da mesma margem de 100 a 120 metros de largura na foz, estando de 18 a 20 legoas do que passamos a 15, e por um pequeno ribeirão tambem na margem direita logo depois do rio. A 19 encontramos tres páus fincados em um areal como armadores de rêde e com signaes de córte de faca, depois um rancho á margem esquerda, bem preparado, coberto de folhas de bananeira brava e todos os trabalhos erão feitos por instrumentos cortantes.

Já a muitos dias que nos fáltavão mantimentos e receiavamos da nossa posição. Estes signaes vierão dar-nos alguma animação, por isso que desconfiamos ir encontrar, pelo menos, indios que entretinhão relações com a gente civilisada. A 20 encontramos ao meio dia depois de passarmos um lindo seringal á margem direita do rio, os esteios de uma casa grande, enterrados em uma elevação entre grande quantidade de pedras, junto a uma cachoeira. Fui a este lugar e vi pedaços de tijellas, cacos de garrafas, palha de milho, flechas e a metade de uma especie de canôa feita de araputanga e bem trabalhada a ferro.

Tudo havia sido devastado pelo fogo, parecendo ter-se dado no lugar um grande combate. De volta para a canôa, communicando o que observára os companheiros de viagem, opinarão elles que talvez esses vestigios fossem dos indios Mundurucús. Nunca tinha ouvido fallar na existencia desses indios pelo Xingú e sim no Tapajoz onde elles até occupão-se em afugentar os indios bravos que hostilisão ás vezes as povoações; e por isso discordei da opinião dos tres illustrados expedicionarios.

A 21 passamos ás 8 1/2 da manhã por uma roça de mandioca, carás, batatas e bananas. Já estavamos sem ter o que comer e tivemos de lançar mão de alguma cousa.

Ao sahirmos da roça vimos uma canôa que se dirigia para nós com tres indios. Fomos ao seu encontro. Aproximei-me logo da canôa e, fallando-lhes, fui bem acolhido por todos; e um delles disse-me chamar-se José e ser o chefe desse aldeamen-

to. Fallava mal o portuguez. Declarou-me que era da tribu dos *Jurunas*. Ahi parámos ás 10 1/2 e expondo eu ao José as nossas circumstancias, convidou-nos a seguirmos até á sua morada, onde deo-nos o que podia. Demoramo-nos nesse lugar até o dia 24.

Os tres exploradores aproveitarão esse tempo para os trabalhos e estudos. Sabendo os illustrados exploradores que os indios erão Jurunas, convencerão-se então de que estavamos no Xingú em razão da noticia do Principe Adalberto da Prussia que viajou por elle em 1843 até 4 graus de latitude e fallou dos Jurunas que ahi encontrou.

Fallando ao José sobre a casa que eu tinha encontrado queimada, disse-me elle que tinha sido sua, e que os Charayás a havião incendiado e roubado tudo; e por isso elles mudarão-se para o lugar onde os encontravamos. Este aldeamento dista do affluente em que passamos a 18, de 25 a 30 legoas.

O José tendo-se relacionado logo commigo, vinha todos os dias á minha barraca. Os Jurunas que encontrámos nesse ponto têm bananas, cará, gallinhas, mandioca, mansa e brava, cães, armas de fogo e muito ferro cortante.

Trouxeram-me alguma espingardas, sem ouvido pedindo para concertal-as.

Tendo eu felizmente alguns ouvidos mandei por uma praça que tinha officio de serralheiro vêr se podia arranjar-lhes as armas: o que conseguio facilmente, pelo que ficarão os Jurunas satisfeitissimos.

Tendo-me dito o indio José que as canôas de casca que eu trazia não podião de modo algum descer o rio que d'ahi para diante tinha cachoeiras e saltos perigosissimos, tratei de obter algumas das canoas delles, chamadas *ubás*.

Estas ubás são feitas de uma madeira leve, muito parecida com o cedro e conhecida pelo nome de araputanga; nunca vão ao fundo, e por isso são as mais proprias para cachoeiras e corredeiras.

Obtive com effeito 4 ubás dando aos indios em troca espingardas de caça, polvora, chumbo, espoletas, uma garrucha de dois canos e alguma roupa. O desenhista, Sr. Guilherme von den Steinen, concorreo com alguma cousa para ajudar-me no pagamento das ubás.

O Sr. Dr. Carlos comprou uma para si, e 2 praças pedirão-me permissão para comprar outra. Havendo 6 ubás, distribui nellas a gente, constando de 20 pessoas, do modo mais conveniente. Obtive mais dos Jurunas farinha, gallinhas e mais alguma cousa que nos servia.

As casas dos Jurunas são quasi todas feitas em ilhotes de pedra e nos lugares mais difficeis de chegar-se. Em um ilhote perto do em que está a habitação têm uma immensidade de gallinhas e provisões de bocca. Os Jurunas podem ser chamados os insulanos do Xingú; brincão, dormem, pescam e fazem tudo, finalmante, sobre as ilhas. Só mudam-se para terra firme quando as aguas crescem a ponto de lavar o solo da habitação, porque nesse caso não ha perigo de serem atacados pelos Charayás que não pódem transpôr, para encontrar os Jurunas, os grandes pantanaes que achão-se demasiado cheios. O aldeamento do José é de 15 pequenos ranchos e 3 grandes; tem 12 homens, 12 mulheres e 6 crianças sendo 2 meninos. Os Jurunas gos-

tão excessivamente de contas e especialmente das azues e côr de ouro. Alguns trazem á cintura e ao pescoço uma quantidade extraordinaria de contas; as do pescoço formão um volume que quasi toca a ponta do queixo. Os Jurunas são indios já muito conhecidos no Pará, e prestão importantissimos serviços aos que viajão pelo Xingú. Os dias que com elles estivemos, forão de verdadeira festa.

Estando nós promptos para podermos proseguir na viagem, no dia 24, por isso que já tinhamos algum mantimento e as ubás que eu comprara, se bem que estivessem um tanto estragadas, tinhão sido separadas por uma das praças, que tinha officio de carpinteiro, sahimos ás 6 3/4 da manhã. Depois de terem todos sahido fui ao José e despedi-me delle. Rio-se muito quando despedia-me e depois tornando-se sério disse-me: « Capitão, eu não quero que V. morra, vou mandar meu irmão com V. até encontrar outra aldêa de onde sahirá gente tambem para lhe servir de guia. Se V. fosse só com sua gente descer o rio, todos morrião; o caminho é perigoso e difficil de acertar. » Ri-me muito depois de ter ouvido isto do José, suppondo que elle quizesse brincar commigo e assustar-me e despedindo-me de novo, sahi a reunir-me com os companheiros que já estavão longe. Antes de juntar-me aos companheiros disserão-me as praças que remavão na minha ubá, que vinha atraz de nós uma canôa com gente. Volto-me e vejo realmente dirigindo-se para nós a toda pressa, uma ubá, tripolada por Jurunas.

Depois de chegar a ubá junto á minha, fallou commigo por acenos, dizendo que era mandado pelo José, um indio moço, sympathico chamado Pedro. Vinha com sua mulher ainda moça, uma filhinha de 3 a 4 annos e um indio velho.—Até o dia 30 em que chegamos á 2.ª aldêa, passamos cachoeiras horriveis. O indio Pedro não falava portuguez, mas fazia-se comprehender perfeitamente nas passagens difficeis, por acenos e exclamações. Não me desamparava. Nos lugares perigosos entrava na minha ubá, depois de ter passado a sua, e acenava aos companheiros que o seguissem, e quando o lugar era muito perigoso trabalhavão os tres; isto é, elle, o velho e a mulhersinha que foi a india mais interessante que encontrei em toda a minha viagem. O Pedro parecia dominar as aguas e pedras das furibundas e medonhas cachoeiras em que passavamos : collocava-se na prôa da ubá com o remo na posição vertical tendo sempre a extremidade da pá dentro d'agua e fazia prodigios com a ubá que, obedecendo a todos os movimentos do remo parecia comprehender as vontades do Juruna.

Com o Pedro na canôa, eu não só não temia as cachoeiras, mas as desejava. Cada uma que apparecia era uma alegria para mim. O Pedro comprehendendo isto fazia ainda mais sobresahir a sua pericia, óra dando saltos sobre a prôa da ubá, òra dando gritos de animação que enthusiasmavão toda a comitiva.—Não podiamos ter encontrado melhor gente para guia. O Pedro, sua mulher, seu filho e o indio velho ficarão para sempre gravados em nossa memoria como excellentes e dignos companheiros que tivemos até o dia 30 de Setembro em que nós, cheios de saudades, os deixamos com bastante pezar. Foi o Pedro um grande amigo que tive nesses 6 dias de viagem. Só queria dormir proximo a mim, comer commigo e se alegrava todas as vezes que, convidando-me para ir outra vez ao

seu aldeamento, eu lhe respondia que mais tarde havia de voltar.

Depois de ter chegado á 2.ª aldêa, vi que tinha razão o José. Sem aquelles companheiros, teriamos sossobrado na viagem ou pelo menos, para alcançarmos a 2.ª aldêa gastariamos o quadruplo do tempo. O caminho percorrido fôra horrivel: canaes estreitos e occultos pelas ilhas e cachoeiras, zig-zagueando entre alas de cachopos ponteagudos que mal se distinguião á flôr d'agua, corredeiras em que a velocidade das aguas apenas permittia-nos perceber as arvores passarem por nossa vista, forão os obstaculos que a cada momento encontramos e que serião inexpugnaveis para nós se não tivessemos o Pedro que parecia um filho das Naiades com poderes discrecionarios para dirigir as aguas a seu modo.—Tendo sahido do pouso a 30 de Setembro ás 6 3/4 da manhã, avistamos ás 7 1/2 alguns Jurunas que, de longe não nos podendo reconhecer, começarão a dar tiros com o fim de amedrontar-nos caso fossemos inimigos.

O Pedro mandou que respondessemos com outros tiros e agarrando de seu instrumento de taquara começou de tocal-o. Esse procedimento do Juruna parece-me um signal que dava aos de sua tribu, de que eramos amigos. Chegamos ao aldeamento ás 8 da manhã: é formado de um rancho de palha sobre pedras ao meio do rio, dois em uma pequena ilha proxima da margem direita. Havia 8 homens, 6 mulheres e 6 crianças, sendo 3 meninas.

Dos homens um era já macrobio pois parecia ter muito mais de cem annos. Dista do 1.º aldeamento de 55 a 60 legoas por agua. Tinhão poucos recursos os moradores deste aldeamento, mas assim mesmo nos auxiliarão com o que puderão. Ahi ficarão os indios que tinhão sahido comnosco do primeiro aldeamento e conforme me havia dito o José, seguirão comnosco para baixo outros tres; mulher, marido e uma filha. Sahimos a 1 1/4 da tarde e chegamos ás 2 1/4 a outro aldeamento com quatro casas grandes, duas pequenas em ilhotes de pedra proximos da margem direita e uma outra em um ilhote ao meio do rio. Contei 12 homens, 18 mulheres e 10 crianças, sendo 6 meninos. Fizemos pouso nesse aldeamento. A 1.º de Outubro ás 7 da manhã continuamos a viagem, seguindo em nossa companhia 5 canôas com 15 Jurunas, sendo 5 mulheres, 3 meninas, 4 homens e tres meninos e só a 5 demos em o 4.º aldeamento, tendo passado no dia 3 por um affluente á margem esquerda distante do 3.º aldeamento 25 a 30 legoas. Este affluente vem de S. O. e tem de 50 a 60 metros de bocca e nelle vão os Jurunas fazer as suas ubás e buscar cambayuvas para flexas. A cambayuva é uma semelhança de canna brava, porém, mais leve e macissa e mais duradoura; tem um miolo muito molle e não tem gomos. Quando os Jurunas têm de ir a este rio reunem muitas provisões de bocca, e chegando a elle demorão-se de dois a 4 mezes, trazendo de regresso grande numero de ubás para negocio e muitas hastes de cambayuva para flechas e outras armas que tambem vendem. Dizem elles que este rio tem muitos campos em suas margens e que é muito aproveitavel.

O 4.º aldeamento dos Jurunas dista do affluente de 15 a 20 legoas, está situada sobre uma ilha quasi ao meio do rio em um lugar onde elle faz uma volta bem pronunciada a L.; e é todo encachoeirado. Contei 10 homens sendo 4 velhos, 12 mulheres, sendo 4 velhas, 8

meninas e 7 meninos. Tem o aldeamento 3 casas grandes e 3 pequenos ranchos. Passamos o dia 6 com os Jurunas deste aldeamento. Este dia era o da festa do *Cachirè* em que tomamos parte com grande satisfação dos Jurunas.

O cachiré é uma bebida preparada da farinha de mandioca brava que elles reduzum a um mingáo bastante ralo e do qual enchem uma ubá, ás vezes bem grande. Fazem depois da farinha já secca uma pasta que azedão mastigando-a, e lanção dentro da ubá que é coberta e guardada durante o tempo necessario para produzir a fermentação da bebida e pôl-a em condição de embriagar. No dia em que o cachiré está prompto reunem-se as pessôas presentes, convidão os visinhos mais proximos e depois de todos juntos começão a cantar e dansar até esvasiarem a ubá. Nesta cantiga ouve-se constantemente o nome *"carapauã"*, que é uma qualidade de mosquitos que com muitas outras superabundão no Xingú. Houve noites em que nós, perseguidos destes numerosissimos insectos, não podiamos conciliar o somno, cinco minutos siquer.

Parece-me que os Jurunas nesta canção bacchica supplicão aos "Carapauãs" que lhes deixem tranquillos. Ficão todos embriagados e a casa transforma-se em uma verdadeira torre de Babel. E' uma confusão horrivel. Uns gritão, outros chorão, estes riem-se, aquelles cantão: um grupo dansa outro toca, finalmente ninguem se entende. Vem depois a reacção que é uma prostação geral até o dia seguinte, em que retomão as suas occupações ordinarias e aguardão a vinda de outra festa do cachiré, d'ahi a um mez pouco mais ou menos. D'essa aldea sahimos ás 6 e 35' da manhã do dia 7, encontrando a 3 legoas de caminho um pequeno aldeamento, o 5.º, ás 10 horas, tendo 9 homens, 7 mulheres, sendo duas velhas uma das quaes cega de ambos os olhos, 4 meninas e 3 meninos.

Estivemos conversando ahi até as 11 3/4 em que continuamos a viagem fazendo pouso ás 4 da tarde. Acompanhavão-nos do 4.º aldeamento nove Jurunas em 3 canoas sendo 3 homens, 4 mulheres e duas crianças, chamando-se o mais graduado delles Caetano. No dia 8 parámos ás 2 1/2 da tarde em o 6.º aldeamento de Jurunas, distante de 12 a 15 legoas do 5.º, com 3 casas, tendo 7 homens, 10 mulheres sendo 2 velhas, 3 meninas e 2 meninos. Sahimos a 9, ás 6 e 40' da manhã, alcançamos o aldeamento do Caetano, distando do 6.º 18 legoas.

Ahi já encontramos alguns indios bem trajados. Havia duas casas de palha grandes, 8 homens, 6 mulheres sendo 2 velhas, 2 meninos e 2 meninas. D'ahi proseguimos a viagem as 8 1/4 e ao meio dia chegamos ao aldeamento do Nunes que é o 8º. Caetano e os seus companheiros ficarão, sahindo comnosco até o 8.º aldeamento 3 rapazes em uma canôa. Sendo a distancia do 7.º aldeamento ao 8.º de 3 a 5 legoas.

O aldeamento dos Nunes é formado de uma grande casa de palha e 2 pequenas. Passamos ahi o dia 11 e assistimos outra festa do cachiré. A' noite mandarão convidar-nos para vel-os dansarem. Para a sua dansa formão uma roda de diversos individuos ficando dois ao meio, cada um com um instrumento de taquara. Seguem depois os que formão a roda, um após outros, a passo acelerado, figurando acompanharem um que apresenta-se como chefe, e os que

estão no meio um ao lado do outro sempre na mesma frente ora avanção ora arrecuão, dirigindo-se quando avanção para cada um dos da roda, que vae successivamente passando por diante dos dois.

Estes 2 executão uma musica no compasso de 2/4 em que cada um dá 2 notas a tempo e contratempo em "moderato"; batem fortemente sobre o solo com os pés, estando sempre a perna direita de um bem junto á esquerda do outro. Todos os movimentos são executados ao mesmo tempo e cadenciados; estão todos nús com as suas respectivas armas, excepção de um que acha-se vestido com uma grande capa de algodão, tendo á cabeça uma especie de diadema de pennas de arara e papagaio; na parte inferior da capa, ha uma especie de barra, de pennas de mutum. Os dansantes ora rodão para um lado ora para outro, dando todos ao mesmo tempo uma especie de gargalhada quando tem de mudar de frente. Um dos Jurunas deste aldeamento procurou explicar-me a significação desta dansa.

Fallava muito mal o portuguez mas não obstante, comprehendi que elle dizia-me ser a dansa a recordação de uma festa dos tempos antigos que faziam com grande pompa, para receber qualquer chefe indio que ia passear no aldeamento.

O chefe era representado na dansa pelo individuo que está com a capa. Todos os Jurunas andão nús enfeitados de contas á cintura e ao pescoço, trazem no membro viril um pedaço de palha em forma de cone que o obriga a estar sempre com a extremidade para cima; usão o cabello até quasi a cintura e furão as orelhas, atravessando no furo, pennas; as mulheres usão tangas, cabellos até os hombros, collares de contas e brincos. Enterrão os cadaveres dentro de casa, ficando a sepultura em baixo da rêde do parente mais proximo. E todos os parentes do finado cortão o cabello a escovinha.

Está o aldeamento do Nunes segundo o engenheiro, a 4°33' de latitude. Esse aldeamente tem 14 homens, 10 mulheres e 6 crianças, sendo 3 meninos. Havia ahi 3 prisioneiros sendo um da tribu dos Araras e 2 Carayás, sendo uma criança. Os Araras têm em cada face um traço azul, feito com uma tinta indelevel preparada do genipabo, partindo da parte media da parte inferior e terminando em baixo do queixo. Em frente ao aldeamento, ha um pequeno affluente pela margem direita.

Não podemos sahir deste aldeamento senão a 12, ás 6 1/2 da manhã; porque tendo sido a 11 a festa do cachiré, o indio que o Nunes dera para seguir comnosco, disse-me que só viajava depois da festa. Este indio, chamado Manoel, foi o unico guia ruim que tivemos.

Proseguimos a viagem no referido dia 12 com o indio Manoel, sua mulher e uma filha e outro indio, passamos a 13 em um lugar de soberba paizagem, onde se achava uma casa abandonada, cheia de trastes. Soubemos que era de um chefe Juruna chamado Cayumãa que tinha morrido e por isso a familia retirara-se da casa deixando tudo. Este lugar denominado Piranbacuara (poço das piranhas) dista de 10 a 15 legoas do aldeamento do Nunes.

Segue-se Yutacuara que é uma grande bacia circulada de cachoeiras, ilhas e morros, formando o conjuncto de tudo uma linda paizagem.

(Continúa)

Noticia sobre os Indios de Matto-Grosso dada em officio de 2 de Dezembro de 1848 ao Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, pelo Director Geral dos Indios da então Provincia

Joaquim Alves Ferreira (*)

Ill^me^. e Exmo. Snr. Joaquim Marcelino de Brito, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio.

Illmo. e Exmo. Snr.—Desejoso de corresponder á confiança que em mim depositou o Governo Imperial nomeando-me Director Geral dos Indios desta Provincia, logo que tomei posse desse honroso cargo procurei habilitar-me para exercel-o tão satisfatoriamente quanto m'o permittem as minhas limitadas faculdades. Comecei por deligenciar, com o auxilio de amigos meos estabelecidos em diversos pontos da Provincia, a obtenção de noticias e promenores que me pozessem em estado de cumprir o preceito que me impõe o Avizo d'essa Secretaria d'Estado de 15 de Dezembro de 1845.--Foi o objecto de huma correspondencia longa e moróza, em razão das grandes distancias das nossas povoações, e da difficuldade das communicações; e accresce que, tendo fallecido alguns dos meos correspondentes, foi necessario dirigir-me á outros.

Attendendo a estas circumstancias, dignar-se-ha V.Exª. de relevar a muita tardança d'este officio, cujo fim principal he fazer prezente a V.Exª. o complexo das mencionadas informações acompanhadas das reflexões que por ellas me forão suggeridas. Os escriptos que tratão da corographia d'esta Provincia fazem menção de mais de 70 nações aborigenas, he porem de advertir que algumas deixarão d'existir, e dellas só resta o nome conservado pela tradição; outras muitas vistas e noticiadas em epocas mais ou menos remotas por viageiros e bandeirantes são prezentemente desconhecidas, e habitão por ventura os sertões, que nunca forão, ou que deixarão de ser por nós trabalhados, como seja v. g. o vasto territorio que forma o angulo de norte d'esta Provincia, comprehendido entre o Tapajóz e o Rio das Mortes.

Fica, pois, reduzido a vinte e tantos (não fazendo distincção das diversas tribus de huma mesma nação) o numero das nações de Indios, de quem temos noticias, algum tanto exactas, e cuja catecheze deve por ora, ao meo vêr, occupar nossa attenção. D'esses indios, huns não se vêm senão accidentalmente, e fogem de ter relações comnosco, outros não procuram-nos senão para hostilizar-nos, outros bem que frequentem e amigavelmente se relacionem com nossos viajantes não se mostram dispostos a deixar a vida nomada, outros emfim, de habitos sedentarios, dados á vida agricola e reunidos em grupos mais ou menos numerosos vivem, sob o fraco e brando go-

---

(*) *Nomeado Director Geral dos Indios da Provincia de Matto-Grosso por Decreto de 7 de Dezembro do anno de 1846, e servio até 1850, sendo substituido pelo então capitão Henrique José Vieira.*

E. de M.

verno de seus caciques, em aldeias pela maior parte proximas das nossas povoações.—Devo, porem prevenir a V.Ex.ª que essas aldeias nada têm de commum com as de que trata o Regulamento de 24 de Julho de 1845. Seus habitantes modificarão os seus primitivos costumes sem de todo abandonal-os, e posto que sejam submissos e tenham deferencia para com as nossas authoridades, estas não têm ingerencia alguma no seu regimem ou na sua direcção. Apresento no seguinte quadro a synopse das ditas nações classificadas segundo os districtos que habitam na direcção do Sul para o Norte da Provincia, e relato em seguida o resumo das noticias que pude conseguir a respeito de cada uma dellas.

	NAÇÕES		N. DOS INDIVIDUOS	LUGARES EM QUE HABITAM
1	Cayuás		?	Immediações do rio Iguatemy
2	Chamococos		200	Margem direita do Paraguay, proximo á Bahia Negra
3	Cadiuéos	Guaycurús	850	Margem do Paraguay, de Coimbra para baixo
4	Beaquéos		500	A Leste do Paraguay e Sul de Miranda
5	Cologuéos			Lalima, perto de Miranda
6	Guatiedéos		130	Albuquerque
7	Guanaz		200	Albuquerque e immediações da cidade de Cuyabá
8	Kinikináos	Guanás	1000	Matto-grande perto de Albuquerque, Miranda
9	Terenas		2000	Miranda
10	Laîanas		300	Miranda
11	Guachis		?	Miranda
12	Guatós		500	Rios Paraguay e S. Lourenço, Lagoas Gaiba e Uberaba
13	Bororós da Campanha		180	Ao poente do Paraguay, perto do marco do Jaurú
14	Bororòs Cabaçaes		110	Registro do Jaurú e Campos da Caiçára
15	Cayapós		200	O terreno comprehendido entre as cabeceiras de S. Lourenço e Taquary e os rios Paraná e Paranahyba
16	Coroados		?	Cabeceiras do S. Lourenço
17	Bacairis		200	Cabeceiras do Paranatinga
18	Cajabis		?	Idem idem
19	Barbados		400	Entre a margem direita do Paraguay e abas da Serra dos Parecis

	NAÇÕES	N.º DOS INDIVIDUOS	LUGARES EM QUE HABITAM
20	Parecis	250	Campos e Serras dos Parecis
21	Maibarés	400	Idem Idem
22	Cabixis	500	Idem Idem
23	Nambiquaras	600	Rio do Peixe, confluente do Arinos
24	Tapanhunas	800	Ribeirão do Tapanhuna, confluente do Arinos
25	Apiacaz	2.700	Margem do Rio Arinos e Juruena
26	Mequens	?	A Oriente do Guaporé
27	Guaraios	?	Ao Poente do Guaporé
28	Cautarios	?	Ambas as margens do Mamoré e Madeira
29	Pacáz	?	Margem oriental do Mamoré
30	Cenabós	?	Margem occidental do Mamoré
31	Jacarés	?	Idem
32	Caripunas	1000	Margem do Mamoré e Madeira
33	Aráras	?	Margem do Madeira athé o Jamari.

1.º Cayuás

Pouco conhecimento temos desta nação que habita as immediações do rio Iguatemy; consta comtudo que he bastante numerosa, de indole pacifica, dada á vida sedentaria e agricola, dotada de constancia, qualidade rarissima entre os Indigenas. Continuando a irem se povoando os nossos terrenos ao Sul de Miranda, hão de tomar incremento as nossas relações com os Cayuás, e he de esperar que a sua catechese seja tão facil como vantajosa.

2.º Chamococos

Os Chamococos em numero pouco mais ou menos de 200, habitão huma grande matta proxima á Bahia Negra, ao Sul de Coimbra; vivem em pequenos grupos que só accidentalmente se ajuntavão; são robustos e fortes para o trabalho, porém de mui pouca intelligencia; sustentão-se quasi unicamente da caça, nada cultivão; crião alguns cavallos; andão nús; as mulheres cobrem as partes pudendas com tiras de um tecido que fazem de embira de caraguatá. Da mesma materia fazem saccos em que guardão as suas provisões, e não têm outra qualquer industria. Guerreão ás vezes contra outra nação do mesmo nome que habita mais ao Poente. Costumão vender seus proprios filhos aos Guaycurús e Guanás, em troco de machados, cavallos e panno de algodão. Nunca nos hostilizão, e nem fogem

de nós; mas ao mesmo tempo não manifestão desejos de se relacionarem comnosco; quando muito uma vez por anno vêm algumas vezes ao nosso Presidio de Coimbra ou Albuquerque. Apenas 4 ou 5 entendem o nosso idioma. São muito inclinados á embriaguez e hum tanto ao roubo.

——

3.º Guaycurús-Cadiuéos

He bem conhecida a historia dos antigos Guaycurús; seus usos e costumes foram objecto de muitas e muitas descripções. D'entre as tribus restantes que entre nós existem, dessa nação celebre pela porfiada rezistencia que oppoz aos conquistadores, a dos Cadiuéos he que tem conservado mais vestigios do primitivo espirito altivo e belicoso dos seus antepassados. Orça para mais de oitocentos seu numero; dividi-los em diversas hordas, vagueão por ambas as margens do Paraguay, de Coimbra para baixo, estabelecendo-se temporariamente em hum ou outro logar onde plantão as suas tendas formadas de estacas e cobertas de esteiras e pelles, verdadeiro arraial militar que em poucos momentos assenta-se e levanta-se. Sustentão-se principalmente da caça e da pesca; nada cultivão; crião bastante gado cavallar e algum lanigero, pouco ou nada é a sua industria postoril, pois não lhes faltão habilidade e destreza. Vivem em guerra quasi continua com os seus visinhos; e se não fazem o mesmo comnosco he pela consciencia que têm de sua impotencia. A prezumpção e aleivozia são feições caracteristicas de sua indole. Procurão frequentemente as nossas povoações onde permutão cavallos e algumas cordas e outras obras de embira por aguardente, machadinhas, facas, panno de algodão, fitas, chitas, baetas e prata para canudos com que fazem seus enfeites. De vez em quando chega alguma horda até a capital da Provincia. Pela maior parte entendem alguma cousa do nosso idioma e alguns o fallão. Nem huma nação ha sido por nós brindada tanto como elles, porém não se tem podido conseguir que abandonem a sua vida errante.

——

4.º Guaycurús-Beaquéos

Esta tribu que se compõe de proximamente 100 individuos, vive em huma só aldeia, nas immediações de Miranda. Sustentão-se da caça, da pesca, e dos productos da sua pouca lavoura, como sejão: milho pororoca, mandioca, batatas, carás, abobôras, canna. Crião algum gado cavallar e lanigero, e bem assim aves e porcos. Fazem alguma guerra aos Chamococos a quem roubão as mulheres e crianças, e guerreão tambem os Enimás que habitão no territorio limitrophe da Republica do Paraguay. Fião e tecem algodão de que fazem lindos ponchos, rêdes, suspensorios e cintas. São orgulhosos, propensos á embriaguez e ao roubo; o medo que têm das nossas armas faz com que não nos hostilizem; pouco fallão o nosso idioma, porém em geral entendem-n'o bem.

5.º Guaycurús-Cologuéos

O numero dos Cologuéos passa de 80 e talvez não chegue a tanto. Vivem aldeiados perto de Miranda de envolta com Guaxis, Layas e Terênas e mesmo gente nossa. Dão-se a todos os generos de cultura do paiz, e colhem além do que he preciso para a sua subsistencia; fazem soffrivel farinha de mandioca, rapaduras e algum assucar. Crião gado vaccum, cavallar e lanigero, aves e porcos. Em tudo o mais assemelhão-se aos Beaquéos. Fazem alguma guerra aos Cayuás.

6.º Guaycurús-Guatiedéos

Os Guatiedéos em numero de quasi cem, vivem desde muitos annos aldeados junto á Freguezia de Albuquerque; perderão os seus antigos habitos de depredação, e são presentemente doceis e submissos, porém muitissimo dados á embriaguez, e, se reprimem a sua inclinação ao roubo e á matança, é pelo medo da punição. Cultivão em pequena quantidade mandioca e milho, porém sustentão-se principalmente da caça e da pesca; crião algum gado cavallar e lanigero, tecem ponchos com bastante perfeição e rêdes de algodão. Ajustão-se como jornaleiros para diversos serviços, e quasi todos entendem o nosso idioma, posto que poucos o fallem.

7.º Guanás

As tribus de que se compõe esta nação, pouco ou nada differem entre si quanto ao modo de existencia; seus costumes são mansos, pacificos e hospitaleiros; vivem reunidos em aldeias mais ou menos populosas, e muitos delles se ajustão para serviços de toda especie em diversos pontos da Provincia e mórmente para a navegação fluvial. Sustentão-se da caça e pesca, mas principalmente da carne de vacca e dos productos de sua lavoura. Cultivão milho, mandioca (da qual fazem soffrivel farinha), arroz, feijão, canna, batatas, hortaliça e igualmente todos os generos de agricultura do paiz. As suas colheitas não sò chegão para o seu consumo, como que lhes restam hum excedente que vendem a dinheiro ou permutão por diversas fazendas, ferramentas, aguardente, espingardas, polvora e chumbo, e quincalharias; e bem assim, gado vaccum e cavallar de cuja criação occupão-se. Fião, tecem e tingem o algodão e a lã, do que fazem optimas rêdes, pannos, cintas e suspensorios; e quasi todos entendem e fallão o nosso idioma e estão em estado de se curarem de sua educação intellectual e religiosa. Da tribu que conserva o nome de Guaná ha uma aldeia junto á Freguezia de Albuquerque, e outra na margem do Cuyabá, em menos de meia legua da capital.

8.º Guanás-Kinikináos

Em numero de perto de oitocentos, vivem em huma aldeia no Matto-Grande, distante tres leguas ao Poente de Albuquerque. Existe uma outra aldeia de duzentos individuos nas immediações de Miranda.

——

9.º Guanás-Terènas

Vivem aldeiados nas immediações do Presidio de Miranda.

——

10.º Guanás-Laianas

Habitão tambem na visinhança do mesmo Presidio.

——

11.º Guaxis

Nação quasi extincta cujo actual modo de vida muito se assemelha ao dos Guanás e Guaycurús de Miranda, onde tambem residem.

——

12.º Guatós

Os Guatós differem dos seus conterraneos por uma circumstancia essencial: a de viverem, por assim dizer-se, sobre agua. Avalia-se em 500 o numero total delles. Habitão o rio Paraguay, e as adjacentes Lagoas, desde a bocca superior do Paraguay-mirim athé hum pouco abaixo do Escalvado. Encontrão-se tambem no rio S. Lourenço até a foz do Cuyabá; e na estação das aguas vagueão embarcados, pelos campos inundados pela aguas transbordadas dos rios. As familias vivem isoladas ou reunidas em pequenos grupos; constroem com alguns delgados páos e folhas de palmeiras pequenos e baixos ranchos apenas sufficientes para abrigal-os do sol e da chuva.

Sustentão-se quasi exclusivamente da caça e pesca, e passão o dia nas suas canôas que elles mesmos fabricão com bastante perfeição e são pequenas e velozes; multiplicão o numero dellas na proporção dos membros da familia, e como são palygamos, não he raro ver hum Guató com 5 ou 6 canôas cheias de suas mulheres e filhos; comtudo, o mais ordinario he terem só duas mulheres, e mesmo alguns contentão-se com huma. Plantão ás vezes algum milho, mandioca e fructas, porém mais para regalo do que para segurar a sua

subsistencia; nem se quer cuidão em fazer provisão do arroz silvestre que com abundancia cresce em muitas paragens por elles frequentadas; apenas colhem, com o que satisfazem as precizões do momento. Uzão com admiravel destreza do arco e flexa e servem-se da lança e da zagaia sómente na caça que fazem ás onças que enfestão o territorio que habitão. Vivem em paz com os seus vizinhos e têm frequentissimas e amigaveis relações com os nossos viajantes com quem permutão pelles de onça, de bugio, de lontra, cêra, remos e canôas por machados, facas, zagaias, panno de algodão, fumo e aguardente. Principião a andar vestidos de camisa e calça, e as mulheres uzão de saia. São leaes, probos, inoffensivos; porém têm por vezes mostrado que sabem resistir e vingar injurias que se lhes faz. São muito inclinados a embriaguez, e neste estado tornão-se ás vezes bulhentos e desordeiros. Pela maior parte entendem nosso idioma e muitos adultos o fallão. Poucas vezes vizitão as nossas povoações e mesmo a capital.

13.º Bororós da Campanha

Esta nação divide-se em dous grupos; hum vive aldeiado entre os Bolivianos que occupão as immediações de Salinas, e a outra aldeia está situado quasi á frente do Escalvado na margem direita do Paraguay em distancia de huma legua da beira do rio. Os Bororós são mansos e pacificos; cultivão a terra e colhem milho e mandioca, além do que precizão para sua subsistencia, e vendem as suas sobras ou permutão-n'as por fasendas, ferramenta de lavoura e aguardente. Tecem rêdes de algodão que plantão, crião porcos e galinhas. Alguns já entendem e fallão nosso idioma; procurão as nossas povoações e os viajantes, e mais de uma vez têm aprehendido e trazido ao nosso destacamentos desertores e escravos que fugião para Bolivia. O seu numero é de 150 a 200.

14º. Bororós Cabaçaes

Ainda ha poucos annos vivião indomitas as duas hordas que compõe esta nação; huma habitava as immediações do Jaurú, outra as do Cabaçal donde deriva seu nome. Infestavão frequentemente a estrada que vai desta capital para Matto-Grosso, desde a Fazenda Nacional da Caiçára athé o sitio da Estiva abrangendo assim huma extensão de 32 leguas; matavão e roubavão moradores e viandantes, o que muitas vezes obrigou ao Governo a expedir *Bandeiras* que fizerão grande estrago nesses indios, não procurando fazer prizioneiros, mas sim matar quantos podião, sem distincção de sexo e idade. Sustentão-se os Cabaçaes dos fructos espontaneos da terra. Apenas cultivavão algum milho pororoca que comião verde, batatas e bananeiras.—Não tinhão industria alguma além do fabrico de seos arcos e flexas, de alguns grosseiros vazos de barro e de esteiras de palha com que cobrião em parte a sua nudez.

No anno de 1842 o Rev.º José da Silva Fraga, vigario de Matto-Grosso, ha pouco fallecido, conseguiu, por meios de persuasão, bra ndura, e por brindes, attrahir os Cabaçaes a huma fazenda que possue no Registro do Jaurú.

Ahi vierão em Abril de 1843 estabelecer-se todos, sem ficar hum só no matto. Seo numero era cento e setenta e sete; está hoje reduzido a 81. Com quanto desde 5 annos estejão ahi residindo, mostrão-se pouco propensos a agricultura e hé quasi unicamente a seus arcos e flechas que pedem a sua subsistencia.

——

15.º Cayapós

Estes indios pertencentes a uma numeroza nação que ha muito tempo foi aldeiada na Provincia de Goyaz; habitão o terreno que medeia entre os rios Paraná e Paranahyba e as cabeceiras de S. Lourenço e Taquary; huns estão aldeiados no Destacamento que temos nas margens do Piquiry, e outros no Porto do Paranahyba na estrada que vai para S. Paulo; outros não têm rezidencia certa. Vivem da caça, pesca, e dos fructos da terra; dão-se á cultura do milho, do arroz, mandioca, batata e canna, e fabricão algumas rapaduras; crião porcos, aves, e mesmo algum gado vaccum e cavallar; pela maior parte entendem e fallão o nosso idioma.

Muitos ajustão-se ao serviço dos moradores do districto e dos viajantes

Não nos hostilizão abertamente, posto que se suspeite que tenhão commettido na estrada de Goyaz algumas das depredações que geralmente se atribuem aos coroados.

——

16.º Coroados

Os Coroados habitão as cabeceiras de diversos galhos do rio S. Lourenço. Poucas e pouco exactas são as noticias que temos do seu numero, de sua indole, e dos seus uzos, pois não se relacionam comnosco, fogem de nós, e quando procurão os nossos moradores e viandantes he para hostilizal-os. Com taes disposições e dominadas por sua situação as estradas que vão desta cidade para Goyaz e para S. Paulo, os coroados tornarião as mesmas estradas intranzitaveis para os Christãos, se não fosse o sentimento de cobardia commum a quasi todas as nações indigenas, que faz com que rarissimas vezes accommettão a rosto descoberto, ou expondo a sua vida ao menor risco. Entretanto, por vezes, têm atacado aos viandantes e moradores do sertão, que virão-se obrigados a abandonar os seus estabelecimentos, os quaes, se bem que de pouca importancia, erão de grande utilidade para as tropas, que nelles achavão, pelo menos, o provimento do milho tão necessario para os animaes já cançados por longa e penoza viagem. .

Os mesmos Indios chegarão a commetter estragos matando e in-

cendiando athé em sitios do termo desta cidade e distantes della menos de vinte leguas; por essas razões, poucos annos se passão sem que o Governo expeça *bandeiras* contra elles; porém o resultado ordinario d'estas expedições hé de destruir hum maior ou menor numero de adultos; e aprizionar algumas crianças que entre nós se criam, e que de nenhum modo aproveitão para reducção e cathequeze da nação a que pertencem.

17.º e 18.º Bacahiris e Cajabis

A nação dos Bacahiris supõe-se constar de duz entos individuos, repartidos em diversos grupos. Habitão as cabeceiras do Paranatinga e a parte superior do Arinos. São de indole eminentemente pacifica e athé timida, pois a fuga é o unico meio a que recorrem para subtrahir-se aos ataques dos seus inimigos Nambiquaras, Tapanhunas e Cajabis.

Sustentão-se da caça, da pesca e dos productos de sua lavoura; cultivão milho, mandioca, batatas, carás, favas, feijão e canna. Seus instrumentos aratorios são de pedras e madeiras de cerne.

A sua industria consiste em fazer rêdes de tralha de linha d'algodão e de tocum, peneiras, e balaios. Muito poucos d'estes entendem o nosso idioma, entretanto, procurão ás vezes os nossos moradores, e particularmente a Senr.ª D. Feliciana Querubina Pereira Coelho, abastada proprietaria do Districto de Serra acima, que os acolhe bem, brinda-os, e forma favoraveis juizos da facilidade da sua cathequeze. Tudo o que se sabe dos Cajabis hé que são bravios e indomitos e habitão a margem do Paranatinga acima do salto. São inimigos dos Bacahiris.

19.º Barbados

Estes indios, em numero de 400, têm um só alojamento na falda da serra dos Parecis onde têm as suas cabeceiras o rio Vermelho, affluente do Paraguay, não muito distante da villa do Diamantino. Vagueiam pela margem do mesmo Vermelho athé o Paraguay. Sustentão-se da caça, da pesca, e dos fructos da terra que cultivam com instrumentos feitos de pedra e madeira de cerne. Plantão milho, mandioca, e carás. Não têm criação de gado e não se lhes conhece industria alguma fabril. Não consta que os Barbados tenhão guerra com outros indios. Longe de procurarem ter relações comnosco, fogem de nós. São traiçoeiros e têm por duas vezes atacado aos navegantes que ião do Diamantino para Villa Maria, he á razão de se suppôr que, se nos não hostilizão mais frequentemente, he pelo receio que lhes inspirão as nossas armas

20.º Parecis

Avalia-se em 200 o numero de individuos desta nação, outr'ora celebre e guerreira. Vivem em diversos grupos aldeiados nos altos terrenos denominados Serra e Campos dos Parecis, e vagueião desde as immediações do Diamantino athé os arraiaes do Districto de Matto-Grosso. Posto que algumas vezes se occultem de nós e manifestem desconfiança, em geral parecem dispostos a estreitar as relações que têm comnosco, vizitando de tempo a tempo as nossas povoações onde procurão ferramentas de lavoura, vestuario e quincalharia em troco de peneiras, pacarás, cordas de rêdes, pennas, cuias e fumos que preparão e enrolam com urumbamba e são muito estimados dos fumantes. Pouco entendem e fallão o nosso idioma. Nunca nos hostilizão abertamente; suspeita-se, porem que ás vezes misturão-se com os Cabixis para commetter maleficios.

——

21.º Mahimbarés

Esta nação hé maior que a do Parecis. Divide-se em diversos grupos de familias que vivem aldeadas, nos sertões dos Parecis com quem se relacionam. Sustentão-se da caça, do milho, mandioca, bananas, batatas e carás que cultivão. Poucas relações têm comnosco, posto que algumas vezes venhão ás nossas povoações em companhia dos Parecis.

——

22.º Cabixis

Nação bastante numerosa, que habita em diversos alojamentos os Campos do Parecis, a Noroeste, em 15 ou 20 leguas de distancia. Athé hoje indomita, sempre manisfestou disposição hostil para comnosco. Os nossos arraiaes e moradores do Districto de Matto-Grosso, muitas vezes foram assaltados por esses Indios que annualmente repetem as suas correrias, matando e roubando, incendiando, e são temporariamente contidos pelo medo das *bandeiras* que de vez em quando se expedem contra elles.

——

23.º Nambiquaras

Conhece-se huma horda de huns 600 desses selvagens que habitão as vizinhanças da confluencia do rio do Peixe com o Arinos. Sustentão-se da caça, da pesca, e de alguns fructos da terra que cultivão com instrumentos de páo e pedra. Vivem em estado habitual de guerra com os outros Indios, e particularmente com os Apiacás, a quem fazem todo o mal que pódem. Fogem de ter relação comnosco e costumão fazer emboscadas para atacar as nossas canôas que

se empregão na navegação da Villa do Diamantino para o Pará, porém temem-se muito das nossas armas e não oppõem rezistencia aberta.

——

24.º Tapanhunas

Esta nação tem os mesmos costumes, uzos, e indole que os Nambiquaras. Contão-se 800 individuos, habitão as immediações da confluencia do rio dos Tapanhunas com o Arinos.

——

25.º Apiacás

Suppõe-se subir a 2:700 o numero dos Apiacás. Habitão as margens do rio Juruena e frequentão tambem as do Arinos. Cultivão a terra com as mesmas ferramentas de que uzamos, e sustentão-se do producto de sua lavoura, e bem assim da caça e da pesca. A guerra continua em que vivem contra os Nambiquaras e Tapanhunas he mais defensiva do que offensiva da parte dos Apiacás, cuja indole he mais branda, posto que ainda não tenhão de todo abandonado os seus primitivos costumes antropophagos. Estes Indios nunca nos hostilizão, e pelo contrario de ha muito manifestão dezejos de estreitarem as suas relações comnosco procurando as nossas povoações e nossos viajantes. Prestão-se de bom grado aos nossos serviços para trabalhos de lavoura e para a navegação fluvial.

As nossas expedições que voltão do Pará achão soccorros nas suas Aldeias, pois os Apiacás produzem além do que precisão para seu consumo, e têm para vender fárinha de mandioca, pichi de milho torrado, carás, batatas, aipim, feijão, melancia, aboboras, aves e mel.

Negoceião tambem com os fructos expontaneos da terra, e com os productos de sua industria, como sejão rêde de tralha, de fio de algodão e tocum e enfeites de pennas; procurão obter em troco ferramentas de lavoura, panno d'algodão, facas, quinquilharias, enfeites, ádornos de missanga e pexisbeques para suas mulheres.

——

26.º Mequens

Esta nação habita as margens do rio do mesmo nome e vagueia pelo lado oriental do Guanoré entre os Guaraios e Palmellas. He pouco conhecida, pois os seus membros, posto que inoffensivos, fogem de nós e não acceitão dadivas nossas; nem quizerão tocar em varios objectos que para brindes se havião de propozito deixado no mato.

27.º Guaraios

Julga-se que estes Indios são oriundos de huma aldeia da Provincia Boliviana de Mojos; estão situados na margem occidental do Guaporé no lugar denominado *Páo Cerne* distante humas 50 leguas da cidade de Matto-Grosso. São os Guaraios de bôa indole; têm plantação de mandioca, feijão, milho,de que tirão a sua subsistencia, bem como da caça e da pesca. Procurão os nossos viajantes e dão demonstrações de contentamento e de desejo que se lhes dê alguma cousa.

——

28.º Cautarios

Os Cautarios habitão o terreno regado pelos rios do mesmo nome, e vagueão nas margens do Guaporé entre o Forte do Principe e o Mamoré. Vivem da caça e da pesca, dos fructos espontaneos da terra, e da mandioca que cultivão. Negão-se a ter relações amigaveis comnosco e fazem-nos quantas hostilidades podem. São ladrões, traiçoeiros e matadores.

——

29.º Paccáz

Nada se sabe desses selvagens que não nos fallam e nem nos apparecem.

Vagueão pela margem oriental do Mamoré, desde a sua juneção com o Guaporé até as primeiras cachoeiras.

——

30.º Cenabós

Estes Indios fogem tambem de ter relações comnosco; habitão a margem occidental do Mamoré até as primeiras cachoeiras e vivem constantemente em guerra com os Jacarés.

——

31.º Jacarés

Os Jacarés são mansos e servem muito aos viajantes.

Cuidão da agricultura e fião algodão para o seu uzo. Sustentão-se da pesca, da caça e do producto da sua lavoura. Habitão a margem do Poente do Mamoré desde as cachoeiras até o rio Madeira.

——

32.º Caripunas

Excede a mil o numero dos individuos desta nação que se divide em muitos grupos e vivem nas immediações das cachoeiras dos rios

Mamoré e Madeira. Sustentão-se da caça, da pesca e da lavoura; cultivão o milho, mandiocas, bananas, canna e batatas. São de indole pacifica, hum tanto inclinados ao furto, mas não á matança. Procurão-nos e desde ha muito têm comnosco relações de amisade; prestão todos os soccorros aos nossos viajantes na navegação da cidade de Matto-Grosso para o Pará, tanto para sirgar as embarcações nas cachoeiras como para transportar as cargas, para o que ajustão-se recebendo em paga foices, machados, facões e outras quinquilharias. Não só trabalhão para o seo consumo, como tambem para vender aos viajantes que recebem delles farinha de mandioca, estopa, brêo, salsa e guaraná a troco de panno d'algodão e ferramentas. Grande parte desses Indios entendem o nosso idioma e o fallão. Já estiveram aldeados no destacamento do *Ribeirão* e muitos são baptisados.

——

33.º Aráras

Esta nação é bastante numerosa. Habita em diversas aldeias á margem do Madeira desde o salto do Giráo até o Rio Jamary. Mantêm-se da caça e pesca e occupão-se tambem de lavoura e fião algodão. Os Aráras são bravios e vivem em crúa e constante guerra com os Muras e outros vizinhos, nações indigenas, e comem a carne dos seus inimigos. São propensos ao roubo e á matança e procurão todos os meios de fazer mal.

——

Além das mencionadas nações existem em Cazalvasco nuns 60 Indios que restão das antigas emigrações das povoações da Provincia Boliviana de Chiquitos. Cultivão a terra, fião e tecem algodão, ajustão-se para diversos serviços e alguns estão empregados como vaqueiros na fazenda nacional ahi existente.

As informações que acabo de transcrever, posto que a muitos respeitos vagas e incompletas, parecem-me, comtudo, servir para dar huma idéa geral dos indigenas que povoão esta Provincia.

——

Passo agora a expôr a V.Ex. os meios, a meo vêr, mais adequados para a civilisação dos mesmos. Afim de proceder com algum methodo, dividirei as sobreditas nações em tres cathegorias, abrangendo a 1.ª, as que vivem aldeadas sob nossas vistas; a 2.ª as que vivendo ainda no primitivo estado de independencia, todavia relacionão-se comnosco, e a 3.ª as que nos hostilizão e mostrão-se não dispostas a mudarem seo modo de existencia. A' primeira cathegoria pertencem tres tribus de Guaycurús, todos os Guanás, os Guaxis, os Bororòs da Campanha, os Cabaçaes e os Cayapòs. Os Guaycurús, Guanás e Guaxis estabelecidos nas immediações das povoações de Miranda e Albuquerque nos devem merecer toda attenção pelo seo grande numero, e pela conveniencia de povoar-se esta parte da

fronteira; suas aldeias, se bem que, como já disse, estejão longe de assemelhar-se ás aldeias de que trata o Regulamento, podem com proveito continuar como estão, ou ir-se modificando pouco a pouco. He precizo protegel-os e animal-os fazendo com que não sejão maltratados nem lezados nas suas transacções com nossa gente; fornecendo-lhes alguns instrumentos e utensis necessarios para preparação da farinha e dos productos da canna. Fôra de muita utilidade huma forja e hum ferreiro que concertasse as ferramentas delles e animasse a mesma profissão aos que para isso tivessem quedas, bem assim um carpinteiro.

Finalmente, já estão estes Indios em estado de receber com proveito o ensino moral e religioso e muito conviria que entre elles fossem residir Missionarios. Os Bororós, Cabaçaes e Cayapós são igualmente dignos de contemplação. Os primeiros, que morão além do Paraguay perto da nossa raia divisoria com Bolivia, podem prestar-nos valiosos serviços; e os ultimos podem muito contribuir a que se frequente e povôe a nossa estrada desta capital para S. Paulo

Os meios que se devem empregar são os que venho de apontar, posto que em mais pequena escala. Aos Cabaçaes já mandou o Governo Provincial fornecer ferramentas de lavoura e medicamentos, e utensis para hum pequeno hospital na importancia de 255$780.

Na segunda cathegoria podem alistar-se os Cayuás, Chamococos, Cadiuéos, Guatós, Bacahiris, Parecis, Mahimbarés, Apiacás, Guaraios, Jacarés e Caripunas. Pouco podemos fazer para os Cayuás emquanto nossa população não se estender para a região que habitão, na vizinhança da nossa diviza de sul com a Republica do Paraguay; o que nos cumpre é tratal-os bem e fazer-lhes alguns brindes, quando apparecem entre nós.

Os Chamococos posto que muito brutos, creio que podem sem maior difficuldade ser induzidos a deixar a vida errante e fixar-se entre nós, mediante alguns prezentes de ferramenta de lavoura e vestuario, por intermedio dos Guaycurús Guatiedéos com quem se relacionão.

Fôra lugar conveniente para aldeial-os o Matto-Grande, distante 3 legoas a Oeste de Albuquerque e onde já existe huma grande e prospera aldeia de Kinikináos.

Hesitei em collocar os Guaycurús-Cadiuéos nesta cathegoria, pois não obstante relacionarem-se comnosco, frequentarem as nossas povoações e virem mesmo até a capital, parecem decididos a persistir na sua vagabunda vida. Não têm aproveitado o bom tratamento e as dadivas que se lhes têm feito. Ainda ha poucos annos manifestarão o desejo de se estabelecerem em Albuquerque, o que lhes facilitou o Governo mandando-lhes dar ferramentas de lavoura. Porém dentro de pouco tempo suscitando-se huma rixa entre alguns delles e outros Indios, mandarão-se mudar vendendo préviamente as suas ferramentas á troco de aguardente. Talvez que com o tempo e o exemplo de outras tribus da mesma nação se resolvão a imitar a estas. A' vista do que fica dito dos Guatós he pouco de esperar que se tornem sedentarios e agricultores, tanto mais quanto a região que habitão sendo annualmente alagada pela agua transbordada do Paraguay e de seus affluentes, vêm-se obrigados a viver, como vivem, procurando a sua subsistencia por meio da caça pelos rios, lagoas e

campos inundados. Entretanto, são merecedores de toda a nossa attencção pela sua bôa indole, por alguns serviços que prestão aos nossos navegantes ou moradores dessas immediações, e pelo mal que nos poderião fazer se voltassem contra nós.

Muito satisfeitos ficão com a dadiva de algum panno de algodão para vestuario, ferramenta para a factura das suas canoas, e zagaias, especie de lança de que se servem na guerra que fazem ás onças que, se não fossem os Guatós, tornar-se-ia muito perigoza a frequentação dessas paragens.

Ha toda razão de suppôr que com meios de persuasão, affagos, brindes de vestuario e ferramenta de lavoura, se consiga aldear as demais nações desta cathegoria. Indica-se como conveniente para o aldeamento dos Parecis o rio Claro, huma das cabeceiras do Sumidouro, tributario do Arinos. A civilisação destes Indios facilitaria muito a dos seus amigos Mahimbarés e a reducção dos Barbados e Cabixis.

O aldeamento dos Apiacás he de maior e mais urgente importancia. Querendo aproveitar as bôas disposições desses Indios, de ha muito o Governo da Provincia projectára hum estabelecimento na proximidade do Salto-Augusto no rio Juruena. Levou-se a effeito em 1843, marchando para esse ponto hum Inspector com algumas praças de primeira linha e hum surtimento de ferramenta e sementes para as plantações. Malogrou-se a empreza; o Inspector falleceu em principio de 1845, retirarão-se os soldados, e perdeu-se a despeza que se fizera. Entretanto he este lugar do Salto-Augusto eminentemente proprio para a fundação da Aldêa em razão da fertilidade do solo, abundancia de madeiras de construcção, fartura de pesca, caça e dos fructos espontaneos da terra que fazem parte da riqueza natural e privativa da Provincia do Pará; e tambem porque a povoação que se ahi fizesse auxiliaria poderosamente a navegação desta Provincia para o Amazonas.

Hum pequeno destacamento he necessario afim de animar os Apiacás e offerecer-lhes hum ponto de apoio contra os seus inimigos Nambiquaras e Tapanhunas. O maior, senão o unico obstaculo que se encontra na civilisação deste aldeamento he a difficuldade de achar-se um Director com as qualidades e requizitos, que se queira incumbir dessa tarefa, se bem que no desempenho della possa achar hum abundante manancial de prosperidade futura; porém he precizo resignar-se a supportar-se ao principio bastantes inconvenientes e sobre tudo ter muita paciencia e perseverança. He tambem de muita conveniencia a erecção ou restauração da aldeia que houve outr'ora no destacamento do *Ribeirão* para residencia dos Caripunas.

A civilisação destes Indios facilitaria a dos Jacarés e prepararia a reducção das hordas bravias que errão por esses sertões; ao mesmo tempo que os viajantes do Pará para a cidade de Matto-Grosso acharião em hum tal estabelecimento auxilio de gente e mantimentos, recurso precioso em tão longa e penoza viagem. O Governo da Provincia mandou ha pouco collocar hum destacamento militar no ponto do Páo-Cerne. (*) He provavel que esta medida favoreça as ten-

---

(*) *Malogrou-se, (E. de M.)*

dencias que têm para civilisar os Guarayos que vivem nas immediações desse lugar. Para este fim poz o mesmo Governo á disposição do commandante nomeado a quantia de 300$000 para ser empregada em compras de brindes para os ditos Indios.

A terceira cathegoria compõe-se dos Coroados, Cajabis, Barbados, Cabixis, Nambiquaras, Tapanhunas, Mequens, Cautarios, Paccaz, Cenabós e Aráras. Sendo, como já disse, as disposições hostis dos Coroados hum continuo motivo de inquietação para os viajantes e moradores do sertão que atravessão as duas unicas estradas pelas quaes communica esta capital com a Côrte e outras Provincias, he obvia e geralmente sentida a necessidade de pôr hum termo aos males que resultão de um tal estado de couzas. A difficuldade consiste em não termos meios de significarmos a esses Indios as nossas intenções, pois não existe outra nação que, relacionando-se com elles e comnosco, nos possa servir de interprete. Sou de opinião de que conviria enviar alguma gente sufficientemente numeroza e armada para, conservando-se na defensiva, poder sem risco ir a algum dos lugares que frequentão os Coroados e deixar ahi ficar alguns presentes, repetindo-se essas expedições até poder-se julgar da efficacia dellas. O capitão Antonio José da Silva, abastado fazendeiro que possue estabelecimentos ruraes no districto por onde vagueião os mesmos Indios, considera como muito conveniente que no lugar onde a nova estrada para S. Paulo atravessa o rio Itiquira, se colloque hum destacamento cujo commandante com o precizo zelo e geito procure por meios de brindes attrahir algum dos que por ahi apparecem. Não se pode, porém, dissimular que quando taes medidas se tornem proficuas será com muita lentidão, e no entretanto pode ser que seja precizo repremir alguma nova correria.

Em tal caso entendo ser de muita importancia que a bandeira a expedir não seguindo a marcha costumada, evite desnecessarios actos de barbaridade e se esforce em apoderar-se de Indios adultos que passando algum tempo entre nós, e sendo convenientemente tratados voltem depois a viverem entre sua gente, e manifestem o nosso dezejo de vivermos em paz e amisade com elles, e quando não, a rezolução em que estamos, e o poder que temos de exterminal-os por meio da força. Poder-se-ha proceder do mesmo modo para com os Cabixis. Quanto ás demais nações bravias pode-se ao meo vêr adiar a sua reducção, salvo se se offerecer occasião favoravel. O aldeamento e civilisação dos Bacahiris facilitará a dos Cajabis.

Os Parecis serão poderosos anxiliares para trazer-nos relações com os Barbados. Fundado que seja o estabelecimento dos Apiacáz no — Salto-Augusto — ministrará meios de attrahir os Nambiquaras e Tapanhunas ou de reprimir os seus maleficios. O mesmo acontecerá a respeito dos Mequens, Cautarios, Paccaz, Cenabós e Araras, quando estejão aldeiados e domesticados os Caripunas e Guaraios. Resta-me agora tratar dos meios praticos de levar a effeito as medidas indicadas, meios que em ultima analyse se reduzem a dous: dinheiro, e escolha de agentes idoneos. Quanto ao primeiro não me animo a designar a V.Ex.ª o *quantum* da despeza annual que se deve fazer, pela persuazão em que estou de que, ainda quando eu reduzisse ás mais exiguas proporções as parcellas de que se ha de

compôr a dita despeza, assim mesmo ella excederia de muito a quota que ha de tocar a esta Provincia na distribuição dos fundos consignados pela Lei para Catechese dos Indios. O que V.Ex.ª não deixará de reconhecer, dignando-se attender ao numero das nações que se devem brindar, é a circumstancia de consistirem os brindes principalmente em ferramentas de lavoura, cujo preço é relativamente enorme nesta Provincia onde o ferro vende-se commummente em razão de 400 reis a libra.

Assim, pois, limito-me a assegurar a V. Ex.ª que da minha parte, farei quanto em mim couber para que seja proficuo e bem fiscalisado o emprego de qualquer quantia que o Governo Imperial applicar ao mencionado objecto.

Quanto ao pessoal, já tive a honra de ponderar a V. Ex.ª que as aldeias existentes não têm organisação de modo algum analogo ás de que trata o Regulamento, e que por óra não me parece convinhavel alterar o tal qual regimen, porque se governão as ditas aldeias, o que poderia cauzar espanto aos Indios e despertar nelles sentimentos de desconfiança.

Melhor parece esperar para mais tarde, quando convencidos pela experiencia de que nada intentamos a respeito delles que se não coadune com o seu bem estar, facilmente prestar se-hão ás modificações que forem necessarias para o seu governo e economia. Demais, nesta Provincia tão pouco povoada fôra muito difficil e, em algumas localidades impossivel achar homens ao mesmo tempo probos e dedicados que se quizessem incumbir das obrigações impostas pelo citado Regulamento aos Directores e empregados subalternos das aldeias. Entretanto, existem em diversos districtos, habitados ou frequentados pelos Indios, pessoas que por natural inclinação e zelo do serviço publico, não duvidarão encarregar-se de exercer sobre os mesmos huma sorte de inspecção nos termos dos paragraphos oito, nove, dez, onze, doze, dezeseis, dezesete e dezoito do Artigo 2.º do Regulamento. Vou fazer presente a V. Ex.ª os nomes de alguns cidadãos que estão neste cazo e me fornecerão os elementos desta informação. Outros ha que não menciono por não estar relacionado com elles, mas que poderão ser indicados a V. Ex.ª pelo Ex.mo Governo da Provincia.

No districto de Albuquerque: o Tenente Manoel José de Carvalho, criador e lavrador.—No districto de Miranda: o Capitão Caetano da Silva Albuquerque, criador e lavrador.—Nas margens do S. Lourenço: o cidadão Salvador Corrêa da Costa,—criador e lavrador.—No districto do Piquiry: o capitão Antonio José da Silva, abastado proprietario, criador e lavrador,—No districto de Sant'Anna do Paranahyba: o Capitão José Garcia Leal, na circumstancia do antecedente.—No districto de Serra-acima: o T.e C.e João José de Siqueira, Senhor d'Engenho e abastado. No mesmo districto rezide a Senr.ª D. Feliciana Querubina Pereira de Sá, que tem feito muita deligencia e não pouca despeza para attrahir os Indios Bacahiris; relacionão-se com ella e a instancia della vierão alguns a esta cidade no decurso do anno findo.—No districto da Villa do Diamantino: o negociante capitalista, Francisco Pereira de Carvalho.—No districto de Matto-Grosso: o capitão José Maria Ribeiro da Fonseca, lavrador e mineiro abastado.—No districto de Villa-Maria, o

cidadão Joaquim Roiz Leite, abastado criador e lavrador, e João Ferreira Mendes, negociante.

Eis, Ex.me Senr., quanto por óra se me offerece levar ao conhecimento de V. Ex.a reiterando os protestos de bôa vontade com que procurei supprir a deficiencia de capacidade para o cabal desempenho da obrigação do emprego com que me honrou o Governo Imperial.—Deus Guarde a V. Ex.a

Cuyabá, 2 de Dezembro de 1848.—Ill.mo e Ex.mo Snr. José Pedro Dias de Carvalho. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.—*Joaquim Alves Ferreira*, Director Geral dos Indios.

DATAS MATTOGROSSENSES

1.º DE JANEIRO

Fundação de Cuyabà e consequentes povoamentos

A povoação da *Forquilha* (*a*) floresceu com o seu aggregado de ranchos pe páu a pique até o anno de 1772 (*b*), tempo em que o sorocabano Miguel Sutil—antigo mineiro da turma que acompanhou Moreira Cabral—guiado por dous indios, descobrio nas visinhanças da actual igreja de N. S. do Rosario opulento veeiro, do qual em algumas horas retirou cerca de meia arroba de ouro.

De regresso, ao cahir da tarde, contra todas as praxes, procurou Sutil occultar essa occurrencia, em cujo intuito não foi segundado pelo seu camarada João Francisco, portuguez, mais conhecido pela alcunha de *João Barbado*, que o havia acompanhado na excursão e tambem tomado parte na preciosa colheita.

A noticia de semelhante abundancia mineral propagou-se sem tardança, e o abandono da povoação operou-se com a mesma rapidez com que havia sido formada, de tal sorte, que um anno depois na outr' ora prospera localidade apenas restavam indicios da passagem por ahi de uma população civilisada.

A nova lavra recebeu a denominação de Cuyabá, por achar-se situada nas immediações do rio do mesmo nome, e para ella deslocaram-se os moradores da *Forquilha*, alimentados pela esperança de conquistarem rapida fortuna, até certo ponto justificavel, porquanto em menos de um mez foram extrahidas quatrocentas arrobas daquel-

---

(*a*) Fundada a margem do Coxipó-mirim, em 1719, por Paschoal Moreira Cabral e seus companheiros.

(*b*) João Severino da Fonseca data esse facto como occorrido em 1720 (*Viagem ao redor do Brasil*, vol—II). Leverger indica o anno de 1722 (*Apontamentos chorographicos da provincia de Matto-Grosso*.

le minerio, sem que as excavações fossem além de uma camada correspondente a quatro braças abaixo da superficie do solo *(c)*.

Essa pujança natural explica o açodamento com que para a localidade acudiram sertanistas e aventureiros de varias capitanias, a despeito dos embaraços que uma travessia de mais de quinhentas leguas offerecia, não tendo sido pequeno o numero dos que nella pereceram.

A uma monção, porém, que se despedaçava de encontro ás cachoeiras do Tieté ou Taquary—roteiro preferido posteriormente á navegação do Anhanduhy-assú - ou era destroçada pelas settas payaguás, succediam-se outras mais ousadas e quiçá mais adestradas, porque em S. Paulo repetia-se sempre « que o ouro era em tanta abundancia em Cuyabá, que os caçadores serviam-se delle em vez de chumbo*(d)*».

Assim, apesar de todos os obstaculos, já em 1726 as novas minas tinham-se transformado em pittoresco arraial de cerca de tres mil habitantes, contando mais de cem casas de edificação regular, entre as quaes destacavam-se algumas cobertas de telha, inclusive as igrejas do Bom Despacho e Senhor Bom Jesus *(e)*.

De taes occurrencias teve a metropole exacto conhecimento, e no interesse de melhor assegurar a arrecadação da fasenda real, até então effectuada sem o rigor que convinha á corôa, ordenou que para aqui se transportasse o governador Rodrigo Cezar de Menezes, incumbindo-o tambem de erigir Cuyabá em villa.

Nesse mesmo anno—a 15 de Novembro—pressurosos concorriam os moradores do arraial ao desembarque do governador, que se fez acompanhar do dr. Antonio Lanhas Peixoto, ouvidor de Paranaguá, do padre Lourenço de Toledo Taques, como visitador, e do ajudante Antonio Borba, que tornou-se tristemente celebre pela maneira brutal e violenta com que executava a cobrança de impostos.

A expedição faustosa que conduzio Rodrigo Cezar compunha-se de trezentas canoas tripoladas por tres mil pessoas, e esse accrescimo de população, encarecendo desde logo todos os generos de consumo immediato, foi o preludio dos vexames que vieram cahir depois sobre o povo.

Dezeseis dias depois—a 1 de Janeiro de 1727—era Cuyabá elevado á categoria de villa, de cujo acto lavrou-se o seguinte termo :

« Ao primeiro dia do mez de Janeiro de 1727, nesta Villa Real do Senhor Bom Jesus de Cuyadá, sendo mandado por S. M., que Deus Guarde, a creal-a de novo o Exm. Snr. Rodrigo Cezar de Menezes, governador e capitão-general desta capitania, e que o acompanhasse para o necessario, o Dr. Antonio Alves Lanhas Peixoto, ouvidor geral da comarca de Paranaguá sendo por elle eleitas as justiças, juizes ordinarios, Rodrigo Bicudo Chacim, o thesoureiro coronel João

---

(*c*) Felippe José Nogueira Coelho.—*Memorias chronologicas da capitania de Matto-Grosso.*

(*d*) Brigadeiro Machado de Oliveira.—*Quadro historico.*

(*e*) Nesta ultima repousam os restos de Paschoal Moreira Cabral, fallecido em 1724 aos setenta annos de idade. Segundo Leverger, essa igreja foi edificada em 1722 pelo capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes, e ahi celebrou pela primeira vez um irmão deste, fr. Pacifico dos Anjos, religioso franciscano.

de Queiroz Magalhães, e vereadores Marcos Soares de Faria, Francisco Xavier de Mattos, João de Oliveira Garcia, e procurador do conselho Paulo Anhayá Lima, servindo de escrivão da comarca Luiz Teixeira de Almeida, almotacé o brigadeiro Antonio de Almeida Lara, e o capitão-mór Antonio José de Mello, levando o estandarte da villa Mathias Gomes de Faria, foi mandado pelo dito Snr. governador cápitão general que com o dito Dr. Ouvidor, todos juntos com a nobreza e povo, fossem á praça levantar o pelourinho desta villa, a que em nome d'El-Rei deu o nome de Villa Real do Bom Jesus, e declarou que sejam as armas de que usasse um escudo dentro com o campo verde e um morro ou monte no meio todo salpicado com folhetas e granitos de ouro, e por timbre, em cima do escudo, uma phenix; e nomeou para levantar o pelourinho ao capitão-mór regente Fernando Dias Falcão, e todos sobreditos com o dito Dr. Ouvidor, nobreza e povo foram á praça desta villa, aonde o dito Fernando Dias Falcão levantou o pelourinho, do que para constar a todo tempo fiz este termo, que assignou o dito Snr. General com os sobreditos. E eu Gervasio Leite Rabello, secretario deste governo, que o escrevi, dia e era *ut supra*.—*Rodrigo Cesar de Menezes—Antonio Alves Lanhas Peixoto—Rodrigo Bicudo Chacim—Marcos Soares de Faria—Francisco Xavier de Mattos—João de Queiróz Magalhães—João de Oliveira Garcia—Luiz Ferreira de Almeida—Antonio José de Mello—Paulo de Anhayá Lemes—Antonio de Almeida Lara—Mathias Soares de Faria—Fernando Dias Falcão—João Pereira da Cruz—Manoel Dias de Barros—Luiz de Vasconcellos Pessoa—Manoel Vicente Neves—Salvador Martins Bonella.* »

——

Rodrigo Cesar só regressou a S. Paulo em Setembro de 1728, e a sua permanencia na villa foi assignalada por uma serie de extorsões, processos e actos de requintada violencia—do que dá justa medida a perseguição movida contra os irmãos Lourenço e João Leme—forçando desse modo os seus habitantes a abandonarem interesses e propriedades, e a se internarem pelos sertões uns, e outros a tomarem caminho para Goyaz e São Paulo (*f*).

Uma testemunha occular de taes acontecimentos assim descreve o grão de decadencia a que chegou Cuyabá, logo depois da partida daquelle governador.

« A villa só tem oito ou nove casas de telha, entre as quaes a melhor é a que foi do General Rodrigo Cesar; as mais são de capim, mas como serem assim se não vendiam quando cheguei, por mais pequenas que fossem, por menos de 200 a 500 oitavas cada uma, e as que tinham mais algum commodo chegaram a 700, porem d'ahi a dous annos as vi vender a 40 e 50 oitavas, quando as não desamparavam os donos que vinham para o povoado; o mesmo succedeu ás roças, que pedindo por algumas quando fui, 300 a 400 oitavas, as

(*f*) Só em 1728 mais de mil pessoas abandonaram Cuyabá em busca de Goyaz.

venderam ao depois por 50 a 100, e muitas as abandonaram os donos retirando-se para S. Paulo(*g*).

Erão tudo miserias, queixas e lamentos; a terra falta de roças, que brotavão os milhos espigas sem gram algum; as doenças actuaes, os que escapavão dellas, não escapavão da fome; assim que tudo era gemer, chorar e morrer (*h*).

A decadencia manifesta-se notoria e constante em todos os sentidos, e esse estado de cousas vigorou até que os primeiros actos do general Joaquim da Silva Caldeira Pimentel vieram pela moderação reanimar a confiança publica.

O germen do mal, porém, estava lançado e a lembrança dos calamitosos dias que a presença de Rodrigo Cesar assignalára, perdurava ainda na memoria de todos, actuando de modo que os poucos moradores da villa buscavam apenas occasião para abandonal-a.

Dessa irradiação, e mais ainda pela afoiteza do espirito paulista nasceram as entradas para a região occidental, que tomaram vulto depois dos descobrimentos dos irmãos Fernando e Arthur Paes de Barros, dando assim origem ao povoamento do valle do Guaporé.

Indirectamente, pois, os desmandos de um governo mal intencionado e pessimamente orientado, foram os factores de um conjuncto de acontecimentos que trouxeram ao Brazil maior amplidão territorial, e a Portugal feliz opportunidade de indemnisar-se dos prejuizos que a má fé da politica hespanhola lhe acarretára com a occupação das Felippinas, procedimento contrario ao tratado de Tordesilhas de 1494 e á convenção de Saragoça de 1523.

Apesar da sua preoccupação doentia de imitador de Luiz XIV, bem comprehendeu d. João V o alcance dos novos acontecimentos, e para melhor assegurar o dominio portuguez, naquella região, apressou-se em crear por acto de 9 de Maio de 1748 a capitania independente de Matto-Grosso.

Estevão de Mendonça.

(*g*) *Noticias praticas das minas de Cuyabá, etc. que dá ao Rev. Padre Diogo Soares o capitão João Antonio Cabral Camello, etc* (*REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO*, vol—IV)

(*h*) *Annaes do Senado da Camara de Cuyabá.*

QUADROS HISTORICOS

Conquista do sertão matto-grossense (1648 a 1734)

Compulsando as obras impressas e os manuscriptos referentes ao primeiro periodo da historia desta vasta região que depois se chamou Matto-Grosso, vemos figurarem no primeiro plano os destemidos bandeirantes, internando-se ousadamente por toda a enorme zona ainda não pisada por gente estranha, sem rumo conhecido, sem guia, sem itinerario.

O primeiro explorador que penetrou no territorio matto-grossense, foi Manoel Corrêa, natural de S. Paulo, que atravessou Goyaz e descobriu o sertão dos *Araès* entre os annos de 1648 a 1703.

Viam-se os bandeirantes muitas vezes forçados a combater com os indios bravios, a defender-se dos ataques das féras, luctando sempre com os obstaculos de uma natureza para elles desconhecida, cujos explendores como que fascinavam-n'os, atrahindo-os mais e mais para o interior.

Dominados pela sêde do ouro que anciosamente buscavam e do qual tinham noticias, esses valorosos sertanistas assignalavam com o seu sangue e com as suas sepulturas o dominio de toda a extensão territorial que a sua coragem não vulgar ia conquistando.

Dizimados já por molestias, já pela falta de recursos ou pela flexa traiçoeira do gentio, e exhaustos de forças para proseguirem tão arriscadissima jornada, morriam miseravelmente quasi todos pelos caminhos; e os que se salvavam, abandonando impiedosamente os companheiros enfermos, e deixando insepultos os cadaveres dos que falleciam, continuavam a derrota— sempre levados pela crença, que a imaginação lhes phantasiava, de descobrirem o verdadeiro *El-Dorado*.

Após estes vinham outros bandeirantes que encontravam os cadaveres ainda frescos e a ossada dos seus predecessores, que lhes serviam apenas de marco no temerario e incerto caminhar.

Foram esses andazes exploradores,—cuja historia é uma quasi lenda—, que fundaram os primeiros nucleos de povoamento no seio das mattas virgens, embalsamadas pela exhalação odorante de uma vegetação opulentissima, sob um céo cheio de luz e bellezas, á beira dos rios crystalinos e rumorejantes.

A exuberancia e pompa da vegetação, a variedade dos paineis que a natureza lhes apresentava a cada passo, sempre novos e originaes, e sobretudo a corpulencia das arvores seculares, cujos ramos entrelaçavam-se interceptando os raios solares, extasiavam os intrepidos sertanistas, enchendo-os de viva admiração.

Os seus olhos jámais se cançavam de contemplar os espectaculos dessa natureza original, tão maravilhosos e suprehendentes.

Depois de atravessarem os *Campos dos Parecis*, ao Norte, e ao descerem a Cordilheira Geral, de oriente a occidente, costeando as escarpas do grande araxá, foram encontrando, na planicie opposta áquelles campos, mattas virgens em que se ostentavam vegetaes corpulentos e elevadissimos a que foram chamando--Matto-Grosso--, nome pelo qual ficou sendo conhecido depois todo o territorio descoberto.

Nas horas da sésta, esses aventureiros enlevavam-se na contemplação da Natureza que se lhes patenteava aos olhos soberba, esplendorosa e cheia de vida.

Bandos de lindas aves multicôres esvoaçavam alegremente, enchendo o espaço com os seus maviosos cantares. No horizonte, desenhava-se o perfil altaneiro das montanhas azues, ao despontar da manhan perfumada pelo arôma inebriante da baunilha e das flôres que adornavam o recanto da paisagem. Ao estrepito das aguas despenhando-se em alva e formosa cascata, vinha juntar-se, naquellas solidões, o echo profundo da floresta, o zumbir dos insectos e o rugido medonho das féras em seus covis.

Nas noites tempestuosas o espectaculo era terrivel naquellas paragens longinquas e inhabitadas; e só ouviam-se o fragor dos relampagos que clareavam o espaço e o ribombo de crebros trovões que abalavam até os abysmos.

O bandeirante, depois dos trabalhos e das excursões diarias, recolhido á sua palhoça, embebido em suas cogitaçõs e rodeado por aquellas graves manifestações das forças naturaes, tinha saudades da sua terra e sentia o animo valoroso e robusto vacillar deante do poder e da grandeza de um Ser invisivel.

*
* *

Em segundo plano vêm as chamadas *monções de povoado* que eram nada mais nem menos do que as viagens que se faziam annualmente, trazendo provisões de bocca, fazenda, polvora, chumbo e outros artigos de commercio.

Eram o supprimento necessario destinado ás povoações e aos arraiaes já formados, anciosamente esperado pelos seus habitantes.

Por terra chegavam tambem caravanas que abasteciam os mineiros.

Estas expedições, atravessando uma zona extensissima e bordada de perigos e riscos sem conta, eram sempre feitas com enormes sacrificios de vidas, chegando as comitivas a serem, muitas vezes, completamente destruidas, não só pelo gentio, como por varias causas naturaes.

As primeiras expedições desciam o Tietè e o Paraná, subiam o Pardo e o Anhanduhy-assù, costeavam a serra do Amambahy até alcançar o galho do Aquidauana, que desciam, até sahir no Paraguay, que subiam, e depois o S. Lourenço e Cuyabá.

As outras expedições, de 1723 em diante, desciam o Tieté e o Paraná, subiam o Pardo até as cabeceiras, varavam Camapuan e iam sahir no Coxim, deste no Taquary, e depois no Paraguay, que subiam, e finalmente, o S. Lourenço e Cuyabá.

O primeiro descobrimento das minas de Cuyabá e a eleição do seu primeiro guarda-mór regente, consta da transcripção seguinte (1):

—«Aos oito dias do mez de Abril da Era do mil e setecentos e desenove annos, neste arrayal de Cuyabá, fez Junta o capitam-mór Pascoal Moreira Cabral com os seus cõpanheiros e ele requereu á elas este termo de certidam, para noticia do descobrimento novo,

(1) *Viagem ao Centro do Brazil*, do Dr. Severiano.

que axamos no ribeiram do Coxipó, invocaçam de Nossa Senhor-da Penha de França : depois que foi o nosso enviado capitan Antonio Antunes com as amostras de oiro que levou ao senhor general, cô a petiçam do ditto capitan-mór fez a primeira entrada onde asistio hum dia e axou pinta de vintem, e de dous e de quatro vintens e de meia pataca; e a mesma pinta fez na segunda entrada emquanto asistio septe dias cô todolos seus côpanheiros, ás suas custas, cô grandes percas e riscos, em serviço de Sua Real Magestade e seus governos, para não perecerem seus direitos e por asi ser verdade nos asinamos todos em este termo, o qual eu pasei bêe e feelmente á fêe do meu oficio, como escrivam deste arrayal.—*Pascoal Moreira Cabral.—Siman Rodrigues Moreira.—Manoel dos Santos Coymbra.—Manoel Garcia Velho.—Balthazar Ribeiro Navarro.—Manoel Pedro Lousano.—João de Anhaya de Lemos.—Francisco de Siqueira.—Affonso Fernandes.— Diogo Dominques.—Manoel Ferreira.—Antonio Ribeiro.—Alberto Velho Moreira.—João Moreira.—Manoel Ferreira de Mendonça.—Antonio Garcia Velho.—Pedro de Godoys.—Josè Fernandes.— Antonio Moreira.— Ignacio Pedro.—Manoel Rodrigues Moreira.—Josè Paes da Silva.*

—

—«No mesmo dia e ano atraz nomeado elegeu o povo em voz alta o capitan-mór Pascoal Moreira Cabral por seu guarda-mór regente, thé ordem do senhor general, para poder guardar todos os ribeiros de oiro, socavar e examinar, fazer composiçon aos minerios e botar bandeiras tanto ás minas como aos inimigos barbaros: e visto ellegerem ao ditto lhe cataram respeito:e poderá tirar auto contra aquelles que forem regulos, como é amotinador e aleivez; e que espulsará e perderá todolos seus direitos, e mandará pagar dividas : e que nenhum se recolherá thé venha o nosso enviado capitan-mór Antonio Antunes do que todos levamos a beem; Oje, oito de Abril de mil setecentos e desanove anos, eu Manoel dos Santos Coymbra, escrivam do arrayal que escrevi.—*Pascoal Moreira Cabral.*»

—

—«Aos vinte e quatro do mez de junho botou o guarda-mór Pascoal Moreira Cabral hua bandeira á descobrimento de oiro, onde foi por guarda menor Manoel Garcia Velho, junto cô o escrivam das ditas, onde descobrio hum ribeiro por nome San Joan cô pinta de oitava e meya pataca e doze vintens, e outro ribeiro de Santo Antonio cô a mesma pinta, ribeiros de porte para se repartirem; e por asy ser verdade mandou o guarda-mór passar este termo por mi escrevam das datas que o escrevi bêe e feelmente á fé do meu oficio, oje quinze do mez de agosto de mil e setecentos e desanove anos.—*Manoel dos Santos Coymbra.—Pascoal Moreira Cabral. — Manoel Garcia Velho.*»

*
* *

E assim operou-se, em principio, a conquista e dahi o povoamento desta bem fadada região, que tem uma superficie calculada em em 2.090.880 kilometros quadrados e que, pela sua configuração e posição geographica é—o coração da America do Sul.

Antonio Fernandes de Souza.

Quadro dos Presidentes e Vice-Presidentes da Provincia de Matto-Grosso, de 1881 a 1889. (Especialmente organisado para O ARCHIVO.)

(CONTINUAÇÃO)

	NOMES	Cartas Imperiaes que os nomearam	Data da posse	Quando passaram a administração	DURAÇÃO Anno	Mez	Dia	OBSERVAÇÕES
26	Coronel José Maria de Alencastro	24—3—81	31—5—81	10—3—83	1	8	10	Accumulou o cargo de commandante das armas.
	Vice-Presidente Tenente-Coronel José Leite Galvão		10—3—83	7—5—83		1	28	
27	General Barão de Batovy	13—1—83	7—5—83	13—10—84	1	5	6	Accumulou o cargo de commandante das armas.
28	» Floriano Peixoto	8—8—84	13—10—84	5—10—85		11	24	» » » »
	Vice-Presidente Dr. José Joaquim Ramos Ferreira	30—8—85	5—10—85	5—11—85		1	1	
29	Dr. Joaquim Galdino Pimentel	26—9—85	5—11—85	9—11—86	1		4	
	2.º Vice-Presidente Capitão Antonio Augusto Ramiro de Carvalho	30—8—85	9—11—86	9—12—86		1		
30	Dr. Alvaro Rodovalho Marcondes dos Reis	2—10—86	9—12—86	28—3—87		3	19	
	2.º Vice-Presidente Capitão Antonio Augusto Ramiro de Carvalho	30—8—85	28—3—87	29—5—87		2	1	
	1.º Vice-Presidente Dr. José Joaquim Ramos Ferreira	30—8—85	29—5—87	16—11—87		5	18	
31	Coronel Francisco Raphael de Mello Rego	12—9—87	16—11—87	6—2—89	1	2	20	Accumulou o cargo de commandante das armas.
32	Dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira	24—11—88	6—2—89	11—7—89		5	5	
	Vice-Presidente Dr. Manoel José Murtinho	8—6—89	11—7—89	9—8—89			29	
33	Coronel Ernesto Augusto da Cunha Mattos	8—6—89	9—8—89	9—12—89		4		Accumulou depois o cargo de commandante das armas.

Quadro dos Governadores e Presidentes do Estado de Matto-Grosso, de 1889 a 1905.

(Especialmente organisado para O ARCHIVO.)

	NOMES	Data da Posse			Data em que passaram a Administracção			Caracter em que assumiram a Administracção	Tempo que governaram			Observações
		Dia	Mez	Anno	Dia	Mez	Anno		Anno	Mez	Dia	
1	Antonio Maria Coêlho	9	Dezembro	1889	16	Fevereiro	1891	Governador	1	2	7	Acclamado pelo povo.
2	Frederico Solon de Sampaio Ribeiro	16	Fevereiro	1891	1	Abril	2831	Governador		1	15	Nomeado pelo Governo Provisorio.
3	José da Silva Rondon	1	Abril	1891	6	Junho	1891	2.º Vice-Governador		2	5	» » » »
4	João Nepomuceno de Medeiros Mallet	6	Junho	1891	16	Agosto	1891	Governador		2	9	» » » »
5	Manoel José Murtinho	16	Agosto	1891		(*)		Presidente				Eleito pelo Congresso Constituinte.
6	Generoso P. L. de Souza Ponce	7	Maio	1892	20	Julho	1892	1.º Vice Presidente		2	12	» » » »
7	Manoel José Murtinho	20	Julho	1892	15	Agosto	1895	Presidente	3		29	Reassumio dentro do periodo para o qual foi eleito.
8	Antonio Corrêa da Costa	15	Agosto	1895	17	Setembro	1897	Presidente (**)	2	1	1	Eleito por suffragio directo.
9	Antonio Cesario de Figueiredo	17	Setembro	1897	19	Novembro	1897	2.º Vice-Presidente		2	1	» » » »
10	Antonio Corrêa da Costa	19	Novembro	1897	26	Janeiro	1898	Presidente		2	6	Reassumio dentro do periodo para o qual foi eleito.
11	Antonio Cesario de Figueiredo	26	Janeiro	1898	6	Julho	1899	2.º Vice Presidente	1	5	9	» em virtude de renuncia do Presidente.
12	Antonio Leite de Figueiredo	6	Julho	1899	15	Agosto	1899	Vereador		1	8	Vereador mais votado.
13	Antonio Pedro Alves de Barros	15	Agosto	1899	4	Abril	1900	Presidente		7	19	Eleito por suffragio directo.
14	João Paes de Barros	4	Abril	1900	24	Agosto	1900	1.º Vice Presidente		4	19	» » » »
15	Antonio Pedro Alves de Barros	24	Agosto	1900	15	Agosto	1903	Presidente	2	11	21	Reassumio dentro do periodo para o qual foi eleito.
16	Antonio Paes de Barros	15	Agosto	1903				Presidente				Eleito por suffragio directo.—Actualmente em exercicio.

(*) Por acto n. 136 de 14 de Maio de 1892 foram declarados nullos todos os actos do governo illegal (22 de Fevereiro a 7 de Maio de 1892.)

(**) A constituição do Estado de Matto-Grosso, promulgada a 15 de Agosto de 1891, estabeleceu que o Poder executivo será commettido a um cidadão com o titulo de — Presidente do Estado — eleito directamente pelo corpo eleitoral para servir durante quatro annos.

Indice

AO LEITOR

Paginas

CARTAS REGIAS de 1771 a 1803, relativamente ao go-
erno da Capitania de Matto-Grosso (*continuação*) . . . 47
EXPLORAÇÃO DO RIO ARAGUAYA (offerecida a *O*
rchivo pelo Dr. João de Moraes e Mattos). 65
RELATORIO da viagem exploradora de Matto-Grosso ao
ará, pelo Xingú, apresentado ao Ministerio da Guerra
m 1885—pelo então capitão Francisco de Paula Castro
continuação) 70
NOTICIA SOBRE OS INDIOS DE MATTO-GROSSO
ada em officio de 2 de Dezembro de 1848 ao Ministro e Se-
retario de Estado dos Negocios do Imperio, pelo Director
eral dos Indios da então Provincia, Joaquim Alves Fer-
eira 79
DATAS MATTO-GROSSENSES—1º de Janeiro—Funda-
ão de Cuyabá e consequentes povoamentos, por Estevão de
Iendonça. 69
QUADROS HISTORICOS--Conquista do sertão matto-
rossense (1648 a 1734), por Antonio Fernandes de Souza 98
QUADRO DOS PRESIDENTES DA PROVINCIA DE
IATTO-GROSSO de 1881 a 1889. . . . . .
QUADROS DOS GOVERNADORES E PRESIDEN-
ES DO ESTADO DE MATTO-GROSSO de 1889 a 1905.

Indice

AO LEITOR

Paginas

CARTAS REGIAS de 1771 a 1801, relativamente ao governo da Capitania de Matto-Grosso (continuação) 47
EXPLORAÇÃO DO RIO ARAGUAYA (offerecida a O. Ferreira pelo Dr. João de Moraes e Mattos) 65
RELATORIO da viagem exploradora de Matto-Grosso ao Para, pelo Xingu, apresentado ao Ministerio da Guerra em 1889—pelo cidadão capitão Francisco de Paula Castro (continuação) 70
NOTICIA SOBRE OS INDIOS DE MATTO-GROSSO, dada em officio de 2 de Dezembro de 1848 ao Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, pelo Director Geral dos Indios da mesma Provincia, Joaquim Alves Ferreira 79
DATAS MATTO-GROSSENSES—1º de Janeiro—Fundação de Cuyabá e consequentes povoamentos, por Estevão de Mendonça 89
QUADROS HISTORICOS—Capitania de Matto-Grosso (1748 a 1824), por Antonio Fernandes de Souza 98
QUADRO DOS PRESIDENTES DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO de 1824 a 1889.
QUADROS DOS GOVERNADORES E PRESIDENTES DO ESTADO DE MATTO-GROSSO de 1889 a 1905.

ANNO I

O ARCHIVO

Revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso

Publicação feita sob os auspicios do Ex.mo Senr. Coronel Antonio Paes de Barros

VOLUME III

Cuyabá, - Maio - 1905.

Cartas Regias de 1771 a 1803

Relativamente ao governo da Capitania de Matto-Grosso

(Continuação)

REG.e DE HUMA CARTA DA SECRETR.a D'EST.o DOS NEG.os ULTRAMR.os EMQUE S. MAG.e DETERMINA QUE SE DÊ LICENÇA AO DR. JOÃO FELES PER.a P.a PODER PASSAR P.a O REYNO

Sua Mag.e attendendo ao que lhe foy presente por parte do Dr. João Felis Pereyra, asistente nessa Capitania : Hé servido que V.S.a ineconceda licença para serecolher aeste Reyno. Deos G.e a V. Sa. Palacio de N. Snr.a da Ajuda em 7 de Setembro de 1772. *Martinho de Mello e Castro*. Snr. Luiz de Albuquerque de Mello Per.a Caceres.

Manoel Cardoso da Cunha.

——

REG.e DE HUMA CARTA DA SECRETARIA DE EST.o DOS NEG.os ULTRAMAR.os EMQUE SUA MAG.e DETERMINA QUESEDÊ LICENÇA A DIOGO JOSÉ PR.a PARA PODER PASSAR P.a O REYNO ELEVAR EM SUA COMP.a HUA SUA AFILHADA

S. Mag.e attendendo ao que lhe foy prez.e porparte de Diogo José Pereyra, assistente nesta Capitania : He servido que VS. lhe conceda licença para serecolher aeste Reyno, trazendo comsigo huma afilhada q' tem na sua Companhia.—Deos g.e a VS. Palacio de N. Sr.a da Ajuda em 7 de Setembro de 1772.—*Mart.o de Mello e Castro*. —Sr. Luiz de Albuquerque de Mello Per.a e Caceres.

Manoel Cardoso da Cunha.

REG.e DE HUMA CARTA DA SECRTR.a D'EST.o DOS NEGOCIOS ULTRAMAR.os SOBRE VARIOS ESTABELECIMENTOS,E FUNDAÇÕES QUE S. MAG.e MANDA FAZER EM DIFR.tes PARAGENS DA MARGEM ORIENTAL DO RIO GUAPORÉ &.

1 Sua Mag.e desejando promover, e animar o Comercio e Navegação do Pará para Matto-Grosso, afim de que os seus Vassalos seutilizem das grandes vantagens q'. podem tirar da frequente comonicação daquellas importantes Capitanias pelos Rios e Ribeiros que regão huma grande parte do interior dos Dominios Portuguezes: tem ordenado ao Director e Deputados da Companhia do Grão Pará, e Maranhão, de formarem nas ditas duas Capitanias nos lugares que paresserem mais convenientes alguns estabelecimentos, e Feitorias uteis ao comercio, e comodo aos navegantes, e incumbindo ao G.or e Capitão General do Grão Pará e Maranhão João Per.a Caldas, adireção geral desta importante obra, e mandando-o instruir nesta Corte de todas as partes deque ella se compoem.

2 Nesta intelligencia,, hé sua Sua Mag.e servido que V. S. de accordo com oreferido G.or e Cap.m General do Pará, tome debaixo da sua imediata inspecção os estabelecimentos que o Director e Deputados da comp.a devem mandar fazer nà Capitania de Matto-Grosso: e para que este negocio possa ser conduzido com o segredo, circumspecção e acerto, que pede a sua importancia: Ordena omesmo Sr. q' logo q' oserão o primitir (tomando V. S.a por motivo aobrigação quetem de ver e examinar os lugares, sitios mais concideraveis da sua Capitania, elevando em sua comp.a ao Engenh.ro Salvador Franco da Mota, eosmais Engenh.ros q' ouver) *passe á Aldea que se acha fundada na Barra do Rio Mequens*, habitada por Indios q' tem onome do mesmo Rio: e nela ou na sua Vesinhança veja ositio mais comodo eproprio aonde a Comp.a do Pará possa estabelecer huma feitoria em lugar que seja livre das inundaçoens, eomais proximo ao Rio q' for possivel, com capacidade para se formarem os precisos Armazens em que a mesma comp.a meta as Fazendas necessr.as ao seu Comercio.

3 Feita aescolha do dito Sitio, mandará V.S. ao Engenh.ro Salvador Franco da Mota q' do mesmo Sitio, na sua circumferencia quatro legoas em roda da parte do contin.te da Navegação do Rio; e da comodid.e esigurança do Porto onde as canoas devem chegar, forme hum Mapa; juntando aelle huma relação doque deyxo asim a referido; edomais que se descobrir relativo afertilid.e da terra; da Caça; das producçõens da pesca; edetudo oque possa servir para sustento da Villa, e comodidade dosque seestabelecerem no referido lugar.

4 *Concluida esta deligencia passará V.S. com os mesmos Enge-*

eiros a Forteleza de N. Sr.ª da Conceição, e depois de examinar estado em queseacha a dita Fortaleza; e as obras, e reparos. deque derá necessitar, distine dentro da mesma Fortaleza olugar aonde a mp.ª hade mandarfazer os Armazens precisos p.ª oestabelecimento Outra Feitoria: e detudo para o Engenhr.º Salvador Franco da Mo- outro Mapa, e relação circumstanciada na forma que deyxo o ima referido.

5 *Da Fortaleza de N. Sr.ª da Conceição desserà V. S.ª pelo Rio he chegar ao Sitio das Cachoeiras e na duodecima cachoeira;* con- ndo daparte do Pará, que fica defronte das Fozes dos dous Rios eni e Enim, mandará V. S.ª examinar na lado Oriental da referida achoeyra, o lugar mais proprio para a construção dehuma Forta- za.

6 Este lugar deve ser elevado, e emtal Situação que dominando rtoda aparte, não seja dominado de alguma : deve buscar-se o erreno mais firme, elivre das inundaçoenz; e que comande inteyra- ente apassagem do Rio.

7 Determinado olugar com ascircunstancias que deyxo asima indi- das, mandará V. S.ª ao Cap.ᵐ Salvador Franco da Mota, ou aou- o Engenheyro, se oouver mais habil que forme a Planta de huma rtificação comtoda aregularidade quepermitir o Terreno, que tenha pessas de artelharia, seis do calibre *de 6* e 6 do calibre de 3 : que possa conter athe *100* homens de guarnição: A esta Planta ntará odito Engenhr.º outra relação semelhante as que ficão asima ndicadas.

8 Depois de concluido *este trabalho, juntará V. S.ª os referidos Mapas, Planta e Relaçoens edo mesmo Sitio das cahoeyras os re- eterá ao Governad.ᵒʳ e Cap.ᵐ General João Per.ª Caldas, infor- ando-o aomesmotempo do que lhe parecerprecizo, asim de gente, omo Provimᵗᵒˢ, Socorros, e asistencias, p.ª se formarem os sobredi- os estabelecim.ᵗᵒˢ* : afim de que o refrd.º G.ᵒʳ de accordo com o Admi- istrador Geral da Comp.ª deem as Providencias necessarias eexe- utem as ordens que lhe forão prescriptas sobre esta importante ma- eria.

9 Advirto a V.S.ª que como aconstrução da Fortaleza na duode- ima Cachoeyra de que falo asima, he o objecto da maior importan- ia, eselhedeve dar principio com apossivel brevidade, precedendo os nais circumspectos exames, observaçoes e diligencias, assim sobre escolha do Terreno, como sobre a qualidade da Obra, para a .ᵉ lhe será preciso ouvir mais Engenhr.ᵒˢ que os que pode razer dessa Capitania; logo que V.S.ª detreminar asua jorna- la, avisara com antecipação, ao G.ᵒʳ e Cap.ᵐ General João Pe- eyra Caldas do tempo pouco mais ou menos emque poderá che- ar ao Sitio das cachoeyras para q.ᵉ o referido G.ᵒʳ mande ali hum Destacam.ᵗᵒ ecom elle dous Engenhr.ᵒˢ esperar a V.S.ª com ordens le executarem tudo oq.ᵉ por V.S.ª lhefor detreminado. Deos G.ᵉ a V.S.ª Palacio de N. S.ª d'Ajuda a 30 de Setembro de 1772. *Marti- nho de Mello e Castro.*— Sr. Luiz de Albuquerque de Mello Per.ª Caceres.

Manoel Cardoso da Cunha.

REG.º D'HUMA CARTA DA SECRETARIA D'EST.º P.ª S.EX.ª ARESPEITO DOVENCIMENTO QUE DEVERIA TER O CAP.m ENGENHR.º SALVADOR FRANCO.

Sendo prezente a S. Mag.e a carta que V S.ª me dirigio nadata do primeyro de Janeyro do prezente anno em que expunha haver entrado na duvida do Soldo que deveria venser nessa Capitania o Cap.m Engenhr.º Salvador Franco da Mota quedo Limoeyro fora desterrado ahir servir nela; ordena o m.mo Sr. que od.º soldo lhe seja pago na mesma conformid.e que se pratica com os outros oficiaes Engenhr.os deigual Pat. nessa Capitania.— D.s G.e a V.S.ª Palacio de N.S. d'Ajuda a 23 de Junho de 1773.— *Mart.º de Mello e Castro.*— Sr. Luiz d'Albuq.e de Mello Pr.ª e Caceres.

—

REG.º D'HUMA CARTA DA SECRETR.ª DO CONS.º ULTR.º P.ª S.EX.ª POR ONDE SEMANDA DECLARAR OTEMPO EMQUE DEVERÃO ACHAR-SE NO PORTO DO RIO DE JANEIRO Q.s Q.r CABEDAIS AFIM DE SEREM TRANSPORTADOS A LX.ª

Sua Mag.e he servido que V.S.ª logo que receber esta faça declarar ao Intendente da Caza da Fundição dessa Cappitania que os Cabedais pertencentes aomesmo Senhor devem sempre achar-se promptos no Rio de Janeiro até os fins de Setembro principios de Outubro de cada um dos annos futuros para serem embarcados naquelle Porto logo que as Náos de Guerra chegarem a elle para os conduzirem aeste Reino; e que omesmo faça V.S.ª praticar quanto aos mais Cabedais respectivos a Junta da Fazenda dessa Capitania, mandando V. S.ª igualmente declarar por hum Bando para que os Mineiros emais Homens de negocio possão prevenir as remessas dos seis cabedais namesma conformidade. Deos Guarde a V. S.ª Palacio de N.S.ª da Ajuda a 9 de Novembro de 1773. *Martinho de Mello e Castro.* Senhor Luiz de Albuquerque de Mello Pereyra e Caceres.

Manoel Cardoso da Cunha.

—

REG.º D'HUMA CARTA REGIA EMQUE S. MAG.e MANDA PUBLICAR A COLETA OU O SOBSIDIO LETERARIO IMPOSTO NOS CORTES DO AÇOUGUE E NO CONSUMO DAS AGOAS ARDENTES.

Luiz d'Albuquerque de Mello Pr.ª e Caceres Gov.or e Cap.m General da Capitania do Mato-Grosso. Amigo. Eu El-Rey vos envio muito saudar. Sendo-me prezente que para amilhor arecadação dos Rendimentos da Coleta (que novamente fui servido estabelecer) em as carnes e agoas ardentes da America e Africa pela minha ley de 10 de Novembro de 1772 se faça indispensavelmente necesr.º oincumbir ainspeção dasobredita arecadação as Juntas da minha Real

azenda que nas Capitanias delas se acham actualmente estabeleci-
as, e por onde hoje se estam administrando earrecadando todos os
endimentos Reaes para debaixo das suas direcçoens executarem os
uvidores das mesmas Capitanias todas as Providencias e Instruc-
ões que pelas mesmas Juntas lhes forem exigidas, sem o que se não
riam esta arrecadação nem por esta causa seriam alograr detodos
s uteis fins a que dirigi aquele estabelecimento quando ele pela na-
ureza da sua aplicação devia gosar do mesmo beneficio de que pre-
entem.e gosam os mais rendimentos Reaes: Em consideração do so-
redito : Sou *servido ordenar que quando receberdes esta com o exem-
lar da dita Ley a mandeis sem demora alguma publicar nessa ca-
ital e registrar no Livro do Reg.º aque tocar. E outrosim sou servido
ncumbir a Junta da Fazenda Real dessa Capitania em que vos Pre-
idir aarrecadação eexecução dad.ª Ley para o que da mesma
unta seexpedirão logo em meu real nome as ordens necessarias ao
uvidor dessa mesma Capitania para este estabelecer Livros
or elle rubricados, eenserrados e os remetter a todas as co-
marcas desse Destricto,* nas quais se tomarão pelos Escri-
aens delas os manifestos das agoas ardentes que sefabricarem na
erra, debaixo de qualquer nome que selhedê ou venha a dar; como
ambem em livros separados se lançarão diariamente as Rezes que
ecortarem nos Talhos pertencentes as suas Jurisdiçoens com opeso
iquido de cada rez, e omesmo das que segastarem com cada Talho
ara que as mesmas Camaras hajam tambem diariamente de areca-
ar o que tocar a Colecta, tanto pelo que deverem as Carnes como as
itas agoas ardentes, ficando outro sim obrigados a remeterem nofim
e cada quartel ao respectivo Ouvidor huma conta extrahida dos Li-
ros dos ditos manifestos com o numero dos Almudes, e canadas
l'agoardente que naqueles tres mezes se tirarem, manifestando, como
ambem outra igual certidão pelo que respeita as ditas carnes, e com
las o dinheyro que tiverem cobrado, segundo a importancia das
nesmas certidoens : para que o dito ouvidor depois de ter recebido
le todas as ditas cameras do seu dest.º a Quantia que nesta forma
lhe devem ser remetidas haja de fazer delas entrega no Cofre Geral
la junta de Fazenda aonde entraram com livro de receita separado
para do mesmo cofre se fazerem pagar pelo seu respectivo Thesr.º
os ordenados dos Mestres e Proffessores que eu for servido nomear
para essa dita Capitania, para o que annualmente lhe sera remetida
afolha deles. E no fim de cada anno mandará a mesma Junta en-
trar na sua Contadoria todos os livros em que se tiverem tomado os
ditos manifestos para depois de examinados nela sehaver de ajustar
e liquidar aconta daquele mesmo anno eextrahir dos ditos Livros
hum Mapageral datotalid.e das agoasardentes, e carnes detoda essa
Capitania, como tambem huma conta corrente.

Do seu rendimento e despeza que meserão prezentes pela Junta da
Administração earrecadação de subsidio literario: assim como quaes-
quer duvidas que arespeito deste estabelecimento antes se hajam
demover; e emquanto aos remanecentes que pararem no dito Cofre
pertencentes aesta Colecta, ao tempo emque para esta Corte faze-
rem a remessa dos meus rendimentos Reaes se remeterão egualm.e
os ditos remanecentes ao Cofre geral da sobredita Junta, aentrega do
Thesour.º dela *Antonio d'Almeyda Roris*, ou aquem seu cargo ser-

vir cobrando se dele conhecimento da mesma entrega. *Confio dozelo comque me servis concorrereis da vossa parte com a mayor actividade para que tenha oseu devido efeito huma resolução tão proveitosa e interessante* ao bem commum dos meus vassallos.—Escripta no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 17 de 8br.º de 1773.—REY. —P.ª Luiz de Albuquerque de Mello Per.ª e Caceres.

Manoel ardoso da Cunha.

——

REG.ᵉ DE HUMA CARTA DA SECRETARIA D'EST.º DOS NEGOCIOS DO REYNO EM QUE SEDELACRAM VARIAS PROVIDENCIAS, EINSTRUCÇOENS ARESPEITO DE COMERCIO E DOS NOVOS ESTABELECIMENTOS RELATIVOS

Tendo visto e feito prezentes a El-Rey meu S.ᵒʳ as seis cartas de VS.ª que trouxeram as datas de 27 de Fevereyro—3—5—9—10—e 13 de Março proximos precedentes com todos os papeis e cartas corographica, e Tupographicas que as acompanharão resolveu S. Mag.ᵉ arespeito delas o que vou participar a VS.ª.

2 A ideya geral que VS. formou dos negocios de que está encarregado se achou que não era compativel, nem com as instrucçõens dodito Senhor, nem com apossibilidade; porque querendo S. Mag.ᵉ que selevantem as Praças, e asFeytorias que contem nas instrucçoens de VS.ª não podia querer que passassem aestes juizes sem seporporcionarem com eles os competentes meyos.

Econsistindo estes nas faculdadᵉˢ picuniarias dos Direytos e Rendimentos dessa Capitania auxiliados pela outra capitania do Pará, se asegundo remetesse a VS.ª todas as vastissimas Receytas de Generos conteúdos na Relação q' VS.ª lhedirigio com a sua carta de 5 de Março proximo precedente ealem delas a asistencia anual de quinhentos ecincoenta edous mil, equinhentos Cruzados; viriam as despezas do Mato-grosso aabsorver todas as forças do Pará, eviria por consequencia a perder-se em obras huma e outra Capitania.

3 Acresce ao referido que seoestado actual da pobreza dos Indios confinantes comnosco he tanta, e tal com VS.ª a referio ao Governador e Capitão General João Per.ª Caldas na carta que lhe dirigio em 19 de Janr.º proximo precedente, se nela conheceu V.S. que por isso era necessario hir principiando pouco apouco ocomercio; claramente sevê, edevera VS.ª considerar que hum tão pequeno e duvidoso negocio futuro, não podia constituir oobjecto prezentaneas e quantiozas despezas a Fazenda Real.

4 Aprudente esabia economia, evalorosa conducta do Conde de Azambuja D. Antonio Rolim de Moura q' foy o fundador desse Governo,que expulçou dele os Jesuitas,que depois resistio ainvasão das

rmas Castelhanas, e que servio de modelo aos seus dous successo-
rs, deve servir de regra a VS.ª para proporcionar as suas receitas
m as despezas, epara pedir ao Pará somente os auxilios que as
rças daquele Governo, lhe podem permittir.

5 Pelos ditos exemplos, epelas substanciaes e precisas ordens que
s conformid.ᵉ delas seexpediram a VS.ª pela Secretaria d'Estado
Negocios da Marinha e Dominios ultramarinos nadata de 13 de
gosto de 1771 quer, pois S. Mag.ᵉ que VS. serigule pratica e pre-
sam.ᶜ, fugindo de especulaçoens Mathematicas e de Estudos abstra-
s que não são d'algum uzo na administração dos Negocios Phizy-
os, quais são todos os que pertencem ao Governo politico, e Militar
e hum Estado como esse que está confiado ádirecção de VS.ª.

6 Consequentemente que d'outrosim omesmo S.ᵒʳ que V.S.ˢ pe-
mesma ordem dos §§ da referida carta de 13 de Agosto de 1771—
evâdando conta dos Negocios de que nela setrata pelostermos
ais simples, emais curtos com que sepoder explicar.

7 Omesmo praticará VS.ª arespeito dos outros emportantes ne-
ocios que od.º Senhor lheencarregou pela outra secretissima car-
de 30 de 7br.º de 1772—fazendo as necessarias deferenças entre
spraças de Guerra que devem ser fundadas debayxo da inspecção
V.S., e entre as simples Feitorias que á Companhia h ade man-
ar estabelecer pelos seus comissarios, enão por Engenheiros, ou
uaes quer outros Militares.

8 Arespeito das primeyras não se devendo nem podendo fazer to-
as juntas, eao mesmo tempo athe contra aordem dacriação do mun-
o, deve V. S.ª princepiar por consolidar a Fortaleza citana Aldeya
e Santa Rosa antes chamada da Conc.ᵃᵐ, e hoje de Bragança; dis-
ondose aomesmo tempo para atransplantar para o melhor Sitio que
ne foy destinado logo que o Comercio que dela se fizer fôr fornecen-
o para isso os meyos necessr.ᵒˢ e praticando o mesmo pelo que per-
ence as mays Fortificaçoens declaradas nas ordens de Sua Magᵉ.

9 Arespeito das segundas, ou das Feitorias deverá V. S.ª auxiliar
s Commissarios que as commandar para as estabelecerem com tudo
que eles requererem ea possibillid.ᵉ lhe poder permittir.

10 Em regras geraes deve V. S.ª considerar—1.º Que nenhuma
Nação estabeleceu athe agora Colonias de Villa, e Cidades comdi-
nheiro liquido, como quem compra Quintas; 2.º—Que todas sefunda-
ram, emultiplicaram com colonos, eauxiliados para abrirem as ter-
ras, e trabalharem na agricultura dos frutos que devem sustentallos,
efazem as primeyras materias de Comercio; 3.º—Que fumentando
Governo huma e aoutra he que faz crescer aomesmo tempo apo-
pulação eos Direytos que emgroçam o Erario publico; 4.º—E que
este não pode fazer cousa alguma, emq.ᵗᵒ aquela não crescer no nu-
mero ena industria; para q.ᵉ sobre estas naçoens, façam os principaes
objectos de V. S.ª os dous pontos, deatrahir, eempregar os Indios
enaturaes das terras edeaplicar para isso os meyos que selhetem or-
denado nas suas instruçoens.

11 No mesmo Espirito hê igualm.ᵉ preciso q.ᵉ V. S.ª concidere
quetodos aqueles que aindustria deve suprir, aonde não pode chegar
oCabedal; para meterem aproveyto tudo oque os Paizes aonde Gover-
nam lhe podem ministrar para remediarem asfaltas daquelles fru-
tos edaqueles Generos que os Paizes Governados não podem pro-

duzir; sobre cuja refleção hé preciso que ahi sesupram com muros de pedra ebarro edemadeyras as de Pedra e cal; e com cassas, gados, peixes efrutos da terra osustento dos habitantes ejornaleyros dela, sendo aliaz impraticavel que da distancia do Pará se remetesse cal, eas carnes que V. S.ª lhe pedio.

12 Arespeito do Sal que ahi não poderá suprirse já o Governador e Cap.ᵐ General João Pereyra Caldas avizou a V. S.ª que lhe mandaria todoaquele que necessario fosse.

13 Na concideração de tudo o referido; manda S. Mag.ᵉ desembaraçar as remessas dos Cabedaes da Companhia athe agora embargados nessa Capital com gravissimo prejuizo do Giro do Comercio que virá a parar inteyramente dentro em pouco tempo.

Deos G.ᵉ a V. Sª. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 27 de Dezembro de 1774.—*Marquez de Pombal.*—Senhor Luiz de Albuquerque de Mello Per.ª e Caceres.

Manoel Cardoso da Cunha.

——

AVISO DA SECRETARIA D'EST.º ULTR.º PARA SER SOLTO O P.ᵉ BENTO D'ANDR.ᵉ VIR.ª QUE SEACHAVA PRESO NA CADEA DO CUYABA'

Sua Mag.ᵉ he servida que V.S. logo que receber esta mande por na sua inteyra liberd.ᵉ a Bento d'Andr.ᵉ Vir.ª, que se acha preso, digo, Vir.ª presbitero do Habito de S. Pedro que se acha preso na cadea do Cuyabá. Deos Guarde a V.S. Palacio de N. S.ª da Ajuda 12 de Abril de 1777. *Martinho de Mello e Castro.* Senhor Luiz de Albuquerq' de Mello Per.ª e Caceres.

Manoel Cardoso da Cunha

——

REG.º DE HUMA CARTA REGIA SOBRE O FELIZ CAZAM.ᵗᵒ DE S. ALTEZA R.ᵉ O PRINCIPE DA BEYRA COM A SERENISSIMA SR.ª INFANTA D. M.ª FRANC.ª BENEDICTA

Luiz d'Albuquerque de Mello Pereyra e Caceres G.ᵒʳ e Cap.ᵐ General da Capitania do Mato-Grosso. Amigo. Eu El-Rey vos envio muito saudar. Hoje secelebrou o Matrimonio do Principe da Beyra meu sobre todos muito Amado e Prezado Neto com a Infanta D. Maria Franc.ª Benedicta minha muito amada e Prezada Filha: E por que conheço ocontentamen. que recebereis com esta alegre e interessante noticia, vola partecipo para que nessa Capitania se façam aquellas demonstraçoens de alegria praticadas em semelhantes ocasioens. Escripta no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 21 de Fevr.º de 1777. P.ª Luiz de Albuquerq' de Mello Per.ª e Caceres.

Mamoel Cardoso da Cunha

REG.º DE HUM AVIZO DA SECRETARIA D'EST.º ULTR.º POR ONDE SEDÁ PARTE DO FALECIMENTO DO SR. REY D. JOSÉ O 1.º PARA QUE NESTA CAPITANIA SEPRATIQUEM AS DEMONSTRAÇOENS DESENTIMENTO QUE CORRESPONDEM

Em a noyte do dia de hontem pela meya noite e 23 minutos chamou D.s a sua Santa Gloria o Augustissimo Sr. Rey Dom José o 1.º depois de muitos e fervorosos actos de catholica resignação. E a Rainha Nossa Senhora manda participar a V.S.ª esta infausta noticia para que V. S.ª concorra pelo que lhepertence para as demonstraçoens dos sentim.tos de tão grande perda: Ordenando que nas Praças e terras desse Governo mande V.S.ª fazer todas as honras funebres quesecostumam praticar em semelhantes occasioens: e o luto geral que a mesma Sr.ª mandou q' setomasse, hade hir por tempo de hum anno; seis mezes rigoroso eseis aliviado, não obstante o Cap.º 17 Prematica de 24 de Mayo de 1749: o que V. S.ª assim fará executar. Deos guarde a V. S.ª Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 25 de Fevereiro de 1777. *Martinho de Mello e Castro*. Sr. Luiz d'Albuquerq' de Mello Per.º e Caceres.

Manoel Cardoso da Cunha.

——

REG.º DE HUM AVISO DA SECRETARIA D'ESTADO ULTR.º SOBRE SE SUSPENDEREM AS REGULAÇÕENS QUEPRIMEYRAMENTE VIERAM ORDENADAS PELA SECRETARIA D'EST.º DOS NEGOCIOS DO REYNO A RESPEYTO DO COMERCIO DESTA CAPITANIA

A S. Mag.e foy presente hum Bando q' VS.ª mandou deitar nessa Capitania no qual prescreve por huma Pauta dos homens de negocio os preços determinados por que hão de vender os seus generos com varias outras regulaçoens: E como todo o fructo q' esses habitantes podiam tirar da violencia de semelhantes procedimentos hé não haver homens de negocio que queyra mandar os seus effeitos ahuma terra aonde a prepotencia e não a liberd.e he o que regulla o Comercio; e de ficar por consequencia privada essa Capitania de toda acorrespondencia e giro que deve ter como as outras: ordena S. Mag.e que V. S. logo que receber esta mande retirar o d.º Bando, e a Pauta com ele junta fazendo conhecer assim aesses habitantes como aos homens de negocio com eles, que as compras, e vendas etodo omais comercio que fizerem entre sy se deve regular pelas Leys e estatutos procedentem.e de terminados por S. Mag.e, sem alguma alteração posterior, e amesma Sr.ª ordena q' V.S.ª se abs-

tenha de innovar na minina couza as referidas Leys eestatutos sem dar primr.º conta aesta Corte, eesperar as Determinaçoens dela. Deos g.e a VS.a. Palacio de N. S. da Ajuda em 3 de Junho de 1777.

Martinho de Mello e Castro Sr. Luiz d'Albuquerq' de Mello Per.ae Caceres.

Manoel Cardoso da Cunha

REG.º D'HUMA CARTA DE S. MAG.e, DIGO, DO SR. MARQUEZ D'ANGEJA, PREZID.e DO R.l ERARIO SOBRE RECOMMENDAR QUE SE FAÇAM TODAS AS DELIGENCIAS PARA AUMENTAR AS RENDAS DESTA CAP.a EM ORD.m A NAO SER PRECISO Q.e VENHA OSUBSIDIO ANNUAL DA DE GOYAZ

Sendo prezente a Rainha minha Senhora a carta do Governador e Capitão General que foy da Cap.a de Goyaz José de Almeida Vasc.os com data de 12 de Fevereiro do anno p.p. de 1776 em que expunha pedirselhe dessa Cap. aporção de des arrobas deouro para supremento doreferido anno; aqual excedia aquantia com quesecostuma socorrer essa Capitania anualmente, evendo amesma Sr.a que este procedimento he d'algum modo oposto as Suas Reaes ord.s porque tem determinado atodas as Capitanias as certas e inalteraveis aplicaçoens que devem ter dos seus rendim.tos para deste modo seregularem as despezas sem que seja necessarias socorrerem humas aoutras: he Servida ordenar que V. S.a procure todos os meyos aprecisão que hâ nessa Capitania desesuprirem as suas despezas pelo rendimento dade Goyaz não só com mayor quantia de que se costuma mas ainda daquella mesma que annualm.e recebe intereçando-se em promover os interesses da Real Fazd. de modo que lhe não seja necessario osocorro das ditas Cap.as Deos g.e a V. S.a Lix.a 26 de Mayo de 1777.—*Marquez de Angeja*—Sr. Luiz d'Albuq.e de Mello Per.a e Caceres.

Manoel Cardoso da Cunha.

REG.º DE HUMA CARTA DO SR. MARQUEZ D'ANGEJA PRESIDENTE DO R.l ERARIO DE QUE VEYO ACOMPANHADA A REMEÇA E RELAÇÃO DOS MATERIAES E MAIS GENEROS PARA A REAL CASA DE FUNDIÇÃO QUE SEPEDIRAM AOMESMO ERARIO.

O Marquez d'Angeja, do Cons.º da Rainha minha Sr.a, Gentil Homem da sua Camara, Tenente General dos seus Exercitos, Ministro assistente ao Despacho do Gabinete, Presidente do Real Erario, e

nele Lugar Ten. imediato a Real Pessoa damesma Senhora &
Faço saber á Junta da Administração da Real Fazenda da Capitania do Mato-Grosso que pela casa da Moeda desta cid.e seremete a Junta da Fazenda da Capitania do Grão Pará em o Navio por invocação Grão Pará para o provimento das casas de Fundição dessa Capitania, os materiaes emais generos conteúdos na Relação inclusa asinado pelo Contador Geral Luis José de Brito para deles fazer logo remessa a essa Junta, a qual os fará pôr na devida arrecadação sem que haja omenor desperdicio no seu consumo.

Franc.o José Lopes a fes em Lix. aos 16 de 8br.o de 1777.—*Luiz José de Brito*, Contador Geral do Territorio da Rel.m do Rio de Janr.o, Africa oriental e Azia Portugueza a fes escrever.—*Marquez de Angeja*—1.a Via Reg.a afs. *16*.

——

REG.o DA RELAÇÃO DOS MATERIAES E MAIS GENEROS QUE SEREMETE PARA A CID.e DE N. S. DE BELEM DO GRÃO PARA' PARA O CONSUMO DA CASA DE FUNDIÇÃO DE MATO-GROÇO, EM CONFORMID.e DA PORTARIA DO ILLM.o E EXM.o SR. MARQUEZ D'ANGEJA PRESID.e DO R.l ERARIO DADATA DE 20 DE JUNHO DE 1777.

A Saber:

11 Caixoens de N.os 1 a 11 com 25 arbs. e 30 libs. de salemas.
7 Ditos N.os 12 a 18 com 2177 cadinhos surtidos.

A saber:

Decadinhos N.o	9	30
	8	34
	7	45
	6	46
	5	45
	4	600
	3	440
	2	530
	1	407
		2.177

16 Caixas de N.os 19 a 34 com 7 arb.s e 27 lbs. de agoa forte.
1 Caixão N.o 35, com 100 apartadores de vidro, 12 funis, e 239 cadinhos brancos surtidos.
3 Barris de N.os 36 a 38 com 12 arbs. de salitre.
1 Caixote N.o 39 com 5 balanças; asaber, 2 p.a pesar barras; 2 para pesar ouro empô, 1 para ensayo, 4 baxellas, 1 tesoura p.a os ensaios, 10 marcos de prata, 8 lbs. de arame, 2 jogos de cunho—

1 Caixote N.· 40 com 6 Rilheiras; e 5 jogos de Punçoens, a saber; 1 jogo de punçoens para numerar barras grandes, 1 d.º para numerar barras pequenas, 1 d.º para marcar quebras em barras grandes, 1 d.º para numerar os ensaios, 2 pesos de bronze com 8 marcos cada hum.

3 Cayxoens de N.· 1 a 3 com 24 livros em preços e 25 massos de bilhetes tambem em preços com 400 Bilhetes cada masso.—*Luiz José de Brito.*

Manoel Cardoso da Cunha

——

REG.º DE HUMA CARTA DA SECRTR.ª DE EST.º ULTR.º ARESPEITO DAS COBRANÇAS DA COMP.ª DO PARA'

Os Deputados da Junta da Administração da comp.ª do Grão Pará e Maranhão, encarregados principalmente da *cobrança das Dividas da mesma Companhia* fizerão a Rainha Nossa Sr.ª a Representação junta; emconsequencia della, Ordena Sua Mag.ᵉ.

Que V.S.ª logo que receber esta mande vir a sua prezença os Comissarios da referida Companhia, eque estes lhe aprezentem as Relaçoens de todos os Directores della, com a importancia liquida do que cada hum estiver devendo, enas Margens dondo vierem os Nomes dosmesmos Devedores, huma breve informação daqualidade de cada hum delles; isto he, sesão Lavradores, ou Negociantes em grosso, ou por miudo; sesão Comisarios, sevivem de Suas Fazendas; se tem empregos, Officios, ou Postos de que se Sustentem; e se tem fundos, ou meyos procedidos das suas Rendas, da Sua Lavoura, de seu Comercio, da Sua industria, ou das suas ocupaçoens, com que paguem o que estiverem devendo.

Se os ditos Comerciantes, digo Comisarios não tiverem feito as referidas relaçoens eclarezas acima referidas V.S.ª lhes ordenarâ que logo, sem a menor perda de tempo as fação; isso para maior exactidão dellas se fizer, como hade ser preciso, ouvir alguns homens de boa reputação, everdade que tenhão melhor, emais exacto conhecimento do Paiz, e dos habitantes delle V.S.ª osmandarâ vir asua prezença; para q' deponhão doque souberem aodito respeito; *etodas asmais deligencias que for preciso fazer, ou pellos Ministros da Justiça ou pellas Cameras ou pellos Juizes Ordinarios dos Lugares* ou p.ʳ outro qualquer meyo, e por onde sepossa melhor conseguir hum exacto, eindividual conhecimento dos Devedores e suas possibilidades *V.S.ª omandarâ praticar acusta dadita Companhia* por Expressos e Ordens dirigidas ás Pessoas, que melhor apoderem informar.

Concluidas as ditas Relaçoens na forma acima indicada, V.S.ª convocarâ huma Junta, aque prezida, composta dos referidos Comissarios, dos Ministros de Letras, que se acham nessa Capitania, edaquellas Pessoas de mais conhecida probidade, inteyreza, eimparcialidade, que bem lhe parecer; para que namesma Junta seassente, edecida quaes são entre os ditos Devedores aquelles que combina-

dos os seus Fundos, ou rendimentos delles, com as suas dividas, se acham em estado de pagar logo sem vexação; e quaes os que precizão de tempo p.ª satisfazer oque devem, arbitrandose aestes ultimos huma consignação annual, nem tão prolongada que eternize a divida, e afaça por consequencia incobravel, nem tão curta que arruine o Devedor, eo ponha em situação de não poder concluir oseu pagamento, edenão ter com que possa Subsistir: Hum meyo termo, e hum prudente arbitrio entre estas extremidades, p.r meyo da qual a Companhia se embolce do que se lhe deve, e os Habitantes dessa Capitania senão arruinem, he o que Sua Magestade quer que sirva de regra neste importante Negocio, ehê que sedeve inviolavelmente praticar com todos aquelles Devedores, que com sinceridade, ebôa fê forem satisfazendo, segundo as suas possibilidades, na forma do que se lhes arbitrar.

Com aquelles Devedores porem que abuzando da Real Benignidade procurarem illudir o suave arbitrio acima indicado, e com subterfugios, fraudes, e enganos, sequizerem levantar com o alheyo, e não pagar o que devem, com estes, depois de vereficada a má fe e a malicia, *se deve logo mandar proceder executivamente, na conformidade do capitulo 37 da Instituhição da Companhia, que Sua Magestade confirmou, eprometeu de manter, efazer cumprir debayxo da Sua Real Palavra pello Alvará de confirmação da mesma Companhia de 7 de Junho de 1775.*

Logo que se tiver asentado na referida Junta a forma de sefazerem estas cobranças, *deve VS.ª como especialmente encarregado por Sua Magestade desta deligencia, e os Ministros que ahi se achão, pella obrigação que lhe impoem o Capitulo 37 acima referido,* mandar avizar a todos os Devedores da Companhia para que venhão entrando com os seus pagam.tos, na forma assentada na mencionada junta, e que estes virão remetendo em ouro, ou effeytos a esta Corte.

Entre as Fraudes, Cavilaçcens, eenganos deque poderão ahinda querer uzar os Devedores de mâ fé, omais pernicioso he ode fazerem passar os seus generos aeste Reyno, debayxo de nomes supostos, ou de os Vender dissimuladam.e, a quem não hê devedor á Companhia p.ª evadirem por este meyo o pagam.to do que se lhe deve, como athe oprez.e se tem praticado, edeque procede originariamente oimportante cabedal da mesma Comp.ª que ahy se acha em maoens dos particulares; sendo digno de mayor escandalo, que se vejão constantemente entrar neste Porto os Navios Carregados de generos dessa Capitania trazendo metade delles e dos de mayor vallor, por conta desses Habitantes; e que devendo os mesmos Habitantes as grossas Somas que são conhecidas, semandarem entregar oproducto dosmesmos generos aos seus correspondentes, ese não veja alguma Ordem p.ª pagam.to do que devem.

Os Fundos da Campanhia não pertencem aos Inimigos da Corôa de Portugal, para que os Americanos se levantem com elles; são da propriedade dos Vassalos desta Corte digo desta Corôa, pertencentes na mayor parte a Viuvas, Orfaons, Conventos de Religiosas, Capellas e Lugares Pios; e não ha mayor desamparo que dispois que o Capital destas deferentes Classes de Vassallos dignos de mais efficaz Proteção de Sua Mag.e se confiou aos Habitantes dessa Capita-

nia, e para com elle negociarem, traficarem, e cultivarem a Terra, dando lhes a credito entre os mais generos, a Escravatura, deque procede a mayor parte da divida, e de que tem tirado asimportantes utilidades que são conhecidas, salvando-os ao mesmo tempo da penuria a que os reduzio a Liberdade dos Indios, estejam ainda os mesmos Habitantes ingratos a estes Beneficios querendo se lucupletar dos Fundos alheyos, pellos estranhos modos acima indicados; e que as Viuvas, os Orfaons, os Conventos de Religiosas, os Administradores de Capellas, e Lugares Pios, e outros uteis e innocentes Vassalos de Sua Mag.e a quem os mesmos fundos pertencem vejão testemunhas oculares de osver cavilosamente girar entre os Americanos, e os seus Correspondentes sem poderem ser senhores do que he seu.

Este reprovado, e inaudito comportamento que athe agora Correo Livre por falta de quem o cohibisse *deve V. S.a em cauza commua com os Ministros que se acham nessa Capitania, evitar na sua Origem*, por aquelles meyos que lhes pareserem mais eficazes, sem, portanto prejudicar ao Livre, e Licito Comercio, que Sua Magestade tem mandado estabelecer nessa Capitania.

De tudo oque se obrar V.S.a avizará immediatam.te, remetendo com a pocivel brevid.e, assim a Junta dos Deputados da Companhia, como aesta Secretaria de Estado, Copias das Relaçoens dos Devedores, na forma que ficão acima indicadas. E fazendo expedir, sem perda de tempo, para Matto Grosso huma Copia desta Carta, p.a que alli seexecute, da mesma forma que no Pará, tudo oque nella se determina.

E lembro a V.S.a que deve abrir aprimeyra sessão da Junta de que acima fallo, lendo em voz alta esta Carta.

Deos G.e a V.S.a. Pallacio de Nossa Senhora d'Ajuda em 25 de Julho de 1778.—*Martinho de Mello e Castro*.—Sr. João Per.a Caldas.—*João Pereyra Caldas*.—*Ant.o Soares de Lima*.

——

REG.o DE HUMA CARTA DO REAL ERARIO SOBRE REFORMAR ALGUMAS IMPERFEIÇOENS DA CASA DE FUNDIÇÃO, E REMESSA DE PROVIMENTOS P.a ELLA

Tendo-se reconhecido de annos a esta parte na Caza da Moeda desta Cidade, que as barras de Ouro, enrayadas, e marcadas na Caza da Fundição dessa Capitania, trazem todas mayor Ley do que na realid.e tem eopezo comque as numerão não conferir comodadita Caza de Moeda, não se podendo averiguar com certeza de donde proceda adifferença de semelhantes desigualdades, porque em primeyro lugar seomotivo da disparida.e que setem achado nas ditas barras de Ouro he por ser branda a Agoa forte, devia o Enrayador examinala primeyro porque no seu exame veria logo a sua qualid.e, e conforme ella fosse asim podia preparar a primeyra e segunda Agoa: Em segundo logar se o dito motivo procedesse da prata comq' se ensayão as dittas barras, devia primeyram.to enrayar es-

ta, e observar se tinha alguma mescla de Ouro, porque achando-a devia averiguar qual era o pezo do Ouro que tinha p.ª depois nosensayos lho descontar na Ley que tirasse: Em terceyro lugar se aquella deziguaidade procedeu da balança p.r não ser ligeyra e não mostrar hum oitavo de Grão dequilate, devia examinar se nos fieys tinha algúa imporid.e que lhe impedisse o balanço, porque tendo-a odevia limpar, efazella sutil: Em quarto lugar, finalmente se a disparidade que se tem encontrado provem dos dinheraés (sic) e p.r não serem bem feitos ou não corresponderem huns com os outros, o Enrayador os devia emendar, pois somente elle he que vem no Conhecimento do estado delles por ser da sua profição.

Assim para se obviarem estas desegualdades que tem cauzado tanto prejuizo ao Comercio, como tambem para que o Enrayador da Casa da Fundição dessa Capitania se não desculpe com os materiaes com que athe agora exercitava o seu emprego, se remetem na prezente ocazião entre varios generos os seguintes:

Oito arrobas d' Agoa forte da chamada dobrada, e comtodo o seu vigor que se requer p.ª o bom efeito e exercicio da Arte, e com ella se poderá apartar de quartoze mil enrayos para sima sabendo-a temperar, e preparar: Dez Marcos de prata fina enrayada e sem resquicio de Ouro algum com que se podem fazer tres mil oitocentos e quarenta enrayos podendo se fazer com adita prata muitos mais tendo o dito Enrayador a obrigação, curiosidade, e cuidado deaproveytar quando a Agoa forte aayuntar, fundindo-a com salitre e despois embarra, e he oque seestá praticando actualmente na Caza da Moeda desta Cidade com grande beneficio a Real Fazenda: Huma balança construhida pello melhor Autor que houve e de merecida estimação, muito ligeyra, fiel e sutil, e que bem fas conhecer o Oitavo de Grão de quilate; Hum jogo de dinheraés com todas as circunstancias e cautellas que se podem fazer para serem prefeitos. Efinalmente, se remetem quatro balanças ligeiras com seus pezos desde meia óitava até desaseis marcos, justos e aprovados pelo Padrão Real da dita Caza da Moeda, p.r honde setem aferido não só o desta Cidade, mas o de todo o Reyno e Cazas de Fundição da America. Oque partecipo a VS.ª para que chamando a sua prezença os Enrayadores da Casa da Fundição dessa Capitania lhes intime as sobreditas irregularid.es, e os instrua domodo com que devem daqui em diante exercer as suas obrigaçoens p.ª se evitar o prejuizo que tem experimentado tanto a Real Fazenda como aspartes interesadas. Deos G.e a VS.ª man.e Lisbôa 8 de Outubro de 1777. *Marquez de Angeja.* S.r Luiz de Albuquerque de Mello Per.ª e Caceres

Antonio Soares Lima

REG.º DE HUMA CARTA DA SECRETARIA DE ESTADO ULTR.º SOBRE AS COBRANÇAS DA COMP.ª DE COMERCIO QUE FOY DO PARA'

Pela copia inclusa da carta que nesta ocasião escrevo ao G.or e Capitão General da Capitania do Estado do Grão Pará e Rio Negro

ficará V.S.ª entendendo *o que a Rainha Nossa Senhora foy servida determinar depois da extinção da Companhia Geral de Grão Pará e Maranhão; e ordena a mesma Sr.ª faça assim executar pelo que lhe respeita* em tudo oque fôr aplicavel. Deos G.ᵉ a V.Sª. Palacio de Queluz em o 1.º de Agosto de 1778. *Martinho de Mello e Castro.* Snr. Luiz de Albuq.ᵉ de Mello Pr.ª e Caceres.

N.B. A copia que acima se acusa da carta escrita ao General do Para se acha reg.ª neste L.º a f.ˢ *4 v.*

COPIA.

SENHORA—Representam a V. Mag.ᵉ os Deputados da Junta da Administração da Companhia do Grão Pará e Maranhão que achando-se encarregados por V. Mag.ᵉ da liquidação e arrecadação dos fundos da mesma Companhia eles sepersuadem que todas a suas diligencias serão frustradas se aespecial epositiva protecção de V. Mag.ᵉ lhes não facilitar e proteger as providencias.

Esperam os sup.ᵉˢ por na presença de V. Mag.ᵉ em conceguindo huma clara eindividual relação daimportancia de seus creditos do citado, ecircunstancias de seus devedores naquelles Estados hum plano que tendo em vista amoderação, e ajustiça possa conseguir acobrança, dos import.ᵉˢ cabedaes devidos acompanhia sem vexação dos Povos, ou prejuizo da cultura, e comercio dos mesmos Estados: Comtanto porem que as informaçoens precisas não estabeleçam aos sup.ᵉˢ aassim ofazerem; julgam deindispensavel precisão a pedir a V. Mag.ᵉ huma providencia interina com que sem demora removam os efeitos, prejudiciaes que pode trazer doem com q' aqueles habit.ᵉˢ quasi se entendem desobrigados o qual em tanto que durar hade primeyro suspender e depois dificultar a exacção dos cabedaes da Companhia.

He aprovidencia enterina que de prompto necessitam aparessa naquelles Estados por Navio que estão apromptando para em poucos dias haver de navegar para o Pará que V. Mag.ᵉ se digne significar Sua Real vont.ᵉ por cartas Regias aos Governadores, e Capitães Generaes das Capitanias do Pará e Maranhão que he Sua Real Intenção favorecer aliquidação, earrecadação dos fundos da Companhia extenda que a esse fim eles Governadores dem aos prepostos da mesma Companhia todo oefficaz auxilio afacilitar a cobrança dos avultados cabedaes que os moradores devem acompanhia e que para a execução não ser violenta, e prejudique o menos que possa ser aos Povos os ditos Governadores sendo-lhes pelos apoderados da Companhia apresentados os Mapas dos devedores, hajam de nomear algumas Pessoas de probid.ᵉ conhecida, e indisputavel que sem perda de tempo em cunjunção dos ditos apoderados, hajam de arbitrar a cada hum dos devedores da Companhia que forem lavradores oqueentenderem necessarios das colheitas que fizerem p.ª a sua substancia e continuação de cultura e que todo o remanecente, dos fructos ou seja entregue naquela Administração pelos preços correntes, ou querendoos navegar por sua conta os lavradores os consignem a esta Junta para se lhes abonar os seus liquidos. Por este modo se

não toca penhora nos fundos Capitaes dos ditos lavradores, se consulta a cultura e bem do Estado, e seobserva huma bem extensa moderação; Quanto porem aos devedores da Companhia que vivem mais de Comercio que da cultura, o arbitramento seja conforme suas possibilid.es de modo tal que não sejam arruinados, pela execução, nem a Companhia sofra detrimento no que eles sem ruina podem pagar, havendo como ha entre eles Pessoas com estabelecimentos taes que podem promptamente pagar oque portanto não necessitam de favor: Outrosim precisam os Sup.es que se ordene aos mesmos Governadores que na execução desta providencia estejam deacordo com os Doutores e Administradores por haver toda acautella e vigilancia para que os devedores não iludam esta providencia, já consultando os seus bens e frutos, já cobrindoos com nomes supostos de Pessoas que não devem a Companhia como praticaram nas avultadas remessas que se fizeram quando eram obrigados aconsinar a Companhia; as quaes importaram no anno de 1765, 269 mil cruzados no anno de 1766, 465 mil cruzados e no anno de 1767, 567 mil cruzados dos quantias e de outras dos annos anteriores e o que verdadeyramente pertence aos devedores da Comp.a fora aplicado ao pagamento de suas dividas, nem hoje os Sup.es vacilariam nos meyos de haver os capitaes devidos, a Administração que lhe foy confiada para liquidar, nem importunariam a Regia paciencia de V. Mag.e com esta suplica pela dita providencia que lhes parece amais propria para interinamente remover os prejuizos de hùa suspenção total sem o violento meyo de huma execução rigorosa; nem ficar exposta a huma perda total desembolço de seus cabedaes deyxar aoarbitrio de seus devedores ou ao tardivo meyo de importunos litigios portanto. Suplicam a V. Mag.e se digne dar amoderada providencia que enterinamente pedem emquanto não impetram outras mais terminantes; ou que V. Mag.e não dá outras mais oportunas.

Antonio Soares Lima.

REG.o DE HUMA CARTA DA SECRETR.a DE EST.o ULTR.o SOBRE AS AVALUAÇOENS DOS OFFICIOS CARGOS E POSTOS DELLA

Subindo á Real Prezença da Rainha Nossa Senhora a consulta da Junta dos Tres Estados de que VS. achará a Copia, e querendo Sua Mag.e ser exactamente não só dos emolumentos e Propinas mas dos ordenados, editos quaesquer rendimentos que percebe annualmente cada hum dos Ministros, e oficiaes de Justiça, e Fazenda, Secretario e Officiaes da Secretaria do Governo, ou de outros quaesq.r oficios dessa Capitania: Ordena a V.S.a que com a *possivel brevid.e, e clareza mande extrahir relaçoens de tudo referido e as remeta por esta Secretaria de Estado* para serem presentes amesma Senhora. Deos G.e a V.S.a. Palacio de Queluz em 8 de Agosto de 1778. *Martinho de Mello e Castro*.—Sr. Luiz de Albuq.e de Mello Per.a e Caceres.

COPIA.

SOBRE AS AVALIAÇOENS DOS EMOLUMENTOS DOS OFICIAES, CARGOS E POSTOS DESTES REYNOS E SUAS CONQUISTAS

SENHOR.—Tendo presente nesta Junta que na arrec.ação dos nossos direytos havia muitas duvidas nacidas da pouca averiguação que tem havido arespeito das avaliaçoens de muitos oficios, cargos, e Postos em todo o Reyno e suas conquistas e especialm.e nesta Corte adondetodos os lugares de letras estão por avaliar: Quanto aos emolumentos, dando esta falta motivo amuitas fianças que pelo beneficio antevirão a ter difficuldade na cobrança, e muitas total falencia; mando logo passar ordens atodas as Cameras de Reyno onde actualmente se estão fazendo as avaliaçoens que faltavam para se lançarem, com toda aclareza e não haver duvidas nos pagamentos dos Direytos, evitandose tambem as fianças que eram indispensaveis, não havendo avaliação certa dos emolumentos: Esta deligencia que o Tribunal fes nas Cameras deste Reyno e que já vay produzindo oefeito, não pode fazer nos Tribunaes aonde não tem jurisdição, nem em todas as Conquistas, pelo que poem na Real Presença de V. Mag.e agrande necessid.e que hâ de que V. Mag.e seja servido ordenar a todos os Tribunaes que eficazmente concorram para esse fim tão util a Real Fazenda de V. Mag.e fazendo logo avaliar os emolumentos de todos os cargos e oficios que seacham regulados quanto aos seus ordenados somente em que sepossa julgar quanto tem de emolumentos para completamente pagar os Novos Dir.tos que deverem. Alcantra 10 de Março de 1762.—*Marquez de Tancos.—Conde de Val de Reys.—Conde de Villar Mayor.— Conde Almirante do Reyno.*—E porque esta consulta subio as Reas Mãos de V. Mag.e e athe oprezente não tem baixado com resolução, se mandou reformar pela necessid.e que ha de que V. Mag.e rezolva o que nella sefas presente. Lisboa a 26 de Março de 1778.—*Conde de Val de Reys.—Nuno de Mendonça.—Conde Almirante do Reyno.— Dom José de Noronha.*—Foy voto o Marquez de Penalva.

João Gomes de Ar.o

Ant.o Soares Lima.

REG.o DE HUMA CARTA DA SECRETARIA DE ESTADO ULTR.o SOBRE OS REQUERIMENTOS E PETIÇOENS DE DOMINGOS, DIGO DE JOÃO DOMINGUES ALBERTYM

A S. Mag.e fes presente João Domingues Albertim, que ausentandose dessa Capitania em companhia do Conde de Azambuja quando della passou para a Bahia, se lhe tomou para a Fazenda Real a sua Botica; cuja importancia se lhe não tem pago athe opres.e

Ordena amesma Senhora que fazendo V. S.ª examinar oquesepraticou a este respeito, informe do que tiver acontecido e da soma em que montou adita Botica, no caso de se lhe haver tomado como osup.ᵉ refere. He outrosim S. Mag.ᵉ servida que V. S.ª mande entregar ao Procurador dod.º João Domingues Albertim tudo quanto parar e se achar na Provedoria dos defuntos e Auz.ᵗᵉˢ dessa Capitania, asim pertencente a papeis, livros e creditos como dinheyro que lhe possa pertencer. E de tudo oque V.S.ª obrar aeste respeito darà conta por esta Secretaria de Estado para ser presente a mesma Senhora. Deos G.ᵉ a V. Sª. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 8 de Janeiro de 1779. *Martinho do Mello e Castro*.—Snr. Luiz de Albuq. de Mello Per.ª e Caceres.—1.ª via.

Ant.º Soares Lima.

——

REG.º DE HUMA CARTA DO S.ʳ PRESIDENTE DO REAL ERARIO A RESPEITO DO SUBSIDIO ANUAL DE GOYAZ

Sendo presente a Rainha minha Senhora aavultada soma de ouro com que desde o anno de 1757 a Capitania de Goyaz tem asestido a esa Capitania, e tendo consideração amesma Senhora a que omesmo subsidio ja se não deve fazer necessario porque em este tão longo espaço de tempo já estarà emtal estabelecimento essa Colonia que se não faça necessario tamanho auxilio externo e muito mais considerando a que as referidas Colonias he que devem dar auxilio a Capital, e não esta às Colonias: foy servida determinar que somente se ouvesse de dar anualmente de subsidio a essa Capitania *athe tresentos marcos de ouro*; o que se participou a Junta de Fazenda de Goyaz, para que não podésse exceder da referida conta; e V. S.ª terá ocuid.º de economisar de tal termo a sua Real Fazenda e promover o fundamento solido dessa Capital que inteyramente se não faça depend.ᵉ dos soccorros externos; para que daqui apoucos annos se faça independente desta mesma força. Deos G.ᵉ a V. Sª. Lix.ª 8 de Julho de 1779.—*Marquez de Angeja*.—Snr. Luiz de Albuq. de Mello Per.ª e Caceres.—1.ª via.

Ant.º Felippe da Cunha.

——

REG.º DE HUMA CARTA DO S.ʳ PRESIDENTE DO REAL ERARIO EM QUE SE APROVAM VARIAS PROVIDENCIAS ECONOMICAS

Na carta que V. S.ª dirigio datada em 23 de Dezr.º de 1775 *expunha as bem acertadas providencias comque interessava a Real Fazenda*, fazendo as compras do que se fazia necessario com dinhey-

ro avista ou mandandoas buscar em direytura ao Para as que não havia nesse Paiz em razão a mayor barateza que por este meyo conseguia nos mesmos generos; diminuindo com grande deferença os jornaes dos artifices que se empregam nas obras da Real Fazenda, efinalmente suspendendo o vencimento dos soldos de todos os Militares durante otempo que seestiverem curando no Hospital. *Na mesma regulação continuará V. S.ª* porem com regular procedimento que em nada sefaça prejudicial ao Popolação eestabelecimento dessa Colonia. Deos G.º a V. S.ª—14 de Mayo de 1779.—*Marquez de Angeja.*—Snr. Luiz d'Albuq. de Mello Per. e Caceres. Registrada *a fl.s 25.*

Ant.º Felippe da Cunha.

REG.º DE HUMA CARTA DO SR. PREZIDENTE MARQUEZ D'ANGEJA EMQUE SEAPROVAM VARIAS DELIGENCIAS ARESP.to DE DIAMANTES.

Por carta que V. S.ª dirigio em 10 de Dezembro de 1775 acompanhando as Devassas da clandestina extração dos Diamantes: foy prezente a Rainha minha Senhora as deligencias com que V. S.ª procura indagar os transgreçores das suas Reaes ordens; *econformandose com os referidos procedimentos: foy servida determinar que V. S.ª continue com os mesmos; e com todas as mais providencias que lhe parecerem uteis, enecessarias* afim de se precaverem os mencionados descaminhos fazendoo observar; assim pelo que respeita esta materia como comtudo omais as suas Reaes Determinaçoens: Deos G.e a V. Sª. Lix.ª 22 de 8br.º de 1778.—*Marquez d'Angeja*—Sr. Luiz d'Albuq.e de Mello Per. e Caceres.

Ant.º Felippe da Cunha.

REG.º DE HUMA CARTA DO S.r PREZIDENTE DO REAL ERARIO SOBRE A REAL ORDEM DE FAZER PRIVATIVO O DITO TRIBUNAL QUANTO A ARRECADAÇÃO E DISPEZA DA FAZENDA COM VARIAS PROVIDENCIAS.

Havendo a Rainha minha Senhora encarregado ao seu Erario Regio o ser unico e privativo para a arrecadação e destribuição da sua Real Fazenda e sendo das Reaes pretençoens da mesma S.ª que este seeconomise em termos taes e tão precisos que nas suas respectivas repartiçoens seregulem de tal forma asdespezas para senão acomularem dividas que otempo e as ocorrencias venham a fazer impagaveis Consentindo huma bôa parte do serviço da mesma Sr.ª pelo que toca asua Real Fazenda no prompto pagamento

das dividas que secontraem para asim seacreditarem as contrações de forma que se não esperementêm faltas que prejudiquem aos credores e porque aesse governo que fas hua parte deste Erario na sua respectiva Repartição foy já recomendado emdiferentes ordens espedidas por este Tribunal, o evitar todas as dispezas que consedera presentemente inuteis pela mudança dos tempos ainda que haja justo titolo para sefazerem, oufazendo-se sem elle, devam de huma ou de outra forma ser anutadas: novamente manda ad.ª Sr.ª não só excitar a observancia das sobreditas ordens; mas igualmente proceder aos exames necessarios na Real e Despeza anual dessa Capitania; para que havendo em que mais se possam acressentar os rendimentos Reaes, emtermos habeis, ediminuir as suas despezas inuteis: *V.S.ª o entre logo apraticar na parte que lhe pode ser competente e no que exceder as suas faculdades de contas separadas de cada hum dos Artigos de que necessitar decerão* para que sendo presentes a S. Mag.ᵉ os detremine a mesma Snr.ª como fôr por servida; havendo por muito recommendado a V.S.ª toda apossivel aplicação deste Negocio; *e todo ozelo, activid.ᵉ e prestimo com que sedeverà empregar* em huma comição tão importante ao Real serviço: Deos G.ᵉ a V.S.ª. Lix.ª 3 d'Agosto de 1779.—*Marquez d'Angeja.* —Sr. Luiz d'Albuq.ᵉ de Mello Per.ª e Caceres. 1.ª via.

Ant.º Felippe da Cunha

——

REG.º DE HUMA PROVISÃO DO REAL ERARIO ARESP.º DO AJUSTE DE CONTAS DE JOÃO FERNANDES DE OLIVR.ª, PAY E FILHO

O Marquez d'Angeja; Do Conselho da Rainha minha Senhora, Gentilhomem da sua Camera, Tenente General de seus Exercitos, Ministro Assistente a Desp.º do Gabinete, Presidente do Erario Regio enele Lugar Tenente imediato á Real Pessoa da mesma Sr.ª &.

Faço saber a Junta da Administração da Real Fazenda da Capitania do Matto Grosso, que a Rainha minha Senhora foy servida por seu Real Decreto de 25 de Fevereyro proximo passado ordenar seprocedesse aliquidação, e ajuste final das Contas dos contractos dos Diamantes respectivos aotempo em que forem arrematantes, e Administradores João Fernandes de Oliv.ª, Pay, e Filho; detremmando outrosim amesma Senhora para odito efeito que essa Junta mande fixar Editaes publicos em todos os Districtos da sua Jurisdicção para que toda a Pessoa que for socio e interessado, outiver qualquer Direyto epretenção nestes Negocios, faça entregar ao Thesour.º mòr deste Real Erario no têrmo de hum anno as pretençoens e requerimentos que tiverem sobre estas contas, deduzindo neles todo o Direyto que lhe pertencer; instruindo com os Documentos e tudo o mais que for necessario para se conhecer oseu interesse, e a sua Justiça; E porque não he da Real Intenção de Sua Mag.ᵉ que as partes a que não fez racionalmente possivel acudir com os seus papeis

no dito espaço de hum anno fiquem por isso privadas de se lhes Administrar Justiça atodo otempo que possam requerella e instruilla: Essa Junta em taes circunstancias lhes prorogara omais tempo que entender suficiente; alem do anno concedido para nele aprompta rem tudo oque lhe for concernente. O que separticipa a mesma Junta para asim a executar; passando as ordens necessr.as para o dito efeito: Crispim X.er de Paria a fes a 24 de Março de 1779. *Luiz Josè de Brito* Contador Geral do Territorio da Relação do Rio de Janr.o, Africa Oriental e Asia Portugueza a fes escrever.—*Marquez de Angeja*. Regd.a a fl. 24—1.a via.

Ant.o Felippe da Cunha.

REG.o DE HUMA CARTA DO SNR. PRESIDENTE DO REAL ERARIO COM ORDEM DEREGULAR OMODO DE SABER A TODO OTEMPO O ESTADO DAS DIVIDAS PASSIVAS DA REAL FAZENDA AFIM DE SE EXTRAHIR ASOMA DE HUMA RELAÇÃO ANNUAL

Querendo a Rainha minha Snr.a que não somente fosse prezente a soma de que he credora a Sua Real Fazenda porem tambem daquella por que he devedora por papeis correntes e que estejam apagamento: foy servida detreminar que da Provedoria dessa Capitania igualmente se lhe remetesse em cada hum anno huma Relação das referidas dividas, não tratando porem daqueles pagamentos efectivos eque se pagam por trato sucessivo em folhas, ou Meses, ou Quarteis, porque esses correm o seu giro ordinario, mas sim de todos os que costumam cobrarse por Despacho ou Mandados, os quaes sepodem tomar rezumidamente por lembrança em hum livro separado ao tempo que se lhe lançar o ultimo Despacho de corr.te para o pagamento; para o que averbando se ahi quando se pagam se possa sempre sobreatotal emportancia que está em aberto: Pelo que V. S.a assim ofará executar na referida Provedoria para que se remeta a dita Relação annualmente quando remeter o respectivo Balanço da Receyta e Despeza: E quando não possa ser formada com toda a exatidão; seja regulada pouco mais ou menos da forma que for possivel. Deos G.e a V. S.a Lix.a 24 de Julho de 1779.—*Marquez de Angeja.*—Snr. Luiz d'Albuq.e de Mello Per.a e Caceres. Registrada a *fl.* 27. 1.a via.

Ant.o Felippe da Cunha.

REG.º DE HUMA ORDEM DO REAL ERARIO P.ª FAZER EXECUTAR PONTUALMENTE A PROVISÃO DO MESMO TRIBUNAL DE QUE SE FAS MENÇÃO.

Vendo a Rainha minha Senhora que sem embargo da Regia Provisão de 12 de Julho de 1766 que se dirigio a Provedoria dessa Capitania em que se ordenava remetesse as certidoens e mais contas dos rendimentos dessa Capitania para se escriturarem os mesmos rendimentos na respectiva contadoria deste Real Erario para lhe ser presente em cada hum anno a Receita e Despeza do seu Regio Patrimonio, na forma ordenada e na sua carta de Ley do estabelecimento do mesmo Erario: foy servida mandar expedir ordem a essa Provedoria em que se recomendasse a execução da referida Regia Provisão, dandose huma noção mais especifica e demonstrativa das certidoens e mais contas que devia remeter por hum extracto que acompanha a dita Provisão: Eem consequencia do que ordenou a mesma Snr.ª partecipasse a V. S.ª a sua Real Resolução, para que faça dar todo o devido cumprimento ao que nella se ordena; e que outrosim *procure V. S.ª economisar desta forma as despezas dessa Capitania* para que se não veja obrigada (*)..... precisando de auxilio externo com tão grave prejuizo da Real Corôa, e contra o sistema geral de concorrerem das conquistas a Capital, e não esta áquellas, e como hum dos principaes objectos das despezas dessa Capitania tem sido a construção da Fortaleza da Conceyção ou Principe da Beyra; aqual amesma Sr.ª já terá mandado ordem a V. S.ª, para suspender com a sua factura, ou modo com que arespeito della sepoderâ haver, nestes termos deminuindose aquella despezas dessa Capitania, por forma que com os seus rendimentos possa suprir as despezas necessarias. E a mesma Snr.ª *confiada nozelo com que V. S. seprocura entregar no seu Real Serviço espera que ponha todo o esforço tanto em promover os taes Regios Rendimentos* como em darlhe toda adevida aplicação; fazendo dar a devida execução aoque serecomenda na ordem acima mencionada. Deos G.ᵉ a V. S.ª Lix.ª 19 de Julho de 1779.—*Marquez de Angeja*.—Sr. Luiz d'Albuquerque de Mello Per.ª e Caceres. Regd.ª 7.

REG.º DE HUMA CARTA DO S.ʳ PRESIDENTE DO REAL ERARIO COM A REAL ORDEM A RESPEITO DE FAZER INTEIRAMENTE PRIVATIVO O DITO TRIBUNAL PARA A RECEITA E DESPEZA.

A Rainha Minha Senhora foy servida mandar dirigir ao seu Real Erario o Decreto de 12 do mez de Junho proximo passado de que com esta se remete copia asinada pelo Contador Geral Luiz José de Brito em que a mesma Senhora ouve por bem fazer unico e privativo deste Tribunal de todo o despacho emais ordens que por qualquer motivo respeitem a despezas e pagamentos da sua Real Fazenda; ficando assim sem efeito não só os Alvarás de mantimentos expedidos pelo Conselho Ult.ʳ comotodas

(1) Aqui tem uma palavra que não se pode ler, tão apagado está o manuscripto
A. F.

e quaesquer ordens que dos outros Tribunaes e Magistrados se hajam de expedir por pertencer ao Erario Regio todo oconhecimento, e pagamento da Real Fazenda: o que VS.ª fará executar fazendo participar esta mesma ordem a Provedoria dessa Capitania e registando-se na mesma e na Secretaria desse Governo: *No caso porem não esperado de alguem ponto duvidoso ou controvertido: VS.ª tomara aquelle interino e prudente arbitrio de que precisaren as urgencias das circunstancias ocorentes, dando logo conta para sedecidir o que deve praticar no futuro.* Deos G.e a VS.ª. Lix.ª 13 de Julho de 1779. *Marquez d'Angeja.* Snr. Luiz d'Albuquerque de Mello Per.ª e Caceres. 1.ª V.ª Regd.ª a *f. 26.*

COPIA.

Porquanto haver estabelecido pelas duas Leys: de 22 de Dezembro de 1761 o Tribunal do meu Erario Regio que athe esse tempo não havia neste Reyno, como unico e privativo para aarrecadação e destribuição daminha Real Fazenda com pleno e total conhecimento de todas as suas Receitas e Despezas ficaram por este motivo cessando as Leys Regulamentos, ordens e Resoluçoens de Consultas pelas qnaes se mandavam fazer pagamentos por todos os outros Tribunaes aque somente ficou competindo lavrarem-se as Folhas respectivas porque sendo remetidas ao mesmo Erario se podessem expedir para o pagamento em termos taes que athe na sobredita Ley que regula a Jurisdição do Conselho de Fazenda, no A.º 2.º § 6.º se lhe prohibe o expedir Mandados de pagamentos como athé aquelle tempo faziam ficando assim pertencendo privativamente ao meu Real Erario; como sempre otempraticado obrigando a publicação dellas a sua geral observancia em todos Tribunaes, acrescendo os Alvaras de 16 de Junho de 1763, e 2 de Janeiro de 1765, pelos quaes se mandou regular aos mesmos respeitos o Conselho Ultr.º e a Junta do Estado e Casa de Bragança: porem tendo mostrado aexperiencia dos muitos e decizivos factos por huma parte aprecisa necessid.e da inteyra execução de tudo oque aeste respeito tenho ordenado e pela outra parte que a notoria transgreção em q' se constituiram a mayor parte das Provedorias da minha Real Fazenda dos Dominios Ultramarinos, e Ilhas com prejuizos muito concideraveis della fiz necessaria acreação das Juntas da Fazenda que seacham estabelecidas por Cartas Regias com total e privativa sugeição ao mesmo Erario e com hua arrecadação tão exacta e metodica que no fim de seis mezes de cada anno me he prezente pela mayor parte o certo e exacto rendimento e despeza de cada Capitania do anno antecedente, eodoque ficou findo devedora e credora, cuja clareza nunca foy possivel saberse athe que seestabeleceram as ditas Juntas: E paraque este methodo e observancia das referidas Leys não possa ser prevertido: Sou servida declarar que em execução das mesmas Leys e Alvarás posteriores, não compete ao Conselho Ultramarino nem a outro qualquer Tribunal ou Magistrado quaesquer que elles ~~sejam mandar~~ fazer pagamentos alguns da minha Real Fazenda assim nas Juntas da Fazenda como nas Provedorias de todos os meus Dominios Ultrama-

nos, e Ilhas dos Açores, e Madeyra, exceptuando porem o unico so em que por carta Regia assinada pela Minha Real Mão se mandrem fazer os sobreditos pagamentos de quaesquer qualid.es e imrtancia q' sejam, os quaes indespensavelmente serão participados Presidente do mesmo Erario pelas mesmas Repartiçoens por onde expedirem as sobreditas cartas Regias, para ficar certo do que llas se determina : Como porem ao Expediente dos ditos ibunaes deve pertencer o conhecimento de muitos regulaentos que hajam de finalisarse com pagamentos que por eles se rtendam e ainda em Resoluçoens de Consultas : ordeno quanto aos imeyros, sejam os Despachos finaes os de declararse estarem nos mos de que pelo Erario Regio se expeça ordem para aquelles resctivos pagamentos, e quanto aos segundos separticipara pelo Setario do Tribunal ao Escrivão da Thesouraria Mor do mesmo rario o que for necessario para seexpedir a Provisão de pagamenna conformidade das minhas Reaes ordens. E em hum, e outro so havendo papeis edocumentos que não devam passar pelas mãos s partes, seremeterão semelhantemente na mesma forma: e quanalguns negocios pela sua gravid.e mereçam mayor ponderação senecessite de mandar fazer algumas despezas ou pagamentos no razil serão partecipados etratados pelos presidentes dos ditos Trinaes ao do Erario Regio; p.a que pelo mesmo Erario mande exdir as ordens necessarias, e ficará cessando inteyramente aprati que athe agora havia das Provisoens expedidas pela Mesa da Conencia, e ordens para dos pagamentos das Congroas, eoutras despeas Ecleziasticas as quaes para poderem ter efeito se revalidavam om outras Provisoens do Cons.o Ultr.o; procedendo a mesma Mesa a conformid.e acima determinada. Não tendo porem oemprego do eu Real Erario, simplesmente reduzido aos actos de mandar coar, e pagar; masigualmente aodeconhecer das mesmas cobranças, pagamentos; poderá no caso emq' providentemente duvidar, saber s respectivos Tribunaes omotivo porque semanda fazer aquele pamento, e as Resoluçoens Regias sobre que ele se funda. Não hé mtudo da minha Real Intenção que as sobreditas Juntas e Provedorias deyxem destar sugeitas aos mesmos Tribunaes, e Magistrados, ara tudo o em quelhes for preciso mandarem seinformar, epara outas quaesquer averiguaçoens tendentes ao meu Real Serviço. O arquez Presidente do meu Real Erario o tenha assim entendido e faça executar, expedindo logo as ordens necessarias as Juntas da azenda, e Provedorias de todos os meus Dominios Ultramarinos, Ilhas; eisto sem embargo de quaesquer Leys, Regulamentos, Alarás ou Disposiçoens em contrario. Palacio de Nossa Senhora da juda em 12 de Junho de 1779. Com a rubrica de S. Mag.e Regisado a fs. 6. Cumprase e registrese e sepassem as ordens necessaas. Lisbôa em 23 de junho de 1779.—Com a rubrica do Presid.e o Real Erario.

Ant.o Felippe da Cunha

(Continúa)

Breve resumo da vida do Barão de Melgaço quanto a parte economica, escripto por elle proprio. (1).

Trinta annos de existencia em Cuyabá e informações havidas fazem bastantemente conhecido o meu procedimento publico e particular. O que sou nas relações intimas de familia, sabem-no minhas filhas. Quero que ellas saibão tambem que não têm de corar do pouco ou muito que lhes deixar em herança. E, por isso, começando a 1.º de Janeiro deste anno de 1862, a escripturação do Livro dos meus negocios, que provavelmente ha de ser o ultimo, resolvi fazer o seguinte breve resumo da minha vida quanto á parte economica. O que ulteriormente succeder constará do mesmo Livro.

Em Maio de 1819, sahi de França, embarcado na Escuna mercante *Victoire*, da qual meu pai era capitão e sobre-carga. Em Agosto naufragamos na entrada do Rio da Prata. Em Outubro chegamos a Montevidéo. Pouco depois partio meo pai para Buenos-Ayres para tratar dos seus negocios. Com quanto providenciasse para a minha decente subsistencia, durante a sua auzencia, entendendo eu que na idade de deseito annos, que estava a completar, podia e devia tratar de viver sem ser pesado a ninguem, embarquei em Janeiro de 1820, como piloto da Escuna *Angelica*, com o vencimento de 25 pesos mensaes. Em Agosto do mesmo anno, passei, como piloto, para a Galera *General Lecor*. Meo vencimento foi successivamente elevado a 40 e 50 pesos. Desde então pude fazer algumas economias e mandar pequenos valores de mimo á minha mãi, que infelizmente falleceo antes de recebel-os, e posteriormente a meo irmão e minha irmãa. Em huma viagem que fiz de Montevidèo para o Rio de Janeiro e Lisboa, emprehendi hum pequeno negocio a instancias e com o auxilio de hum amigo meo (Carlos Gouthier). Não tive nem dei prejuiso, antes algum lucro, porém convenci-me de que eu não tinha geito para a vida mercantil.

De volta de Lisboa a Montevidéo em Dezembro de 1822, soube do fallecimento do meo pai em Buenos Ayres, parti para aquella cidade com o intento de, no interesse dos credores de meo pai, effectuar a cobrança de quaesquer haveres que tivesse deixado; mas não pude conseguir hum ceitil, principalmente por causa da má fé das pessôas com quem meo pai entretivera relações de negocio. Nisto perdi quasi hum anno do meo tempo. No começo de 1824 tornei a embarcar como piloto da *General Lecor*, que, em Setembro seguinte, foi incorporada na marinha brasileira. Em Novembro do mesmo anno, entrei na Armada Imperial do Brasil, como 2º Tenente de commissão, e desde então estive constantemente embarcado a bordo de diversos navios de guerra, já como official, já como com-

(1) *O original deste precioso documento nos foi gentilmente offerecido pela Exma Snra. D. Maria Augusta Corrêa de Arruda e Sá, digna neta daquelle saudoso scientista, residente nesta cidade.*

N. DA DIRECÇÃO.

nandante, até meiado de Agosto de 1829, em que desarmou a corve-
a *General Dorrego*, que eu commandava. Tinha um peculio de
a 3 contos de reis.

Em Dezembro do mesmo anno de 1829, parti para Cuyabá, para
nde me mandára o Governo, como commandante das barcas ca-
nhoneiras da Provincia de Matto-Grosso. Para esta viagem tive
le fazer despezas relativamente avultadas em trastes, instrumentos,
ivros, etc. Cheguei a Cuyabá em Novembro de 1830, tendo em di-
nheiro perto de 1:200$000 rs. alem do saldo, maiorias e vantagens
vencidas durante a viagem. O misero estado dos cofres da Thesou-
raria mal permittia que recebesse o indispensavel para as minhas
despezas aliás muito modicas (não excedião de 800$000 rs. por an-
no). Assim foram se accumulando vencimentos atrazados, de sorte
que em 1832 tomei a pagamento huma letra de Thesouraria sobre o
Thesouro, no valor de 2:000$000 rs. inclusive o premio de 35 %.
Foi este propriamente o começo do meo capital. Remetti a letra
aos Senrs. Riedy, Lory et Le Léricy, do Rio de Janeiro, os quaes
empregarão o seu producto em compra de apolices da divida publi-
ca, que então valião pouco mais ou menos de 50 % do seo valor no-
minal. O mesmo destino tiverão o producto dos juros e outras re-
messas que fiz á mesma casa. Voltei de Cuyabá ao Rio em 1834.
O meu procurador o Snr. Joaquim Alves Ferreira cobrou o que se
me ficou devendo na Thesouraria e o pôz a premio até fazer-me re-
messa de tudo. Assim com os ditos juros e premios e principal-
mente, pelo preço a que forão subindo as apolices, achava-me em
1837 possuidor de mais de 7 contos de reis. Fui nesse anno, no-
meado de novo para o commando que exercera na P. de Matto
Grosso. Deixei no Rio em mão do Sr. Benjamin Dapples cinco
contos e tantos mil reis para serem conscientemente empregados.
Com a minha promoção a Capitão Tenente crescerão os meos ven-
cimentos, e mais ainda quando em 1841, fui nomeado Consul Geral
do Brasil no Paraguay. Com esses augmentos, juros e premios de
6 annos, possuia em 1842 cousa de 16:000$000 reis.

Em Outubro de 1842, casei-me com D. Ignez de Almeida Leite.
Feita a liquidação da herança do seo finado marido, veio a tocar-lhe
em valores reaes 29:000$000 rs. ficando a seo cargo o pagamento
das dividas e legados na importancia de 11 contos, e restando por
tanto liquidos 18 contos de reis.

Os bens do nosso casal subião pois a 34:000$000 rs mais ou me-
nos, a que se deve accrescentar 5:300$000, importancia dos meios do-
tes de minhas enteadas Dª. Ignez e D.ª Marianna, que devem ser
contemplados por accasião do meo fallecimento ou do de minha mu-
lher. Erão pois, em numero redondo, os nossos haveres 40 con-
tos.

Em 1844 segui para o Rio de Janeiro; tive algum lucro em huma
porção de ouro em pó que havia comprado quando fôra nomeado
Consul para o Paraguay. Fui novamentedespachado para a P.
de Mato Grosso e cheguei pela ultima vez a Cuyabá, em Abril de
1845. Tendo, desde então, escripturado com mais ou menos regula-

ridade os meos negocios, posso apresentar os seguintes inventarios:

Bens de raiz	7:880$000	16:000$000
Bens semoventes e moveis . . .	4:600$000	4:500$000
Escravos	6:500$000	12:000$000
. . . . .	6:800$000	9:079$090
. . . . .	»	2:400$000
. . . . .	»	6:000$000
Caixa e carteira	18:335$814	45:824$757
	44:115$814	95:803$847

Aumento em 17 annos 51:688$033

Demonstração do aumento

Vencimentos como official de Marinha em commissão de 1845 a 1851.	15:036$000
Vencimentos oomo Presidente de 1851—58 e commandante das Armas de 1852—56.	66:804$000
Vencimentos como official reformado até 1861. . .	7:376$000
Melhoramentos dos bens de raiz e aumento de seo valor	8:120$000
Aumento no valor dos escravos, descontos feitos. .	5:500$000
Premios (calculados a posteriori), descontando as dividas perdidas.	30:292$033
	133:128$033

Despezas de casa, festas, esmolas . . .	61:638$000	
. . . . .	515$000	
. . . . .	7:667$000	
. . . . .	4:900$000	
Bemfeitorias em casa	3:600$000	
Montepio	3:120$000	81:440$000
Confére		51:688$033

O producto do sitio não vai contemplado, porque tendo se gasto todo para despezas geraes, tanto deverão figurar na receita como na despeza.

Leverger.

RELATORIO do estado da catechese e civilisação dos Indios de Matto-Grosso, apresentado ao Presidente da Provincia em data de 31 de Dezembro de 1858, pelo respectivo Director Geral, Coronel João Baptista de Oliveira, depois Barão de Aguapehy

N.º 8.—Ill.mo Snr."—Em cumprimento do preceito estabelecido no § 37 do art. 1.º do Regulamento n.º 426 de 24 de Julho de 1845, passo a relatar a V.Ex.ª, para ser presente ao Governo Imperial, pelo Ministro do Imperio, o estado actual da catechese dos Indios nesta Provincia, e as providencias que em meu conceito julgo vitaes, e de necessidade que se dêm já, para tirar-se esse ramo importantissimo do Publico serviço, do embryão em que, ainda em grande parte, se acha.

No tirocinio, porém, do cargo de Director geral dos mesmos Indios, para o qual fui nomeado effectivamente por Decreto Imperial de 22 de Julho do anno que declina, e nas circumstancias em que me veio de falta de noticias officiaes, positivas e exactas de muitos dos movimentos da intendencia da Directoria, que occorreram nos differentes alojamentos depois do Relatorio de 20 de Novembro de 1856: não estou assáz habilitado para dar nesta occasião um relatorio minucioso e completo, como era de dirigir-se: isto é, que contivesse todas as occurrencias, todas as necessidades e todas as propostas de medidas convinhaveis, e, em summa, as justificações destas.

Soccorrendo-me, portanto, dos Relatorios anteriores e das correspondencias officiaes antigas, bem como, d'algumas poucas de recentes datas, organisei este do melhor modo que me foi possivel.

ALDÊAS EM GERAL

Quatro são as que nesta Provincia, ja pela indole dos Indios que as povoam, e já por não mallograrem os dinheiros e os trabalhos até aqui despendidos, estão no caso de fazer-se com ellas sacrificio, e são:

1.ª { A dos Guanás, na Freguezia d'Albuquerque.
A dos Kinikináos, denominada—de N. Senr.ª do Bom Conselho—assente no Matto-Grande, na mesma freguezia.

2.ª { A dos Terenas e Laianas, na villa de Miranda.

3.ª { A dos Guarayos, denominada—de Santa Ignez, na cidade de Matto-Grosso.

4.ª { A dos Parecis, na villa do Diamantino.

A primeira das acima mencionadas, por isso que teve a fortuna de se lhe pôr á frente um Director espiritual, zeloso e dedicado, qual o Missionario Apostolico Frei Mariano de Bagnaia, é a unica que approximou-se da perfeição e cujos indios avançaram passos para a civilisação. Eu vou fallar de cada uma dellas em particular.

ALDÊA DE N.ª S.ª DO BOM CONSELHO.

Debaixo desta denominação comprehende-se a Aldêa dos Guanás em Albuquerque; porque Guanás e Kinikináos são todos Guanás; e além disso, o beneficio que se fazia á uns, aproveitava a outros.

Segundo um Quadro dado por meu antecessor, Henrique José Vieira, em 3 de Setembro de 1850, a população india desta Aldêa sóbe a 1:000; numero este que nada tem de exagerado quando se attende para a synopse que o finado Director geral, Joaquim Alves Ferreira, organisou em 2 de Dezembro de 1848, e endereçou ao Ministro do Imperio.

Para o seu governo e regimem particular, tinha esta Aldêa os empregados seguintes:

1 Director em Albuquerque;
1 Dito em Matto-grande;
1 Missionario Apostolico em Albuquerque:
1 Dito em Matto-grande;
1 Professor de 1.as letras em Matto-grande;
1 Dito de musica; e
1 Mestra de costura.

Hoje, porém, resente-se a referida Aldêa da falta desses empregados (á excepção da Mestra de costura), porque o Director de Albuquerque (que era Manoel José de Carvalho) foi demittido, por desserviço, á pedido do ex-Director geral, em officio de 23 de Setembro do anno passado.

O de Matto-grande (que era Luiz José Botelho) tambem o foi, na mesma occasião e pelo mesmo motivo de desserviço. O Missionario Frei Antonio de Molinetto, Director espiritual em Albuquerque, renunciou á sua missão. Frei Mariano de Bagnaia, que o era no Matto grande, sahindo dalli para a Côrte em principios do mesmo anno passado, com 3 mezes de licença que deo-lhe a Presidencia, no regrêsso que fez, empregou-se em S. Paulo, e deixou-se ali ficar.

O Professor de 1.as letras Joaquim Mariano Albernaz, falleceu, e Luiz José Botelho, que o succedeu no magisterio em Outubro de 1853, renunciou logo á cadeira pelo facto de não servir-lhe o ordenado de 300$000 por anno. E o de musica (que era Sylvestre Fernandes dos Reis, muzico do Batalhão de Caçadores de Linha da Provincia) foi mandado recolher para seu corpo.

Convém muito que se provejam as cadeiras vagas e para isso algumas deligencias tenho feito; mas como os ordenados são na verdade mui pequenos e a exiguidade dos meios com que a catechese nesta Provincia é annualmente quotisada na distribuição do credito, não permitte que se elevem de 500 a 600$000; não tenho achado pessôas idoneas e circunspectas que queiram ir occupal-as.

Antonio Pereira da Silva, um dos discipulos daquella escola é quem hoje a rege, e segundo consta dos dous Mappas de Maio e Julho ultimos, que passo com este ás mãos de V.Ex.ª, ensina a lêr, escrever e contar a 80 condiscipulos seus.

No anno de 1854, sendo Frei Mariano Director no Matto grande, creou, de conformidade com o disposto no § 13 do art. 2.º do Regulamento supracitado, duas companhias de Indios, que sem constrangimento se prestaram: uma com a denominação de—Companhia de Guardas Nacionaes— e outra com a de—Pedrestes—aquella de 80 praças e esta de 32, e de ambas fez elle entrega ao Commandante do Destacamento, para serem por este instruidas na disciplina e manejos militares.

Os Guanás e Kinikináos habituaram-se á vida sedentaria, e hoje detestão a errante e censuram a moleza: os homens applicam-se á lavoura, plantão o milho e outros grãos alimenticios e dão-se aos ajustes para todos os serviços, principalmente para o de remar canôas, em que são mui adestrados; e as mulheres fião e tecem o algodão para os seus usos e para os de seus maridos e filhos: fabricam louça e fazem cintas e suspensorios, assim d'algodão, como de lã, e algumas já costurão bem.

A despeza annual que a bom economisar fazia-se com os Empregados desta Aldêa, montava em Rs. 857$000, a saber: 365$000 com as diarias de 500 reis para os alimentos de cada um dos Missionarios Apostolicos que ali se empregavam; 300$000 com o ordenado do Professor de 1.as letras; 120$000 com o de Decurião, e 72$000 com o da Mestra de costura.

Deduzida aquella somma da quantia de Rs. 3:000$000, que tanto era a que se dava á catechese nesta Provincia antes do financeiro que corre, vinha a restar desta sómente Rs. 2:143$000, cuja grande parte era absorvida pelos brindes que se davão a Indios não aldeados que por esse interesse, frequentavam, assim como ainda hoje frequentão, a capital.

Presentemente, pela retirada de Frei Antonio, e cessação das suas diarias, está a despeza reduzida a Rs. 674$500, mas tambem aquella quota está que, á toda prova, é assáz diminuta para fazer prosperar um Estabelecimento de grande vulto, qual a Aldêa do Bom Conselho, até ao ponto de se lhe prover de Thesoureiro, Almoxarife e Cirurgião.

O estado actual, pois, não é lisongeiro: sem Director sisudo, sem Missionario zeloso e sem mestres idoneos, e sobretudo sem quota sufficiente, não é possivel que esta Aldea, aliás de tanta esperança outr'ora, marche com passos firmes para o aperfeiçoamento, maximé com a brevidade que almejamos: declinar até extinguir-se, com a rapidez com que um corpo pesado lançado ao ar gravita para o centro quando acaba a força da projecção; sim, é natural e possivel, por que é da condição das cousas humanas perecerem por falta de beneficio.

Para evitar-se, pois, o desmantelamento, a queda, emfim, desse Estabelecimento interessante á população da Provincia, é mister:—

1.º)—Que o Governo Imperial conceda ao dito Estabelecimento uma quota especial de Rs. 3:000$000, por anno; e

2.º)—Que mande um outro Missionario; ou faça vir o mes-

mo Frei Mariano, mediante algum interesse, que o indemnise do que perder em S. Paulo.

Com essa quota especial e exclusiva teremos ensancha para occorrermos a todas as precisões, bem como para elevarmos os ordenados dos Professores a 600$000.

ALDÊA DA VILLA DE MIRANDA.

Os Indios Terenas e Laianas, habitantes das immediações de Miranda, pertencem á Tribu da Nação Guaná: o numero de seus individuos sobe a 2.300 segundo a synopse de que já fallei, organisada pelo finado Director Joaquim Alves Ferreira.

Estes Indios são mansos, pacificos e hospitaleiros: vivem reunidos, porèm sobe si, em aldêas mais ou menos populosas; cultivam a terra, e plantam o milho, feijão, arroz, canna e outros generos do Paiz.

As suas colheitas são abundantes, e não só chegam para o seu consumo, como dão-lhes, um excedente com que, por venda e permutas, supprem aos habitantes da Villa.

Occupam-se tambem da criação do gado vaccum e Cavallar: ajustam-se para todos os serviços e principalmente para e navegação fluvial. As mulheres fiam e tecem o algodão e a lã do que fazem bôas redes, cintos e suspensorios Entendem e fallam o nosso idioma e estão por todas estas e outras razões muito no caso de curar-se da sua educação intellectual e religiosa. Já duas tentativas se fizeram para reunil-os numa só aldêa regular de conta desta Directoria geral sob a direcção de Frei Antonio de Molinetto; mas a falta de vocação desse Missionario para catechisar, mallogrou-as.

Em Janeiro do corrente anno foi nomeado o Cap.m Caetano da Silva Albuquerque Director das Aldêas destes Indios, para o fim de preparal-os d'ante-mão, para em tempo opportuno se reunirem sem difficuldade numa só aldêa, e receberem de bom grado a catechese.

Si o Governo Imperial, attendendo ao grande numero de individuos desta duas Tribus e a conveniencia do seu aproveitamento em pról do augmento da população desta vasta Provincia, fôr servido de quotisar para a obra de seu aldeamento a quantia de 3:000$000, e provel-o dum Missionario, fal-os-hei logo, logo reunir.

ALDÊA S.ta IGNEZ

Foi fundada no anno de 1852 gor Antonio Gomes da Silva, ao lado direito do rio Guaporé, abaixo, porém não mui distante, da Cidade de Matto-Grosso, e nas immediações do Sitio Cubatão, para os Indios Guarayos habitantes do Páo Cerne.

Trinta e uma Tribus de 40 familias cada uma formão esta Nação. Para as primeiras despesas d' Aldêa e para comedoria e transportes das familias do Páo Cerne para ella, que tiverem lugar com tanto afan no decurso dos annos de 1853 e 1854, despendendeu-se a quantia de 965$340.

Estes Indios são de bôa indole, dados ao trabalho, e algum anto sedentarios; pelo que, julga-se que são uriundos d' uma Aldêa da Provincia Boliviana de Mojos.

No fim daquelle mesmo anno de 1854 pedio Antonio Gomes da Silva, não sei porque fatalidade, a sua exoneração do cargo de Director; e sendo-lhe esta concedida, retirou-se da Directoria e com lle a complacencia dos Indios e o progresso do aldeamento.

Ao Commandante geral de Matto-Grosso accumulou-se desde então até agora a Directoria destes Indios.

Esta grande nação, cujo numero de familias sobe a 1.240, convém aldear-se regularmente e gastar-se com ella dinheiro e tempo para afinal colher-se a vantagem prevista no Regulamento de 24 de Julho de 1845, e para isso ouso solicitar tanto quanto solicitei no logar competente, para o aldeamento dos Terenas e Laianas da Villa de Miranda.

ALDÊA DA VILLA DO DIAMANTINO

Esta Aldêa é fundação de recente data dos Indios Parecis nas margens e cabeceiras do pequeno rio Diamantino, no Districto da Villa deste nome.

Francisco Pereira de Carvalho é provisoriamente o Director.

A nação Parecis foi outr'ora grande, celebre e guerreira; mas, hoje, pelos estragos das guerras que lhe fizeram os Paulistas para tomarem captivos, nem tem celebridade alguma, e nem o numero de seus individuos excede a 200. Ha dous annos a esta parte nem uma despeza fez a Directoria geral com estes Indios. Alem das 4 Aldêas acima relatadas, muitas outras ha na Provincia, de algumas das quaes, pelo facto de se relacionarem comnosco muitos dos seus membros, e de receberem nossos brindes, passo a fallar:

BORORÓS DA CAMP.ª E DO CABAÇAL

Dos primeiros Indios (Bororós da Campanha) cujo numero é orçado em 180, vive uma parte nas campanhas do Marco, e outra além da Corixa, aliada para ali pelo finado Sebastião Ramos, caudilho de rebeldes bolivianos; e dos segundos (Bororós do Cabaçal), menos de metade do seu todo, que era orçado em 110, vive hoje no Caheté sob a guarda e vigilancia de um cabo e dous soldados de Linha. Ainda ha poucos annos viviam estes Indios errantes e indomitos, e neste estado infestavam a estrada que vai desta Cidade para a de Matto-Grosso: matavam e roubavam moradores e viandantes, o que muitas vezes obrigou ao Governo Provincial a expedir bandeiras, que fazião grande estrago, sendo a ultima expedida no anno de 1837 pelo Exm.º Conselheiro Pimenta Bueno.

No anno, porém, de 1842, o padre José da Silva Fraga, Vigario de Matto-Grosso, conseguiu, por meios de persuasão e brandura e por brindes, attrahir estes Indios á uma fazenda, que possuia no Jaurú; e em Abril do anno seguinte mudaram-se todos para ahi sem ficar um só no matto.

O Corpo Legislativo Provincial para auxiliar aquelle Padre na obra da catechese destes selvagens, autorisou por vezes á Presidencia para despender com elles; e por vezes recebeu o Padre dinheiro para dar-lhes roupas e ferramentas.

Com a morte do Padre Fraga, succedida em 1848, perderam os Indios o seu protector: e posto que este os applicasse durante 4 annos á lavoura, comtudo não adquiriram o habito de trabalhar, e nem se mostram a isso propensos.

APIACÁS

Habitão estes Indios as margens do rio Juruena e frequentam tambem as do Arinos: seu numero presume-se subir a 2.700. Cultivão a terra, e lavrão-na com os mesmos instrumentos de que usamos, e sustentão-se do producto da sua lavoura.

São de indole branda, mas se diz que ainda não abandonaram de todo os seus primitivos costumes antropophagos.

Nunca nos hostilisaram e pelo contrario manisfestaram sempre muito desejo de estreitarem as suas relações comnosco, procurando as nossas povoações e nossos viajantes.

Prestão-se de muito bom grado aos nossos serviços para trabalhos de lavoura e para a navegação fluviál. Os negociantes da carreira do Pará achão soccórros nas Aldeas, pois estes Indios produzem muito além do que precisão para seu consumo, e têm para vender farinha de mandioca, piché de milho torrado, caràs, batatas, aipins, feijão, aboboras, aves e mel. Negoceião tambem com os fructos expontaneos da terra, e com os productos de sua industria, como sejão rêde de tralha de fios de algodão e de tucum, e enfeites de pennas.

Em Julho deste anno vierão a esta Capital 9 Indios desta nação, e a Directoria geral fez-lhes brindes de ferramentas de lavoura, d'armas de fogo, polvora, chumbo, fazenda para vestuario, baeta para cobertas, e municiamento de bocca para estada e regresso.

A reunião destes Indios n'um aldeamento regular, no salto Augusto, é de summo interesse ao commercio desta Provincia, e da do Pará; porque ali achariam os negociantes uma grande povoação para tomarem della quanto precisarem, isto é, gente e generos para continuarem commodamente as suas viagens sem o sacrificio porque passão presentemente.

Para o aldeamento de que fallo, proponho e supplico á Munificencia do Governo Imperial:

1.º Que abra um credito de Rs. 3:000$000 por anno;

2.º Que mande um Missionario Apostolico.

Quanto se attende para o grande numero de membros desta nação, para os excessivos preços de todos os generos nos nossos mercados, quer do estrangeiro e quer de producção do Paiz, e para os altissimos preços dos jornaes dos artesanos, vê-se que aquelle credito que peço não é muito.

BACAHIRIS

A nação Bacahiris é pequna e suppõe-se contar d'uns 200 individuos repartidos em diversos grupos.

Habitam as cabeceiras do rio Paranatinga e a parte superior do Arinos. São de condições eminentemente pacifica, e até timidos, porque a fuga é o unico meio a que recorrem para subtrahir-se nos ataques dos seus inimigos Tapanhunas, Nambiquaras e Cajabis. Sustentão-se da pesca e da caça, bem como dos productos da sua lavoura. Plantam o milho, a mandioca, feijão, batatas, carás, etc. Os instrumentos aratorios de que se servem são de pedras e páos cérnes. Muito poucos delles entendem o nosso idioma e entretanto procuram ás vezes os nossos moradores de serra acima, e chegão mesmo a esta capital attrahidos pelo interesse dos brindes.

Quatro delles vieram este anno á esta mesma capital, e eu brindei a todos com identicos objectos que dei aos Apiacás.

COROADOS

Estes Indios habitão as cabeceiras de diversos galhos do rio S. Lourenço.

Poucas e pouco exactas são até hoje as noticias que temos do seu numero, da sua indole e dos seus uzos, pois não se relacionão comnosco, fogem de nós, e quando procuram os nossos moradores e viandantes, é só para hostilisal-os, como ha 4 annos a esta parte têm feito.

Com taes disposições e dominando por sua situação as nossas estradas, que vão desta capital para Goyaz e S. Paulo, tornariam os Coroados as mesmas estradas intransitaveis se não fosse o sentimento de cobardia commum á quasi todas as Nações indigenas. Por vezes tem a Administração da Provincia se visto na dura necessidade de expedir contra elles Bandeiras, e ainda o anno passado o fez para castigar o arrojo que tiveram de vir atacar os nossos moradores dos sitios visinhos desta mesma capital.

Para evitar mais e maiores estragos que possão haver da parte dos nossos e dos Indios, por isso que estes quando mais são castigados mais procuram hostilisar-nos, consignou o Corpo Legislativo Provincial na Lei do orçamento vigente, e na que ha de vigorar no financeiro de 1859, a quantia de Rs. 2:000$000, para a catechese destes selvagens.

Para aproveitar-se aquelle subsidio e tirar-se a estes Indios da vida errante e barbara, para a sedentaria e moralisada, convêm aldeal-os em S. Lourenço, no ponto que mais conveniente fôr; mas para levar-se com vantagem esta importante obra a effeito, ouso pedir ao Governo Imperial (como por este peço) a sua protecção, dignando-se de mandar tambem para ella um Missionario Apostolico na mesma occasião que mandar os que já pedi para a catechese dos outros Indios.

MEIOS PECUNIARIOS

A quota dada para a catechese em geral, no financeiro que corre, é de Rs. 2:000$000; desta já se despendeu, á bom economisar, a quantia de Rs. 1:023$500, e resta a de Rs. 976$500, que trato de economisal-a tanto quanto fôr possivel para que não haja falta de dinheiro para serviços de urgencia, que possão apparecer até ao fim do respectivo financeiro.

Si as nossas circumstancias financeiras não permittirem que o Governo Imperial attenda aos pedidos, que deixo feito, de fundos especiaes para as Aldêas do Bom Conselho, de Miranda, de Santa Ignez, do Salto Augusto e de S. Lourenço: requeiro que esta quota unica seja elevada a 5 ou 6:000$000, e caso permittão que attenda que seja reduzida a 1:000$000, e applicada a brindes para os Indios não aldeados que nos visitam.

Deus Guarde a V.Exª. Directoria Geral dos Indios em Cuyabá, 31 de Dezembro de 1858. Ill.m e Ex.mo Senr. General Joaquim Raymundo de Lamare, Dignissimo Presidente da Provincia.

João Baptista de Oliveira, Director Geral dos Indios.

INFORMAÇÃO

prestada pelo presidente da Provincia de Matto-Grosso, Augusto Leverger, ao Ministro da Marinha, em 1851, sobre as mattas de madeira de construcção naval.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Tenho presente o Aviso circular da Secretaria d'Estado á cargo de V.Ex.a, enviado a meu antecessor sob N.º 17 e data de 30 de Setembro ultimo, determinando que se transmitta á dita Secretaria d'Estado circumstanciadas informações acerca das matas que contêm madeiras de lei á margem do rios, extensão dellas, e da difficuldade ou facilidade dos cortes; declarando ao mesmo tempo se as referidas matas pertencem á Nação, ou a particulares, bem como os meios mais adoptados para a sua conservação e coutamento.

Comquanto grande parte do sólo desta Provincia (embora se denomina—Mato-Grosso—) conste de campos e pantanaes, todavia as matas que cobrem em diversas partes as fraldas das serras ou terrenos elevados, e as margens de alguns dos seus rios, são bastantes numerosas e extensas, para que se torne difficil senão impossivel descrevel-os, ou ainda dar huma idéa geral de muitos que existem em sertões poucos frequentados ou totalmente desconhecidos: porém como se deprehende do citado Aviso que as informações exigidas dizem respeito á obtenção de madeiras de lei para construcções navaes, tornão-se assim mais circumscriptas e de menos difficuldade as ditas informações.

Construcções navaes são ou poderão vir a ser necessarias nesta Provincia para a navegação do Paraguay e do Guaporé, rios estes que em parte do seu curso formão a linha divisoria do Imperio com as visinhas Republicas.

Fôra de bastante utilidade que sobre o dito Guaporé existisse huma pequena força naval, que coadjuvasse a defesa dessa parte da fronteira, e sem duvida que ella estaria em pé se a séde do Governo da Provincia persistisse em Matto-Grosso, e se seguissem os planos dos antigos Capitães-Generaes, que tinhão muito em vista povoar de estabelecimentos agricolas e militares as margens não só do Guaporé, como do Mamoré e do Madeira com o fim de attrahir população, e tornar faceis e frequentes as relações com a Provincia do Pará. Porém no estado actual de decadencia do Districto de Matto-Grosso, não tendo nós sobre o Guaporé outro ponto militar mais que o arruinado, mal armado e mal guarnecido Forte do Principe viria a ser ou inutil ou insufficiente huma flotilha, que não se poderia conservar sem gravissimo dispendio, mórmente por causa da falta de gente, da insalubridade do clima, e da grande distancia da actual Capital

da Provincia. Não me parece, pois, que tão cedo seja preciso construir embarcações sobre o Guaporé, se não as que se tem de empregar na quasi abandonada navegação do commercio entre Matto-Grosso e Pará. Por esta razão julguei não dever demorar este officio até receber as informações que exigi das autoridades daquelle Districto.

Passo portanto a tratar do Paraguay, sobre cujas aguas ou dos seus affluentes existe huma força naval muito diminuta, mas que póde tomar incremento. Nas matas que em parte formão as margens do dito rio, desde que principia a ser navegavel, ha poucas madeiras de lei, e estas dispersas cá e lá, e no mesmo caso estão os ribeirões e riachos que entrão na sua margem esquerda. Porém do lado opposto ha em primeiro lugar o rio de Sant'Anna que desde sua juncção com o pequeno rio de S. Francisco até a barra, leva por espaço de 8 leguas matas abundantes de madeira de lei; estas achão-se tambem nas margens do rio Vermelho, outro tributario do Paraguay pelo lado direito. Pouco podem por óra aproveitar estas matas por causa da grande distancia em que estão de Villa Maria, primeira povoação hum tanto importante que se acha descendo o rio desde a Villa do Diamantino. Na proximidade porem da dita povoação estão as barras do Sepotuba e do Cabaçal, que igualmente affluem pelo lado direito, e correm ambos por matas ricas de madeira de construcção, e que se extendem até prenderem-se á grande floresta, donde esta Provincia tirou o seu nome. O ultimo rio que desagua no Paraguay pela margem direita, hé o Jaurú, que na sua parte inferior corre por terrenos alagadiços, pouco povoados de madeiras aproveitaveis, mas não assim remontando para as suas cabeceiras. Todos os mencionados matos existem em terrenos devolutos.

Da fóz do Jaurú para baixo corre o Paraguay por pantanaes e poucas são as madeiras de lei que vertem as suas margens. O primeiro rio que lhe entra na margem esquerda hé o S. Lourenço, tambem destituido de matas de alguma importancia na sua parte inferior, bem como o Cuyabá, seu principal tributario. Nos terrenos firmes e inacessiveis á inundação, regados pelo dito rio Cuyabá ha muitas matas de que se pode tirar partido, ou antes havia-as; porquanto sendo esta a parte da Provincia, onde mais agglomerada está a população, as necessidades da lavoura e das construcções têm feito com que, em muitos lugares, os matos se achem mais ou menos afastados da beira do rio, e haja nelles grandes clareiras. Estes terrenos são pela maior parte sesmarias; creio, porem que nem todos têm titulos confirmados, e que humas tantas não forão devidamente medidas. O curso superior dos outros galhos do S. Lourenço faz-se tambem por matas mais ou menos abundantes de madeiras uteis, porem pouco frequentado, por ser esta região habitada pelos indomados indios—Coroados.

Ainda não recebi as informações que exigi a respeito das matas do Taquari e Mondego; as circumstancias topographicas destes rios são aliás semelhantes ás do S. Lourenço.

Finalmente nas terras de Albuquerque, na margem direita do Paraguay, ha em varias partes capões e matas de alguma extensão, que podem ser aproveitados.

As difficuldades do córte, ou antes as causas porque tornão-se

custosa a obtensão das madeiras são que muitas vezes as arvores de huma mesma especie não se achão grupadas, mas sim dispersas e mais ou menos distantes, humas das outras, que nos lugares ermos faltão meios e atè vias de transporte, sendo preciso abrir picadas, no que se gasta muito tempo e serviço; que nos povoados, os matos distão ás vezes leguas da beira dos rios, e supposto se achem bois e carros, a conducção não hé comtudo de pequeno dispendio; e emfim que em varias partes a navegação dos rios hé difficultada por caxoeiras e baixios.

Quanto aos meios mais adoptados para o coutamento e conservação das matas, confessarei a V.Ex.ª que estou pouco habilitado para indical-os, pela ignorancia em que estou da legislação em que se basêa o nosso regimen florestal; entretanto direi que ao meu vêr só depois da execução da nova lei sobre as terras, hé que se poderão tomar medidas efficazes sem prejuiso do Estado, e sem inutil gravame dos particulares. Por óra julgo bastante que o Governo da Provincia extenda a outras matas em terrenos devolutos as medidas que tem tomado a respeito das do Cabaçal e Sepotuba, isto hé, de não permittir que alguem vá nellas tirar madeiras sem licença da Presidencia, e havendo-se esta na concessão de taes licenças, com justiça e equidade, attendendo as reaes necessidades do serviço publico e das povoações e estabelecimentos, e não consentir jámais que nas matas reservadas se fação roças, e tomando-se, alem desta, todas as possiveis precauções para que as mesmas matas não sejão devastadas pelo fogo.

Deus Guarde a V.Ex.ª.

Palacio do Governo de Matto-Grosso em Cuyabá, 1.º de Abril de 1851. Ill.mo e Ex.mo Snr. Cons.ro Manoel Vieira Tosta, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios de Marinha.

Augusto Leverger.

Termo da fundação do Forte de Coimbra

Año do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1775—aos 13 dias do mez de Setembro nesta cituação athé agora chamada Feixo dos morros, aonde prezentemente me acho, eu o capitão Mathias Ribeiro da Costa, comandante d'hum corpo de soldados Dragoens, d'outro d'Auxiliares encarregado ao Ayudante Francisco Rodrigues Tavares e d'outro de ordenanças encarregado ao capitão Miguel José Rodrigues, e sendo ahi em cumprimento das ordens do Ill.mo e Ex.mo Sr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres Governador e Capitão-General desta Capitania do Mato Grosso debaixo das quaes fuy expedido da villa do Cuiabá com os sobre ditos corpos a indagar paragem propria que debaixo das armas de Sua Magestade F. podesse sigurar a nossa antiga navegação do Rio Paraguay para que em nenhum tempo passem vassalos de outro qualquer Monarca a ocupar e invadir estes Dominios Meridionaes do dito Senhor, nem proceguir por este rio nem pelos mais que nelle desembocam subindo-lhe suas fontes, ou isto seja com tropas civilisadas ou seja com gentes gentilicas habitadores destes districtos que por serem auxiliados com armas ofensivas, e outros socorros pelos vaçalos de Sua Magestade Catholica costumão por esta mesma navegação fazer repetidos roubos, e mortes não só nas viagens (*) dos comerciantes, mas, ainda nas povoações sugeitas a S. M. F. queDeus guarde, e não achando eu paragem mais acomodada para estabelecerme intrincheyrado segundo as ordens do dito senhor General enthé a sua decizão ultima senão ade hum morro que firma sobre as margens do dito Paraguay daparte dopoente em hua ponta dele com o parecer dos sobreditos officiaes que presentes estavão fiz assento d'uma fortificação na forma dita com figura quadrada, sendo lançada por mim a primeira Pedra em nome d'El-Rey Nosso Senhor presentes as sobreditas tropas formadas em batalha com bandeiras Riays arvoradas solenisan lo-se este auto de revalidação de posse, ou de nova posse sendo necessario, que por ordem do Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador e Capitão General desta sobredita Capitania tomey com efeito ou revalidey, sendo necessario como dito fica em nome d'El-Rey Nosso Senhor a quem direitamente pertencem esta fortificação e Dominios isto com descargas d'Artilharia emosquetaria entre os mais aplauzos e vivas que em semelhantes actos se praticam, do que para constar a todo tempo mandey lavrar este termo por José da Fonseca Fontoura e Oliveira e assiney como comandante, juntamente com os mais officiaes abaixo asinados. E eu José da Fonseca Fontoura e Oliveira que sirvo de Furriel de Dragoens por ordem do dito comandante, o escrevi e asiney.—José da Fonseca Fontoura e Oliveira.—O comandante deste novo Prezidio *Mathias Ribeiro da Costa*.—O Capitão *Miguel José Rodrigues*.—O Ajudante *Francisco Rodrigues Tavares*.— O Alferes *Gaspar Luiz de Amorim*.—O Alferes *Francisco Lopes Barreyro*.

(*) ***Nos Annaes do Senado da Camara, à pag.49, lê-se — passagem.***

E. de M.

CONDIÇÕES ADMINISTRATIVAS DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO APRESENTADAS EM RELATORIO DE 13 DE JANEIRO DE 1852 AO MINISTRO E SECRETARIO DE ESTADO DOS NEGOCIOS DO IMPERIO, PELO PRESIDENTE, AUGUSTO LEVERGER.

Illmo e Exmo Snr.—Acontecendo quasi sempre que os Avisos circulares das Secretarias d'Estado exigindo informações para os Relatorios dos Srs. Ministros, chegam muito tarde a esta presidencia para se poderem cumprir em tempo opportuno; julgo dever antecipar-me fazendo presente a VEx.ª o que me occorre acerca dos diversos ramos da Repartição a cargo de V.Ex.ª, nesta Provincia. Tratando-se desses objectos seguirei a ordem que me indicar o ultimo Relatorio apresentado por V.Ex.ª á Assembléa Geral Legislativa.

LIMITES PROVINCIAES.—Não ha determinação precisa e legal dos limites desta Provincia com as do Pará e de Goyaz, nem mesmo com a de S. Paulo, supposto que geralmente se considere como tal a divisa natural do Rio Paraná. O que diz respeito a Goyaz fez o assumpto de meu officio N. 21 de 5 de Abril do anno proximo findo.

Quanto ao Pará, não ha por ora maior urgencia, pois que a linha divisoria tem de correr por terrenos pouco conhecidos e habitados tão sómente por Indigenas Selvagens.

PALACIO PROVINCIAL.—Em officio N. 40 de 20 de Junho ultimo expuz a VEx.ª que o Palacio da Provincia carecia de reparos, mobilia e adornos, para o que me parecia conveniente uma consignação de dous a tres contos de reis.

Não tenho acanhamento em reiterar este pedido, pois que, não fazendo a minha residencia habitual no mesmo Palacio não receio que considerações de pessoal commodo me illudão a respeito da conveniencia da mencionada despeza. Entretanto, os reparos mais urgentes hão de fazer-se á custa da modica quantia de tres contos de reis consignada pelo Ministro da Fazenda para reparos da casa da Thezouraria.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.—Em cada uma das Freguezias da Provincia ha uma aula de primeiras lettras, creada por Lei Provincial: na Capital ha mais uma para meninas. O ensino em geral hé precizo pela falta que se sente de quem tenha taes ou quaes habilitações para o magisterio, e queira exercel-o. O numero total dos discipulos de ambos os sexos he de 400. Ha mais algumas escolas particulares.

Ha huma soffrivel aula de Latim na capital, e outra que pouco ou nada aproveita na Villa de Poconé, esta creada por Lei Provincial, hum Lyceu de ensino secundario, que não vejo possibilidade de organisar-se. Foram tambem decretadas pela Assembléa Provincial huma cadeira de Philosofia racional e moral e outra de Theologia, para esta não appareceo até agora pretendente; aquella foi regida por hum pouco tempo por hum moço que por insinuação indirecta minha pedio a demissão, que aliás ter-lhe [illegible]do por estar

convencido de que faltava-lhe vontade e aptidão para bem desempenhar as suas obrigações.

Aos meninos do Arsenal de Guerra tem bastantemente aproveitado o ensino de desenho por um pintor do mesmo Arsenal, que está em vesperas de partir para a Côrte por ter-se concluido o prazo do seo engajamento.

Não existe estabelecimento algum litterario ou scientifico, e não ha elementos nem disposições para creações de tal natureza.

AGRICULTURA.—Nenhum melhoramento notavel se ha introduzido neste ramo. Os meios empregados para cultivar a terra são os mesmos que pelo tempo passado, e não ha empenho em obter productos novos; embora um ou outro individuo faça germinar, como objecto de curiosidade, sementes novas enviadas da Côrte pelo Governo, ou por particulares. As arvores que fornecem madeiras de construcção e de marcenaria vão-se derrubando sem que se cuide na sua reproducção. O elevado preço que conservão os generos indispensaveis para a subsistencia como o milho, a mandioca, o arroz e o feijão denuncia que a lavoura mal chega para as necessidades do Paiz. Tem relativamente maior desenvolvimento a cultura da canna e a preparação dos seus productos, si bem que sejam desconhecidas as innovações que em outras partes têm melhorado esta preparação. Ha pouco tempo que apenas dous ou tres engenhos principião a fazer uso de moendas de ferro, e nenhum processo novo ha introduzido no fabrico de assucar e na distillação da aguardente. Consome-se nesta cidade bastante chá e café; entretanto que aquelle he todo importado de fóra da Provincia, e o preço deste oscilla entre 10$ e 20$000 a arroba, preço exorbitante, attendendo-se á facilidade e pouco dispendio com que se póde cultivar.

A cultura do algodão poderia ser proveitosa se houvesse meios baratos de exportar os seus productos; o fumo poderia tambem fazer um vantajoso ramo de commercio com as Provincias Argentinas se estivesse franca a communicação com ellas.

Dos productos expontaneos da terra se aproveita como objecto de especulação e extracção da poaia.

Um medico francez, que ha pouco veio do Paraguay, e me foi recommendado pelo nosso Encarregado de Negocio na Assumpção, tem-se occupado da extracção da quina, que diz ser abundante e de bôa qualidade, e tem feito algumas remessas para o mercado do Rio de Janeiro.

O resultado mostrará se pode isto constituir hum ramo de producção aproveitavel. Cumpre dizer que ha cincoenta annos iguaes ensaios se fizeram, que derão muitas esperanças mas não progredirão.

INDUSTRIA.—Não existe estabelecimento algum iudustrial digno de menção, supposto haja hum ou outro artista mais ou menos habil.

Exceptuando os moveis de madeira, alguns grosseiros vasos de barro, e alguns tecidos de algodão confeccionados pelos processos da arte na sua infancia, tudo quanto he preciso para os usos da vida vem de fóra.

MINERAÇÃ[illegible] Ainda não chegarão os Agentes da Companhia de mineraçã[illegible] dacurso do anno passado formou-se nessa

Côrte, e talvez reanime a quasi extincta industria mineira. Desde bastante tempo he de pouca importancia a quantidade annualmente extrahida de ouro e de diamante, unica mineração a que haja quem se applique. De alguns annos a esta parte prepara-se em alguns pontos da fronteira do Baixo Paraguay sal da terra que tem feito baixar o preço e diminuir a importação deste artigo de primeira necessidade.

POPULAÇÃO.—Não me ha sido possivel colher informações um tanto exactas á cerca da população e do seu movimento. Os mappas que existem feitos a esmo a respeito de muitas localidades não me parecem merecer confiança. He de esperar que alcançarão resultado mais completo e digno de fé os trabalhos de censo mandados organisar pelo Decreto N. 794 de 18 de Junho do anno findo.

CATECHESE.—Em officio N. 20 de 20 de Dezembro de 1848 esta Presidencia remetteo á Secretaria d'Estado a cargo de V.Ex.ª um Relatorio do Director Geral dos Indios contendo informações a respeito das diversas nações de Indigenas que existem nesta Provincia. Conformo-me com essas informações não tendo dados positivos para amplial-as ou modifical-as; e passo a tratar dos Indios que já têm hum principio de civilisação.

A mais importante Aldêa he a dos Kinikináos, tribu da nação Guaná, situada no lugar de Mato Grande tres leguas distante de Albuquerque, no Districto do Baixo Paraguay. Entreguei exclusivamente a sua direcção ao Missionario Capuchinho Frei Mariano de Bagnaia, que com zelo se emprega neste exercicio. Erigio alli huma Capella sob a invocação de N. S. do Bom Conselho, e installou huma escola de ensino primario em que entrarão logo trinta meninos, e para a qual enviei ha pouco hum mestre e os precisos utensis. Mandei tambem remetter para a mesma Aldêa huma tenda completa de ferreiro. Esses Indios empregão-se na lavoura e occasionalmente em tripolar canôas dos particulares que viajão por aquelle Districto. Ao outro Missionario Frei Antonio de Molinetto pretendia incumbir a direcção de huma Aldêa de Terenas, outra tribu da nação Guaná, nas immediações de Miranda. Porém tendo elle vindo a esta Cidade ha poucos mezes, succedeo vir tambem o principal Cacique e mais alguns individuos dos Cadiuéos tribu dos Guaycurús, que mostrarão-se dispostos a receber a catechese do dito Missionario.

Sem embargo de não ter confiança nesses Indios pelo conhecimento que tenho da sua má fé e caracteristica inconstancia, julguei não dever desprezar a bôa disposição que mostrarão e nos seria de grande proveito se persistissem nella, pois, livrar-nos-hia do compromettimento em que nos envolvem os mesmos Indios com as correrias que fazem na vizinha Republica. O Missionario e o Cacique regressarão ao mesmo tempo para o Baixo Paraguay, e determinei ao Commandante Geral da Fronteira que désse as providencias ao seu alcance para facilitar a installação do mesmo Missionario entre os Cadiuéos. Receiando, porém que todas as deligencias fossem baldadas, recommendei ao mesmo commandante que em tal caso procurasse reunir na vizinhança de Coimbra ou Albuquerque alguns Chamacocos, e os entregasse á direcção do dito Frei Antonio, na esperança

de que outros individuos da mesma nação venhão dar incremento a este novo estabelecimento; e finalmente, não se podendo levar isto a effeito determinei que se cuidasse do aldeamento dos Terenas em Miranda. Esses dois Missionarios carecem por ventura do fervoroso zelo que os perigos e as fadigas não fazem esfriar; mas são morigerados e podem prestar uteis serviços. Havia entre elles e o finado Director Geral alguma desintelligencia que dêo provavelmente lugar á representação a que V.Ex.ª allude no seu Aviso de 26 de Setembro ultimo, a que dou neste officio a devida resposta.

Ha em Albuquerque huma Aldêa de Indios Guaycurús e outra de Guanás, que vivem entregues á direcção do unico Director que existe nesta Provincia e foi nomeado por meu antecessor. Existem em Miranda algumas Aldêas de Guaycurús e Guanás semi-domesticados, entregues a si sob a vigilancia das autoridades militares e policiaes.

O mesmo se dá com Indios Cayapós na vizinhança da Freguezia de S.ta Anna do Paranahyba e no destacamento do Piquiri. Os Guatós, que vagueiam pescando e caçando pelos rios S. Lourenço e Paraguay e bahias adjacentes, têm comnosco frequentes e familiares relações mas não têm disposição alguma a aldearem-se.

Os Borórós Cabaçaes que infestavão outr'ora a estrada de Mato Grosso e submetterão-se ha dez annos, habitavão o Registro do Jaurú, onde os dizimavão doenças endemicas. Mandei-os remover para lugar sadio como dezejavão.

Os Borórós da Companha vivem aldeados e sobre si na proximidade da Fronteira Boliviana.

Relacionão-se frequentes vezes amigavelmente comnosco.

Os Guarayos que em grande numero habitão a margem direita do Guaporé mostravão-se segundo se diz, dispostos a domesticarem-se, e teve principio de execução em 1848 o projecto de aldeal-os no Páo Cerne; porém o meu antecessor Dr. Oliveira, entendendo que um novo estabelecimento nessas paragens, cujo dominio nos he contestado, podia ser sinistramente interpretado pelos Bolivianos, e tornar-se mais hum motivo de desavenças, julgou pouco prudente proseguir na execução do mencionado projecto e eu penso da mesma maneira.

Quanto aos Indios que por suas hostilidades nos inquietão, o que tenho a dizer seria a repetição do que expuz ao Sr. Ministro da Justiça em dous officios, cujas copias levo inclusas ao conhecimento de V. Exª.

Cabe aqui repetir o que já tive a honra de dizer a V. Ex.ª, que, na minha humilde opinião, não se pode nesta Provincia executar o Regulamento do Decreto N.º 426 de 24 de Julho de 1845, pela impossibilidade de encontrar-se quem desempenhe as obrigações que o dito Regulamento prescreve aos Directores e empregados subalternos das Aldêas.

Não obstante haver manifestado officialmente esta mesma opinião meu immediato Antecessor nomeou dous Directores, hum dos quaes não acceitou a nomeação, eu abstive-me de fazer outras, e as não pretendo fazer, salvo se alguma circumstancia excepcional a isto me induzir, o que me parece pouco impossivel.

COLONISAÇÃO —A não haver occurrencias extraordinarias, como v. g. a descoberta de novas e ricas minas, não he de esperar que emigrantes extrangeiros venhão augmentar de um modo sensivel a população desta provincia, em quanto nas outras, e mórmente nas do littoral do Imperio houver terrenos que possão aproveitar taes emigrantes.

Porém, não he raro que moradores de S. Paulo e de Minas vendão os estabelecimentos ruraes que possuem, e entranhando-se pelo sertão procurem lugares azados para formarem outros. He assim que se tem povoado a Freguezia de S.ta Anna do Paranahyba, e vão-se povoando os campos da Vaccaria e as margens do rio Ivinheima e seus affluentes no Districto de Miranda.

Existirão outr'ora na margem direita do Rio da Madeira nos lugares do *Ribeirão* e do Salto povoações a que não faltavão elementos de prosperidade que lhes offerecião terrenos ferteis, abundancia de caça e de pesca, e a colheita dos productos vegetaes espontaneos que constituem parte da riqueza do Pará. Esperavão os fundadores que a bôa disposição dos Indios Caripunas e dos Pamos que habitão na vizinhança dos referidos lugares faria com que se aldeassem, e incitaria outras nações a seguirem o seu exemplo; do que tudo devia resultar grande vantagem para a navegação do Pará para Matto-Grosso, que acharia nesses pontos soccorros de mantimentos e mesmo de gente.

Hoje, nem vestigios restão de taes estabelecimentos. Mais recentemente, no lugar do Salto Augusto sobre a margem do rio Juruena deu-se principio de uma povoação para cujo crescimento contou-se e devia-se contar com a numerosa e semi-civilisada nação dos Apiacaz. Esta povoação promettia aos seus habitantes as mesmas vantagens que as já mencionadas, e se progredisse fôra de muitissima importancia para a navegação da Villa do Diamantino, desta Provincia para o Pará.

Foi, porém logo abandonada. Creio que seria de muito proveito fundarem-se nos citados lugares Presidios militares que com bastante gente e bem providos de todo o necessario pudessem prometter duração.

Porém, para isso esta Provincia não só carecia de meios pecuniarios, como de gente e particularmente de homens idoneos, creadores e animosos, que não duvidem sugeitar-se a privações e fadigas para depois de alguns annos colherem vantagem para si ou para os seus.

E sem esta condição receio que sejam baldadas as tentativas que se fizerem. Considerando que ferramentas de lavoura, armas e munições e outros objectos de grande peso têm de constituir em grande parte a despeza, persuado-me que se o Governo Imperial resolvesse fazer expedições que partissem da Provincia do Pará, onde com muito maior economia podem-se obter esses objectos; alli tambem havião de, com mais facilidade, encontrar-se os precisos carpinteiros, ferreiros e pedreiros.

Poderá tambem haver a conveniencia em fundarem-se colonias militares em alguns pontos da Fronteira; mas julgo que seria inprudencia em quanto a questão de limites com Estados vizinhos não tiver difinitiva solução.

SAUDE PUBLICA.—A epidemia do Sarampo no fim de hum periodo de trinta annos, reappareceo no decurso do anno findo e extendeo-se sobre toda a Provincia; foi, porém de caracter benigno, e muito poucos forão os doentes que succumbirão.

As febres endemicas que affligem os Districtos do Diamantino e Matto Grosso não apresentarão notavel recrudescencia. Entretanto, vão-se despovoando aquelles lugares, e não vejo que remedio se possa applicar para obstar á sua decadencia.

A vaccina foi ha cousa de hum anno applicada com proveito, tendo produzido effeito o pús vaccinico enviado em tubos capillares. O impulso que se deo á vaccinação foi amortecido pela invasão do Sarampo, e depois de passado este tem revigorado, sendo inefficazes as recommendações do Governo para vencer o descuido da população em premunir-se contra huma calamidade aliás até agora desconhecida nesta Provincia.

ESTABELECIMENTO DE CARIDADE.—O unico que existe he a Santa Caza de Mizericordia desta Capital, cujo patrimonio consiste em titulos da Divida Publica e em dois predios urbanos; sendo a renda total de Rs. 4:509$120 annualmente. No seu hospital existem presentemente 9 homens e 5 mulheres, e no Lazareto 12 homens e 8 mulheres.

NAVEGAÇÃO INTERNA.—A navegação para a Provincia de S. Paulo pela via de Camapuã não he mais frequentada. Tem-se-lhe substituido o transito pelos rios de Miranda e Ivinheima e seus affluentes e o varadouro entre o Anhuac e Brilhante.

He muito de recear que o fallecimento do Major João José Gomes, encarregado da inspecção das obras que o Governo Imperial tem mandado fazer no dito varadouro, faça parar o andamento das mesmas obras. Em officio N.° 68 de 9 de Outubro ultimo participei as providencias que dei logo que tive noticia desse triste acontecimento e ainda não fui informado do resultado dellas.

Entretanto, dos seis contos de reis, destinados para as mencionadas obras, quatro ainda existem nos Cofres da Thezouraria, e se não despenderão sem que haja probabilidade de serem proficuamente empregados.

A principal utilidade desta via de communicação he ao meu vêr, de attrahir moradores nos terrenos, até ha pouco desertos, que formão a bacia do rio Ivinheima. Servirá tambem para abastecer o Districto do Baixo Paraguay, de ferramentas e outros artigos que geralmente, se bem que com pouca propriedade, se comprehendem sob a denominação de molhados; e outrosim, para prover os estabelecimentos militares do mesmo Districto de armas, projectis e munições que provavelmente serião conduzidos por esta via, com menos dispendio do que pelo caminho terrestre da Côrte para esta Cidade. A quasi completa cessação da navegação de Matto-Grosso para o Pará he consequencia natural da decadencia d'aquelle Districto. Continúa a navegação entre a Villa do Diamantino e a Cidade de Santarém pelos rios Arinos, Juruêna e Tapajóz, porém em mui pequena escala, o que em parte attribuo a ter cessado a necessidade da importação do sal que vinha por esta via.

Em 1848 foi posta a disposição da Camara do Diamantino a quan-

tia de 4.500$000 que o Governo Imperial consignàra para o melhoramento da dita navegação.

Hum conto e quinhentos mil reis gastarão-se com effeito na construcção de um varadouro entre os rios Arinos e Cuyabá, por onde transitarão algumas canôas e as respectivas cargas.

Exigi conta do emprego dos tres contos restantes, e depois de alguma demora e tergiversação, a mencionada Camara declarou-me que o emprezario, a quem ella incumbira de aplainar alguns obstaculos nas cachoeiras, não havia ainda podido occupar-se disto, e enviou-me hum termo pelo qual prorogava por dezoito mezes o prazo concedido ao dito emprezario para a conclusão das obras projectadas.

Persuadido de que em nada aproveitaria esta prorogação, não quiz approval-a e determinei que os tres contos fossem recolhidos á Thezouraria. Entendo que modicas quantias podem ser empregadas com proveito em melhorar os varadouros e destruir hum ou outro obstaculo isolado; mas o melhoramento do transito das cachoeiras depende de trabalhos hydraulicos que devem ser dirigidos por homens peritos, e exigem numero de braços tanto maior quanto são precisos operarios subsidiarios como carpinteiros, ferreiros, etc., e he necessario tambem prover á subsistencia, segurança e transporte dos trabalhadores n'hum vastissimo sertão.

Tamanha e tão dispendiosa empreza parece-me deve ser reservada para hum futuro ainda muito distante.

Na actualidade, o de que mais carecem os navegantes he de, na larga e deserta carreira que tem de percorrer, encontrar hum ou outro ponto onde possão prover-se de mantimentos, concertar as canôas arruinadas, ou substituil-as por outras, e reparar tembem as perdas que a deserção e as doenças possão ter causado nos tripolantes.

Neste sentido a fundação de hum presidio militar no Salto Augusto, de que acima fiz menção a V. Ex.ª, seria da maior importancia e utilidade.

Quanto á communicação com o Atlantico por via do Rio Paraguay, não tem outros obstaculos alem dos que nascem da questão politica que parece estar em vesperas de decidir-se, que ao sargento commandante do Destacamento do Piquiri que serve de Agente entre esta cidade e Sant'Anna, se abonasse huma modica graficação.

Quanto ás outras Agencias, são de importancia muito secundaria, e se interromper o serviço por falta de Agentes fal-o-hia continuar por paradas expedidas aos commandantes militares ou ás Auctoridades municipaes ou policiaes dos respectivos lugares, no que ha em verdade alguns inconvenientes, mas não de maior monta.

Já pedi ao Presidente da Provincia de S. Paulo que se interessasse para o serviço do correio entre a Villa da Constituição e a Freguezia de Sant'Anna se fizesse com a possivel promptidão e regularidade.

OBRAS PUBLICAS.—Pouco tenho que accrescentar ao que disse a V. Ex.ª em officio N.º 23 de 13 de Maio do anno findo a respeito das estradas geraes desta Provincia

Tendo de effectuar-se o transporte de quatro peças de artilharia do pezo de mais de cem arrobas cada huma da ponte do Guaporé

para o Registro do Jaurú, foi preciso préviamente preparar essa porção da estrada de Matto Grosso, que tem quasi trinta leguas de extensão, e achava-se intransitavel para vehiculos puxados por bois. Fez-se este serviço com praças dos Districtos Militares de Matto Grosso e Villa Maria sem dispendio algum extraordinario, além da diminuta quantia de duzentos e tantos mil reis, que forão pagos pela Repartição da Guerra.

As peças chegarão ao seu destino, e ficou em muito bom estado a referida porção da estrada. Sente-se, porém a necessidade de igual serviço, se bem que em menor extensão, na mata além da ponte do Guaporé. Na mesma estrada de Matto-Grosso entre Villa Maria e esta Cidade, ha huma mata de mais de meia legua de largura, comprehendida entre dous caudalosos ribeirões, a qual se torna hum verdadeiro lago na estação chuvosa e hum immenso atoleiro na da secca; he muito precizo descortinal-a, fazer nella alguns aterrados e pontilhões, e prover a passagem dos mencionados ribeirões; e não motivos nem pretextos para empregar nisto a força militar.

Na estrada daqui para a Côrte fez-se a ponte do Aricá, de que tratei em meu officio N.º 52 de 31 de Julho do anno passado, que mereceo a approvação de V. Ex.ª.

Da consignação de quatro contos que para isso se applicou, sobrarão hum conto duzentos e tantos mil reis, que terei bem considerado se não desperdicem.

Na mesma estrada em distancia de menos de huma legua desta cidade ha muita precisão de huma ponte sobre o Rio Coxipó para a qual já existem alguns materiaes promptos.

Tomo a liberdade de repetir a V. Ex.ª o que disse no citado officio N. 23, que para as mencionadas obras e as mais de que trata o mesmo officio podem ser com muita utilidade despendidos annualmente oito ou dez contos de reis.

Consignações ainda mais modicas não deixarão de ser aproveitaveis, e confio que serão convenientemente aproveitadas.

Ainda ousarei accrescentar que a não serem destinadas as consignações a obras especialmente determinadas pelo Governo Imperial, como v. g. o varadouro entre os rios Anhuac e Brilhante, conviria que viessem designadas sob a rubrica de *Obras publicas*, ou sob a rubrica mais de *Vias de communicação*, afim de ter a Presidencia a faculdade de acudir ás necessidades que lhe parecerem mais urgentes, e podem manifestar-se sem terem sido previstas, com sufficiencia anticipação para serem presentes ao Governo.

Deos Guarde a V. Ex.ª.

Palacio do Governo de Matto-Grosso em Cuyabá, 13 de Janeiro de 1852. Ill.mo e Ex.mo Sr. Senador Visconde de Mont'Alegre, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio.—*Augusto Leverger*.

RELATORIO da viagem exploradora de Matto-Grosso ao Pará pelo rio Xingú, apresentado ao Ministerio da Guerra—em 1885—pelo então Capitão Francisco de Paula Castro

(*Conclusão*)

Desagua nesta bacia o Iriré que, segundo o engenheiro Clauss, tem a fóz na latitude de 3º e 45', achando-se por consequencia em desaccordo com algumas cartas geographicas. No Iriré, vivem os indios Achipayàs e Cuyudyas.

Até Piranhaquara têm subido diversas pessôas que informão ser o Iriré de grandes riquezas naturaes. A sua distancia até Piranhaquara é de 12 a 14 legoas. Do dia 15 em diante começamos a encontrar gente civilisada que nos valeu do sal, que não tinhamos desde 29 de Setembro. Tendo sahido do pouso ás 6 e 40' da manhã desse dia, encontramos á 1 1/2 da tarde 2 brasileiros habitando uma ilha e que se occupavão em extrahir seringa, ambos com familia, chamando-se um, Heliodoro e outro, Sabino.

Ouvimos delles pela primeira vez o nome Xingú, inteiramente extranho aos indios com os quaes tinhamos tido relações. Conversamos algum tempo com elles e seguimos a nossa viagem indo pararmos ás 5 e 3/4 em uma ilha denominada Itapayuna, na qual havia uma casa de negocio e onde residia uma mulher de nome Anselma que nos offereceu agasalho, e sabendo da nossa viagem, obsequiou-nos da melhor maneira que poude. Sahindo ás 6 da manhã do dia 16 paramos ás 6 e 12' da tarde, á margem esquerda, em terrenos do Coronel Raymundo Gaiozo, na extrema sul da grande volta. O guia Manoel nos deixára perto de Itapayuna. A' casa do Coronel Raymundo Gaiozo fomos guiados por um indio chamado Ambrosio, nomeado capitão dos Péuas pela Presidencia do Pará. Os Péuas vivem em commum com muitos Jurunas e têm quasi os mesmos costumes, e entendem-se perfeitamente em seus dialectos, que são differentes. Estão á margem direita. A' esquerda, na mesma altura, vivem os Araras que se dão com os Jurunas e Péuas, mas ás vezes fazem correrias e hostilisão a todos.

O capitão Ambrosio informou-me ter aldeado 30 homens, 25 mulheres e 15 crianças, accrescentando que o seu aldeamento era muito numeros , mas que ficára reduzido por causa das sesões que devastaram a gente. Da ilha Itapayuna até o coronel Gaiozo ha grande numero de trabalhadores de seringa; sendo brasileiros, indios Jurunas e Péuas. A parte do rio denominada grande volta do Xingú, é uma secção toda encachoeirada formando duas grandes curvas com as convexidades para L. A' entrada da grande volta vindo do S. está a grande ilha Irapuyá, ao O. da qual estão as ruinas das missões onde ainda se veem os restos de uma capella.

Ahi estiveram os frades Marcello, Cornello e Ludovico, incumbidos da catechese dos indios e não foram felizes nessa missão. Frei Marcello, foi o primeiro que retirou-se, segundo dizem, por doente. Frei Cornello morreu de febres intermittentes e frei Ludovico foi flechado pelos Jurunas que não podiam supportar, segundo informão, os máos tratos do frade. O coronel Gaiozo tem a sua casa á margem esquerda, ao N. da ilha Arapuyá e entrega-se á lavoura e extracção da seringa. A' extrema S. da volta que, segundo o engenheiro Clauss

está na latitude de 3° e 10', acha-se muito mais ao N. do que indicam as cartas; e dista do Irire de 20 a 25 legoas.

Quando chegamos á casa do coronel Gaiozo não o encontramos; mandando então um portador onde elle se achava, veio no dia seguinte o coronel ter comnosco e prestou-nos alguns auxilios. Preparando-nos para sahirmos no dia 18, resolverão os 3 expediccionarios allemães seguir por uma estrada aberta pelo coronel Gaiozo, que informára ser ella bôa e ter apenas nove legoas. Sahimos no dia 18 ás 7 e 18' da manhã, eu e a força, pelo corrego do Ambé em cujo porto chegamos ás 3 e 50' da tarde.

Deixamos de seguir pela volta por ser muito encachoeirada e já estarmos bastante cançados de trabalhar em cachoeiras. Tem essa volta 50 cachoeiras approximadamente, com saltos e grandes pedras, destacando-se dentre as cachoeiras, a começar do S. as seguintes: Paraty, Itabóca, Juruquá, Caixão, Cajutuba, Itamaracá e Itapayuna, que está na extrema N., limitando parte do rio denominada alto Xingú. Tem a cachoeira Juruquá mais de 40 metros de altura e a sua immediata é a Itapayuna.

No porto do Ambé ha 3 casas cobertas de palha que são destinadas a guardar as mercadorias dos que vivem em negocio no alto Xingú. Todos os indios que habitão as margens do alto Xingú são trataveis e auxilião a navegação, podendo dizer por isso que o rio é habitado por diversas tribus de indios pacificos e amaveis, que facilitão a navegação fluvial.

O corrego do Ambé é difficil de viajar-se; as suas partes mais largas não chegão a 10 metros e os estreitos têm pouco mais de um metro, é todo cheio de voltas, corre de N. a S. com uma grande velocidade e desagua á margem esquerda do alto Xingú pouco ácima da casa do coronel Gaiozo. As arvores, barrancas e pedras de suas margens têm sido destruidas com o fim de facilitar a navegação e diminuir os grandes prejuizos que soffrião os moradores do alto-Xingú que transportavão as cargas pela grande volta. São 6 legoas de distancia da bocca do Ambé ao porto.

Demoramo-nos nesse porto á espera de meios de conducção, que nos forão fornecidos pelo coronel Raymundo Gaiozo no dia 10, em que mandou vir 3 muares e fez conduzir as nossas bagagens, inclusive a dos exploradores allemães, tendo sido isso pago com as ubás que eu comprára dos Jurunas. Não tendo sido possivel fazer-se a conducção de tudo deixei com o mesmo coronel Gaiozo quatro cunhetos de cartuchos a Comblain, havendo elle se compromettido a remettel-os na primeira opportunidade ao commando das armas do Pará.

Seguimos a 21 para o porto do Tocurui, por uma estrada má que liga o Ambé ao Tocurui, tendo esta estrada 4 legoas de extensão.

Ao porto do Tocurui, chegámos ao 1/2 dia tendo sahido do Ambé ás 7 e 30 da manhã.

Ha ahi 10 casas de palha, mas só 3 habitadas, servindo as demais para o tempo das chuvas em que as occupão alguns seringueiros.

Sahimos do porto do Tocurui ás 8 da manhã do dia 23 de Outubro e chegamos á bocca ás 7 e 5 da noite. O rio Tocurui sendo bastante estreito, do porto a 5 legoas mais ou menos para baixo alarga-se depois, tornando-se bem navegavel por pequenas embarcações; tem 3

cachoeiras na parte estreita que têm causado grandes prejuizos aos moradores do alto Xingú; desagua á margem esquerda do baixo Xingú, a 6 legoas abaixo da cachoeira Itapayuna.

A 23 chegamos á ilha do Araudahy ás 9 1/2 da manhã, d'ahi sahimos ás 6 da tarde chegando á villa de Souzel ás 10 e 50' da noite, tendo percorrido nós uma distancia de 4 a 6 legoas.

A nossa viagem de exploração pode ser considerada terminada nesta villa. Ahi tive de ficar com a força alguns dias por falta de conducção. Antes de expôr a nossa posição na villa de Souzel, cumpre-me dizer as ultimas palavras sobre o rio Xingú.

Este rio como se vê do que ficou dito a seu respeito, não é conhecido com o nome de Xingú pelos indios que nelle vivem em estado selvagem.

E' de suppôr que fosse esse nome posto pela gente civilisada ou então por alguma tribu que não existe mais nas margens do rio. O Xingú pode ser dividido em tres grandes secções. A primeira, desde perto das cachoeiras até cem legoas pouco mais ou menos, abaixo da fóz do Batovy, livre, navegavel, mas não por embarcações de grande calado em razão dos grandes baixios que tem; a segunda d'ahi até extrema N. da grande volta, toda encachoeirada; e a terceira desde a cachoeira Itapayuna até a foz tambem navegavel como a primeira, admittindo, porém navios de grande calado sómente até perto deMaztté (sic) a cachoeira Itapayuna o rio denomina-se Xingú-alto e d'ahi á fòz, baixo-Xingú.

O alto Xingù é o que contém mais preciosidades e acha-se a mais de cem metros ácima do baixo. Os lugares mais estreitos do Xingú não têm menos de 300 metros de largura e os mais largos excedem a cinco kilometros.

A velocidade média no alto Xingú na secção não encachoeirada é de 3 kilometros por hora.

As suas aguas óra crystalinas, óra pardacentas, e, segundo correm sobre cascalho ou sobre lodo, são sempre limpidas.

As ilhas e cachoeiras do alto Xingú são em numero consideravel; não podem contar-se.

E para se poder fazer um estudo minucioso sobre o alto Xingú é necessario um grande numero de viagens. Muitas ilhas estão cheias de cajueiros, cujos fructos, quando maduros, embellesão sobremodo as mattas. São excellentes os cajús.

Ás margens do alto Xingú encontrão-se vegetaes muito aproveitaveis. Do aldeamento dos Chuyás começão os castanhaes; do primeiro aldeamento de Jurunas para baixo as seringas. Destacadamente encontrão-se cacoaes, copahiba e uma fructa semelhante á noz moscada conhecida no Pará com o nome de "puchiri" e que vendem nas boticas.

Os Jurunas fazem uso delle como remedio e dão-lhe o nome de *hererevá*. Proximo ao terreno das antigas missões ha salsa e cravo. O Xingú corre entre montanhas, havendo dentre ellas algumas bem alcantiladas de 200 a 300 metros de altura. Em muitas partes do rio as montanhas, servindo de margens como que nascem do fundo.

Essas montanhas, peladas algumas e outras com grandes mattas, das ques tornão-se salientes as palmeiras, que em grandes

variedades se destacão altivas dentre toda a vegetação, principião logo abaixo dos Chuyás e constituem uma verdadeira cadêa que só torna livres as aguas do Xingú na latitude de 2° —7' onde elle tendo a sua fóz de immensa largura, entra no Amazonas pela margem direita.

Tem o alto Xingú grande numero de bahias em ambas as margens, nove affluentes pela direita, sendo tres ribeirões ou igarapés e os outros de grande largura do extensão; e cinco pela esquerda, sendo dois pequenos, numerosissimas praias de grande extensão onde se apanhão tracajás, os seus ovos e os de muitas aves aquaticas que ahi poem no tempo da secca: não tem muitas variedade de peixes, mas dos que existem a abundancia é extraordinaria.

Muitas aves esvoação por suas margens, abundando na ordem gallinacea, os jacús; ha tambem, ribeirinhas, canoras e de outras ordens. Os bellos e deliciosos horisontes que em Maio e Junho derão-nos dias magnificos, que nos fizerão sentir alternadamente intenso calor e intenso frio, enfarruscarão-se algumas vezes sobre o Batovy e Xingú em Agosto, Setembro e Outubro, dando-nos algumas chuvas grandes, acompanhadas de trovoadas e furioso vento N.

No Batovy tivemos em Agosto a 20, 21, e 23; no Xingú, em Setembro a 1, 3, 6, 8, 12, 13, 16, 17, 19, 23 e 24, e em Outubro a 20. A maior das chuvas durou 11 horas.

Não alcança a 300 o numero de homens civilisados que occupão-se no trabalho da seringa no alto Xingú e que o habitão da ilha Itapayuna para baixo. A seringa, esse grande manancial de riqueza para a provincia do Pará é sem duvida o que mais procurão os Paraenses, abandonando, porém erradamente muitas outras fontes importantes.

E não póde ser muito aproveitada no alto Xingú em razão das difficuldades com que lutão os trabalhadores e negociantes na conducção das cargas.

A grande volta, toda encachoeirada, se bem que habitada por muitos Jurunas e Péuas que auxilião os trasuntes, tem dado prejuizos enormes que desanimão os trabalhadores. Procurão esses trabalhadores diminuir os prejuizos, atalhando a viagem por meio do igarapé do Ambé, que limparão até certo ponto onde estabelecerão um porto e deste porto abrirão uma estrada até um outro porto á margem direita do Tocurui.

O Ambé, porém, demasiado estreito, correndo com grande volocidade e tendo as voltas muito rapidas, exige um grande cuidado com as ubás e canoas que nelle viajão, e apezar de todas as precauções, ha constantemente prejuizos extraordinarios para todos.

A respeito da estrada e do rio Tocurui até uma certa distancia de seu porto, pode-se dizer o mesmo que do Ambé em referencia ás difficuldades de transporte.

Em razão das febres intermittentes que atacão os trabalhadores em tempo de chuvas e das difficuldades da viagem que não lhes permittem recorrer com brevidade aos lugares mais povoados, é de receiar-se que os seringueiros do alto Xingú o abandonem de uma vez perdendo com isso o commercio e a provincia do Pará. Tem-se procurado desde tempos remotos ligar o alto ao baixo Xingú

por meio de uma estrada que corte a grande volta deixando-a á direita, e vindo sahir abaixo da cachoeira Itapayuna.

Os Jesuitas abrirão uma que começando abaixo do lugar em que está a casa do coronel Gaiozo, ia sahir á margem direita do Tocurui. Foi abandonada mais tarde por se ter de atravessar um grande pantanal. Ultimamente o coronel Gaiozo abrio uma picada partindo de trás de sua casa e indo sahir perto de um morador chamado Saraiva, acima da fóz do Tocurui; essa picada a que o coronel dá o nome de estrada é horrivel, atravessa muitos lugares pessimos, e tem muito mais das nove legoas que elle lhe dá. E os moradores do alto Xingú dizem que antes os prejuizos das cachoeiras do que viajar-se na horrorosa estrada do coronel Gaiozo.

Ha um terreno, porém que deve ser o procurado para a abertura desta estrada que é de grande interesse e utilidade para todos; é o estudado pelo engenheiro Pimentel que em 1872 subio o Xingú até 3°—30' de latitude, procurou cuidadosamente resolver este assumpto de summa importancia para a provincia do Pará, e deo logo começo ao serviço principiando a estrada á margem esquerda, na grande volta em o lugar denominado ensêado do Taperituba, abaixo do Igarapé-assú; tendo já trabalhado bastante, e segundo dizem os moradores, estando quasi a concluir, foi obrigado a retirar-se por doente.

Essa estrada começada naquelle ponto devia terminar acima da praia do Caranary, e abaixo da cachoeira Itapayuna; largada de 1872 para cá é preciso ser todo o serviço feito de novo; mas attendendo-se ao grande interesse que traz á Provincia do Pará, deveria ser ella recomeçada o mais breve possivel, uma estrada de rodagem de Cuyabá á cabeceira do Xingú não é difficil e acima já deixei exposto o meio de ser aberta. Quanto á outra pelas margens do Xingú ligando o Pará a Matto-Grosso, se não é impossivel é pelo menos difficilima. Os grandes e muitos affluentes do Xingú, as montanhas que o seguem em ambas as margens, são obstaculos poderosos para tal empreza. Entre o Xingú e o Araguaya correm o Anapié e Pacajás, rios conhecidos apenas da fóz até as primeiras cachoeiras, ignorando-se o terreno em que existem as suas cabeceiras, mas que se suppõem achar-se na mesma altura do terreno das cabeceiras do Xingú. O Arapu a L. do Xingú, consta que tem além de grandes seringaes muitos mineraes preciosos.

O Pacajás, entre o Anapié e Araguaya, tem sido mais navegado que o Anapié e é conhecido como rico de vegetaes e mineraes; e segundo dois engenheiros, Carlos e Appolonio, um Francez e outro Italiano, contém carvão de pedras no lugar denominado Jacetára, junto aos indios Jacundás. Não sendo ainda conhecida a zona comprehendida entre o Xingú e Araguaya e na qual correm os rios Anapié e Pacajás, não se poderá dizer que por ahi não seja possivel uma estrada indo de Matto-Grosso ao Pará, estrada esta que uma vez realisada prestaria grande serviço ás duas provincias e tambem a Goyaz.

O gado de exorbitante preço no Pará, tinha de diminuir muito de seu valor uma vez remettido de Matto-Grosso e Goyaz onde elle é muito barato. Os terrenos tanto do baixo como do alto Xingú, óra são baixos, óra elevados. E no baixo Xingú ha maior numero de

seringueiros, os quaes occupão quasi todas as ilhas desde a fóz até perto da cachoeira Itapayuna. Tem o baixo Xingú os seguintes affluentes, começando abaixo da cachoeira Itapayuna pela margem direita: Paranamucú, Yurauá, Tariré, Tamanduá, Arapari, Carauatá, Machiacá, Tucauaquara, Juqueeré, Maruá, Machipauá, Acarahy, Turú, e Majaré, sendo o Araparé, Machidéa, Tucanaquára, Machipauá, Maruá, e Acahyrios e os demais, ribeirões ou igarapés; pela margem esquerda Yua, Tucurué, Gravá, Umarituba, Cariá e Acarahy, sendo rios o Umarituba e Acarahy.

No Acarahy ha uma povoação onde se constróem muitas canôas. As povoações, do baixo Xingú são: á margem direita, a villa de Souzel, com 40 casas de telha, uma pequena igreja sob a invocação de S. Francisco Xavier, 4 ruas parallelas ao rio e 2 travessas perpendiculares ás ruas.

Pouco abaixo de Souzel, á margem esquerda, estão as ruinas da antiga Souzel, que foi mudada para onde existe actualmente, em 1848. Segundo dizem alguns moradores da villa, ha nessas ruinas um subterraneo com riquezas guardadas; depois de Souzel, seguem-se Pambalentre o Tucauaquará e Machipauá, Veiros entre Maruá e Acohy e finalmente Porto de Móz.

A' margem esquerda em frente a Veiros, existem as ruinas da antiga fortificação dos hollandezes, que comprehende tres pontos: o Itauaré, o Maritinga e o Maripiranga, á margem direita do rio Acarahy; ainda se descobrem ahi os alicerces das casas e em frente á Maritinga, vê-se no rio, no mez de Novembro em que as aguas baixão muito um canhão de bronze com as armas hollandezas. Têm-se feito essas escavações com o fim de descobrir riquezas.

Torno agora a Souzel e Arandahy. Quando chegamos á ilha Arandahy, propriedade do Major José Leocadio e Capitão José Nunes, encontrámos os illustrados allemães, que tinhão feito a viagem pelo caminho aberto pelo Coronel Gaiozo e que disserão-me ser pessimo o tal caminho. Chegámos todos á ilha, só com a roupa do corpo, e esta em pessimo estado.

Os tres illustres estrangeiros forão mais felizes que nós; encontrarão em Arandahy uma ordem para o capitão José Nunes fornecer-lhes até a quantia de cinco contos. Não tendo eu e as praças quasi recurso algum e não querendo os insignes exploradores se utilisarem da referida ordem, segundo declarou-me o sabio Dr. Carlos von den Stein, vi-me em sérios embaraços para alimentar a força.

Nós que passámos tão mal pelos sertões e que maiores difficuldades encontravamos no meio da gente civilisada onde era preciso eu comprar tudo a dinheiro e por preços exorbitantes, estavamos em uma posição critica, na casa commercial do capitão José Nunes. Sabendo, porém este digno Capitão, do estado da força, a bem de já nos haver dado bôa hospitalidade, offereceo-nos para fornecer as praças, dizendo-me que era bastante que, quando eu chegasse em Belém, pagasse a seu correspondente.

Em Souzel lutei tambem com algumas difficuldades para fornecer as praças, mas encontrei felizmente um negociante chamado Luiz Bittom que facilitou-me alguns recursos. A importancia das quantias devidas aos Srs. Luiz Bittom e José Nunes satisfiz logo que che-

guei á cidade de Belém, guardando em meu poder os respectivos recibos.

Os tres illustrados exploradores que devião seguir comnosco até o fim da viagem, fallarão-me em Souzel que não podião demorar-se mais e pedirão-me que lhes desse algumas pessoas para os ajudarem a remar na canôa que lhes emprestára o capitão Espirito Santo.

Não obstante vêr neste procedimento dos sabios expediccionarios uma ingratidão para com aquelles que demasiado e indevidamente havião trabalhaho para elles, dei-lhes os 4 paisanos aos quaes determinei que me esperassem em Porto de Móz, onde cheguei com a força a 6 de Novembro, tendo sahido de Souzel a 5 ás 8 da noite, depois de uma demora de 12 dias, passando pessimamente e sem termos a quem recorrer, por isso que a villa quasi que estava abandonada, achando-se a maior parte dos moradores inclusive as autoridades, nos seringaes das ilhas. O padre e professor publico que ahi estavão, nada podião providenciar. Tiverão razão os 3 illustrados expediccionarios, afastando-se de nós, não obstante irem com esse procedimento de encontro a todas as combinações feitas durante a nossa viagem e partindo ellas sempre delles; não querião marcar com a nossa presença o brilho das glorias que tinhão de obter uma vez que ião apresentar-se como os primeiros e talvez os unicos capazes de fallar das maravilhas do Xingú.

Infelizmente para os tres illustrados expediccionarios não forão elles os primeiros que descerão este rio vindo das cabeceiras. O principe Adalberto da Prussia dá noticias de um tenente de Milicias que desceu o Xingú vindo de Matto-Grosso em 1816, (noticias dos jornaes da Provincia do Pará) e os jornaes contão que não ha muito tempo atacarão uma canoa grande, que descia o rio, cheia de gente, suppondo que fossem indios que vinhão hostilisal-os. Depois do ataque reconhecerão que havia gente branca e que trazia grande quantidade de carne secca e couros de boi. Estes factos, porém ficarão no esquecimento como soem ficar todos aquelles que não são acompanhados de commentarios.

Os illustrados exploradores, felizmente não desabonarão a força expediccionaria em sessão da sociedade de Geographia do Rio de Janeiro que tiverão a honra de merecer. E não era de esperar outro procedimento dos tres sabios que devem conhecer perfeitamente que são immutaveis a verdade e os principios da justiça. Se fosse essa expedicção feita só por brasileiros, eu creio que traria muito mais interesse ao paiz e seria muito mais util.

O governo concedendo, de vez em quando, força militar a estrangeiros que se apresentão para explorar o interior do Paiz, sugeita-se a graves consequencias, por isso que dá lugar a familiarisarem-se de mais os soldados com esses estrangeiros e d'ahi apparecem muitas vezes acontecimentos bem desagradaveis.

Eu tenho noticias de algumas expedicções semelhantes à nossa em que derão-se factos bem tristes que não os exponho por ser muito conveniente que elles sejão ignorados pela maior parte. Esta que dirigi e acabou-se sem o menor dissabôr, é a primeira no Brazil que assim tem terminado, e comtudo o seu começo não foi de bons auspicios. Sendo a sciencia universal, é muito justo que todos os governos auxiliem aquelles que para ella trabalhão; porém, é muito mais

justo ainda que este auxilio seja prestado aos de seu paiz. Me parece que é mais consentaneo com a razão que quem queira fazer explorações em um paiz estranho, vá munido do "quantum" necessario para bagagens, animaes, criados, etc.

O soldado servir de criado, não comer, ficar nú, e afinal soffrer ainda em sua saude em consequencia de viagens e pesados trabalhos por pantanaes, rios e mattas, é horrivel.

Feitas estas considerações que sem duvida V. Ex. não as levará a mal, attendendo a que todo cidadão deve sempre indicar a seu governo o que julga acertado fazer-se para o bem de seu paiz, passo a fallar sobre o estado sanitario da expedicção.

Na villa do Rosario cahio doente o guia Daniel com febres intermittentes, a 1 de Junho: o Dr. Carlos a 16 de Julho, á margem esquerda do Batovy começou a soffrer do mesmo mal. Todas as praças, os outros 3 paisanos e os 2 outros expediccionarios allemães, forão atacados das febres no mez de Setembro a começar do dia 10.

Duas praças tiverão feridas e forão tratadas pelo medico que, justiça lhe seja feita, sempre cuidava da saude de toda a expedicção. Traziamos de Cuyabá uma ambulancia fornecida pelo governo com os medicamentos indispensaveis, tendo em maior quantidade o sulfato de quinina que durou até Souzel.

As praças chegarão em Belém ainda soffrendo e algumas estão bem abatidas. Eu não soffri em toda a viagem molestia alguma. A Providencia, vendo que erão muitas as minhas occupações, por isso que não só tinha eu de attender a continuos pedidos que fazião-me os tres illustres expediccionarios, como do resto da comitiva, de modo que difficilmente podia tomar as minhas notas, achou justo que eu não fosse atacado de mal physico algum.

Quanto ás noticias scientificas e mais importantes desta viagem, deve-se esperar do trabalho que publicar o medico expediccionario, o qual como naturalista, anthropologo e phitologo, dispõe certamente de todos os conhecimentos necessarios para organisar uma completa e perfeita descripção.

Não me tendo sido permittido ampliar os meus estudos para que eu podesse agora reunir bastantes conhecimentos e fazer um trabalho que merecesse a apreciação de V. Ex., limitei-me por isso ao pouco que venho de descrever, fazendo acompanhar ao relatorio alguns vocabulos de algumas tribus e uma recapitulação dos indios encontrados.

Tendo chegado a 11 de Novembro p. passado a esta cidade no pequeno vapor—Rio-Xingú,—que nos recebeo em Souzel a 5, tratei de participar immediatamente ao Exm. Snr. Presidente e ao Snr. Commandante das Armas, qual havia sido o nosso serviço.

Depois de algumas difficuldades pude obter alguns vencimentos a 1.° de Dezembro e conseguir a arrumação das praças.

E' verdade que escapei de ficar quasi nú por muitos dias, mas encontrando alguns amigos e companheiros, não passei felizmente por essa decepção.

Neste relatorio de uma viagem de cinco mezes e dezeseis dias encontrará V. Ex. incorrecções de linguagem, falta de descripções scientificas e poeticas e muito assumpto arido, mas sabendo já V. Ex., a quem tenho a subida honra de dirigir-me, que dispondo de poucos

conhecimentos e mais ainda a que escrevi sempre a verdade tal como ella deve apparecer, espero se dignará relevar as minhas desalinhavadas narrações e tudo quanto houver nellas de enfadonho.

Pará, 12 de Fevereiro de 1885.

N.º 1

ELLA de latitudes e longitudes de diversos logares de Matto-Grosso, determinadas por observações astronomicas, pelo Barão de Melgaço. (*).

LOGARES	LATITUDES	Longitudes O. do merid. de Paris
Rios da Madeira, Mamoré e Guaporé.		
Caxoeira de Santo-Antonio (1)	8º 41' —	
» de Salto-Grande (1)	8º 52' —	
» do Giráo (1)	9º 21' —	
» das Pederneiras (1)	9º 31' 20"	
» do Ribeirão (1) cauda	10º 10' —	67º 8' —
Confluencia do Mamoré (1)	10º 22' 30"	
Caxoeira da Bananeira (1)	10º 37' —	
Ilha das Capivaras (1)	11º 14' 20"	
Confluencia do Guaporé (1)	11º 54' 46"	67º 31' 30"
Barra do rio dos Cautarios (1)	12º 13' —	
Freguezia velha da Conceição ou Bragança (1)	12º 25' —	
Forte do Principe da Beira (2)	12º 26' —	67º 3' 45"
Destacamento das Pedras (1)	12º 52' 30"	65º 22' 30".
Barra do rio Corumbiara (1)	13º 14' 30"	
Porto dos Guarajús (3)	13º 29' 48"	64º 16' —
Arraial do Santo-Antonio dos Guarajús (3)	13º 36' —	
Barra do Rio Paragahú (3)	13º 33' —	64º 3' —
Torres (3)	13º 39' —	
Barra do rio Verde (3)	14º — —	62º 54' —
» » » Capivari (3)	14º 39' 35"	
Cubatão (1)	14º 31' —	
Barra do rio Sararé	14º 51' —	62º 21' —
Villa Bella ou cidade de Matto-Grosso (1)	15º — —	62º 18' —

s numeros no fim das localidades indicão os nomes dos observadores, na seguinte ordem :
— Drs. Pontes e Lacerda
— Dr. Lacerda
— Dr. Pontes
— Leverger
— C. Page
— C. de Lamare
— C. B. Bossi
— B. Von Helmreichen.

N.º 2

LOGARES	LATITUDES	Longitudes merid. de
Districto á léste de Matto-Grosso		
Arraial da Chapada (extincto) (1)	14º 47' —	
» de Sant' Anna (idem) (1)	14º 45' —	
» » São Vicente (1)	14º 30' —	
Meia milha a sul das fontes do Juruena (3)	14º 42' —	
Um pouco a sul das fontes do Guaporè (3)	14º 39' 54"	61º 21'
1 milha a sul das fontes do rio Sepultura (3)	14º 40' —	61º 14'
4 milhas abaixo da fonte do Jaurú (3)	14º 31' —	60º 57'
Sitio do Padre Fernando Vieira (3)	15º 16' —	
Estiva (borda do matto) (3)	15º 27' 30"	
Logar onde o rio Aguapehi cahe da serra (3)	15º 52' —	
Extremidade suéste do Varadouro, entre os rios Aguapehi e Alegre (3)	15º 49' —	
Registro do Jaurú (3)	15º 44' 30"	61º —
Arraial das Lavrinhas (3)	15º 18' —	
Casalvasco (3)	15º 20' —	
Morro de Salinas (3)	15º 46' —	
Balisa da ribeira do Paragahú (3)	15º 48' —	63º 10'
Jacarandá (rio Paragahú) (3)	14º 45 —	
Capão da Frasqueira (rio Paragahú) (3)	13º 56' —	63º 53
Salinas do Almeida (3)	16º 19' —	
Páo-a-pique, á leste da ponta da sul das salinas do Jaurú (3)	16º 21' —	
Onças (beira do Jaurú) (4)	16º 15' —	
Lagem (5)	16º 24' 30"	
5 milhas a lés-nordeste da tapera do Ramos (4)	16º 27' —	
Corixa-grande (4)	16º 23' 25"	60º 45'
» » (5)	16º 23' 25"	60º 59'
0,m5 a noroeste da aldêa dos Bororós (4)	16º 40' 35"	

N.º 3

LOGARES	LATITUDES	Longitudes O. do merid. de Paris
Rio Paraguay		
Villa Maria (3)	16º 3' 33"	59º 58' —
» » (6)	16º 3' 58"	60º 0' 48"
» » (5)	16º 3' 55"	60º 7' 39"
» » (4)	16º 3' 23"	
Caissára (1)	16º 4' 43"	
Passagem-Velha (4)	16º 13' 40"	
Marco do Jauirú (1)	16º 23' 20"	59º 50' —
» » » (5)	16º 23' 6"	60º 17' 35"
Morro do Escalvado (1)	16º 42' 58"	
Destacamento do Escalvado (4)	16º 43' 50"	60º 16' 20"
» » » (5)	16º 43' 57"	60º 15' 30"
Tres-Barras (4)	16º 48' 35"	
Aterrado (4)	16º 59' 35"	
Extremidade boreal da serra da Insua (1)	17º 33' 5"	
Entrada do canal de Uberaba (5)	17º 35' 30"	
Entrada do canal de Uberaba (4)	17º 35' 50"	
Bocca da Gahiva (letreiro) (1)	17º 42' 48"	
» » » (4)	17º 43' 40"	
» » » (5)	17º 43' 8"	60º 10' —
Fundo da Gahiva (4)	17º 48' 3"	
Bocca do São Lourenço (4)	17º 54' 30"	
Pedras de Amolar (3)	18º 1' 46"	59º 46' 30"
» » » (1)	18º 1' 52"	60º 4' —
Dourados (6)	18º 0' 2"	59º 44' 50"
» (5)	18º 2' 29"	59º 57' 45"
Tres-barras (4)	18º 16' —	
Sucuri (4)	18º 26' —	
Falha do Craveiro (Larangeira) (4)	18º 31' 48"	
Falha-grande (5)	18º 48' 40"	
Ilha de Cima (4)	18º 52' —	
Corumbá (Povoação de Albuquerque) (1)	19º 0' 8"	59º 56' 45"
» » » » (6)	18º 59' 33"	59º 58' 44"
» » » » (5)	18º 59' 43"	60º 4' 51"
Formigueiro (4)	19º 8' —	
Morro do Conselho (4)	19º 46' 12"	
Barra do Taquari	19º 15' 16"	59º 31' 42"
Porto da Piúva (Albuquerque) (5)	19º 26' 53"	59º 48' 46"
» » » » (4)	19º 26' 40"	59º 45' 30"
Coimbra (1)	19º 51' —	59º 58' 15"
» (5)		60º 8' 14"
» (5)	19º 55' 48"	60º 12' 50"
» (4)	19º 55' 20"	
Bahia-negra (4)	20º 10' 25"	
Ponto onde chegou o Alpha na Bahia-Negra (3)	19º 28' 45"	60º 28' 45"
Salinas (3)	20º 36' 24"	
Rio-branco (4)	20º 56' 40"	
Olimpo (5)	21º 1' 39"	60º 15' 55"
» (4)	21º 1' 24"	
Pão de assucar (5)	21º 25' 10"	60º 16' 9"
Fecho dos Morros (4)	21º 26' 40"	60º 4' 10"
Bocca da bahia fronteira ás sete pontes (5)	21º 26' 48"	

N.º 4

LOGARES	LATITUDES	Longitudes merid. de
Rio S. Lourenço		
Barra do rio Apa (4)	22º 6' —	
Abaixo da ilha do Caracará (4)	17º 50' —	
Entre as ilhas do Bugio e Caracará (4)	17º 48' —	
Bananal de S. Lourenço (4)	17º 41' —	
Abaixo da ilha da Sepultura (4)	17º 32' —	
Braço que vae ao Rio-negro (4)	17º 23' —	
Barra do rio Cuyabá (1)	17º 19' 43"	59º 16'
Rodeio (5)	17º 17' 23"	58º 50' 4
Rio Cuyabá		
Fazenda de São Pedro (5)	17º 14' 56"	
Abaixo do braço do Bananal (4)	17º 12' —	
Bananal do Cuyabá (4)	17º 1' —	
Bocca do Guaxú-mirim (4)	16º 55' —	
Cassange (4)	16º 43' 30"	
Ponta inferior da ilha do Pirahim (4)	16º 28' 52"	
Abaixo do Carandá (4)	16º 26' —	
Abaixo do Cuyabá-mirim (4)	16º 20' —	
Melgaço (5)	16º 11' 41"	60º 21' 4
Abaixo da Praia-grande a N. 51 O. (4)	15º 44' 45"	
Barra do Coxipó-mirim (4)	15º 38' —	
Porto geral do Cuyabá (4)	15º 36' 48"	
Acima da Capella (4)	15º 33' 6"	
Freguezia da Guia (4)	15º 20' 58"	
» » » (7)	15º 23' —	
Caxoeira do Salto (4)	15º 19' 53"	
Capella de Sant'Anna (4)	15º 8' 56"	
Ilha do Negro d'agua	15º 5' 23"	
Ilha acima da Caxoeira do Soares (4)	15º — —	
Ilha de Salles (4)	14º 51' 45"	
Sitio do Bananal (4)	14º 47' 4"	
Barra do Rio-manso (4)	14º 41' 29"	

N.º 5

LOGARES	LATITUDES	Longitudes O. do merid. de Paris
Diversos logares		
to do rio Cuiabá	14° 40' 10"	
mantino	14° 25' —	
coné	16° 16' 4"	58° 57' 45"
»	16° 16' —	
zenda da Cotia	16° — —	
anda	20° 13' 56"	58° 34' 21"
Estrada de Cuiabá a Goiaz		
mambaia	15° 35' 15"	
cobásinho	15° 27' 5"	
tinhas	15° 25' 25"	
rreirinhos	15° 29' 55"	
ssa-vinte grande	15° 34' 35"	
quaral	15° 41' 25"	
isama	15° 45' 25"	
o-grande ou Araguaia	15° 43' 40"	
Navegação para S. Paulo		
ouso-alegre do Taquari	18° 12' —	
arra do Coxim	18° 33' 58"	57° 22' 42"
mapuan	19° 35' 14"	56° 21' 15"
lto do Curáo	20° 5' —	
arra do rio Pardo no Paraná	21° 36' —	
dade de Cuiabá	15° 35' 59"	58° 24' 45"
» » »	15° 36' 12"	58° 19' 41"
» » »	15° 36' 15"	58° 25' —

TABELLA de latitudes e longitudes de diversos logares do districto de Miranda, Estado de Matto-Grosso, determinadas por observações astronomicas, em 1868, pelo chefe de esquadra AUGUSTO LEVERGER (Barão de Melgaço).

	LOGARES	LATITUDES	Longitudes O. do merid. de Paris
1	Villa de Miranda (1)	20° 14' —	58° 34' 16"
2	Aldêa do Ponadigo	20° 23' 20"	
3	Fazenda do Forquilha	20° 45' —	
4	Niove	21° 9' 30"	57° 57' 50"
5	Vertente do Canindé (caminho do Jardim)	21° 20' 30"	
6	Fazenda do Jardim	21° 26' 20"	58° 13' 30"
7	Colonia de Miranda	21° 40' 15"	58° 9' 15"
8	Lagôa (cabeceira do Rio do Velho)	21° 57' 30"	
9	Cabeceira do Apa	22° 5' 30"	
10	Colonia dos Dourados	22° 8' 45"	57° 55' —
11	Capão do Macuco	22° 33' 30"	
12	» dos Queixadas	22° 38' 30"	
13	Entre os Queixadas e o rio dos Matos	22° 34' 45"	
14	Entre o rio das Onças e o dos Matos	22° 26' 45"	
15	Entre o rio das Onças e o das Lages	22° 21' —	
16	Ribeirão dos Dourados	22° 6' 20"	
17	Entre o rio dos Dourados e o de Santa Maria	21° 57' 30"	
18	Sitio da Restinga	21° 48' 10"	
19	Entre os sitios de Ramilhete e Monte-Alegre	21° 37' 40"	
20	Freguezia de Santa Gertrudes	21° 32' 10"	
21	Ribeirão da Caxoeira	21° 38' 20"	
22	Porto das sete-voltas (Santa Rosalina)	21° 22' 40"	56° 58' 20"
23	0m,6 a norte do Ribeirão do Serrote	21° 26' —	
24	Tapera de Joaquim Ferreira	21° 16' —	
25	Ribeirão dos Campeiros	21° 9' 10"	
26	A noroeste do ribeirão do Lageado	20° 53' —	
27	A 1m,6 oésnoroeste, do carreador do Varadouro	20° 37' —	
28	A 5m oésnoroeste do porto Anhanduhi	20° 44' 50"	
29	Em uma cabeceira do rio Bocaina	20° 54' 50"	
30	Em outra idem	20° 59' —	
31	Fazenda da Esperança	21° 11' —	
32	» » Agua Fria	21° 19' 25"	57° 31' 10"
33	Em uma cabeceira do rio de Santo Antonio	21° 18' 25"	
34	Carandá, 5m da fóz do Jardim	21° 25' 25"	
35	Campo Grande (Lagoinha)	21° 32' —	
36	No espigão da Pedra Cal	21° 37' —	
37	Em uma cabeceira do rio da Prata em Peneteque	21° 28' 5"	
38	Em outra idem	21° 23' 45"	
39	Cabeceira do rio Formoso	21° 17' 45"	58° 39' 35"
40	Sitio de S. João	21° 8' 30"	
41	Fazenda dos Coqueiros	21° 6' 40"	
42	Fazenda dos Mutuns	21° 14' 20"	
43	Retiro do Carandá (fazenda da Forquilha)	20° 50' 30"	
44	Retiro de Buriti	20° 39' 40"	
45	Aldêa de Lalima á léste de Miranda	20° 33' 20"	
46	» » Lalima a oeste de Miranda	20° 17' —	
47	Entre Lalima e Amogalibida	20° 25' 30"	
48	Amogalibida	20° 36' 20"	
49	Retiro do Snr. João Faustino	20° 11' —	
50	Curral de Taquara	20° 26' 40"	
51	Aldêa de Lariá	20° 28' 20"	
52	Fazenda de Santo Antonio (do Snr. Canuto)	20° 29' 50"	
53	Fazenda do Mutum (Porto dos Dous Irmãos)	20° 31' 56"	
54	» do Alinani	20° 25' 40"	
55	» do Piqui	20° 15' 20"	
56	Corrego do Noxedaxe	20° 14' 30"	

(1) Adoptei a longitude de Miranda determinada por um chronometro pelo Senr. De Lamare, em 1858. — As outras longitudes obtidas por chronometros forão referidas aquelle. — As longitudes de n.os 1 a 45 foram determinadas por alturas meridionaes do sol; as outras de n.os 46 a 56 por alturas meridionaes de estrellas ou planetas.

Cuiabá, 9 de Junho de 1868.

Barão de Melgaço.

Errata

No volume II pag. 51, linhas 10 leia-se *1755* em vez de *1775*.

Neste volume, pag. 106, linhas 27, leia-se *os seus cabedais* em vez de *os seis cabedais*.

Pag. 108 linhas 9, leia-se *sedeclaram* em vez de *sedelaeram*.

E outros erros que a intelligencia do leitor supprirá.

Indice

PAGS.

CARTAS REGIAS de 1771 a 1803, relativamente ao governo da Capitania de Matto-Grosso (*continuação*) 103

BREVE RESUMO DA VIDA DO BARÃO DE MELGAÇO quanto a parte economica, escripto por elle proprio 128

RELATORIO do estado da catechese e civilisação dos Indios de Matto-Grosso, apresentado ao Presidente da Provincia em data de 31 de Dezembro de 1858, pelo respectivo Director Geral, Coronel João Baptista de Oliveira, depois Barão de Aguapehy 131

INFORMAÇÃO prestada pelo Presidente da Provincia de Matto-Grosso, Augusto Leverger, ao Ministro da Marinha, em 1851, sóbre as mattas de madeira de construcção naval 139

TERMO DA FUNDAÇÃO DO FORTE DE COIMBRA 142

CONDIÇÕES ADMINISTRATIVAS DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO apresentadas em relatorio de 13 de Janeiro de 1852, ao Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, pelo Presidente, Augusto Leverger 143

RELATORIO da viagem esploradora de Matto-Grosso ao Pará, pelo Xingú, apresentado ao Ministro da Guerra em 1885 pelo então Capitão Francisco de Paula Castro 151

TABELLA DE LATITUDES E LONGITUDES de diversos logares de Matto-Grosso, determinadas por observações astronomicas, pelo Barão de Melgaço.—Quadros ns. 1a5

ERRATA

Indice

Pags.

CARTAS REGIAS de 1771 a 1803, relativamente ao governo da Capitania de Matto-Grosso (continuação) 103

BREVE RESUMO DA VIDA DO BARÃO DE MELGAÇO quanto a parte economica, escripto por elle proprio 125

RELATORIO do estado da catechese e civilisação dos Indios de Matto-Grosso, apresentado ao Presidente da Provincia em data de 31 de Dezembro de 1858, pelo respectivo Director Geral, Coronel João Baptista de Oliveira, depois Barão de Aguapehy 131

INFORMAÇÃO prestada pelo Presidente da Provincia de Matto-Grosso, Augusto Leverger, ao Ministro da Marinha, em 1861, sobre as matas de madeira de construcção naval 139

TERMO DA FUNDAÇÃO DO FORTE DE COIMBRA 142

CONDICÇÕES ADMINISTRATIVAS DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO apresentadas em relatorio de 13 de Janeiro de 1862, ao Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, pelo Presidente, Augusto Leverger 143

RELATORIO da viagem exploradora de Matto-Grosso ao Pará, pelo Xingú, apresentado ao Ministro da Guerra em 1885 pelo então Capitão Francisco de Paula Castro 151

TABELLA DE LATITUDES E LONGITUDES de diversos logares de Matto-Grosso, determinadas por observações astronomicas, pelo Barão de Melgaço. — Quadros ns. 1 a 5

ERRATA

Recebemos e agradecemos

JORNAES.—*O Brazil*, *A Patria*, *Autonomista*, da visinha cidade de Corumbá, *Diario da Bahia*, da capital do Estado da Bahia, *Goyaz e Minas*, de Catalão, *O Municipio*, de Uberaba, *Gazeta Official*, *O Estado*, *O Rebate*, desta capital, *L'Étoile du Sud*, jornal politico, litterario e financeiro, do Rio de Janeiro.

REVISTAS.—*Revista Trimensal do Instituto do Ceará*, sob a Direcção do Barão de Studart, tomo XVIII, anno XVIII, 1904.—*Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia* (fundado em 1894, reconhecido de utilidade publica pela lei n. 110 de 13 de Agosto de 1895) anno VIII, vol. VIII, n. 27, 1901.—*Revista Matto Grosso*, do Lycêo Salesiano de Artes e Officios desta capital, ns. III e IIII, do 2º anno.

FOLHETOS.—*A Execução de Silvino de Macedo*.—Estudo critico e historico pelo Dr. Vicente Ferrer de B. W. Araujo.

—*Seitas Protestantes em Pernambuco* (seculos 19 e 20) subsidios historicos, idem.

Guia Eleitoral (2º fasciculo). Formularios segundo a novissima lei n. 1269, pelo Advogado do fôro de Cuyabá, Francisco Agostinho Ribeiro.

A Doutrina, orgão da Federação Espirita do Paraná, tendo por Director o Snr. Domingos Duarte Velloso, anno VI, Março de 1905, num. 3, Curytiba.

—*Congrès Internacional d'Expantion Économique Mondiale* (á Mons, le 27 Septembre 1905) Bruxelles.

Opinião da imprensa

Em seguida transcrevemos os honrosos conceitos emittidos pela imprensa, não só deste como de outros Estados da União sobre a nossa Revista, e muito nos desvanecemos com a autorisada opinião desses illustrados collegas, aos quaes apresentamos os nossos affectuosos agradecimentos por essa prova de carinho, que lhes mereceu *O Archivo*.

—

« O Archivo »

« Sob este titulo deve apparecer no dia 15 do corrente uma util publicação que tem por habitante fim dar á publicidade innumeros e importantes documentos de tempos idos que jazem esquecidos nos archivos das repartições publicas e que servirão um dia de elementos seguros para a interessante historia de Matto-Grosso.

« *O Archivo* conta com o apoio moral e material do Exm. Snr. Coronel Presidente do Estado, e está sob a competente direcção dos Snrs. Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza, esforçados cultores de trabalhos que revelam sempre o estudo e gosto pelos acontecimentos que formaram este grande torrão brazileiro.

« Que a preciosa revista consiga os patrioticos fins que tem em vista e viva largos annos, são os nossos sinceros votos ».

(Da "*Gazeta Official*" de 14 de Dezembro de 1904.)

« O Archivo »

« Deve apparecer hoje a publicação intitulada « *O Archivo* », sob a direcção dos Snrs. Antonio Fernandes de Souza e Estevão de Mendonça.

« Tem por fim esta nova revista dar á publicidade todos os documentos historicos antigos e recentes que se refiram ao Estado de Matto-Grosso.

« Desejamos-lhe longa vida para beneficio da historia de nosso Estado. »

(D'*O Rebate*" de 15 de Dezembro de 1904.)

« O Archivo »

« Tivemos o prazer de receber a visita d'*O Archivo*, promettedora e bem trabalhada revista, que acaba de apparecer hoje nesta cidade, sob a direcção dos esforçados e talentosos matto-grossenses Srs. Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza, nossos distinctos amigos e collaboradores desta folha, e que é destinada a vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso.

« Sob o patrocinio do Exm. Sr. Presidente do Estado e sob a direcção de tão laboriosos cidadãos, a interessante revista vae prestar ao historiador futuro do Estado fonte inexgotavel de informações, pois nella encontrará todos os documentos existentes nos archivos publicos, exhumados com cuidado carinhoso pelos seus directores, filhos deste abençoado torrão.

«E' de esperar que *O Archivo* mereça o mais franco apoio de todos, pois nessa util publicação hão de encontrar um verdadeiro repositorio, não só de nossas tradições como tambem dos trabalhos e costumes das gerações passadas.

«Agradecendo a remessa d'*O Archivo*, desejamos-lhe toda a prosperidade de que é merecedor.»

(D' *O Estado* de 15 de Dezembro de 1904.)

«O Archivo»

«Conforme noticiamos, appareceu ante-hontem *O Archivo*, revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso, publicação feita sob os auspicios do Exm. Sr. Coronel Antonio Paes de Barros e dirigida pelos Srs. Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza.

«O summario dessa preciosa publicação é o seguinte:— A quem lêr —Informações ministradas ao Presidente da Provincia de Matto-Grosso, Augusto Leverger, por João Baptista Prudencio, sobre o municipio do Paraguay Diamantino — Catechese e Civilisação dos Indios--Colonisação Militar e de Estrangeiros, como meios de augmentar a população e facilitar o commercio com a Provincia do Pará pela via fluvial e de terra —Notas biographicas do Bispo de Cuyabá, D. José Antonio dos Reis —Informação prestada em 1851 por Augusto Leverger, Presidente da Provincia de Matto-Grosso, sobre o traçado de uma estrada que communique esta capital com a cidade de Santarém, no Pará—Cartas Regias de1771 a 1803 relativamente ao Governo da Capitania de Matto-Grosso — Relatorio da viagem esploradora de Matto-Grosso ao Pará, pelo Xingú, apresentado ao Ministro da Guerra, em 1885, pelo então Capitão Francisco de Paula Castro—Quadro dos Governadores e Capitães Generaes da Capitania de Matto-Grosso, elevada a capitania independente a 9 de Maio de 1748.—Quadro dos Presidentes e Vice-Presidente da Provincia de Matto-Grosso.

«Como se vê deste summario, são inportantissimos os documentos que traz o 1º numero d'*O Archivo* por cuja vida e prosperidade fazemos sinceros votos.»

(Da "*Gazeta Official*" de 17 de Dezembro de 1904.)

«O Archivo»

« Recebemos o primeiro volume d' *O Archivo*, Revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso.

« São seus directores os Snrs. Capitães Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza. A sua publicação está sob os auspicios do governo, sendo a impressão feita pela typographia official.

« Agradecendo a visita, fazemos votos pela sua prosperidade.»

(D' *O Matto-Grosso*" de 18 de Dezembro de 1904.)

«O Archivo»

« Temos sobre a nossa mesa de trabalho, o segundo numero dest. importante Revista, que foi impressa nas officinas typographicas

cuie com a presteza recommendada por V. Exc.—Quartel do Commando das Forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso, junto á margem esquerda do Ribeirão das Correntes, 20 de Agosto de 1867.—Illm. Exm. Snr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, Presidente desta Provincia. — *José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante.

——

N. 12. A.—Illm. Exm. Snr.—Tenho a satisfação de participar a V. Exc. que me acho de pouso neste ponto, tencionando levantar amanhã o acampamento destas forças e chegar no dia 15 do corrente a essa Cidade.

Sahindo das Correntes no dia 26 de Agosto passado, chegamos com 19 dias de marcha á margem esquerda do rio Taquary, onde dous dias foram de falha, effectuando-se nesse lapso de tempo a passagem daquelle caudaloso rio.

Mo dia 19 do mesmo mez seguimos viagem formando pouso no dia 4 do corrente á margem esquerda do rio S. Lourenço, começando-se na manhã do dia seguinte a effectuar a transposição desse rio, havendo-se concluido esse serviço hoje pela manhã.

Empenhado em dar inteiro cumprimento ás ordens de V. Exc., tenho empregado para esse fim todos os esforços possiveis, conseguindo, pelo desejo que nutrem os meus commandados em bem servir ao Paiz, atravessar em 36 dias tão grande distancia, procurando sempre que posso poupar ao soldado as fadigas de uma jornada tão longa por sertões ingratos e baldo de todos os recursos.

Até hoje, felizmente, não me têm faltado generos para a distribuição da etapa possivel nesta parte da Provincia e espero que até essa Cidade não sentiremos falta delles.

Julgo, porém, dar a V. Exc. participação de que a nossa soldadesca acha-se completamente desprovida de roupas, a tal ponto, que a decencia veda hoje ao maior numero de praças a entrada em qualquer povoação.

Dando conhecimento disso a V. Exc., tenho em vista cumprir o meu dever, rogando a V. Exc. se sirva dar suas ordens como mais acertado julgar em sua alta intelligencia.

Aproveito a occasião para apresentar a V. Exc. os meus protestos de respeito e distincta consideração.

Deus Guarde a V. Exc.—Quartel do Commado das Forças em operações ao sul da Provincia de Matto-Grosso, acampamento na Fazenda S. Lourenço, 7 de Outubro de 1867 —Illm. e Exm. Senr. Doutor José Vieira Couto de Magalhães, Presidente desta Provincia.

José Thomaz Gonçalves, Major de Commissão Commandante.

——

Illm.º e Exm.º Senr.

Só hontem á tarde me veio ás mãos o officio de V. Exc.ª de 23 de Setembro ultimo, me determinando que, mandando proceder pelos medicos nas praças e corpos que compoem a força sob o meu commando um minucioso exame, não faça seguir para essa Capital se não aquelles que já tiveram sido vaccinados ou tiverem tido bexi-

do Snr. Avelino de Siqueira, em commemoração ao 25°. anniversario do passamento do inolvidavel Barão de Melgaço, e distribuida no dia 14 do corrente.

« Esta edição especial, consagrada á memoria d' aquelle illustre homem de lettras, estampou o seu retrato e traz diversos artigos escriptos por amestradas pennas sobre a sua vida, glorioso repositorio de bellos ensinamentos.

« Aos Snrs. Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza, directores d' *O Archivo*", agradecemos o exemplar que nos enviaram.»

(*D' O Matto-Grosso* de 22 de Janeiro de 1905)

« **O Archivo.**— Recebemos um exemplar da nova Revista" *O Archivo*" destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso, que vem realmente preencher uma lacuna que tanto se fazia sentir no meio intellectual em que vivemos.

« Publica-se nesta Capital sob os auspicios do Exm. Snr. Coronel Antonio Paes de Barros, D. Presidente do Estado. sendo impressa na typographia da" Gazeta Official."

« O 1°. volume que temos sobre a meza de trabalho tem o seguinte indice:

(Transcreve.)

« Aos Ill.mos Senrs. Estevao de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza, dignos Directores da importante «Revista» nossos calorosos applausos.

« Agradecidos, permutaremos. »

(Da revista "Matto-Grosso", de 14 de Janeiro de 1905)

« O Archivo »

« É este o titulo de uma bôa revista que acaba de encetar a sua publicação em Cuyabá e que se destina á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso.

« *O Archivo*, que se publica sob os auspicios do Exmo. Snr. Coronel Antonio Paes de Barros, Presidente do Estado, tem como directores os abalisados publicistas Snrs. Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza.

« A presente edição já é um consideravel repositorio de importantes documentos, constando de informações ministradas ao Presidente da Provincia de Matto-Grosso em 1885, sobre as necessidades mais urgentes e remediaveis do municipio de Diamantino; ditas pelo chefe de esquadra reformado, Augusto Leverger, sobre o traçado de uma estrada que communique a capital desta então Provincia com a cidade de Santarém, no Pará; cartas regias de 1771 a 1803 relativamente ao governo da Capitania de Matto Grosso; relatorio da viagem exploradora de Matto-Grosso ao Pará, pelo Xingú, apresentado ao Ministerio da Guerra em 1885, pelo então Capitão de Infantaria Francisco de Paula Castro; quadro dos governadores e capitães generaes da Capitania de Matto-Grosso, de 1748 a 1823; qua-

dro dos presidentes e vice-presidentes da Provincia de Matto-Grosso e datas matto-grossenses.

« A revista abre com um bem lançado artigo do Snr. Antonio Fernandes de Souza sobre os fins della, e traz na secção: Datas Matto-Grossenses, apreciadas notas biographicas do bispo de Cuyabá, D. José Antonio dos Reis, pelo Snr. Estevão de Mendonça.

« Como se vê, *O Archivo* vem preencher uma lacuna na imprensa matto-grossense e deve prestar relevantes serviços ao Estado, tornando conhecidas as suas condições geographicas os seus factos historicos, as suas riquezas e tudo quanto possa relacionar-se com a vida intima deste futuroso torrão brazileiro.

« Saudando o apparecimento d'*O Archivo*, desejamos-lhe longa existencia e prosperidade.»

(Do *Autonomista* de 7 de Janeiro de 1905—Corumbá).

« O Archivo »

Foi hontem distribuido o 2.º volume do 1.º anno desta util revista de documentos geographicos de Matto-Grosso, cujo summario é o seguinte:

Ao leitor—Cartas regias de 1771 a 1803, relativamente ao governo da Capitania de Matto-Grosso—Exploração do rio Araguaya (offerecida a *O Archivo* pelo Dr. João de Moraes e Mattos).—Relatorio da viagem exploradora de Matto-Grosso ao Pará, pelo Xingú, apresentado ao Ministerio da Guerra em 1885, pelo então Capitão Francisco de Paula Castro—Noticia sobre os indios de Matto-Grosso dada em officio de 2 de Dezembro de 1848 ao Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, pelo Director Geral dos Indios da então Provincia, Joaquim Alves Ferreira.—Datas Matto-Grossenses —1.º de Janeiro—Fundação de Cuyabá e consequentes povoamentos, por Estevão de Mendonça.—Quadro historico—Conquistas do sertão matto-grossense (1648—1734) por Antonio Fernandes de Souza.—Quadro dos Presidentes da Provincia de Matto-Grosso de 1881 a 1889.—Quadro dos Governadores e Presidentes do Estado de Matto-Grosso de 1889 a 1905.

O Archivo acha-se á venda nesta typographia.

(Da "*Gazeta Official*" de 25 de Fevereiro de 1905)

«O Archivo»

Recebemos o 2.º volume do 1.º anno desta util e preciosa revista de documentos geographicos e historicos de Matto-Grosso, publicada sob os auspicios do Exmo. Sr. Coronel Antonio Paes de Barros, e sob a direcção dos nossos illustres collegas Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza.

A edição do 1.º volume d'O *Archivo* foi esgotada em poucos dias, o que, de certo, deve constituir viva satisfação para os seus esforçados fundadores e uma prova do real interesse que despertou essa valiosa publicação

Eis o summario do 2.º volume:

(Transcreve.)

O *Archivo* acha-se á venda na typographia da *Gazeta Official*.

Agradecemos a remessa do exemplar que nos foi offerecido.»

(D'O *Estado*, de 26 de Fevereiro de 1905.)

«O Archivo»

« Pelo paquete *Nioac* recebemos o primeiro volume d'O *Archivo*, publicação feita sob « os auspicios do Exmo. Sr. Coronel Antonio Paes de Barros, e destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso.» São directores da nova revista os Srs. Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza, o que, a nosso vêr, constitue uma das melhores recommendações que ella pode ter.

O volume que temos presente, esmeradamente impresso nas officinas da *Gazeta Official*, contém perto de 50 paginas de abundante materia, que servirão no futuro de valiosos elementos para a elaboração da historia e geographica do Estado.

Pela simples exposição que vimos de fazer, tornar-se completamente desnecessario encarecer a real e incontestada utilidade e os inestimaveis serviços que tão excellente trabalho vem prestar ao nosso progresso moral e material.

Aos seus dignos e esforçados Directores apresentamos nossas felicitações pela elevada idéa que tiveram, e ao mesmo tempo agradecemos a amabilidade de sua honrosa visita.»

(D'*A Patria*, de Corumbá, de 27 de Dezembro de 1904.)

—

« Recebemos e agradecemos O *Archivo*, revista de vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso, vol. I. Bella edição feita em Cuyabá sob os auspicios do Coronel Paes de Barros.»

(D'O *Malho*, de 21 de Janeiro de 1905.)

« **O Archivo**.—Recebemos o 1.º numero desta revista "publicação feita sob os auspicios do Sr. Coronel Antonio Paes de Barros e destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso.»

São seus directores os estimados Srs. Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza, que affirmam que: " A historia do Estado de Matto-Grosso, se bem que ainda não escripta e officialmente acceita, tem, entretanto, muitos e valiosos subsidios que jazem esparsos, aguardando o momento opportuno de serem reunidos chronologicamente formando um volume a que possamos acertadamente denominar—Historia de Matto-Grosso.»

« Fazemos votos para que" *O Archivo*" prospere, prestando, como é de contar, relevantes serviços ao esperançoso Estado de Matto-Grosso.»

(Do"*Diario da Bahia*" de 14 de Janeiro de 1905.)

VI

«O Dia»

«Foi uma verdadeira surpreza para mim o exemplar d'*O Archivo*, «revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso», que me chegou hontem ás mãos. A surpresa veiu-me de vêr que a revista foi impressa em Cuyabá, no Estabelecimento Avelino de Siqueira, na rua Sete de Setembro n. 16», e de ter uma capa tão artistica e tão bem impressa, como se fôra trabalho de qualquer dos nossos afamados estabelecimentos. A idéa que aqui fazemos de Cuyabá não comporta certamente a hypothese de que as artes graphicas ahi existam, senão em estado rudimentar: a revista que tenho em mãos prova exhuberantemente que isso não é assim e é com grande prazer que o registro aqui.

—

«Essa edição d'*O Archivo*, que é uma publicação utilissima dirigida pelos Srs. Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza, é especialmente destinada a commemorar «o 25.° anniversario do passamento do inolvidavel barão de Melgaço» e foi feita «sob os auspicios do Exm. Sr. Coronel Antonio Paes de Barros», presidendente do Estado. A homenagem é justissima. Augusto Leverger era francez: nasceu em Saint Malô na Bretanha a 30 de Janeiro de 1802. Era homem do mar, como quasi todos os seus patricios.

«Serviu na nossa armada, como 2.° tenente, na galera *General Lecôr*, na fragata *Nitheroy*, na qual tomou parte na guerra do Prata em 1825; nas fragatas *Piranga*, *Principe Imperial* e outros navios. Nas suas *Ephemerides Brazileiras* conta-nos o Sr. Barão do Rio Branco o feito heroico da tomada do corsario argentino *General Brandzer*, emprehendido por James Norton, commandante do brigue brazileiro *Niger*, e executado por Craig e Leverger, pelo qual lhe foi conferido o grão de cavalleiro do Cruzeiro. O fim da guerra veiu encontral-o já commandante da corveta *General Dorrego*, um corsario argentino que havia sido tomado pela nossa corveta *Bertioga*. Chegando ao Rio recebeu ordem de seguir para Matto-Grosso, afim de constituir uma esquadrilha de chalupas canhoneiras destinadas á defesa da fronteira no rio Paraguay. Para lá seguiu em fins de 1829. Nunca mais de lá sahiu: ahi casou, ahi viveu. O titulo de Barão de Melgaço não lhe vem senão da defeza de Cuyabá que, já velho e alquebrado, emprehendeu e levou brilhantemente a effeito no local desse nome, quando houve a invasão paraguaya em 1865.

«Apezar de ter uma fé de officio verdadeiramente brilhante, não são tantos os seus serviços de guerra que o fazem lembrar, como os seus trabalhos de paz. Percorreu o Estado em todos os sentidos, e deixou grande cópia de notas, dados, observações relativas á geographia desse Estado. Muitos desses trabalhos estão ainda ineditos nos archivos do Estado: o actual presidente é quem se está empenhando em publical-os. Nessa mesma edição d'*O Archivo* estão impressas as suas observações «sobre a Carta Geral do Imperio relativas á provincia de Matto-Grosso» escriptas em 1876, que são de alto merito.

Sabio, administrador e guerreiro, a individualidade do Barão de Melgaço merece bem a homenagem que Matto-Grosso assim lhe presta: todo o Brazil tem motivo para se associar gostosamente a ella.»

Pangloss.»

(D'*O Paiz* de 15 de Março de 1905.)

—

Etat de Matto-Grosso

Nous venons de recevoir O *Archivo*, revue destinée à la vulgarisation de documents géographiques et historiques sur l'Etat de Matto-Grosso, ayant pour directeurs MM. Estevão de Mendonça et Antonio Fernandes de Souza, et publiée sous les auspices de M. le colonel Antonio [illegible] de Barros, Président [illegible]t.

Ce nu[illegible]er consac[illegible]es sur M. Auguste Leverge[illegible]me anniversaire de son déc[illegible]s derniers numéros, des ser[illegible] Matto-Grosso, par cet homme [illegible]

On doit [illegible]rosso de favoriser une publica[illegible]des données sur cet Etat, encore [illegible]nnu.

Malheureusement, la langue portu[illegible]e se prête très peu á cette vulgarisation, en raison de ce qu' elle est, pour ainsi dire, inconnue en dehors du Brésil et du Portugal.

Il eut été préférable de recourir á la langue française.

O *Archivo* est fort bien imprimé et prouve que l'art typographique est avancé à Cuyabá, capitale de l'Etat de Matto-Grosso.

(Da "*L'Etoile du Sud*", de 19 de Março de 1905).

Nota: Página deteriorada com o tempo.

ANNO I

O ARCHIVO

Revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso

Publicação feita sob os auspicios do Ex.mo Senr. Coronel Antonio Paes de Barros

VOLUME IV

Cuyabá, - Agosto - 1905.

Nota: Página deteriorada com o tempo.

Duas palavras

Dedicamos a presente edição desta Revista especialmente aos grandes feitos do Exercito Brazileiro por occasião da guerra que o Brazil sustentou contra o Paraguay, os quaes foram já magistralmente descriptos na obra intitulada—RETIRADA DA LAGUNA—pela penna fulgurante do laureado escriptor brazileiro Visconde de Taunay, testemunha ocular e insuspeita de todos os incidentes, combates e heroismos da intemerata expedição chefiada pelo valoroso Coronel Camisão.

Julgamos que com a publicação destes importantes documentos, comquanto se note a falta de alguns que não foram encontrados na respectiva collecção, a verdade historica brilhará, resurgindo factos que se achavam até hoje sepultados nos arcanos do nosso patrio passado.

O Brazil inteiro sentir-se-á ufano do patriotismo, da intrepidez e da resignação sem par de seus caros filhos, cujas virtudes, civicas e moraes, foram alli postas a tão duras provas.

A nossa fragil penna não pode dizer, ainda que em breve resumo, o que foi essa heroica retirada, o que foi a resistencia da gloriosa columna operadora contra todos os elementos dissolventes que a assoberbaram, quasi a um só tempo, bordando das mais negras e horrendas côres o quadro desolador a que se viam reduzidos os martyres soldados brazileiros.

A escassez de alimentos, a horrenda epidemia, a falta de cavalhada, a fome, o fogo lançado aos campos visinhos pelo inimigo traiçoeiro, pusilanime e superior em armas e em numero, as chuvas torrenciaes, as marchas forçadas, por terrenos completamente inundados e caminhos desconhecidos, e mil outras causas afflictivas que augmentavam o soffrimento e desalentariam os mais fortes,—tudo isso foi experimentado e superado valentemente pela heroica columna expedicionaria.

Jámais combatentes alguns viram-se em identicas circumstancias, tão cheias de tantos perigos, de tantas dôres, de tantas miserias e flagellos; mas tambem combatentes alguns jámais se viram cobertos de tantos louros immarcessiveis para honrar e engrandecer a Patria.

A leitura das narrações das partes dos commandantes de corpos e do chefe da destemida phalange de denodados brazileiros deixará a convicção de que então a alma nacional sentia, em face da Patria ultrajada, os reverberos do patriotismo mais nobre e santo á causa do Brazil.

Por isso, limitando-nos a estas linhas que ahi ficam, endereçamos daqui as nossas hosannas aos poucos sobreviventes da gloriosa retirada da Laguna.

Quanto aos heroes já fallecidos, a Historia lhes renderá justiça e homenagem.

Cuyabá—1905.

Antonio Fernandes de Souza.

Guerra do Paraguay

(Retirada da Laguna)

PARTE DADA PELO COMMANDANTE INTERINO DAS FORÇAS EM OPERAÇÃO NO SUL DE MATTO-GROSSO, QUE INVADIRAM O TERRITORIO PARAGUAYO, MAJOR JOSÉ THOMAZ GONÇALVES, AO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO, DR. JOSÈ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES, EM OFFICIO DE 16 DE JUNHO DE 1867.

——

N.º 1.—Illm.º e Ex.mo Senr.—Tenho a distincta honra de dirigir a V. Ex.ª a participação dos acontecimentos que acabão de dar-se por occasião da retirada a que se vio obrigada a força operadora no Sul da Provincia de Matto-Grosso, depois de invadido o territorio Paraguayo por effeito da occupação do fórte de Bella Vista. Os soldados brazileiros, n'aquella delicada operação de guerra, luctarão com os mais estupendos obstaculos que se puderão imaginar: tocarão ao auge dos soffrimentos e a um tempo virão-se a braços com um inimigo encarniçado, com a mais horrivel epidemia que flagella a humanidade, o cholera morbus, que, n'uma proporção assustadora de victimas, n'um só dia atacou mortalmente ao Chefe da expedição, o Illm.º Senr. Coronel Carlos de Moraes Camisão e ao seu immediato, o Tenente Coronel Juvencio Manoel Cabral de Menezes. Este facto que acabrunhou por momentos a officiaes e soldados, collocou-me de subito á frente da brioza e martyr columna operadora, lançando-me sobre os hombros o mais pesado cargo que jámais tocou a um militar. Como Capitão mais antigo, major de commissão, assumi immediatamente o commando, com a responsabilidade immensa das graves circumstancias que me rodeavão.

Relatando perfunctoriamente a V. Ex.ª os factos extraordinarios que se succederão no seio d'estas forças, apresentarei o quadro, veridico sempre, ás vezes sublime, outras medonho e negro, de tudo quanto a sorte adversa poude em poucos dias suscitar contra a nossa diminuta porção de bravos.

No dia 21 de Abril entrarão as forças brazileiras, sob o mando do Coronel Camisão, no forte Paraguayo de Bella Vista, que foi desamparado pela sua guarnição á vista de nossas bandeiras: feito glorioso para as nossas armas, o qual já deve estar no conhecimento do Governo Imperial, e que encheo de justo orgulho ao chefe de nossa expedição. Desde o dia da occupação, começando-se a fazer sentir a falta de gado, mandava a prudencia que fosse effectuada uma prompta retirada sobre Nioac, que era a nossa base de operações e que algum tanto inconsideradamente fôra deixada, apenas protegida por uma pequena guarnição, visto como, mesmo a diminuta porção de 1.500 a 1.600 soldados, não permittia distrahir muitas praças por occasião de avançar contra o inimigo. Entretanto, o Coronel Camisão, tendo tido informações dos fugitivos brazileiros, os quaes, como

V. Ex.ª não ignora, se achavão entre nós desde o dia 11 de Abril, que a 3 1/2 legoas de Bella Vista, n'uma fazenda do Presidente Lopez havia grande quantidade de gado, não trepidou em avançar, dando ordem de marcha ás forças no dia 30 do mez acima citado. Como subordinados, obedecemos de bom grado á resolução de nosso Chefe, tocando-me tão sómente como commandante do corpo, o cumprir os deveres difficeis que a todos exigião aquelle passo brilhante, porém, algum tanto arrojado.

O inimigo que occultava a sua força, retirou-se como sempre, deixando-nos estrada franca até a Invernada da Laguna, onde acampamos, a 8 1/2 legoas do Rio Apa, na esperança de obter algum gado. Varias vezes forão os nossos Batalhões proteger aos campeiros, sendo sempre incommodados por partidas de Cavallarias, as quaes, sem fazerem frente a nossos soldados, impedião, comtudo, totalmente, a execução do que pretendiamos.

Foi, pois, pouco a pouco desvanecendo-se a esperança que nutria o Commandante das Forças, o qual, depois de resolver levantar acampamento, quiz, comtudo, por uma sorpreza audaz, ir bater o inimigo acampado a mais de legoa e cuja força era ainda desconhecida. Encarregados d' esta honrosa missão forão o Batalhão nº. 21 de Infantaria que eu tinha a ufania de commandar, e o brioso Corpo de Caçadores a Cavallo, que têm á sua frentre o denodado Capitão Pedro José Rufino.

Na madrugada de 6 de Maio forão os Paraguayos acordados ao som de nossas descargas, sendo incontinenti occupado o acampamento inimigo. Gloria immensa coube á nossa soldadesca! O enthusiasmo era indescriptivel! N'esta occasião, os Paraguayos desmascararão a força de que dispunhão. Mais de 700 cavalleiros carregarão por vezes a infantaria brazileira, ao passo que duas bôccas de fogo atiravão sobre ella innumeros projectis. As partes d'este combate vão juntas, e minuciosamente relatão os seus brilhantes episodios. Muitas lanças, armas, cavallos, arreios, ponchos, revierão para o nosso acampamento, pois que, havião os dous corpos recebido ordem para se retirarem, apenas os inimigos cedessem o campo.

O dia 7 passou-se sem novidade, bem que um temporal violentissimo, acompanhado de chuva torrencial, como tinhamos tido nos dias 4 e 5, fizesse suppôr dever-se esperar uma revendita da parte do inimigo.

No dia 8 de Maio, ás 7 horas da manhã, começou a força a mover-se, sendo desde logo tiroteada fortemente, por infantes emboscados em uma mattinha, os quaes, porém, cederão á bizarria do Corpo de Caçadores a Cavallo, que d'ella os expellio, apezar de cargas de Cavallaria que o obrigarão a formar circulos parciaes até a chegada de uma grande divisão do Batalhão n. 20, que com uma bôcca de fogo correo em seu auxilio. O campo da acção ficou em nosso poder. Enterrámos os mortos, forão n'elle curados os feridos, e seguio-se avante, havendo préviamente o Coronel Camisão adoptado a seguinte ordem de marcha: o Corpo de Caçadores a Cavallo, que trabalhava a pé, por falta de cavalhada, na frente, seguido por uma peça de artilharia; na retaguarda, o Batalhão n. 17 de Voluntarios

da Patria; no flanco esquerdo, o Batalhão n. 20 de Infantaria; e no direito, o Batalhão n. 21, ficando comprehendida no centro d'estes corpos toda a bagagem que marchava protegida, além d'isso, por duas fileiras de carros puxados a bois. As 4 peças de artilharia, puxadas tambem por bois, vinhão debaixo da protecção de cada um dos corpos, caminhando este pesadissimo trem com extraordinaria lentidão. Os Paraguayos extenderão então linhas de atiradores por todos os lados: frente, retaguarda e flancos, fazendo continuado fogo, ao passo que a artilharia d'elles, composta de duas bôccas de fogo, de calibres 3 e 6, muito aligeirada e puxada por cavallos, tomava rapidamente posição, procurando incessantemente offender-nos. A marcha d'esse dia, de 2 1/2 legoas, effectuou-se sempre ao som da artilharia e fuzilaria, conservando, comtudo, a força brazileira a attitude a mais firme possivel, cabendo á nossa artilharia, pelas eminencias que occupou, e d'onde varias vezes fulminou o inimigo, o mais importante papel n'essa jornada gloriosa.

V. Ex.ª conhece perfeitamente os perigos de uma retirada diante de uma cavallaria ousada, quando a infantaria não tem para oppôr aos repetidos ataques d'ella, alguns esquadrões resolutos. A força moral que o soldado perde, por effeito de um movimento retrogrado, tem de ser substituida pela coragem continua e esforços incessantes. Mil e tresentos combatentes a pé, não podião desprezar setecentos homens perfeitamente montados e que dispunhão da artilharia extremamente movel. Por isso o dia 8 de Maio deve ser considerado um brilhante feito de armas: por isso só, se por ventura fosse esse feito o unico na historia da força operadora em Matto-Grosso, merecerião os seus officiaes e soldados a attenção benevola do paiz.

O dia 9 raiou com o troar do canhão e da fuzilaria de uma extensa linha de atiradores inimigos; entretanto, as posições que tomou a nossa artilharia e as perdas que experimentarão os contrarios com os nossos tiros, fizerão com que a entrada no forte de Bella-Vista fosse-nos facil, e os Paraguayos não procurassem nos detêr os passos.

O dia 10 foi de descanço, effectuando-se a 11, pela manhã, a passagem do Rio Apa, com a qual gastou a força mais de 4 horas, pela quantidade de animaes e carros que passarão de uma margem a outra. A's 9 horas começou a marcha na ordem adoptada anteriormente, caminhando-se perto de tres quartos de legoa sem avistarem se inimigos.

Entretanto, os terrenos prestavão-se perfeitamente aos movimento da cavallaria, por serem ligeiramente ondulados e abertos em todos os sentidos. Observou-se, por isso, o maior cuidado, prevendo qualquer tentativa em que fosse ainda experimentado o valor brazileiro. Na realidade, ás 11 horas do dia foi repentinamente atacada a linha de atiradores do Batalhão n. 17 de Voluntarios, que marchava na frente, por infantaria inimiga, á qual se seguio uma furioza carga de cavallaria, que veio esbarrar contra aquelle Batalhão, abrindo-se em duas alas, as quaes desfilarão a todo galope de um lado e de outro de nossa força, procurando penetrar na bagagem. O fogo que soffreo então o inimigo foi terrivel. Cada Batalhão formou

quadrado com rapidez espantosa, indo muitos cavalleiros morrer espetados nas pontas das bayonetas do intrepido Batalhão n. 21. A artilharia, mettendo em bateria com extrema velocidade, fez fogo mortifero de granadas sobre a cavallaria Paraguaya, que deixou o campo alastrado de mortos e feridos. A perda do inimigo não foi inferior a 70 homens: a nossa foi de 19 mortos e 29 feridos no numero dos quaes contão-se os Tenentes do Batalhão n. 17, Joaquim Mathias de Assumpção Palestino, que falleceu dous dias depois, e Raymundo Fernandes Monteiro, que portou-se com muita intrepidez. Ainda essa vez, como sempre, o campo ficou em nosso poder, dando-se sepultura aos mortos e recolhendo-se os feridos.

Um soldado Paraguayo, ferido, declarou que o Commandante da força inimiga era o Major Martinho Urbieta e que o reforço esperado por este e pedido, depois de conhecidos os movimentos da força brazileira, havia chegado, devendo-se reunir com brevidade, outro que já se achava a caminho.

Uma circumstancia veio, porém, entristecer os espiritos depois de acabada a animação d'aquelle glorioso combate. O gado que era trazido encostado ao flanco direito da força, havia desembestado com o estrondo das descargas, assim como, os poucos cavallos que servião para tangel-o. Erão os recursos de bôcca que repentinamente escasseavão por modo desanimador, deixando a nossos soldados a perspectiva de 25 legoas de marcha, com o inimigo sempre na frente, e sem esperanças de renovação de boiada.

Este facto importantissimo influiu poderosamente para que o Coronel Camisão tomasse então uma resolução, que veio para o futuro crear novos e terriveis obstaculos a facil retirada das forças.

Achava-se como guia, entre nós, o excellente pratico, José Francisco Lopez, o qual, de ha muito conhecedor dos terrenos do Apa e suas visinhanças, apresentou a possibilidade de conduzir a força, por lugares retirados da estrada, com 6 dias de marcha, á fazenda do Jardim que lhe pertencia e a qual dista de Nioac 9 legoas.

As vantagens d'este desvio erão: em primeiro lugar, o encurtamento de viagem, pois que, elle promettia levar a força em 8 dias a Nioac e ainda abrir uma estrada de recursos, completamente desconhecida dos Paraguayos, e onde poder-se-hia apanhar o gado que fosse encontrado n'aquelles terrenos, e que, segundo afiançava o mesmo pratico, era abundante. Além d'isso, arredava-se o inimigo do caminho de Nioac, onde sabia o Coronel acharem-se muitos carros de mantimentos que vinhão ao nosso encontro, obrigando os inimigos a nos acompanharem por lugares que elles mal conhecião.

Tomarão, pois, as forças nova direcção, abrindo os pés de nossos soldados uma estrada, por terrenos nunca d'antes trilhados. As razões apresentadas acima, são as ponderações justificativas d'aquelle passo; entretanto, outras lhe erão bem contrarias e os acontecimentos futuros demonstrão á toda a evidencia que houve erro fatal na escolha d'aquella direcção. Perderão com ella os nossos soldados bôa parte da força moral, abandonando a estrada para irem trilhar lugares cobertos de matto, ou campos não bem conhecidos; e os inimigos devião ter-se regozijado d'aquella determinação, que suberão aproveitar com habilidade.

O Coronel Camisão foi sempre guiado pelo desejo ardente em

poupar fadigas e incommodos ao soldado e n'aquelle passo houve tão sómente confiança desmedida em promessas que não se verificarão e que um conjuncto de circumstancias muito especiaes tornou irrealisaveis.

A marcha, pois, tomou novo rumo, cortando o pratico directamente a N. para ganhar o ponto denominado Jardim, 5 legoas adiante da colonia de Miranda e 9 legoas distante de Nioac. O primeiro dia foi de marcha por cerrados, ficando assim inutilisados os meios de acção da Cavallaria e Artilharia inimigas, o que nos poupava o augmento de gravame de bagagem, consideração que pesou tambem no animo do Coronel Commandante. Entretanto, com difficuldade caminhava a nossa força, vencendo, apesar de andar o dia inteiro, muito pequena distancia no bom rumo. No dia seguinte passarão-se as cousas do mesmo modo, indo a força acampar, depois de rodeiar muitas cabeceiras do corrego de José Carlos, n'uma mattinha que foi logo cercada pela cavallaria inimiga, a qual nos acompanhára de longe. Conquistou-se a aguada a tiros, e a força passou a noute em alarma. No dia 13 cahio uma chuva torrencial que impossibilitou a marcha, tornando os terrenos que deviamos atravessar quasi intransitaveis e fazendo soffrer a nossa soldadesca extremamente pela falta de fardamento. N'esse pouso decidio o Commandante das Forças a reducção da bagagem, o que foi executado pelos Officiaes com a maior bôa vontade e espontaneidade. Os seus animaes de carga passarão a servir no transporte de cartuxame, e todos abandonarão as poucas commodidades, de que ainda gosavão, em consideração do bem geral.

A 14 recomeçou a marcha que em breve tornou-se penosissima pelo estado dos terrenos e pelo novo meio de guerra que adoptarão desde então os Paraguayos para impedir-nos a continuação da viagem. Lançavão fogo aos campos, os quaes, resicados pelo sol ardente de dias de trovoada, ardião com intensidade extraordinaria, cercando-nos por todos os lados de calor abrasador e fumaça asphyxiante. O vento Norte, que soprava constantemente n'esse mez, ainda mais critica tornava a posição da nossa força.

Protegidos pela fumaça vinhão então os inimigos tiroteiar-nos vivamente, respondendo os nossos soldados com grande tenacidade e constancia. No pouso esta scena repetio-se, recebendo a força em massa, durante muitas horas, um chuveiro de balas partido por detrás de densos rôlos de fumo. No dia subsequente os inimigos procurarão deter-nos fazendo fogo vivo, encobertos por accidentes de terreno, em quanto passava a nossa pesada bagagem um difficultoso banhado.

A resposta de nossa parte trouxe-lhes, entretanto, a convicção de que nunca poderião fazer-nos frente, pois que as pontarias certeiras de nossos soldados se succedião, ao passo que as d'elles erão todas incertas e os tiros precipitados.

Continuarão, pois, o systema de guerra desleal que havião adoptado, detendo-nos pelas queimas dos campos, durante muitas horas em que era impossivel a marcha

Os transes porque passarão as forças começarão a ser horriveis.

A boiada dos carros era de a muito, morta para sustento das praças e regulada de modo que já muito soffrião ellas da falta na alimen-

tação. Officiaes e soldados enfraquecidos assim, erão, comtudo, obrigados á extrema vigilancia na guarda dos acampamentos, aos trabalhos em construir pontes e fazer rampas nos ribeirões e corregos, que encontravamos engrossados pelas continuas chuvas. A inclemencia do tempo era desanimadora. Marchavão os nossos soldados ora em pantanaes, ora em campos que o fogo devorava n'uma larga extensão. No dia 18 houve novo tiroteio, retirando-se o inimigo apenas começou a trabalhar a artilharia que elle respeitava extremamente.

N'esse dia começarão a apparecer com mais frequencia os casos de uma molestia que os dous distinctos facultativos da força duvidarão por dias, apezar de seus symptomas irrecusaveis, em qualificar, e que em breve tornou-se um flagello medonho, capaz de causar a desorganisação dos mais bem constituidos exercitos. Era o cholera-morbus que fazia a sua apparição, grassando repentinamente nas fileiras de nossos soldados reduzidos á susceptibilidade morbida depois de soffrimentos extraordinarios.

As causas, a marcha d'esta epidemia, vão minuciosamente descriptas na parte do medico, a qual acompanhou esta exposição.

A progressão crescente da enfermidade foi assustadora. No dia 19, de continuo tiroteio, os atacados da epidemia erão já em numero extraordinario: as victimas em poucas horas perecião no meio de dôres crueis, chegando a ser summamente difficil o transporte dos doentes de pouso a pouso, apesar de marchas, muitas vezes, de menos de meia legoa.

A 20 o fogo inimigo durou desde a manhã até ás 4 horas da tarde, respondido rigorosamente pelos nossos que então luctavão com o cholera, com a fome e com o excesso de cansaço proveniente do serviço da guerra aggravado pela necessidade em carregarem os seus companheiros, visto como, a boiada dos carros que se ia carneando, obrigava a queimar aquelle meio de conducção. Nessas penosas contingencias marchou a força debaixo de chuvas repetidas durante os dias 21, 22, 23, 24 e 25 em que chegou ao corrego da Prata á 3 1/2 legoas do Jardim. Então o numero de enfermos era tal que litteralmente metade da força era empregada em carregal-os, pois que, cada padiola occupava oito homens em sua conducção. O descontentamento e fadiga da soldadesca erão evidentes. Os sãos, depois de poucas marchas, cahião exhaustos pelo cansaço, aos golpes da molestia; e o estado geral reclamava uma prompta solução.

O Coronel Camisão tomou então uma medida de que dependia a salvação do resto da força, medida cuja execução foi horrorosa, e custou-nos momentos angustiosos e crueis.

A 26 ficarão abandonados 76 moribundos, os quaes, apenas moveo-se a força, forão degollados pelos Paraguayos que seguião-nos sempre em certa distancia.

Scena medonha que fica indelevelmente marcada no espirito d'aquelles que ouvirão os gritos dos miseros cholericos!

Quadro horroroso que a sorte adversa nos proporcionou, na mais extraordinaria collisão!

Nesse dia caminhou a força de um só folego 3 1/2 legoas, levando ainda muitos enfermos nos armões e carros da artilharia. Sobre

elles ião já deitados o Commandante das Forças e o seu immediato, atacados do cholera-morbus, indo fallecer ambos no mesmo dia (29) no acampamento junto á margem esquerda do Rio Miranda. Na vespera havião tambem perecido do mesmo mal, o pratico José Francisco Lopez e seu filho, os unicos que poderião levar as forças ao ponto em que encontrava-se estrada batida. A divina Providencia permittio que aquella coincidencia fatal se dèsse no dia em que muitos dos nossos soldados de cavallaria pisarão terrenos que lhes erão conhecidos.

No dia 29 assumi, pois, o commando interino das Forças, havendo préviamente reunido os diversos commandantes de corpos, os quaes concordarão em dar-me aquelle lugar que me tocava por direito de antiguidade, havendo então dado parte de doente o Tenente Coronel de Commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão, por ser no Exercito de patente inferior á minha.

Desde então tomei as mais energicas providencias sobre os meios de passagem do Rio Miranda que se achava muito cheio, affogando-se por occasião da transposição 2 praças e o Senr. Capitão Antonio Dionizio do Souto Gondim, arrebatados pela muita correnteza das aguas. Procurei desde logo impedir o desanimo que lavrava e sobre tudo contêr o espirito de desobediencia que de dia em dia se pronunciava mais claramente.

O soldado brazileiro é felizmente facil em sugeitar-se e subordinar-se. Alguns actos de vigôr vierão calar no espirito de todos, produzindo excellente resultado. Além d'isso, a molestia reinante apresentou melhoras, permittindo alento que foi logo por mim aproveitado a bem da disciplina.

A causa d'aquella modificação hygienica foi a quantidade extrema de limões e laranjas que a nossa soldadesca encontrou no pomar da Fazenda do Jardim, como o especifica a parte dos medicos.

Os dias 30, 31 de Maio e 1 de Junho forão todos empregados na passagem do rio, que conservou-se sempre cheio, dando apenas pessimo e perigoso váo. Com difficuldade passarão as nossas 4 peças e armões, havendo sido queimados os carros monchegos, forja e galera, para dar carne ás praças como havião decidido os commandantes de corpos em reunião, do que existe acta, cuja copia tenho a honra de remetter a V. Ex.ª. Esforcei-me em trazer as quatro boccas de fogo e consegui-o com grande satisfação. Assim, pois, no dia 1º de Junho achavão-se as Forças do lado direito do rio Miranda, com 9 legoas diante de si em bôa estrada para chegarem a Nioac. Os Paraguayos havião effectuado a passagem antes de nós e já se achavão em nossa frente.

Comprehendi a necessidade urgente de marchas rapidas sobre Nioac, por cuja sorte muito temia, apezar de saber que o official commandante d'aquelle ponto, á frente de mais de cem homens, tinha instrucções muito severas corroboradas por um bilhete que o Coronel Camisão a 24 de Maio dirigira ao Senr. Coronel Francisco Augusto de Lima e Silva, Chefe da Repartição Fiscal, e que ficára em Nioac para formar e promover o deposito de viveres, ordenando a este que se retirasse para lugar seguro, com objectos da Fazenda Nacional, ficando o Official obrigado a resistir aos inimigos n'aquelle ponto embuscado na matta.

Dei, por isso, ás 6 horas da tarde ordem de marcha ás Forças, caminhando a noute inteira e chegando ás 3 horas do dia 2 no Canindé, a 3 legoas de Nioac.

Esta marcha forçada effectuou-se maravilhosamente, apesar da chuva copiosissima que cahio durante todo o trajecto, levando então cada corpo os seos doentes.

No Canindé achei signaes da passagem dos Paraguayos: Carros queimados existião no caminho, estando o chão coberto de farinha e arroz.

A soldadesca comeo, emfim, apanhando tudo que foi encontrando, depois de 22 dias de cruel fome, durante os quaes a ração de simples carne era tão diminuta, que repartião-se 4 a 8 rezes em lugar das 21, que habitualmente ião para o córte!

Do Canindé segui incontinenti para Nioac encontrando pelo caminho restos de carros queimados e mantimentos atirados. A 1 legoa de distancia virão ás forças as casas de palha do acampamento ardendo, entrando ás 2 horas da tarde naquelle lugar de desolação e tristeza, visitado poucas horas antes pelo inimigo, que, achando-o completamente abandonado pela guarnição, havia lançado fogo ao deposito de viveres, retirando-se com o nosso approximar.

A posição de Nioac era excellente para a defeza. Com poucos homens na matta do Orumbéva, confluente d'aquelle rio, com os viveres de que dispunha o deposito, poder-se-hia apresentar longa e heroica resistencia.

Os Paraguayos que chegarão a Nioac forão em muito pequeno numero, e só entrarão na povoação, quando verificarão que ella se achava deserta.

E', pois, inqualificavel o procedimento do commandante do destacamento de Nioac, o Capitão Martinho José Ribeiro, o qual desprezando as suas instrucções, que o obrigavão a defender a todo o transe o ponto que commandava e a nova e expressa ordem do seu Chefe, abandonou covardemente o seu lugar de honra.

Por este procedimento perdeo a Fazenda Nacional grande porção de viveres destinada a estas Forças, algum fardamento de praças e outros objectos que uma duzia de Paraguayos encontrou em abandono na casa que servia de deposito.

O Senr. Coronel Francisco Augusto de Lima e Silva, fez, como tinha ordem, recolher a lugar seguro o cartuxame, a caixa Militar, papeis Officiaes, alguns generos, etc; recahindo, pois, tão sómente sobre o commandante de Nioac, fraco e pusilanime a responsabilidade de seu acto, pelo que mando desde já sugeital-o a conselho de investigação e posteriormente ao de guerra.

Ainda em Nioac esperava-nos nova calamidade. No chão do deposito havia ficado, espalhada, muita polvora que não podêra ser transportada. Apezar das mais energicas e reiteradas recommendações, a imprudencia de um soldado provocou uma formidavel explosão que queimou 13 praças, das quaes 6 fallecerão poucos dias depois, apesar dos cuidados que fiz observar na conducção d'elles.

Com a retirada do Capitão Martinho José Ribeiro, era impossivel a estada em Nioac, reduzido a cinzas.

No dia seguinte ordenei tomar-se a direcção ao ponto onde se

achava o Sr. Coronel Lima e Silva fazendo desde então muito regulares marchas de 2 1]2 e 3 legoas por dia, sendo nós acompanhados por uma pequena partida inimiga de observação, a qual retirou-se quando nos approximamos do Rio Aquidauana.

Fallar a V. Ex.ª do comportamento da força, seria inutil.

Basta a simples narração que acabo de fazer a V. Ex.ª e achar-me eu hoje ainda rodeado de algumas centenas de tão nobres militares, para que o maior brilhantismo toque a gloriosa força operadora em Matto-Grosso.

Refiro-me completemente ás conscienciosas partes dos Senrs. Commandantes de Corpos sobre a bizarria de seus officiaes e soldados.

No estado-maior do finado Coronel Camisão vi sempre portarem-se no exercicio de suas funcções, com muita bravura e sangue frio, os valentes Senrs. Capitão B.el Antonio Florencio Pereira do Lago, Assistente do Ajudante General, o 1.º Tenente B.el José Eduardo Barbosa Assistente do Quartel Mestre General; Tenente B.el Catão Augusto dos Santos Rôxo e 2.º Tenente B.el Alfredo de Eseragnolle Taunay, distinctos officiaes que nos combates transmittião sempre as ordens do Commandante das Forças com muita calma e intelligencia, patenteando sangue frio digno de especial reparo, além de se occuparem nos trabalhos de sua especialidade como Engenheiros, coadjuvados pelo brioso, denodado e activissimo Major Fiscal do Batalhão n.º 17 de Voluntarios da Patria, José Maria Borges.

O Secretario, Alferes de commissão Amaro Francisco de Moura, offerecendo-se desde o dia 8 de Maio para ir servir na Artilharia, ahi prestou muito bons serviços, portando-se com bravura, como se vê pela parte do Commandante do Corpo Provisorio de Artilharia. Merecem tambem os meus elogios o Major Pagador, Candido Pires de Vasconcellos, que, acompanhando a força, mostrou muita calma; o Tenente de commissão Antonio Bento Monteiro Tourinho, o Capitão de Guarda Nacional Caetano da Silva Albuquerque, os encarregados da tropa de cartuxame, Alferes Manoel Climaco dos Santos e Souza, o qual desenvolveo sempre muita actividade e Alferes Sabino Fernandes de Souza, e de Guarda Nacional João Pacheco de Almeida, pelo bem que se portou.

Cada Commandante de corpo houve-se nos innumeros encontros com o inimigo, por modo acima de elogio. O Senr. Capitão Pedro José Rufino distinguio-se pela intrepidez e ousadia de seus movimentos, o Senr. Tenente Coronel de Commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão, Commandante do Batalhão n.º 17 de Voluntarios da Patria pela reflexão e coragem; o Senr. Capitão Joaquim Ferreira de Paiva, do Batalhão n.º 20, pela tranquillidade e sangue frio que reflectio-se por vezes sobre o seu Batalhão, e Sr. Major de Commissão B.el João Thomaz de Cantuaria pela sua placidez, energia e tenacidade em dirigir fogo certeiro e constante com as quatro boccas de fogo do Corpo de Artilharia que commandava.

Durante os combates achei-me á frente do Batalhão nº. 21 de infantaria, e com orgulho affianço a V. Ex.ª que em muitas occasiões a attitude que assumio aquelle Batalhão chamou as vistas de toda força.

As partes que junto passo ás mãos de V. Ex.ª especificão os

nomes dos Officiaes que mais coadjuvarão aquelles Commandantes, merecendo d'elles menção honrosa.

Os dous medicos junto a esta columna, portarão-se sempre com a caridade e dedicação que a sciencia recommenda, e que as leis militares d'elles exigem.

Os dignos e intelligentes 1.os Cirurgiões D.rs Candido Manoel de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira curavão aos feridos nos campos de acção, desenvolvendo por occasião do apparecimento do cholera actividade incansavel, sempre solicitos pelo estado do soldado enfermo, apezar de luctarem com a falta absoluta de medicamentos.

O unico Capellão que se achava junto a esta força, o Alferes da Repartição Ecclezíastica Antonio Augusto do Carmo, estava gosando de um mez de licença nos Morros quando marchou-se para Bella-Vista.

Acabada ella vinha a reunir-se a nós, quando em caminho foi feito prisioneiro por uma ronda inimiga, não se achando ao certo o destino que teve aquelle infeliz sacerdote.

Eis, Exm. Snr., a narração succinta de tudo quanto occorreo ás forças em operações no Sul da Provincia de Matto-Grosso, desde os primeiros dias do mez de Maio até a data presente.

Deus Guarde a V. Exc.—Quartel do Commando interino das forças em operação no Sul da Provincia de Matto-Grosso.—Acampamento junto á margem esquerda do Rio Aquidauana, 16 de Junho de 1867.

Illm.º e Exm. Snr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães—Presidente da Provincia.

José Thomaz Gonçalves, Major de Commissão Commandante interino das forças.

—

PARTE DO TENENTE CORONEL ANTONIO ENÉAS GUSTAVO GALVÃO, COMMANDANTE DO BATALHÃO 17 DE VOLUNTARIOS DA PATRIA.

N.º 17.—Quartel do Commando das forças em operações ao sul da provincia de Matto-Grosso na Colonia de Miranda, 14 de Abril de 1867.

Illm.º e Ex.mo Senr.—Tenho a honra de passar por copia ás mãos de V. Ex.ª a parte inclusa dada pelo Tenente Coronel de Commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão, ao chegar da exploração que foi executar daqui a cinco legoas e meia o batalhão de que elle é commandante.

Deos Guarde a V. Ex.ª—Illm.º e Exm.º Senr. Albano de Souza Osorio, Vice-Presidente desta provincia, *Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

COPIA.—Quartel do Commando do Batalhão 17 de Voluntarios da Patria. Acampamento na Colonia de Miranda, 12 de Abril de 1867.—Illm.º e Exm.º Senr.—Dando cumprimento á ordem de V. Ex.ª, afim de com o Batalhão de meu commando fazer um reconhecimento do inimigo pelas immediações do logar denominado--Retiro,

marchei deste acampamento ás onze e meia horas do dia 10 do corrente, acampando ás seis da tarde na bocaina do referido logar. Levantando acampamento ao romper do dia seguinte, cheguei ao Retiro ás 10 horas e mandei fazer um reconhecimento pelo caminho novo aberto pelos Paraguayos, com a vanguarda reforçada pelos Indios, e em quanto esse reconhecimento se fazia conservei-me com o Batalhão em observação no referido ponto, onde se bifurcavão as duas estradas. Meia hora depois, recebendo communicação de que o caminho novo que se suppunha existir não era mais que um desvio para o antigo que o hia encontrar na distancia de uma e meia legua marchei para esse logar onde recebi communicação da vanguarda de terem encontrado ali duas casas e avistado cinco soldados de Cavallaria, armados de lança e que se dirigião para ellas, os quaos avistando a força, um retirou-se a todo galope, e os mais a passo, então apressando a marcha do Batalhão, colloquei-me n'este ponto e tomei as providencias que exigia a topographia do logar. Meia hora depois observou-se que um cavalleiro, pelo flanco esquerdo explorava a nossa retaguarda, que se achava apoiada no corrego que passa por de traz das mencionadas casas, onde me conservei, mandando distribuir á força grande quantidade de abobaras, mandiocas e ananas. A's cinco horas da tarde recebi communicação de que outro cavalleiro explorava o nosso flanco direito. A's seis passei revista ao Batalhão, e não me considerando seguro neste lugar, por achar-me em uma campanha raza, tendo apenas de distancia em distancia pequenos capões de matto, e achando-me a menos de legua do Apa, dei ordem para a retirada o que effectuou-se ás sete da noite com todas as cautellas precisas, visto que reconhecia a facilidade de nos ser ella cortada e ter de atravessar em quadro grandes espaços, accrescendo ter-se findado o fornecimento de viveres, e acampei a huma hora da noite no lugar denominado Morro do Bemfica. Hoje ás 5 1/2 da manhã puz-me em marcha para este acampamento, e durante ella foi o Batalhão seguido no flanco esquerdo por trez meios esquadrões da cavallaria inimiga, á vista da extrema retaguarda, sendo esta tambem observada por seis praças de cavallaria, e toda esta força acompanhou o Batalhão até 1/4 de legoa antes d'este acampamento, conforme as communicações que tive do Capitão Delfino Rodrigues de Almeida Pires Flôres e do Alferes Commandante d'ella. Hé o que me cumpre participar a V. Ex., assegurando que a nossa força é bem observada por frequentes patrulhas de cavallaria, existindo no retiro indios de hum acampamento de que não posso precizar o numero, sendo de crêr que as duas casas a que acima me refiro constituem quartel de um esquadrão de cavallaria pela cavalherice contigua ás mesmas casas. Não posso deixar de manifestar a V. Ex. a actividade e zelo pelo serviço que apresentou o Capitão da Guarda Nacional a que me refiro, Delfino Rodrigues de Almeida Pires Flôres, addido ao Batalhão n. 21 de Infantaria de Linha que voluntariamente se offereceu para marchar com o Batalhão de meo commando. E' um official bastante intelligente, pratico no serviço de frente, e quasi que posso affiançar á V. Ex. que valente pelo desafio que em pessoa dirigio á patrulha paraguaya, na occasião em que os nossos soldados a pé pela falta de animaes, corrião afim de vêr se os cercavão. Deos Guarde á V. Ex. Illm.º Exm.º Senr. Coronel Carlos de

Moraes Camisão, Commandante em Chefe d'estas forças em operações.—*Antonio Enéas Gustavo Galvão.*—Tenente-Coronel em Commissão Commandante.

Conforme.—O Alferes *Amaro Francisco de Moura*, Secretario Militar.

—

PARTE DO CAPITÃO PEDRO JOSÉ RUFINO, COMMANDANTE DO 1.º CORPO DE CAÇADORES A CAVALLO.

COPIA—Illm.º e Ex. Senr. Tendo por ordem de V. Ex. seguido na madrugada de hontem, com o corpo de meu interino commando, que se acha a pé por falta de cavalhada, e o Batalhão de Infanteria n.º21, commandado pelo brioso Major José Thomaz Gonçalves, para bater os inimigos alojados distante do nosso acampamento pouco mais ou menos, digo, pouco mais de uma legoa e tendo assim cumprido, passo a dar a V. Ex. conta de todo o occorrido. Depois de uma marcha de duas legoas por caminhos e pantanaes difficultozos, feita pelo flanco esquerdo do acampamento inimigo, com o intuito de surprehendel-o cheguei ao clarear do dia nas immediações d' aquelle ponto. Antes de reconhecer sua posição uma força de cavallaria tentou contra a retaguarda do corpo, pelo que immediatamente mandei mudar de posição por conversão de meios esquadrões, e avançar todo corpo seguindo na frente o primeiro meio esquadrão em linha de atiradores, conseguindo-se depois de uma hora de vivo fogo dispersar o inimigo e empedi-lo de tomar qualquer posição, deixando no campo seis cadaveres. Logo depois segui a marche-marche á reunir-me ao Batalhão n.º21 que avançava sobre a artilharia assentada em uma eminencia e contra a infantaria emboscada n'uma matta proxima.

Consegui ainda destroçar os inimigos completamente, ficando no campo cerca de vinte tantos cadaveres Paraguayos. O inimigo vendo que os dous corpos avançarão com arrogancia, franqueou abandonando sua posição, e tratou logo de reunir suas bagagens, cavalhada, gado, etc, longe do alcance das armas de nossos valentes soldados, deixando em poder do corpo seis cavallos tomados em combate, além de muitos objectos que deixo em seu acampamento. De cento sessenta e seis bravos que combaterão com tanta intrepidez durante trez horas consecutivas, não tenho a lamentar perda nem ferimento algum, ao passo que o inimigo teve fóra de combate trinta e tantos homens entre mortos e feridos, só por parte do corpo que tenho a honra de commandar. Todos os officiaes, que entrarão em combate portarão-se com denodo, e entre elles são dignos de menção especial o capitão Mandante Antonio Dias dos Santos, por dirigir sempre com coragem a ala esquerda. O Alferes Ajudante Manoel Rodrigues Bemfica, por concorrer para rapida collocação da linhas de atiradores, O Alferes Qualtel Mestre, servindo de Secretario, Domingos Marques Lopes Fogaça, sendo o commandante do primniro esquadrão, foi o primeiro que avançou com elle em linha de atiradores e sustentou o fogo durante uma hora,

conseguindo dispersar a força que tentava cortar a retaguarda do Corpo, e o capitão de Voluntarios da Patria Francisco Manoel da Costa Pereira, por haver salvado com o quarto meio esquadrão trinta Indigenas que acompanharão-me.

Nó retirar, por ter concluido a missão de que fui incumbido por V. Ex., a cavallaria inimiga em diversos grupos tentou ainda atacar o meu Corpo, sendo logo repellida e derrotada. Meia legoa antes do nosso acampamento encontrei-me com V. Ex. á frente de duas boccas de fogo guarnecidas pelo Batalhão de Voluntarios da Patria nº. 17, que vinha proteger nossa retirada. Por esta occasião cabe-me a honra de felicitar a V. Exª.—Illm.º e Exm.º Sr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, Muito Digno Commandante das Forças.

Acampamento Volante do 1º. Corpo de caçadores a cavallo, na Laguna, Republica do Paraguay, 1 de Maio de 1867. *Pedro José Rufino*, Capitão Commandante interino.

Está conforme.

2º Tenᵗᵉ. Bᵉˡ. *Alfredo d'. Escragnolle Taunay*, Secretario Militar.

— —

PARTES DO COMMANDANTE INTERINO DO BATALHÃO 21 DE INFANTARIA, MAJOR DE COMMISSÃO JOSÉ THOMAZ GONÇALVES.

COPIA.—Illmº. Exmº. Snr.—Tendo as forças marchado ás seis horas pouco mais ou menos da manhã, com destino a Bella Vista, foi logo ao sahir atacado o Corpo de caçadores a cavallo, que fazia a vanguarda, pelo inimigo de infantaria que se achava acobertado em um matto, e marchando logo o Batalhão de Infantaria n. 20, commandado pelo distincto Capitão Joaquim Ferreira de Paiva e uma bocca de fogo, commandada pelo destemido Major de Commissão João Thomaz de Cantuaria, fizerão o inimigo retirar-se marchando então toda a Força na melhor ordem possivel, seguindo o dito Corpo de caçadores na frente, o Batalhão 20 na esquerda, o Batalhão 21 que muito me honra em commandar, na direita, o Batalhão 17 de Voluntarios da Patria na retaguarda, e toda a bagagem no centro.—Nesta ordem marchamos até ás 10 horas mais ou menos, sempre trabalhando nossos atiradores da frente, flanco e retaguarda, quando a essa hora o inimigo principiou fazendo-nos fogo de Artilharia, que promptamente foi correspondido pela nossa, durando este fogo até ás 6 horas da tarde, alternadamente e com pequenos intervallos, acampando a essa hora a Força junto ao corrego do Apami, ficando a nossa linha de vedetas em frente a do inimigo.—Tenho a informar a V. Ex. que todos os officiaes e praças deste Batalhão mostrarão, como sempre, muito valor e coragem: julgo, pois, de meu dever apresentar especialmente a V. Ex. os nomes dos officiaes abaixo declarados: Alferes de commissão Bento Thomaz Gonçalves,

que commandou a linha de flanqueadores da direita, pela energia e actividade que desenvolveu nesse serviço, prohibindo a approximação do inimigo por esse lado e fazendo-lhes fogo sempre que elles se apresentavão ao seo alcance; dito João Luiz do Prado Mineiro, que designei para substituir na marcha o meu distincto Ajudante, Alferes Manoel Ignacio Pinheiro da Guerra, cujo animal cançava, portou-se com muito sangue frio e valor transmittindo as minhas ordens com a maior presteza e actividade, e o Alferes Clementino Pereira Passos Calvacanti, que não pertencendo ao Batalhão, apresentou-se para commandar um pelotão, que dirigio perfeitamente.—Finalmente e com expecialidade tenho a apresentar a V. Ex. o nome do muito distincto e valente 1.º Tenente de Artilharia Napoleão Augusto Muniz Freire que commandou a bocca de fogo protegida pelo meo Batalhão: o qual é superior a qualquer elogio, portando-se sempre com muita calma e sangue frio, e fazendo logo que se apresentava occasião, tiros sobre o inimigo com as mais certeiras pontarias, não tendo o Batalhão de meo commando soffrido o menor prejuizo.—Deos Guarde a V. Ex. Acampamento do Batalhão n. 21 de Infantaria no Arroio Apa-mi, na Republica do Paraguay, oito de Maio de mil oito centos sessenta e sete. Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Coronel Carlos de Moraes Camisão, Commandante das Forças em operações.—*José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante interino.

Está conforme—2.º Tenente B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay*, Secretario Militar.

COPIA—Acampamento do Batalhão n. 21 d'Infantaria, nas Forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso, em marcha, 12 de Maio de 1867.—Illm.º e Exm.º Senr.—Tendo sido encarregado por V. Ex. na marcha do dia 11 do corrente, á sahida de Bella Vista, de fazer com o Batalhão de meo commando a retaguarda das Forças, afim de cobril-a e protegel-a, cumpre-me o dever de levar ao conhecimento de V. Ex. as occurrencias dadas n'aquella marcha com o mesmo Batalhão, assim como, com a secção de Artilharia, commandada pelo 1.º Tenente Napoleão Augusto Muniz Freire, que marchou unida e protegida pelo Batalhão.—Logo que se terminou a passagem da Força e da sua bagagem e que pôz-se ella em marcha, occupei o logar que me competia, collocando na minha frente a secção de Artilharia e estendendo na retaguarda uma linha de atiradores.

Effectuou-se a marcha sem novidade até o momento em que forão os nossos atiradores de frente atacados pela infantaria inimiga que se achava emboscada. Logo que ouvi o tiroteio na frente e que vi apparecer a força de cavallaria inimiga que carregou sobre os nossos atiradores e sobre o Batalhão da vanguarda, formei quadrado com o Batalhão e esperei os movimentos do inimigo, persuadido de que era intenção sua carregar sobre a nossa Força, procurando penetrar na bagagem, como parecião indicar os seus movimentos para a frente, approximando-se de nós. Essa cavallaria, porém, logo que reconheceu a infinidade de tiros com que era recebida e a galhardia com que era esperada pelas nossas bayonetas, tendo soffri-

do já grandes perdas, assim como na sua infantaria, resolveo dar volta, fazendo a sua retirada pelo nosso flanco direito, o que effectuou logo destacando apenas de sua força um grupo de trinta a quarenta cavalleiros, desfilarão pelo nosso flanco esquerdo, com o intuito de irem dispersar a nossa boiada de córte, a qual vinha marchando no flanco direito da Força, porém, com o estrondo dos tiros, tinha-se espantado e se achava um pouco na retaguarda. O inimigo pagou, porèm, bem caro o seo arrojo e, se obteve o resultado de nos dispersar e carregar o gado, foi á custa do sacrificio da vida de maior parte d'aquelles que vierão para tal fim. — O inimigo que não esperava talvez pela disposição de formatura em que encontrou a nossa Força foi horrivelmente dizimado ao desfilar pelo nosso flanco esquerdo, recebendo, além dos fogos do Batalhão que guardava esse flanco, os das duas faces da esquerda e da retaguarda do quadrado do meo Batalhão, junto ao qual deixou estendidos para cima de doze homens, e baleados uns poucos cavallos. O bravo 1.º Tenente Napoleão, commandante da secção de Artilharia, logo que começou o tiroteio na frente, preparou a sua peça e assestando-a para o lado direito, pelo qual tinha desfilado o grosso da força inimiga, começou a fazer fogo com a maior actividade, continuando o seo fogo para a retaguarda, desde que aquella força ganhou essa posição, devendo ter sido os seus tiros muito nocivos á cavallaria inimiga.—Tenho o prazer de participar a V. Ex. que n'este encontro das nossas Forças com as do inimigo, não teve o Batalhão de meo commando uma só praça morta, nem ferida. Na continuação da marcha desse dia o inimigo não cessou de incommodar-nos pela retaguarda, sendo, porèm, conservado em distancia pelos tiros certeiros da linha de atiradores do Batalhão, que tanto me ufano em commandar. Tendo o Batalhão recebido ordem para fazer alto, quando começou o fogo da Artilharia inimiga, afim de ser este respondido pela secção que marchava com elle, cumpri logo essa ordem e o Primeiro Tenente Commandante da secção de Artilharia assestou logo a sua peça para a bateria inimiga, dando alguns tiros e cessando o fogo, quando tive ordem de V. Ex. para avançar, afim de reunir-me ao resto da Força. Taes forão resumidamente os episodios dados na marcha do dia 11 do corrente, data memoravel para estas Forças. Orgulho-me em declarar a V. Ex. que o comportamento dos officiaes e praças deste Batalhão foi o mais honroso possivel, distinguindo-se todos pela bravura e sangue frio que conservaram durante os momentos do perigo, mostrando assim fazer parte desse punhado de bravos, que se denomina—Expedição de Matto-Grosso, força que tem adquirido o titulo de heroica, ao qual lhe dão o mais incontestavel direito a coragem, constancia e resignação, com que tem sabido supportar os mais árduos trabalhos e os mais penozos sacrificios. Não posso, porèm, prescindir de recommendar especialmente a V. Ex. os nomes do capitão Delfino Rodrigues de Almeida e do Primeiro Tenente Napoleão Augusto Moniz Freire. O primeiro desses distinctos officiaes fez-se notar no combate pela calma e intrepidez com que commandou a sua grande divisão, portando-se com a bravura de que tem dado irrecusaveis provas e que lhe é geralmente reconhecida. Do segundo, o Primeiro Tenente Napoleão, já teve occasião de fallar n'elle

nas minhas partes dos combates anteriores; calma e certeza nas pontarias, energia e sangue frio no trabalho, são qualidades que distinguem este briozo official de Artilharia.—Termino esta congratulando-me com V. Ex. pelo brilhante successo do dia 11 do corrente, e pela gloria e brilho de que ahi se cobriram as armas brazileiras, representadas pela pequena força que V. Ex. tem a felicidade de commandar.—Deos Guarde a V. Ex.—Illm.º e Exm.º Senr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, D. Commandante das Forças.

José Thomaz Gonçalves.—Major de Commissão Commandante interino.

Está conforme—2.º Tenente B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay*, Secretario Militar.

PARTE DO COMMANDANTE DO BATALHÃO 17 DE VOLUNTARIOS DA PATRIA, TENENTE-CORONEL ANTONIO ENÉAS GUSTAVO GALVÃO.

COPIA.—Numero vinte e oito.—Quartel do commando do Batalhão 17 de Voluntarios da Patria, Acampamento no Forte de Bella Vista, Republica do Paraguay, nove de Maio de 1867.—Illmº. Ex. Senr.—Cumprindo-me dar conta minuciosa do comportamento e parte que tomarão no combate do dia oito do corrente, o Batalhão dezesete de Voluntarios, de meu commando, e as duas boccas de fôgo que estavam á minha disposição, na occasião em que estas forças regressavam para este Forte, cabe-me a honra de faze-lo pela maneira seguinte.—A's sete horas d'aquelle dia na occazião da marcha, recebi ordem de Vossa Excellencia para com o meo Batalhão e duas boccas de fôgo commandadas pelo digno Tenente de Artilharia João Baptista Marques da Cruz, proteger a retirada das forças; principiando estas a marcha, ouvi logo tiroteio na frente, distinguindo na minha retaguarda uma grande massa de cavallaria, em distancia maior ao alcance das armas de infanteria, não podendo as duas bôccas de fôgo dispersal-as pela falta de uma posição.—Assim marchamos ouvindo sempre os tiroteios na frente d'estas forças, e distinguindo diversas massas de cavallaria manobrarem sobre á minha retaguarda, dando indicios de quererem carregar; até que chegando a uma eminencia que dominava a posição inimiga, o distincto primeiro Tenente Cruz, pondo as duas boccas de fôgo em posição, principiou com as suas bem calculadas pontarias a cauzar-lhes estragos, obrigando-as a dividirem-se em uma grande quantidade de pequenos esquadrões.—Em seguida continuamos a nossa marcha, e poucos momentos depois vendo que o Batalhão podia ser carregado pela proximidade dos inimigos, causando, talvez na nossa bagagem algum estrago, mandei communicar isto a Vossa Excellencia, dando incontinenti o signal da approximação da cavallaria. Formei o meo quadrado, pondo a abrigo as duas boccas de fôgo; e reconhecendo o inimigo as disposições tomadas, principiou a manobrar pelo meo flanco esquerdo.—Chegando, porém, as nossas forças a uma eminencia, e tendo descambado, fiquei só com o Batalhão de meo commando e uma bocca de fôgo, visto ter a outra ido para a frente, luctando

com as difficuldades do caminho, que além de ser máu, peor ficou com a passagem de nossa pezada bagagem. —O inimigo, aproveitando-se desta occasião, principiou a fazer, de muito perto, um vivissimo fôgo de Artilharia, e julgando ser mais prudente fazer calar esta bateria para poder subir a eminencia, durante a qual podia cauzar-me sérios estragos, assentamos uma bocca de fôgo; porém, tendo-se desarranjado uma das viaturas, principiei, apesar das difficuldades, a subir a eminencia debaixo sempre de vivissimo fogo de Artilharia. Nesta occasião, reconhecendo Vossa Excellencia a má posição em que me achava, apresentou-se em pessoa, activando a minha subida, e pelo risco mesmo que Vossa Excellencia corria pela quantidade de balas que cruzavão á nossa passagem, apparecendo já na retaguarda massas de cavallaria para nos carregar, poderia avaliar os momentos amargos que passei, não podendo Vossa Excellencia, naquella occasião, dar-me protecção, visto que os dous corpos mais proximos que formavam as faces do grande quadrado, no centro do qual se achava a nossa immensa bagagem, corriam risco de serem dispersados pela cavallaria. —Chegando á eminencia assestei as duas bôccas de fogo, porém, o inimigo tirando a illação de que o Batalhão se achava ao abrigo de um pequeno capão, junto á dita bôcca de fogo, começou a fazer tiros para este, ferindo mortalmente o soldado Sebastião d'Araujo Lima e ficando contuso o primeiro sargento Antonio Maria dos Passos. —Reconhecendo a necessidade de sustentar-me, até que na frente a nossa artilharia nos protegesse a retirada, conservei-me, por algum tempo, e logo que foi estabelecida a nossa nova bateria, o inimigo principiou a fazer fogo para ella, não deixando, comtudo, d'incommodar-nos. Chegando ao logar onde estava a nossa bateria, a substitui, recebendo ordem de Vossa Excellencia para permanecer ali emquanto se fizesse uma pequena ponte sobre o corrego que se tinha de atravessar, atráz da matta, na qual nossas forças tinhão de acampar. Nesta occasião apresentou-se o muito digno Major commandante do corpo de Artilharia João Thomaz de Cantuaria, com mais duas boccas de fôgo, sustentando fogo com a bateria inimiga, até quasi ao escurecer, momento em que, calando-se aquella, comecei a fazer a minha retirada. Faltam-me expressões para relatar a Vossa Excellencia os serviços prestados pelo muito digno e valente Primeiro Tenente Marques da Cruz pelas prestezas de suas pontarias, contribuindo para que os tiros da bateria inimiga fossem incertos, dispersando os Esquadrões de Cavallaria. Incorreria tambem em uma grande falta se não mencionasse o nome do muito distincto e corajoso Major Cantuaria, pelo seo sangue frio e tenacidade, permanecendo ali talvez hora e meia afim de fazer calar a bateria inimiga, tendo esta feito alguns tiros de granada, porém, que pelo pouco alcance não offenderam ao Batalhão. Tambem se achava presente á testa de uma bocca de fogo o Segundo Tenente Cesario d'Almeida Nobre de Gusmão, que pelo sangue frio e boas pontarias muito concorreo para incommodar o inimigo. Honra, pois, a esses nossos Artilheiros que muito me ufano em ter tido por companheiros na distincta Escola Militar, e nessa jornada gloriosa na qual o inimigo teve grandes prejuizos, como foi observado. —Acanho-me todas as vezes que tenho de fallar a favor do Batalhão de meu commando; porém, omittir os seos serviços e os nomes de offi-

ciaes distinctos, seria uma falta de attenção, que longe de ser modestia, só concorreria para abater os animos, visto como as recompensas honorificas são as unicas a que o militar aspira.—A nossa marcha vagarosa pela pezada bagagem, impropria do serviço de campanha, com a multidão de animaes inteiramente estropiados, tendo-se de atravessar grandes planicies, onde a cavallaria, apoiada por suas baterias a cavallo podia carregar a qualquer momento, foi feita em dez horas, percorrendo-se duas pequenas leguas; durante todo esse trajecto colloquei uma linha de atiradores de oitenta praças, tiroteando sempre com a linha de Cavallaria inimiga, que nos picava a retaguarda, em cujas linhas muitas vezes vi cavalleiros cahirem, retirando-se muitos por feridos.

Muito se distinguiram o Tenente Raymundo Fernandes Monteiro Junior, substituido depois pelo Tenente Raphael Thobias de Souza Vasconcellos, Alferes Affonso Augusto da Silva Pêgo, primeiro sargento Antonio Maria dos Passos, segundo dito Raphael Archanjo da Fonseca, e Espingardeiro Manoel Polycarpo das Dôres, e bem assim, o Alferes Ajudante Joaquim Candido de Vasconcellos que com risco de vida muitas vezes percorreo a linha afim de transmittir-lhe minhas ordens.— Emquanto aos mais officiaes do Batalhão, deixo de fallar n'elles porque Vossa Excellencia mesmo, nas occasiões arduas tem lançado mão d'elles e lhes dado um logar de honra; Vossa Excellencia, pois, far-lhes-ha justiça igual á confiança que o Batalhão merece nas forças.— Peço a Vossa Excellencia para que se digne obter do Governo Imperial uma recompensa para o soldado d'este Batalhão Nicoláo Firmiano de Lemos, que, fazendo parte da bagagem, e vendo a cavallaria inimiga carregar a linha de atiradores do nosso corpo de caçadores a cavallo, muito se distinguio.

São dignos de todos os elogios por terem-se tambem muito distinguido pela coadjuvação que prestarão nesta occasião os Alferes Quartel Mestre Justiniano Augusto Cesario Moreira, e Agente da Enfermaria, Manoel Joaquim Rodrigues de Oliveira, e soldados bagageiros Severiano Evangelista, Agostinho de Araujo, Martiniano Rodrigues da Silva, Adriano Ferreira e José Antonio de Paula.—Dou, portanto, a Vossa Excellencia os meos parabens pelo bonito feito de armas d'esta força, trazendo na sua retaguarda uma força de cavallaria superior a mil praças, com alguma infantaria e baterias a cavallo, não canhindo no laço que o inimigo estava armando para attrahir estas forças ao interior da Republica.— Deos Guarde a Vossa Excellencia. Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Coronel Carlos de Moraes Camisão, Commandante em Chefe destas forças em operações. *Antonio Enéas Gustavão Galvão.* Tenente Coronel em commissão Commandante.

Está conforme.

2º Tenᵗᵉ. Bᵈᵉ *Alfredo d' Escragnolle Taunay.*

Secretario Militar.

PARTE DO MAJOR JOSÉ THOMAZ GONÇALVES, COMMANDANTE INTERINO DO BATALHÃO 21 DE INFANTARIA.

COPIA. — Illm°. e Exmo. Senr.

A's 6 horas da manhã de hoje, marchando a força, iam seguindo na vangurda o batalhão n° 17 de Voluntarios, na esquerda o Corpo de Caçadores a cavallo, na direita o batalhão n° 20 de infantaria e na retaguarda e batalhão 21 de meo Commando.

A principio a marcha se effectuou sem a maior novidade, encarregando-se a linha dr atiradores da vanguarda de fazer com que o inimigo que se achava estendido na nossa frente se fosse retirando, deixando livre a passagem para a força. O inimigo que tinha sua artilharia, como sempre, na nossa retaguarda, pouco depois de sahirmos do acampamento, fez alguns tiros sobre a força, os quaes vierão cahir junto do meo batalhão, não havendo, felizmente, perda alguma e não respondendo a nossa artilharia a esses tiros em razão de estar o inimigo encoberto na baixada, atraz do corrego: não tendo o inimigo depois disso dado mais tiro algum de artilharia, vindo, porém, como sempre, estendido pela frente, flanco a retaguarda da força, soffrendo fogo de nossa artr^a., de nosso flanqueadores, sempre que se apresentava ensejo favoravel. A marcha continuou até o fim sem maior novidade, graças ao auxilio efficaz da nossa artr^a. que protegeo toda a marcha, collocando-se nas eminencias, protegida pelos batalhões de infantaria n°s. 20 e 21 e só as abandonando quando o grosso da força e toda bagagem se achavam fóra do alcance do fogo inimigo.—Os officiaes e praças do meo batalhão portaram-se com a mesma coragem e valor que têm mostrado nos dias antecedentes, mostrando muita actividade o Alferes de Commissão Joaquim Bonifacio Ferreira da Silva que commandou a linha de atiradores da retaguarda, continuando na marcha de hoje, unida e protegida pelo meo batalhão a bocca de fogo commandada pelo distincto 1° Tenente Napoleão Augusto Muniz Freire.— Deos Guarde a V. Ex. A campamento do batalhão n° 21 de infantaria, na Bella Vista, Republica do Paraguay, 9 de Maio de 1867.

Illm° e Ex. Snr Coronel Carlos de Moraes Camisão, Commandante das Forças em operações. —*José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante interino. Está conforme, 2° Ten^e. B^el. *Alfredo d'Escragnolle Taunay.*

Secretario Militar.

—

PARTE DO MAJOR DE COMMISSÃO JOÃO THOMAZ DE CANTUARIA, COMMANDANTE DO CORPO PROVISORIO DE ARTILHARIA.

COPIA. — Illm° Ex. Senr. Tenho a honra de passar ás mãos V. Ex. a narração dos factos dados no Corpo de meo commando, na marcha do dia 8 do corrente, do acampamento do corrego da Invernada da atê o Apa-mi, onde pousamos. Entre as 6 e 7 horas da ma-

nhã, o Corpo de Caçadores a Cavallo que devia fazer a vanguarda de nossa força na marcha transpoz logo o corrego que ficava á retaguarda do nosso acampamento e apenas ganhava distancia para dar lugar a bagagem, foi recebido pela infantaria inimiga que se achava de embuscada na matta.

O commandante, Pedro José Rufino, carrega sobre ella e persegue-a, separando-se cada vez mais da força que ainda não havia transposto o corrego; entretanto, o inimigo, aproveitando-se da occasião, lança sua ligeira cavallaria sobre os nossos soldados que no numero de 100 mais ou menos resistiam com heroismo, ajudados pelos nossos camaradas que, abandonando a bagagem dos officiaes, correram corajosos em auxilio de seus companheiros.—Foi, então, que recebi ordem de V. Ex. para seguir com uma bocca de fogo protegida pelo B.m n. 20 de Infantaria ao mando do Capitão Joaquim Pereira de Paiva, que approximando-se do inimigo, estendeo uma grande divisão em linha de atiradores, emquanto eu fazia atirar sobre elles as nossas granadas que os obrigou a retirarem-se em debandada para depois reunirem-se nos nossos flancos e frente. A perda do inimigo foi superior á nossa e os nossos soldados ainda uma vez attestaram sua bravura.—Depois de cessar o fogo e ter toda força transposto o corrego, seguio-se a marcha, continuando o Corpo de Caçadores a marchar na vanguarda, sendo coberta a retaguarda pelo B.m n. 17 de Voluntarios da Patria, o flanco esquerdo pelo B.m n. 20 de Infantaria e o direito pelo 21 da mesma arma, indo eu com uma divisão junto do Batalhão 20, o 1.º Tenente João Baptista Marques da Cruz com uma secção junto do B.m 17 e o 1.º Tenente Napoleão Augusto Muniz Freire junto do B.m 21, com outra.—No meio da marcha o inimigo, aproveitando-se da occasião em que a força transpunha uma extensão de terreno baixo e alagadiço, collocou sua ligeira artilharia na nossa retaguarda, occulta em um pequeno valle, donde nos fez muitos tiros, vindo suas balas cahirem no centro da nossa bagagem. Procurei então uma posição vantajosa para a nossa artilharia e collocando uma peça sobre uma eminencia no nosso flanco esquerdo, fiz calar a bateria inimiga, protegendo assim a marcha da nossa força e bagagem. Continuando a marcha o inimigo transportou suas boccas de fogo para o nosso flanco esquerdo e fazia lançar balas e granadas na nossa força, que na margem esquerda do Apa-mi, esperava que se preparasse a ponte que nos devia dar passagem. Escolhendo ainda nova posição, fiz calar uma divisão da bateria que, fazendo vivissimo fogo sobre o inimigo, devia ter-lhe causado grande damno, parecendo-me, pelo que observei, que uma de suas peças fôra desmontada. Dirigia eu uma bocca de fogo e a outra o distincto 1.º Tenente João Baptista Marques da Cruz, que debaixo de toda calma fazia suas certeiras pontarias. Effectuada a passagem da força, fiz retirar a artilharia, o que se fez debaixo da melhor ordem possivel, protegida pelo Batalhão n. 17, do mando do Tenente Coronel de Commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão, e acampamos na margem do mesmo corrego Apa-mi, quasi ao anoitecer. A marcha deste dia foi quasi toda ella feita debaixo de fogo, sendo elle muito pouco interrompido na linha de atiradores que ia sempre afastando o inimigo. A artilharia fazia fogo sobre os esquadrões inimigos sempre que elles se apresentavam, já nos flan-

cos, já na frente e já na retaguarda, e levando a debandada ás suas fileiras, não permittia que elles se reunissem. A confiança que a força depositava na artilharia cresceu neste dia e encheu de orgulho ao commandante della. —Terminando, cumpre-me declarar á V. Ex. que todos os officiaes e praças deste Corpo portaram-se com a coragem e sangue frio que distinguem os soldados brazileiros nos combates, e julgo de meu dever apresentar a V. Ex. os nomes dos officiaes e praças que por seu comportamento se tornaram dignos de especial menção. —Os 1.os Tenentes João Baptista Marques da Cruz e Napoleão Augusto Muniz Freire, que mostrarão sempre o maior sangue frio e coragem, sustentando as posições que lhes eram indicadas. O Alferes de commissão Amaro Francisco de Moura, que sendo secretario do commando das Forças, se me veio apresentar no começo da marcha e acompanhou-me sempre, e muito me ajudou no serviço da peça que sempre dirigi, mostrando, a par de toda actividade, muita coragem; o 2.º Tenente de artilharia Cesario de Almeida Nobre de Gusmão, e 2.º Tenente de commissão Salvador Francisco Gomes da Paixão. O soldado Laurindo Francisco Ferreira, que abandonando a bagagem, correu em auxilio de seus camaradas, e emquanto derrubava com certeiro tiro um seu adversario, foi barbaramente mutilado por outros, ficando no campo com seis golpes profundos, um dos quaes lhe decepou uma mão. —Este soldado conservou sempre sua coragem e gritava—o soldado brazileiro não se rende! Recommendo ainda a V. Ex. o 2.º sargento Salvador Roiz da Silva, que distinguio-se mostrando sangue frio e coragem, o cabo Manoel Martins Pereira e o soldado Antonio Teixeira da Silva. — Deus Guarde a V. Ex. —Illm.º e Exm.º Senr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, Dig.mo Commandante das Forças. —Acampamento do Corpo Provisorio de Artilharia, no Forte da Bella-Vista, 9 de Maio de 1867. —(Assignado). —*João Thomaz de Cantuaria*, Major de Commissão Commandante.

Está conforme

2.º Ten.te B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay*.
Secretario Militar.

——

PARTE DO CAPITÃO JOAQUIM FERREIRA DE PAIVA, COMMANDANTE DO BATALHÃO N. 20 DE INFANTARIA.

COPIA. —Acampamento do Batalhão n. 20 de Infantaria, nas ruinas do Forte da Bella Vista, Republica do Paraguay, aos 10 de Maio de 1867. —Illm.º Senr. —Tenho a honra de communicar a V. Ex. as occurrencias havidas no Batalhão de meu interino commando, nos dias 8 e 9 do corrente. —Tendo-se levantado o acampamento d'estas forças do lugar denominado—Corrego da Invernada, no dia 8, pelas

sete horas da manhã, em regresso a este ponto, fazendo n'este dia o 1.º Corpo de Caçadores a cavallo a vanguarda das mesmas forças, foi elle atacado a um quarto de legoa por forças inimigas que se achavam emboscadas na matta da Laguna, em numero de seiscentos, pouco mais ou menos, das trez armas: á vista disso, ordenou V. S.ª que eu seguisse com o Batalhão de protecção á uma bocca de fogo commandada pelo Major de commissão commandante do Corpo Provisorio de Artilharia, João Thomaz de Cantuaria, afim de soccorrer o dito Corpo de Caçadores. Immediatamente parti em marcha celerada, e chegando ao campo onde estava o citado Corpo, todo em linha de atiradores, na distancia de trezentos passos, e observando que o inimigo o tinha cercado por todos os lados, fiz seguir, não obstante a ordem de V. S.ª, de eu não abandonar a bocca de fogo, uma grande divisão composta da 1.ª e 2.ª companhias commandada pelo capitão de commissão de Voluntarios da Patria, Vicente Miguel da Silva, ordenando a este que a dividisse em duas linhas de atiradores, para direita e esquerda do mencionado Corpo, o que sendo cumprido pelo dito capitão, entrou logo em fogo; e notando eu mais que o fogo cada vez mais se ia tornando renhido, tomei a deliberação de seguir com a 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª companhias, deixando de protecção á bocca de fogo a 4ª. grande divisão composta de 7.ª e 8.ª companhias sob o commando do Alferes do Exercito, capitão de commissão Pedro Nunes Baptista Ferreira Tamarindo, apoiada sobre um curral; e tomando eu a frente do predicto Corpo, formei linha e carreguei sobre o inimigo, conseguindo assim a retirada d'elle, com o que fiz alto e aguardei as ordens de V. S.ª que, momentos depois, mandou-me ordem que me retirasse com o Batalhão para o centro das forças, afim de dar-se sepulturas aos cadaveres. Uma hora depois as forças puzerão-se em marcha e o Batalhão de meo interino commando marchou no flanco esquerdo das mesmas, não só de protecção á bocca de fogo commandada pelo Major Cantuaria, como ás bagagens, fazendo eu seguir na occasião da marcha, por assim me haver ordenado V. S.ª, a 7.ª e 8.ª companhias, que formavam a 4.ª grande divisão, sob o commando do já citado capitão Tamarindo, para marchar na frente das forças em linha de atiradores, a qual assim o fez sempre de tiroteio com o inimigo até ás 6 horas da tarde em que acampamos no corrego do Apa-Mirim. Durante a marcha o inimigo nos fazia fogo de artilharia com intervallo de quarto de hora, o que obrigava as Forças a fazerem alto, e assim como os demais, o Batalhão de meo commando com a bocca de fogo tomava posição e em poucos momentos era o inimigo desalojado das suas posições em consequencia dos certeiros tiros dirigidos pelo bravo Major Cantuaria. No dia 9, pelas 6 horas da manhã, levantou-se o acampamento, e o Batalhão de meu commando marchou no flanco esquerdo com a mesma bocca de fogo de protecção ás bagagens, fazendo eu seguir na occasião da marcha, tambem por ordem de V. S.ª, 30 praças sob o commando do 2.º cadete, Alferes em commissão, Manoel da Silveira Mtró, para com igual numero de força do Batalhão 17 de Voluntarios da Patria, fazerem a vanguarda em linha de atiradores, cuja força veio até este ponto sempre em tiroteio com o inimigo. Uma hora depois da marcha recebi ordem de V. S.ª para ficar com o Batalhão e a bocca de fogo, commandada pelo Ma-

jor Cantuaria, na retaguarda das forças, afim de garantir a passagem das mesmas e bagagens, no corrego da Bella-Vista, para cuja garantia, foi necessario empregar-se alguns tiros d'artilharia; e effectuada como foi, a passagem, retirei-me com o Batalhão e prosegui na mesma ordem de marcha até o ponto em que nos achamos acampados. Fallecerão no combate do dia 8 o 2.º cadete Antonio Bueno de Azevedo e o soldado Pedro José Francisco, sendo ferido levemente o Alferes de commissão de Voluntarios da Patria Joaquim Cavalcanti da Silva Bezerra.

Os officiaes do Batalhão cumpriram com o seu dever, mostrando sangue frio e coragem, especialmente os capitães de commissão Pedro Nunes Baptista Ferreira Tamarindo, Vicente Miguel da Silva, Tenente do Exercito José de Olivera Malheiros d'Albuquerque, ditos de commissão Paulo Antonio Ferreira Lisbôa, Luiz Rodrigues de Moraes Jardim, Manoel José da Costa, Alferes tambem de commissão Luiz Antonio Gonzaga, Manoel da Silveira Miró, Joaquim Antonio de Mattos Junior. Joaquim Cavalcanti da Silveira Bezerra, Manoel Cavalcanti da Silveira Bezerra e Florencio Candido Gonzaga, os dous primeiros como commandantes da linha de atiradores, e os outros como subalternos; cumprindo mais communicar a V. S. que no combate do dia 8 apresentarão-se o capitão de commissão de Voluntarios da Patria do Batalhão nº 17, Vicente de Paula Ferreira e Alferes do Exercito e Tenente de commissão, empregado na Repartição Fiscal, Antonio Bento Monteiro Tourinho, para fazerem parte da linha de atiradores, o que foi satisfeito, portando-se ambos com bravura, especialmente o Tenente Tourinho, que não só prestava-se na linha de atiradores, como tambem dirigia-se a mim para transmittir as minhas ordens ao commandante da linha, visto que n'ella não se podia ouvir o toque de corneta em consequencia do fogo que era renhido.—Deus Guarde a V. S. Illmº Senr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, Commandante das Forças. *Joaquim Ferreira de Paiva*, Capitão commandante interino. Está conforme.

2º Tte Bel. *Alfredo d'Escragnolle Taunay*, Secretario Militar.

—

PARTE DO MAJOR DE COMMISSÃO, JOSÉ THOMAZ DE CANTUARIA, COMMANDANTE DO CORPO PROVISORIO DE ARTILHARIA

COPIA.—Acampamento do Corpo Provisorio de Artilharia, em 14 de Maio de 1867.—Illm.º e Ex.mo Senr.—Cumpre-me participar a V. Ex. as occurrencias havidas no Corpo do meo commando, no dia 11 do corrente, no ataque defronte da Bella-Vista. Transposto o rio Apa, dispoz V. Ex. a marcha, fazendo occupar a vanguarda o Batalhão n. 17 de Voluntarios da Patria. o flanco direito o Batalhão n. 20, o flanco esquerdo o Corpo de caçadores a cavallo, e finalmente, cobrio a retaguarda o Batalhão de Infantaria n. 21. Formava assim a força um grande quadrado, em cujos angulos fiz collocar as boccas de fogo, ficando eu no angulo formado pelos Batalhões 20 e 21. Em lugar o mais proprio para uma embuscada, o inimigo havia col-

locado uma forte linha de atiradores apoiados por cavallaria. Seguia a força na melhor ordem possivel, mas longe de esperar o encontro do inimigo, quando este lança os seus atiradores sobre os nossos, ao mesmo tempo que a cavallaria, corre sobre a frente e flanco esquerdos das nossas forças procurando nos envolver e estabelecer a confusão nas nossas fileiras. O inimigo é recebido pelos nossos quadrados com vivissimo fogo, e procurando desfilar pela retaguarda, recebe do Batalhão 21 ao mando do bravo Major de commissão José Thomaz Gonçalves, que sempre se conservou fóra do quadrado, activissimo fogo que fez cahir muitos inimigos. Ao mesmo tempo partem dos angulos dos nossos quadrados granadas que o inimigo tanto respeita, e os fazem fugir em debandada deixando no campo muitos mortos e feridos. Os officiaes e praças deste Corpo, ainda uma vez se portaram com bravura, e apresento a V. Ex., por se terem tornado dignos de especial menção, os 1.os Tenentes João Baptista Marques da Cruz, Napoleão Augusto Muniz Freire, 2. Tenente Ajudante Cesario de Almeida Nobre de Gusmão, Alferes de commissão Amaro Francisco de Moura e 2. Tenente de commissão Salvador Francisco Gomes da Paixão. Deos Guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Senr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, Dignissimo Commandante das Forças. — *João Thomaz de Cantuaria*, Major de Commissão.

Está conforme

2.º Tenente B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay*.
Secretario Militar.

PARTE DO MAJOR DE COMMISSÃO, JOÃO THOMAZ DE CANTUARIA, COMMANDANTE DO CORPO PROVISORIO DE ARTILHARIA.

COPIA. — Acampamento do Corpo Provisorio de Artilharia no corrego da Invernada, territorio Paraguayo, seis de Maio de mil oito centos sessenta e sete. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. — Tendo recebido ordem de V. Ex., que me foi transmittida pelo Senr. Capitão Assistente Antonio Florencio Pereira do Lago, para seguir a toda pressa com a artilharia em protecção do Batalhão numero vinte e um de Infantaria e do Corpo de Caçadores, acossados por fortes e ligeiros esquadrões inimigos e por artilharia, corri com a segunda bateria a dar prompto cumprimento á ordem de V. Ex. deixando a primeira e todo mais material ao commando do primeiro Tenente João Baptista Marques da Cruz. — A'quasi um quarto de legoa do acampamento, tomei a posição indicada por V. Ex. e dando a direcção da terceira secção ao primeiro Tenente Napoleão Augusto Muniz Freire, e a da quarta ao segundo Tenente Cesario de Almeida Nobre de Gusmão, fiz lançar sobre o inimigo as nossas granadas, que para logo pozerão em debandada seus esquadrões e fizerão calar suas baterias, que se retirarão arrastadas por vigorozos animaes. — O inimigo, abandonando suas posições, reconheceo a superioridade de nossa infantaria commandada pelos valentes Major de

commissão José Thomaz Gonçalves, e Capitão Pedro José Rufino, sobre sua cavallaria e a nullidade de sua artilharia.—A' V. Exc. que presenciou o ardor de nossos soldados, nada é preciso dizer para provar que as mais duras privações passadas em uma marcha de quasi quatro centenas de legoas não podéram abater sua coragem que se exalta sempre aos viva a Nação Brazileira, viva Sua Magestade o Imperador.—Recommendo a V. Exc. o primeiro Tenente Napoleão Augusto Muniz Freire, o segundo Tenente Cesario de Almeida Nobre de Gusmão, que muito me auxiliaram no trabalho da segunda bateria, mostrando ambos, a par de toda actividade, muito sangue frio; e o primeiro Tenente João Baptista Marques da Cruz, que manteve-se no seu posto, entregando-me depois a bateria e todo material na melhor bôa ordem.—Deos Guarde a V. Exc. Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Coronel Carlos de Moraes Camisão,—Dignissimo Commandante das Forças em operações ao Norte da Republica do Paraguay. *João Thomaz de Cantuaria*, Major de commissão commandante.

Está conforme.

2°. T.e B.el *Alfredo de Escragnolle Taunay.*

Secretario Militar.

—

PARTE DO TENENTE-CORONEL EM COMMISSÃO ANTONIO ENÉAS GUSTAVO GALVÃO, COMMANDANTE DO BATALHÃO 17 DE VOLUNTARIOS DA PATRIA

COPIA.—Numero vinte e nove.—Quartel do Commando do Batalhão 17 de Voluntarios da Patria. Acampamento no Forte de Bella Vista, Republica do Paraguay, 9 de Maio de 1867.—Illm. Exm. Sr.—Determinando-me V. Exc. para dar conta minuciosa do comportamento e parte que tomaram na marcha de hoje o Batalhão 17 de Voluntarios, de meu commando, e a bocca de fogo que por V. Exc. foi posta á minha disposição, fazendo eu a vanguarda das forças, corre-me o dever de communicar a V. Exc. que, ás seis horas da manhã, occupando o meu lugar, mandei avançar a linha de atiradores composta de setenta praças, quatro officiaes, tres inferiores e dous cornetas, sendo trinta do Batalhão vinte de Infantaria, que foram postas á minha disposição, e bem assim, um official do mesmo Batalhão, um inferior e um corneta e as restantes pertencentes a este Batalhão, cuja linha, encontrando outra de Infantaria inimiga em numero de cincoenta e apoiada por Cavallaria, começou a fazer fogo matando logo os nossos atiradores tres Paraguayos, que ficaram em direcção do caminho por onde fomos passando, continuando a nossa marcha tiroteando sempre, não só com á Infantaria inimiga, como com cavalleiros que se apresentaram, para cujo fim mandei reforçal-a, e retirando-se os atiradores inimigos ao atraves-

sarmos o corrego, que dista pouco menos de meia legua deste Forte, deu-me V. Exc. ordem para que os atiradores, reforçados pelos Indios e mais duas companhias do Batalhão vinte, accelerando a marcha, fossem se approximando do Forte, occupando as melhores posições, ou occupando-o no caso de não haver resistencia, e assim proseguiremos a nossa marcha até este acampamento.—O tiroteio do inimigo, que durou talvez mais de hora, foi renhido, como V. Exc. mesmo em pessoa observou; a linha inimiga muito soffreu, como sou informado, ficando muitos Paraguayos mortos, levando elles os feridos e os mortos que podiam, á cavallo.—O pequeno numero de mortos que temos tido nestas forças, creio que é devido ao pouco alcance das armas inimigas, e fico pasmo de ter a Cavallaria só, carregado por uma vez ao nosso pequeno Corpo de caçadores a cavallo, e este mesmo disseminado no serviço de atiradores.—Hé tambem de meu dever levar ao conhecimento de V. Exc. que muito se distinguiram no renhido fogo de atiradores o Tenente Raymundo Fernandes Monteiro Junior e Alferes João José da Luz, Rufino Simões de Miranda e Affonso Augusto da Silva Pêgo, e bem assim, os primeiros Sargentos Antonio Eulogio Vaz e segundo dito João Ferreira da Costa, todos deste Batalhão, bem como, o Alferes do Batalhão vinte de Infantaria, Manoel da Silveira Miró.—Emquanto ao Batalhão, conservou-se sempre em bôa ordem e com firmeza, e da mesma maneira toda a guarnição da bocca de fogo, a qual no principio da marcha foi commandada pelo primeiro Tenente João Baptista Marques da Cruz, e do meio para o fim pelo segundo Tenente Cesario de Almeida Nobre de Gusmão, por ter aquelle official ficado com uma bocca de fogo occupando uma posição. Deos Guarde a Vossa Excellencia.—Illm. Exm. Sr. Coronel Carlos de Moraes Camisão—Commandante em Chefe destas forças.—*Antonio Enèas Gustavo Galvão*, Tenente-Coronel em commissão Commandante.

Está conforme.

2.º Tenente B.º *Alfredo d'Escragnolle Taunay*.

PARTE DO CAPITÃO PEDRO JOSÈ RUFINO, COMMANDANTE INTERINO DO 1.º CORPO DE CAÇADORES A CAVALLO

COPIA. — Illm.º e Exm. Senr. — Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Exc. a occurrencia havida na manhã do dia 8 do corrente entre o Corpo de meu interino commando e as forças Paraguayas. Ao levantar o acampamento, tive ordem de V. Exc. para o meu Corpo marchar na vanguarda das Forças, e logo no começo da marcha a cavallaria e infantaria inimigas, emboscadas em dois capões de matto, fronteiros ao nosso acampamento, principiaram a descarregar suas armas sobre o Corpo; pelo que, incontinenti fiz avançar o Corpo, que se achava em dous esquadrões, o primeiro pelo

flanco direito e o segundo pelo esquerdo, conseguindo, meia hora depois de vivo fogo, afastar toda força inimiga para um curral e casa proxima, em que se entrincheirou, e depois para o campo, onde o inimigo tornou-se bem ousado, combatendo a ferro frio. Comquanto estivessem os bravos officiaes e praças bastante cançados, por combaterem a pé, todavia avançaram com denodo sobre quinhentos a seiscentos Paraguayos, até que estes foram derrotados e desalojados de suas posições, retirando em completa debandada para uma matta distante do lugar do combate um quarto de legoa. Pouco depois chegou uma grande divisão do Batalhão de Infantaria n. 20 sob o mando do Capitão de Voluntarios da Patria Vicente Miguel da Silva, protegendo uma bocca de fogo que V. Exc. mandára a meu auxilio, e em seguida o mencionado Batalhão 20, commandado pelo brioso Capitão Joaquim Ferreira de Paiva. Durante o dia o inimigo procurou interromper com guerrilhas a nossa marcha, sendo, porém, baldado seu intento, e sempre batido e desalojado de suas posições.

O Corpo, em numero de cento e cincoenta praças, inferior em força á do inimigo, combateu duas e meia horas de vivo fogo sem interrupção e em tiroteio até ás seis da tarde, hora em que acamparam as nossas forças; sómente tenho a lamentar a perda de nove praças e o ferimento de quatro, inclusive o Capitão Mandante, cujos nomes constam das relações juntas, ao passo que o inimigo deixou no campo quarenta e cinco cadaveres, e em nosso poder diversos armamentos e munições. Os officiaes e praças combateram sempre com verdadeira coragem, sendo entre elles dignos de menção especial o Capitão Mandante Antonio Dias dos Santos, que achando-se á frente da ala esquerda, só a deixou depois de ferido: o Alferes Ajudante Manoel Rodrigues Bemfica, por executar com presteza a transmissão de minhas ordens; o valente Alferes Quartel mestre, servindo de Secretario, Domingos Marques Lopes Fogaça, sendo o commandante do 2.º meio esquadrão, sustentou com elle reconhecida coragem á carga que sobre aquelle meio esquadrão fizera a cavallaria inimiga, sem que perdesse praça alguma; o Capitão de Voluntarios da Patria Francisco Manoel da Costa Pereira, ainda uma vez deu prova de sua intrepidez no intervallo entre o Corpo e a cavallaria inimiga; o Alferes Antonio José Dias Coelho, sustentou com o 3.º meio esquadrão o fogo, mostrando coragem; o Alferes de commissão Elias Leite d'Alexandria, Porta Estandarte, com elle em punho, fez fogo com denodo e sangue frio na linha do primeiro esquadrão, sendo o mesmo Estandarte estragado por duas balas inimigas; o Alferes de commissão Manoel José Rodrigues, servindo de Quartel mestre, achando-se com bagagem do Corpo, reuniu-se a seus companheiros e tomou parte no combate; os Alferes de commissão Firmino Gorges, José Maria, Anselmo Tavares e Ayres Emydio Dias, sendo supras dos meios esquadrões, portaram-se com coragem; o Capitão do Batalhão de Voluntarios da Patria n. 17, Vicente de Paula Ferreira e os Alferes Serafim Augusto Moreira, Manoel Joaquim de Oliveira, e do 7.º Batalhão de Voluntarios da Patria, digo, da Guarda Nacional João Pacheco d'Almeida, que se me apresentaram, combateram na fileira do Corpo, com coragem e sangue frio; o Capitão de commissão Pedro Nunes Baptista Ferreira Tamarindo, Tenente José de Oliveira Calheiros de

Albuquerque, e os Alferes de commissão Joaquim Cavalcanti da Silveira Bezerra e Florencio Candido Gonzaga, todos do Batalhão de Infantaria n. 20, que se me apresentaram ao meio dia por ordem de V. Exc. e fizeram parte da linha de atiradores, cumpriram com seu dever mostrando sempre muita intrepidez.—Tambem são dignos de menção as seguintes praças: 1.º Sargento Paulo Nunes de Siqueira, Cabos Joaquim dos Passos, Manoel Antonio de Oliveira e Francisco Jorge, Soldados Sebastião Thomé Pinto e o Voluntario da Patria João Monteiro Malafaia, portaram-se entre seus companheiros com distincção e muita coragem, fazendo sempre estrago na força inimiga, accrescendo que o cabo Joaquim dos Passos, além de se distinguir, foi circulado por tres Paraguayos, combateu com todos, deixando dous mortos e um ferido.—Por esta occasião ainda cabe-me o prazer de felicitar a V. Exc. por tão brilhante feito de nossas armas.—Deos Guarde a V. Exc.—Acampamento volante do 1.º Corpo de Caçadores a Cavallo, no Retiro da Invernada, Republica do Paraguay, 9 de Maio de 1867.—Illm. e Exm. Senr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, Muito Digno Commandante das Forças.

Assignado.—*Pedro José Rufino*, Capitão Commandante interino.

Está conforme.

2.º Ten.e B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay*.

Secretario Militar.

—

PARTE DO CAPITÃO PEDRO JOSÉ RUFINO COMMANDANTE INTERINO DO 1º CORPO DE CAÇADORES A CAVALLO

COPIA. Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.—Tenho a honra de participar a Vossa Excellencia as occurrencias que tiveram lugar por occasião do ataque do dia onze do corrente, no começo de nossa marcha, logo aquem do Rio Apa. Pelas nove a dez horas da manhã a cavallaria e infantaria inimigas carregaram repentinamente sobre a linha de atiradores do Batalhão de Voluntarios da Patria numero dezesete, e envolvendo-se com a mesma, vieram contra o mesmo Batalhão, que servia de vanguarda das nossas forças nessa occasião; e recebendo do mencionado Batalhão grandes descargas, dividio o inimigo sua força em dous grupos e carregou sobre os outros Corpos que os receberam com toda a galhardia, pondo a força Paraguaya em debandada. Por essa occasião todos os officiaes e praças de meu interino commando, portaram-se com a costumada bravura, mostrando muita intrepidez e coragem o Alferes de commissão Daniel Benicio de Toledo. O segundo Tenente de Artilharia Cesario de Almeida Nobre de Gusmão, commandante de uma bocca de fogo que guarnecia o corpo pelo flanco esquerdo, fez diversos tiros certeiros, dispersando e estragando o inimigo que collocou-se, depois do

combate, em diversos grupos fóra do alcance de fuzil; porém-se sempre com muita bravura e sangue frio o mencionado segundo Tenente. Sendo este combate mais um brilhante feito de nossas armas, cabe-me o dever de felicitar a V. Exc., mais uma vez.—Deos Guarde a V. Exc.—Acampamento em marcha do 1º. Corpo de Caçadores a Cavallo, a quem do Rio Apa, 12 de Maio de 1867.—Ill.mo e Exm. Senr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, Dig. Comm. das Forças.

(Assignado) *Pedro José Rufino*, Capitão comm. intr.º

Está conforme.

2º Ten. Bel. *Alfredo d'Escragnolle Taunay.*

Secretario Militar.

PARTES DO TENENTE CORONEL EM COMMISSÃO, ANTONIO ENÉAS GUSTAVO GALVÃO, COMMANDANTE DO BATALHÃO N. 17 DE VOLUNTARIOS DA PATRIA

COPIA.—Numero vinte e nove. Quartel do Commando do Batalhão numero dezesete do Voluntarios da Patria, acampamento na Cabeceira do Corrego do José Carlos, doze de Maio de mil oitocentos sessenta e sete.—Illm°. e Exm. Senr.—Tendo hoje recebido ordem de V. Exc. para com o Batalhão 17 de Voluntarios da Patria de meu commando e uma bocca de fogo proteger a retirada destas forças na occasião em que transpunha o Apa em direcção a Nioac, cumpre-me participar que a meia legua mais ou menos encontrei uma linha de atiradores de Infantaria inimiga de cincoenta praças, a qual em distancia conveniente principiou a tirotear cedendo sempre o terreno; repentinamente, porém, foi a nossa linha de atiradores, composta de dois Alferes e oitenta praças de pret carregada por uma força superior de Cavallaria, que se achava occulta pela depressão do terreno, não dando tempo para retirar-se, nem tão pouco formar circulo, rezultando disto um combate de arma branca entre a nossa cavallaria. Ao mesmo tempo que isso se dava, tresentas e tantas praças de Cavallaria formadas em dois esquadrões, tambem occultos pela referida depressão, carregaram ao Batalhão: felizmente, marchando eu nessa occasião em columna de grandes divisões, facil me foi formar quadrado e repellir o inimigo, que nas duas descargas que deu perdeu para cima de setenta e tantas praças, que foram contadas, nas proximidades do quadrado, havendo o Batalhão perdido um primeiro sargento, dous cabos de esquadra e quinze soldados, ficando feridos dous tenentes, um cabo de esquadra e vinte soldados, como consta da relação junta, tendo a maior parte dessas mortes e ferimentos se dado na linha de atiradores. He de justiça que não omitta os nomes dos bravos Tenentes Joaquim Mathias de Assumpção Palestino e Raymundo Fernandes Monteiro Junior, que de espada em punho heroicamente se defenderam até

conseguirem entrar no quadrado, tendo o primeiro, que era commandante da linha, sido ferido mortalmente com duas lançadas no lado posterior do pulmão esquerdo, e o segundo com sete, porém, levemente, e bem assim dos Alferes Justiniano Cesario Augusto Moreira e Fortunato de Faria Gurgel, tornando-se dessa vez ainda mais conhecido pelo seu reconhecido sangue frio. He com a maior satisfação que tambem communico a V. Exc. o bom comportamento que o Batalhão teve nesse combate, portando-se com sangue frio e bravura o Major Fiscal José Maria Borges, que perdeu um animal que montava, Alferes Ajudante Joaquim Candido de Vasconcellos, Alferes Secretario João José de Souza, Capitão João Caetano Teixeira Muzzi, Francisco de Paula Galvão, Enoch Baptista de Figueiredo, Tenentes João Baptista de Souza Vianna, Raphael Tobias de Souza Vasconcellos, Luiz Alves Pinto, Alferes Paulo Pinto Auto Rangel, Rufino Simões de Miranda, Jose Martins de Figueiredo, Joaquim Affonso dos Santos Lages, Affonso Augusto da Silva Pêgo e Joaquim José de Senna. He de meu dever igualmente não omittir o bizarro comportamento do primeiro Tenente de Artilharia João Baptista Marques da Cruz, commandante da bocca de fogo, pelas acertadas pontarias que fez ao inimigo. Deos Guarde a V. Exc.—Illm.º e Exm.º Senr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, Commandante em chefe destas forças em operações.—*Antonio Enéas Gustavo Galvão*, Tenente Coronel em commissão Commandante.

Está conforme.

2.º Ten.te B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay.*

Secretario Militar.

Quartel do Commando do Batalhão numero dezesete de Voluntarios da Patria, treze de Maio de mil oitocentos e sessenta e sete.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.—Tendo por esquecimento omittido os nomes do Tenente Camillo Candido de Salles, Alferes Oriel Augusto Ferreira Lomba, ambos do Batalhão de meo Commando, e do Alferes de Cavallaria Ligeira Antonio Bento Monteiro Tourinho que se achava no Batalhão na occasião em que este foi atacado pela Cavallaria e Infantaria Paraguaya, no dia onze do corrente mez, e não desejando prejudicar a esses officiaes que aliás se portaram com sangue frio e denodo, rogo a Vossa Excellencia para que se digne mandar addicionar este officio á minha parte do dia doze do corrente mez.—Deos Guarde a Vossa Excellencia.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Coronel Carlos de Moraes Camisão, Commandante em Chefe destas Forças em operações. Assignado.—*Antonio Enéas Gustavo Galvão*, Tenente Coronel em Commissão Commandante.

Está conforme.

2.º Ten.te B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay.*
Secretario Militar.

PARTE DO MAJOR JOSÉ THOMAZ GONÇALVES, COMMANDANTE INTERINO DO BATALHÃO 21 D'INFANTARIA

COPIA.—Illm. e Exm. Senr.—Como me foi ordenado, passo a dar parte a V. Exc. das occurrencias havidas nos tiroteios que durante muitos dias supportaram todas as forças e com especialidade do do dia quatorze em que este Batalhão mais activamente trabalhou. Nesse dia, depois de uma penosa marcha, haviam estas forças chegado a uma baixada que a presença da agua e cansaço dos bois da artilharia obrigaram a ser o nosso pouso. Entretanto, a posição de um morro a cavalleiro onde avistavamos o inimigo formado, e portanto, dominava o nosso acampamento, era a peior possivel. Os Corpos se dispuzeram na ordem em que vinham caminhando, formando quadrados apoiados sobre a bagagem, e assim preparados para qualquer ataque. O meu Batalhão achava-se na frente, ficando fronteiro ao lugar alagadiço, pelo que mandei pol-o em linha, por não receiar carga nem aggressão de cavallaria.— Poucos minutos depois da chegada, lançaram os Paraguayos fogo ao capim da collina em que se achavam, fogo que, tangido por um violento vento de N., em breve cobrio-nos de espessa fumaça, obrigando-nos a formar um aceiro para impedir a entrada das chammas na área que occupavamos. —Immediatamente rompeu violenta fuzilaria a que os nossos soldados responderam, apezar de suffocados e quasi asphyxiados. Com as abertas que as rajadas de vento de quando em quando abriam na fumaça, reconheceo o Batalhão haverem-se approximado do banhado cento e tantos infantes, os quaes, deitados no chão, faziam continuado fogo.—Aproveitando essas occasiões, procuramos offender ao inimigo, o que conseguimos, pois que, antes da terminação da fumaça, cessaram os tiros de fuzilaria. O Batalhão n. 21, nas condições desvantajosas em que se achou, portou-se como sempre, debaixo do chuveiro de balas que cahia em todos os sentidos. No dia 16 as demonstrações de quatro fortes esquadrões de cavallaria que manobravam para irem occupar uma chapadinha, apoiados por infantaria emboscada em mattas, na frente e na retaguarda de nossa força que então passava uma cabeceira de corrego muito atoladiça, deram logar a um forte tiroteio entre as nossas linhas e aquelles infantes que afinal, depois de duas horas, se retiraram, sendo os esquadrões obrigados a prompta retirada pelo fogo vigoroso de nossas quatro peças de artilharia. Apezar da fuzilaria por esse longo tempo, apenas tive um soldado ferido, pois, o inimigo fazia pessimas pontarias, occultando-se com cuidado a nossos tiros. Nos outros tiroteios de dezoito, dezenove, vinte e tres, vinte e cinco e vinte e seis do mesmo mez de Maio, o meu Batalhão correspondeo á minha confiança, distinguindo-se nelles os officiaes já mencionados em outras partes minhas e os primeiros Sargentos João Felicissimo dos Santos, Cabo d'Esquadra Francisco d'Assis Paixão e Soldado Francisco Romão Abbade. E' de meu dever communicar a V. Exc. que muitas vezes em marcha vi o Engenheiro segundo Tenente Alfredo d'Escragnolle Taunay, com o inimigo na frente, passar denodada-

mente além da linha de atiradores, estudando posições e explorando terrenos. —Deos Guarde a V. Exc.ª—Acampamento junto á margem esquerda do Rio Miranda, 28 de Maio de 1867.—Illm. e Exm. Snr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, Commandante das Forças.—*José Thomaz Gonçalves*, Major Commandante interino.

Está conforme.

2.º Tenente B.º *Alfredo d'Escragnolle Taunay*.

Secretario Militar.

PARTE DO MAJOR JOSE THOMAZ GONÇALVES, COMMANDANTE INTERINO DO BATALHÃO 21 DE INFANTARIA

COPIA.—Illm. e Exm. Snr.—Depois do 1.º toque para a marcha das Forças, tive ordem de V. Exc. para, com o Batalhão de Infantaria n. 21, de meu interino Commando, fazer a vanguarda, no que segui logo, e pouco distante do acampamento avistamos uma força inimiga, pouco mais ou menos de 60 a 80 cavalleiros, os quaes, offerecendo linha de guerrilha, retiraram-se na nossa frente, em vista da marcha que levou o Batalhão; ao passar uma pequena ponte que tem no corrego do Taquarussú, mandei fazer a vanguarda do Batalhão por uma força de dezeseis atiradores commandados pelo Alferes de commissão Symphronio dos Santos Ribas, a qual tendo passado em seguida do inimigo, que apresentou de novo uma linha de guerrilha na collina em frente do passo, fez-lhe esta uma descarga, do que resultou cahir immediatamente um, disparando o cavallo que outros foram pegar, tendo neste interim os companheiros posto o ferido na garupa; e continuando o Batalhão na marcha accelerada, ouvi o toque de alto que V. Exc. tinha mandado fazer para poder concertar-se a dita ponte, afim de passar a Artilharia; a esse toque de alto, os inimigos vendo que não temos cavallaria, tambem pararam e se puzeram a dar pasto aos cavallos, sempre em distancia em que não poderiam ser offendidos pela infantaria; logo que a Artilharia passou foram por esta feitos 3 tiros, que os disparou, e sahiram em debandada. Cumpre-me informar a V. Exc. que na occasião em que o Batalhão teve ordem de fazer a vanguarda, veio o Alferes de Infantaria, addido ao 1.º Corpo de Caçadores a Cavallo, Clementino Pereira Passos Cavalcanti, apresentar-se para marchar com o Batalhão, visto ter de marchar na retaguarda o Corpo a que pertence, mostrando muito enthusiasmo e vontade de combater. O Alferes Symphronio, commandante dos atiradores, portou-se com muita galhardia, assim como o 1.º Sargento Antonio Augusto Fernandes Adão, que fazia parte dos mesmos.—O enthusiasmo e alegria foi geral em todo o Batalhão, por ser este o dia primeiro em que avistamos em marcha o inimigo que a muito procuramos. Deos Guarde a V. Exc.—Acampamento do Batalhão n. 21 de Infantaria em marcha, 19 de Abril de 1867.—Illm. Exm. Senr. Coronel Car-

los de Moraes Camisão, Commandante das Forças em operações. —*José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante interino.

Conforme.

O Alferes *Amaro Francisco de Moura*,

Secretario Militar.

COPIA.—Illm. e Exm. Senr.—Em cumprimento á ordem recebida, tenho a honra de communicar a V. Exc. que, sahindo do Forte da Bella Vista á frente do Batalhão de Infantaria n. 21 do meu interino Commando, dirigi-me ao encalço do inimigo que se avistava no alto de uma eminencia, procurando observar a Força que se achava acampada na margem esquerda do Apa.—Ao approximar de nossos soldados, como sempre, desappareceram os cavalleiros apressadamente, deixando arreios e varios objectos pelo caminho, onde estavam bem impressos os trilhos de dois carros e carretas de artilharia, os quaes se dirigiam para a Conceição. Como sempre, o procedimento do Batalhão correspondeu á espectativa minha: os soldados supportaram com gosto o marche—marche durante longo tempo, reinando o maior enthusiasmo e alegria; apenas se suppõe que os inimigos nos queiram fazer frente, como V. Exc. tem por varias vezes presenciado. Entretanto, sem termos esta prova, que todos desejavam ardentemente, voltei depois de caminhar uma legua, chegando ás quatro horas da tarde a este acampamento.—Deos Guarde a V. Exc.—Acampamento do Batalhão de Infantaria n. 21, na Bella Vista, Republica do Paraguay, 22 de Abril de 1867.—Illm. e Exm. Senr. Carlos de Moraes Camisão, Commandante das Forças em operações.—*José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante interino.

Conforme.

O Alferes *Amaro Francisco de Moura*,

Secretario Militar.

PARTE DO TENENTE CORONEL EM COMMISSÃO ANTONIO ENÉAS GUSTAVO GALVÃO, COMMANDANTE DO BATALHÃO DEZESETE DE VOLUNTARIOS DA PATRIA

COPIA.—Numero vinte e quatro.—Quartel do Commando do Batalhão dezesete de Voluntarios da Patria, no forte de Bella-Vista, Republica do Paraguay, vinte e quatro. de Abril de mil oitocentos e sessenta e sete.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.—Ordenando-me Vossa Excellencia para fazer com o Batalhão dezesete de meu commando, um reconhecimento pelos acampamentos da For-

ça inimiga que se retirou deste Forte, e bem assim, por meios persuasivos vêr si os cavalleiros inimigos, que têm constantemente acampado e collocado suas sentinellas em frente aos postos avançados desta Força, se resolvem a entregarem-se pela impossibilidade de os aprehender pela falta absoluta de cavallaria; cumpre-me participar a Vossa Excellencia que tendo ás dez horas do dia transposto os postos avançados, fui logo encontrando vestigios de carros de artilharia, gente a pé, cavalhada e boiada, e depois de uma hora de marcha visitei um acampamento que pela bandeira e profundidade calculei ser de tresentas a quatrocentas praças, o que combina com o mappa da força existente neste forte, que foi encontrado, tendo estado em poder de Vossa Excellencia, como estou informado. Emquanto á artilharia, pelos sulcos das rodas deprehendo serem tres boccas de fogo; e tendo consultado nesta occasião sobre a cavalhada e boiada aos prisioneiros brazileiros que evadiram-se da Villa da Conceição, e que iam commigo para campearem gado, como homens praticos declararam-me ter o inimigo levado comsigo cerca de oitocentos cavallos, não podendo precisar o numero de rezes. No fim de uma legoa encontrei uma ponte sobre um ribeirão, a qual tendo sido demolida hontem, com custo deu-me passagem para a Infantaria, vendo-me forçado a mandar os animaes dos officiaes a nado, e deste ponto a meia legua encontrei uma rez carneada de fresco, fogo e um pequeno caldeirão, retirando-se nesta occasião os referidos cavalleiros, os quaes, sendo vistos a pouca distancia deste logar, mandei fazer alto o Batalhão, e esforcei-me de os chamar com a bandeira branca que Vossa Excellencia me havia dado, pórem, não annuindo elles ao meu chamado, passei a cumprir a ordem de Vossa Excellencia, fincando a bandeira no chão, e deixando ao lado della duas proclamações, uma em portuguez e outra em hespanhol, e retirando-me com o Batalhão, colloquei duas mais em sitios que, com facilidade, devem ter sido vistas. —E' o que me cumpre communicar a Vossa Excellencia. Deos Guarde a Vossa Excellencia.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Coronel Carlos de Moraes Camisão, Commandante em Chefe destas forças em operações.—*Antonio Enéas Gustavo Galvão*, Tenente Coronel em Commissão Commandante.

Conforme.

O Alferes *Amaro Francisco de Moura*.

Secretario Militar.

PARTE DO MAJOR DE COMMISSÃO JOSE THOMAZ GONÇALVES, COMMANDANTE INTERINO DO BATALHÃO N. 21 DE INFANTARIA

COPIA.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.—Recebendo ordem de V. Exc. para marchar á frente do Batalhão n. 21 que

tenho a honra de commandar, em companhia do Corpo de Caçadores a Cavallo, que trabalha a pé, e trinta Indios com o fim de atacar o inimigo, em seu acampamento, que dista deste pouco mais de uma legua, assim a cumpri. Marchando ás duas e meia horas da madrugada, cheguei ao acampamento Paraguayo ás cinco, onde os encontrei formados e promptos para o ataque. Ao approximar-me tive aviso de que vinham na nossa retaguarda dois fortes Esquadrões de Cavallaria, pelo que disse ao valente e brioso Capitão Pedro José Rufino, commandante interino do primeiro Corpo de Caçadores a Cavallo, que, fazendo frente, guardasse a retaguarda para que eu avançasse sobre o acampamento; immediatamente o dito Corpo e a quarta grande divisão do Batalhão que era commandada pelo muito digno Capitão Luiz Martins de Carvalho, que fiz rodar a esquerda, por ter outro Esquadrão se approximado por esse ponto, fizeram uma descarga que os pôz em debandada a galope, deixando no campo dois mortos. Estendendo-se esta Cavallaria pelo nosso flanco esquerdo, deixei o Corpo de Caçadores entretendo uns atiradores e avancei com o Batalhão em direcção ao acampamento, onde vi uma grande linha de Cavallaria e alguns Esquadrões formados.

Em distancia de fuzilaria, mandei formar linha e fazer fogo por pelotões, respondendo o inimigo com dois tiros de Artilharia, ao que mandei formar columna e seguir a marche-marche sobre a bateria; vendo o inimigo esta disposição, retirou-se precipitadamente, levando suas peças, puxadas a cavallo, deixando assim o seu acampamento com mais de oitenta arreios, oito cavallos e tres lanças, que trouxemos para o nosso, menos os arreios por falta de conducção. Tendo o inimigo se formado em outra coxilha, continuei a avançar com o Batalhão e estando em distancia, continuaram a nos fazer fogo de Artilharia, pelo que mandei novamente a primeira companhia, que era commandada pelo valente e distincto Alferes Manoel Climaco dos Santos Souza, que avançasse sobre a Artilharia e seguindo accelerado, recebeu esta companhia uma descarga da Infantaria inimiga que se achava emboscada em um pequeno matto á direita, á vista do que mandei o Capitão da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul Delfino Rodrigues de Almeida, que serve addido a este Batalhão, e que se achava a meo lado, que com a dita companhia fizesse frente para a direita contra o inimigo de infantaria, que se achava no matto, o que o mesmo capitão cumprio com a velocidade de um raio, não desmentindo o elevado conceito que faço deste official, experimentado já nas campanhas do Sul. Nesta occasião seguiran tambem os Indios com o primeiro Sargento Antonio Augusto Fernandes Adão, fazendo grande mortandade na infantaria que estava de emboscada. Tenho a ponderar a Vossa Excellencia que este sargento portou-se com a maior valentia possivel, pois que, ainda depois de ferido, deu um tiro tão certeiro que derrubou um lanceiro, que com a sua propria lança, um Indio o acabou de matar. Neste matto ficaram mais de vinte inimigos mortos, tendo nós tão sómente o dito Sargento e um Soldado feridos; tendo a Infantaria inimiga se retirado espavorida e em debandada pela costa do matto, a reunir-se á Força que se achava no alto de uma eminencia nos fazendo fogo de Artilharia; mandei o dito Capitão Delfino

avançar com a primeira grande divisão a tomar essa bateria, seguindo a marche-marche, e o Batalhão na retaguarda, retirou-se de novo aquella bateria e toda a Força que se achava em nossa frente para o flanco esquerdo, onde estava o Corpo de Caçadores a Cavallo que se approximou do Batalhão, continuando o inimigo a fugir do alcance de nossas carabinas, por causa do prejuizo que lhe causavamos pela superioridade de nossas armas. Vendo então a inutilidade de nossos repetidos esforços, como tinha ordem, tratei de regressar para o nosso acampamento, pois que, nunca nos esperavam os Paraguayos, fugindo sempre a nossos primeiros tiros, vindo pelas coxilhas nos fazendo fogo de Artilharia, parando só quando Vossa Excellencia á frente do Batalhão dezesete de Voluntarios da Patria e de duas boccas de fogo, commandadas pelo distincto Major João Thomaz de Cantuaria, os obrigaram a prompta retirada de todos os pontos proximos. Cumpre-me informar a Vossa Excellencia que o Batalhão vinte e um marchou com tresentos e sessenta e dous homens, o Corpo de Caçadores a Cavallo com cento e sessenta e cinco, trinta indios, e o ex-prisioneiro paisano José Francisco Lopes Junior, o qual nos servio de guia na marcha, e portou-se sempre com muita galhardia. A força que o inimigo apresentou é superior a setecentos cavalleiros e a oitenta infantes, duas boccas de fogo que pela bala mostram ser de calibre tres. Calculo que o inimigo perdeu mais de oitenta homens mortos, tendo nós só de lamentar a perda, por uma bala de Artilharia, do bravo soldado da 6.ª companhia Porfirio Gonçalves Pinheiro. Todos os officiaes e praças que assistiram este ataque, são dignos de louvor pelo enthusiasmo e coragem que apresentaram tendo a mencionar com especialidade o Capitão Mandante do Batalhão Diogo de Santa Rita Brito, que cumpriu satisfactoriamente o seu dever, com muito sangue frio e coragem; o Alferes Ajudante Manoel Ignacio Pinheiro da Guerra, que sempre esteve a meu lado e com muita presteza transmittia as minhas ordens com valor e sangue frio. São tembem dignos de menção honrosa, além dos já fallados, os seguintes: Tenentes de commissão Dionizio Pires da Motta, Eduardo Simão de Paiva e Adão da Cunha Knippel, Commandantes da segunda, terceira e sexta companhias, Alferes de commissão Bento Thomaz Gonçalves, commandante da quarta, Alferes Clementino Pereira Passos Cavalcante e Jorge Caetano de Souza Couceiros, commandantes da quinta e setima companhias; e os Alferes, secretario que servia na fileira Joaquim Gonçalves Gomide, João Luiz do Prado Mineiro, Symphronio dos Santos Ribas, Joaquim Bonifacio Ferreira da Silva e Joaquim Alves das Neves, todos de commissão, pelo bem que se portaram; e bem assim, o Particular, segundo Sargento da sexta companhia Alfredo Laurentino Martins de Oliveira; Soldados da quinta Adão da Costa Val Verde, da segunda, José Ferreira, da setima, Olegario Roque de Souza, que foram feridos. O 1.º Cirurgião Doutor Manoel de Aragão Gesteira, fez o seu dever de medico militar por modo superior ao elogio, curando os feridos com extraordinario sangue frio, debaixo de fogo e animando pelo seu exemplo aos companheiros que o cercavam. Os Indios Guaycurús e Terênas, desmentindo a opinião infundada que delles faz-se geralmente, portaram-se com muita coragem, tornando-se digno de consideração esse facto que eleva na opinião »;

aborigenas do Districto de Miranda. Avançando a peito descoberto, desalojaram o inimigo de um bosquezinho, fazendo nelle grande mortandade, seguindo sempre o exemplo que lhes dava a primeira companhia do meu Batalhão. Nas poucas horas que durou o ataque da Laguna, experimentei o meu Batalhão e achei-o na altura em que o Official deve ter o Soldado Brazileiro, sempre enthusiasta e destemido. Os inimigos receberam uma lição proveitosa, ficando possuidos da convicção de que os Soldados da Força de Matto-Grosso são dignos de hombrear-se com seus briosos irmãos do Sul.—Deos Guarde a Vossa Excellencia.—Acampamento do Batalhão numero vinte e um de Infantaria, no corrego da Invernada, na Republica do Paraguay, seis de Maio de mil oitocentos e sessenta e sete.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Coronel Carlos de Moraes Camisão, Commandante das Forças em operações.—*José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante interino.

Está conforme.

2.º Ten.te B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay*.

Secretario Militar.

PARTE DO TENENTE CORONEL EM COMMISSÃO, ANTONIO ENÉAS GUSTAVO GALVÃO, COMMANDANTE DO BATALHÃO N. 17 DE VOLUNTARIOS DA PATRIA.

COPIA. Numero trinta.—Quartel do Commando do Batalhão dezesete de Voluntarios da Patria, acampamento na Fazenda do Bom Jardim, vinte e oito de Maio de mil oitocentos e sessenta e sete.—Illm e Exm. Snr.—Como me cumpre, participo a V. Exc. que nos tiroteios dos dias quatorze, quinze, dezoito, dezenove e vinte do corrente mez, que tiveram lugar desde pela manhã até quatro horas da tarde, e nos de vinte e tres, vinte e quatro e vinte e sete, o Batalhão de meu Commando que ora fazia a vanguarda, ora a retaguarda, e algumas vezes flanqueando as forças, portou-se sempre com firmeza e coragem, causando ao inimigo bastantes prejuizos.

Prevaleço-me desta occasião para scientificar a V. Exc. que o bravo Tenente Joaquim Mathias de Assumpção Palestino, ferido mortalmente no combate do dia onze, falleceu deixando na miseria sua pobre mulher e um filhinho, pelo que rogo a V. Exc. que obtenha do Governo Imperial a sua alta protecção para a pobre familia desse official, digno de toda commiseração. E bem assim, não posso deixar em esquecimento o nome do distincto primeiro Cirurgião Doutor Manoel de Aragão Gesteira, que com a maior humanidade e ao lado sempre dos soldados feridos em numero de vinte e nove, e de setenta e seis atacados de epidemia, deu as provas mais exuberantes de sua dedicação no curativo dos mesmos.—Deos Guarde a V. Exc.—Illm. e Exm. Senr Coronel Carlos de Moraes Camisão,

Commandante em Chefe das Forças em operações. — *Antonio Enéas Gustavo Calvão*, Tenente Coronel em Commissão Commandante.

Está conforme.

2.º Ten.te B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay*.

Secretario Militar.

ACTA DA REUNIÃO DOS COMMANDANTES DE CORPOS E OS ASSISTENTES DO AJUDANTE E QUARTEL MESTRE GENERAL, JUNTO AO COMMANDO DAS FORÇAS, PARA DELIBERAREM SOBRE AS DETERMINAÇÕES A TOMAR EM VISTA DO FALLECIMENTO DO CORONEL CARLOS DE MORAES CAMISÃO E DO MELINDROSO ESTADO DE SAUDE DE SEU SUCCESSOR NO COMMANDO DAS MESMAS FORÇAS.

COPIA. — Aos vinte e nove dias do Mez de Maio do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e sessenta e sete, no acampamento das Forças em operações no Sul da Provincia de Matto-Grosso, junto á margem esquerda do Rio Miranda, havendo-se reunido os Commandantes dos diversos Corpos componentes das mesmas Forças, e os Assistentes do Ajudante e Quartel Mestre General junto ao Quartel do Commando, com o fim de deliberarem sobre as determinações a tomar em relação ás difficuldades em que se achavam as precitadas Forças em consequencia do fallecimento do Illustrissimo Senhor Carlos de Moraes Camisão e do melindroso estado de saude do seu successor no Commando das mesmas, attestado pelos dous facultativos da Junta Medica, o Illustrissimo Senhor Tenente Coronel Juvencio Manoel Cabral de Menezes, difficuldades aggravadas pela epidemia que grassa horrorosamente nas fileiras de officiaes e soldados, obrigando a muitos destes á deserção por occasião de uma retirada em extremo difficultosa pelo máo caminho que tomamos, suppondo-o mais curto e de mais recursos, resolveram os mesmos Commandantes e Assistentes que assumisse interinamente o Commando das Forças o Major de Commissão José Thomaz Gonçalves, por assim lhe competir por direito de antiguidade, havendo préviamente dado parte de doente o Illustrissimo Senhor Tenente Coronel de Commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão, o qual passou o commando do Batalhão numero dezesete de Voluntarios da Patria ao Major de Commissão José Maria Borges. Nessa occasião os mesmos Commandantes de Corpos e Assistentes, impellidos pela dura e imperiosa necessidade em lançar mão para sustento da força, dos bois que conduzem a Artilharia e mesmo com o intento em deduzir a immensa bagagem, a qual impossibilita a continuação da retirada sobre Nioac, resolveram inutilisar duas boccas de fogo, dous

armões, dous carros manchegos, uma galera e uma forja de campanha, afim de levar o pessoal cada vez mais dizimado pelo Cholera Morbus e deserções, ainda quando com prejuizo de todo o material que acompanha presentemente esta expedição.

E para constar se lavrou a presente acta, a qual vae assignada por todos os Commandantes de Corpos e dous respectivos Assistentes e por mim foi escripta e registrada.—Assignados—*Antonio Enéas Gustavo Galvão*, Tenente Coronel em Commissão, Commandante do Batalhão numero dezesete de Voluntarios. *José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão. *João Thomaz de Cantuaria*, Major de Commissão. *Pedro José Rufino*, Capitão Commandante interino do Primeiro Corpo de Caçadores a Cavallo. *Joaquim Ferreira de Paiva*, Capitão Commandante interino do Batalhão n. 20. Bacharel *Antonio Florencio Pereira do Lago*, Capitão Assistente do Ajudante General. Bacharel *José Eduardo Barboza*, 1.º Tenente de Engenheiros, Assistente do Quartel Mestre General. *Amaro Francisco de Moura*, Alferes de Commissão, Secretario Militar.

Está conforme.

2.º Tenente B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay*.

Secretario Militar.

COPIA.—Quartel do Commando interino das Forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso. Acampamento junto á margem direita do rio Miranda, na Fazenda do Bom Jardim, 1º de Junho de 1867.

ORDEM DO DIA N. 2.

Com profundo pezar notifico ás forças sob meu interino Commando o fallecimento do Illm. Snr. Tenente-Coronel Juvencio Manoel Cabral de Menezes, Chefe da commissão de Engenheiros, no dia 9 do mez proximo passado, no acampamento junto á margem esquerda do rio Miranda. Em virtude dos Avisos do Ministerio da Guerra de 1º e 7 de Novembro do anno proximo findo, os quaes dão nova organisação á Commissão de Engenheiros junto a estas forças, reduzindo-a a tres membros officiaes pertencentes ao Corpo de Engenheiros e nomeando em caso de necessidade adjuntos á mesma; determino que passe a servir como unico Engenheiro junto ás mencionadas forças o Snr. 1º Tenente d'aquelle Corpo B.el José Eduardo Barbosa, ficando os outros Snrs. Ajudantes dispensados daquella commissão, exercendo d'ora em diante o Snr. Capitão do Estado Maior de 1ª Classe B.el Antonio Florencio Pereira do Lago, unicamente as funcções de Assistente do Ajudante General. O Snr. Major de commissão B.el João Thomaz de Cantuaria, as de Commandante do Corpo Provisorio de Artilharia, assumindo o Snr. Tenente do Estado Maior de 1ª Classe Catão Augusto dos Santos Rocho, o cargo de Assistente do Quartel Mestre General, o Snr. 2.º Tenente de Artilharia B.el Alfredo d'Escragnolle Taunay,

a de Secretario deste Commando, pelo que fica dispensado do distincto lugar que preenchia cumulativamente com as funcções de Engenheiro no mencionado Corpo Provisorio de Artilharia, passando além disto o Snr. Alferes de commissão Amaro Francisco de Moura de Secretario Militar, Ajudante de Ordens deste Commando, em lugar do Snr. Tenente de commissão Joaquim Maria do Espirito Santo, o qual deverá se apresentar ao 1º Corpo de Caçadores a Cavallo, bem como, o Snr. Tenente de commissão Querino José Rodrigues que commandou a Companhia de Indios e servia como encarregado de Policia dos acampamentos. Reverte novamente a seu Corpo o Snr. Capitão Henrique Deslandes, o qual achava-se servindo como addido ao Batalhão 20 de Infantaria. Para conhecimento das forças, transcrevo nesta data a decisão do Governo Imperial, exarada em aviso de 12 de Junho de 1866, sobre o assumpto concernente á organisação e serviço interno das mesmas.

COPIA. «1ª Directoria Central. 1ª Secção. Rio de Janeiro. Ministerio da Guerra, em 12 de Junho de 1866.—Em resposta ao officio que V. S.ª me dirigio em data de 2 de Janeiro ultimo, sob n. 35, communicando haver criado uma segunda Brigada nas forças sob seu commando, declaro a V. S.ª as razões allegadas em seu dito officio não podendo justificar aquella criação por quanto foi esta fundada em bases hypotheticas, nem as forças por seu numero constituir uma divisão. Entretanto, se ás forças de seu commando se reunirem outras de Matto Grosso, conforme lhe declara o respectivo Presidente, fica V. S.ª authorisado para nessa hypothese criar a divisão composta de 2 Brigadas, devendo estas ser em todo caso Commandadas por officiaes do Exercito ou de 1ª linha de patentes superior e não por officiaes de commissão ainda que sejam do Exercito, salvo se, como officiaes do Exercito, porém, de patente superior ás outras.

Deos Guarda a V. Sª. *Angelo Muniz da Silva Ferraz*. Snr. José Antonio da Fonseca Galvão.

Conforme. O Alferes Francisco Amaro de Moura, Secretario Militar.»

O requerimento do Snr. Tenente Coronel de Commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão, informado pelo Commando destas forças em data de 11 de Junho do anno passado, teve o seguinte despacho.

COPIA. « 1ª. Diretoria Central.—1ª. Secção. Rio de Janeiro. Ministerio dos Negocios da Guerra, 23 de Novembro de 1866. Tendo o Tenente Coronel de Commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão pedido no requerimento que foi por este Commando informado em data de 11 de Julho ultimo, que se concedesse dispensa de entrar para os cofres publicos com a quantia equivalente ás legoas que deixou de vencer o seu fallecido Pay o Brigadeiro Graduado José Antonio da Fonseca Galvão para o completo de 375 legoas em razão das quaes foi-lhe abonada pelo medio ajuda de custo da cidade de Ouro Preto a de Cuyabá, e bem assim, de carga de tres bestas que o mesmo recebeu em Ouro Preto para conducção de sua bagagem, visto estar uma em poder do mesmo Tenente Coronel e terem as outras duas morrido, declaro a V.S. para seu conhecimento e devi-

dos effeitos, que não pode ser definida a 1.ª parte do dito requerimento e quanto á 2ª. que provando-se terem essas bestas morrido em serviço militar na forma do disposto no artigo 7º do decreto n. 2878 de 31 de Janeiro de 1867, não tem lugar a indemnização de sua importancia ; por esta occasião declaro a Vmcê. que denominando-se ainda o mesmo Tenente Coronel Commandante de Brigada, contra o disposto nas ordens do dia d'esta Secretaria de Estado, convém que Vmcê. lhe preste as necessarias informações a semelhante respeito.

Deos Guarde a V. S. João Lustosa da Cunha Paranaguá. Snr. José Joaquim de Carvalho.»

(Assignado)— *José Thomaz Gonçalves.*

ORDEM DO DIA DO COMMANDANTE INTERINO DAS FORÇAS EM OPERAÇÕES AO SUL DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO, MAJOR JOSÉ THOMAZ GONÇALVES.

COPIA.—Quartel do Commando interino das forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso.—Acampamento junto á margem esquerda do Rio Aquidauana, 12 de Junho de 1867.

ORDEM DO DIA N. 3.

Acha-se resolvido pelas forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso um dos mais difficeis problemas da tactica; uma retirada em ordem, sem a menor força de Cavallaria, tendo de luctar com um inimigo audaz, perfeitamente montado e de posse da melhor combinação para seus ataques: a cavallaria e a artilharia.

Acha-se concluida a mais melindrosa operação de guerra rodeiada dos mais ingentes e extraordinarios obstaculos que num conjuncto de circumstacias muito especiaes jámais accometteram a forças tão diminutas. Todos os elementos de desorganisação a um tempo procuraram nos acabrunhar: o inimigo sempre desleal em suas aggressões; o cholera morbus, ceifando os melhores soldados de nossas fileiras, arrebatando num só dia ao Chefe e ao seu immediato, a fome alquebrando as forças physicas, abatendo o moral; a inclemencia continua do tempo, a passagem por lugares nunca trilhados, formaram uma dura provança que deve, comtudo, encher de orgulho o coração daquelles que souberam arrastar tantos perigos com o rosto sereno, e acceitar tantos soffrimentos com coragem. Os erros militares que se deram nessa retirada gloriosa, vieram tão sómente elevar mais o conceito em que era tido o militar brazileiro, pois, a elles se devem o augmento de difficuldades que, entorpecendo a marcha sobre Nioac, jámais puderam, comtudo, tolher os passos de nossa briosa força. Honra a esses que venceram a tenacidade do inimigo, superaram as intemperies, resignaram-se aos golpes fataes da epidemia e, mudos na desgraça, rodeiaram sempre as suas bandeiras, emblema da honra que lhes exigiam o comprimento do de-

ver. Exhausto de fadiga, esperava o soldado achar conforto e descanço no ponto militar de Nioac. Ahi, ainda foi necessario fazer um appello á sua abnegação heroica.

O ponto fôra abandonado, e meia duzia de inimigos tão sómente entregaram ás chammas o que devêra servir de conforto á força; depois de tão espantosos esforços caminharam-se mais algumas dezenas de leguas para chegar a este lugar, onde o repouso é possivel a par da abundancia.

Nessa série de acontecimentos, dous factos se apresentam, por destacados um do outro, isolados: um é a nossa marcha retrograda, digna e nobre: outro é o abandono de Nioac, apezar de severas instrucções que constituem um responsavel, e portanto, indigitam um culpado.

Desses dous factos resultarão a recompensa e o castigo, louros e reprovação. O paiz os julgará: o Brazil os proclamará. Os combates de 6, 8, 9, 11, tiroteios de 14, 16, 18, 19, 23, 25, 26 de Maio, são paginas gloriosas que os fastos militares do Imperio registrarão com gosto. Remetto breve ao Governo Imperial as partes dos Commandantes dos Corpos, as quaes se acham no archivo da Secretaria deste Commando, e que descrevem estes dias, fazendo menção dos militares que nelles mais se distinguiram. Pouco accrescentarei.

O fallecimento do Coronel Camisão impedio a justa manifestação de nomes de officiaes que compunham o seu Estado Maior, o que passo a fazer com immenso contentamento. Vi sempre portarem-se no exercicio de suas penosas funcções os Srs. Capitão Bacharel Augusto Florencio Pereira do Lago, Assistente do Ajudante General, 1° Tenente José Eduardo Barbosa, Assistente do Quartel Mestre General, com bizarria e sangue frio dignos de menção. Os Srs. Engenheiros Tenente Bacharel Catão Augusto dos Santos Roxo e o 2° Tenente Bacharel Alfredo d'Escragnolle Taunay, nos combates transmittiam as ordens do Coronel Commandante com muita calma e intelligencia, além de se occuparem nos trabalhos de construcções de pontes e sua destruição, coadjuvados por vezes pelo denodado e activissimo Major Fiscal do Batalhão 17 de Voluntarios da Patria José Maria Borges. O Alferes de commissão, secretario então do commando, Amaro Francisco de Moura, offerecendo-se para ir servir uma bateria, ahi se portou com bravura. Cada commandante de Corpo cumpriu com o seu dever por modo acima de elogio. A intrepidez e ousadia do Capitão Pedro José Rufino, commandante do Corpo de Caçadores a Cavallo; a reflexão e coragem do Tenente Coronel de Commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão, Commandante do Batalhão n. 17 de Voluntarios da Patria; o sangue frio e bravura do Capitão Joaquim Ferreira de Paiva, commandante do Batalhão n. 20 de Infantaria; a placidez, energia e tenacidade do Major de Commissão B.el João Thomaz de Cantuaria, foram patentes ás forças, e cada uma dessas qualidades distinctas em varias occasiões, reflectiram-se sobre os respectivos Batalhões. Nos encontros com o inimigo, commandava eu o Batalhão n. 21 de Infantaria, e com orgulho consegui que em muitas occasiões a attitude que tomou aquelle Batalhão mereceu os applausos de todos. Os 1.os Cirurgiões Drs. Candido Manoel de Oliveira

Quintana e Manoel de Aragão Gesteira, muito se distinguiram nessas jornadas de gloria no curativo dos feridos, não se enfraquecendo a sua caridade e dedicação nos funereos dias do cholera-morbus. Honra a esses nobres facultativos! Merecem ainda e muito os meus elogios o Snr. Coronel Chefe de Repartição Fiscal Francisco Augusto de Lima e Silva, pela actividade, zelo e intelligencia com que cumprio a ordem do finado Coronel Commandante das Forças, pondo em lugar seguro a caixa militar e muitos objectos da Fazenda Nacional que perigaram com o possivel ataque dos Paraguayos em Nioac; o Snr. Major Candido Pires de Vasconcellos, o qual, acompanhando as forças, portou-se sempre com sangue frio não vulgar; o Snr. Capitão da Guarda Nacional Caetano da Silva Albuquerque e o Snr. Tenente de Commissão Antonio Bento Monteiro Tourinho, citado com honra na parte que delle dá o commandante do Batalhão n. 20; o encarregado da tropa de cartuxame Alferes Manoel Climaco dos Santos Souza, pela actividade que desenvolveu, assim como, o Alferes Sabino Fernandes de Souza (1); e Alferes da Guarda Nacional João Pacheco de Almeida, pelo bem que se portou. Por fim, mando sujeitar a conselho de investigação o Snr. Capitão Martinho José Ribeiro, devendo posteriormente responder a conselho de guerra, pelo abandono do posto de honra que lhe fôra confiado.

José Thomaz Gonçalves, Major de Commissão Commandante interino.

Está conforme.

2.º Tenente B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay*,

Secretario Militar.

OFFICIO DIRIGIDO AO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO, DR. JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES, PELO TENENTE CORONEL EM COMMISSÃO ANTONIO ENEAS GUSTAVO GALVÃO

Illm.º Exm.º Senr. Dr. José Vieira do Couto Magalhães. — Já deve V. Exc. pela correspondencia official estar a par da nossa retirada do Forte de Bella Vista e das occurrencias havidas durante ella; limitar-me-hei a apresentar a V. Exc. algumas considerações que me forçaram a seguir para a Côrte afim de apresentar-me ao Exm. Snr. Ministro da Guerra.

Fallecendo no dia 29 do mez proximo passado o Exm.º Senr. Coronel Camisão, Commandante destas Forças, e no mesmo dia o seu immediato o Senr. Tenente Coronel de Engenheiros Juvencio Manoel Cabral de Menezes, tinha de recahir o Commando em mim, porém, sabendo que o Major de Commissão José Thomaz Gonçal-

(1) *Progenitor de um dos Directores desta Revista.*

ves, Commandante interino do Batalhão n. 21 de Infantaria, que é Capitão de Linha, dissera que não se sujeitava ao meu commando (não obstante já ter sido meu commandado como Capitão mandante do mesmo Batalhão quando eu Commandante da 1.ª Brigada,) por ter, segundo dizia o referido Major, um Aviso do Ministerio da Guerra, em que declarava não poder eu commandar Brigada na qualidade de Tenente Coronel de Commissão, devendo em consequencia recahir n'elle o mencionado commando, e não desejando que em circumstancias tão graves apparecesse alguma rivalidade motivada pelo Commando a que nenhum de nós ainda temos direito, entendi dever dar parte de doente, sendo no dia seguinte publicado pelo referido Major em sua ordem do dia, o Aviso do Ministerio da Guerra de 12 de Junho de 1866, o qual o fallecido Exm. Commandante das Forças nunca o tinha mandado publicar.

Não entro na apreciação do mencionado Aviso, apenas exponho a V. Exc. que tendo eu de dar parte de prompto, deveria assumir o Commando de meu Batalhão, n'este caso reapparecia a questão, visto que como Tenente Coronel em Commissão não poderia sujeitar-me ao Commando de um Major tambem de commissão; preferi, pois, a bem da disciplina, seguir para a Côrte, e espero que V. Exc. não tome a minha retirada como apreço e amisade que devo ao Batalhão 17; porém, sim pela necessidade de resolver duvidas que muito me vexariam se apparecessem.

Aqui fica o Batalhão 17 sempre merecedor da estima de todos os Corpos d'esta Força, tendo muito trabalhado e se distinguido nos ataques dados ao inimigo. Muito soffreo com o Cholera Morbus, tendo perdido cerca de 80 homens; está muito necessitado de tudo e principalmente de descanço.

Tomo a liberdade de remetter a V. Exc. a copia da acta assignada pelos Commandantes dos Corpos, por occasião do fallecimento do Commandante das Forças, e bem assim, a ordem do dia d'este commando, na qual vem transcripto o Aviso do Ministerio da Guerra.

Reitero a V. Exc. o meo profundo respeito e consideração.

De V. S.ª

M.to resp.or amigo e obg.do

Antonio Lucas Gustavo Galvão.

Margem esquerda do Rio Aquidauana, 12 de Junho de 1867

PARTE DO 1.º CIRURGIÃO, DR. CANDIDO MANOEL DE OLIVEIRA QUINTANA, SOBRE A EPIDEMIA E OS FERIMENTOS HAVIDOS NA EXPEDIÇÃO DE MATTO-GROSSO

COPIA. Illm.º Senr.—Havendo V. S.ª exigido de mim uma parte sobre a epidemia e ferimentos havidos na expedição de Matto-

Grosso, passo muito perfunctoriamente a expender o seguinte: Que no dia dez de Maio, na Bella Vista, foi-me trazido á consulta um Indio que soffria de diarrhéa abundante e que no dia seguinte falleceo. Este doente, por causa da longa marcha e dos muitos outros que tinhamos a tratar, falleceo, sem que tivessemos bem observado sua enfermidade. No dia 17, ás 11 horas da noite, pouco mais ou menos, entraram mais dous enfermos para a Enfermaria, os quaes attrahiram a attenção pelos grandes gritos que davam em consequencia de caimbras e pela semelhança dos symptomas de ambos que eram: grande sêde, suppressão de ourina, vomitos, evacuações alvinas abundantissimas, resfriamento das extremidades; e no dia seguinte, os que morreram estavam desfigurados pela magreza de rosto, então julgamos que tinhamos em presença a horrenda epidemia do cholera-morbus, que no dia subsequente tornou-se evidente pela entrada de muitos atacados com os symptomas seguintes: vomitos, evacuações alvinas abundantes de uma materia semelhante á agoa de arroz, grande sêde, dyspnéa, pulso pequeno frequente, suppressão de ourinas, mudança extrema no metal da voz e mesmo aphonia, pelle fria, cyanose, magreza e desfiguramento rapido de rosto, etc. A falta de viveres, de barracas e roupa sufficiente na estação do inverno, muito deveria concorrer para augmentar o numero de atacados, os quaes, entrando nas enfermarias, tambem ahi não achavam abrigo contra as intemperies. Os medicamentos no fim de poucos dias estavam todos acabados. As marchas muitas vezes durante o dia inteiro, algumas vezes de noite, a pessima conducção em carros puxados a bois, em que os doentes comprimiam-se mutuamente pela exiguidade de espaço, deviam ter grande parte no accrescimo da mortalidade, que era de quasi todos os atacados. Afinal todos os carros foram queimados por necessidade: os doentes eram conduzidos em padiolas por soldados enfraquecidos pela fome, estropiados, que se recusavam a carregal-os e que os deixavam atirados no caminho sempre que o podiam fazer. Os sãos já mal eram sufficientes para conduzir os doentes, sendo preciso caminhar com presteza, pois que já nenhum alimento tinhamos além das poucas rezes que puchavam a Artilharia. A' vista d'isto, foram os doentes de cholera-morbus deixados no pouso por ordem superior, no dia 26 de Maio. Até o dia 1.º de Junho, a epidemia ainda não tinha cessado. Nesse dia, tendo as forças começado a marcha, quasi á noite, debaixo de chuva fortissima, caminhou seis legôas. Durante este trajecto, que terminou no dia 2 á tarde, morreram alguns cholericos e no dia 3, o ultimo doente grave dessa enfermidade que ainda restava. Nesse dia, a epidemia cessou. Quanto aos feridos em combate, tambem tiveram de soffrer as mesmas faltas. Nenhuma operação de alta cirurgia foi necessario praticar. Deram-se pontos de sutura, fizeram-se compressões nas arterias para supprimir hemorrhagias, cauterisação com nitrato de prata, etc. Os medicos que se achavam nas forças eramos eu e o 1.º Cirurgião Dr. Manoel de Aragão Gesteira —O numero de feridos foi de 41, sendo 37 praças e 4 officiaes: o dos cholericos que ficaram em caminho, quasi todos moribundos, foi de 122, incluindo tanto os que ficaram por ordem superior, como os que eram deixados pelos soldados que os conduziam. E' o que tenho a participar a V. S.ª, a quem Deos Guarde.—

Margem esquerda do Rio Aquidauana, 15 de Junho de 1867. —Illm.º Senr. Major José Thomaz Gonçalves, Commandante interino das Forças. (Assignado) Dr. *Candido Manoel de Oliveira Quintana*, 1.º Cirurgião.

Está conforme.

2.º Ten.e B.el *Alfredo d'Escragnolle Taunay*.

Secretario Militar.

OFFICIOS DO COMMANDANTE INTERINO DAS FORÇAS EM OPERAÇÕES, MAJOR JOSÉ THOMAZ GONÇALVES, DIRIGIDOS AO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO.

Illm.º e Exm.º Senr.—Neste acampamento chegou a 17 a parada enviada por V. Exc. com destino ao Forte de Bella-Vista, trazendo um officio para o finado Exm.º Coronel Carlos de Moraes Camisão.

A noticia vinda então por ella, de achar-se V. Exc. á testa da briosa expedição que óra desceu a atacar Curumbá e Coimbra é por sem duvida um facto tão brilhante que o Paiz registrará com gosto.

Com fé viva na Providencia Divina, a Qual em sua Eterna Justiça, protege a causa do Brazil, o segundo Corpo de operações desta provincia terá, por sem duvida, a esta hora plantado nos muros de Corumbá e Coimbra o pavilhão Nacional, cobrindo do mais justo orgulho ao chefe d'aquella expedição. Depois do que levei ao conhecimento de V. Exc. em meo officio sob n. 1, do proximo passado, nenhum acontecimento tem havido digno de menção.

Conforme participei em minha confidencial escripta em resposta á de V. Exc., fiz seguir duas escoltas de pombeiros com destino ao ponto de Nioac, explorando num d'elles o caminho da Serra que conduz á Villa de Miranda.

Tanto uma como outra já voltaram, trazendo-nos a noticia de se achar abandonado aquelle ponto.

A falta absoluta de cavalhada com que de ha muito lutam estas forças, já para o campeio de gado e mesmo para o serviço de pombeiros, veda a continuação d'aquellas paradas, que hoje, mais do que nunca, se tornam necessarias para bem se conhecer as posições de um inimigo que dispõe de excellente cavallaria. Torno patente a V. Exc. mais esta necessidade, e ouso reclamar a sua preciosa attenção para medida de alta monta. Quanto ao que determina em seu precitado officio sobre a remessa da correspondencia para o Mangabal, faço óra seguir para esse destino as tres praças ultimamente chegadas, tencionando mandar de quinze em quinze dias estafetas para o mesmo ponto. Deos Guarde a V. Exc.—Quartel do Commando interino das forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso, junto a margem esquerda do Ribeirão das Correntes 23 de Julho de 1867.—Illm.º e Exm.º Senr. Dr. José Vieira Couto

de Magalhães, Presidente d'esta Provincia.—*José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante interino.

Illm.º e Exm.º Senr.—A falta de munições me obriga a mandar em commissão até a Capital de S. Paulo o Alferes Manoel Climaco dos Santos Souza, no intuito de accudir tambem a outras ingentes necessidades, que tanto têm entorpecido a acção destas forças, creando milhares de difficuldades.

Mando, outrosim, aquelle official até o Estabelecimento Naval do Itapura, com o incluso officio por copia para o Director Capitão Tenente José Mariano de Azevedo, e rogo a V. Exc. se digne approvar esta minha deliberação. Dei já ao Governo Imperial conhecimento deste meo acto. Deos Guarde a V. Exc.—Quartel do commando interino das forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso, junto a margem esquerda do Ribeirão das Correntes, 3 de Agosto de 1867.—Illm.º e Exm.º Senr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, Presidente d'esta Provincia.—*José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante interino.

COPIA.—Quartel do Commando interino das forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso, junto a margem esquerda do Ribeirão das Correntes, 2 de Agosto de 1867.—Illm.º Snr.—Sendo de urgentissima necessidade n'estas forças, não só fardamento para as praças que se acham em completo estado de nudez pela perda de suas bagagens, tanto as deixadas em Nioac, como as que seguiram para a frente em carros, por ter sido tudo destruido pelo inimigo, como de munições de guerra, com especialidade de cartuxame para Carabinas á Minié e Espingardas raiadas, e constando a este commando que nessa Colonia se deve achar o Tenente reformado João Manoel da Costa, contractador de cargas para estas forças, que regressava do Porto de Santa Rosa com o seu carregamento, em consequencias das falsas noticias espalhadas por occasião da nossa retirada da Republica inimiga, sou a rogar a V. S.ª haja de determinar áquelle Tenente que quanto antes dê cumprimento ao seu contracto, fazendo seguir tudo ou parte do fardamento e munições que conduzir, muito especialmente os artigos acima referidos, ficando-lhe salvo o direito de qualquer reclamação perante o Governo Imperial. Por esta occasião devo declarar a V. S.ª, no caso de que o contractador não queira ou não possa dar immediatamente cumprimento ás suas ordens, que V. S.ª deverá tomar á si essa incumbencia, contractando directamente e com a maxima presteza a conducção d'aquelles objectos para este acampamento, ou mandal-os pôr no dito porto de Santa Rosa, onde este commando os mandará receber e conduzir, devendo, neste caso, prevenir-me d'essa circumstancia, marcando o prasc approximado da competente chegada ali. Confiando no zelo pelo serviço, na actividade com que desempenhará qualquer commissão que lhe fôr confiada, e mais que tudo no seu patriotismo como Brasileiro e militar, espero que V. S.ª

dará o mais cabal cumprimento ao presente pedido, não deixando seus irmãos d'armas em presença do inimigo sem os recursos indispensaveis a bem cumprir seus penosos deveres.

Para mais presteza faço seguir até esse ponto como portador do presente, o Alferes Manoel Climaco dos Santos Souza, official intelligente e activo, para, de commum acôrdo com V. S.ª, fazer parte da commissão que lhe é incambida, devendo esse official, no caso de virem as cargas por terra, acompanhal-as, e no caso contrario, trazer-me com presteza a noticia do ponto e chegada dos objectos, para tratar-se do competente meio de transporte. Deos Guarde a V. Sª. Illm. Senr. Major José Mariano de Azevedo, Digno Director da Colonia Militar do Itapura.—*José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante interino das forças.

Está conforme.

O Alferes *Amaro Francisco de Moura*.

Secretario Militar.

Illm. e Exm. Senr.—Tenho a honra de accusar recebido o officio de 6 do corrente, que V. Exc.ª se servio dirigir a este commando em 5 de Junho proximo passado, communicando que mandára occupar com um forte Corpo as fazendas existentes entre os rios Taquary e Paraguay, tendo como ponto central as do Mangabal, em consequencia de estarem os Paraguayos tirando grandes recursos de gado no baixo Paraguay e que no dia 10 do mesmo mez seguia para ali uma segunda expedição, apoiada pela flotilha, e composta de 2 outros Corpos, e bem assim, que se achava creado um correio postal d'aquelle ponto á Capital da Provincia. Naquelle officio ordena tambem V. Exc.ª que este commando não só se ponha immediatamente em communicação com essa força, dirigindo a sua correspondencia ao Illm. Senr. Tenente-Coronel de Commissão Antonio Maria Coêlho, como que, no caso de não esperar promptos e seguros resultados da posição que occupa, se approxime d'esse ponto o mais breve possivel de modo a operar a juncção com aquellas forças. Sobre a ultima parte d'aquelle officio, este commando pede respeitosamente a V. Exc.ª venia para expôr-lhe as circumstancias em que se achavam actualmente estas forças e o estado da fronteira, e se, á vista das mesmas, deve ou não, seguir para o Taquary a incorporar-se ás que se acham no Mangabal, visto que, pela data do mesmo officio, a sua direcção a Nioac antes da partida destas forças para o Apa, tomada da Bella Vista e retirada d'ali, demonstra ser essa providencia tomada anteriormente áquelles acontecimentos dos quaes V. Exc.ª teve noticia e accusou posteriormente em onze do dito mez, ordenando n'essa occasião que se avançasse, se fosse possivel.

Como já tive a honra de expôr a V. Exc. em meu officio n.º 8 de 3 do corrente, com a retirada do territorio inimigo e subsequente abandono do mesmo, do ponto militar de Nioac, estas forças ficaram reduzidas ao ultimo estado de penuria, sem abarracamento

fardamento e mesmo armamento e munições, estando as praças quasi nuas, e apenas com 100 cartuxos pouco mais ou menos para cada soldado, sem um cavallo, quer para rondas dos campos adjacentes ao acampamento e fronteira, quer para a pega e costeio do gado para consumo das mesmas, difficuldade com que sempre tem lutado, e mesmo sem uma espada, lança e arreios capazes para este serviço e aquelles; á vista do que, fiz seguir em Junho citado um official á Provincia de S. Paulo para conseguir uma cavalhada ali invernada com destino a estas forças, e no dia 5 d'este um outro não só para coadjuvar o Director do Estabelecimento Naval do Itapura na remessa do carregamento contractado com o Tenente reformado João Manoel da Costa, que para ali regressára do Porto de Santa Rosa, em Maio proximo passado, pelas más noticias que correram por occasião da retirada que effectuamos, carregamento vindo da Côrte com destino a estas forças, e constante de fardamento, abarracamento, munições e medicamentos, cujos objectos solicitei que viessem por terra ou pelo dito porto de Santa Rosa, onde neste caso deveria mandal-os receber e conduzir para o acampamento, com toda segurança, como para trazer da referida Provincia arreios, espadas, ou lanças para montar e armar uma pequena força de cavallaria para o serviço acima indicado, em razão de nos acharmos em presença do inimigo, que tendo recebido um grande reforço, como ainda hontem fui bem informado por uma diligencia confiada a um paisano de criterio que mandei até o Canindé e que encontrou vestigios de um grande acampamento inimigo, á margem esquerda do rio Nioac, pouco além do ponto desse nome, que foi calculado ser de mais de 2.000 homens de Cavallaria e Infantaria, que naturalmente veio a nosso alcance, e póde nos dar um assalto e difficultar ainda mais a acquisição do gado, se porventura fraccionar sua gente força de cavallaria em pequenas partidas pelos campos das fazendas d'esse districto de que é bastante conhecedor, e afugentar os poucos fazendeiros que por aqui ainda ha, que de certo abandonarão as fazendas no momento em que as forças se retirarem, occurrencia que incontinente constará ao inimigo, o qual tornará a occupar permanentemente com essas pequenas partidas, como já o fez, os pontos de que esteve de posse, e sem receio algum, arrebanhará o resto do gado que não pode ou não teve tempo de conduzir quando se retirou, tirando d'aqui mais facilmente os recursos de que carecem para supprir as suas necessidades, sem ser necessario levar embarcado, como acontece, com os que puder obter no Baixo Paraguay, evitando-se tambem que aquelle grande carregamento venha a ser presa do mesmo, se porventura viesse embarcado e pelo porto de Santa Rosa, como veio primitivamente no pequeno vapor do mencionado estabelecimento.

Este commando, Exm. Senr., está conscio de que estas forças, nada poderão fazer sem reforço, e muito, porém, especialmente sem cavallaria, arma essencial para se operar n'esta fronteira, mas a sua permanencia aqui, fará o inimigo dividir as suas forças com receios de uma nova tentativa por este lado, obrigando a ter no Apa uma grande guarnição, que sem duvida enfraquecerá o Exercito do Sul, de onde sahio naturalmente o reforço que lhe veio, dando lugar a que o nosso Exercito d'esse ponto combata com menos esses soldados,

que assim ficarão inactivos, além de tambem não poderem se estabelecer com pequenas forças nos pontos que outr'ora occuparam e d'ahi tiraram os recursos que conservam, não porque estas forças a isso lhes possa positivamente obstar, mas pelo receio de internar-se, sabendo que existem mais de 1.000 homens, posto que de Infantaria e com 4 boccas de fogo, que podem causar-lhes damno, como já o fez, quando se offereça occasião para isso. Este commando pede ainda uma vez respeitosamente a V. Exc.ª desculpa de talvez não ter bem comprehendido a ordem que lhe foi dada, a qual será executada immediatamente, se V. Exc.ª julgar que as ponderações que ora faço não são dignas de serem attendidas, visto que, soldado e severo cumpridor de ordens, sei a ellas me subordinar, quando não existam circumstancias imperiosas como as que apresento a V. Exc.ª, que podem não ser de bôas consequencias para o paiz; e desapprovando a retirada das forças desta fronteira, mesmo por V. Exc.ª, que a não estar longe, quem sabe, a não ordenaria, recahindo sobre mim grande responsabilidade, o que desejo todavia evitar, aguardando novas ordens a respeito, para o que faço seguir como portador d'este, em uma montaria, até o Mangabal, 3 praças á disposição de V. Exc.ª a quem affianço, que dentro de 3 dias depois da data da ordem de V. Exc.ª, se fôr n'aquelle sentido, me poreiem marcha para o ponto indicado, onde demonstrarei que o unico desejo que tenho é de bem desempenhar os meus deveres, concorrendo com meu fraco contingente para expulsar do solo da Patria o barbaro inimigo que ha quasi 3 annos, escurece uma das mais bellas Estrellas do Pavilhão Nacional, hoje confiada á illustrada administração de V. Exc.ª, a quem Deus Guarde.

Quartel do Commando interino das forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso, junto á margem esquerda do Ribeirão das Correntes, 7 de Agosto de 1867.—Illm.º e Exm.º Senr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, Digno Presidente da Provincia de Matto-Grosso.

José Thomaz Gonçalves, Major de Commissão Commandante interino.

N. 11.—Illm.º Exm. Senr.—Acaba de chegar a este acampamento o Alferes Justiniano Candido da Cunha Barbosa, portador do officio de V. Exc., sob n. 9, de 30 de Julho ultimo.

Cumprindo, como interprete dos meus commandados um dever de gratidão, agradeço, em nome delles, a V. Exc. a apreciação de justiça que se dignou fazer-lhes pelos esforços que empregaram em prol á defeza da Honra Nacional e sou contente em assegurar a V. Exc. que os soldados desta columna, já tão experimentados pelos soffrimentos que a sorte adversa lhes tem proporcionado, ambiciosos desejam mais uma vez tomar parte na lucta de civilisação que o Paiz sustenta contra o Governo do Paraguay.

Recebi a portaria pela qual V. Exc. se dignou nomear-me commandante destas forças.

Como me cumpria, dei voz de marcha a estas forças, começando, desde já, os corpos a effectuar a transposição do rio Aquidauana.

Tenho dado as necessarias providencias afim de que ella se effe-

cute com a presteza recommendada por V. Exc.—Quartel do Commando das Forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso, junto á margem esquerda do Ribeirão das Correntes, 20 de Agosto de 1867.—Illm. Exm. Snr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, Presidente desta Provincia. — *José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante.

——

N. 12. A.—Illm. Exm. Snr.—Tenho a satisfação de participar a V. Exc. que me acho de pouso neste ponto, tencionando levantar amanhã o acampamento destas forças e chegar no dia 15 do corrente a essa Cidade.

Sahindo das Correntes no dia 26 de Agosto passado, chegamos com 19 dias de marcha á margem esquerda do rio Taquary, onde dous dias foram de falha, effectuando-se nesse lapso de tempo a passagem daquelle caudaloso rio.

No dia 19 do mesmo mez seguimos viagem formando pouso no dia 4 do corrente á margem esquerda do rio S. Lourenço, começando-se na manhã do dia seguinte a effectuar a transposição desse rio, havendo-se concluido esse serviço hoje pela manhã.

Empenhado em dar inteiro cumprimento ás ordens de V. Exc., tenho empregado para esse fim todos os esforços possiveis, conseguindo, pelo desejo que nutrem os meus commandados em bem servir ao Paiz, atravessar em 36 dias tão grande distancia, procurando sempre que posso poupar ao soldado as fadigas de uma jornada tão longa por sertões ingratos e baldo de todos os recursos.

Até hoje, felizmente, não me têm faltado generos para a distribuição da etapa possivel nesta parte da Provincia e espero que até essa Cidade não sentiremos falta delles.

Julgo, porém, dar a V. Exc. participação de que a nossa soldadesca acha-se completamente desprovida de roupas, a tal ponto, que a decencia veda hoje ao maior numero de praças a entrada em qualquer povoação.

Dando conhecimento disso a V. Exc., tenho em vista cumprir o meu dever, rogando a V. Exc. se sirva dar suas ordens como mais acertado julgar em sua alta intelligencia.

Aproveito a occasião para apresentar a V. Exc. os meus protestos de respeito e distincta consideração.

Deus Guarde a V. Exc.—Quartel do Commado das Forças em operações ao sul da Provincia de Matto-Grosso, acampamento na Fazenda S. Lourenço, 7 de Outubro de 1867 —Illm. e Exm. Senr. Doutor José Vieira Couto de Magalhães, Presidente desta Provincia.

José Thomaz Gonçalves, Major de Commissão Commandante.

——

Illm.º e Exm.º Senr.

Só hontem á tarde me veio ás mãos o officio de V. Exc.ª de 23 de Setembro ultimo, me determinando que, mandando proceder pelos medicos nas praças e corpos que compoem a força sob o meu commando um minucioso exame, não faça seguir para essa Capital se não aquelles que já tiveram sido vaccinados ou tiverem tido bexi-

gas medida essa empregada no intuito de evitar o contagio da peste da variola que com a mais espantosa intensidade se tem desenvolvido nessa Cidade.

Hoje pela manhã effectuou-se aquella inspecção e concluido aquelle trabalho, encontraram os facultativos da Junta Militar 8 officiaes e 276 praças de pret n'aquellas condicções, pelo que determinei que formassem todos um destacamento commandado pelo Capitão Antonio Dias dos Santos, official activo e capaz de prover ás suas necessidades no ponto em que tiverem de estacionar.

Achando-nos afastados da fazenda dos Barreiros 27 legoas e me parecendo que V. Exc., apontando aquelle lugar como o melhor ponto de estação, não tinha conhecimento de acharmo-nos tão proximos dessa Capital e comprehendendo eu que, além da facilidade das communicações com essa cidade e localidade da Bahia do Felix, sendo muito proximo das Fazendas situadas em Cima da Serra e nas margens do rio Cuyabá, facil será ao Commandante d'aquella força o provimento de gado e mantimentos precisos para o sustento d'ella; tomo, por isso, a deliberação de mandal-o para ali, aguardando, entretanto, as ulteriores deliberações que V. Exc. se servir tomar.

Junto passo ás mãos de V. Exc. a inclusa copia das Instrucções que deixo ao Commandante d'aquelle contingente.

Havendo se dissolvido a Repartição Fiscal em consequencia do máu estado de saude do Chefe da mesma e do seu 2º. official, os quaes inspeccionados seguiram para o Rio de Janeiro em Junho proximo findo, e existindo aqui apenas dous empregados de Fazenda, o Major Pagador da Caixa Militar e um primeiro official, não despacho por isso adiante quem possa substituir a alguns dos que ahi têm fallecido, sem que prejudique ao serviço desta Repartição que de ha muito lucta com a falta de pessoal tão necessario para ter-se em dia a escripturação a seo cargo. Deos Guarde a V. Exª. Quartel do commando das Forças em operações ao Sul da provincia de Matto-Grosso. Acampamento na Fazenda do Mimoso, 11 de Outubro de 1867. Illm. Exm. Senr. Doutor José Vieira Couto de Magalhães, Presidente d'esta Provincia. *José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante.

COPIA. — Quartel do Commando das Forças em operação ao Sul da Provincia de Matto-Grosso. Acampamento na Fazenda do Mimoso, 11 de Outubro de 1867. Illm.º Senr. Tendo sido Vª. Sª nomeado Commandante da força que tem de estacionar na Bahia do Felix, determino-lhe que observe as seguintes:

INSTRUCÇÕES

Primeiro: Tratara, ao chegar aquelle ponto, da edificação de ranchos com as commodidades precisas para o aquartelamento das praças, devendo ter em maior consideração o parecer do facultativo, quanto á escolha que fizer da localidade.

Segundo: A' proporção que da retaguarda forem chegando todos aquelles que pertencerem a estas forças ou nellas se acharem empregados, será de seu maior cuidado mandal-os apresentar logo ao Ci-

rurgião encarregado da Enfermaria, fazendo seguir tão somente para a frente aquelles officiaes e praças que forem dados por vaccinados ou tiveram sido algum dia atacados de variola.

Terceiro: Mandará contractar com um ou mais fazendeiros proximos daquelle ponto o fornecimento de gado e mantimentos precisos para o sustento da força, passando-lhes recibos da quantidade, qualidade e preços dos generos que comprar para aquelle fim.

Quarto: No caso de, por quaesquer circumstancias, os conductores de generos destinados para estas forças não poderem seguir daquelle ponto para a capital desta Provincia, V. S. fará uma arrecadação de todos elles, distribuindo-os de preferencia, como etapa, ás praças de seu commando.

Quinto: Entender-se-á sobre todas as occurrencias que se derem, com o Exm. Snr. Coronel Commandante interino das Armas, a quem deverá ser dirigida toda a sua correspondencia.

Sexto: Finalmente, zelará pela manutenção da disciplina e pela conservação do armamento de seus soldados.

Certo de que V. S. dará mais esta vez uma prova de sua dedicação, intelligencia e interesse pelo serviço publico, espero que serão cumpridas fielmente as presentes instrucções, tendo sempre em vista a economia bem entendida dos Cofres Nacionaes.—Deos Guarde a V. S. Illm.º Snr. Capitão Antonio Dias dos Santos.—*José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante das Forças.

Está conforme.

O Alferes *Amaro Francisco de Moura*.

Secretario Militar.

N.º 14.—Illm.º Exm. Snr.—Havia já recebido pelo Doutor Carlos José de Souza Nobre o officio de V. Exc. de 11 do corrente, quando se me apresentou, vindo dessa Capital, o Alferes do 1.º Corpo de Caçadores a Cavallo Manoel Rodrigues Bemfica. Depois de ter ouvido aquelle Cirurgião, conforme me recommendou V. Exc., resolvi consultar o parecer da Repartição de Saude a respeito da permanencia do contingente que mandei estacionar na Bahia do Felix, ponderando, em officio ao chefe da mesma Repartição, que, havendo as forças sob meu commando atravessado alguns pontos da Provincia, onde a peste da variola se tem desenvolvido com grande intensidade, não enchergava inconveniente em ellas seguirem todas reunidas para essa Cidade, visto como tardia me parecia o emprego de semelhante medida.

Foram os medicos da Junta de parecer que toda a força não poderia mais evitar o contagio da peste, visto como desde a Fazenda de Santa Luzia temos deixado não pequeno numero de bexiguentos e que depois de nos acharmos neste ponto não poderia inspirar cuidados a continuação da nossa marcha. Conformando-me inteiramente com a opinião da referida Junta, mandei já ordem ao Capitão Antonio Dias dos Santos para se pôr em marcha com a força que ficou

sob seu commando, e tão depressa ella chegue a farei reunir a seus Corpos. Devo participar a V. Exc. que muito influiu a tomar eu esta deliberação a repugnancia que observei nos nossos Soldados ao separarem-se de suas fileiras, repugnancia que mais tarde se manifestou com a apresentação de grande numero delles, que declararam quererem seguir a seus companheiros qualquer que fosse o destino que lhes reservasse a sorte.

Nesta occasião, com o Doutor Nobre, faço seguir a apresentar-se a V. Exc. o Tenente Assistente do Quartel Mestre General Bacharel Catão Augusto dos Santos Rocho, segundo a ordem verbal que recebi pelo Alferes Rodrigues Bemfica. Quanto ao dia da nossa chegada nessa Capital de que me mandou tambem V. Exc. fallar, eu espero formar pouso no dia 18 do corrente no Coxipó, tencionando no dia seguinte pelas 8 horas da manhã fazer a entrada nessa Cidade, se o contrario não me fôr determinado por V. Exc.

Junto passo ás mãos de V. Exc. o mappa da força sob meu commando.

Deos Guarde a V. Exc.—Quartel do Commando das Forças em Operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso.—Acampamento no Aricá, 15 de Outubro de 1867.—Illm.º Exm. Snr. Doutor José Vieira Couto de Magalhães, Presidente desta Provincia.—*José Thomaz Gonçalves*, Major de Commissão Commandante.

Repartição do Assistente do Ajudante General, junto ao Commando das Forças em operação na Provincia de Matto-Grosso.

Mappa da Força presente

Acampamento no Arica-Grande, 15 de Outubro de 1867.

| | Commando das Forças | | | | | Engenheiro | Repartição de saude | | | Estado-maior | | | | Estado-menor | | | | | | | Officiaes | | | Inferiores | | | | | | |

Marcha sobre o territorio paraguayo

OFFICIOS E ORDENS DO DIA EXPEDIDOS PELO CORONEL CARLOS DE MORAES CAMISÃO, COMMANDANTE DAS FORÇAS EM OPERAÇÕES AO SUL DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO

Quartel do Commando das Forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso na Villa de Miranda, 10 de Janeiro de 1867. —Não podendo, como tencionava, effectuar no dia 7 do corrente a marcha destas Forças para Nioac, como em officio sob n. 3, de 5 deste mez communiquei a V. Exc., em consequencia da falta de transporte para o material de guerra, ordenei que se levantasse acampamento no dia 11 do mez vigente, afim de se verificar a referida marcha, o que communico a V. Exc. a quem Deus Guarde.— Illm.º e Exm.º Senr. Albano de Souza Ozorio, Vice-Presidente desta Provincia.—*Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

——

Quartel do Commando das Forças em operações ao sul da Provincia de Matto-Grosso.—Acampamento em Nioac, 27 de Janeiro de 1867.—Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exc. a chegada das Forças sob meu commando, no dia 24 do corrente, á este ponto, onde pretendo dar-lhes algum descanço e esperar a reunião de gado, a qual permitta o proseguimento da marcha até o Apa. —A escassez de gado, depois da occupação do Districto por mais de anno, pelos inimigos, torna-se hoje muito sensivel e a vinda de duzentas e cincoenta e cinco rezes que remetteu o incansavel e digno Presidente da Provincia de Goyaz, em nosso soccorro, veio remover uma das necessidades que se ia tornando imminente. Consta-me que novas remessas de gado, assim como de viveress, e acham á caminho, podendo-se presumir com todas as probabilidades de certeza, que as forças não se acharão, por em quanto, a braços com as difficuldades na alimentação, que tanto tem entorpecido a sua acção. Além disso, na zona deste districto que devemos percorrer ainda, existem muitas rezes: entretanto, achando-se ellas espalhadas e lutando nós com a falta completa de cavalhada, não se pode confiar, senão com tardança na esperança de sua acquisição. A posição em que se acham hoje acampadas as forças, foi durante todo tempo de estada dos Paraguayos n'este districto, o ponto de maior importancia e é, portanto, o mais consideravel vestigio da occupação inimiga. Por uns mappas de força encontrados aqui e pelo traçado do quartel, calcula-se em mil e tantos homens a força que até Junho do anno passado aqui esteve, occupando-se na edificação de varios predios e na cultura, em grande escala: o que tudo foi destruido e entregue ás chammas por occasião de sua retirada.—Restam na antiga povoação tres casas de pé e a igreja, a qual, bem que despojada de seus distinctivos sagrados, acha-se ainda em regular estado de conservação.—Com a brevidade possivel tenho hoje a esperança de poder dirigir-me para o Apa, encetando a marcha em direcção á fron-

teira, bem que não hajam dados seguros sobre o numero de inimigos que se acham guarnecendo aquelle rio, e sobre a natureza e importancia dos diversos fortes que ahi tenham.—A força de 1400 homens, inclusive camaradas e outros empregados de que disponho, para essa empreza é diminuta, como V. Exc. perfeitamente o conhece, força dizimada pelas enfermidades durante a por demais prolongada estação, no pessimo local da Villa de Miranda.—Ainda d'ahi trouxemos muitos doentes e por isso não posso ter o prazer de apresentar o estado sanitario das forças como lisongeiro, entretanto a paralysia reflexa, epidemia que por muitos mezes lavrou nas fileiras de officiaes e praças, tem no corrente mez, feito muito menor numero de victimas; e confiado nas bôas condicções de salubridade deste lugar, espero que em breve se modifique aquelle estado desolador.—O pessoal medico, reduzido tão somente a dous unicos facultativos, não pode dar a regularidade desejavel ao serviço therapeutico, o qual pela falta completa de medicamentos e sem auxilio de um só Pharmaceutico, não fornece todos os soccorros da medicina que nos são, mais do que em outra qualquer parte, necessarios pela natureza insalubre dos lugares que havemos percorrido.—Na Repartição Ecclesiastica um unico sacerdote existe para toda a força e lutamos com faltas altamente deploraveis nesse serviço importante.

Nas mais difficultosas circumstancias tomei posse do commando das forças e com ellas arco no cumprimento da espinhosa tarefa que me foi commettida.—Asseguro, porém, á V. Exc. que em qualquer operação que emprehender, serei guiado pelo espirito da mais cautelosa circumspecção e que apoiado nos bons desejos que têm os meus commandados de continuar a dar ao Governo Imperial mostras da animação e coragem, que em muitas calamitosas occasiões ha patenteado, seguirei á risca a linha de conducta que me foi traçada. Para isto acho-me possuido da mais completa resolução em desenvolver os recursos que foi possivel tirar do desejo ardente em corresponder a espectativa dos meus chefes e em bem servir o meu paiz.—Abusando, pois, da bondade de V. Exc., que tantas provas de consideração tem dado aos pedidos partidos desta força e chamando a attenção de V. Exc. para este estado de cousas irremediavel aqui, remetto a relação de alguns medicamentos que se nos fazem precisos, achando-se todos os outros exgotados.—Deus Guarde a V. Exc.—Ilm. e Exm. Senr. Albano de Souza Osorio, Vice-Presidente da Provincia. *Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

——

Quartel do Commando das Forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso em Nioac, 24 de Fevereiro de 1867.—Conforme já o havia encommunicado a V. Exc., apenas cheguei a este ponto procurei dispôr as cousas no sentido de uma proxima marcha em direcção á parte mais meridional deste districto.—De estorvo consideravel tem sido a deficiencia de vezes, a qual até o presente de modo algum me permittio o cumprimento de minha resolução. Entretanto, achando-se as forças hoje de posse de 100 e pou-

cas cabeças e a espera de outras remessas, tenciono nestes proximos dias pôr-me a caminho para a colonia de Miranda, onde devemos, como ha esperanças, obter a quantidade de rezes sufficiente para o proseguimento da marcha até o Apa. N'esta persuasão irei até aquella colonia, demorando-me ali o tempo preciso para a obtenção do gado e para o reconhecimento que mandarei fazer até Dourados, cuja desoccupação ainda acha-se em duvida. Os motivos de morosidade em qualquer movimento de operação, surgem aos milhares á vista da mais completa falta de tudo quanto é exigido pelas necessidades desta força: tento presentemente vencer estes embaraços com a mais decidida bôa vontade e firmeza.—Deus Guarde a V. Exc.—Illm. Exm. Senr. Albano de Souza Osorio, Vice-Presidente desta Provincia.—*Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

Quartel do Commando das Forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso em Nioac, 25 de Fevereiro de 1867.—Tenho a satisfação de communicar a V. Exc. que o estado sanitario d'estas forças tem sensivelmente melhorado, graças á influencia benefica do clima do actual acampamento. A epidemia caracterisada em seu começo pela inchação de pernas e paralysia destes membros, que por tanto tempo lavrou entre as fileiras de officiaes e soldados, felizmente parece ter desapparecido. Se pelo mappa do movimento do hospital ambulante se vê, que na Villa de Miranda durante o mez de Dezembro ultimo, o numero de fallecimentos causados por tão horrivel enfermidade se elevou a 21, já em marcha para este ponto, menos de um terço foi o numero das victimas feitas no mez de Janeiro em que apenas succumbiram seis, tendo n'este acampamento fallecido do 1º até 22 do corrente sómente duas praças.—Devo tambem communicar a V. Exc. que todos os obitos havidos depois da sahida das forças de Miranda e causados por aquella enfermidade se tem verificado em officiaes e soldados que d'ella foram affectados na referida Villa.—Deus Guarde a V. Exc.—Illm. e Exm. Senr. Albano de Souza Ozorio, Vice-Presidente d'esta Provincia.—*Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

Quartel do Commando das Forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso, na Colonia de Miranda, 10 de Abril de 1867.—Como tive a honra de communicar a V. Exc. sahi do ponto de Nioac no dia 25 de Feveriro ultimo, e com 8 dias de marcha cheguei ao local da antiga colonia de Miranda no dia 4 de Março proximo passado, formando ahi acampamento como era minha resolução. Os vestigios que na chegada das forças foram encontrados de ser este lúgar rondado ainda por partidas de cavallaria inimiga, me obrigaram a ter em vista as condições da mais completa segurança e attendendo á ellas aproveitei a disposição topographica para assegurar-me uma bôa posição defensiva, em que pudesse esperar qualquer aggressão. O acampamento actual na opinião da commissão de Engenheiros que foi consultada á respeito, offerece garantias para

uma bôa defesa, o que é de summa importancia na curta distancia a que nos achamos de um inimigo audaz e de posse de cavallaria bem montada.

Na realidade, poucos dias depois da chegada foi este ponto visitado por uma ronda de Cavallaria Paraguaya, a qual apenas reconheceu a presença de nossas forças retirou-se com grande ligeireza, sem que houvesse possibilidade de perseguil-a, pois que todo o 1º Corpo de Caçadores á Cavallo que aqui tenho, acha-se de pé, e existe a maior difficuldade na obtenção de cavallos, mesmo para o costeio de gado preciso para a alimentação. — Nos dias subsequentes fiz explorar o ponto de Dourados, situado a doze legoas d'este acampamento e esse reconhecimento deu á conhecer que aquelle local havia sido de ha muito abandonado, existindo, porém ainda ali vários objectos e viveres dos quaes alguns foram trazidos pelos nossos soldados. Em seguida mandei o Chefe da Commissão de Engenheiros explorar o terreno a algumas legoas em derredor d'este acampamento, o que na realidade effectuou com dous de seus Ajudantes. Como previ e de ha muito havia communicado á V. Exc. as maiores difficuldades surgem quanto ao provisionamento de gado. A escassez se vae tornando cada vez mais sensivel e seu conseguimento cada vez mais custoso, attendendo não só á pouca quantidade de rezes e esta espalhada em larga zona, como a impossibilidade em obter cavallos para substituir aquelles que a peste mata ou inhabilita do trabalho. Acho-me, pois, nas circumstancias mais criticas, vendo imminente o momento em que eu seja de todo constrangido pela necessidade a modificar os meus planos, abandonando os projectos que havia delineado. Mantenho-me, comtudo, n'este ponto, empregando os maiores esforços para que sejam ainda providas estas forças por algum tempo, pois que reconheço que mesmo acampadas, actuam ellas aqui favoravelmente sobre o moral do inimigo, obrigando-o á vigilancia cuidadosa em sua fronteira septentrional e ameaçando á Republica com os receios de uma invasão. Para o conseguimento de um resultado que póde ter repercussão immensa nos acontecimentos futuros, influindo efficazmente á que se quebrante a resistencia que experimentam os Exercitos do Imperio no Sul do Paraguay, desenvolverei o esforço compativel com o que se póde esperar da bôa vontade e patriotismo. —Deus Guárde a V. Exc. Illm. e Exm. Senr. Albano de Souza Ozorio, Vice Presidente desta Provincia. —*Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

Quartel do Commando das Forças em Operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso, na Colonia de Miranda, 13 de Abril de 1867. —Tenho a honra e prazer de annunciar a V. Exc. que no dia 11 do corrente, apresentaram-se n'este acampamento dez brazileiros, que se achavam prisioneiros desde Agosto do anno passado com numerosas familias, no lugar chamado Capella Orcheta a 12 legoas da Villa Paraguaya da Conceição. Fugiram no dia 25 de Março, escapando por este meio á ordem do Governo Republicano que chamava ás armas todos os estrangeiros residentes no territorio Paraguayo e brazileiros ali retidos, não só nas vizinhanças da Conceição

como no Serro Leon, S. Joaquim e outros lugares. As noticias que me forneceram os fugitivos são de pouca importancia e sobretudo certeza, visto como era absolutamente prohibido aos naturaes do paiz conversarem com elles em negocio relativo á guerra; entretanto, contam que já começa a fazer sentir os seus effeitos o desanimo que lavra geralmente na Republica e que os recursos d'ella já se acham quasi de todo exhauridos. Informam ainda que a fronteira do Apa está em alvoroço com a approximação d'estas forças, havendo já o Commandante do forte de Bella Vista mandado pedir ao Presidente Lopes reforço para se oppôr ao ataque da força brasileira que elles suppoem ser muito numeresa.

A' vista, pois, d'estas noticias que confirmam a vantagem que eu acreditava tirar, trazendo as forças para esta fronteira d'onde ameaçava o territorio visinho com o receio de uma invasão, tencionio brevemente dar ordem de marcha dirigindo-me incontinente sobre o Apa, afim de lá operar, conforme o permittirem os recursos de que disponho, e a força contraria, lamentando-me achar desprovido de todo de Cavallaria, um dos elementos mais necessarios para fazer a guerra nesses campos vastos e descobertos. A chegada dos Brazileiros montados em cavallos que trouxeram do Paraguay veio por ora remover a difficuldade em que eu me via para o provisionamento da força, a tal ponto chegara a falta de cavalhada; comtudo com fé viva na Providencia Divina, a Qual em sua Eterna Justiça protege á causa do Brazil, confiado na coragem que sa e e m honra a dignidade de sua Patria, desenvolver no conflicto o Soldado Brazileiro, e impellido pelo incentivo de levar as armas do Imperio, como reacção á injusta invasão do districto de Miranda, até o Apa, dirijo-me aos pontos extremos da Provincia de Matto-Grosso procurando quiçá entrar no territorio da Republica.—Remetto a relação inclusa dos nomes dos fugitivos brasileiros aproveitando a occasião para significar a V. Exc. os meus protestos de alta consideração.—Deos Guarde á V. Exc.—Illm.º e Exm.º Senr. Albano de Souza Osorio, Vice Presidente desta Provincia.—*Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

Francisco Felix
Francelino Rodrigues Soares
Gabriel Francisco Lopes
Gabriel Antonio Ferreira
Hypolito José Machado
Ignacio Gonçalves Barbosa
José Francisco Lopes Junior
José Leandro
Joaquim Filisardo Corrêa
Manoel Francisco Machado

COPIA.—Quartel do Commando das Forças em operações ao Sul da Provincia de Matto-Grosso na Colonia de Miranda, 14 de Abril de 1867.

ORDEM DO DIA N. 18.

Camaradas! Amanhã seguiremos para o Apa! Nas margens daquella divisa do territorio Brasileiro fluctuará pela vez primeira o Pavilhão Nacional! Seja a sua apparição saudada pelo clamôr unisono dos peitos patriotas, mantida constancia e coragem, sustentada pela dignidade do militar.—Os Exercitos do Sul alcançando a gloria que Deus distribue aos homens inflammados pelo amor da Patria, traçarão a linha que deveis seguir. —Cercando a bandeira, emblema de nossa civilisação, de nossa constituição politica, de nossa honra, levantai-a tão alto que o Brasil em pezo nos atire as bençãos de reconhecimento e que o mundo declare haveis bem merecido de vosso paiz.—Confieis sempre em vós, nos vossos chefes, na Estrella do Imperio. O Deos das Batalhas nos protegerá e o anjo da Victoria, adejando sobre vossas frontes, arrebatará á immortalidade os martyres, coroando aos victoriosos.—*Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

Conforme

O Alferes *Amaro Francisco de Moura*.

Secretario Militar.

COPIA.—Quartel do Commando das Forças em operações ao Norte da Republica do Paraguay, acampamento no Forte de Bella Vista, 22 de Abril de 1867.

ORDEM DO DIA N. 20.

O programma que apresentei ás forças, ao partir da Colonia de Miranda, acha-se concluido em toda a sua brilhante plenitude. O inimigo fugio aos primeiros passos da briosa força brasileira e nos abandonou seos entrincheiramentos, incendiando as suas propriedades e devastando brutalmente o trabalho de longos annos.—O conflicto em que devia patentear-se a coragem que é propria do soldado brasileiro, não se déo: bastou a simples demonstração de sua placidez e energia.—Deos, em sua Resplandecente Justiça, permittio a completa reacção da injusta invasão do districto de Miranda, tocando-nos a gloria immensa de executal-a em todo o seo elastorio.—Orgulhoso por me achar á testa de tão distincta expedição, louvo em extremo, nesta occasião, aos empregados do Quartel d'este Commando, Senrs. Engenheiros, Medicos, Official Pagador, Commandantes dos Corpos de Caçadores á Cavallo, Provisorio de Artilharia, dos Batalhões n.os 17, 20 e 21, todos os Senrs. Officiaes e praças pelo enthusiasmo no desejo de encontrar o inimigo e alegria ao marchar ao seu encontro, que se manifestaram em todas as occasiões, desde a sahida de Miranda,

não só nos Corpos que formavam a vanguarda, os quaes desenvolveram muita actividade e vigilancia, como nos demais, o que patenteou-se na passagem do Rio Apa, a qual, apesar de seu pessimo vão foi em poucos minutos transposto, ainda mesmo pela Artilharia, cujo trem pesado faria crêr em longa demora, dando-se o mesmo com o cartuxame. —Ainda merece os meos elogios o bravo e denodado guia destas Forças, José Francisco Lopes o qual, impellido pelos sentimentos de pae e cidadão, pois tem a sua familia prisioneira n'esta Republica, nunca se esquivou a trabalhos e perigos, assim como os mais paisanos e fugitivos que era me acompanham. —*Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

Conforme.

O Alferes *Amaro Francisco de Moura*.

e Secretario Militar.

Quartel do Commando das Forças em operações ao Norte da Republica do Paraguay, acampamento no Forte de Bella-Vista, 23 de Abril de 1867.—O pavilhão brazileiro desdobra-se sobre as ruinas do forte de Bella-Vista ! A força brazileira pisa o territorio Paraguayo, vendo fugir ante a simples demonstração de sua energia os defensores da fronteira da Republica!— Tenho a honra e orgulho de participar a V. Exc. que no dia 20 do corrente, á frente da briosa cohorte de soldados que commando, transpuz o rio Apa, occupando o forte de Bella-Vista, cujas casas e edificios os Paraguayos com a nossa chegada trataram de incendiar, havendo destruido todas as suas plantações e lançado no rio muitos objectos que estão sendo retirados.— Sahindo da Colonia de Miranda no dia 15, e levando commigo os fugitivos que ali se tinham apresentado vindos do Paraguay, com tres dias de marcha cheguei ao rio Apa, acampando no lugar de uma antiga casa denominada por isso tapera. Ahi avistou-se uma partida inimiga, a qual, perfeitamente montada, e conhecendo desde logo a nossa falta absoluta de cavallaria, procurou vir nos observando; até que consegui fazel-a fugir em debandada com tres tiros de granada da excellente artilharia que levam estas forças. No dia 20 occupei o ponto denominado pelos paraguayos— Machôrra— junto ao corrego de José Carlos, onde se achava formada uma vasta fazenda, protegida por um destacamento que fugio aos nossos primeiros tiros, com bôas casas e grandes dependencias no terreno á margem direita do Apa, e no dia seguinte entrei no forte de Bella-Vista, que, ao nosso approximar foi desamparado pela sua guarnição, a qual retirou-se apressadamente, apesar do excellente local que tinha para uma defesa heroica. Ainda diante dos nossos postos avançados acha-se, á bôa distancia, alguns cavalleiros, parecendo procurar observar o movimento das forças, os quaes serão afugentados pelo mesmo meio que já puz em uzo. No estado em que se acham as cousas, tenho, confiado na coragem que todos os meus commandados patenteiam, o desejo de avançar até a Villa da Conceição á trin-

ta legoas d'aqui, onde eu estabeleceria a artilharia sobre a barranca do Rio Paraguay, para incommodar aos vapores que passarem com direcção á Coimbra, e onde se reuniriam não só os quinze brazileiros que acham-se occultos em mattas, como numerosas familias prisioneiras em pontos proximos: entretanto, a questão de recursos me tolhe os passos, pois me acho sem gado nem cavalhada, á 26 legoas de Nioac, onde está o deposito pouco provido de mantimentos, que ali creei. Farei todos os esforços para vêr se consigo o meu intento e se levo ao cabo a empreza gloriosa, bem que ardua, que me foi confiada.

O enthusiasmo que todos os meus subordinados demonstraram no afan com que se atiraram á procura do inimigo, fez-me vêr que não era injusta a confiança que eu depositava nelles, e que tudo poderia esperar de tão briosos militares.

Os nossos soldados de pé e officiaes mal montados corriam no encalce de cavalleiros, descarregando sobre elles as suas armas, fazendo estrondar os ares com os vivas á Sua Magestade O Imperador e á Nação Brazileira! A occupação de Bella Vista déo-se sem a menor gôtta de sangue. Dar-se-hia ella ainda quando o inimigo resistisse até a ultima extremidade.

As forças em operações no Sul de Matto-Grosso, plantando a bandeira do Imperio nos dominios do Paraguay, completaram a missão que lhes estava reservada por um destino glorioso, almejando, na posição a que assumiram ao reconhecimento do paiz.—Junto tenho a honra de passar, por copia ás mãos de V. Exc. as Ordens do Dia dadas por este commando, ao partir da colonia de Miranda e ao passarmo-nos deste ponto, e bem assim, as partes que me foram transmittidas pelos commandantes de corpos componentes d'estas forças, por onde mais detalhadamente conhecerá V. Exc. tudo quanto se passou nesta marcha.—Deos Guarde a V. Exc. Illm.º e Exm.º Senr. Tenente Coronel Albano de Souza Ozorio, Vice Presidente da Provincia de Matto Grosso.—*Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

Quartel do Commando das Forças em Operações ao Norte da Republica do Paraguay, acampamento no Forte de Bella Vista, 26 de Abril de 1867.

Illm.º e Exm.º Senr.—Em additamento ao officio que em data de 23 do corrente dirigi á V. Exc., participo que foi encontrado entre as ruinas das casas, que á nossa chegada a este forte ainda ardiam, um mappa demonstrativo da força de 333 homens, o qual concorda não só com a parte cuja copia inclusa remetto a V. Exc., como com os indicios de ter este ponto recebido reforço, pelos ranchos novos e em construcção que os Paraguayos estavam levantando.

O forte de Bella-Vista consiste n'um quadrilatero de páos a pique, formando um palanque respeitavel, com baluartes circulares em dous cantos, e quatro canhoneiras para boccas de fogo de pequeno calibre.

Existem na area circumscripta pela palissada varias casas bem

construidas, sendo a do commandante do forte de data muito recente, pois que os Brazileiros ultimamente fugidos da Villa de Conceição e que por este ponto haviam passado em Agosto do anno proximo findo, não a conheciam. E' ella caiada e apresenta bons commodos.

Os Paraguayos atiraram fogo ás suas propriedades na ultima extremidade. Tão pouco contavam elles com uma invasão por este lado, que haviam derrubado em dous pontos da palissada bôa porção de páos para construirem diversas casas.

Ao redor do forte que assenta sobre uma chapadiazinha, existem varios ranchos e casas com curraes, casa de cortume, etc., rodeiados de plantações de cannas e mandiocas em muito bom estado, e que têm servido para introduzir grande fartura entre a nossa soldadesca.

O máo tempo e a procura de gado me retém presentemente n'este forte, diante do qual se conservam ainda os cavalleiros, que se acham de observação para conhecerem o movimento d'estas forças, como já tive a honra de communicar.—Deos Guarde a V. Exc. Illm. e Exm. Senr. Tenente Coronel Albano de Souza Ozorio, Vice Presidente da Provincia de Matto Grosso.—*Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

COPIA.—Quartel do Commando do Batalhão 17 de Voluntarios da Patria.—Acampamento no Ponto Militar de Machorra, 20 de Abril de 1867.—Illm Exm. Senr.—Ordenando-me V. Exc. para que de uma parte circumstanciada da tomada do Ponto Militar denominado Machorra pelo Batalhão 17 do Voluntarios da Patria, do meu commando, que fazia a vanguarda das Forças, hoje cumpre-me communicar a V. Exc. que ás quatro e meia horas da tarde, fazendo-me a vanguarda signal de inimigo de Cavallaria, recebi communicação do Tenente João Baptista de Souza Vianna, que commandava o apoio da mesma vanguarda, de ter avistado no flanco direito uma partida de cavallaria, a qual em pouco tempo se tornou visivel para todo o Batalhão, e pela marcha contra o flanco que fazia, parecia querer atacar a vanguarda, então mandando ordem para que ella marchasse bem junta ao Batalhão, ao qual deveria reunir-se no caso de força superior a que pudesse conter; mandei tocar avançar, e em um quarto de hora depois, o matto estreitando-se apresentava um desfiladeiro no fundo do qual avistamos um corrego: fazendo alto ao Batalhão, determinei á guarda avançada que explorasse, e tendo esta o atravessado, fazendo fogo de atiradores nos cavalleiros que ousavam se apresentar nos clarões do mesmo, avancei com o Batalhão, achando-me em uma vasta campina, continuando a minha marcha em columnas de grandes divisões a meia distancia; pouco tempo depois, o Capitão Enok Baptista de Figueiredo, commandante da vanguarda, communicou-me que no mencionado ponto do Maxorra, que já avistava, distinguia-se em linha de batalha sessenta cavalleiros, pouco mais ou menos, determinei que continuasse a avançar observando a passagem do corrego e a matta que este bordava, rompendo de novo o fogo de atira-

dores em alguns cavalleiros dispersos que observavam o Batalhão de mais perto, e retirando-se, mandei avançar o Batalhão a marche-marcho atravessando o corrego, e nesta occasião observamos que a força que se achava em linha de batalha retirava-se a galope, sendo de crêr que fossem tocando a cavalhada que tinham, pela grande poeira que na frente d'elles se distinguia. Este ponto, occupando uma pequena elevação, apenas visivel em muito pequena distancia, pelo matto que borda o corrego, compõe-se de duas linhas parallelas de grandes casas, podendo dar abrigo a quatrocentas praças, tendo além disto um curtume, uma grande officina de correieiros, dous grandes curraes, e plantações de mandioca, feijão, milho, cannas e fumo, como tudo devia ser observado por V. Exc. que instantes depois com o seu Estado Maior apresentou-se. Acharam-se presentes na occasião da entrada do posto os Senrs. Tenente Coronel Chefe da Commissão de Engenheiros, Juvencio Manoel Cabral de Menezes, que vinha com ordem de V. Exc. para que eu não me alongasse, e 1º Tenente Catão Augusto dos Santos Rôcho e 2º dito Alfredo de Escragnolle Taunay, membros da referida commissão, os quaes, collocando-se ao lado da vanguarda, e avançando, enthusiastica e corajosamente davam vivas ao Batalhão. Faltaria tambem a um dever, se não manifestasse a V. Exc. o bom comportamento que tiveram o Capitão Enok Batispta de Figueiredo, Tenente João Baptista de Souza Vianna e Alferes Ajudante Joaquim Candido de Vasconcellos, pela firmeza com que se houveram, este na transmissão de ordens e aquelles no serviço da vanguarda ignorando elles a força com que repentinamente teriam de se encontrar pelas emboscadas que o matto offerecia. E' o que me cumpre communicar a V. Exc. — Deos Guarde a V. Exc. — Illm. e Exm. Senr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, Commandante em Chefe d'estas Forças em operações. — *Antonio Enêas Gustavo Galrão*, Tenente Coronel em Commissão Commandante.

Conforme

O Alferes *Amaro Francisco de Moura*.
Secretario Militar.

COPIA. — Acampamento do Batalhão nº 20 de Infantaria nas ruinas do forte da Bella Vista, na Republica do Paraguay, 21 de Abril de 1867. — Illm. Exm. Senr. — Tenho a honra de participar a V. Exc. que marchando o Batalhão de meu interino commando na vanguarda, da Machorra (lugar onde no dia anterior haviam acampado estas Forças) depois de meia legua de marcha, avistei a um quarto uma partida de Cavallaria inimiga que eu calculei no numero de 60 homens pouco mais ou menos, cuja partida se retirava á proporção que os exploradores e o Batalhão avançavam o que communiquei a V. Exc. por intermedio do Ajudante do Batalhão; e continuando a marcha recebi aviso dos exploradores que os inimigos haviam lançado fogo a todos os edificios e casas do forte, o que tambem fiz chegar ao conhecimento de V. Exc. immediatamente, e achando-se nessa occasião commigo o Illustrissimo Senr. Tenente Coronel Chefe da Commmissão de Engenheiros e dous de seus

Ajudantes, estes Snrs. Officiaes adiantaram-se com os exploradores e o piquete avançando para este ponto, e momentos depois voltou o Chefe dos Engenheiros com um dos seus Ajudantes e participando-me o occorido na frente, avancei com o Batalhão a marche-marche para a margem direita do Apa, e ahi chegando, tomei posição com o Batalhão e mandei a 1ª Companhia dar, á uma, descarga sobre a passagem e os inimigos que ainda se achavam lançando fogo nos edificios restantes do referido forte, o que resultou a debandada precipitada e retirada delles: ahi fiz alto com o Batalhão e fiz passar para o outro lado do rio os exploradores com o piquete avançado e aguardei as ordens de V. Exc.; e momento depois, chegando V. Exc. ordenou-me que passasse com o Batalhão, o que fiz, explorando além deste forte até a distancia de meia legoa sem poder tirar proveito por se retirarem os inimigos em fuga precipitada de que V. Exc foi testemunha ocular, á vista do que ordenou-me V. Exc. a retirada para este forte aonde nos achamos acampados.

Cumpre-me tambem fazer chegar ao conhecimento de V. Exc. que o comportamento e enthusiasmo de todos os Officiaes e praças do Batalhão de meu interino Commando são dignos de todos os elogios.

Por occasião da nossa chegada á margem direita do Apa, em frente do forte e depois de estarem em debandada completa os inimigos, rompeo-se os vivas á *Sua Magestade O Imperador* e a este Batalhão, primeiro que pisou o sólo da Repubica Paraguaya e fluctuou o pavilhão nacional, pelo o Illm.º Senr Tenente Coronel Chefe da Commisão de Engenheiros, e em seguida dei eu os vivas á chegada de V. Exc., o que foi correspondido por V. Exc. dando vivas a *Sua Magestade O Imperador*, á Integridade do Imperio e ás Forças em operações.—Illm.º e Exmo Senr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, D. Commandante das Forças. *Joaquim Ferreira da Paiva*, Capitão Commandante interino.

Conforme.

O Alferes *Amaro Francisco de Moura*.

Secretario Militar.

FIM

Ajudantes, estes Snrs. Officiaes adianteram-se com os exploradores e o piquete avançando para este ponto, e momentos depois voltou o Chefe dos Engenheiros com um dos seus Ajudantes e participando-me o occorido na frente, avancei com o Batalhão a marche-marche para a margem direita do Apa. e ahi chegando, tomei posição com o Batalhão e mandei a 1ª Companhia dar, á uma, descarga sobre a passagem e os inimigos que ainda se achavam lançando fogo nos edificios restantes do referido forte, o que resultou a debandada precipitada e retirada delles: ahi fiz alto com o Batalhão e fiz passar para o outro lado do rio os exploradores com o piquete avançado e aguardei as ordens de V. Exc.; e momento depois, chegando V. Exc. ordenou-me que passasse com o Batalhão, o que fiz, explorando além deste forte até a distancia de meia legoa sem poder tirar proveito por se retirarem os inimigos em fuga precipitada de que V. Exc foi testemunha ocular, á vista do que ordenou-me V. Exc. a retirada para este forte aonde nos achamos acampados.

Cumpre-me tambem fazer chegar ao conhecimento de V. Exc. que o comportamento e enthusiasmo de todos os Officiaes e praças do Batalhão de meu interino Commando são dignos de todos os elogios.

Por occasião da nossa chegada á margem direita do Apa, em frente do forte e depois de estarem em debandada completa os inimigos, rompeo-se os vivas á *Sua Magestade O Imperador* e a este Batalhão, primeiro que pisou o sólo da Repubica Paraguaya e fluctuou o pavilhão nacional, pelo o Illm.º Senr Tenente Coronel Chefe da Commisão de Engenheiros, e em seguida dei eu os vivas á chegada de V. Exc., o que foi correspondido por V. Exc. dando vivas a *Sua Magestade O Imperador*, á Integridade do Imperio e ás Forças em operações.—Illm.º e Exmo Senr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, D. Commandante das Forças. *Joaquim Ferreira da Paiva*, Capitão Commandante interino.

Conforme.

O Alferes *Amaro Francisco de Moura*.

Secretario Militar.

FIM

Publicações recebidas

Além dos jornaes, revistas e varias outras publicações que permutam com *O Archivo*, honrando-nos assim com a sua agradavel visita, recebemos mais as seguintes, cuja remessa agradecemos penhorados e permutaremos.

JORNAES.—*Evolucionista*, de Maceió (Alagôas).—*A Confederação*, Hebdomadario Noticioso, Litterario e Scientifico, da Capital da Bahia.—*Correio Catholico*, sob os auspicios da Auctoridade Diocesana, de Uberaba (Minas).—*Le Messager de S. Paulo*, importante orgam da colonia franceza, do qual é director proprietario o Sr. E. Hollender, da Capital de S. Paulo.

REVISTAS.-*Revista de Uberaba*, anno I, fasciculo 12 do 1º volume, orgam litterario, scientifico e industrial, sob a direcção do Snr. Felicio Buarque.

—*Revista do Instituto Historico e Geographico da Bahia*, anno X, n. 29, vol. X.

FOLHETOS.-*Conferencias*.—Associação das Senhoras da Egreja Evangelica Brazileira—*A Divida da Mulher*, 6.ª conferencia pela Associada D. Sara Villares Ferreira, Rio de Janeiro.

—Solemne Distribuição de Premios no Lycêo Salesiano de Artes e Officios "S. Gonçalo" equiparado ao Gymnasio Nacional, em Cuyabá, Matto-Grosso, no dia 30 de Julho de 1905.

ALMANAK.—*Almanak Brazileiro Garnier*, publicado sob a direcção do Snr. B. F. Ramiz Galvão.

A nossa Revista

O Archivo.

« Embelleza nossa meza de trabalho o volume 3º do 1º anno d'*O Archivo*, importante revista mensal destinada á vulgação de documentos geographicos e historicos referentes ao Estado de Matto-Grosso.

« Com a sua publicação, á que ligou o prestigio do seu nome glorioso e a sua valiosa protecção o Exm. Sr. Coronel Antonio Paes de Barros, revelando mais essa apreciavel modalidade do seu genio benefico e assáz comprovado patriotismo, prestam os Srs. Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza, intelligentes directores da util revista, assignalado serviço não só á nossa actual geração estudiosa, como áquellas que nos succederem, porquanto, no vasto repositorio de documentos que o *O Archivo* representa, os historiographos encontrarão subsidios os mais veridicos e imprescindiveis á compendiação da—Historia de Matto-Grosso.

« Gratos pela remessa do exemplar com que fomos obsequiados, enviamos, com o nosso sincero louvor ao Exm. Sr. Coronel Presidente do Estado, fervorosos applausos aos cavalheiros supra nomeados, desejando a *O Archivo* longa vida e prosperidades.»

(Do *Autonomista*, de Corumbá, de 10 de Junho de 1905).

Recebemos e agradecemos

« *O Archivo*, importante revista do Estado de Matto-Grosso, edição commemorativa do 25.º anniversario do passamento do inolvidavel Barão de Melgaço. E' talvez o livro, desse genero mais nitido que se imprime no Brazil. »

(D'*O Malho*, de 15 de Julho de 1905.)

« **Etat de Matto-Grosso.** —Nous avons reçu le 2ème volume de *O Archivo* (Archives), revue destinée à la vulgarisation de documents géographiques et historiques sur l'Etat de Matto-Grosso.

« Nous avons déjà parlé du 1.er volume de cette utile publication, faite sous les auspices du M. le Colonel Antonio Paes de Barros, President de l'Etat de Matto-Grosso, et ayant pour directeurs M. M. Estevão de Mendonça et Antonio Fernandes de Souza.

« Le volume que nous avons sous les yeux, n'est pas moins interessant que le precédent.

« Il contient un grand nombre de documents inédits, dont plusieurs officiels, ayant trait à l'histoire, à la geographie, à l'ethnographie et aux ressources de Matto-Grosso.

« Il est seulement à regretter que cette œuvre de vulgarisation soit destinée à ne pas dépresser les limites du Brésil et du Portugal, en raison du peu de diffusion de la langue portugaise. »

(De *L'Étoile du Sud*, do Rio, 23 de Julho de 1905).

« Ex.mos Senrs. Capitães Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza.

Presentes.

Presadissimos conterraneos.

Affectuosas saudações.

Recebi, e por esta venho de todo coração agradecer-lhes, o primeiro numero d'*O Archivo* que se dignaram gentilmente offerecer-me.

Revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do nosso querido Estado, e cuja publicação confiada á direcção de V. V. E. Exc. e feita sob os auspicios do emerito cidadão que tão correcta e criteriosamente vae dirigindo a nossa publica administração, vem iniciar o cumprimento de um dever sagrado, qual o de saldarem os matto-grossenses uma divida de honra que a si mesmos sã devedores.

Como um departamento da nossa nacionalidade, a existencia politica de Matto-Grosso officialmente declarada, conta já mais de um e meio seculo á partir de 9 de Maio de 1748, entretanto é um facto quasi desconhecido, pode-se dizer, do resto da humanidade, tal o descuido com que a nossa historia vem atravessando os tempos.

E' doloroso dizel-o e importa o mesmo que uma censura acerba aos nossos homens de letras que por tal falta não têm jus á defeza; e mais doloroso ainda é dizer, e devo aqui consignar sem reservas, que o melhor e o mais opulento subsidio da nossa historia peculiar, mãos criminosas delle se apoderaram subtrahindo-o dos archivos publicos, de sorte que exparsos *urbi et orbe* e sem paradeiro conhecido, andam preciosissimos documentos e dados scientificos cuidadosamente colligidos, e com labor e sacrificios, por nossos antepassados.

Refiro-me ao latrocinio praticado no archivo da secretaria do governo por alguns dos *ex*-presidentes da então provincia, e dos seus secretarios, que traziam, os quaes, regressando, comsigo levaram papeis, mappas e relatorios do mais alto valor sem ao menos deixarem ficar as copias!

Nada, como isso, tão nefandamente atroz!

Prestam, pois, meus estimaveis conterraneos, assignaladissimo serviço, trazendo ao nosso proprio conhecimento, *do povo que ainda resta*, os factos e os nossos idolatrados avós, por completo e geralmente ignorados, desvendando-nos o nosso glorioso passado tão rico de fastos, para servir de estimulo ao presente, e guia para o futuro. Acceitem, por isso minhas congratulações e homenagens que apresento-lhes com o mais vivo prazer e as seguranças do meu reconhecimento como um filho obscuro desta grandiosa terra, que é nosso berço e que começa de ser levantada pela iniciativa que *O Archivo* dá eloquente testemunho.

Si julgarem que eu, de alguma fórma possa ser-lhes util nesse nobre quanto glorioso commettimento, amparado aliás pelo mais operoso dos nossos conterraneos, disponham com franqueza illimitada

do meu insignificante prestimo, pois que me colloco ao inteiro serviço dessa santa cruzada.

Com distincta consideração subscrevo-me

Patr.º aff.º e am.º agr.º

Francisco Agostinho Ribeiro. (*)

Cuyabá, 18 de Dezembro de 1904.

Bahia, 18 de Fevereiro de 1905.

Illm. Senr. Coronel Antonio Paes de Barros.

Permitta que o felicite pelo promissor commettimento da publicação d'*O Archivo*, que virá a ser um repositorio substancioso de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso.

Recebi o nº 1 da inspirada publicação, e no caracter de redactor chefe desta folha, cumpre-me levar a minha palavra de estimulo aos espiritos fecundos que se entregaram a esse emprehendimento, convindo mencionar com a sua devida venia, os Srs. Estevam de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza, que se destacam como dignos redactores d'*O Archivo*.

Terminando, apraz-me declarar que á frente deste *Diario da Bahia* ou particularmente, pode o Illm. Senr. Coronel, bem como seus dignos amigos e auxiliares, mandar no patricio m.to adm.or e obr.º cr.º

Ouidberto Pereira.

O Archivo

«Recebemos a vol. II d'*O Archivo*, revista historica e geographica de Cuyabá, trabalho de grande valor, dirigido pelos Srs. Estevam de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza e publicado sob os auspicios do Exm. Governador de Matto-Grosso.

Com o nosso exemplar recebemos mais dous destinados ao *Gutenberg* e ao *Correio*, dos quaes fizemos entrega.»

(Do *Evolucionista*, de Maceió).

«Échos et Nouvelles»

«Le gouvernement de l'État de Matto-Grosso vient de lancer une publication, dont le but est de vulgariser partout les progrès de cet État. C'est une revue, *O Archivo*, qui a pour directeur M. Antonio Fernandes de Souza.

(*) *Diario da Bahia* — *Redactor chefe e jornalista*

«La revue est très bien imprimée et fait honneur à Cuyaba, capitale de l'Etat que M. le colonel Antonio Paes de Barros gouverne avec tant de tact».

(Da *France-Brésil*, revista mensal de propaganda industrial e commercial de Bordeaux).

Recebemos e agradecemos

«*O Archivo*, revista de documentos historicos e geographicos do Estado de Matto-Grosso. Vol. III.—Interessantissima publicação.»
(Do *Matto*, de 1º de Julho de 1905).

Anno II

O ARCHIVO

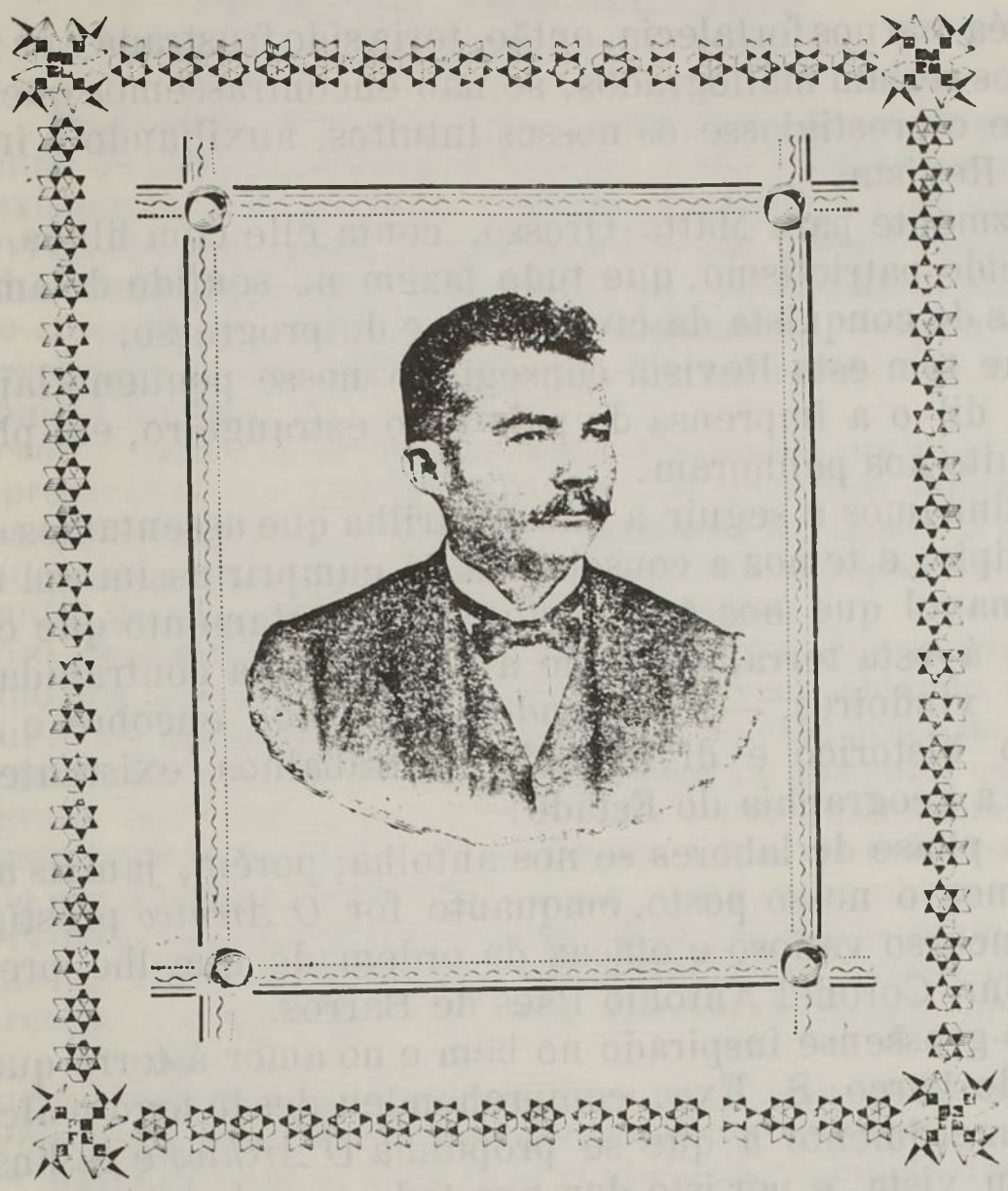
Revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso

Publicação feita sob os auspicios do

Exm. Sr. Coronel Antonio Paes de Barros

VOLUME I

Cuyabá – Dezembro – 1905



Cel. Antonio Paes de Barros

Com a publicação do presente numero, completa esta Revista o seu primeiro anniversario.

Durante esse ainda curto periodo de sua existencia, *O Archivo* esforçou-se, em meio das difficuldades e obstaculos que teve de vencer, para corresponder ao fim que se propoz.

Foi um anno de lucta incessante em pról da propaganda das tradições historicas de Matto-Grosso e das suas condições geographicas: e o pouco que já fizemos neste sentido, patentêa a grande necessidade, que ha, de se desenvolver amplamente uma publicação desse genero.

Faz um anno, no dia de hoje, que appareceu o 1.º numero d'*O Archivo*, trazendo a esperança de prestar um serviço ao Estado, tornando-o conhecido e submettendo-o ao estudo dos competentes.

A idéa que nos fortalecia, então, teria sido frustrada e os nossos esforços seriam mallogrados, se não encontrassemos quem amparasse e prestigiasse os nossos intuitos, auxiliando a impressão da Revista.

Felizmente para Matto-Grosso, conta elle com filhos de reconhecido patriotismo, que tudo fazem no sentido de amparar as idéas de conquista da civilisação e do progresso.

O que tem esta Revista conseguido nesse pequeno lapso de tempo, dil-o a imprensa do paiz e do estrangeiro, em phrases que muito nos penhoram.

Continuamos a seguir a mesma trilha que assentamos desde o principio; e temos a consciencia de cumprir assim um dever indeclinavel que nos é imposto pelo devotamento que consagramos á esta terra, saldando a nossa divida contrahida para com os vindoiros, — levantando o véo que encobre o nosso passado historico e divulgando os trabalhos existentes em relação á geographia do Estado.

Nova phase de labores se nos antolha; porém, jamais abandonaremos o nosso posto, emquanto fôr *O Archivo* prestigiado pelo concurso valioso e efficaz da ordem do que lhe presta o Exm. Snr. Coronel Antonio Paes de Barros.

Matto-grossense inspirado no bem e no amor á terra que lhe serviu de berço, S. Exc. comprehendeu desde logo o alcance do commettimento a que se propunha *O Archivo* e os fins que tinha em vista, e por isto deu-nos todo o apoio moral e material, o que valeu a existencia desta Revista.

Entrando hoje no 2.º anno de sua publicação, conta ella com a continuação de tão importante auxilio, e bem assim, daquelle que lhe prestam os estudiosos.

Nutrimos a convicção de que o publico continue a favorecer-nos com a sua sympathia e aproveitamos a occasião para agradecer a todos os collegas de imprensa, as expressões generosas com que sempre se manifestaram a nosso respeito.

Em nossa primeira pagina estampamos o retrato do Coronel Antonio Paes de Barros, como penhor de nossa gratidão pelo muito que tem feito em favor da nossa terra natal, dispensando a sua valiosa protecção a *O Archivo*, — receptaculo dos acontecimentos que agitaram a alma matto-grossense desde os seus primeiros passos no convivio das sociedades cultas.

Cuyabá, 15 de Dezembro de 1905.

OS DIRECTORES,

Estevão de Mendonça

Antonio Fernandes de Souza

PRIMEIRO ANNIVERSARIO

Assentando hoje um marco miliario na senda da evolução intellectual do Estado, celebra *O Archivo* o seu primeiro anniversario de existencia. Um ponto na amplidão dos tempos, mas um periodo no viver de um povo. E quanto a nós que vivemos segregados quasi do mundo das letras,—é um facto que nos satisfaz a alma, nos enche o coração de prazer infindo e nos alimenta o espirito com a doce esperança de um porvir risonho, em convivio, nas festas da intelligencia humana.

O Archivo nasceu modesto e modesto atravessou um anno, e o que elle representa no concerto harmonioso das intenções nobres e patrioticas que o fecundou, excede em grandeza ao fausto e deslumbramentos das publicações congeneres dos centros populosos e ricos, abundantes de recursos intellectuaes e materiaes.

Repositorio opulento dos fastos da nossa terra, das glorias e do heroismo dos nossos antepassados, *O Archivo* vem saldando uma divida que á nós mesmos devemos; e não fôra o potente braço do emerito actual administrador do Estado que o ampara e sustenta, essa divida sagrada continuaria sem solução talvez indefinidamente. E ao lado desse prestigioso braço, se collocaram a bôa vontade e o esforço masculo dos dous obreiros distinctos que sobre os hombros tomaram tão alevantado commettimento e cujas idéas primitivas eram da fundação de um Instituto Historico e Geographico que tivesse por escopo a creação e manutenção de uma *Revista do Estado de Matto-Grosso*.

O que foi *O Archivo* durante um anno na consecussão de seus fins —*a vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto Grosso*—, dil-o com eloquencia a opinião desinteressada da imprensa do exterior do Estado e o acolhimento sincero, franco e festivo que obteve no estrangeiro; e bastavam essas manifestações expontaneas dos competentes para a apologia completa da interessantissima, quanto proveitosa revista.

A ninguem será licito, nunca, obscurecer o grandioso e inestimavel serviço que, com a iniciativa da publicação d'*O Archivo*; animando-a e robustecendo-a, vem prestando o devotado patriotismo do coronel Antonio Paes de Barros, um dos mais, de entre os poucos, dedicados ao engrandecimento do seu torrão natal, tirando-o da inanição e do estiolamento, serviço do qual nenhum outro governo se occupára até o presente.

Bem hajam tambem os seus auxiliares nesta obra meritoria, e que não se desanimem ante as difficuldades que surgem a todo instante, pois que superal-as é a maior gloria que podem alcançar os operosos desta cruzada de paz e de amôr pela prosperidade do Estado.

Fazendo votos pela continuação e melhoramentos da publicação d'*O Archivo*, saúdo respeitoso os seus sustentaculos e festejo jubiloso o primeiro dia do seu segundo anno.

Cuyabá, 15 de Dezembro de 1905.

Francisco Agostinho Ribeiro.

Cartas Regias de 1771 a 1803.

Relativamente ao Governo da Capitania de Matto-Grosso.

(Continuação do vol. III)

REG.º D'HUMA CARTA DO SR. PRESIDENTE DO REAL ERARIO COMO CONHECIMENTO DA REMEÇA DE PRATA QUE SE FES DESTA CAPITANIA NO ANNO DE 1776.

Remeto a V. S.ª o Conhecimento N. 1227 dos *realetes, Patacas Castelhanos e sete barras de prata que tinha remettido a este Real Erario* pertencente a Real Fazenda que pesaram ao todo 111/m. 6/on. e 4/8 em difere do peso que V. S.ª dizia na sua carta da referida remeça como expreça od.º Conhecimento.—Deos G.ᵉ a V. S.ª—Lix. 29 de Janeiro de 1780.—*Marquez de Angeja.*—Senr. Luiz d'Albuquerque de Mello Per.ª e Caceres.—1.ª via.

Conhecimento que acima se acusa.

N.º 1227.—A f. *108* do L.º 33 da Receyta e Despesa do Thesoureyro-mór do Erario Regio Joaquim Ignacio da Cruz Sobral lhe ficam lançados em debito, cento e onze marcos, seis onças e quatro oytavas de prata n$m Que remeteu o Gov.ᵒʳ e Cap.ᵐ General da Capitania de Mato-Groço Luiz de Albuquerque de Mello Pereyra e Caceres com aviso de 28 de Janeyro de 1776; a saber hum saco com realetes e patacas castelhanas que pesaram sincoenta e seis marcos e duas onças, que ao todo somam os sobreditos 111/m 6/on e quatro oytavas; posto que no aviso do d.º Gov.ᵒʳ se diz serem 117/m: 7/on e 5/8ᵉ—e de como tambem o dito Thesoureyro-mór asinou comigo Escr.ᵐ da sua Receyta: Lisboa 18 de Junho de 1779.—E deste theor e data se extrahiram dois conhecimentos que ambos servem para huma só entrada. *João Henrique de Souza—Joaquim Ignacio da Cruz Sobral.* Regd.º a f. 8. *Almeyda.*

Antonio Felippe da Cunha.

REG.º DE HUMA CARTA DO EXM. SNR. SECRETARIO D'ESTADO ULTRAMARINO P.ª S. EXC. EM QUE S. MAG.ᵉ DETERMINA SE PONHAM EM LIBERD.ᵉ OS ESCRAVOS QUE SE ACHAVAM PRESOS NO CUIABA' COMPREHENDIDOS EM HUMA DEVASSA DOS DIAM.ᵗᵉˢ

Levey a Real Presença da Rainha Nossa Senhora *a carta de V. S.ª de 8 de junho do anno proximo passado com a Devassa que a acompanhava tirada no Cuiabá sobre os descaminhos de ouro, e Diamantes em que sahiram culpados alguns pretos que ficavam presos*

na cadea da dita Villa; E atendendo S. Mag.e as circunstancias que V. S.a expoem da rusticid.e, e ignorancia dos d.os delinquentes, ha por bem perdoar-lhes e he servida que V. S.a o mande por na sua liberd.e Deos G.e a V. S.a Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em o 1.o de Abril de 1780.—*Martinho de Mello e Castro.*—Snr. Luiz de Albuquerque de Mello Per.a e Caceres.

Antonio Felippe da Cunha.

REGISTO DE HUMA CARTA DA SECRETARIA DE ESTADO POR ONDE SE DETERMINA AREMESSA DO CAP.m INGENHEIRO SALVADOR FRANCO DA MOTTA Q.' S. MAG.e MANDOU TIRAR DAS CADEIAS DO LIMOEIRO PARA SER ENTREGUE NO RIO DE JANEIRO E SEGUIR PARA A CAPITANIA DE MATO-GROSSO

Sua Magestade foi servido determinar que Salvador Franco da Motta, capitão de Infantaria com exercicio de Ingenheiro, que se achava preso nas cadeias do Limoeiro, fosse remetido para a Capitania de Matto-Grosso para nella servir até nova ordem do mesmo Senhor, no exercicio do referido posto, vencendo o soldo que por elle lhe compete; *o tem mandado embarcar na fragata de guerra Nossa Snra. da Graça, e ordena Sua Magestade que Vossa Senhoria o leve na sua cometiva* não permitindo q' se ausente daquella Capitania. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 7 de Outubro de 1771.—*Martinho de Mello e Castro.*—Senhor Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

Antonio Felippe da Cunha.

REGISTO DE OUTRA CARTA DA SECRETARIA DE ESTADO PARA QUE O ILL.mo E EX.mo SNR. GOV.or E CAP.m GENERAL LUIZ DE ALBUQUERQUE DE MELLO PEREIRA E CACERES, PASSANDO PELO CUYABA' EXAMINASE AS PARAGENS Q' NO DISTRITO DAQUELLA VILLA PRODUZEM SAL E SALITRE

A copia inclusa he para que V. Senhoria veja os Artigos de que avisou o Governador e Capitão General Luiz Pinto de Souza, cuja copia remetto a Vossa Senhoria, *afim que na passagem, que fizer de Cuyabá para Matto-Grosso, possa observar as paragens que produzem o Sal, e o Salitre de que trata a referida copia:* tendo a certeza de que estes dous artigos vão particularmente recomendados ao sobre dito Governador, e igualmente o são a Vossa Senhoria, para ambos os promoverem com toda a efficacia, de sorte que os Habitantes de

Matto-Grosso consigão para seu beneficio o importante Artigo do Sal, e Portugal, ainda mais importante do Salitre. Deos Guarde a Vossa Senhoria. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 7 de Outubro de 1771. —*Martinho de Mello e Castro.*—Senhor Luiz de Albuquerque de Melio Pereira e Caceres.

N. B. A carta acuzada na carta supra, he a do Registo que se acha no Livro terceiro delle a fs. *107* v.

Antonio Felippe da Cunha.

REG.º DE HUMA CARTA DO EX.mo SR. PRESID.e DO REAL ERARIO EM RESPOSTA A HUMA DE S. EXC.a SOBRE A ECONOMIA DAS DESPEZAS DESTA CAPITANIA E O MAIS RELATIVO

Fui entregue da carta de V. S.a de vinte e cinco de Setembro de mil sette centos e settenta e nove, afim de promover quanto lhe fosse possivel a maior economia da Real Fazenda procurando por outra parte fazer prontos os pagamentos das dividas que se contrahissem e suposto que V. S.a me segura executar quanto estiver da sua parte, para se conseguir o util fim a que se dirige este sistema: expoem ao mesmo tempo que lhe parece não poderá effectuar se tão vantajosamente com a diminuição do subsidio de Goyaz, por ser de maior consideração que o accrescimo da decima parte do Direito Senhorial do Quinto nesse Districto; cuja percepção principiou no primeiro de janeiro de mil sette centos e oitenta. V. S. não ignora as muitas despezas de que está encarregada a capitania de Goyaz, e a necessidade que tem de utilizar-se dos seus proprios rendimentos, para acudir as mesmas despezas estranhas. Não obstante o referido se tem ordenado a Capitania de Goyaz, como ja participei a V. S., assista annualmente a essa de Matto-Grosso com vinte contos de reis para as Despezas da Demarcação, que se lhe determinou por Provisão de oito de Julho de mil sette centos settenta e nove. *E como o zello de V. S. he incansavel no real serviço:* alem de lhe dar a conhecer o que fica ponderado, saberá não só o fazer-lhe disfarçar a diminuição do dito subsidio, mas continuará tambem a subministrarlhe todos os meios de ohir evitando do modo possivel para o futuro á proporção que se for conseguindo o desempenho dessa capitania. Deos guarde a V. S. Lisboa vinte e hum de Julho de mil sette centos e oitenta hum. *Marquez d'Angeja.* Snr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres. Primeira via registada

Antonio Soares Lima.

REG.º DE HUMA CARTA DO EXM. SR. PRESIDENTE DO REAL ERARIO EM RESPOSTA A OUTRA DE S. EX.a SOBRE ASSISTENCIA ANNUAL P.a AS DEMARCAÇOENS E SOBRE A ECONOMIA DA R.l FAZENDA.

Pela carta que V. S. me dirige datada de vinte e quatro de Setembro do anno proximo passado, fico na sorteza de ter recebido a

que lhe remetti com data de oito de Julho de mil sette centos setenta e nove, participando lhe a ultima determinação de Sua Magestade arespeito do subsidio com que me manda assistir pela Capitania de Goyaz, a essa de Mato-Grosso. E supósto que V. S. se persuada que a deminuição do mesmo subsidio lhe ha de ser muito sensivel, não só pelas grandes despezas dessa Provedoria, se não tambem pelas da nova Demarcação de que V. S. se acha encarregado: posso certificarlhe quanto a estas ultimas que se tem ordenado á dita Capitania de Goyaz lhe assista annualmente com mais a quantia de vinte contos de reis alem, do referido suprimento como ja tenho participado a V. S. em differentes cartas. *E quanto ás despezas ordinarias da dita Provedoria, estou bem persuadido de que o zello e disvelo com que V. S. se emprega no Real Serviço, e as providencias economicas com que procede no seu Governo*, a falta do mencionado subsidio, á proporção que forem tendo o seu devido effeito. Deos Guarde a V. S. Lisboa, vinte e tres de Julho de mil sette centos e oitenta e hum.—*Marquez de Angeja*.—Snr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

Antonio Soares Lima.

——

REG.º DE HUMA CARTA DO EXM. SNR. PRESIDENTE DO REAL ERARIO EM RESPOSTA A OUTRA DE S.EX.ª RELATIVA AO LIVRO QUE SE CRIOU DE NOVO NESTA PROVED.ª POR ORDEM DO MESMO EXM. SNR. PRESIDENTE PARA DELE SE EXTRAHIREM AS RELAÇÕES QUE ANNUALM.ᵉ SE DEVEM REMETTER.

Com a carta de V.S. de vinte e oito de Setembro do anno proximo passado de mil sette centos e oitenta, recebi hua certidão pela qual consta ter dado V. S.ª execução á ordem de sua Magestade que lhe foi presente por carta de vinte e quatro de Julho de mil seiscentos setenta e nove para mandar estabelecer nessa Provedoria o livro que na mesma ordem sedeclara, afim de se poder extrahir as relaçoens que annualmente se devem remetter a este Real Erario o que partecipo a V. S.ª para ficar sciente de sehaver recebido adita certidão, recomendando-lhe novamente toda a brevidade possivel nas remessas das mesmas relaçoens. Deos Guarde a V. S.ª Lisboa vinte de Julho de mil sette centos e oitenta e hum. *Marquez de Angeja*.

Snr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.—Primeira via registrada.

Antonio Soares Lima.

REG.º DE UMA CARTA DO EXM.º SNR. PRESIDENTE DO REAL ERARIO EM REPOSTA A OUTRA DE S. EXC. EM QUE EXPUNHA O MUITO QUE ERA UTIL CREARSE DE NOVO HUM JUIZ DE FÓRA PARA PRESIDIR ACAMERA DESTA CAPITAL INCORPORADO O CARGO DO PROVEDOR DA FAZENDA E INT.ᵉ DO OURO.

Recebi a carta de V. S. datada de cinco de Outubro do anno pro-

ximo passado, em que expunha o quanto seria conveniente ao bem publico, e util a Real Fazenda dessa repartição o criarse hum logar de Juiz de Fóra de Villa Bella que servisse de Presidente da Camara; e no qual se incorporase o cargo de Provedor da Fazenda Real com o ordenado de hum conto, e duzentos mil reis em cada anno: resultando desta providencia dous beneficios: hum de se evitarem as dezordens e prejuizos, que experimentão as partes por falta de Juiz Letrado, que presida na camara, e outro de poupar para a Real Fazenda seis centos mil reis certos no ordenado estabelecido para o logar de provedor. E como este particular depende da immediata Resolução da Raynha minha Snr.ª *tenho posto na sua Real presença a representação de V. S. recomendando-lhe m.to; e esperando do seu conhecido zelo que irá descobrindo novos meios de economisar a Real Fazenda* em observancia da carta que lhe dirigi a este respeito em trez d'Agosto de mil sette centos, setenta, e nove. Deus Guarde a V. S. Lisboa vinte e dous d' Agosto de mil sette centos, e ointenta e hum.—*Marquez d'Angeja.*—Snr. Luiz d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.—Primeira via.

Antonio Soares Lima.

REG.º DE HUMA CARTA DO SNR. PRESIDENTE DO REAL ERARIO EM RESPOSTA A OUTRA DE S. EXC.ª QUE TINHA ACOMPANHADO AS DEVASSAS DOS DIAMANTES.

Recebi a carta que V. S. me dirigio em data de trez de Outubro do anno proximo passado de mil sette centos e oitenta acompanhando as *Devaças que se tirarão na Villa de Cuyabá sobre o extravio dos Diamantes* dessa Capitania: e não constando pelas ditas Devaças que sahisse pronunciada pessoa alguma; devo recomendar a V. S. toda a actividade em fazer que neste procedimento haja a maior exactidão; pois sendo sem duvida que o crime de extravio clandestino dos Diamantes cada vez chega a maior auge, hé tambem evidente o haverem agressores do mesmo crime; e concequentemente infalivel, que por causa da nimia froxidão ou suborno com que se tirão estas Devaças, se não descobrem nunca os culpados. Pelo que espero que V. S. *refletindo sobre este particular; lhe dê as providencias que julgar mais convenientes á bem do Real serviço.* —Deos Guarde a V. S.—Lisboa vinte de Julho de mil sette centos e oitenta e hum.—*Marquez d'Angeja.*—Snr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.—Primeira via.

Antonio Soares Lima.

REG.º DE HUMA CARTA DO EXM. SNR. PRESIDENTE DO REAL ERARIO PARA S. EXC. SOBRE A ASSISTENCIA QUE MANDOU FAZER A ESTA CAPITANIA PELA DE GOYAZ COM 20:000$000 DE RS. PARA A EXPEDIÇÃO DAS DEMARCAÇÕES.

Atendendo a Rainha minha Senhora as indispençaveis despezas que se hão de fazer nessa Capitania com as Demarcaçoens dos Limites desta Coroa com a de Espanha; foy servida determinar que pela junta da Fazenda Real de Goyaz *se lhe assistisse annualmente com a quantia de 20:000$000 de rs. alem da remessa determinada em Provisão de 8 de Julho de 1779.* E como nesta occasião seexpede ordem adita Junta para a execução *das ditas remessas que serão feitas aordem de V. S. para as aplicar as Despezas relativas as ditas Demarcaçoens de que se acha encarregado; e isto portodo o tempo que durar aquella deligencia, ou se fizer necessario a bem della:* Faço este Aviso a V. S. para seu Governo. Deos Guarde a V. S.—Lisboa 5 de Março de 1781.—*Marquez d'Angeja.*—Snr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.—1.ª via. Reg.ª a f. 43.

Antonio Soares Lima.

REG.º DE HUMA CARTA DO EXM. SNR. MARQUEZ PRESIDENTE DO REAL ERARIO SOBRE A LIQUIDAÇÃO FINAL DAS CONTAS DE JOAO FRZ. DE OLIVEIRA PAY & F.º CONTRATADORES DOS DIAMANTES

Sua Magestade foy servida ordenar por seu Real Decreto de 20 de Outubro do anno proximo passado seprocedesse a liquidação, e ajuste final das contas dos contratos dos Diamantes respectivos ao tempo emque foram arrematantes, e socios João Fernandes de Oliveira, Pay e Filho: Determinando outrosim a mesma Senhora para dito efeito V. S.ª mande afixar editaes publicos em todos os Districtos dessa jurisdição para que todos os interessados por qualquer via ou rezão concorrão com os seus titulos e documentos apresentados dentro de hum anno improrogavel ao Contador Geral do Erario Regio Luiz José de Brito com huma conta corrente na forma mercantil em que se individue o Debito e Credito; o que se partecipa a VS.ª para que assim o haja de executar. Deos Guarde a VS.ª. Lisboa 13 de Janeyro de 1785. *Marquez d'Angeja.* Snr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereyra e Caceres.

Joaq.m José Cavalc.te d'Albuqr.e Lins.

REG.º DE HUMA CARTA REGIA P.ª S. EX.ª. SOBRE OS FELIZES DESPOSORIOS DE S. S. A. A. R.s

Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, Governador e Capitão General do Matto-Grosso, do meu conselho. Eu a Rainha vos envio muito saudar. Havendo ajustado os Matrimonios do Infante Dom João Meu Muito Amado e Prezado Filho com a Infanta Dona Carlota Joaquina Filha do Principe de Asturias, e o da Infanta Dona Marianna Victoria Minha Muito Amada e Prezada Filha com o Infante de Espanha Dom Gabriel Filho do mesmo Rey Catholico: E tendo-se felizmente conhecido os referidos consorcios: Houve por bem que logo se vos partecipasse esta noticia não só porque conheço a grande parte que tomaes em tudo o que diz respeito à minha Real Casa e Familia, mas tambem que a festejeis com as demonstraçoens de alegria que são proprias da vossa fidelidade e zelo e que correspondem a hum objecto para Mim e para os Meus Vassallos tão plausivel: Escripta no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em doze de Abril de mil setecentos oitenta e cinco.

RAINHA

Para Luiz d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

Joaq.m José Carald.e d'Albuqr.e Lins.

REG.º DE HUM AVISO PARA, S. Exc. SOBRE O FALECIMENTO DO Sr. REI D. PEDRO

No dia de hoje pelas duas horas e meya da madrugada levou Deos para si o Augustissimo Senhor Rey D. Pedro III com todos os sinais de verdadeiro Catholico em tudo conforme as suas Reaes Virtudes: E sua Mag.de me manda participar a V. S. esta infausta noticia, para que V. S. concorra pelo que lhe pertence para as demonstraçoens do justo sentimento de tão grande perda: Ordenando que nas Praças e Terras desse Governo mande V. S. fazer todas as honrras funebres que se costumam praticar em semelhantes ocasioens: E a mesma senhora se encerra por oito dias que principiam hoje, tomando luto por tempo de hum anno, seis mezes rigoroso, e os outros seis aliviados, mandando suspender pelos ditos oito dias o Despacho dos Tribunaes. Deos Guarde a V. S. Palacio de Nossa Senhora do Ajuda em 25 de Mayo de 1786. — *Martinho de Mello e Castro*

Snr. Luiz d' Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

Joaq.m José Carald.e de Albuqr.e Lins.

REG.º DE HUMA CARTA PARA S. EXC. DO EXM. SNR. VISCONDE PRESIDENTE DO REAL ERARIO SOBRE OS DIAMANTES.

Com carta de 10 de Agosto do anno passado receby os autos de Devassa pertencente ao anno de 1786, que V. S. mandou proceder na conformidade das Reaes ordens sobre o extravio Diamantino; fazendose manifesto pelos mesmos autos não só se terem pronunciado Réos alguns: O que não obstante recomendo muito a V. S. a exacta formalidade com que estas Devassas devem ser tiradas, porque nellas hé que consiste o ponto essencial desta importante deligencia mayormente estando-se na certeza de que sempre hâ extraviadores desse precioso genero nos sitios onde a natureza o produz.

Deos Guarde a VS.ª. Lisboa 18 de Abril de 1788. — *Visconde de Villa-Nova de Cerveira.* — Snr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

Joaq.m Joze Cavalcte. d'Albuqre. Lins.

REG.º DE HUMA CARTA DO EXM. SNR. PARA S. EXC. QUE ACOMPANHOU O REAL DECRETO DE 17 DE SETEMBRO DE 1787; SOBRE OMODO COMO SEDEVE PROCEDER NO JUSTAMENTO DAS CONTAS DAS PESSOAS Q. FOREM OBRIGADAS A DALLAS A REAL FAZENDA

Sua Magestade manda remeter a V. S.ª a copia inclusa do seu Real Decreto de 12 de Dezembro do anno proximo passado, assignado por Luiz José de Brito Contador Geral do Territorio da Relação do Ryo de Janeiro, Africa oriental e Asia Portugueza, para que V. S. o faça registar nos Livros da Providoria e na conformidade do que ele determina se haja de proceder no ajustamento das contas de todas aquellas Pessoas que forem obrigadas a dalas a Real Fazenda da mesma Senhora. Deos Guarde a V. S.ª. Lisboa 21 de Julho de 1788. — *Visconde de Villanova de Cerveira.* Senr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

DECRETO QUE ACIMA SE ACUZA.

Sendome prezente que por sedarem as contas dos recebimentos feitos pelos Almoxarifes, Thesoureiros e Recebedores da Minha Real Fazenda assim da minha Real Caza como de todas as Repartiçoens emque ella searrecada, edespende, conservandose os mesmos Thesoureiros, Almoxarifes e Recebedores nos seus oficios emquanto as estão dando, tem resultado gravissimos prejuizos e damnos a Minha Real Fazenda os quaes se devem prevenir e acautellar como portu-

nas providencias. Sou servida que o Marquez Presidente do meu Real Erario, mande tomar as suas contas, aos referidos Almoxarifes, Thesoureiros e Recebedores nos tempos de terminados pelas ordenacoens e Regimentos da Fazenda. E ampliando a disposição do Titulo treze Paragrapho segundo da Ley fundamental do Real Erario, Sou outrosim Servida que o mesmo Marquez Presidente possa para esse efeito não só suspender os sobreditos Officiaes, mas tam bem nomear-lhes serventuarios, emquanto não tiverem dado as suas contas. Para que no cazo de as haverem dado boas possam tornar a servir os seus officios, ou Eu haja denomear outros officiaes que hajam de servilez no outro caso de lhe ser presente pelo sobre dito Marquez Presidente que sefaz asim necessario. O mesmo Marquez Presidente do Meu Real Erario otenha asim entendido efaça executar. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda doze de Dezembro de mil sete centos oitenta e sete.—Com a Rubrica de Sua Magestade.—Registrado a fs. —Cumprase e Registrese. Lumiar, vinte e hum de Janeiro de mil sete centos oitenta e oito.—Com a rubrica do Marquez Presidente do Erario Regio.—*Luiz José de Brito.*—*Joaq.m José Carale.te de Albuqr.e Lins.*

REG.º DE HUMA CARTA DO MESMO EXM. SNR. P.ª S. EXC. QUE ACOMPANHOU O REAL DECRETO DE 3 DE AGOSTO DE 1790 EM Q' REGULA O MODO POR QUE DEVERÃO HABILITARSE DAQUI EMDIANTE OS LANÇADORES DAS MESMAS RENDAS E CONTRATOS.

Sua Magestade, para evitar os prejuizos que se seguiam a Sua Real Fazenda de se arrematarem os contratos e Rendas da Corôa e Ordens a pessoas que se achavam devedoras por antecedentes arremataçoens: Foy servida dirigir a este Real Erario o Decreto de 3 de Agosto do corrente anno que se remete junto em que regista o modo porque deverão habilitarse daquy em diante os Lançadores das suas Rendas e Contratos. O que participo a V. S.ª p.ª que haja de fazer observar o determinado no mesmo Decreto q' ficará servindo de norma p.ª todas as arrematações que houver de fazer. —Deos Guarde a V. S.ª—Lisboa 2 de Setembro de 1790.—*Visconde Mordomo Mór.*—Snr. Luiz d'Albuquerque de Mello Per.ª e Çaceres.

DECRETO QUE ACIMA SE ACUZA.

Sendo m.to prejudicial ao meu Real Serviço, q' os Contractadores e Rendeiros que arrematam Rendas da Minha Real Fazenda, e Ordem, entrem em novos contratos, e arrendam.tos dellas sem terem pago na forma das suas condiçoens os quarteis que deverem dos antecedentes Contratos, e Arrendamentos procedendo do referido aumentarem dividas sobre dividas, q' com o tempo se fazem incobra-

veis: Hey por bem q' p.ª evitar o referido q' a sem.es Contratadores e Rendeiros q' se apresentarem nos Tribunaes da Minha Real Fazenda, e lançarem em qualquer renda da Coroa ou Ordens, não seja admitido Lanço sem q' p.r Certidão do Meu Real Erario façam certo q' ao tempo em q' se lhes houver a fazer a nova arrematação não são nele devedores, ou se trazem rendas da Coroa, ou ordens q' tem feito os pagamentos q' estiverem vencidos, conforme as condiçoens das suas respectivas arremataçoens: o q' igualm.e se observarã com os Socios e Fiadores q' houverem de assumir para a segurança, e abonação dos mesmos Contratos. E esta minha Real Determinação identicam.te se praticarã nos Meus Dominios Ultram.ur.os aonde os Lançadores, Socios, e Fiadores se deverão qualificar nas respectivas Juntas da Fazenda com sem.es Certidoens das competentes Contadorias.—O Visconde Mordomo Mor e Presidente do Meu Real Erario o tenha assim entendido e o faça executar remetendo debaixo de Avizos suas copias do presente Decreto aos Tribunaes compe.tes desta Corte, e expedindo as ordens necessarias aeste respeito as Juntas da Fazenda Real das Cap.as Ultr.as—Palacio de Lx.ª 3 de Agosto de 1790.—Com a Rubrica de Sua Magestade.—Reg.º a fs. 133 v.—Cumprase eregistese e scexpeçam as ardens necessarias. —Lx. 13 de Agosto de 1790.—Com a Rubrica do Visconde Mordomo Môr, Presidente do Real Erario.

Joaq.m José Carale.te d'Albuqr.e Lins.

—

REG.º DE HUMA CARTA DO M.mo EXM. SNR., P.ª S. EXC. EM QUE SEMANDA EXPRESSAM.te SUPRIMIR AS PROPINAS DE GALAS, E LUTOS.

Sendo presente a Sua Mag.e a pratica que hâ nessa Capitania, de se pagarem pela Real Fazenda propinas nas occasiões de Lutos e Galas, foy a mesma Senhora servida ordenar que emq.to não dava a sua Regia Resolução a este respeito se substasse a continuação do pagam.to destas propinas quandoseoferecerem semelhantes ocazioens até expressa faculd.e sua. O que participo a V. S. da parte de S. Mag.e p.ª que assim o faça executar.—D.s G.e a V S.ª m.s a.s Lx.ª 30 de Agosto de 1790.—*Visconde Mordomo Mor.*—Snr. Luiz d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

Joaquim José Carale.te d'Albuqr. Lins.

REG.º DE HUMA CARTA DO MESMO EXM.º SNR. PARA S. EXª A RESPEITO DAS PROPINAS DOS CONTRACTOS ARREMATADOS

Sua Mag.e tendo consideração a algumas questões sucitadas sobre as propinas que pela Real Fazenda recebem os respectivos Ministros,

ter a Goiaz, munidos de cartas de recommendal-os, embora. Nestas circumstancias muitas pessoas advertirão ao Vice-Presidente que semelhante proceder era criminoso, e a sua resposta foi :—que elle daria conta á Regencia. O Juiz de Paz logo que recebeo o officio acompanhado da relação dos prezos, bem longe de proceder como era de seu dever, e conforme a lei (mas isto he o que justamente não convinha a muitos, e mórmente ao proprio Juiz) manda á Cadeia para virem os criminosos á sua presença de hum e hum: o Carcereiro respondeo-lhe, que taes prezos já não existião na Cadeia, porque o Vice-Presidente os tinha mandado para fóra. E que tal ? Não importa este novo modo de punir huma verdadeira absolvição, para ao depois allegar o facinoroso que já soffreo o bem merecido castigo, antes de sentença condemnatoria ? E não he isto tambem huma evasiva para se não descobrir a verdade ? Trata-se da reunião do Jury extraordinario, para este fim o Promotor Publico dirigio-se á casa do Dr. Juiz de Direito, para tratar da sua convocação; e assim que se penetrou isto no quartel, huma medonha indisposição apparece contra os dois; e até são ameaçados de serem fusilados, porque não querião que se tomasse conhecimento dos factos escandalosos de 30 de Maio ! Que grosseira contradição ! E até quando se ventilará esta questão, foi dito em altas vozes dentro do Quartel por hum Floriano de Souza Neves,—Viva o 30 de Maio, e este viva foi correspondido tres vezes pelo Vice-Presidente e mais circumstantes ! ! Porém, como ainda se achassem envolvidos na guarnição do quartel uma porção de Municipaes Permanentes, em hum dos Conselhos subsequentes, foi indicada a sua extincção pelo Tenente Coronel Caetano da Silva e Albuquerque, para serem substituidos por Ligeiros; pela razão de que, achando-se aquelles encarregados da Policia da Cidade, do seu Quartel foi que apparecerão as primeiras desordens: esta indicação foi apoiada pelos mais Conselheiros, bem que apezar de alguem, mas neste caso convinha (inda que com bastante custo) dissimular o negocio: para não dar a entender que se lhes estava em obrigação pelo muito que lhe tinhão servido.

Por este tempo annuncia-se a chegada do novo Presidente, o Senr. Antonio Pedro d'Alencastro; de nefanda memoria, de tanta erudição que escreve capim com S ! E se bem que cartas particulares remettidas de Goiaz annunciavão hum máo exito na sua administração, pelas exhuberantes provas, que elle já tinha dado em 1822, quando ali servio de secretario do Governo; por haver-se declarado inimigo figadal, inda que fraco, das instituições livres, que hião principiando o seu noviciado; com tudo julga-se que tivesse mudado de sentimentos, porque a experiencia de longos annos, e a sua estada na Côrte, a mendigar empregos que podessem encobrir a sua nullidade lhe terião servido de lição, e dado mais algum juizo, para poder conduzir-se com acerto; e até porque algumas pessôas asseverarão, que elle, informado do que havia acontecido, pretendia fazer (como lá dizem) do ladrão fiel, para depois dar outras providencias : mas infelizmente não aconteceo assim, porque logo foi atado de pés e mãos, sem poder, e nem saber jámais desavencilhar-se.

Deo-lhe o Vice-Presidente entrada em meados de Setembro do

incessantem.te lhe desejamos os seus fieis Vassallos, tendo suspendido a expedição dos Negocios assim publicos como particulares, se resolveu o Principe Nosso Snr. prover ao Despacho, e Administração q' selhe devolvia pelo notorio impedimen.to e enfermid.e de Sua Augusta May, assinando pela mesma Senhora sem outra alguma alteração na Chancelaria, Ordem e Norma do Despacho. E tendo Sua Alteza occorrido por este modo durante a molestia de S. Mag.e e aos consideraveis prejuizos q' deverião rezultar de huma mayor demora, e interrupção na expedição dos Negocios, fez intimar esta Sua Real Determinação aos Tribunaes competentes na forma q' constarà a V. S.a pela copia do Decreto junto q' p.a este efeito se lhe expedio. Deos G.e a V.S. Palacio de Lisboa em 9 de Março de 1792.

Martinho de Mello e Castro.—Snr. João d'Abuquerque de Mello Per.a e Caceres.

——

COPIA DO DECRETO Q' ACIMA SE ACUZA

Deferindo-se-me o exercicio da Administração pelo notorio impedim.to da molestia da Rainha Minha Senhora e May a quem pela decisão dos Profeçores seria nociva a aplicação a Negocios, e o cuidado na Expedição deles: Cedendo ás circumstancias que constituem uma necessidade Publica, e a constante vontade da mesma Senhora oportunamen.te informada: Resolvy assistir e prover ao Despacho em nome de Sua Mag.e, e assinar por ela, sem q' na Ordem, Norma o Chancelaria se faça alteração, tudo em q.to durar, ou houver o impedimento de S. Mag.e ou não for Servida outra cousa ordenar.

José de Seabra da Silva, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reyno o tenha assim entendido e faça executar, expedindo este por copias as partes a que tocar. Palacio ec Lisboa em 10 de Fevr.o de 1793. Com a Rubrica do Principe Nosso Senhor.

Joaq.m José Cavalc.te d'Albuq.e Lns.

——

REG.o DE HUMA CARTA REGIA SOBRE O FELIZ NASCIM.to DES. ALTEZA REAL A PRINCEZA DA BEIRA

João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, Governador, e Capitão General da Capitania do Matto Grosso: Eu a Raynha vos envio muito saudar: Hoje foy Deos Servido felicitar estes Reynos com o Nascimento de huma Princeza da Beira, que a Princeza Minha Muito Amada, e Prezada Nora, deu a Luz com feliz sucesso. E Me pareceu parteciparvos logo este particular Beneficio da Mão Omnipotente porque será de muita alegria p.a os Meus Vassallos: e para que o festejeis com aquellas demonstraçoens de aplauzo, e de contentamento que são do costume em semelhantes ocazioens: O que tenho por muito certo assim o desempenhareis, co-

mo de vos Espero. Escripta no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a vinte e nove de Abril de mil sete centos noventa e trez.—*PRINCIPE.*—P.ª João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

Joaq.m Jozé Cavalc.te d'Albuqr.e Lins.

REG.º DE HUMA CARTA REGIA SOBRE O FELIZ NASCIMENTO DO PRINCIPE DA BEIRA

João de Albuq.e de Mello Pereira e Caceres do meu Conselho Governador e Capitão General de Matto-Grosso. Eu A Rainha vos envio muito saudar.

Foi Deos Nosso Senhor servido abençoar estes Reynos dandolhes hum Principe que nasceu no dia de hoje com boa sucesso da Princeza Minha sobre todas muito amada e prezada Filha: Emeparecen parteciparvos a fausta not.ª deste Plausivel Nascimento, p.r q' será de muita alegria p.ª os meus Vassallos; e p.ª que o festejeis com todas aquellas demonstraçoens de aplauzo, e de contentam.to que são do costume em occaziõens semelhantes. E tendo por m.to certo q' assim o executareis como de Vós espero.

Escripta no Palacio de Queluz aos vinte e hum de Março de mil sete centos enoventa e cinco.—*PRINCIPE.* — João d'Albuq.e de Mello Per.ª e Caceres.

Pelo falecimento do meu collega Martinho de Mello e Castro, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Dominio Ultramarinos, succedido em 24 do presente mez pelas dez horas e quarenta minutos da noute, fuy encarregado p.r Sua Mag.e interinam.te da Expedição dos ditos Negocios: O que participo a V. S. para sua intelligencia, e para que todos os Officios concernentes ao Real Serviço mevenham dirigidos. Deos Guarde a V. S.ª. Palacio de Queluz em 30 de Março de 1775. *Luiz Pinto de Souza.*—Snr. João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

Joaq.m Jozé Cavalc.te de Albuq. Lins.

Sua Magestade manda remeter a V. S. alguns Exemplares do Decreto por que foy a mesma Senhora Servida estabelecer hum Conselho de Almirantado pelo qual se deva reger para o futuro tudo quanto possa dizer respeito a boa administração da Marinha, para que VS. assim ofique entendendo. Deos G.e a V. S.ª. Palacio de Queluz em 7 de Mayo de 1795.—*Luiz Pinto de Souza.*—Sr. João d'Albuq.e de Mello Pereira e Caceres.

Joaq.m Joze Cavalc.te d'Albuq.e Lins.

S. Magestade hé Servida Ordenar a V. S.ª mande assentar praça de cabo d'Esquadra de Dragoens dessa capitania a Severiano Theotonio da Rocha Doria, filho do capitão José da Silva Tello, o que partecipo a V. S.ª para que assim ofaça executar. Deos G.ᵉ a V. S.ª. Palacio de Queluz em 28 de Julho de 1795. *Luiz Pinto de Souza.*—Senhor Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

Joaquim José Cavalc. de Albuq.ᵉ Lins.

Viagens e observações (*)

Tentativa de uma descripção physica do Brasil Central

I

PRELIMINAR

Tive em minha vida a feliz occasião de visitar as terras elevadas do Brasil central, em 1892, 1894 e 1895, e puz em contribuição os conhecimentos que no correr de alguns annos tenho adquirido na leitura e estudos das causas que dizem respeito á minha patria.

Embora pequena seja a somma dos meus conhecimentos, todavia o puro sentimento de patriotismo que me levou a tão longinquas paragens fel-a avultar deante da farta messa de elementos de observação: assim prestei attenção ao estudo da geographia physica e geologia, da fauna e flora, da pathologia particularmente, da climatologia, ao aspecto do paiz no tocante á facilidade de communicações e condições naturaes favoraveis ao desenvolvimento e relações dessa com outras zonas do Brasil e com as demais nações.

Desse conjuncto de observações conto dar aqui mui pallida noticia, não podendo fazer estudo mais profundo por se haver perdido grande parte das ditas observações.

Antes de terminar estas poucas palavras com o caracter de preliminar, devo em poucas linhas expor tão excepcional região, certamente a mais interessante do grande *arará* brasileiro.

O que corre mundo de impresso sobre os altos massiços centraes do Brasil tem muita cousa de fantasia e de romance, conforme o viajante percorreu o Brasil central na estação secca, em que tudo é bello, agradavel, encantador mesmo, ou na estação chuvosa, em que se observa quasi o contrario.

A epoca das chuvas, para quem viaja a cavallo, é realmente tempo de difficuldades, contrariedades, atrazos, aborrecimentos, e até de perigo.

Basta, por exemplo, citar o facto de que um corrego pequeno póde, em poucas horas, transformar-se em rapida e caudalosa torrente de grande impetuosidade, subindo as aguas, ás vezes, dous, tres metros e mais, e impedir a viagem um ou dous dias, em logar sem abrigo nem conforto; a poeira finissima das estradas converte-se em lama escorregadia de grandes e muitas vezes fundos atoleiros, mais incommodos de se vencer do que perigosos, etc.

(*) Este importante estudo foi gentilmente enviado para as paginas d'O Archivo. Seu autor, medico e professor distincto, outr'ora membro da commissão do Planalto Central, tem em via de publicação dous valiosos trabalhos, um sobre o Brasil em geral, sob o ponto de vista geographico, e outro — Diccionario botanico brasileiro. Ambos virão á luz muito proximamente, e o Estado de Matto-Grosso, ao qual o Dr. Antonio Pimentel vota particular carinho, nelles occupará um lugar proeminente.

A DIRECÇÃO

Eu gozei os regalos do tempo secco e soffri os incommodos do tempo chuvoso.

As aguas, apezar disto, mantêm-se excellentes, a salubridade proverbial, as perspectivas, a cada instante mudando-se encantam a alma do observador, em cujo peito bate um coração patriota.

Sempre tenho dito e essa crença já creou raizes fundas no meu animo, que o Brasil central é um paraizo, um verdadeiro paraizo; que, se no mundo houve nos tempos historicos primordiaes, como reza a Escriptura Sagrada, um paraizo de delicias e vida longa, esse paraizo não existiu na Mesopotamia, entre o Tigre e Euphrates, não; mas, de certo, na porção mais central das terras elevadas do meu caro Brasil.

As molestias que vi no planalto são molestias banaes, que existem por toda a parte, e que em regra geral, deverão desapparecer com o advento da civilisação nestas gratas paragens; a morphéa encontrará nas Caldas de Pirapetinga e Caldas Novas e Velhas, e nas thermas de Cavalcanti, em Goyaz, o lenitivo senão a cura; a terrivel syphilis, tão commum, tão disseminada no interior do Brasil, a qual innumeras vezes leva poderoso auxilio á cachexia prachydermica, ao bocio, etc., e por conta propria, estabelece um coefficiente de degeneração morbida variavel, será supplantada pela pratica dos dictames da sciencia moderna; e para o universal paludismo ha, como prova do que valerão o saneamento e a hygiene nas cidades e paizes adiantados, scientifica e intelligentemente conduzidos, a cidade de Londres, que no começo do XIX seculo contava de paludismo um quinto do seu obituario geral, e ha cerca de meio seculo, cincoenta annos, raramente nota um ou outro caso de morte por esta molestia; e em maior escala, a Hollanda, uma das nações mais saudaveis da Europa, conquistada palmo a palmo ás margens baixas e alagadiças do mar do Norte e dos seus grandes rios.

Passemos agora a admirar a grandeza da Divina Providencia nas bellezas e encantos dos chapadões do planalto central.

II

O Planalto Central

Ao contemplar as cadeias de montanhas, que cruzam e os cursos d'agua que regam a vasta superficie do Brazil central, entremeiadas de grandes e amplos chapadões e immensas planicies baixas em todos os sentidos dirigidas, domina ante toda a consideração salientar suas condições e propriedades geographicas, para esboçar com ellas o grande quadro que os variados detalhes da topographia de suas diversas zonas, juntamente com os accidentes mais notaveis da natureza, devem cobrir e compôr.

E' facil de se verificar que os Andes Orientaes da Bolivia, defronte do chapadão de Oruro, de mais de 3500 metros de altitude, e entre Cochabamba, ao norte, com 2500, Potosi, ao sul, com 3960, se originam as elevações de terreno, vindas do poente e que no Brasil servem de divisor das aguas no seu desenvolvimento para o nascente, até o ponto culminante do elevado massiço central, nas visinhanças da cidade da Formosa, do extremo oriental de Goyaz.

Entre o Rio Guapay, um dos componentes do Mamoré, e o Pilcomayo, confluente da margem direita do Rio Paraguay, com distancia de menos de meio grão, estende-se parallelamente o espigão-mestre de altura gradativamente decrescente para os pampas de Chiquitos, onde tem a sua maior depressão, calculada em menos de 150 metros acima do nivel do mar.

Pouco adiante de Padilha, não muito affastado do meridiano de Santa Cruz de la Sierra, na Bolivia, os dous rios separam-se em direcções oppostas, e o espigão vae-se aprumando para lésnordéste, encaminhando-se cada vez mais para o rumo geral de norte, até entrar em Matto-Grosso, como de nornordéste perto do marco internacional do Morro da Boa Vista.

Atravessa todo o territorio desse Estado de oeste a leste, com inflexões alternadas e rumos varios, sem grandes complicações da feição topographica, despedindo para as vastissimas bacias do Amazonas e do Prata muitos e caudalosos rios navegaveis do Brasil e das Republicas visinhas.

Este massiço de terras altas, a principio de 600 a 700 metros de altitude media e depois com mais de 800 a 900, tem os nomes de Serra de Aguapehy, Santa Barbara, dos Parecis, Cayapó, Geral, das Vertentes, das Divisões, sem contar um sem numero de denominações locaes, constituindo o divisor das aguas.

Releva dar aqui uma ligeira explicação, suggerida por uma observação do distincto e muito illustrado Dr. Orville A. Derby, sobre o que acabo de expôr no tocante às relações da hydrographia e orographia deste ponto da America Meridional.

De modo algum se deve concluir do exposto, que o indice orographico desta região é determinado pela disposição hydrographica dos citados affluentes do Paraguay e do Madeira, isto é, a passagem de um peão, sem atravessar agua, desde Potosi até Diamantino, por exemplo, não representa a caracteristica do levantamento das montanhas do poente do Brasil central, em relação com os Andes bolivianos, como veremos depois.

Posteriormente e independentes destes, sublevaram-se as montanhas de rochas feldspathicas primitivas ou metamorphicas, em algumas depressões sobrepostas de grez ferruginoso, que no Estado de Matto Grosso tem o nome de Serra dos Parecis, atravessada pelo rio Madeira, mais ou menos na latitude de 10 gráos.

De concomitancia com esses rios navegaveis e de ordinario entre cada dous rios, emitte o massiço central diversas ramificações, mais ou menos planas para o norte e para o sul, limitando no seu percurso variavel os leitos e valles dos mesmos rios e, ás vezes, de tributarios importantes tambem, servindo assim de muralhas gigantes aos chapadões perpendiculares ao grão massiço, chapadões secundarios e a outros menores, que são a bem dizer chapadões de terceira ordem.

Uns chapadões secundarios contêm verdadeiras *serras*, na gyria sertaneja, que se transformam gradualmente em plainos regulares, conservando a altura inicial em grande parte da sua extensão, com nenhuma ou pouca differença para mais ou para menos até a extremidade do taboleiro.

Outros, ao contrario, tem a superficie chata, um pouco inclinada,

e vão baixando insensivelmente até confundirem-se com os valles nas suas ondulações terminaes, ordinariamente no ponto de encontro das planicies dos grandes rios, particularmente além dos limites da secção das cachoeiras e catadupas, desses mesmos rios.

III

Umas vezes os chapadões são de perimetro uniforme, regular: são oblongos, polygonos, de conformação digitada e com a superficie lisa ou ligeiramente ondulada, porém limitada por faces de brandos declives, quaes taludes imponentes com suaves descidas francamente accessiveis e formando na sua base curvas, regulares e harmoniosas.

Outras vezes estes chapadões estão atulhados de grandes penhascos, de grandes blocos de rochas diversas, grezes, itacolumitos, micaschitos decompostos *in loco*, ou desprendidos dos alcantis ou das cristas despedaçadas pela acção commum e ininterrompida dos agentes meteoricos, e, então, apezar do grandioso aspecto, apresentam verdadeiros perigos ao viajante, quando não são intransitaveis ou mesmo inabordaveis. Têm verdadeiros paredões, em cujos accidentes escabrosos e asperesas vegetam poucos arbustos e flores e de onde se precipitam ruidosas torrentes de um só jacto em falhas altissimas ou se despenham violentas por entre pedras e rochedos alcantilados, originando saltos e cascatas, regra geral, de bellissima apparencia.

Verdadeiros amphitheatros magnificos se formam na base desses paredões a pique, e ahi se observam pequenas cadeias de montanhas com suas ramificações pouco elevadas, quasi sempre dando origem a novos systemas de irrigação e paisagens novas, que se estendem por todo o horisonte limitado, sorprehendentes de bellesa e variedade de vegetação luxuriante.

Quem, no triangulo mineiro, viaja em busca do porto dos Barreiros, no caudaloso Paranahyba, tendo deixado em S. Miguel da Ponte Nova, ao nivel de 722 metros, o torrentoso Rio das Velhas, de curso rapido e desordenado por entre socavões e aprumados paredões denegridos de micaschistos alternando com o augito porphyritico que serve de base á sua ponte, de cerca de 60 metros, vê alguns kilometros adeante um pequeno affluente do corrego do Brejão precipitar-se de um só jacto de altura maior de cem metros em uma falha de terreno argillo-arenoso, em cujo fundo se veem sotopostas grandes lages e pedaços destacados de uma rocha que, na distancia em que me achava, pareceu-me micaschisto.

As paredes desta falha eram talhadas a pique e em toda a sua espessura apresentavam a côr amarellada.

Com marcha excedente de 60 kilometros, em direcção ao porto, vê-se que domina a composição geologica exterior, o apparecimento de rochas eruptivas da especie *melaphyro* até uma bifurcação da estrada, que tomou o nome de caminho novo do Paranahyba.

Dahi em deante, toda a superficie do terreno, cada vez mais elevado, é coberta de rocha eruptiva; e distante cerca de 10 kilometros do porto, ha uma quebrada abrupta, de paredes verticaes,

grande desenvolvimento em linha sinuosa para um e outro lado, formando altissima muralha de gigantesca valla, em cujo fundo o Paranahyba carrega suas aguas em um leito semeado de pedras em longo trecho.

Maior interesse apresenta esta região, quando se vê a disposição do immenso valle aproveitar tambem o Rio Corumbá, perto da sua fóz, onde é tão caudaloso como o proprio Paranahyba.

A barra do Corumbá fica abaixo do porto dos Barreiros, mais ou menos a mesma distancia que do porto de Santa Rita, 40 kilometros abaixo do qual está a bella Cachoeira Dourada, em cujas proximidades faz barra o navegavel Rio Meia Ponte.

Isto vem a pello citar, porque do tópe da descida para o porto dos Barreiros a vista alcança á grande distancia, um pouco para a direita, a nornordéste, o extremo de elevação do terreno entre o baixo Corumbá e o Paranahyba, e mais para o norte ou aproximadamente nornoroéste, a serra do Rio Meia Ponte, entre o Piracanjuba e Corumbá de um lado e o rio d'aquelle nome do outro; mais afastado, a noroéste, a Serra de Mazagão, já então além do Rio Meia Ponte, entre este e o Rio dos Bois.

Entre o Paranahyba e o Corumbá, que atravessei no porto do Limoeiro, com a distancia intermedia de 40 kilometros, o terreno é um tanto ondulado e pouco se eleva e só vae se aproximando da attitude media geral.

Não possuo a altitude exacta do porto dos Barreiros nem do Limoeiro; mas, se para aquelle se torna a de 450 metros (a do Porto Velho no Paranahyba é de 495) e para este um pouco mais, não se ficará muito longe da verdade, pois que transposto o Limoeiro, o terreno começa a subir immediatamente, e na distancia de 25 kilometros chega-se a Caldas Novas de Goyaz, com 800 metros, atravéz de accidentado terreno, na sua quasi totalidade composto de grez argilloso entremeiado de grandes manchas de argilla pura. Tambem se encontra grez de varias côres, o proprio itacolumito, quartzo e o chisto micaceo, muito decomposto em geral nas encostas e cumiadas dos morros.

O steaschisto, ou schisto hydromicaceo de Gorceix é abundante e emprega-se no rudimentar calçamento do povoado.

No logar das fontes thermaes, sobre o micaschisto em partes já um tanto alterado, depositaram-se alluviões recentes, com predominio de fragmentos arredondados de quartzorolado.

IV

Quando em 1892, eu viajava de Caldas de Goyaz para a cidade de Pyrenopolis, pela primeira vez avistei os tres picos dos Pyreneos, no rumo de nornordéste, mais ou menos, em distancia excedente de 70 Kilometros, achando-me defronte da capellinha da aldeia da Posse, a meio caminho da fazenda das Antas ao sitio do Carurú, na estrada que de Bomfim conduz a Pyrenopolis.

Esses picos, cuja maior altura não excede de 60 metros, pareceram cumes de altissima montanha.

Entretanto, esta perspectiva é completamente illusoria, pois que

com a altura mencionada, descançam os picos sobre um chapadão de mais de 1300 metros acima do nivel do mar, e nem ao menos se constituem em cristas ininterrompidas por causa das saliencias e depressões que dão á divisora das aguas o aspecto tão pittoresco que tem no seu extenso desenvolvimento.

O atalho das Furnas, na estrada de Antas a Pyrenopolis, na fazenda do commendador Barbo, representa uma verdadeira arésta viva no dorso do massiço central, sem ter dez metros, talvez, de superficie plana; e de um e de outro lado se veem respectivamente as aguas que vão para o rio Capivari, ao sul e para o rio das Almas e o rio Padre Souza, ao norte.

Esta estrada, tres leguas distante da povoação das Antas, percorre o chapadão unido das Duas Oitavas e da Forquilha, com muitos Kilometros de largura e ligeira inclinação, entre os rios Capivari e Piancó, seu affluente, se desprezarmos a baixada formada pelo corrego do Andrequicé.

A estrada dirige-se para sudoéste, e o chapadão toma o rumo de oesnoroéste, e mesmo noroéste, passando pela antiga lavra do Gongo, pelas fazendas de Joaquim e Manoel de Araujo, Manoel Mendes e outros, até que reduzindo-se gradativamente, transforma-se ds novo em espigão cada vez mais estreito.

Soffreu este espigão uma funda ruptura no sentido da vertical, com o afastamento talvez de 500 metros de face a face, e os depositos modernos, que lentamente vão obstruindo a fenda, formem um perfeito arco de circulo, no logar denominado Tira Chapéo, onde as aguas correm indistinctamente para os rios do sul ou do norte.

São communs nesta parte de Goyaz os logares como este, a que se dá o nome expressivo de *Agua Emendada*: bem assim, no dorso do massiço divisor das aguas, muitas vezes se encontram fendas como a do Tira-Chapéo: nas visinhanças do morro do Abbade, perto dos picos dos Pyreneos, ha uma grande, e além, cerca de 25 kilometros, ha outra, perto de Pichoà.

Alargando-se ainda, o espigão recebe a denominação de Espigão do Juruena, e póde ser considerado como o inicio do esplendido e alto espigão do Samambaia, que procura a sudoéste ou oessudoéste os limites do Estado de Matto-Grosso, e cuja vista alcança, para as bandas do sul, uma extensão talvez maior de 60 kilometros, e abrange em ampla, immensa e pouco profunda bacia as vertentes de todos os affluentes da margem esquerda do caudaloso e navegavel rio Meia Ponte até a confluencia do ribeirão João Leite.

Mais ou menos um kilometro distante das nascentes do primeiro affluente do rio Meia Ponte, o riacho do Cedro (aguas do Rio da Prata), brota na face do norte do espigão, a principal cabeceira do rio Padre Souza, affluente do rio das Almas (aguas do rio Tocantins).

Alguns kilometros antes de se passar pelas cabeceiras do ribeirão das Trahiras, tributario do rio Padre Souza, do alto dos morros dos Dous Irmãos, descortina-se uma das mais bellas e attrahentes paizagens que é dado ao homem gozar.

Voltando para a direcção geral do poente ou de oessudoéste, do curso do ribeirão João Leite, depois que abandonando as encostas do espigão, se deslisa pela planicie, vi o terreno baixar insensivelmente

Nascido na Bretanha, no meio de uma natureza sáfara e rude, salpicada de rochedos nùs açoitados constantemente pelos ventos fórtes do oceano, elle se apaixonou, desde logo, pelas bellezas do nosso formoso Brazil, dedicando-lhe o mais carinhoso amor, comprovado com o sacrificio da propria vida nos transes mais difficeis da formação, da nossa nacionalidade.

Servidor da nossa patria, e especialmente deste Estado, o grande marinheiro e intelligente administrador, tanto na guerra como na paz, escreveu paginas brilhantes da nossa historia com a sua coragem, prudencia e dedicação á causa do Brazil.

Matto-Grosso muito lhe deve.

Na verdade, quando suas fronteiras forão em 1865 invadidas pelos paraguayos, taládos seus campos e propriedades, tomadas suas praças de guerra, cidades e villas, o velho Leverger, alquebrado pelos annos, synthetisando os brios da nossa terra, reunio os elementos de resistencia que encontrou e no Melgaço « serviu de antemural á esta cidade de Cuyabá, ameaçada pelo inimigo victoriozo.»

Alli sim, naquelle posto avançado, Augusto Leverger é illuminado pelos clarões da immortalidade, immortalidade conquistada pelo seu valor no desaggravo dos nossos brios e da honra do Brazil !

Alli sim, Augusto Leverger fez jus á essa romaria de amor e de reconhecimento, que estamos presenciando no dia de hoje.

Cuyabá, 14 de Janeiro de 1905.

Moraes e Mattos

chapadão para o fundo de um *vão*, atravessando encostas escabrosas de descida incommoda, quando não acontece encontrar lançantes estreitos ou largos, quaes degráos gigantescos, a marcar a transição de um terreno grato ás depressões, em que se patenteia visivelmente a acção erodente das aguas no correr de muitos seculos, pondo a descoberto rugosa superficie, tão rugosa e accidentada que dir-se-hia um systema de montanhas levantadas por forças eruptivas insufficientes para leval-as acima, e soterradas por camadas de sedimento de mais idade.

Esta variante se observa claramente na bacia do rio Descoberto ou Montes Claros, quando, além das bellissimas e frondentes campinas da Chapadinha, graciosamente ajardinadas pela natureza tropical começa-se a descer o valle conjuncto dos ribeirões do Bodeador e das Pedras, de physionomia agreste e escabroso tracto até perto da solitaria capellinha de Santo Antonio do Descoberto, no meio de um vasto campo deshabitado.

VI

Ha uma forma interessante de transição dos chapadões para os valles dos grandes rios, a que o povo em geral, dá o nome de *cãos*, ou simplesmente para as grandes e largas baixadas de desnudação, ou mesmo para planicies em que se nota uma depressão no meio, venha ser: a existencia de monticulos, contiguos, de ordinario cobertos de vegetação rasteira ou de mui pequeno porte, de fórma conica regular, em dilatados limites.

São os Covoás

Notam-se monticulos de alturas diversas, de um metro ou menos até dezenas de metros.

Em uma chapada proxima da parte superior do valle do ribeirão chamado Riacho Fundo, nas cabeceiras do corrego do Guará, no planalto de Goyaz, existem os referidos monticulos de pequena altura em numero infinito, occupando immensa area; assim tambem, em ambas as margens do rio São Bartholomeo, principalmente na esquerda, logo abaixo da sua formação, da confluencia dos rios Pipiripão e Paranaoá, tambem em Goyaz, ha desses monticulos, mas de notavel altura, pelo povo denominados *covoás*, em tão grande quantidade que formam, por assim dizer, alguns kilometros de extensão nas vertentes do estreito valle.

Do alto do chapadão do Sarandy, de cerca de 1200 metros de altitude, entre o Sobradinho e a villa do Mestre d'Armas, olhando para nornoroéste, ou para norte, a vista acompanha o *Vão dos Angicos*, em seo aspecto grandioso, em muitas dezenas de kilometros completamente revestido de *covoás*, na vertente fronteira ao observador, produzindo á grande distancia em que se olha, impressão identica de uma superficie rugosa, com symetria na justa posição das saliencias de admiravel uniformidade de altura, inclinação e contornos.

Estes systemas culminantes primarios são dignos da maior attenção por sua disposição geographica e sua physionomia particular, e formam diversas regiões physicas, determinadas em sua extensão por uma serie de vertentes geraes, que dellas emanam e que vão

dotar as mesmas regiões, tão favorecidas pela natureza e tão avantajadamente situadas, de condições sobreexcellentes, de rara fertilidade entre todas as outras que a zona tropical da America do Sul abrange.

Opportunamente veremos que offerecem tambem particular interesse: a superelevação de um a outro alveo de muitos rios de cabedaes differentes, em curta distancia relativa; os valles dos actuaes cursos d'agua como alveo desnivelado de tal forma que muitas vezes apresentam verdadeiras linhas quebradas em grande parte do seo comprimento, mórmente os que procuram nas baixas latitudes a grande depressão do rio Amazonas ou a do Paraná; e, finalmente, a quasi uniformidade nas alturas dos chapadões de primeira, segunda e terceira ordem, parecendo indicar primitiva formação univoca de toda a superficie do grande continente emerso, desde os seus tempos primordiaes.

Como já ficou dito, é a cidade da Formosa, a antiga *Villa dos Couros*, em Goyaz, o ponto mais importante do Brazil, representando o entroncamento das divisorias das aguas das bacias do Amazonas, Tocantins, Paraná, Paraguay e São Francisco, e de outros rios que buscam o mar, nas costas do norte.

Alli o espigão divide-se e emitte uma ramificação para o sul, separando das duas primeiras citadas bacias as aguas que procuram o Atlantico, nas costas orientaes do Brasil e uma parte nas do norte.

A ramificação do norte separa a bacia do Tocantins das do Gurupy, Grajahú, Paranahyba e da bacia do S. Francisco: e a do sul, mudando diversas vezes de fórma e direcção, separa as aguas do Paranahyba—Rio Grande, das do S. Francisco, e vae perto de Carandahy, no Alto das Taipas, ligar-se com a Serra do Espinhaço que com as suas multiplas divisões e subdivisões e com a Serra do Mar, corta e recorta toda a região a léste da divisoria central das aguas, complicando a estructura topographica dessa região, que constituiria a bacia oriental, se conservasse a superficie sem as alterações e desigualdades até a zona maritima ou do littoral.

Dr. A. Pimentel

Indice das Provisões

contendas neste Livro Segundo.

N. 1—Provizão exped.ª pelo cons.º Ultramarino ao General Rodrigo Cezar de Menezes em 7 de 8br.º de 1722 sobre se esperar a sua resp.ta p.ª rezolver as mercês, que diz seria conveniente concederem-se ás pessoas q' se destinguisem no descubrimento das Minas do Cuyabá, e na factura do Caminho p.ª elas.

2—Segunda via da Provizão supra.

3—P. de 21 de Mayo de 1723—p.ª se informar sobre as condições com q' se encarregou á Manoel Godinho de Lara abertura do cam.º é todo por terra, ou mar, ou por alguns rios, e se nestes poderão navegar embarcações grosas.

4—P. de 5 de Outubro de 1723—sobre se aprovar o bando q' se mandou Lançar, p.ª se pagarem os quintos do Ouro do Cuyabá recomendandoselhe a sua inviolavel observancia.

5—P. de 13 de Janr.º de 1724—sobre se admittir, entre varias clauzulas de um bando unicam.te a de q' se não podesem tirar Indios nas Aldeyas.

6—P. de 13 de Janr.º de 1724—sobre se aprovar o bando p.ª senão abrir cam.º pela Villa p.ª o Cuyabá com declaração q' a pena de asoutes nos Indios e negros não excederá o numero de quarenta.

7—P. de 27 de Julho de 1725—sobre se louvar ozelo com q' tem procurado augmentar os intereses da Fazd.ª Real nas minas de Cuyabá, c' q' as pessoas q' p.ª isso tem concurrido com distinto prestimo as chame a sua prezença elho agradeça da p.te de S. Mag.e; dandolhe certidões com q' possão requerer os premios competentes; eemq.to ao Ouvidor na rezid.ª se mande conhecer do seu prosedim.to.

8—P. de 26 de Janr.º de 1726—sobre se mandar fazer por conta da Fazd.ª Real toda adespeza nr.ª p.ª aviagem de S. Paulo para o Cuyabá, tanto de S. Ex.ª: como dos seus officiaes, e mais comitiva, e além disto se lhe mandão dar quatro mil cruzados—ao Ministro q' o hade acompanhar 800 C"—a cada Ten.e general 400 C"—e ao Ajudante Ten.e 200 C"—pagando-se destas mc.es os dir.tos do estilo.

9—P. de 15 de Fevereiro de 1728—sobre se aprovar o q' tiver despachado como Ouvidor no Cuyabá o B.el An.to Alz.' Lanhas Pex.to, porem q' retirando-se e deixando algum substituto esse tal não exercite jurisdição algúa.

10—P. exped.ª pelo cons.º Ultramarino ao G.or Antonio da S.ª Caldeira Pimentel em 15 de Dezr.º de 1728 sobre fazer guerra ao gentio Payaguá, observando-se as ordens antecedentes.

11—Decr.to em q' se provam as Ostilid.s do gentio Payaguá e se justifica o procedim.to contra eles.

12—P. exped.ª pelo cons.º Ultram.º ao G.or Ant.º da S.ª Caldr.ª Pimentel de 29 de Jan.º de 1729 sobre se haver recebido aremesa, q' se fez do Ouro do Cuyabá, que forão 180 80/8º e se mandar pasar conhecimento p.ª descarga do Thezr.º.

13—P. exped.ª pelo cons.º Ultram.º ao G.or Ant.º da S.ª Caldr.ª Pimentel de 15 de Jan.º de 1729—sobre se lhe ordenar aresp.to de se pagar o quinto por entrada da fazd.ª seca, emolhada se observe o q' se pratica nas minas Geraes aprovando-se o q' fez seu antecessor.

14—P. exped.ª pelo cons.º d.º ao G.or asima em 29 de Março de 1729—sobre selhe dizer q' p.ª as minas do Cuyabá foy S. Mag.e servido nomear por Ouvidor ao B.el Jozé de Burgos Vila Lobos.

15—P. exped.ª pelo cons.º Ultra.º ao G.or An.to da S.ª em 5 de Abril de 1729—sobre selhe ordenar q' nos particulares do Real serviço conteúdo na carta de Ant.º de Souza q' se remete por copia dê aprovidencia q' milhor lhe parecer que as entradas das fazd.as se satisfação nas minas e aresp.to de se fazer guerra ao Gentio execute o disposto pelas ordens Reais.

16—Copia da carta asima mencionada.

17—P. exped.ª pelo cons.º Ultra.º do G.or V.ª em 31 de Agosto de 1729—sobre selhe mandar fazer as avaliações dos logares de Ouvidor, e Provedor dos defuntos, e auz.tos

18—P. V.ª de 28 de Jan.º de 1730—sobre selhe ordenar mandar por em arecadação dizimos do Cuyabá, procurando q' se remetam por contrato e que de conta do seu rendimento.

19—P. V.ª de 14 de Abril de 1730—sobre se mandar examinar o q' se cobrou do redim.to dos dizimos por p.te do contrato ou por p.te da fazd.ª Real p.ª se poder proceder por p.te liquida contra a V.e do contratador.

20—P. V.ª de 5 de Mayo de 1730—sobre selhe ordenar rezolva, como lhe parecer justo se certas quantid.es de ouro vindas das minas de Pernampanema sem carta de Guia devião, ou não pagar quinto.

20—P. V.ª de 21 de Jan.º de 1731—sobre se lhe recommendar m.to socorra as minas do Cuyabá, a fim de se poder fazer guerra ao Gentio Payaguá.

22—P. expd.ª pelo cons.º Ultra.º ao G.or Ant.º da S.ª Caldr.ª Pimental de 19 de Dezr.º de 1731—sobre-selhe mandar informar aresp.to da eleisão, q' fizera a Camera do Cuyabá em Thomé de Gouvea Sàa e Queiroga p.ª Goardamor das d.as minas, e p.ª Escr.am a Caetano dos S.tos.

23—P. exped.ª pelo Cons.º Ultr.º ao G.or An.to da S.ª Caldr.ª em 5 de Março de 1732—sobre selhe determinar, q' pronta evigorosam.te procure sejão atacadas dentro nos seus mesmos alojam.tos os Gentios Payaguás, e mais nações suas confederadas, declarando q' todos q' ficarem cativos serão repartidos pelas pessoas q' fizerem aguerra.

24—P. expd.ª pelo cons.º Ultra.º ao G.or An.to da S.ª Caldr.ª em 11 de Março de 1732 sobre se mandar levar em conta adespeza, q' fez a Camera do Cuyabá, p.ª aguerra contra o Gentio Payaguá e ordenar se não hostelize a nação dos Parecis procedendo contra os trangresores dad.ª Ordem, pondo-se em Liberdade alguns desta nação, q' se acharem cativos.

25—P. expd.ª pelo cons.º Ultra.º ao General Conde de Sarzedas em o pr.º de Abril de 1732—sobre se lhe mandar dar interinam.te aprovid.ª nr.ª no cazo de ser certo o miseravel estado do povo do Cuyabá, de q' derão conta os off.es da Camera na carta q' se remete por copia.

26—P. expd.ª pelo cons.º Ultra.º ao Gen.ral Conde de Sarzedas em 18 de Mayo de 1732—em q' se lhe ordena mande pôr editais p.ª os q' quiserem pertender os postos de duas comp.as de Infantr.ª; que manda crear de novo na Praça de Santos.

27—P. expd.ª pelo cons.º Ultra.º ao Gen.al Conde de Sarzedas em 27 de Mayo de 1732—em q' se lhe determina que tanto que receber a informação sobre os dizimos do Cuyabá, aremeta ao cons.º.

28—P. exped.ª pelo cons.º Ultr.º ao Gen.al Conde de Sarzedas em 4 de nov.rº de 1732—em que se lhe manda informar com o seu parecer sobre aqueixa, q' fez do Ouv.or José Burgos Vilalobos o Superintendente da Fazd.ª R.al Thome Ferreira de Moraez Sarm.to.

29—Copia da P. a sima mencionada.

30—Carta do Secretr.º de Estado com ordem de S. Mag.e p.ª o Conde de Sarzedas de 17 de Abril de 1733—p.ª remeter logo ao Rio de Janr.º todo o Ouro pertencente a Fazd.ª R.al.

31—P. exped.ª pelo cons.º Ultra.º ao Gen.al Conde de Sarzedas em 20 de Junho de 1733—p.ª informar q.to se poderá constituir de congrua ao Vigr.º do Cuyabá.

32—P. expd.ª pelo cons.º Ultr.º ao Gen.al Conde de Sarzedas em 17 de 8br.º de 1733—em que se lhe determina procure com todo o vagar fazer aguerra ao Gentio Payaguá.

33—P. expd.ª pelo cons.º Ultr.º ao Gen.al Conde de Sarzedas em 29 de 8brº de 1733—sobre averiguar e informar q' Rios são os q' se pasão no cam.º de S. Paulo p.ª os Goyas, e informar sobre a falsid.e de huns papeis, e entre tanto suspender a entrega do produto das pasagens.

34—P. expd.ª pelo cons.º Ultr.º ao Gen.al Conde Sarzedas em 7 de Junho de 1734—sobre fazer que o Juizo dos Auzentos reponha logo a Fazed.ª R.al o que tem pertencente a ela, estranhando ao Prov.or dos Auzen.tes retelo, ou confundilo.

35—Copea da Carta do Prov.or da Fazed.ª Real de Santos em virtude da qual se pasou a ordem mencionada.

36—P. exped. pelo cons.º ao General Conde de Sarzedas em 25 de Junho de 1735—em q' se lhe aprova áver f.to remeter da Provd.ª dos Auz.es, p.ª ada Real Fazenda as 2387/8s produto do contrato dos dizimos, q' vierão confundidos com outro Ouro da erança de Antonio Corrêa de Olivr.ª, por dezordem do Ouv.or do Cuyabá.

37—P. expd.ª pelo cons.º Ultr.º ao General Conde de Sarzedas em 23 de Nobr. de 1735—sobre áver ordenado ao Ouvidor do Cuyabá, como se deve áver no tomar das contas dos benz do cons.º; e outras circumstancias a este rep.to.

38—P. exped.ª pelo cons.º Ultr.º ao General Conde de Sarzedas em 14 de Novembro de 1735 sobre se informar por meyo do Ouvidor, e do Prov.or, da Fazed.ª Real do Cuyabá, qual das duas avaliaçõenz do rendim.to dos off.os está mais justam.e feita, e informe com seu parecer, não procedendo no em tanto pela Ordem, q' mandava cobrar os dir.tos Reais pela segunda avaliação.

39—P. exped.ª pelo cons.º Illtr.º as Gen.al conde de Sarzedas em 15 de Nobr.º de 1735—sobre imformar com o seu parecer a resp.to do requerer a Camera do Cuyabá se lhe levasem em despesa os petrechos que se perderão na Guerra do Payaguá, e gastos, que p.ª ela se fizerão

40—Carta da Camera do Cuyabá ao Conde sobre a mat.ª da Provisão asima.

41—P. exped.ª pelo cons.º ultr.º ao Gen.al Conde de Sarzedas em 17 de Dezr.º de 1735—sobre enformar com o seu parecer o requerimento de Dom.os Gomes Beliago em q. pertende a confirmação do posto de Mestre de Campo das Ordenanças do Cuyabá.

42—P. exped.ª pelo Cons.º ultr.º sobre a mat.ª assima.

43—Carta do Secretario do Estado ao Gen.al Conde de Sarzedas de 22 de Março de 1736—para que ao cazo de partir p.a os Goyaz antes chegar a S. Paulo o Intend.e e Prov.or da Fazed.a Real que está nomiado, deixe as ordenz. e instrucções nr.as p.a o d.º menistro seguir a sua viagem, e entrar no exercicio dos seus cargos.—

44—P. exped.ª pelo cons.º ultr.º ao General Conde de Sarzedas em 14 de Março de 1738—para que os Ministros das Conquistas, durante o tempo das suas Judicaturas, não possam tirar atestações do seu procidemento, e que tirando-as se lhe não de Credito.—

45—P. exped.ª pelo cons.º Ultr.º ao G.or da capitania em 21 de Abril de 1730—sobre se lhe levarem em despeza os petrechos, que se perderão na guerra do Payaguá, e se premetir que fiquem as armas, e munições de Guerra na Camera do Cuyabá, ficando esta obrigada ao reparo e conservação d'elas &.

46—P. exped.ª pelo cons.º Ultr.º ao Gov.or e Cap.m General em 24 de Abril de 1738—em q' se manda observar o regim.to dos Carcereiros de 28 de Abril de 1681—Com declaração que o degredo que o m.º requerimento impoem para o Estado do Brazil se deve praticar nele para o Reino de Angola.—

47—P. exped.ª pelo cons.º ultr.º ao Gov.or Cap.m G.al em 5 Setembro de 1738—sobre informar com o seu parecer ouvindo a Junta das Misões a respeito da conta que deu o Ouv.or do Cuyabá de averem sido sentenciados por cativos injustam.e Os gentios Bororós.—

48—Segunda via da Provizão assima com a copia da carta do Ouv.or João Glz.' Per.ª de pr. de Setr.º de 1737.—

49—P. por copia exped.ª pelo cons.º ultr.º ao General Conde de Sarzedas em 7 de 8 br. de 1733—de que se fêz menção na Provizão proxima e hé a Prov. do n. 32 deste L.º—

50—Copia da Provizão de 5 de Março de 1732—que vay neste L.º no n.º 23.

51—P. exped.ª pelo Cons.º ultr.º ao Gov.or Cap.m General em 19 de 8 br.º de 1738—sobre informar com com o seu parecer a respeito da conservação, ou extinção dos engenhos da agoa ard.e, abertura do comercio com o Gentio Cavaleiro, como tambem se avia de ir quarta Armada contra o Gentio Payaguá e tempos em que se devem fazer as viagens dos Rios.

52—Copia da conta que deu o Ouv.or do Cuyabá sobre os pontos da Provizão proxima.

53 e **54**—Segundas vias da Provizão, e Contas mencionadas.

55—P. exped.ª pelo cons.º ultr.º ao Gov.or e Cap.m General em 22 de 8 br.º de 1738 sobre se aver rematado o contrato dos dizimos do Cuyabá por tres annos a Joze Alz. da S.ª

56—Segunda via da Provizão proxima.

57 e **58**—Exemplar em preço da forma da rematação do d.º Contrato.

59--P. exped.ª pelo Cons.º Ultr.º ao Gov.or e Cap.m General em 4 de Junho de 1739--- sobre informar com o seu parecer ouvindo o Ouvidor do Cuyabá João Glz. Per.ª aresp.to da conta do Intend.te sobre apartida das Canoas--goardas da Ordenança p.ª a Intend.ª e outros pontos.

60—Copia da carta do Intend.e mencionada na Prov. sup.

61 e **62**--Segunda via da Prov. proxima, e copia da carta a ela pertencente.

63--P. exped.ª pelo Cons.º Ultr.º ao Gov.or e Cap.m G.al em 23 de Setr. de 1739—sobre informar arespeito da abertura do cam.º por terra de S. Paulo p.ª o Cuyabá, a q' se offr.e o Mestre de Campo Manoel Dias da Silva.

64 e **65**—Copias dos requerim.tos pertencentes a Prov. sup.

66—P. exped.ª pelo Cons.º Ultr.º ao Gov.or e Cap.m General em 14 de Setr.º de 1739—sobre informar o requerim.to do Tenente General Manoel Roiz de Carvalho em que pede soldo dobrado, e outras ajudas de custo do tempo, q' gastou na expedição contra o Gentio Payaguá.

67—Segunda via da P. sup.

68--P. exped.ª pelo cons.º Ultr.º ao Gov.or e Cap.m General em 15 de 8br.º de 1739—sobre selhe Ordenar mande remeter ao Intend.e do Cuyabá o regim.to da Capitação p.ª por ele se Governar.

69--Segunda via da P. sup.

70—P. exped.ª pelo Cons.º Ultr.º ao Gov.or e Cap.m General em 12 de Nobr.º de 1740—sobre informar com o seu parecer ouvindo o Ouv.or do Cuyabá aresp.to da conta, q' deu o Intend. de lhe não fazer o meirinho da Ouvr.ª as deligencias da Fazd.ª Real por persuações do Ouv.or.

71 e **72**—Copeas das cartas do intend.e pelas quaes se pasou a P. sup.

73—P. exped.ª pelo Cons.º Ultr.º ao Gov.or e Cap.m General em 22 de Nobr.º de 1740---sobre informar aresp.to do q' contém a carta do Ouv.or do Cuyabá, p.ª o eff.to de se poder introduzir pela Vacaria socorro de cavalos p.ª o m.º eff.to, e outras conveniencias.

74---Copea da carta do Ouv.or do Cuyabá mencionada na P. sup.

75--Segunda via da d.ª Provizão.

76--Copia da carta do Ouv.or do Cuyabá sobre a mesma materia.

77--P. exped.ª pelo Cons.º Ultr.º ao Gov.or e Cap.m General em 27 de Jan.º de 1741-- sobre mandar averiguar o q' comodam.te poderia emportar o transporte dos l.os da Intend., e mandalo pagar.

78--Segunda via P. sup.

79--P. exped.ª pelo cons.º Ultr.º ao General D. Luiz Mascarenhas em 2 de Março de 1741---sobre informar se serão convenientes os meyos, q' propõem o Ouv.or do Cuyabá, p.ª melhor se povoar a capitania.

80--Copia do papel mencionado nad.ª Provizão.

81--P. exped.ª pelo Cons.º Ultr.º ao Gov.or e Cap.m General em de 26 Março de 1742--sobre se fazerem Juizes Ordr.os nas minas do

Cuyabá, e nos seus novos descobrimentos com úm Tab.m e úm Meirinho.

82--P. exped.a pelo Cons.o Ultr.o ao Gov.or e Cap.m General em 31 de Mayo de 1742--sobre informar com o seu parecer arespeito da Caza de Mizericordia, e Ospital, que requerem os moradores do Cuyabá.

83--Copea da petição de q' emanou a P. sup.

84—P. exped.o pelo Cons.o Ultr.o ao Gov.or e Cap.m Genera em o pr.o de Junho de 1742---sobre se prohibir enviolavelm.te toda a communicação com os castelhanos.

85---P. exped.a pelo Cons.o Ultr.o ao Gov.or e Cap.m General em 7 de Março de 1743---sobre informar o motivo por q' o Ouv.or Geral, e Intend.te do Cuyabá não fizeram remesa do Ouro no anno de 1741--e do novo cam.o q' Od.o menino fizera abrir do Cuyabá p.a o Matogroso.

86—P. exped.a pelo Cons.o Ultr.o ao General D. Luiz Mascarenhas em 30 de Abril de 1743-- sobre se lhe informar de conta da bandr.a digo do eff.o, q' teve a bandr.a de João Bicudo.

87--P. exped.a pelo Cons.o Ultr.o ao Gov.or Cap.m General em 20 de Mayo de 1744—sobre informar com o seu parecer aresp.to da ajuda de custo, q' pede o Ten.e General Manoel Rôiz de Carvalho.

88—Copia da petição do d.o Ten.e General.

89--P. exped.a pelo Cons.o Ultr.o ao Gov.or e Cap.m General em 8 de Mayo de 1746—sobre mandar fazer e aprestar, e expedirse duas meyas galés, p.a andarem no Rio Paraguay dezenfestando o caminho de povoado p.a o Cuyabá.

90—P. exped.a pelo Conselho Ultr.o ao Gov.or e Cap.m General em 23 de Agosto de 1746—sobre informar aresp.to dos embr.os com os ser.os de engenho de agua ardente do Cuyabá se opuzeram a demolição deles.

91—Copea da carta do Ouv.or Manoel Antonio Nogueira sobre a mater.a asima.

(Continúa)

RELATORIO sobre o traçado de uma estrada que partindo da cidade de Castro, no Paraná, vá ter á villa de Miranda, em Matto-Grosso, pelo Dr. Epifanio Candido de Souza Pitanga, 1.º Ten.º de Engenheiros.

Ill.mo e Ex.mo Snr.—Tenho a honra de apresentar a V. Ex.ª, de conformidade com o artigo ultimo das instrucções de 29 de Setembro do anno findo, o relatorio geral de minha commissão.

Já tendo antecedentemente apresentado ao Secretario d'esta Provincia o diario de minha viagem fluvial, resta-me apenas pedir de novo a V. Ex. que haja de solicitar da Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra huma copia do itinerario de minha viagem até o porto do Jatahy.—Deos Guarde a V. Ex.—Cuyabá, 10 de Setembro de 1858—Ill.mo e Ex.mo Snr. Chefe da Divisão Joaquim Raimundo de Lamare, Presidente da Provincia.(Assignado)—Epifanio Candido de Souza Pitanga, 1.º Tenente d'Engenheiros.

Relatorio

Em todos os paizes em que ha estradas regulares, são os pontos obrigados das mesmas designados pelo Governo, por motivos de grande valor, de subida importancia para a utilidade dos povos.

Encarregado tambem em sua missão o Governo de prover e mantor o bem estar material da sociedade, fixa elle em proveito da maior somma de interesses, e da utilidade do maior numero, as extremidades das estradas, que ligão n'um paiz os principaes centros productores aos mais importantes centros de consumo.

Indepentente da maior ou menor relação entre a producção e o consumo, o principal elemento da prosperidade de hum povo, que exige a maior possivel rapidez de transportes, outros motivos, igualmente essenciaes tendentes todos ao progresso do mesmo povo, taes como a guerra, a colonisação e a cultura de terras, levão ainda o Governo a determinar os pontos fixos para as principaes estradas, que n'um paiz se devem construir para a satisfação de tão urgentes necessidades.

Algumas vezes, porém, o Governo encarrega aos profissionaes na materia, aos homens competentes de procederem ao mais delicado estudo, ao mais minucioso exame sobre o terreno em que se quer construir huma estrada, ficando assim os seus pontos obrigados sujeitos ao trabalho do Engenheiro.

Então, depois de determinadas as extremidades de huma estrada, chama-se o Engenheiro, para, pelo caminho mais curto traçal-a e construil-a, de modo que ao lado da maior regularidade e solidez da obra figure a maxima economia de capital.

Ainda que não tenha sido eu encarregado do exame pelo qual se poderia fixar os pontos obrigados de huma estrada, nem tão pouco de construil-a, vou, comtudo, fazer sobre taes objectos, em ordem á minha commissão, algumas ligeiras considerações, como me aconselha o artigo ultimo das instrucções de 29 de Setembro do anno findo, que me forão transmittidas pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra.

Desde que os interesses da agricultura, do commercio e da admi-

nistração publica da Provincia do Paraná instavão por uma estrada, que de Curityba se dirigisse a hum ponto do littoral, pondo em communicação os moradores da costa com os da serra acima, parecia que a cidade de Paranaguá, situada n'uma vasta e magnifica bahia, com hum porto franco a toda e qualquer embarcação, muito populosa, a mais commercial, e talvez a mais importante cidade de toda aquella Provincia, fosse a escolhida para a outra extremidade da dita estrada.

Infelizmente, porém, esta larga copia de optimas condições materiaes e civis, não bastava para dar a preferencia á cidade de Paranaguá; era mister attender a todos os elementos que pudessem convir á ordem politica; como tambem a maior facilidade de construcção, a menor distancia e a maior economia nos dinheiros publicos que se oppunhão todos á escolha, para tal fim, da dita cidade.

A villa de Morretes, collocada apenas a nove legoas da cidade de Curityba, seria talvez o lugar que reunisse a maior possivel somma de condições favoraveis para ponto de partida da dita estrada, especialmente porque dali parte a estrada conhecida com o nome do —Itupava—, se não fosse o rio Nhundiaquára ou Cubatão em que se acha edificada aquella Villa não prestar-se a todo genero de navegação, e offerecer de mais as alternativas das marés e das enchentes poderosos entraves, offensivos sobre tudo á ordem commercial.

A cidade de Antonina collocada na parte occidental de huma pequena bahia, a 25° e 22' de latitude sul e 51° e 5' de longitude ao occidente de Pariz proximamente, com hum porto que na prêa mar apresenta entre dezoito e vinte pés de agua, apresentando sempre nove na baixa-mar, abrigada de quasi todos os ventos, podendo apenas soffrer de vento SE, e bastante rica de todos os materiaes de construcção, era o ponto que mais satisfactoriamente tendia a resolver a questão, attendendo a todos os interesses da Provincia.

A estrada que da dita cidade parte para os differentes lugares do interior, especialmente a porção que se dirige á colonia do Jatahy, á margem direita do rio Tibagy, no seu estado effectivo não só não se presta a rodagem na sua totalidade, como mesmo não passa, em alguns lugares, de hum caminho de difficil accesso!

A natureza do sólo, pedregosa em muitos lugares da serra-de-mar, e de terras atoladiças em outros pontos da estrada, os seus alinhamentos geralmente máos, o seu desenvolvimento muito maior do que o que se lhe deve dar entre os dous pontos citados, e os seus declives bruscos, ás vezes superiores a 35 %, não permittem, na dita estrada, a passagem de carros.

Para convertel-a em estrada de rodagem regular, com todos os preceitos aconselhados pela sciencia, seria necessario huma somma avultada, superior ás forças do paiz. Felizmente, porém, os interesses da Provincia não necessitão de huma obra magestosa; e a natureza do sólo dispensa em grande parte de sua extensão todo e qualquer trabalho artistico.

Huma estrada com os declives indispensaveis á subida e descida de carros, empedrada em alguns lugares, batida em outros, e com as necessarias valetas de esgoto, serve amplamente e por largos annos á dita Provincia, huma vez que a tempo soffra ella os reparos convenientes á sua conservação.

Nos primeros tres quartos de legoa, até o engenho d'agoa de pilões para o beneficio da erva mate e do arroz, denominado do—S. João—, attenta a natureza das terras e os declives do terreno, se dispensão excavações, aterros e empedramento: alguns serventes bastão aos pequenos desentulhos, que a tornem perfeita estrada de rodagem.

D'ahi a hum quarto de legoa corta a estrada, que ahi corre no rumo Norte meio Norceste, o ramal que vai à villa de Morretes, que corre a Oeste meio Sudueste. Ainda que nenhuma estatistica existe na Provincia do Paraná, com os dados que pude obter, julgo poderem ser feitos os pequenos desentulhos desta parte da estrada com hum conto seiscentos e oitenta mil reis trabalhando quarenta homens, vinte e oito dias, calculando-se o termo medio diario da excavação a vinte mil palmos cubicos de obra. Passa-se depois pelo rio S. João com pequena ponte, e chega-se ao morro do Bicho—, onde procurou-se hum desvio conveniente a tornal-a de franca rodagem. Depois segue-se o rio Ipiranga, que dá vão, do qual em diante a estrada estava perfeita de rodagem, havendo baquetas commodas para os peões. D'esta parte da estrada a hum quarto de legoa estimado, avista-se o morro da mãe Catira—, por onde corre a estrada, atravessando a serra no sentido de sua largura. Passando-se em seguida por duas pontes de madeira, bem construidas, huma sobre o rio das—Pedras—,outra sobre o rio da—mãe Catira—, chega-se no principio da serra á huma casa, onde está a barreira da estrada, havendo de Antonina ao dito ponto tres legoas e meia.

Pela mencionada barreira descem annualmente trinta mil animaes, e sobem doze mil carregados, produzindo huma renda annua media de oito contos e quatrocentos mil reis. O costão da serra, que faz parte da estada da Graciosa tem quasi cinco mil tresentas e cincoenta braças, contando apenas quatro mil de terras que commodamente se prestão aos trabalhos de excavação: todo o restante se compõe de rocha viva, e pedra solta, parte da qual pode ser desmontada a polvora, movendo-se o resto a alavanca.

Ainda que houvesse intelligencia nos alinhamentos, com tudo me parece que alguns ziguezagues se podião dispensar, como tambem podia haver mais alguma regularidade nos traçados nas curvas, mórmente na parte da estrada que se segue depois da serra. Sendo difficil de assignalar com precisão o orçamento das obras a fazer-se por nada ter podido colher sobre o valor do trabalho das tiras de alvenaria, limitar-me-hia a dizer, que além do movimento das terres, empedramento e vallas de esgoto, faz-se mister pouco mais de quinhentas braças de muros de revestimento, alguns com contraforte, que nunca poderá custar menos de tresentos e cincoenta contos e quatrocentos.

Logo depois da descida da serra fica o lugar chamado Corvo, a partir do qual o leito da estrada corre sensivelmente plano até a cidade de Curityba. Até o rio do—Meio—, a estrada nada precisa para que se preste a rodagem; mas depois da excellente ponte sobre o rio Capivari, como as terras são molles hé mister ser completamente empedrada, para que commodamente possão transitar os carros. Entrando-se depois n'um caminho onde nada precisa de obras,

chega-se a bordado campo, a quatro e meia legoas da Capital, e onde tambem a rijeza das terras dispensa qualquer revestimento do sólo; sendo apenas necessario ligeiro aterro para acabar com alguns banhados, produzidos pelos varios corregos, que cortão o mencionado campo. He todavia para lamentar, que seja tão irregular o alinhamento nesta parte da estrada. Se não se quizesse attender a mesquinhos interesses particulares ter-se-hia huma estrada mais curta, e menos dispendioso o transito para o consumidor, que não teria de pagar por hum excesso de caminho, tolerado com visivel prejuizo do interesse publico. Depois de atravessar-se huma ligeira ponte sobre o rio Palmital, duas legoas distante de Curityba, ali chega-se, passando-se perto das cabeceiras do rio Iguassú. Antes da serra do mar ha dous pequenos armazens de secco e molhado, que com mais outro perto da Capital, fazem todo o recurso da estrada da Graciosa, onde he indispensavel, pelo menos, alem dos trabalhos da serra gastar-se mais duzentos e cincoenta contos para que se converta ella em estrada de rodagem, accommodada tanto aos interesses da Provincia do Paraná, como aos interesses geraes do Brazil em relação a fronteira do Baixo-Paraguay.

A duas mil tresentas e cincoenta e cinco braças de estrada da cidade de Curityba, a primeira ladeira que se encontra, corre em campo plano, entre Sul e Oeste, e prestão-se sem empedramento ao serviço da rodagem a ladeira, porém, como trabalho de quatro homens em quatro dias torna-se optimamente viavel, permittindo facil accesso aos carros carregados. Depois de passar pela ponte de madeira sobre o rio Bariguhy, e chegar-se ao engenho do mesmo nome, de beneficiar erva mate e arroz, chega-se a huma ponte sobre hum ribeirão, da qual começão os accidentes do terreno a serem mais pronunciados, e a não permittirem franca rodagem. A insignificante quantia de dous contos duzentos e sessenta mil reis he sufficiente á remoção de taes obstaculos, que se prolongão a novecentas braças. Findos estes, chega-se ao Campo comprido, sendo mister despender mais quinhentos e sessenta mil reis com o movimento de terras de mil e quinhentos palmos de ladeira e rampas para chegar-se ao sitio dos Palmares. D'ahi até o rio Pussaúna as excavações se podem conseguir com hum dispendio de cento e cinco mil reis. A partir do rio acima mencionado recomeção os accidentes mais pronunciados; porém, achando-se a estrada em obrar até o pequeno arraial da—Ferraria—, em ordem á consentir o transito de carros, julguei orçar a despeza a fazer com tal porção da estrada. Correndo elle em seguida por pequenos accidentes que se podem remover com a despeza de duzentos e quarenta mil reis, atravessa o campo e chega ao rebeirão—Timbuhiva—, que dá váo em todos os tempos do anno, sendo mister hum aterro de cento e vinte palmos perto do ribeirão Canatuva, com o qual se despenderá mais sessenta mil reis. Percorrendo depois, a partir do primeiro dos dous ultimos rebeirões citados, mais tresentos e quarenta braças de rampas e ladeiras, passa-se pela —Rondinha—, logo depois da qual fica a ponte de madeiro do rio verde que tambem precisa ser substituida. Além de oitocentos e cincoenta mil reis indispensaveis á preparação do sólo, pelo desentulho, e do que se tiver de gastar com a ponte, que poderá exceder de seiscentos mil reis, he necessario gastar mais oitenta mil reis com as

vinte braças de aterros lateraes da estrada, para livral-a das frequentes inundações do dito rio. Tendo feito todo este trajecto entre os rumos Noroeste, meio Oeste e Oeste quarto de Sudoeste, continúa logo depois da ponte huma ladeira muito ingreme e pedregosa, que póde ser preparada para rodagem com empedramento a Mac-Adam, com quatrocentos e quarenta e cinco mil reis.

Os ligeiros accidentes que se seguem até o arroio, de fundo arenoso, chamado—Passo do Borges—, são insignificantes, e podem ser o trabalho de seis trabalhadores em dez dias proximamente.

Ainda que haja frequente vão no mencionado—Passo—, he com tudo necessario declarar, que no tempo das fortes cheias se torna elle hum pouco penoso.

Tendo sido feito o caminho referido por ultimo entre os rumos Noroeste meio Oeste e Oeste óra quarto, óra meio Sudueste, percorre-se mais seiscentos e noventa e duas braças para chegar-se a Freguezia de—Campo-Largo—, quatro legoas e dous terços proximamente distante da cidade de Curityba.

Exceptuando trinta braças de aterro no valor de cento e vinte mil reis sobre hum banhado, já perto á dita Freguesia, formado por hum corrego, que corta a estrada, e sobre a qual ha huma pequena ponte, bastão cinco homens em dez dias para aplanar as pequenas difficuldades ali existentes. Todo este ramal de estrada he povoado com pequenos recursos de todos os generos. Em Antonina ha abundancia de meios de transportes, os quaes são menores na Capital da Provincia, porque os fazendeiros do interior se communicão directamente com aquelle ponto do littoral.

Quando se parte do —Campo—Largo—cuja planta topographica acompanha este imperfeito trabalho, reconhece-se que a estrada, a largos annos não gosa do menor beneficio. Exceptuando o ponto de huma pequena cordilheira chamado—Capados—, por onde fez-se huma imperfeita estrada, sem ser de rodagem, nenhum outro se encontra até o Jatahy a não ser alguma ponte de madeira, e insignificantes aterros e excavações, para tornal-a apenas viavel, mas não para dar franca passagem aos carros. Entre a dita Freguezia e o pequeno arraial de S. Luiz conforme se passa pela serrinha ou estrada velha, ou pelos Capados ou estrada nova, ha quasi huma legoa de differença sendo mais curto caminho pela estrada velha. He tão grande a differença para tão curta distancia, que julgo preferivel que se emprehenda seriamente a exploração da serrinha, porque me informão os moradores mais praticos da mesma passagem que ha subidas tão ou mais faceis do que pelos Capados.

No rocio da Freguezia já referida, o primeiro trabalho a fazer-se, para não estorvar a rodagem, he a extracção de alguns tócos, que pode occupar dous homens trabalhando cinco dias. Depois d'isto he indispensavel gastar quarenta e oito mil reis com doze braças de aterro entre dous corregos, que cortão o caminho; vindo em ordem de successão a despeza aproximada de oitocentos mil reis com a substituição da ponte de madeira sobre o rio Itaki, no campo do mesmo nome, suppondo emprehender-se os melhoramentos de estrada da serrinha, hoje pouco concorrida. Além disto, he mister huma despesa superior a cem contos de reis para poder-se fa-

zer huma estrada com alguns muros de revestimento prestando-se a rodagem.

O rio Itaki, que tambem corre naquella direcção, possue huma ponte de madeira em máo estado, que precisa ser substituida por huma de trinta palmos de comprido e vinte de largo, com q' se poderá gastar tresentos mil reis. Os arroios Campinas e Pecegueiro dão váo, mas he necessario concertar a ponte do—Taboão—com que pouco se pode gastar. Com os trabalhos da serra he indispensavel hum gasto de quinze contos de reis pelo menos para que possão passar cargas em carros.

D'ahi em diante ha hum vasto campo—campos-geraes—chamado na Provincia do Paraná, de huma maravilhosa belleza. Havendo huma formação de gres moderna, em quasi toda a extensão da estrada, não se precisa de obras até chegar-se ao mencionado arraial de S. Luiz, onde tambem se póde contar com pequenos recursos.

Desde que o progresso do Brazil permittir explorar e aproveitar bem todos os rios que cortão o seu solo, este pequeno arraial gosará de honrosa menção na descripção da Provincia do Paraná, por dar nascimento ao rio—Ribeira—que desagua perto do Iguape na Provincia de S. Paulo.

Atravessando a estrada duas pequenas legoas onde ha frequente rio, galga hum alto e extenso coxilhão composto de gres ferruginosa, cimentado por quartzo, que impossibilita a rodagem. A natureza da dita rocha tornando-a muito esbroadiça facilita muito o trabalho que, para aquelle fim, se deve ali fazer, na importancia proximamente de quinhentos mil reis, para cem braças de extensão.

Feito este ligeiro melhoramento, he a estrada sempre de rodagem até o ribeirão dos—Papagaios-velhos—que corre sobre rochas de granito, de Sudueste para Nordeste, dando váo em quasi todos os tempos do anno, interrompendo-o apenas, por muito poucos minutos com as grandes enchentes.

A' distancia de setecentos e trinta e oito braças corre para Noroeste, tambem sobre grandes lages, outro ribeirão, que está, quanto ao váo, sujeito ás mesmas condições do primeiro. Nesta extensão, quatro homens em dez dias, bastão para os diminutos movimentos de terras necessarias a tornar mais plana a parte viavel do campo.

Correndo depois o trilho em frente a huma fazenda de criação, deixando á direita hum desvio com as excellentes e ricas fazendas do Alegrete e Cancellas, chega a outra chamada—Capão d'Antas— onde se pode contar tambem com recursos de todos os generos, inclusive alguns carros de transportes! Não obstante ser o terreno composto da mesma rocha esbroadiça, e haverem disseminados varios penedos uraticos, a estrada se presta commodamente a rodagem; havendo apenas hum corrego a passar, mas que dá váo em todas as estações.

Depois do Capão d'Antas corta a estrada tres ribeirões, que dão váo em todos os tempos, ainda que custosamente nos chuvosos. O ultimo dos tres chama-se Puga, e empresta o seu nome a hum arraialzinho, collocado a novecentas braças antes do mesmo ribeirão, havendo delle ao largo da Matriz da Freguezia de Palmeiras, mil oitocentas e oitenta braças que tambem se prestão commodamente a

rodagem; sendo mister atravessar hum ribeirão, que por correr sobre lages, a estrada da dita Freguezia chama-se lageado.

Em nove legoas da Provincia e mil e quarenta e oito braças correntes, de—Campo-Largo—á Palmeiras, ha extraordinarios recursos de animaes de carga, e de todos os generos de munições de bocca; existindo apenas os diminutos recursos de meios de transportes, que acabo de referir.

A importancia commercial de Palmeiras está como a de—Campo-Largo—, a de Curityba, a de Antonina, e a de todos os outros lugares por que passei, na Provincia do Paraná, em harmonia com as necessidades de sua população; porém são muito exiguos, na mesma Freguezia, todos os recursos indispensaveis aos transportes de cargas. Sem quasi importancia pelo lado de suas edificações; da planta do mesmo lugar, annexa a este trabalho, se pode reconhecer o grão de progresso por que vai ella passando. Depois de atravessar o povoado do mencionado lugar, corre a estrada a Norte meio Noroeste, rumo muito frequente entre Palmeiras e Ponta Grossa. Os terrenos que são mais accidentados, do que entre o mesmo lugar e Campo Largo, exigem alguns trabalhos, mas até a segunda travessa do mesmo lageado da estrada da Freguezia, bastão cinco homens trabalhando doze dias, para acabar com todos os pequenos obstaculos ali existentes. Atravessa-se ao depois outro lageado de pequena largura, que sempre dá vão; porém antes de chegar-se a elle he necessario gastar-se duzentos cincoenta mil reis com cem braças de desentulho.

Cortando successivamente a estrada a frente de huma fazenda de criação o arraialzinho de Bemtica e a fazenda de criação chamada —Lago—, e dous corregos; hum depois da primeira fazenda, que dá vão, não obstante ser hum pouco veloz; e outro dentro das terras da ultima, que precisa de huma ponte de vinte palmos de comprido, chega-se a hum braço do rio Canihú, que com quanto possua hum extenso estivado precisa de huma ponte de cem palmos; obras que podem consumir dous contos de reis.

A partir do mez de Janeiro, quando as aguas são consideraveis, o dito rio transborda, alaga o campo vizinho, porém não interrompe o transito.

Passando por huma ponte de madeira, em perfeito estado, sobre o rio Canihú, atravessa-se hum ribeirão, que offerece vão em quasi todos os tempos, e chega-se a varios atoleiros e terrenos muito gretados, onde se deve empregar quatrocentos e sessenta mil reis na formação de noventa e duas braças de terreno e estivado, necessarios a tornarem a estrada de commoda rodagem.

Deixando em continuação, no rumo N. N. E., a tresentas braças do caminho, a fazenda de Santa Cruz, corre a estrada encostada a huma rocha, que diminuindo muito o seu fertil transversal, não a torna francamente accessivel aos carros.

Attenta a pequena coherencia da mesma rocha, bastão novecentos e cincoenta mil reis para a preparação das cento e noventa braças, onde os obstaculos são mais pronunciados.

No lance da estrada comprehendido entre a fazenda de Santa Cruz e o rio Tibagy na extensão de tres mil duzentas e noventa braças

com duzentos e cincoenta mil reis se preparão cem braças de terreno, que necessitão de melhoramentos.

A ponte do rio, comquanto não esteja completamente arruinada insta por huma substituição; mas em quanto isto não se dér, os reparos de que ella necessita não excederão de quatrocentos mil reis, visto ser huma ligeira guarnição e algumas vigas, aquillo de que ella mais carece.

As massas d'agua espalhadas por ambas as margens do rio, attestando a depressão do terreno naquelle lugar, indica que ha ordinarias inundações no tempo da chuva; porém, o transito, que se faz a custo, reclama trabalhos mais serios em semelhante lugar.

O rio Tibagy, já com perto de vinte e cinco braças de largo, no ponto em que corta elle a estrada do Jatahy, presta-se ali commodamente à navegação mesmo a vapor, e com muito mais razão á pequena navegação.

A exploração do dito rio, a partir da mencionada para a sua confluencia, poderia trazer brilhantes consequencias para o Paiz.

As corredeiras que por acaso tenha elle, não constituem hum obstaculo invencivel; e quando mesmo haja hum ou mais saltos, hé conveniente recordar, que o Itapura do Tieté não lhe tira a concurrencia de que ainda hoje gosa.

Entretanto, feito o porto de embarque entre Palmeiras e Ponta Grossa, onde ha todos os recursos, que vantagens não colheria a Provincia do Paraná na cultura de suas terras, no progresso de suas colonias, e o Paiz na prompta execução de suas ordens, em relação aos seus grandes interesses na fronteira do Baixo-Paraguay?!

Do lado direito do dito rio, nos rumos Oeste meio Noroeste, e Norte meio Noroeste, abstracção feita de alguns ziguezagues, em differentes direcções, percorre-se mais quatro mil e setecentas braças de caminho para chegar-se á Villa de—Ponta—Grossa—nas quaes não ha obras de vulto a fazer-se; onde, porém, são necessarios pequenos movimentos de terra, que podem ser feitos por dez homens trabalhando oito dias.

Os recursos da mencionada Villa são lisongeiros tanto pelo lado de meios de transportes, como de munição de bocca de todos os generos, e de materias de construcção.

Da planta junta, pode-se reconhecer a soffrivel regularidade de seus alinhamentos, e desenvolvimento das edificações do mesmo lugar.

Ao sahir de Ponta Grossa, sente-se e reconhece-se que as ondulações do campo são freqnentes e mais pronunciados os seus accidentes.

As primeiras obras a fazer-se são huma ponte de vinte e cinco palmos em substituição da que óra existe de troncos cimentados, sobre hum corrego de leito pedregoso, ao sahir da Villa; e algumas excavações em vinte braças de máos caminhos, com o que se despenderá tresentos mil reis.

Ao depois cumpre empregar quatro homens, para com o trabalho de dez dias preparar o leito da estrada até hum ribeirão, bastante rapido, com quarenta a cincoenta palmos de largo, chamado-Lageado grande.-Ainda que ha vão quasi sempre, algumas vezes he elle momentaneamente interrompido; portanto, a regularidade do servi-

ço pede, logo que fôr possivel, huma ponte de sessenta palmos, com que se gastará mais de setecentos e cincoenta mil reis.

Depois do referido ribeirão cumpre fazer-se cento e sessenta e quatro braças de desentulhos, de huma rocha muito friavel, sobre a qual corre a estrada, onde, porém, não se póde gastar menos de novecentos e oitenta e quatro mil reis.

Passando-se em seguida por hum corrego de facilimo e ordinario vão, pela bôa ponte de madeira do rio Pitangui, chega-se ao campo chamado—Cachoeira—,de constituição em grande parte pedregosa, mas que em seu principio não embaraça a rodagem, todavia, a seis centas e dez braças do ultimo rio, cumpre fazer cento e sessenta e seis braças de aterros e desentulhos, com que se poderá gastar quatrocentos e noventa e oito mil reis.

Deixando ao depois, a cento e vinte braças da estrada, no rumo Oeste meio Noroeste, huma propriedade, passa-se por dous corregos, em cujas immediações, hum homem em quatro dias de trabalho faz os reparos de que necessita o caminho. O lanço da estrada que se segue, corre sobre pedras pontuadas, que não dão rodagem, e onde difficilmente passão os animaes carregados.

Para convertel-o em estrada de rodagem, hé necessario o emprego de oitocentos mil reis para huma extensão de cem braças, onde são os reparos indispensaveis. Correndo depois ella em frente á fazenda—Boqueirão—de pequenos recursos, e ao lado do qual corre o caminho que vai ter á Freguezia do Tibagy, vai passar pela estancia do Carambehy, ao lado da qual finda a estrada, que partindo de S. Luiz passa por Ponta Grossa, sem tocar na Freguezia de Palmeiras. Na extensão de duas mil quatrocentas e trinta e duas braças, entre as ultimas fazendas citadas, não se pode assignalar com precisão a despeza a fazer com os poucos melhoramentos que lhe são necessarios; com tudo pude apreciar que cinco homens em oito dias bastavão para concluil-as. Depois da rica fazenda do Carambehy até os dous primeiros corregos que se encontra, ambos com estivas, he necessario tresentos e sessenta mil reis para a preparação de noventa braças de subida e descida. Logo em seguida he preciso gastar cento e vinte mil reis com huma ponte de doze palmos, em substituição de outra em perfeita ruina, existente sobre outro corrego; quinhentos mil reis com a preparação de cem braças de huma ladeira pedregosa e mais alguns accidentes do terreno intermediario; e mais cem mil reis com vinte braças de hum aterro, que se deve fazer pouco antes de chegar ao pequeno arraial denominado Tronco, occupado por moradores, todos de pequenos recursos; sendo tambem mister empregar dous trabalhadores na extracção de alguns poucos tócos existentes em varios pontos daquella parte da estrada. No fim de mil quatrocentas e cincoenta e sete braças chega-se ao bairro chamado —Lageado—, do qual, ao largo da Igreja de N. S. do Rosario da Cidade de Castro ha mais tres mil seiscentas e dezenove braças passando-se por quatro corregos; onde ha necessidade de trinta braças de aterro no valor de cento e cincoenta mil reis, outro aterro sobre o ribeirão da Ronda, já perto da cidade, no valor de cem mil reis, e mais dous contos e quinhentos mil reis com a preparação de mil braças de terrenos, que precisão de entulhos e desentulhos.

A estrada de Antonina a Castro, com pouco mais de quarenta le-

goas do Paraná de desenvolvimento, desde que se passa pela serra dos Capados, he toda cheia de recursos importantes, sobre tudo a partir da Curityba; mas cumpre notar, que ainda seguindo proximamente as mesmas direcções, a estrada poderia ser hum do coxilhões, que atravessa, a procurar as cabeceiras da maior parte dos ribeirões e corregos que a cortão.

A Cidade de Castro, collocada no centro da Provincia do Paraná, sob 24° 58' de latitude Sul, e a 52° 21' de longitude occidental de Pariz proximamente, seria talvez o ponto mais conveniente para capital daquella Provincia. Rica de todos os elementos que constituem huma cidade pequena e nova, com hum clima muito benigno, possuindo riquissimas madeiras de construcção e terras muito ferteis, tem a vantagem sobre todos os outros lugares da mesma Provincia e de S. Paulo e da de Matto-Grosso, sem ficar nem muito distante de Santa Catharina, nem do littoral.

No seu estado effectivo sem mesmo ser Capital, e quando mesmo se conserve a estrada que estou descrevendo, tem a mencionada Cidade a vantagem de ser cortada pelo rio Iapó, que descendo da serra de—Furnas—e atravessando os arraiaes de Jararacas e Pedras vai lançar-se no Tibagy, perto da Freguezia do mesmo nome, sendo navegavel até tres legoas abaixo da dita Cidade, sem o menor obstaculo. Na epoca de minha passagem offerecia huma largura de sessenta braças sobre dozo palmos de profundidade.

Se o Governo emprehender a exploração do rio Tibagy, estou que no tempo das aguas poderá tambem adoptar a cidade já mencionada para porto de embarque, em relação a nossa fronteira de Matto-Grosso. Uma vez que se conclua a estrada da Graciosa, a primeira necessidade para o serviço regular de embarque no porto do Jatahy, he a abertura de huma outra, que partindo de hum ponto acima da serra do Mar, se dirija directamente a Castro tanto para corrigir a imperfeição dos alinhamentos da que actualmente existe, como para diminuir-lhe o comprimento. Se se aproveitar a estrada da Graciosa até o rio Capivari, e d'ahi dirigir-se huma picada para aquella cidade faz-se huma economia pelo menos de quatorze legoas, e se tem apenas huma despeza de sessenta contos de reis pouco mais ou menos, considerando a largura da estrada de 25 palmos.

Quer se conserve a actual estrada, quer se realise o que acabo de indicar, a primeira necessidade he a substituição da ponte de madeira do rio Iapó, que se acha em quasi completo estado de ruina.

Não sei se a Provincia poderá gastar com aquella obra; porém o certo he que huma ponte de madeira de novecentos palmos de comprido, quando mesmo todos os materiaes saião muito em conta não poderá ser acabada sem huma despesa proxima de dez contos de reis. Em seguida a ponte, se precisão cincoenta braças de excavação n'uma rampa, com as quaes se gastará cento e cincoenta mil reis.

He no alto da dita rampa onde terminão as edificações da cidade, como se verá da planta annexa; partindo do mesmo lugar, em frente, a estrada de S. Paulo: correndo a do Jatahy a esquerda, no rumo Noroeste quarto de Oeste.

Nas duas mil cento e sessenta e duas braças que ha do principio da dita estrada á pequena ponte do ribeirão S. Thomé, que corre no campo do mesmo nome, e onde ha pequenos recursos, tanto de meios

de transportes como de viveres, bastão oito trabalhadores, para com o seu trabalho de quinze dias prestar-lhe todos os melhoramentos de que ella necessita.

D'ahi ao rio Pirahy, na extensão de duas mil cento e quinze braças corre a estrada pelo meio de hum bello pinhal, prestando-se commodamente a rodagem; carecendo apenas ser reformada parte do soalho e parte das guarnições da ponte com o que não se gastará mais de trezentos e quarenta mil reis. Deste ponto em diante corre a estrada muito mal alinhada. O mais conveniente alinhamento que se póde escolher he o que partindo da dita ponte communica a fazenda da Taquara com as de Santo Amaro e Fortaleza. Mas o caminho, que effectivamente se corre, está a Oeste quarto de Sudoeste da ponte, reclamando logo huma despeza de cem mil reis com vinte braças de aterro, para acabar um pequeno atoleiro ali existente.

Em seguida passa a estrada pelo bairro do—Céo—antes do qual he preciso gastar cento e sessenta mil reis com quarenta braças de desentulho n'uma rampa. Depois do dito bairro, onde ha pequenos recursos, até o Campo dos Orfãos, cumpre empregar oito homens para em quinze dias aplanarem as difficuldades, que dominão aquelles terrenos. Deixando o desvio que communica com a casa do Orfãos, precisa-se de huma ponte de quinze palmos sobre hum ribeirão, que ali nos tempos das aguas difficulta o transito: a despeza a fazer-se não póde exceder de cento e oitenta mil reis.

Continuando até o campo chamado—Rio-abaixo—que dista do rio Pirahy quatro mil quacentas e dezoito braças, o caminho precisa além de seis homens empregados em destocal-o e alargal-o, de cincoenta braças de desentulhos no valor de duzentos mil reis, e seis braças de aterro n'um banhado no valor de trinta mil reis. Supposto seja occupado o lugar por ultimo mencionado, não se póde encontrar ali recursos senão para poucos passageiros.

Passando em seguida a estrada pelo ribeirão do mesmo nome do Campo, que dá vão permanente e onde se precisão de quatro braças de aterro, no valor de vinte mil reis, chega-se a hum vasto pinhal antes do qual se precisa gastar novecentos e quarenta mil reis com a preparação de duzentas e trinta e cinco braças; correndo ao depois por terrenos inclinados onde se precisa gastar com a extensão de tócos, alargamento da estrada, aterros sobre lamaçaes e outros movimentos da terra, hum conto e quatrocentos mil reis, até chegar ao rio Pirahy—mirim que, supposto de vão deve de interrompel-o com as chuvas mais copiosas. Convindo acabar com todos os obstaculos á franca rodagem, he indispensavel construir huma ponte que absorverá, pelo menos novecentos mil reis.

Cortando a estrada varios ribeirões e corregos, no segundo dos quaes se precisa huma ponte no valor de cento e oitenta mil reis com quinze a dezoito palmos de comprido; hum atoleiro de quinze braças, onde he preciso gastar setenta e cinco mil reis; outros pequenos entraves que podem ser removidos com o trabalho de quatro homens em quatro dias; e por mais duzentos e trinta braças de rampas e ladeiras, que consumirão, pelo menos um conto cento e cincoenta mil reis, chega ao lugar denominado—Furnas—onde pelo menos he necessario empregar quatro contos e duzentos mil

reis com a preparação de quatrocentas e vinte braças de rampa, que conduz ao magnifico tabuleiro, ao alto das mesmas.

Não obstante ser ali o leito da estrada tambem pedregoso, não se precisa de obras de grande valor: dous calceteiros em dous dias prestão-lhe o beneficio de que ella carece.

Deixando à esquerda, no rumo Sudoeste, o logar chamado—Mocambo—; a duas mil e cento e vinte braças do qual corta a estrada o lageado do mesmo nome, que sempre dá vão, necessitando nesta extensão de sessenta braças de excavação no valor de duzentos e quarenta mil reis, chega em seguida a outro ribeirão correndo sobre lages, em cujo intervallo, composto de duas mil tresentas e cincoenta braças, bastão dez homens trabalhando oito dias para destruir os pequenos accidentes, que n'um ou n'outro ponto difficultão a rodagem. Passando o caminho por outro lageado que tambem dá vão, atravessa depois o rincão do Corisco, e chega em seguida ao lageado chamado—do Pedrinho—, confluente do rio Fortaleza a poucos passos da estrada. Este ultimo lageado, quando as chuvas são copiosas interrompe o vão; inconveniente que cumpre remediar, quando houver meios disponiveis. Depois do dito ribeirão começão os campos da fazenda da Fortaleza, onde faz-se indispensavel o serviço de quatro homens em oito dias para aplanar as seiscentas e dez braças que se fazem até chegar—a passagem do rio do mesmo nome.

Um dos mais importantes melhoramentos de que necessita esta via de communicação he huma ponte de duzentos e cincoenta palmos, sobre o mencionado rio, obra com que se poderá despender dous contos e quinhentos mil reis, mas emquanto isto não houver, e fôr necessario usar de pessimo vão do mesmo, cujo fundo he pedregoso, deve-se fazel-o no rumo Sudoeste até o meio, e d'ahi em diante a Noroeste.

Atravessando este famoso confluente do rio Iapó, a estrada corre em seguida pelas fazendas da Fortaleza, de Monte-Alegre e Agudos, onde ha grandes recursos de viveres; e chega á entrada do sertão.

Nesta extenção de dezoito mil setecentos e oito braças passa pelo ribeirão Faisqueiro, onde se fez antigamente grande mineração de ouro; pelo rio Alegre confluente do Tibagy; pelo ribeirão—Ponte de Pedra—que conflue no Alegre pelo passo do Miranda—e pelo Mortandade. Exceptuando o penultimo ribeirão, que dá vão, só se precisa reformar a ponte do ultimo, no que se gastará mais de duzentos e cincoenta mil reis, e a da—Ponte de Pedra, com que se poderá gastar igual quantia.

Além do melhoramento citado, cumpre remover terras n'uma extensão de quatrocentas braças, no valor de hum conto e seiscentos mil reis; porém, sendo hum o unico proprietario das mencionadas fazendas, he muito de presumir, que beneficie elle aquella parte da estrada mandando tambem construir as pontes sem onerar os cofres publicos.

O ramal da estrada do sertão não se presta a franca rodagem.

Cortados por varios rios, que habitualmente interrompem o vão no tempo das aguas, offerece naquella estação não pequenos obstaculos á viação.

A empresa de fazer-se huma estrada perfeita de rodagem, lançando pontes sobre todos os rios, he por tal modo dispendiosa, que não ouso instar por sua realisação. Me parecendo que todos os seus interesses a resolver-se pelo Jatahy se poderão concluir no tempo de secca sem grandes incommodos, vou indicar apenas quaes os melhoramentos que se devem fazer para que por ali possão, sem tropeço transitar todas as cargas em carros.

Nas primeiras duas mil oitocentas e sessenta e sete braças que correm n'um chão quasi plano, no rumo Noroeste até o rio—Pinheiro-Secco—confluente do Tibagy, bastão oito homens em dez dias, que se occupem da extracção de alguns tócos e da derrubada de poucas arvores, que difficultão a passagem dos carros.

D'ahi a hum ribeirão chamado—Lageadinho—correndo velozmente sobre lages e que se torna caudaloso no tempo das aguas, interrompendo passageiramente o váo naquella estação, ha cem braças de excavações a fazer-se, não só com o fim de tornar suave o caminho, como para alargar o seu fertil transversal. Alem de oitocentos mil reis orçados para a obra acima citada, tambem se precisa do trabalho de quatro homens, para a extracção de tócos na extensão que medeia entre o dito ribeirão e o—Pinheiro-Secco—composta de tres mil oitocentas e quarenta e sete braças. Fazendo-se em seguida mais duas mil e setenta braças a Noroeste, chega-se a outro tributario do Tibagy, o das Antas, que corre velozmente no tempo das aguas; até esta distancia se precisão de noventa e cinco braças de desentulhos e oito de aterros com o que se gastará pelo menos quinhentos e cincoenta mil reis.

Do rio das Antas ao corrego das Cangalhas, na extensão de tres mil e sessenta braças, ha cento e vinte braças de desentulhos a fazer-se, no valor de seiscentos mil reis; trinta mil reis para as guarnições da ponte do dito corrego; sendo ainda assim necessario cinco homens em quatro dias para acabarem a preparação do sólo, onde ha varios tócos a extrahir-se.

Nas mil e tresentas braças que decorrem do mencionado corrego, a hum campinho que ha depois de outro corrego chamado—Felisbertinho—, ha necessidade de prepararem-se quatrocentas e oitenta e tres braças de terreno e hum aterro sobre hum pequeno lamaçal no valor de dous contos quatrocentos e trinta e tres mil reis, não levando em conta o trabalho de cinco homens, em dous dias para a extracção de raizes.

Entre o referido caminho e o rio do Peixe, ou Barra grande, confluente do Tibagy, ha quatro mil cento e quarenta braças a Noroeste. Nesta extensão he mister setenta braças de desentulho, duzentas e dez de aterros necessarios no esgoto do solo, tudo na importancia de hum conto seiscentos e dez mil reis: sem fallar no trabalho de oito homens em quatro dias, necessarios ao corte das raizes, e extracção de tocos e a derrubada de alguma arvore, que difficulta a passagem. Ainda que as chuvas copiosas tambem tolhão o vão ao dito rio, quasi sempre he elle franco ao passageiro.

A huma distancia de mil seiscentas e vinte e quatro braças corre hum rio bastante caudaloso, chamado—Lageado—confluente do mencionado rio do Peixe, que com as chuvas copiosas, deixa de

dar vão. Constituida a zona do terreno entre os dous rios referidos, de terras bastante soluveis, além de alguns pedaços de fortes ingremidades, he necessario fazer-se hum desentulho de cento e cincoenta braças e hum aterro de duzentas, com que se não poderá gastas menos de hum conto e quatrocentos mil reis.

A zona comprehendida entre o dito lageado e o riberão das Araras na axtensão de duas mil setecentas e cincoenta e duas mil setecentas e cincoenta e duas braças, póde ser beneficiada pelo trabalho de dez homens em quinze dias; mas do ultimo ribeirão ao pequeno campo chamado—Rodeio bonito,—atravessando a estrada a serra das Araras, onde ha mil braças de rampas ingremes e alguns lamaçaes, he mister, pelo menos, o emprego de nove contos de reis, para que haja rodagem franca.

Passando pelo ribeirão do—Rodeio bonito—e varios outros intermedios até chegar ao do Lambary, n' um desenvolvimento de tres mil oitocentas e setenta braças, precisa a estrada de reparos na extensão de duzentas e quarenta braças, com que se poderá gastar hum conto e duzentos mil reis. Com quanto seja hum pouco variada a topographia do terreno até a raiz da serrinha do mesmo nome, nem por isto se torna esta de facil accesso. Para convertel-a em estrada de rodagem he necessario preparar mil duzentas e quarenta braças com que não se gastará menos de seis contos e dusentos mil reis, até chegar-se ao ribeirão da Esperança, onde ordinariamente ha vão.

Contigua á margem direita do dito ribeirão começa a serra do mesmo nome, da qual ao corrego do—Serrado,—na extensão de tres mil e seiscentas braças, he necessario preparar mil e cincoenta braças de terreno no valor de cinco contos duzentos e cincoenta mil reis. Continuando o caminho pelo corrego do Carijó e varias outras vertentes até o ribeirão da Olaria, no campo da fazenda de S. Jeronymo, passa perto ao terreiro da mesma, sete mil novecentas e vinte braças distante do ribeirão da Esperança, onde necessita-se de preparar o terreno na extensão de quatrocentas e setenta braças de desentulho, trinta de hum aterro sobre hum lamaçal e vinte braças de rocha viva com que he preciso gastar-se hum conto e oitenta mil reis.

Poucos são os recursos que se podem contar em S. Jeronymo, á vista de sua pequena força; entretanto, não he para despresal-os, mórmente quando com alguma antecedencia constar ali que se precisão de viveres para concluir-se a viagem até o porto do Jatahy ou para continual-a até o Brilhante.

Os rumos que até então erão entre Norte e Oeste, mudão em algumas voltas para Norte e Este, alongando hum pouco mais a estrada; porém, a bondade dos terreno he tal que não vale a pena mudar-lhe a direcção.

Voltando depois a hum dos rumos frequentes, o de Noroeste quarta de Oeste, chega-se ao rio S. Jeronymo distante sete mil tresentas e trinta e cinco braças do terreiro da fasenda.

Nesta extensão oito homens em quinze dias prestão-lhe o melhoramento de que ella necessita para ser de rodagem.

Atravessando em continuação o corrego das—Muchachas,—chega se ao arroio do Sabiá, quasi sempre no rumo Norte meio No-

[illegible]. Mais accidentado este que o ultimo lanço descripto, cumpre ser beneficiado na extensão de tresentas e cincoenta braças, obra que não excederá a hum conto e quatrocentos mil reis, independente de mais quatro homens, trabalhando na extensão de duas mil setecentas e noventa braças que d'ali até o S. Jeronymo, para outros ligeiros reparos.

Do Sabiá ao ribeirão do José Maria, na extensão de tres mil tresentas e setenta braças ha cem braças de terrenos que consumirão quinhentos mil reis, com a sua preparação, fóra o corte de alguns troncos e raizes no leito da estrada que podem ser removidos por quatro homens em oito dias. D'ali ao ribeirão do—Defunto Pauta—na distancia de tres mil cento e cincoenta braças, ha oitenta braças de desenvolvo que com outros diminutos reparos absorverão quatrocentos mil reis. Em seguida a este ribeirão ha huma ingreme ladeira de sessenta braças de longo, com a qual se gastará mais tresentos mil reis.

Cortando a estrada mais dous ribeirões, hum a mil e trinta e cinco braças e outro a mil seiscentas e cincoenta e cinco do ribeirão do—Defunto Pauta—que formão todos tres, pela sua juncção, o rio das Tres Barras, confluente do Tibagy, em cuja extensão he necessario gastar dous contos quatrocentos e oitenta e dous mil reis, chega-se com mais tres mil setecentas e oitenta braças ao ribeirão do Jatahysinho—onde apenas bastão quatro homens para com o seu trabalho de oito dias beneficial-a admittindo que se tenha já feito a derrubada, em parte começada, quando por ali passei.

Passando pelo corrego do Tamanduá, e mais sete arroios; pelo logar chamado—Pouso Queimado—; pelos ribeirões do—Poustinho—e Tigre Manso, e mais algumas pequenas vertentes, em cujo trajecto ha mil e tresentas braças, que se devem beneficiar, no valor de cinco contos e duzentos mil reis, chega-se a colonia militar do Jatahy, situada á margem direita do rio Tibagy.

Os poucos melhoramentos indicados para que haja, na estrada do sertão, facil e possivel rodagem, darão grande importancia á mencionada Colonia, onde actualmente nenhum existe.

Um dos meios de conseguir-se no menor tempo possivel o beneficio de que necessita a dita estrada, he militarisar-se o Jatahy, porque he tal a escassez de braços no Paraná, que os não haverá em numero sufficiente, caso se queira realisar toda a obra.

As terras riquissimas de toda a zona do sertão, da colonia do Jatahy, e as do aldeamento de S. Pedro d'Alcantara, fronteiro a esta, bastão para produzir tudo quanto fôr mister de cereaes para subsistencia dos trabalhadores, para o abastecimento de huma grande parte da Provincia do Paraná, até para exportar-se para o Baixo Paraguay, tão faminto, mais pela negligencia de seus moradores, do que pela falta de braços.

Com a rapidez de minha viagem, e attenta a completa falta de informações, são estas as ligeiras considerações que me suggere fazer sobre o melhoramento do transito terrestre.

A navegação dos rios Tibagy e Parapanema, muito mal explorada até hoje, nem apresenta os horrores e incommodos que os regressistas lhe descobrem, nem as bellezas que os seus apaixonados lhes querem dar.

Publicados alguns artigos com o fim especial de levarem a opinião publica a huma convicção erronea, sobre materias que ainda não tenhão sido estudadas, vou expôr, antes de entrar em detalhes de navegabilidade d'aquelles rios, as condições e quaes as vantagens reaes que d'ahi se pódem colher.

Nas duas estações distinctas do morro Paiz, a das aguas e secca, são sempre os mencionados rios navegaveis, sem haver necessidade de varadouro.

No tempo secco que se estende de Abril até Setembro e Outubro, a navegação é mais penosa por não haver hum volume d'agua em algumas corredeiras e baixios, igual ao prisma de flutuação necessario aos braços em que ali se faz a pequena navegação. Este obice, porém, remedeia-se, alliviando-se parte da carga, de modo que huma canôa carregada com cento e sessenta arrobas passa nos logares mais seccos do rio, huma vez que sejão arrastadas.

No tempo das aguas, porém, que habitualmente he em fim de Setembro a principio de Outubro, para aquelles rios, todo e qualquer barco que calar entre tres e meio a quatro palmos de agua, passsa impunemente, sem alliviar a carga; podendo mesmo passar sem temer o menor fracasso, huma vez que o pratico seja reconhecidamente pessôa de experiencia.

Estipuladas estas duas importantes bases, principaes considerações da navegabilidade de todos os rios, reconhece-se que nos tempos seccos podem no rio Tibagy a partir do Jatahy, e no Paranapanema até a altura do logar denominado—Apertado—onde finda á sua ultima corredeira, viajar-se em canôas ou pranchas quasi sem incommodo, huma vez que a sua carga não exceda da que acabo de referir.

Sendo, porém, muito mais dispendiosa a viagem com tão diminuta carga, he mais conveniente, logo que haja necessidade, alliviar parte della nos tempos seccos: carregando-se as pranchas com tresentas ou quatrocentas arrobas, em volumes taes, que a differença entre os dous numeros citados e a carga com que a prancha pôde ser arrastada seja distribuida em pesos de tres a quatro arrobas.

No tempo das aguas, canôas que tenhão de seis a sete palmos de bocca e supportem de setecentas a novecentas arrobas, podem viajar até os—Apertados—dos quaes em diante pode a navegação ser feita, se quizer o Governo, em barcos de vapor.

Para que se conte com o melhor successo e a maior economia nas viagens dos referidos rios, he necessario que haja bons praticos, ou antes que se apreciem os que óra existem, sendo igualmente mais conveniente transportar todas as cargas no tempo das aguas, até onde não houver mais obstaculo algum á navegação, transportando-se então d'ahi, na estação secca, com grande vantagem, para onde o Governo determinar. Querendo, porém, o Governo, em todos os tempos transportar para o porto do Barbosa, no Brilhante, as cargas embarcadas no Jatahy, basta ordenar os melhoramentos daquelles pontos, onde nas baixas aguas se faz necessario alliviar as pranchas.

A natureza dos melhoramentos que se podem prestar aos mencionados rios, consiste em tirar do leito dos mesmos, na melhor direc-

ção, todas as pedras soltas com alavancas, desmontando a rocha viva de algumas madeiras ou cachoeiras a polvora auxiliada por algumas pilhas electricas, para formar hum pequeno e estreito canal accessivel em todos os tempos, balisando-as convenientemente.

Por este modo torna-se facil a pequena navegação, não havendo grandes despesas para o fisco.

Creado no Paranapanema, onde ha magnificas madeiras de construcção naval, hum pequeno estreito, pode com toda franqueza viajar-se a vapor até a primeira corredeira do Brilhante: sendo apenas preciso alongar de huma a duas horas a viagem, porque o rio Samambaia, alem da sua estreiteza, não se presta áquelle genero de navegação. Mas a meio dia de viagem deste ultimo rio ha outro braço do Ivinheima chamado Ipuran, que offerece commodos regulares áquelle transito.

Saudaveis, ricos de caça e peixe, abrigados, com abundancia de combustivel, sem haver a menor probabilidade de ataques dos gentios, todos os rios mencionados, excepuando os embaraços dos dous primeiros, prestão se a hum grandesco desenvolvimento e prosperidade para o Brazil, de preferencia a toda qualquer linha de navegação que se estabeleça para o rio Brilhante, por muito mais inferior sejão os seus obstaculos.

A primeira vantagem que resulta para o paiz, da adopção de huma tal idea, he a creação de mais hum poderoso nucleo de população trabalhadeira, que com o Iatahy e o Pirapó procurarão communicar-se com o Ivahy onde ha huma colonia agricola, entrelaçando-se assim pelo commercio.

Desta reciproca amizade, resultará a união de todas essas populações espalhadas, que se poderão auxiliar nos casos de guerra, porque sendo a embocadura do Ivahy a mais proxima do Igurátemy, que divide a Provincia do Paraná pelo Poente, do Paraguay e da Provincia de Matto-Grosso, he precisamente o lugar que pela sua menor distancia, logo que esteja convenientemente explorado e accessivel póde mandar auxilios áquella parte de nossa fronteira, se por acaso fôr ella invadida por qualquer inimigo do Brazil.

A segunda he mais colonias produzirem viveres para o abastecimento da nossa fronteira do Baixo-Paraguay, auxiliando-a com todos os outros recursos em caso de guerra.

A terceira he poder esta sahirem continuamente que estabelecão ao Igurátemy, de modo que quando mesmo isso se torne impossivel todo e qualquer ataque de aquelle lado ha pelo menos alguma resistencia, emquanto não soccorro.

A quarta, he poderem tambem estes estabelecimentos ajudarem a organisação de novos, varios pontos do Ivinheima e Brilhante, completamente desguarnecidos, e onde hum ligeiro destacamento do Paraguay póde, vencida a insignificante distancia de trinta legoas, que nos separão daquelle estado, interromper todas as nossas communicações com a Provincia do Paraná.

Se grandes e incontestaveis vantagens se póde colher da navegação do rio Tibagy, o que convém em primeiro logar he fazer acabar com todos os entraves que a tornão desapreciada. Do porto de embarque á foz do mencionado rio se passa por dez corredeiras e bai-

vios e huma pequena cachoeira, onde, como em tres dos primeiros obstaculos, he necessario alliviar a carga: havendo ainda assim pouco mais de tres legoas antes de chegar ao Paranapanema, que se prestão a franca navegação.

Ainda que não tivesse eu tido occasião de reconhecer profundamente a maneira mais facil e economica de acabar com taes entraves, ouso comtudo aconselhar, que removendo-se para hum lado, na estação da secca, a pedra solta sobreposta e quebrando-se alguma rocha viva em tres logares, se póde, por meios de signaes, formar pelo menos, pequenos canaes, por onde passem as pranchas carregadas, sem alliviar a menor porção de sua carga. No rio Paranapanema existe apenas a cabeceira das Laranjeiras, onde se precisa de alliviar a carga nos tempos seccos. Se tambem alli se fizer o mesmo que acabo de indicar para o seu tributario, póde contar-se com huma viagem segura até o porto do Barbosa, no Brilhante, desde que houver praticos experientes, e encarregados da viagem de reconhecido criterio.

A viagem pelo rio Samambaia que não póde ser feita a vapor, para prestar-se com segurança em todos os tempos ás canôas e pranchas, tem a necessidade do córte de alguns ramos que debruçando-se de cada margem sobre o rio, diminuem a largura do mesmo creando passageiros incommodos no tempo das aguas.

O rio Iputau, braço do Ivinheima, e este mesmo, prestão-se á navegação a vapor, porém, afim de que possa ella ser feita com successo, demanda desde já a creação de dous ou tres pequenos nucleos de população que tratem do combustivel, e preparem roças para qualquer maior eventualidade na barra, ou mesmo no rio — Dourados. — Confluente do Ivinheima, á margem direita, tambem he não só hum poderoso auxilio á navegação do Brilhante, como he mesmo indispensavel para ir auxiliando a sua propria exploração, visto estarem as suas cabeceiras no mesmo parallelo do rio Apa.

Passando-se a fazenda das Sete-voltas, onde ha já pequenos recursos de viveres e de meios de transportes, he necessario tambem cortar alguns ramos, que impedem a grande navegação; e crear-se hum porto, onde se possa contar com pranchas, trabalhadores, praticos, viveres, força de primeira linha, e hum pequeno estaleiro de construcção, para que haja sempre carros disponiveis para o transporte das cargas.

O porto do Barbosa, sendo em campo inteiramente descoberto, não offerece vantagem a tal fim; mas, ou póde fundar-se o estaleiro a beira rio, hum pouco abaixo, ou internal-o para as immediações de algum capão, onde houver madeiras accommodadas áquelle genero de construcção.

Se com a exploração dos Dourados e a fundação de seus estabelecimentos militares se puder, como entendo, fazer a varação menor e directa para o Apa, não se tem necessidade de despender com outra qualquer estrada para o Nioac: mas em quanto isto não se praticar, a estrada do varadouro do dito rio, actualmente seguida, he tal que até a fazenda de Santa Gertrudes, na extensão de proximamente seis

leguas, bastão gastar-se setecentos mil reis com cem braças de aterro e com huma ponte de vinte palmos sobre o rio do mesmo nome da fazenda, para ser ella perfeitamente de rodagem.

Correndo o resto da estrada até a serrinha do Maracajú, que não he senão a descida de hum *plateau* de hum vasta, prodigiosa e rara belleza, em terreno sensivelmente plano: para que a rodagem seja franca em todos os tempos, basta hum aterro de trinta braças, antes do rio Santo Antonio, huma ponte de vinte palmos sobre o mesmo rio, um aterro de cento e cincoenta braças ao chegar no rio Santo Antonio, huma ponte de trinta palmos sobre o dito rio, vinte braças de excavação ao depois do mesmo, e mais mil e quatrocentas de desenvolvo até o Nioac, com o que se poderá gastar, por empreitada ou administração oito contos trezentos e cincoenta mil reis: cumprindo-me, todavia, declarar que diminutissimos, quasi nenhuns são os melhoramentos que se têm feito em tal via de communicação.

Chegando-se ao Nioac, para poder-se transportar commodamente para Miranda, o unico meio facil he esperar-se pelo tempo das aguas, tendo-se o cuidado de mandar decepar todos os ramos, que na crescente das mesmas difficultão a navegação.

Para que haja meios de transporte regulares tambem he necessario hum estaleiro de construcção naval, ou para ali mandar se pranchas e canôas, que accudão efficazmente toda e qualquer necessidade do serviço: sendo tambem indispensavel concentrar no dito logar grande parte da nossa força militar, alguns artistas dos que existem na fronteira: porque ao passo que na paz póde ella preparar grandes roças, em ordem a não acontecer o que ali hoje acontece, que se passão grandes fomes; póde tambem desobstruir o rio, tratar da estrada do varadouro, prestando hum valiosissimo serviço no tempo de guerra!

No tempo das aguas a viagem por terra he difficultosissima; tanto quanto facil e commoda se torna ella pelo rio na mesma estação.

No tempo de secca se faz mister passar no rio Nioac por oitenta e tres corrodeiras e baixios para chegar-se á fazenda denominada Forquilha — a pouco mais de dezesete leguas do logar do destacamento. Entre ellas ha quinze, onde he preciso descarregar completamente, e dezesete onde se alivia a carga ou se arrasta a canoa carregada.

Vindo-se [illegible] ao grande [illegible], riquissimo do caça [illegible] leguas [illegible] bastante [illegible] pouco sujeito a inundações [illegible] importantes sobre [illegible] de gado vaccum: [illegible] Forquilha que se conta para cima de dez mil cabeças, não [illegible] quasi nenhum, não só ali, como em todos os pontos em Provincia de Mato-Grosso onde estive, em consequencia de huma peste denominada — de cadeira — que assola barbaramente aquella raça, independente do quanto acabo de mencionar não ha compensa para huma viagem pelo dito rio na mencionada estação.

Depois da Forquilha passa-se por huma corrodeira sem importancia [illegible] onde [illegible] de [illegible] que ha-elle sujeito, são por tal modo [illegible]

sos da caça e tão superiores as suas condições de navegabilidade em qualquer tempo, que a querer o Governo, mesmo na estação secca fazer conduzir por agua até a Villa de Miranda quaesquer cargas, muito lucraria em as fazer embarcar na citada fazenda da Forquilha.

O rio de Miranda que nos seos primeiros estirões apresenta entre quarenta e cinco a cincoenta braças de largo, sem contar os logares em que elle mais se espraia, que he as vezes superior a oitenta braças, apresenta hum diminutissimo numero de corredeiras e baixios, abordaveis em todas as estações, quasi sem custo. Independente disto possúe hum pequeno arraialzinho á sua margem direita, o Taquaral, onde se encontrão pequenos recursos de todos os generos do Paiz, possuindo tambem o mencionado rio grandes recursos de gado vaccum em quasi toda a sua extensão. Um de seos quadros mais compungentes he a condição em que hoje existe a antiga fazenda de criação chamada—Pocira—pertencente ao Estado! Outr'ora possuia para cima de vinte mil cabeças, e hoje, transportada para o lugar denominado Betione, conta apenas mil e quinhentas!

A Villa de Miranda, cuja occupação data da administração do Marquez da Praia-grande, e collocada sob huma latitude estimada de 20° 12' sul proximamente, não tem importancia alguma, civilmente considerada; e gosa de clima pouco saudavel. Não possúe lavoura de vulto; he faminta e tem hum commercio completamente monopolisado que necessita de medidas preventivas sobre tal abuzo.

Como ponto militar nada possúe; e estrategicamente considerada em relação á sua posição com a fronteira, não poderá ser nada mais que hum campo de instrucção para os nossos soldados.

Tendo na mencionada Villa terminado a commissão de que fui encarregado, resta-me pedir desculpa pela ligeireza e imperfeição do trabalho, attenta a exiguidade de meos poucos recursos.

Cuyabá, 15 de Agosto de 1858.

Assignado -*Epifanio Candido de Souza Pitanga*,
1.° Tenente de Engenheiros.

INDICE

PAGS.

CORONEL ANTONIO PAES DE BARROS, pelos Directores da Revista . . . . . .

O PRIMEIRO ANNIVERSARIO, pelo advogado Francisco Agostinho Ribeiro . . . . . .

CARTAS REGIAS, relativamente ao Governo da Capitania de Matto-Grosso. 225

VIAGENS E OBSERVAÇÕES. Tentativa de uma descripção physica do Brazil Central, pelo Dr. A. Pimentel 239

INDICE DAS PROVISÕES contidas no Livro Segundo 218

RELATORIO sobre o traçado de uma estrada que partindo da cidade de Castro, no Paraná, vá ter á Villa de Miranda, em Matto-Grosso, pelo Dr. Epifanio Candido de Souza Pitanga, 2.º Tenente de Engenheiros 251

Anno II

O ARCHIVO

Revista destinada á vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso

Publicação feita sob os auspicios do

Exm. Sr. Coronel Antonio Paes de Barros

VOLUME II

Cuyabá - Abril - 1906

O desastre de Jacuecanga

A noticia da horrivel catastrophe occorrida ás 10 horas e 45 minutos da noite de 21 de Janeiro ultimo, com a explosão do paiol da polvora e submersão do couraçado *Aquidaban* na bahia de Jacuecanga, encheo de funda tristeza a alma matto grossense, pela perda de muitos officiaes e de mais de duzentas pessôas, victimas desse grande desastre.

Associando-se ao grande dó e ao lucto de que se vestem a nossa Patria e o lar de muitas familias, *O Archivo* cumpre o doloroso dever de trasladar para ás suas columnas as seguintes noticias sobre o lugubre acontecimento :

«Horrivel catastrophe

Foi dolorosamente sorprehendido, que o Exm. Sr. Presidente do Estado recebeu o seguinte telegramma :

Rio, 24.—Em nome do Sr. Presidente da Republica e do meu proprio, cumpro o doloroso dever de communicar a V. Ex.ª que na noite de 21 do corrente, ás 10 horas e 45 minutos, submergiu-se na bahia Jacuecanga o couraçado "Aquidaban" em consequencia de incendio e explosão cujas causas são ignoradas, mas que se presume terem sido casuaes.

Pereceu a maior parte da guarnição do navio apesar dos immediatos soccorros.

Foram victimas desse grande desastre, que consterna profundamente a Nação, os seguintes officiaes: Almirantes Francisco Calheiros da Graça, Director da Carta Maritima, Rodrigo José da Rocha, Commandante da Divisão Naval e João Candido Brazil, Sub-Chefe do Corpo de Engenheiros Navaes ; Capitão de Mar e Guerra José Pedro Alves de Barros; Capitães-Tenentes João Augusto dos Santos Porto, Sub-Chefe da Casa Militar do Sr. Presidente da Republica, Mario Ribeiro da Silva, Lente substituto da Escola Naval, o commandante e immediato do couraçado, Capitão de Fragata Arthur de Serra Pinto e Capitão-Tenente Luiz Henrique de Noronha, além de outros officiaes.

Pereceu tambem Francisco Valente, representante do *Jornal do Brazil*.

Foram as seguintes as deliberações tomadas pelo Governo em face da catastrophe que enluctá a Nação Brazileira :

1.º Tomar lucto até a celebração das exequias, fazendo hastear a bandeira nacional em funeral em todas as repartições publicas e navios de guerra ;

2.º Fazer conduzir para esta capital todos os cadaveres que forem encontrados ainda em condições de soffrer o transporte ;

3.º Fazer funeraes por conta do Estado ;

4.º Revestir as exequias de toda solemnidade ;

5.º Dar pezames ás familias e instituições que soffrerem a catastrophe, á Armada e á Imprensa.

Toda a população e commercio desta capital associam-se a estas manifestações de pezar, encerrando as portas e hasteando os seus respectivos pavilhões em funeral.

O espirito publico, profundamente abalado, diante do immenso desastre, o maior que registram os factos da nossa marinha de guerra, commenta dolorosamente a grande desgraça.—*Seabra*.

—

O Ex.mo Sr. Presidente do Estado ordenou que todas as repartições publicas conservem a bandeira nacional em funeral até as solemnes exequias que se realizarão no Rio de Janeiro.

Por ordem do Governo Federal todas as repartições publicas da União arvoraram tambem á meia haste a bandeira nacional.

Espalhada a triste noticia nesta capital, a consternação tem sido geral, tendo resolvido os representantes consulares aqui acreditados acompanhar o lucto nacional, içando os seus respectivos pavilhões em funeral.

Avaliando a enorme desgraça, que cobriu a nossa Patria e o lar de muitas familias de pesado crepe, deixamos nestas linhas as expressões sinceras do nosso fundo pezar.»

(Da *Gazeta Official*.)

« ACTO n. 522.—O Coronel Presidente do Estado, interpretando o sentimento da população do Estad, oem face da catastrophe occorrida na noite de 21 do corrente mez, na bahia de Jacuecanga, com a submersão do couraçado Aquidaban e a perda de illustres officiaes da marinha de guerra nacional e da maior parte da guarnição daquelle couraçado, resolve mandar celebrar, por conta do Estado, exequias solemnes em suffragio das victimas dessa catastrophe e nomeia para promovel-as uma commissão composta dos Snrs. Dr. João de Moraes e Mattos, Major Manoel Lopes Carneiro da Fontoura, Tenente Coronel Celestino Alves Bastos, 1º Tenente Protogenes Francisco Guimarães, Padre Antonio Maria Malan, Dr. João Rodrigues do Lago, Francisco José de Castro Pereira, José Orlando e Antonio Augusto de Azambuja.

Communique-se.

Palacio da Presidencia de Matto-Grosso em Cuyabá, 27 de Janeiro de 1906.

Antonio Paes de Barros

—

«Em virtude desse acto do Governo, a commissão nomeada pelo Exm. Snr. Presidente do Estado, reunida hontem na residencia do Snr. Dr. João de Moraes e Mattos, Juiz Seccional, resolveu tomar as seguintes deliberações :

1.º—Que os funeraes sejam revestidos da maior solemnidade e que se realizem na Cathedral no dia 31 do corrente ;

2.º—Que fosse convidado o Exm. Bispo d'esta Diocese, D. Carlos Luiz d'Amour, para pontificar na cerimonia religiosa ;

3.º—Que o catafalco fosse guarnecido por força armada de marinha ;

4.º—Que um parque de artilharia désse as salvas correspondentes á mais alta patente das victimas do desastre.

5.º—Que uma guarda de honra, postada em frente á Cathedral, preste as continencias funebres do estylo.

6.º—Que logo, em seguida aos funeraes, sejam enviados pela commissão telegrammas de pezames ao Presidente da Republica, aos Ministros da Marinha e da Guerra e á directoria do Club Naval, aos quaes se pedirá que os transmitta ás familias das victimas da horrivel catastrophe.»

HORRIVEL CATASTROPHE

O Aquidaban

SOLEMNES EXEQUIAS

«Realizaram-se hontem as solemnes exequias em memoria dos dignos militares que pereceram na horrivel catastrophe de 21 do corrente mez.

As exequias que foram feitas a expensas do Governo do Estado, revestiram-se da maior solemnidade.

Como verão os leitores, todas as classes sociaes associaram-se ao lucto da Patria pela morte de seus leaes servidores.

O «Rebate», admirador dos grandes feitos da Armada Nacional e humilde representante da imprensa d'este Estado, derrama sentidas lagrimas sobre os restos mortaes daquelles que, no cumprimento do dever, tombaram honrando o pavilhão Brasileiro.

Na Cathedral

ORNAMENTAÇÃO

A Cathedral estava toda coberta de sanefas, florões e cachos pretos e brancos salpicados de lagrimas de ouro e prata; os altares mór e lateraes estavam empavesados em lucto; os pulpitos cobriam-se de crepe.

No centro, erguia-se um catafalco de 5 metros de altura cercado de trophéos; em frente ao altar mór, duas espadas em funeral e a bandeira Nacional coberta de crepe; aos lados, direito e esquerdo, sarilhos de armas e pilhas de granadas; do lado da porta, uma ancora em que se prendião dous sabres de abordagem, ladeados por dous clarins e encimada pelo pavilhão nacional guarnecido de crepe. Mas abaixo uma metralhadora e dous pequenos canhões.

Nos quatro cantos do catafalco quatro anjos (representados por quatro alumnos do Lyceu S. Gonçalo: Manoel A. de Oliveira, Athayde de Lima Bastos, Joaquim d'Albuquerque e Frederico A. Rondon) debruçavam-se em attitude triste sobre armas e canhões.

Em derredor da eça achavam-se os Aprendizes Marinheiros com armas em funeral.

Chegada das forças

A's 7 1/2 horas da manhã formou ao lado direito da Praça da Matriz a guarda de honra do 8º Batalhão de Infantaria, commandada pelo Capitão João Heliodoro de Miranda; pouco depois chegou a guarda de honra do Batalhão de Policia, commandada pelo Capitão Manoel Pedro da Cunha Pontes, que formou na frente do antigo quartel do 8º Batalhão, atraz da bateria, que desde a vespera tinha sido trazida do Arsenal de Guerra.

Chegada das Autoridades

A's 8 e 10 minutos chegaram á Cathedral o Snr. Coronel Antonio Paes de Barros, Presidente do Estado, D. Carlos Luiz d'Amour, Bispo Diocesano, Dr. João de Moraes e Mattos, Juiz Seccional, Presidente da Relação, Dezembargadores, Commandantes da Guarnição, do Arsenal de Guerra, e da Escola dos Aprendizes Marinheiros, Delegado Fiscal, Juiz de Direito d'esta Capital e de Miranda, Procurador geral do Estado, Consul e funccionarios federaes e estaduaes, além de muitas pessoas, cujos nomes constam da lista que abaixo publicamos.

O Pontifical

A's 8 1/2 da manhã, depois de devidamente revestido dos paramentos, S. Exa. Rvma. Sr. Bispo Diocesano deu começo ao pontifical, acolytado pelos Rvmos. frades franciscanos e Rvmos. padres salesianos, tocando no côro a banda de musica do Lyceo S. Gonçalo sob a regencia do maestro Angelo. Os canticos estiveram a cargo de professores e alumnos do mesmo Lyceo, regidos pelo Rvmo. Padre José Solari.

Terminada a missa, começou o Liberame, indo S. Exa. Rvma. revestido da capa de asperges processionalmente até o catafalco; seguraram os cirios durante a cerimonia o Sr. Coronel Presidente do Estado e o Sr. 1.º tenente Protogenes Guimarães, commandante da Escola de Aprendizes Marinheiros.

Ao terminar as exequias o parque de artilharia salvou com 19 tiros.

Assistiram ao pontifical as alumnas do asylo de Santa Rita, os alumnos do Lyceu Salesiano com seu estandarte e os membros da Companhia de S. Luiz Gonzaga, tambem com o estandarte.

A Commissão

A todos os actos esteve presente a commissão nomeada pelo Sr. Coronel Presidente do Estado e que era composta dos seguintes Srs: dr. João de Moraes e Mattos, presidente, major Manoel Lopes Carneiro da Fontoura, tenente coronel Celestino Alves Bastos, 1.º tenente Protogenes Francisco Guimarães, padre Antonio Maria Malan,

dr. João Rodrigues do Lago, José Orlando e Antonio Augusto de Azambuja.

O Sr. Francisco José de Castro Pereira, que fôra nomeado, pediu excusa dessa incumbencia.

Telegrammas

Logo após as exequias foram enviados telegrammas de pezames ao Sr. Presidente da Republica, aos srs. Ministro da Marinha e da Guerra e á Directoria do Club Naval, que os transmittirá ás familias das victimas da horrivel catastrophe.

Lista de presença

Na porta da Cathedral achava-se uma lista na qual assignaram os seguintes Srs.:

Antonio Paes de Barros, d. Carlos Luiz d'Amour, dr. João Francisco de Novaes Paes Barreto, Joaquim Claudionor de Siqueira, Raul M. Tavares Lobo, Pedro de C. Caldas, Manoel R. dos Santos Tocantins, tenente André A. de Oliveira Bastos, João Celestino C. Cardozo, alferes José M. da Silva Rondon, Antonio Cezario de Figueiredo, Alberto d' A. Gama, Francisco G. Corrêa da Costa, tenente Antonio de A. Sabo de Oliveira, José de Freitas Cabral, dr. Arthur M. dos Santos, Manoel Simião dos S. Reis, Anselmo L. de Oliveira, Carlos L. de Mattos, Nicanor G. Dörileo, Ulysses Mamoré, Feliciano S. do Couto, Manoel F. da Costa, João V. de Albuquerque, Manoel R. Palma, Tacito M. Vernes, Henri Levy, Henrique Hesslein, Carlos Birset, Jorge Bodstein, alferes M. Doria, Genesio Machado, Henrique J. Vieira Filho, João Capistrano de Oliveira, José M. de Souza, padre José Galbusera, padre Clemente Doronowhi, Marquez Adeighy, Antonio V. Muniz, Octavio Pitaluga, Samuel Hardmann, Octaviano G. França, João B. da C. Garcia, Antonio P. Marques de Figueiredo, Salvador Celso de Albuquerque, Virgilio A. Corrêa, dr. Cezario A. Corrêa, dr. Estevão A. Corrêa, João B. Oliveira Sobrinho, Francisco Agostinho Ribeiro, José V. do Brito, Evaristo A. Josetti dr. Manoel J. dos Santos, dr. Augusto Novis, Luiz A. da Silva Carvalho, Directoria do Club Internacional, Anto F. T. de Loureiro, Nicola Verlangieri, Carlos Addor, Dario B. D. de Moura, Carlos Lacourt, Antonio J. de F. Albernaz, Luiz Pedroso P. de Barros, Henrique Rabello, Carlos Sallaberry por si e pela redacção do «O Rebate», Almeida Filho e familia, Antonio G. Ley, Joaquim H. dos Santos Vianna, José R. Palma, Jacques Mackwalder, Guilherme Goerne, Roberto Rendall, João Cunha, José N. de Mello, José Sardi, Joaquim F. de Mattos, Vicente Orlando, Gabriel de S. Neves, Julio Muller, Alphonse Roche, Roberto L. de Figueiredo, Joaquim A. de Siqueira, Fernando L. de Figueiredo, Jorge L. Pereira, Joaquim José Corrêa, Allyrio H. de Mattos, Arsenio de M. e Souza, João A. de C. Caldas, José F. da S. Campos, José M. Alves, Abdala Seba, Joaquim Ferro, José P. de Carvalho, Francisco I. da Silva, Salustiano A. Correa, Henrique M. de Araujo, Innocencia Brito de Castro Pereira, Francisco J. de Castro Pe-

reira, Manoel B. Carneiro, João Marques Ferreira, Antonio A. Ribeiro, general Severiano de C. Daltro, José J. G. de Pina, Manoel N. de Faria, alferes Felix P. de Arruda, alferes Candido Cardozo, Vicente J. de Mattos, João Luiz Pereira, Possydonio P. Cuyabano, José R. da Costa, José A. da Silva, Alfredo Hardman, Manoel E. Virginio, Fernando I. da Costa, Manoel R. de Faria, Pedro L. da C. Mattos, Fernando J. de Oliveira, Vicente Bueno, João C. de Araujo, José P. de F. Falcão, Jose M. Fernandes, Antonio F. Loots, Matheus Viegas, Francisco S. Peixoto, Boaventura da C. e Silva, Pedro de A. Pulcherio, Joaquim J. F. da Silva, João L. da Costa, Frederico P. de Figuiredo, Laurent Salier, Joaquim Bueno Deschamps, Adolpho Catamzrito, João L. de B. Valladares, Antonio F. Girio, Pedro de O. Guimarães, José Petrocelli, Manoel B. da S. Xavier, João V. Rodrigues, Theodoro Valentini, tenente coronel Luiz N. de B. Cavalcante, commandante do Batalhão de Policia e sua Officialidade, Vicente de Luca, José Constantino, Vicente Gaeta, José M. Galvão, dr. Julio M. da S. Freire Junior, Antonio Pontes, Saturnino de A. Lobo, André C. da Silva, Arthur P. Moreira, Francisco Antunes Muniz, Antonio F. de Souza, por si e pela Camara Municipal, dr. Bartholo Dantas, dr. Terencio Velloso, dr. Benedicto de Souza, Sebastião P. de Barros, João de A. Nunes, muitas outras pessoas, cujos nomes nos escaparam, e grande numero de exmas. senhoras e senhoritas.

A Imprensa

A Imprensa local: *A Gazeta Official, O Estado, O Archivo, A Colligação, A Revista Matto-Grosso,* fizeram se representar.

O *O Rebate* se fez representar pelo Redactor Dr. Carlos Sallaberry.»

(Do *O Rebate.*)

—

A referida Commissão, após as exequias, dirigiu os seguintes telegrammas:

«Exm. Snr. Presidente da Republica—Ao terminar as solemnes exequias que o Governo deste Estado mandou celebrar, hoje, nesta cidade, na igreja cathedral, em suffragio das victimas da catastrophe do couraçado "Aquidaban", a commissão incumbida de promovel-as cumpre respeitosamente o dever de apresentar a V. Exc. sentidos pesames por aquelle doloroso golpe que a Republica vem de soffrer, e communicar a V. Exc. que a população desta capital tem demonstrado acompanhar, nesta emergencia, o luto nacional.»

«Exm. Snr. Ministro da Marinha—Temos a honra de communicar a V. Exc. que as solemnes exequias mandadas celebrar pelo Governo deste Estado, hoje, em suffragio das victimas da catastrophe do "Aquidaban" foram pontificadas pelo Exm. Snr. Bispo Diocesano, tendo a população demonstrado acompanhar, nesta emergencia, o lucto nacional. A commissão apresenta a V. Exc. os seus sentidos pesames.»

« A' Directoria do Club Naval—Celebraram-se hoje, nesta capital, solemnes exequias em suffragio das victimas do couraçado "Aquidaban", tendo a população demonstrado vivamente acompanhar o lucto que cobre a gloriosa marinha nacional, a quem apresentamos sentidos pesames que rogamos a essa directoria digne-se transmittir ás inconsolaveis familias das victimas. »

—

A mesma commissão recebeu os seguintes telegrammas:

Rio, 2—Em nome da armada e no meu proprio, agradeço profundamente a parte tomada pelo governo do Estado nas manifestações de pezar pela catastrophe do "Aquidaban."—*Julio de Noronha*, Ministro da Marinha.

Rio 2—Agradeço penhorado exequias, demonstração pezar governo, clero, povo, auctoridades cuyabanas.—Ministro da Marinha.»

Acontecimentos da "Rusga"

MANIFESTO

(Manuscripto offerecido pelo exm. sr. capitão Henrique José Vieira Filho)

A revolução operada em Cuyabá em a noite de 30 de Maio de 1834, teve primeiramente origem por hum ensaio feito no anno de 1824, posto em prova em 7 de Dezembro de 1831, e executado cabalmente em aquella malfadadà noite de 30 de Maio. E como para orientar o Publico, a quem nos dirigimos, seja mister instruil-o dos principaes factos, que contribuirão para ella, vamos apresentar o medonho quadro daquelles acontecimentos horrorosos, que abysmarão aquella bella Provincia nos horrores da anarquia, e sepultarão para sempre os seus autores na ignominia a mais despresivel.

3 a 4 mezes antes da revolução, havia a Camara Municipal da Villa do Alto Paraguay Diamantino, negado obediencia ao Vice-Presidente da Provincia, André Guadie Ley, sobre negocios da Administração: este Vice-Presidente cedeo logo do seu posto, que passou a ser exercido por Antonio Corrêa da Costa, que recolhendo-se da sua Fazenda, mandou logo áquella Villa o Conselheiro do Governo João Paupino Caldas, por ser apresentado no lugar com muitos dos insurgidos, a vêr se conseguia por meios brandos chamar outra vez á obediencia legal aquella Villa revoltosa. Partio com effeito aquelle Conselheiro com a embaixada, e chegando áquella Villa, não fez mais que divertir-se; propalando a triste nova de que na cidade aconteceria o mesmo, que já tinha acontecido no Pará; para o que só faltavão as Ordens, que devião hir ao Rio de Janeiro. Recolheo-se finalmente o mesmo Conselheiro, deixando naquella Villa semeada a discordia; e os seus habitantes tão agitados, que d'ahi resultou logo a evasão de alguns adoptivos para o centro dos mattos, e outros, como fossem os negociantes José Ramos e Costa, Domingos José Pereira, e os seus Caixeiros, abandonando os seus negocios e lavouras, virem apoiar-se na cidade. Em fins do mez de Abril chegou o Correio, que levou o Decreto da Regencia, nomeando para Procurador Fiscal da Thesouraria a José Joaquim Vaz Guimarães: O Presidente devendo logo dar-lhe posse, como lhe cumpria, convocou primeiramente o Conselho do Governo no dia 2 do seguinte mez de Maio, para levar ao seu conhecimento aquelle decreto. Neste conselho tratarão de obstar a sua execução João Paupino Caldas e José de Mello Vasconcellos, pretextando, que aquelle Guimarães tinha pedido demissão dos cargos que servira em 7 de Dezembro de 1831, para socego da Provincia (tempo em que justamente se pôz em prova aquella revolução, para ser empolgado no Commando das armas o mesmo João Paupino) sendo combatidos victoriosamente por outros conselheiros, de maneira que ficando empatada a votação, o Presidente decidio a favor do provido. Com isto se exasperou João Paupino, e assoalha que o Povo devia representar contra esta deci-

são, porque a Regencia tinha sido enganada pelas falsas informações do Vice-Presidente Guadie; e que a Sociedade dos Zelosos da Independencia do Brazil, devia tambem tomar parte nesta representação : e conseguindo no dia 4 de Maio por meio dos seus satellites a reunião de mais de 200 pessoas no largo da Igreja Matriz, onde tambem elle esteve presente, foi levada a representação ao Vice-Presidente pelo intermedio do Juiz de Paz, José de Mello Vasconcellos. Aquelle convoca logo o Conselho, e o primeiro que se apresenta he João Paupino Caldas, certificando o que já havia premeditado: algumas pessoas de senso insistirão com o Presidente, que não annuisse áquella representação, porque o Empregado não tinha ainda dado provas de mão no exercicio do emprego: mas, ou fosse por timidez, ou por conveniencia, annuio promptamente, e passou a nomear outro interinamente, emquanto dava parte ao Governo Central. Disto ha Documentos na Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, que comprovão exhuberantemente a veracidade do que levamos dito. Houve logo nesse dia á noite hum ajuntamento na ponte do Mundéo, dando-se vivas ao art. 112 do Codigo Criminal, que pela vez primeira tinha sahido á luz, e foi este ajuntamento removido para o largo da Cruz das Almas, fronteiro á casa de João Paupino Caldas com tocatas, e cantarolas, sendo obsequiosamente tratado por elle com comidas, e bebidas, o que causou algum movimento na cidade, e houve receio de algum rompimento; rompimento que deo lugar á soltura de hum Guarda Nacional, preso pela ronda Municipal á ordem do Juiz de Paz do 2.° Districto, Felix de Miranda Rodrigues, e partir immediatamente para o lugar daquella reunião acompanhado do capitão da Guarda Municipal, Antonio Pedro de Figueiredo, e outros: ali encontrando muita gente armada com espadas, facas, e pistolas, por meio de brandura conseguio accommodal-a, e fasêl-a dispersar: tudo isto na frente da casa de João Paupino Caldas.

Como por aquelle facto da prisão do Guarda Nacional, se originasse certa rivalidade com os Municipaes, e hum boato se haviá espalhado, de que sobre o apoio desta Guarda pretendião os adoptivos conseguir os seus fins, o presidente Antonio Corrêa tractou de fazer huma Conciliação, e ordenou huma reunião de ambos os corpos no largo do Palacio: ali foi lida huma Proclamação pelo commandante dos Nacionaes, com assistencia do mesmo Presidente, e depois de se destroçarem, João Paupino os convidou para hum refresco em sua casa na rua de baixo, onde ajuntarão-se para mais de 100 pessoas, e assim passarão aquella noite em continuos divertimentos.

Neste interim o Presidente Corrêa convoca o conselho, para dar parte de doente, e ter de recolher-se á sua Fazenda para medicar-se; lavrou-se a acta de que fazia entrega da Administração da Provincia na maior tranquilidade, e tomou conta della o Vice-Presidente João Paupino Caldas, e foi sob a sua administração, com o pequeno intervallo de oito dias, que appareceo a horrivel sedição, e massacres em 30 desse mesmo mez de Maio, ás 10 horas da noite mais ou menos.

Duas columnas compostas de pouco mais de 20 homens cada huma, commandadas pelo Tenente Sebastião Rodrigues da Costa, e o Ajudante Euzebio Luiz de Britto se dirigirão ao Quartel dos Muni-

cipaes Permanentes, onde existião 50 praças, as quaes naquella noite estavão sob a vigilancia do seu Furriel João Leme do Prado, porque o Capitão estava em sua caza, e o Sargento dormindo no mesmo Quartel: ali forão recebidas sem a menor resistencia, e por aquelle Furriel foi entregue a chave do armamento, e cartuxame, sendo neste acto aprehendido o Sargento para não hir dár parte ao Capitão. Distribuirão-se armamentos, e cartuxames por aquelles que faltavão, postarão-se 3 peças na frente do Quartel, e forão destacadas patrulhas pelas casas dos adoptivos, que forão atacadas inexperadamente. Rompeo o rebate de Caixas, e Cornetas com signal de fogo, ao mesmo tempo acompanhado de tiros de mosquetaria, e gritos de morrão os bicudos. Accodem logo ao Quartel o Tenente Coronel, e Major da Guarda Nacional, gritando que se acomodassem, e se reunissem ao largo da sua parada, não forão obedecidos: perguntou o mesmo Tenente Coronel, de onde tinhão sahido aquellas cornetas, e por ordem de quem se tocavão áquellas horas, respondeo o Corneta-mór, Pamplona, que estavão em seu poder, para ensinar recrutas, e que o Tenente Sebastião Podrigues da Costa lhe déra ordem para isso: ao mesmo tempo accode o Capitão da Guarda Municipal, pretende que os seus soldados lhe obedecão, mas nada poude conseguir. O commandante da Guarda Nacional procura o Vice-Presidente em sua casa, não o achou porque tinha-se dirigido a residencia do Exm. Bispo a pedir-lhe, para que por seu respeito fosse accomodar aquelles homens, e sem embargo do perigo que podia correr, sahia sua Ex.ª R.ma, foi ao Quartel acompanhado de muitos officiaes, e de pessoas que se lhe unirão; poude apenas contel-os, dando Vivas á Constituição, á Lei, e ao Senr. D. Pedro 2º, e dirigindo-se pelas ruas os fez retrogradar para o mesmo Quartel, sem que podesse mais evitar os estragos já feitos nas lojas dos adoptivos, onde os malvados se encaminharão primeiramente, logo que soou o rebate. S. Ex.ª R.ma recolheo-se á sua casa, e o Vice-Presidente para Palacio, e mandou chamar, além dos Conselheiros do Governo, o Doutor Juiz de Direito, o Juiz Municipal, os Juizes de Paz do 1º, e 2º Districtos, e o Promotor Publico, todos debaixo de escoltas, sendo já meia noite; e reunidos que fossem, o Vice-Presidente lhes expoz o seguinte:—mandei chamar os Senres para consultar sobre este acontecimento; o Povo, e Tropa reunidos no Quartel, desconfiados de que ha hum partido, que se tem declarado em favor da restauração de D. Pedro 1º, pedem a deposição de todos os adoptivos dos Empregos Civis, e Militares, e que sejão removidos para fóra da Provincia quanto antes, conservando-se unicamente os de 60 annos.—As pessôas que estavão presentes ficarão perplexas por alguns minutos, sem atinar com o que havião responder-lhe, até que o Conselheiro Antonio Pedro de Figueiredo disse que, visto acharem-se em semelhante estado, e não apparecer força para huma reação, porque os seus soldados Municipaes forão trahidos para negar-lhe obediencia, achava prudente, que se lhes concedesse o prazo de 30 dias, para elles arranjarem os seus negocios, e que para evitar maior mal fossem removidos para hum ponto fóra da cidade, d'onde podessem tratar com mais desafogo dos seus interesses: todos concordáram, e o Vice-Presidente mandou que os dous Juizes de Paz se encarregassem desta missão,

para hir ao Quartel. Partirão, e expozerão a medida que não foi acceita; e em altas vozes se ouvio hum rumôr de gritos—que só 24 horas concedião : voltarão os Juizes a dár esta parte, quando já o Vice-Presidente tinha dissolvido o Conselho, reservando a sua convocação para o dia seguinte, afim de vêr se os revoltozos mudavão de sentimentos ; visto que polo estado de embriaguez em que se achavão nada se podia conseguir.

Nessa noite evadirão-se muitos adoptivos pelo modo que lhes foi possivel; sendo mortos unicamente o Major Joaquim Duarte Pinheiro, Bartholomeo Pamos, e hum caixeiro de Domingos José Pereira: arrombadas, e saqueadas as Lojas do Tenente Coronel José Joaquim Ramos, de Francisco Manoel Vieira, de Bernardo José Vieira, de Josê Coêlho Lopes, de Manoel José Moreira, de Antonio José de Lima, de João Cardozo de Carvalho, e de Domingos José Pereira, e não chegarão a fazer o mesmo na de José Teixeira de Carvalho, que estava ausente, porque logo foi prevenido pelo Vice-Presidente.

Raiou o dia 31 de Maio, todos estavão a espera das providencias, que apparecessem, por que ninguem se julgava seguro, receando algum insulto dos perversos, que vagavão pelas ruas embriagados, e armados, sem saber quem os governava. Entre as providencias que o Vice-Presidente começou a dár na manhãa desse dia, foi nomear ao Sargento mór Caetano Xavier da Silva Pereira para Major da Praça; o Tenente Sebastião Rodrigues da Costa para commandante da mesma Guarnição revoltosa; e para seus Ajudantes o Ajudante Euzebio Luiz de Britto, e o Alferes Manoel José de Araujo, ficando excluido o Capitão da Guarda Municipal, que foi substituido por Joaquim Alves Ferreira, de quem o mesmo Vice-Presidente não era affeiçoado, e tão bem parte dos Nacionaes, de sorte que este official só commandou os Municipaes por 12 horas, [illegible] as quaes, foi lançado fóra, escapando felizmente com a vida. Por este successo houve huma contestação com o Vice-Presidente na frente do Quartel, suscitado por hum cadete Antonio Rodrigues Paes, que lhe dirigio as palavras seguintes : V. Ex.ª para que nos quer outra vêz atraiçoar, como em 7 de Dezembro de 1831. O Vice-Presidente respondeu-lhe, que pela sua commenda não faria tal, e promettia que nenhum mal havia de acontecer: ao que respondeu-lhe o cadete : e quando V. Ex.ª obre o contrario, com huma bala lhe arrancarei a commenda. Alguns Officiaes, e Praças do corpo de Ligeiros se censervavão sem destino no seu Quartel, e apenas rondavão a circumferencia do mesmo, que fica pouco distante da cidade.

No dia 1.º de Junho apareceo huma Proclamação do Vice-Presidente, annunciando a tranquilidade Publica, e que os Brazileiros natos, que tivessem adoptivos escondidos em suas casas, os mandasse embora. A poucos passos apareceu o Juiz de Paz José de Mello e Vasconcellos com huma escolta de 16 homens, commandada pelo Tenente Sebastião Rodrigues, dando busca nas casas, que causavão desconfiança, em cuja commissão, e na sua presença, foi morto o Brazileiro nato Manoel Pinheiro de Almeida, Tenente de Ligeiros, que fugindo por dentro de hum quintal, foi mostrado á escolta por Manael Corrêa do Couto, que o tinha visto da sua janel-

la. Com esta horrivel scena todos franquearão as suas casas, e até o Exm. Bispo mandou pedir, que tão bem revistassem a sua, que não era previlegiada, com receios talvez de algum insulto, porque José de Mello tinha dito no Quartel, que elle Bispo tinha occultado o cirurgião Antonio Teixeira de Abreu, o que foi logo repellido pelo Major da Praça.

Neste dia, e com a morte de Manoel Pinheiro, a Camara Municipal, a instancias do Vereador João Fleury de Camargo, se vio obrigada a fazer hum sacrificio, bem que contra a sua dignidade, porêm filho das circumstancias, que foi, proclamar, persuadindo aos revoltosos, que os adoptivos já havião evacuado o paiz, e que Brazileiro não derramava sangue Brazileiro. No seguinte dia destinarão huma escolta para o Rio Abaixo, composta de mais de 30 homens em seguimento dos adoptivos, Antonio Bernardo d'Oliveira, Vicente Coelho, Verissimo Xavier, e outros, que se supunha estar em o sitio de hum adoptivo por nome Teixeira, e foi pelo Vice-Presidente nomeado commandante da mesma Antonio Rodrigues Itonamas, a quem dêo do seu dinheiro 60$000 réis para as despezas, e huma Portaria assignada pelo seu proprio punho, datada á meia noite desse dia em sua casa, em a qual mandava os Juizes de Paz em geral prestarem todo o auxilio, e soccorro ao dito commandante, para fazer dispersar aquelles homens; esta Portaria foi apresentada ao Juiz de Paz daquelle Districto, Joaquim José de Magalhães, e a outro da terra vermelha Cipriano Ribeiro, os quaes comprovárão a veracidade destes factos, e a seu tempo deporão sobre elles.

He constante que aquelle Itonamas acceitou a commissão com repugnancia, e não fez a deligencia como se esperava, com tudo não poude conter os perversos, a ponto de evitar a morte de 2 ou 3 miseraveis, que moravão por aquelles lugares, conseguindo a muito custo, que os moradores não fossem roubados. Dois dias depois daquella expedição foi assassinado barbaramente o capitão de 1ª linha João Cardozo de Carvalho em sua propria casa pelo cadete Antonio Rodrigues e por 3 Municipaes, sendo denunciado ao Quartel por hum camarada seu; e morto igualmente fóra da cidade o Negociante Domingos José Pereira, por ser mostrado por hum seu escravo o lugar onde se achava occulto.

Huma outra escolta foi mandada com direcção ao Engenho de Manoel Pereira Coêlho, solicitada por José de Mello, e authorisada tambem pelo mesmo Vice-Presidente, a pretexto de que ali se achavão adoptivos alliciando escravos para huma reacção; e he nomeado para commandante da mesma hum Sargento de Ligeiros por nome Victoriano Gomes, o qual estava prezo a ordem do commandante das Armas, por cumplicidade de roubo em animaes da Fazenda Publica, e foi solto para este fim por ordem do Vice-Presidente. Chega a escolta ao lugar destinado, e apenas encontrou o sogro daquelle Pereira, homem de mais de 60 annos, que para salvar se vio em a necessidade de dar aos faccinoras 30 bois, e 120$000 rs, em dinheiro ! ! dali seguirão a outros lugares, sendo guiados por outros malvados, invadindo Districtos onde havião Authoridades Policiaes, commenttendo as maiores hostilidades, que póde produzir a perversidade de almas damnadas, sendo assassinados nesta diligencia Antonio José Soares no Districto do Rio acima, e

o Sargento Mór Serra no da Chapada; o primeiro de idade de 70 annos, e o segundo de mais de 60, além de numerosa familia, estando occulto no Engenho do ex-Presidente Antonio Corrêa. A este tempo, emquanto pelos Districtos da cidade de Cuyabá se cumprião á risca as ordens do Vice-Presidente, as Authoridades de Matto-Grosso se decidirão a fazer-lhe a mais forte opposição, afim de que o mal não contaminasse aquella habitação, como de facto assim aconteceo, e muitos adoptivos ali se forão apoiar.

O ex-Commandante das Armas, Joaquim José de Almeida, que dias antes da revolução projectára fazer huma viagem intempestiva para aquella cidade, ainda estava em Villa Maria, extrema de huma e outra cidade, quando teve noticia da desordem; foi instado por alguns officiaes, que o acompanhavão, para que voltasse ao Cuiabá; não quiz, e proseguindo na sua marcha, chega a Matto-Grosso, e achando as Authoridades daquella cidade de accordo a não cumprir as ordens do Vice-Presidente, unio-se a ellas, e sem embargo de que o Vice-Presidente ordenasse o seu regresso, não annuio a elle, e logo proclamou contra os revoltosos do Cuiabá, dispoz de certa força armada que ali existia, e mandou hum Tenente a Villa Maria buscar 30 arrobas de polvora no deposito geral.

O official daquelle ponto repugnou entregar a polvora sem que fosse por ordem do Inspector da Fazenda e da parte ao Vice-Presidente, remettendo igualmente a Portaria, em que se pedia a dita polvora, e a original Proclamação. O Vice-Presidente convoca logo o Conselho, e he o primeiro que indica a suspensão daquelle ex-Commandante das Armas, por haver desobedecido as suas ordens, além de ter desamparado o seu posto, ingerindo-se de mais a mais em negocios de administração, que não erão de sua competencia. He de notar que o Commandante das Armas, estando ainda em distancia que bem podia voltar para coadjuvar o restabelecimento da Ordem, não o quiz fazer, para hir por-se em hum ponto onde não se fasia preciso a sua assistencia. O Conselho resolvendo a sua suspensão, que lhe foi intimada, encarregou inteiramente o Commando das Armas ao Tenente Coronel dos Nacionaes. Aquelle ex-commandante se vio na necessidade de participar ao Governo Central, por intermedio do Ministro da Guerra, em Officio de 6 de Agosto, que nenhuma duvida tinha em dizer que o Vice-Presidente era o chefe principal da desordem; em tempo opportuno se dará publicidade a este officio.

Differentes assaltos continuarão a dár os revoltosos tanto dentro, como fóra da cidade, e os seus miseros habitantes em continuos dissabores, já não sabião para onde se revoltassem, porque cada dia se espalhavão boatos de novas rusgas, até mesmo contra Brazileiros natos. O Presidente da Camara, e José Alves Ribeiro instavão incessantemente com o Vice-Presidente, para que tomasse medidas energicas, que fizessem desapparecer aquelle terror; e este a tudo respondia—que devia durar ainda por mais alguns dias, a ver se os Goianos, a quem appelidára de *pitos*, se resolvião a mudar-se de todo para a sua Provincia.

Recolheu-se emfim a escolta da Chapada, cobrindo de horror as ruas por onde passava; e após della o clamor dos estragos. O Promotor Publico dirige-se ao Vice-Presidente, e declara-lhe, que tendo

denuncias em seu poder para apresentar, sobre mortes e roubos, receava fazel-as effectivas, sem que houvesse hum ponto de apoio para que não soffresse algum insulto; indicando-lhe o meio de o conseguir, a sua resposta foi—que o avizaria quando havia de apresental-as.—Sem embargo da sua resposta, officiou-lhe em 6 de Agosto que activasse aos Juizes de Paz, e não obteve resposta alguma: passados alguns dias dirigio-se a Palacio, procurou saber do resultado, respondeo-lhe o Vice-Presidente que já tinha dado as ordens, mas que o Juiz de Paz José de Mello estava empalhando, e parecia que elle era connivente com os revoltosos: mas que tornava a expedir novas ordens: isto perante os officiaes da secretaria Manoel do Espirito Santo, Luiz da Silva Prado, e Francisco Vieira do Barros.

Trez mezes durou esta horrorosa luta, até que os habitantes da cidade, e os moradores de fóra, tocando ao zenith da desesperação, se decidirão a sustentar a Ordem á custa das proprias vidas; e foi quando o Ajudante Euzebio Luiz do Britto, deixou o exercicio que tinha no Quartel, por suspeitas de novas tentativas. O Major da Praça observando a marcha que tomavão os negocios, depois de um mez de emprego, pedio escusa para tratar de seus negocios; e o Tenente Sebastião Rodrigues da Costa sahio munido com uma Portaria de agradecimento, e mimoseado pelos seus bons serviços com huma Letra de 6 mil crusados, segundo dizem.

A Villa do Alto Paraguay Diamantino, que só esperava pelo signal de Cuyabá, seguio a sua mesma sorte. No dia 30 de Agosto chegou daquella Villa inopinadamente Henrique José Vieira, e deo por noticia, que a anarquia tinha levantado ali o seu collo, e que algumas mortes, e roubos tinhão sido a sua consequencia. O Vice-Presidente dirigio-se logo a casa do cidadão José Alves Ribeiro; e ahi reunidos com mais outros, ás 8 horas da noite, concertarão sobre o modo de arredar do Quartel a gente que ainda era suspeita, afim de que não tornasse a penetrar na cidade o mal que estava affligindo aquella Villa; e assentarão todos de commum accordo, que fosse avisada no dia seguinte toda aquella gente, que estava no Quartel, para marchar áquella Villa, a pretexto de hir accommodar a desordem, ficando ella substituida pela reserva, e pela gente de fóra, que vinha chegando; tudo isto de modo que não causasse desconfiança, e depois de conseguido começar logo a prisão dos delinquentes. Eis a maneira porque se conseguio apartar aquella gente sem a menor resistencia.

Novo trama

O Poder Judiciario invadido pelo Vice-Presidente João Paupino Caldas, e coadjuvado ao depois pelo seu digno successor, o Senr. Antonio Pedro de Alencastro depois da sua chegada a Cuyabá.

Em 31 de Agosto do anno passado seguio-se a medida tomada na noite do dia antecedente, acerca da remoção da gente suspeita que se achava no quartel, e da prisão dos delinquentes, o que se verificou com feliz successo. O Vice-Presidente, receioso da indisposição, em que estava aquella nova guarnição, contra os sediciosos, e que tambem podia voltar-se, (e com razão) contra elle, por ser o agente, e chefe principal da sedição, e até porque a ninguem erão des-

conhecidas as suas doutrinas pelas casas e cantos das ruas, indicando os adoptivos, que devião ser mortos, e aquelles que devião sahir pela mesma maneira porque entrarão, mudou logo a sua residencia para dentro do Quartel, afim de melhor persuadir que elle mais que ninguem era interessado no restabelecimento da Ordem, assim como na punição dos criminosos. Aquelles, que ainda não o conhecião, acreditarão piamente nas suas puras intenções. Constituia-se por conseguinte commandante da força, apezar de ser Vice-Presidente, Thesoureiro Provincial, e se mais mundo houvera lá chegára. Começou logo a manobrar, principiando por mandar avisar a certos cabeças da sedição, que se retirassem para fóra da cidade; e mandando prender a outros em n.º de 20 e tantos dos mais apontados, e recolhel-os á cadêa. No dia 3 de Setembro ás 8 horas da manhã, mandou tocar rebate, e assoalha que se devia fuzilar os ladrões: acode o Povo espavorido, e vindo ao Quartel saber o que havia de novidade, observa a gente formada, huma peça postada com direcção ás janellas da Cadeia, e o Vice-Presidente muito enfurecido na frente, e em altas vozes gritando: *Viva a Lei. Morrão os Ladrões. Viva o Senhor D. Pedro 2º—governem as bayonetas até a chegada do Presidente.--Faça-se fogo a quem for suspeito.* Os homens que na melhor bôa fé do mundo tinhão vindo para sustentar a causa da legalidade, extasiados com tão horrivel quadro, huns respondião vivas, e outros davão apoiados.

Com este signal, e vozes machiavelicas dadas a proposito, o resto dos criminosos que ainda não tinhão sido presos, evadirão-se. Então o Promotor Publico, e hum Official Militar dirigindo-se ao Vice-Presidente no meio do seu furor Santo, lhe fizerão ver, que taes ordens se encaminhavão antes a huma guerra civil, porque a mór parte daquelles homens de que se compunha a força, ignorando as formalidades da Ley, poderião precipitar-se, e até alguns delles procurarião meios de vinganças particulares: ao que lhes respondeo o integérrimo Presidente, que passava a desdizer-se e a destroçal-os.

Dissolvido o ajuntamento parte o mesmo Vice-Presidente para Palacio, convoca o Conselho, e dá conta do n.º dos prezos, que achavão-se na cadeia; propondo igualmente, que o seu parecer era que fossem deportados para fóra da Provincia: o Conselho impugnou semelhante proposta, e resolveo que fossem entregues ao Juiz para serem processados quanto antes, e punidos na fórma das leis: logo ali se officiou ao Juiz, remettendo-se-lhes a relação dos processos. Volta o Vice-Presidente para o Quartel, persuade aos homens da guarnição, que os Conselheiros do Governo querião proteger aos ladrões, e logo ali começa a fomentar-se huma indisposição contra aquelles que dezejarão ver restabelecido o imperio das Leis; e taes tramas urdio para surprehender a bôa fé daquella gente, que no dia seguinte mandou tomar do Carcereiro as chaves da Cadeia, o as conservou em seu poder no Quartel, para onde mandou buscar os presos, que lhe parecia, e os fazia deportar, (independentemente do Processo) algemados e encorrentados para differentes lugares, com recommendação, porêm, especial de os deixar fugir em caminho: tanto assim que muitos delles forão

ter a Goiaz, munidos de cartas de recommendal-os, embora. Nestas circumstancias muitas pessoas advertirão ao Vice-Presidente que semelhante proceder éra criminoso, e a sua resposta foi :—que elle daria conta á Regencia. O Juiz de Paz logo que recebeo o officio acompanhado da relação dos prezos, bem longe de proceder como era de seu dever, e conforme a lei (mas isto he o que justamente não convinha a muitos; e mórmente ao proprio Juiz) manda á Cadeia para virem os criminosos á sua presença de hum e hum: o Carcereiro respondeo-lhe, que taes prezos já não existião na Cadeia, porque o Vice-Presidente os tinha mandado para fóra. E que tal ? Não importa este novo modo de punir huma verdadeira absolvição, para ao depois allegar o facinoroso que já soffreo o bem merecido castigo, antes de sentença condemnatoria ? E não he isto tambem huma evasiva para se não descobrir a verdade ? Tratou-se da reunião do Jury extraordinario, para este fim o Promotor Publico dirigio-se á casa do Dr. Juiz de Direito, para tratar da sua convocação; e assim que se penetrou isto no quartel, huma medonha indisposição apparece contra os dois; e até são ameaçados de serem fusilados, porque não querião que se tomasse conhecimento dos factos escandalosos de 30 de Maio ! Que grosseira contradição ! E até quando se ventilará esta questão, foi dito em altas vozes dentro do Quartel por hum Floriano de Souza Neves,—Viva o 30 de Maio, e este viva foi correspondido tres vezes pelo Vice-Presidente e mais circumstantes ! ! Porém, como ainda se achassem envolvidos na guarnição do quartel uma porção de Municipaes Permanentes, em hum dos Conselhos subsequentes, foi indicada a sua extincção pelo Tenente Coronel Caetano da Silva e Albuquerque, para serem substituidos por Ligeiros; pela razão de que, achando-se aquelles encarregados da Policia da Cidade, do seu Quartel foi que apparecerão as primeiras desordens: esta indicação foi apoiada pelos mais Conselheiros, bem que apezar de alguem, mas neste caso convinha (inda que com bastante custo) dissimular o negocio: para não dar a entender que se lhes estava em obrigação pelo muito que lhe tinhão servido.

Por este tempo annuncia-se a chegada do novo Presidente, o Senr. Antonio Pedro d'Alencastro, de nefanda memoria, de tanta erudição que escreve capim com S ! E se bem que cartas particulares remettidas de Goiaz annunciavão hum máo exito na sua administração, pelas exhuberantes provas, que elle já tinha dado em 1822, quando ali servio de secretario do Governo; por haver-se declarado inimigo figadal, inda que fraco, das instituições livres, que hião principiando o seu noviciado; com tudo julga-se que tivesse mudado de sentimentos, porque a experiencia de longos annos, e a sua estada na Côrte, a mendigar empregos que podessem encobrir a sua nullidade lhe terião servido de lição, e dado mais algum juizo, para poder conduzir-se com acerto; e até porque algumas pessôas asseverarão, que elle, informado do que havia acontecido, pretendia fazer (como lá dizem) do ladrão fiel, para depois dar outras providencias : mas infelizmente não aconteceo assim, porque logo foi atado de pés e mãos, sem poder, e nem saber jámais desavencilhar-se.

Deo-lhe o Vice-Presidente entrada em meados de Setembro do

anno proximo passado, obsequiando-o pelo modo e maneira que lhe foi possivel, de sorte que se tornou inseparavel delle. Tomou posse no dia seguinte com protestos de adhesão á Constituição, e que não se embaraçaria com a administração da Justiça, e conseguintemente recebeo do Vice-Presidente as necessarias informações do estado deploravel em que se achava aquella malfadada Provincia. A este tempo, já se tinha d'antemão preparado no Quartel, para que, exonerado o Vice-Presidente, se pedisse a sua conservação ali; e no mesmo dia da posse do Presidente huma representação lhe foi levada, por intermedio de Joaquim Alves Ferreira, pedindo a S. Ex.ª para que o Coronel João Paupino Caldas ficasse ainda por commandante daquella força, até ser substituida por outra, o que foi logo attendido.

Ora, como depois da guerra feita aos adoptivos ainda restava faze-la aos Brazileiros natos, forão as primeiras victimas o Dr. Juiz de Direito Pascoal Domingues de Miranda, José Alves Ribeiro, José Jacintho de Carvalho, Braz Pereira Mendes, e Bento Franco do Camargo: o 1º porque além das antecedencias, não devia presidir o Jury, e era demais a mais suspeito de Maçon, donde se dizia que havia sahido todo aquelle mal: o 2º porque tinha accusado no conselho do Governo a hum primo de Paupino pelas mortes feitas a tres adoptivos para os roubar, depois de os ter em sua casa pelo tempo de dois mezes, e continuava a preseguir na deligencia de o fazer punir, e além disto era tambem suspeito de Maçon: o 3º porque sendo Promotor Publico, e homem de honra, necessariamente havia cumprir com o seu dever no Jury; e estava de mais a mais promovendo huma accusação contra um Joaquim Fernandes Coêlho, que tinha servido de Inspector provisorio da Thezouraria, pela delapidação de huns pares de mil crusados, tirados do Cofre Nacional, dos quaes muitos se locupletarão; e tambem por ser suspeito Maçon: o 4º porque tinha cassado das escoltas as Portarias do Vice-Presidente, ordenando os massacres, para dellas fazer uso quando lhe conviesse: e o 5º por confirmar a accusação feita pelo 2º, como testemunha de vista da venda de certos animaes de hum dos mortos; escapando deste numero hum 6º que era o Presidente da Camara, por se haver humilhado dias antes.

Chegou finalmente o tempo da 2ª Sessão ordinaria do Jury, marcada pelo Codigo do Processo Crime; a Camara Municipal, em conformidade da lei, publicou a sua reunião, e juntamente a lista dos Juizes de Facto, em cujo n. entravão alguns dos acima mencionados; e porque se não podesse embaraçar de outro modo a sua reunião hum novo plano põe-se em pratica. O sanhudo Presidente da Provincia começou logo a expedir ordens anarchicas, dispensando na lei.

Mandou primeiramente pelos Juizes de Paz desarmar a parte sandos Guardas Nacionaes, e recolher o seu armamento ao Quartel. Chamou para o conselho do Governo homens, que pertencião ao nº completo do Conselho Geral, e naquelle erão supplentes menos votados, e tinha os mais votados do Conselho do Governo, e os manda para o outro Conselho de maneira que ficarão seus favoritos, João Paupino Caldas, José de Mello, Padre Joaquim e Antonio José Duarte. Tratou logo de organisar uma nova Guarda Municipal.

composta daquelles mesmos que havião servido na rusga de 30 de Maio, e o resto de gente que a lei exclue; e depois desta organisação, passou a nomear os commandantes com exclusão total de officiaes benemeritos, e mais cidadãos probos. Exonerou por huma Portaria de 8 de Outubro a Braz Pereira Mendes de exercer o cargo de Procurador Fiscal, para o dar a Joaquim Fernandes Coelho, dizendo que era incompativel aquelle Emprego com o de Professor de Logica, quando ao Empregado lhe era permittido a opção. Expedio francamente ordem á Camara (sem saber talvez que lhe competia) para empossar a Joaquim Fernandes Coêlho no Cargo de Promotor Publico, tirando-o de José Jacintho de Carvalho, para aquelle servir conjuntamente com o de Procurador Fiscal; aquelle mesmo contra quem lhe não era occulto se estava movendo huma accusação; e porque a Camara impugnasse obedecer-lhe, ou fosse por julgar incompativel, ou porque o então actual Promotor tinha sido nomeado competentemente, ameaçou a camara com outra Portaria, fazendo-se cargo de interpretar a lei arrogantemente, (porque a ignorancia não reconhe legalidade, e não soffre recalcitramento de quem quer que seja) e decidio por si, que não erão incompativeis os dois officios: então o Presidente da Camara amedrontado, pela furia do touro vindo das Campanhas do Sul, convoca tremendo os Vereadores, e sendo hum delles Floriano de Souza Neves, que se achava então empregado no Quartel, compareceo armado com pistolas, e sustentou, que se devia dar execcção á Portaria, porque do contrario era tirar a força moral do Governo (como se o Senr. Pedro necessitasse de semelhante meio para fazer bom Governo). Cumpriu-se finalmente a Portaria !!!! e .... quatro dias antes da prisão dos deportados publicou o Senr. Presidente huma Proclamação á som de caixas, convidando os Povos para que se unissem a elle, e o ajudassem a lançar fóra os máos. E não hé isto o mesmo que convidal-os para huma nova rusga ? Como hé atilado o Senr. Antonio Pedro!

Durante estas vergonhosas scenas, os presos da cadeia gritavão em altas vozes,—que tudo tinha sido feito por insinuações de João Paupino (tudo isto quando o Presidente por ali passava) que elles por serem pobres ali estavão, emquanto o mesmo Paupino, e outros estavão com as armas na mão, e passeavão livremente. O Presidente recolheo-se a sua casa, mandou chamar o Juiz de Direito, ordenando que os fizesse calar com rodas de páos ! O Juiz não lhe obedeceo, dizendo que quem se julgasse offendido, e injuriado uzasse dos meios, que as Leis facultão.

Approxima-se o dia 4 de Novembro do anno proximo findo, que era o da reunião do Jury, e porque algumas pessoas, que achavão-se destacadas no Quartel, observassem huma marcha diversa da que esperavão, forão-se retirando politicamente, e outras mudarão-se para seus sitios, deixando as armas em cazas particulares para as mandar entregar.

Hum segundo rompimento anarchico, e tumultuozo appareceo no dia 31 de Outubro, e supposto que não fosse tão cruel como o de 30 de Maio, comtudo não foi menos horrorozo. A's 6 horas da manhã daquelle dia 31 forão assaltadas em suas proprias casas 5 victimas

(sem ter havido processo, nem pronuncia) por seis escoltas, que entrando pelo interior de suas casas, as prenderão á ordem do Presidente, em Nome da Regencia, e as conduzirão para um quarto no centro do Quartel. Despotismo inaudito, e nunca praticado !! Depois de concluida a deligencia, João Paupino proclama na frente dos sediciosos, que achavão se prezos 5 anarquistas, e que os que fossem da bôa ordem, devião assignar hum papel, que hia ser apresentado; incontinente appareceo Albano de Souza Ozorio, hum dos pronunciados, que devia soffrer sentença no Jury, armado com pistolas, organiza de prompto hum assignado com os proprios sediciosos, que foi enviado ao Presidente. A' huma hora da tarde recebe o Juiz de Direito hum Officio do Presidente nos seguintes termos—«Constando ao Presidente que V.S. fôra hoje prezo pelo Povo á ordem deste Governo, em Nome da Regencia, e tendo de deliberar em Conselho sobre o seu destino, o suspendo do exercicio: o que communico a V.S. para a sua intelligencia. Deos Guarde a V.S. Cuyabá, 31 de Outubro de 1834. Antonio Pedro de Alencastro. Senr. Bacharel Paschoal Domingues de Miranda.»—Que parto de eloquencia a mais apurada? Que expressões tão sublimes, e delicadas?

Ao lêr semelhante peça, vem-nos logo a lembrança a celebre proclamação do engraçado Antonio Salermo Toscano, Governador **da Fortaleza do Gravatá**. E de mais, que de contradicções se não encontrão em tão poucas palavras, que achincalhão a S. Exc.ª e cobrem de eterna vergonha ao Governo que o nomeou? A 1.ª he que a Regencia não manda prender alguem, por que isso lhe não compete, porêm, unicamente as Autoridades que as leis têm designado: a 2.ª he que huma escolta de gente armada não he Povo: a 3.ª que não podia a seu bello prazer suspender hum Magistrado unico que havia, e hum Magistrado como hum Juiz de Direito, sem primeiramente ouvil-o, e ser resolvido em conselho: e a 4.ª, finalmente, que não fallando em Juiz de Direito, parece que sómente o suspendeo do exercicio de Bacharel; e não he muito que S. Ex. entenda poder cassar o titulo de Bacharel quando elle pede ao Presidente de S. Paulo que não dê credito aos Passaportes dos Juizes de Paz, que não forem assignados por elle, dispensando as disposições do Codigo do Processo.

Dois dias estiverão as 5 victimas em carcere privado, onde se não consentia entrar papel, e nem tinta; e até os seus amigos, e parentes para os visitar passavão por huma rigorosa busca na Guarda.

No ultimo dia a noite sahio o Presidente pelas ruas acompanhado dos seus sequazes, com toques, e assuadas, dando vivas ao Sr. D. Pedro 2.º, e morrão os anarquistas, vindo a fechar o circulo na porta do Quartel, onde repetirão-se os vivas, e morras. A' meia noite do 1.º de Novembro gritarão ás armas, formou-se agente dentro do Quartel achando-se na frente João Paupino Caldas, e na retaguarda o guapo Presidente armado de pistolas! neste acto forão encorrentados os pacientes, e constrangidos a embarcar em huma canôa, para serem remettidos a S. Paulo, e d'ahi para esta Côrte. Nesta noite apenas se poude marchar 3 legoas distante da cidade; o conductor fez parada em um sitio a espera do commandante, que devia tomar conta dos prezos, e perguntando-se-lhe quaes serião os crimes que tinhão commettido aquelles prezos, para authorisar hum

tão revoltante abuso do poder, respondeo—que no Quartel se assoalhava, que os prezos pretendião livrar no Jury aos criminosos, e que d'ahi resultaria hum grande damno, porque elles em vingança arrasarião no Quartel, e matarião a Paupino e ao Presidente: eis-aqui como se fomentou a intriga, e a maneira porque o Presidente embaraçou a 2.ª Sessão do Jury marcada pelo Codigo do Processo, reputando letras mortas a Constituição do Estado, e as Leis mais vitaes do Systema Constitucional, que felizmente nos rége, para favorecer os seus protegidos.

No dia 4 de Novembro foi que seguirão os prezos do lugar onde se achavão, a espera do Commandante, e antes que este os recebesse, chega da cidade o Tenente Theodoro Antonio da Rocha com uma escolta de 20 homens, e de ordem do despotico Presidente os mette em grilhões, alêm da corrente, determinando ao commandante, que fizesse embarcar apenas huma canastra de cada hum, e hum só para servir a todos, ficando assim constrangidos a não poder nem se quer comprar a sua custa embarcação, e sustento, com que se podessem manter por espaço de 5 mezes, que tanto durou a viagem atè á Villa de Porto Feliz, Provincia de S. Paulo!!! Grande maldade do Snr. Presidente privar as pobres victimas até do sustento indispensavel para a conservação da vida!

Por este tempo o Presidente participa ao Governo Central, por intermedio do Ex. Ministro da Justiça em 4 de Novembro do mesmo anno, que remettia o Juiz de Direito, o Professor de Logica, e mais tres 3 individuos, que forão prezos por huma porção de cidadãos, que reforçavão o Quartel da cidade, por constar que hia havendo hum segundo movimento anarchico, semelhante ao de 30 de Maio, mas não declarou contra quem, com que gentes e armas, e quaes os indicios que havião; se contra os adoptivos (o que não podia ter lugar, porque já ali não existião á 5 mezes, que mediou de hum a outro successo) se contra elle Presidente, em huma palavra não declarou quaes as circumstancias desse premeditado rompimento. O Ex. Ministro respondeo-lhe, em 19 de Janeiro do corrente anno, que a REGENCIA lastimava tanto, este outro acto de anarchia, e tumulto, quanto sentio o primeiro; que os prezos devião ser processados, e punidos conforme as Leis, guardadas as formulas essenciaes della, e que tudo quanto se obrou pelo contrario, constituião criminosos os seus perpetradores; recommendando por ultimo ao Presidente que jamais consentisse na violação da Lei, seja a qualquer protexto que fôr.

Huma nova pronuncia se annuncia que fôra remettida a esta Corte, arranjada muito ao depois da sahida dos presos daquella cidade, onde se declara serem pronunciados pelas desordens de 30 de Maio: ora ou Presidente da Provincia faltou á verdade na parte que deo ao Governo em 4 de Novembro do anno passsado, quando disse, que remettia o Juiz de Direito, o Professor de Logica, e mais tres individuos, por constar que hia havendo hum segundo rompimento anarchico, semelhante ao de 30 de Maio, ou essa nova pronuncia não hé verdadeira, alêm de ser monstruosa, e inteiramente nulla. Se he verdadeira, (o que se nega) por que não foi esse processo organisado com a assistencia das victimas, quando se achavão presas, tempo mais que sufficiente para a formação da culpa? Porque para

forma-la foi preciso mandal-as primeiramente para fóra da Provincia ? Dada, mas não concedida a hypothese de culpabilidade, serão acaso as 5 victimas as unicas criminosas, para serem tão deshumanamente deportadas ? E continuando com a mesma hypothese, será por ventura no Rio de Janeiro, que hão de ser julgados os crimes commettidos em Cuyabá? De certo que não: logo a prisão das 5 victimas feita pelo Presidente, e a sua remessa a esta Corte foi, e he arbitraria, e nulla á face do artigo 257 do codigo do Processo Criminal, á vista do qual devião ser julgadas pelo Jury do seu Domicilio, ou do lugar do dito delicto.

Nestes termos fica obvio o proceder arbitrario, e illegal daquelle Presidente remettendo para esta Côrte aquellas victimas do seu furor, que protestão perante o respeitavel Publico contra semelhantes actos tão escandalosos, como illegaes.

São estes os factos irrefragaveis que tiverão lugar antes, e depois do melancolico 30 de Maio, e esperamos que o Publico imparcial, a cuja consideração os offerecemos, possa julgar com conhecimento de causa, da exposição franca, e leal, que acabamos de fazer, pedindo-lhe ao mesmo tempo desculpa por sermos tão extensos o que de certo foi devido não a nós, porêm ao objecto de tanta magnitude.

O Amigo da Justiça.

Invasão paraguaya

Acta da sessão da Camara Municipal de Cuyabá sobre os primeiros acontecimentos da guerra, em Matto-Grosso.

Sessão extraordinaria em 16 de Janeiro de 1865.

Presidencia do Sr. Galvão.

A uma hora da tarde, nos Paços da Camara Municipal desta cidade do Cuyabá, presentes os Snrs. Vereadores José Leite Galvão, João Gualberto de Mattos, Verissimo Xavier Castello, Manoel de Sousa Canavarros, Antonio da Costa Campos, Miguel Paes de Barros, Joaquim Alves Ferreira Sobrinho, Manoel Escolastico Virginio e Antonio Vieira de Almeida: o Snr. Presidente abre a sessão. Lê-se e approva-se a acta da anterior. Não ha expediente: O Snr. Presidente declara que o motivo desta reunião era manifestar á Camara o seu profundo sentimento pelos tristes acontecimentos de que a Provincia era theatro, e que nas circumstancias mais que muito criticas em que o Paiz se achava, a Camara devia estudar um meio, sinão de salval-o, ao menos de oppôr uma barreira qualquer á anarchia interior que a passos agigantados caminhava contra o Governo da Provincia e Chefe de Policia, sem se lembrarem esses que a anarchia aconselhão, que em face de tanto perigo em que se acha a Provincia é ao Governo e ás autoridades que se deve unir e dar força.

Que verdade era, e com satisfação o dizia, que o Brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho, actual Presidente desta Provincia, tem estudado os meios de defesa para salvar a Provincia que lhe fôra confiada por sua Magestade O Imperador, e manifestado digna e heroicamente o grande e vivo interesse que toma pela defesa e conservação da vida e bens dos habitantes desta Capital; e animado com a sua presença o povo que unido ao 1.º Batalhão de Guardas Nacionaes tanta prova dera de valor na noite e dias seguintes áquelle que nos trouxe a infausta nova da invasão de Corumbá pelo vergonhoso e inexplicavel abandono desse ponto pelo Commandante das armas, Coronel Carlos Augusto de Oliveira, e pelo Ten.e Coronel Carlos de Moraes Camisão, com os officiaes e todos os soldados do 2.º Batalhão d'Artilharia apé do seu commando, abandono de que resultou a perda de tanta vida, e tantos soffrimentos áquelles que se puderam salvar, como tanto desar e vergonha á Provincia de Matto-Grosso, que, por sem duvida, terá de ser julgada por esse acto de covardia, se mais tarde os seus habitantes, tendo occasião de repellir o inimigo não lhe derem uma demonstração bem clara de que o povo Mato-Grossense prefére mais antes a morte á deshonra.

Que a Camara devia ter intima convicção de que com a providencia do Governo Provincial, acerca da Fronteira do Baixo Paraguay, de remetter para ella toda a força de linha e o commandante das ar-

mas, bem seguros contavamos todos, por ignorarmos a pusilanimidade e inercia do mesmo Commandante das armas, á quem se devia a tomada de Coimbra, que jámais se effectuaria, si ao bravo e distincto Ten.e Coronel Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, digno Commandante do respectivo Forte, se houvessem dado as praças conservadas ociosas em Corumbá, porque ao Commandante das armas é facto que Commandante do Forte, Ten.e Coronel Portocarrero, communicára e pedira soccorro de munição de guerra e de soldados, por duas vezes, sendo a 1.a quando tivera noticia de que em Olympo, antiga Fortaleza Paraguaya, existião Navios de guerra e grande numero de soldados, e a 2.a quando recebêra do Commandante da Esquadra e Exercito Paraguayo a intimação para render-se e entregar o Forte de Coimbra no praso de uma hora.

Que custava a crêr, mas era verdade, que contra toda a expectativa o Commandante das armas se conservara mudo e quedo até o dia seguinte, em que recebêra noticia de tanta transcendencia, como esta ultima, para depois de muito scismar mandar apenas 50 praças em dous Vapores, não para desembarcarem e ajudarem a guarnição do Forte, e sim como guarnição dos mesmos Vapores, tendo a sua disposição o 2.o Batalhão de Artilheria apé que de nada servira no ponto de Corumbá em que se achava, e que muito podia valer em Coimbra, onde então se dava o theatro das operações, sendo digno de reparo que o Commandante das armas nada obrasse acerca da 1.a noticia.

Mas que não podendo hoje a Camara evitar o mal que lá pela Fronteira tão desastradamente se deu, convinha pensar que sobranceira estando nova desgraça e talvez maior, e da qual podem resultar muito sangue, e muitas lagrimas, preciso era um meio pelo qual com presteza se désse, um antidoto ao germen do mal que tão adiantado vai já, e cujo sequito de estragos e dores tanto devemos recear. Que o meio mais prompto e talvez o unico de que a Camara podesse socorrer é o de levar á Presidencia e á Policia geral uma demonstração de que não se acha em trevas o facto de haver tanto um, como outro, em seus circulos, nestas emergencias, tomado interesse pela defesa e conservação da vida e bens dos habitantes desta Capital; e fazendo-se publico estas manifestações, convencer-se-ha o povo de quão injusto são esses que attribuem ao Governo da Provincia a tomada de Coimbra e corrida de Corumbá, aproveitando a Camara o ensejo para, na mesma manifestação patentear sua gratidão por si e por seus Municipes não só ao bravo Tenente Coronel Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero pelo seu muito valor e pelos relevantes serviços prestados em honra da Patria no Forte de Coimbra, como tambem a seus valentes officiaes e praças que, em numero de 150, e sómente com dez mil cartuchos, resistirão por dous dias, em um combate renhido e desproporcionalmente desigual á Esquadra inimiga e Exercito, composta de nove Navios a Vapor e Vella e cerca de cinco mil homens de differentes armas.

E pondo o Sr. Presidente o exposto á consideração da Camara, o Sr. Vereador João Gualberto de Mattos pede a palavra e obtida esta diz:—que verdadeiro amigo de sua Patria tremia ante a ideia, aventada na Marinha, de apear-se ao Presidente e ao Chefe de Policia da Provincia, cuja ideia posto fosse suffocada promptamente

pelo 1.º Batalhão de Guardas Nacionaes do seu commando, unico que se achava na Capital e em armas, todavia para não reproduzir-se, votava pela manifestação a essas autoridades.

O Sr. Vereador Joaquim Alves Pereira Sobrinho, obtendo a palavra diz que de bom grado e de todo o coração votava pela felicitação ao Commandante do Forte de Coimbra Tenente Coronel Portocarrero, seus officiaes e praças, porque tinha intima convicção de que no peito desses homens bateu mais forte o amor da Patria, que o amor da vida·—(apoiados geraes).

Que o commandante das armas, Coronel Carlos Augusto de Oliveira, abandonou Corumbá, sem ver o inimigo, com o 2º Batalhão de Artilharia a pé, seu commandante Tenente Coronel Carlos de Moraes Camisão e todos os officiaes, para provar o dictado que diz: « *Um fraco Rey faz fraca a forte gente*».

E não havendo mais quem pedisse a palavra o Sr. Presidente encerra a discussão, e pondo a voto si se fazião os officios ao Presidente da Provincia e ao Chefe de Policia, no sentido de sua exposição, venceu-se pela affirmativa, por unanimidade.

Pelo que, o Sr. Presidente ordena a mim secretario que redija os officios referidos, e suspende a Sessão. Redigidos os dous officios, o Sr. Presidente continúa a sessão, e sendo os officios lidos e approvados, são assignados e remettidos a seus destinos. Nada mais havendo a tratar, approva-se e assigna-se esta acta, depois do que o Sr. Presidente levanta a sessão ás tres horas e meia da tarde.—Eu, Francisco Pereira de Moraes Jarcem, Secretario da Camara a escrevi e subscrevi.

(Assignados) *José Leite Galvão; — João Gualberto de Mattos; — Verissimo Xavier Castello;—Manoel Escolastico Virginio;—Miguel Paes de Barros; —Joaquim Alves Ferreira Sobrinho;—Antonio da Costa Campos;—Antonio Vteira de Almeida;—Manoel de Sousa Canavarros·*

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações que nos honraram com a sua visita:

Revista da Academia Cearense, publicada sob a direcção dos Drs. Pedro de Queiroz, Henrique Théberge e Barão de Studart.—Tomo IX—1904.—Boletim Official, Bolsa de Comercio,—Buenos Ayres, ns. 32 a 35, correspondentes aos mezes de Novembro e Dezembro de 1905.—O Commentario, Revista Mensal publicada no Rio de Janeiro para divulgação de todos os acontecimentos que interessam à historia da civilisação no Brazil, do qual é redactor o Dr. Ferreira da Rosa, serie III—n. 8—1905—Recuerdos de Mi Vida Diplomática, Misión en México (1891) do Dr. Vicente G. Quesada, Buenos Ayres, 1904.—Boletim do Centro Industrial do Brazil, 30 de Setembro de 1905.—O Trabalho, periodico mensal, propriedade da Associação da Egreja Evangelica Brazileira, sob a redacção do Dr. Luiz Vieira Ferreira e Viriato Stockler, anno V.—Revista Trimensal do Instituto do Ceará, sob a direcção do Barão de Studart, Tomo XVII—Anno XVII--1903, anno do tricentennario do Ceará—e Tomos XVIII e XIX—Anno XVIII e XIX—Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 1903, anno X—vol. X. n. 29.—A Comarca, de Francisco Cardona, Mogy-Mirim, S. Paulo—Diario da Bahia, —O Brazil em 1906—Programma do Inquerito Industrial do Brazil, —Le Messager de S. Paulo, Organe Républicain des Intérêts Français dans l'Amérique du Sud, dirigido por Mr. E. de Hollender.—Deste Estado temos recebidos os jornaes—Gazeta Official, O Estado, O Rebate eRevista «Matto Grosso».

não só nos Corpos que formavam a vanguarda, os quaes desenvolveram muita actividade e vigilancia, como nos demais, o que patenteou-se na passagem do Rio Apa, a qual, apesar de seu pessimo vão foi em poucos minutos transposto, ainda mesmo pela Artilharia, cujo trem pesado faria crêr em longa demora, dando-se o mesmo com o cartuxame. Ainda merece os meos elogios o bravo e denodado guia destas Forças, José Francisco Lopes o qual, impellido pelos sentimentos de pae e cidadão, pois tem a sua familia prisioneira n'esta Republica, nunca se esquivou a trabalhos e perigos, assim como os mais paisanos e fugitivos que era me acompanham. —*Carlos de Moraes Camisão*, Coronel Commandante.

Conforme.

O Alferes *Amaro Francisco de Moura*.

Secretario Militar.

Quartel do Commando das Forças em operações ao Norte da Republica do Paraguay, acampamento no Forte de Bella-Vista, 23 de Abril de 1867.—O pavilhão brazileiro desdobra-se sobre as ruinas do forte de Bella-Vista! A força brazileira pisa o territorio Paraguayo, vendo fugir ante a simples demonstração de sua energia os defensores da fronteira da Republica!— Tenho a honra e orgulho de participar a V. Exc. que no dia 20 do corrente, á frente da briosa cohorte de soldados que commando, transpuz o rio Apa, occupando o forte de Bella-Vista, cujas casas e edificios os Paraguayos com a nossa chegada trataram de incendiar, havendo destruido todas as suas plantações e lançado no rio muitos objectos que estão sendo retirados.— Sahindo da Colonia de Miranda no dia 15, e levando commigo os fugitivos que ali se tinham apresentado vindos do Paraguay, com tres dias de marcha cheguei ao rio Apa, acampando no lugar de uma antiga casa denominada por isso tapera. Ahi avistou-se uma partida inimiga, a qual, perfeitamente montada, e conhecendo desde logo a nossa falta absoluta de cavallaria, procurou vir nos observando; até que consegui fazel-a fugir em debandada com tres tiros de granada da excellente artilharia que levam estas forças. No dia 20 occupei o ponto denominado pelos paraguayos— Machôrra— junto ao corrego de José Carlos, onde se achava formada uma vasta fazenda, protegida por um destacamento que fugio aos nossos primeiros tiros, com bôas casas e grandes dependencias no terreno á margem direita do Apa, e no dia seguinte entrei no forte de Bella-Vista, que, ao nosso approximar foi desamparado pela sua guarnição, a qual retirou-se apressadamente, apesar do excellente local que tinha para uma defesa heroica. Ainda diante dos nossos postos avançados acha-se, á bôa distancia, alguns cavalleiros, parecendo procurar observar o movimento das forças, os quaes serão afugentados pelo mesmo meio que já puz em uzo. No estado em que se acham as cousas, tenho, confiado na coragem que todos os meus commandados patenteiam, o desejo de avançar até a Villa da Conceição á trin-

O ARCHIVO

Revista destinada a vulgarisação de documentos historicos e geographicos do

Estado de Matto-Grosso.

Edição commemorativa do 25º anniversario do passamento do inolvidavel

Barão de Melgaço

Publicação feita sob os auspicios do Ex.mo Senr. Coronel

ANTONIO PAES DE BARROS.

CUYABA'

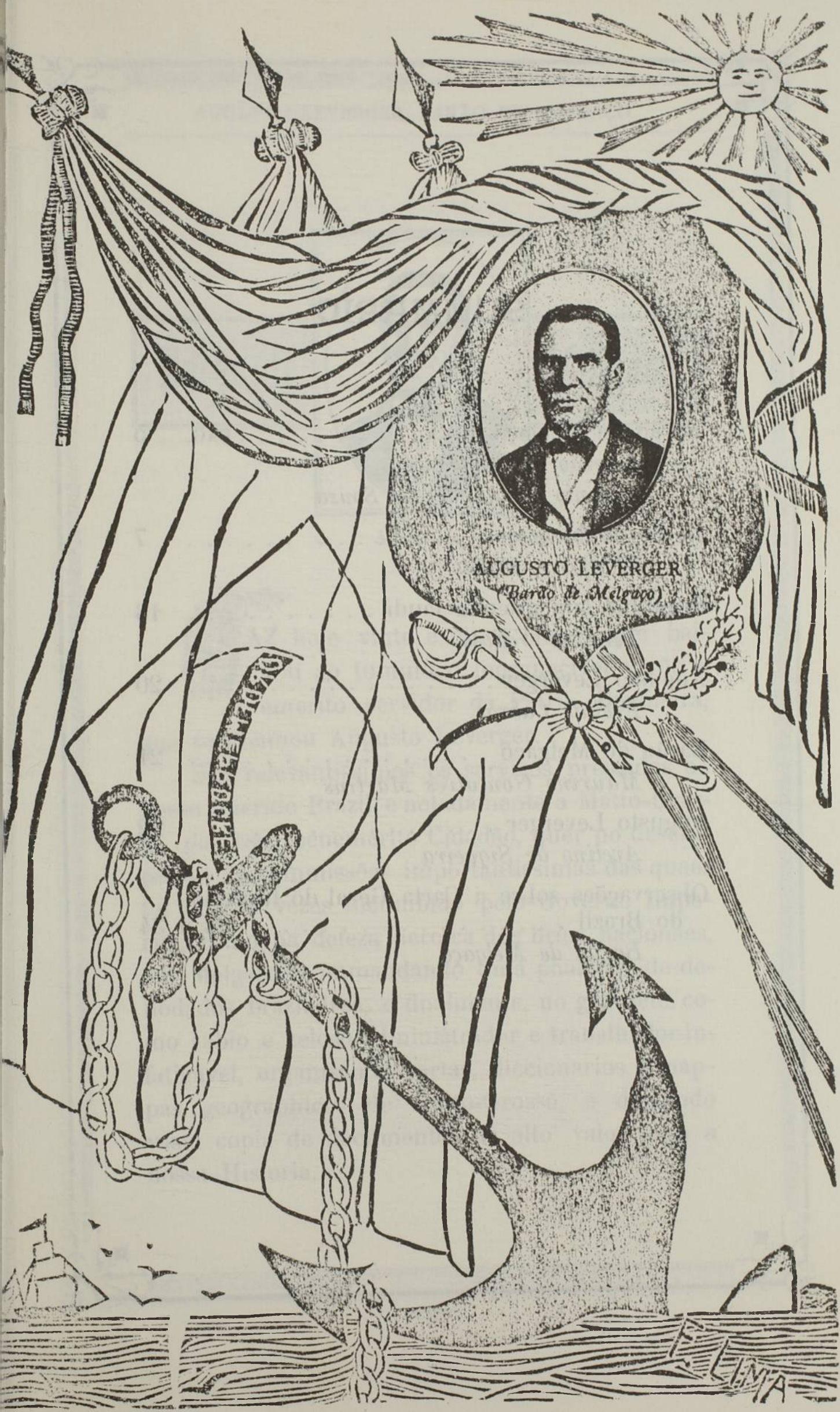
14 de Janeiro

1905

Impresso nas officinas do

Estabelecimento "Avelino de Siqueira"

Rua 7 de Setembro, 16


AUGUSTO LEVERGER
(Barão de Melgaço)
ELIMA

SUMMARIO

Barão de Melgaço . . . . . PAG. 5
Estevão de Mendonça
Antonio Fernandes de Souza

Barão de Melgaço 7
Moraes e Mattos

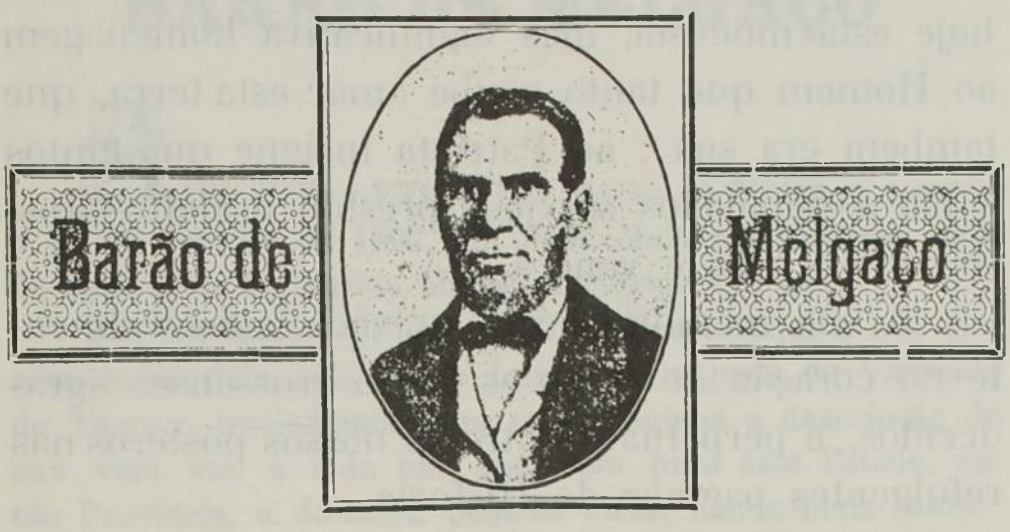
Sunt hic sua præmia laudi 18
Terencio Velloso

Augusto Leverger 20
Freitas Cabral

Barão de Melgaço 21
Maurino Gonçalves Martins

Augusto Leverger 22
Avelino de Siqueira

Observações sobre a Carta Geral do Imperio do Brazil . . . . . 24 á 34
Barão de Melgaço



A Historia é uma resurreição.
Michelet.

FAZ hoje vinte e cinco annos que baixou ao tumulo o inesquecivel varão e emerito servidor da Patria Brazileira, que se chamou Augusto Leverger.

São relevantissimos os serviços prestados ao nosso querido Brazil, e notadamente a Matto-Grosso, por esse benemerito Cidadão, quer no desempenho de commissões importantissimas das quaes foi muitas vezes incumbido pelo Governo Imperial, como na defeza heroica dos brios nacionaes, em Melgaço, commandando uma phalange de denodados brazileiros, e finalmente, no gabinete, como sabio e zeloso administrador e trabalhador infatigavel, organisando cartas, diccionarios e mappas geographicos de Matto-Grosso, e deixando vasta copia de documentos de alto valor para a nossa Historia.

O Archivo não podia, pois, deixar de render hoje esta modesta, mas significativa homenagem ao Homem que tanto soube amar esta terra, que tambem era sua ; ao Patriota insigne que tantos e tão assignalados serviços prestou a Matto-Grosso, que o ama e venera.

A sua memoria ficará gravada indelevelmente no coração de todos os matto-grossenses agradecidos, e perpetuará entre os nossos pósteros nas refulgentes paginas da Historia.

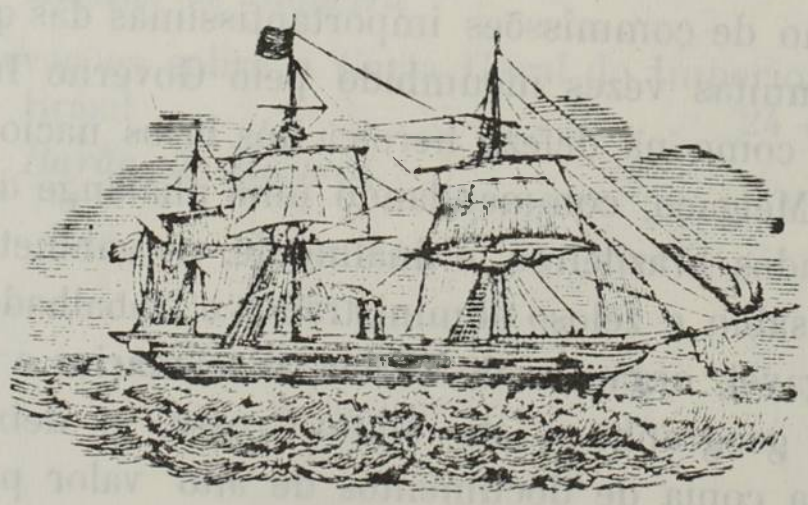
O Archivo, portanto, curva-se reverente ante o seu tumulo, e sobre elle deposita uma palma de eterna gratidão.

Cuyabá, 14 de Janeiro de 1905.

Os Directores,

Estevão de Mendonça

Antonio Fernandes de Souza



BARÃO DE MELGAÇO

AUGUSTO LEVERGER, Barão de Melgaço, nasceu a 30 de Janeiro de 1802, em Saint Malô, na Bretanha, sendo seus paes Mathurino Miguel e Regina Corbes.

Por ser muito curiosa e não conhecida aqui a sua biographia escripta pela penna fulgurante e justa do Visconde de Taunay, trasladamos para estas paginas a descripção de sua vida até a data em que veio para este Estado, então Provincia, e de onde, pode-se dizer, nunca mais sahiu:

« Em fins do anno de 1822 começara a guerra da independencia do Brazil. Foi a praça de Montevideu sitiada por forças da nova nocionalidade, e os Portuguezes, armando a galera *General Lecór* em corveta, a incorporaram á flotilha de que dispunham. (1)

« Por bella intuição, não quiz Augusto Leverger tomar parte na luta e deixou-se ficar quasi todo o anno de 1823 em Buenos-Aires ; época essa das mais penosas em toda a sua vida, porquanto, mais do que nunca se sentia desamparado no mundo, cercado só de causas de desanimo, vendo o presente em extremo toldado e o futuro cheio de incertezas e trevas. Os planos que fazia para achar saida aos mais serios embaraços pecuniarios não lhe traziam sinão inuteis passadas e angustiadoras decepções. Vivendo mais apertadamente que lhe era possivel, conseguiu, entretanto, transpôr aquelle agro periodo de inquietações, sobresaltos e até negra miseria, sem abdicar um ceitil da melindrosa dignidade, sem recorrer a ninguem, nem contrair uma só divida. Serviu-lhe de conforto e arrimo o amor ao estudo e alargou por modo notavel o ambito dos seus conhecimentos pela constante leitura de quanto livro de literatura, viagens e sobretudo sciencias relativas á sua profissão podia conseguir, já nos estabelecimentos publicos, já nas collecções e estantes das pessôas de bôa sociedade com quem sabia manter cordiaes relações, occultando-lhes com todo o sigillo a intensidade dos seus soffrimentos e as difficuldades que vencia para simplesmente subsistir.

---

(1) Como vaso de guerra, entrou o *General Lecór* no combate naval de Montevideu a 21 de Outubro de 1823, no qual a esquadrilha portugueza foi batida pela brazileira, commandada por Pedro Nunes. (Vide EPHEMERIDES NAVAES de Garcez Palha, pag. 177)

« Nutria á farta o espirito, quando mal podia alimentar o corpo. Comia, uma só vez ao dia, um pedaço de pão *(un bon morceau de pain)* com um naco de queijo e bebia uma chicara de pessimo café *(un pitoyable café)*.

« Não me foi inutil, nem perdido esse terrivel tirocinio, referia elle, longos annos depois, á irmã, pois felizmente em tão crueis transes sempre me alentou o desejo de instruir-me, appellando para tempos menos duros.»

« Havendo, porém, os Portuguezes capitulado em começos de 1824, deu-se pressa Augusto Leverger em regressar a Montevideu e, com facilidade, foi occupar de novo, taes as lembranças que de si deixara e o valor da sua pratica na navegação, o antigo lugar de 2.° commandante do *General Lecór*, que voltou ao serviço de paquete, já então com bandeira do novo imperio fundado. Na ultima viagem que esse navio fez ao Rio de Janeiro, em Outubro de 1824, foi classificado desarmado.

« Tomou então Leverger subita resolução : pedir a sua admissão no quadro da officialidade brazileira, o que lhe foi deferido no dia 11 de Novembro daquelle anno, com as honras de 2.° tenente em commissão. Tinha de idade 22 annos e, sem exagero, póde-se affirmar, que esta data assignala auspicioso facto nos annaes da nossa marinha de guerra.

« Já então podia elle encarar com mais segurança o porvir, dependendo do valor proprio e das suas qualidades pessoaes, e não dos caprichos e vaivens da sorte, a direcção que ia tomar a sua carreira. Era daquelles que, tendo por certo a inconstancia da fortuna humana, accumula, nos tempos de bonança, elementos para as épocas de infortunio e ventos contrarios, fazendo sempre por superal-os pela reflectida consideração das coisas e severo cumprimento do dever sem discrepancia de uma linha, a bem da absoluta tranquillidade do espirito e da consciencia.

« Com o posto, pois, de 2.° tenente embarcou então na fragata *Nitheroy*, cujo commandante, o celebre e destemido James Norton, a quem o Brazil tantos serviços deve, era de nacionalidade ingleza, bem como a maior parte do estado-maior.

« Para qualquer outro teria sido esse inicio espinhoso e em extremo desagradavel pelo contacto intimo e diario com gente de um paiz que sustentara contra a França tão longa e encarniçada guerra, só de poucos annos terminada. Mal eram, com effeito, decorridos dois decennios em que fôra de obrigação patriotica e rigorosa votar-se odio de morte, rancor de exterminio aos filhos da *perfida Albion*»

que pagavam na mesma moeda. Em relação a Leverger, juntavam-se então motivos particulares para acirrar esse sentimento de animosidade, o longo captiveiro do pai, d'ahi o abandono forçado da adorada mãi, o desconsolo e a tristura do lar, a lhe melancolizarem os longos dias da infancia e meninice.

« Ahi, porém, mostrou quanto tinha o genio ponderado e a alma superior a paixões de caracter generico e mal justificado. Evitando qualquer occasião de attrito, só viu no contacto forçado com esse numeroso grupo de Inglezes, seus camaradas de armas e perigos, ensejo de aprender em regra a lingua que seu pai começara a ensinar-lhe. Com effeito chegou não só a ler e escrever com muita correcção o inglez, mas a falal-o com singular apuro, usando por fim desse idioma, como se fôra o patrio.

« E dando de mão prevenções que não tinham razão de ser e, sem duvida, violentando a tão citada teimosia bretan, fez, daquelle circulo todo de officiaes, amigos seus e em cada superior ou inferior só suscitou, após curto tempo de desconfiança, sympathias e afeições. Particularizaram-se na constancia das bôas e leaes relações, o tão illustre homem de guerra commandante James Norton e mais o contra-almirante reformado Guilherme Parker, com quem entreteve a mais expansiva e activa correspondencia até a morte deste, em Montevideu, longo tempo depois.

«Como que por pirraça da sorte, jamais se achou sob as ordens de um dos poucos marinheiros francezes em serviço do Brazil, Theodoro de Beaurepaire, o qual tanto já se distinguira na luta da independencia e novos louros colheu nessa campanha da Cisplatina, confirmados nas revoltas da Bahia e Pernambuco, em que prestou os mais relevantes serviços á causa publica.

« Haviam, porém, as provincias do Rio da Prata, a 2 de Janeiro de 1825, declarado guerra ao Imperio do Brazil afim de darem decisivo apoio ao movimento separatista da Banda Oriental, que pretendiam chamar a si.

« Atirando-se com ardor ás armas, levaram logo a aggressão ás nossas costas por meio de audazes corsarios inglezes e americanos. Travou-se então nos mares, entre forças mais regulares, o memoravel e espaçado duello dos destemidos marinheiros James Norton e William Brown, cheio de peripecias, ora favoraveis a nós, ora aos contrarios, todas ellas, comtudo, sem resultados decisivos e que assegurassem victoria definitiva a um dos contendores.

« Partiu Augusto Leverger para a larga foz do Prata e foi, no anno de 1825, a 26 de Abril, confirmado no posto de 2.° tenente effectivo. Classificado na fragata *Nitheroy*, della destacou para a náu

Pedro I a 26 de Agosto. Curta foi a ausencia, porquanto o commandante Norton o chamou novamente para perto de si, a 17 de Setembro.

« O anno todo de 1826 foi de longo e cansativo bloqueio, tendo, porém, Leverger tido occasião de mostrar o seu valor excepcional, caracterisado pelo maior sangue frio, nos combates de 11 de Abril, 3 de Maio, defronte de Buenos-Aires, 23 e 25 do mesmo mez e 11 e 30 de Junho.

« No primeiro, ás 3 horas da tarde de 11 de Abril, foi a *Nitheroy* atacada de surpreza por varios navios argentinos muito superiores em bocas de fogo e guarnição sob o commando de Brown e, sustentando mortifera peleja até quasi á noite, conseguiu libertar-se do circulo fatal, formado em torno de si. Nessa terrivel refrega, que ia tendo cruel desenlace (1), conheceu logo bem Norton quanto valia Augusto Leverger e desde ahi nelle depositou plenissima confiança. Não trouxe o anno seguinte de 1827 sensivel alteração ao estado geral das coisas. Pela concisa e bem falha fé de officio de Augusto Leverger, á folhas 100 do respectivo livro geral, vemos que elle da *Nitheroy* fôra transferido para a fragata *Principe Imperial* a 19 de Abril. A 12 de Outubro teve promoção de 1.° tenente em commissão pelo commandante-chefe da esquadra no Rio da Prata em virtude de actos de bravura e especial distincção em repetidos encontros.

« Passou para a fragata *Piranga* a 8 de Novembro e, a 21 do mesmo mez, voltou á fragata *Principe Imperial*. Confirmada, por decreto de 2 de Dezembro, a promoção que alcançara, a 31 foi-lhe dado o commando da bombardeira *Dezenove de Outubro*.

«Já era então sobremaneira prestigiado e popular o nome de Augusto Leverger em toda a marinha brazileira. Mais realce ainda alcançou no violento combate da Ponta de Lara a 16 de Junho de 1828, e a tal respeito acompanhemos de perto o que nos conta o illustre barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos Filho), nas suas preciosas *Ephemerides Brazileiras*, publicadas em 1892 (2)

« Voltava dos Estados Unidos o corsario argentino *General Brandzer* e na viagem viera fazendo numerosas prezas. Commandado pelo ousado George de Kay e tripolado por destemidos Americanos e Inglezes, dispostos a tudo, carregava 17 bocas de fogo. Ao avistal-o, o brigue brazileiro *Niger* de 11 peças, commandante Thomaz Craig,

---

(1) Sobre este combate e as suas peripecias, diz Garcez Palha (*Ephemerides navaes*, pag. 65) que o barão de Melgaço havia prestado informações ao barão do Rio Branco.

(2) Vide tambem Garcez Palha, *Ephemerides Navaes*, pag. 104

o perseguiu rio da Prata acima e contra elle abriu energico fogo, logo respondido. Ao estrondo do canhoneio, acudiram os navios da divisão Norton e, bem combinados os tiros, não teve o *General Brandzer* outro recurso senão ir encalhar á praia, buscando a protecção das baterias de Ponta de Lara. Não havendo agua para o *Niger* e os vasos de maior calado, fizeram-se elles ao largo; mas por ordem de Norton, o brigue-escuna *Dous de Julho*, commandante William Mac Erwing, a bombardeira *Dezenove de Outubro*, commandante Augusto Leverger e a escuna *União*, commandante Cecil Browning, avançaram e foram fundear a tiro de pistola do corsario. Começou tremendo bombardeio, tal que, vinte minutos depois, a guarnição do *General Brandzer* arriava bandeira, saltando em terra, tão proxima estava ella.

«Nessa emergencia, Leverger, debaixo de medonho temporal de balas, avançou ainda procurando safar a preza e, para ajudal-o, Norton enviou o brigue-escuna *Nove de Janeiro*, commandado por John Williams. Este navio, porém, encalhou e constituiu-se mais uma causa de estorvo. Impacientou-se Norton, dirigiu-se num escaler para bordo do brigue immobilisado e ahi uma bala lhe partiu o braço direito, que teve, na manhan seguinte, de ser amputado.

« Perdera o valente marujo um membro, mas não a coragem nem o sentimento de chefe. De madrugada ordenou, pois, a Leverger e Craig fossem incendiar os dois navios encalhados, recolhendo a gente do *Nove de Janeiro*. Depois de novo e vivissimo despejar das baterias de terra, que sem cessar vomitavam metralha, recebeu prompta e brilhante execução a ordem por parte dos destemidos marujos.

« Foi a nossa perda de 32 mortos e feridos alèm de quatro prisioneiros, entre elles o commandante John Williams, que teimou em ficar no seu infeliz brigue e foi agarrado pelos Argentinos vindos de terra para atalharem o incendio atêado, o que não conseguiram.

« Por esse feito da Ponta de Lara, teve J. Norton uma pensão e a dignitaria da imperial ordem do Cruzeiro, Craig e Leverger fôram nomeados cavalleiros dessa ordem tão distincta, tão parcamente distribuida pelos dois imperadores Pedro I e Pedro II e outr'ora ardentemente almejada por quantos vestiam a honrosa farda militar.

« Tal concessão e graça, sò por si indicam bem a relevancia dos serviços que aquelles marinheiros haviam sabido prestar.

« As acclamações, porém, dos camaradas de armas já de muito haviam recompensado a bravura excepcional de Augusto Leverger, e acclamações levantadas pelos rivaes tradiccionaes da sua patria natal, os marinheiros inglezes ! . . Como ficara vingado o pai !

« Noutro combate, a 30 de Agosto desse mesmo anno de 1828, deu-lhe a sorte ensejo de, mais uma vez, patentear quanto valia a sua calma nos mais arriscados passos.

« Diante da bateria argentina de Galado, a que se haviam encostado uma canhoneira e o corsario *Empreza*, o capitão de fragata Inglis incumbiu Augusto Leverger e William Erwing, commandantes, este do brigue-escuna *Dous de Julho*, e aquelle ainda da bombardeira *Dezenove de Outubro*, de responderem aos fogos contrarios e os fazer calar, emquanto os escaleres destruissem e incendiassem os navios *Kuzzar* e *Lord Eldon*, que haviam forçado o bloqueio ; e tudo foi á risca cumprido com a maior pausa até completa execução.

« Ainda outros renhidos encontros se deram, mas sem grande resultado. Virtualmente, apezar de innumeros actos de dedicação e temeridade da esquadra e do exercito brazileiros, estava a campanha perdida desde o desastre terrestre de Ituzaingo, a 20 de Fevereiro de 1827.

« Afinal, a 27 de Agosto de 1828, foi assignado no Rio de Janeiro, por intervenção da Inglaterra, o convenio preliminar de paz entre o Imperio do Brazil e a Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, hoje Republica Argentina. Concordaram ambos os governos renunciar a quaesquer pretenções sobre a Banda Oriental do Uruguay, creando-se nella um estado independente. Perdemos, é certo, toda aquella fertilissima região e a explendida divisa natural dos rios Uruguay e da Prata ; mas, tambem, os Argentinos não a chamaram a si, conforme todo o seu empenho e ambição.

« A 30 de Setembro desse mesmo anno, foi, pois, decretado o levantamento do bloqueio das costas platinas, que durava desde 21 de de Dezembro de 1825.

« Augusto Leverger, já então no caracter de commandante da corveta *General Dorrego*(1) desde 8 de Setembro de 1828 fez parte da divisão que ficou nas aguas do Prata até completa evacuação do novo Estado pelas tropas, já argentinas, já brazileiras.

«Em Agosto de 1829, voltou definitivamente ao Rio de Janeiro, entrando o seu navio para a classe dos vasos de guerra desarmados.

---

(1) Esse corsario argentino foi aprisionado no combate de 24 de Agosto de 1828. Chamava-se *Gobernador Dorrego* e era commandado por Jean Soulin. Foi tomado pela corveta brazileira *Bertioga*, commandante Jorge Broom, ajudada pela escuna *Rio da Prata* sob o mando de Marques Lisbôa, depois tão conhecido e glorioso marquez de Tamandaré, o qual falleceu no Rio de Janeiro a 20 de Março de 1897, com quasi 90 annos, nascido, como fôra, a 13 de Dezembro de 1807.— O *Dorrego* foi incorporado á nossa esquadra em operações, sendo dado o commando ao 1.° tenente Augusto Leverger.

*
* *

« Mal chegado á capital, recebeu, a 15 de Outubro, do quartel general da marinha uma ordem, que por muitos dias o deixou, sinão perplexo, pelo menos absorto ; seguir para a longinqua provincia de Matto-Grosso, segregada de todos os elementos de progresso, exclusivamente concentrados então na orla do litoral maritimo. Teria ali a incumbencia de constituir e preparar uma esquadrilha de chalupas canhoneiras, destinadas á defeza da fronteira no rio Paraguay.

« Difficil é fazer-se ideia aproximada do sentimento que o dominou ao ter sciencia de tão penoso e singular encargo, que tomava vulto de quasi inexequibilidade pelas innumeras difficuldades de communicação naquella época especialmente, em que, no Brazil, tudo estava por organizar.

« Era, porém, o destino que inopinadamente o empurrava para a região central da America do Sul, a que devêra afeiçoar-se tanto e em que depois viveu tão dilatados annos, entregando por fim a esse estremecido sólo os despojos mortaes.

« Si sentiu-se mal impressionado com a imprevista commissão, que tanto o afastava do seu elemento predilecto, atirando-o para o interior das terras, não oppôz, comtudo, a minima objecção á decisão do governo e foi receber directamente as ordens do então ministro da marinha Miguel de Souza Mello e Alvim, official general da armada.

« Cumpre, porém, ponderar que a ideia daquella providencia tão util a Matto-Grosso provinha do illustre marquez de Aracaty (João Carlos Augusto Œynhausen Grevenburg,) que occupara aquella pasta até 10 de Janeiro de 1828 e fôra o penultimo capitão general e governador da Capitania de Matto-Grosso, de 1803 a 1812, nos tempos coloniaes.

« Nos ultimos dias de 1829 saiu, pois, Augusto Leverger do Rio de Janeiro com destino ao porto de Santos. Uma vez na provincia de S. Paulo, teve que esperar cinco longos mezes na cidade de Porto Feliz, á margem do rio Tieté, antes de reunir os elementos precisos á viagem fluvial, que lhe foi possivel congregar, assim mesmo escassos e ministrados de má vontade pelas autoridades locaes.

« Encetou afinal, depois de muito custo e posto diariamente á prova o seu poder de paciencia, aquella ardua navegação pelos rios, que os antigos Portuguezes faziam com relativa commodidade, porquanto tinham as *monções* bem regularizadas e com pontos certos de farto abastecimento.

« Descer o grande Tieté, embora atravessando zonas immensas completamente desertas, e subir o magestoso Paraná, cujo trecho se deslisa sereno e sem impecilios até á boca do rio Pardo, foi até certo ponto facil ; mas para seguir a montante essa corrente, quantas canseiras e difficuldades ! Para vencel-as, levou Leverger duas semanas até á primeira cachoeira, empregando, em Julho e Agosto de 1830, nada menos de 57 dias afim de transpôr a zona encachoeirada !

« Quanto curioso ver esse homem do mar, acostumado á immensa largueza do Oceano e aos tufões das salsas planuras, entaliscado agora entre as margens de apertadas aguas caudaes subordinando a vontade e os habitos de mando á habilidade e pratica de simples e boçaes canoeiros, experimentados, comtudo, naquellas enfadonhas travessias por sobre borbulhantes bulcões e por entre innumeros cabeços de rocha e parceis, a ameaçarem a cada momento a fragil e sacolejada embarcação !

. . . . . »

« Entrado no Paraguay, subiu por este e mais pelos affluentes S. Lourenço e Cuyabá e, afinal, completas 530 leguas desde Santos e transpostas 114 cachoeiras, no dia 23 do mez de Novembro de 1830 chegou ao seu destino, essa capital de Matto-Grosso, em que veiu a morrer, quasi cincoenta annos depois.

*
* *

« A impressão que de Cuyabá teve Augusto Leverger foi a mais agradavel possivel, muito acima de toda a sua expectação, conforme acontece com todos quantos pela primeira vez ali aportam, por um facto, aliás, de simples relatividade, ainda mais accentuado em tempos idos.

«Depois, com effeito, de longuissimos mezes de viagem por invios lugares, completamente deshabitados, como que se desacostumavam os olhos e o espirito de qualquer nucleo de população, além da anciedade com que afinal se suspirava por alguma quietação e commodidade. D'ahi, a alegria mesclada de surpreza ao alcançar-se grande, si não consideravel agrupamento de casas e gente e bastante bem estar, ainda mais apreciado pela contraposição das passadas fadigas.

«Si ainda hoje que, pelos rios navegados se avistam e se visitam populosos centros, como sejam Assumpção, que já tem verdadeiro aspecto de capital, e, na zona brazileira, Corumbá, cujo progresso é caracteristico, sem falar nas cidades argentinas, si ainda assim, o aspecto geral de Cuyabá nos surprehende, imagine-se o que não havia de ser na época das morosas navegações por agrestes e solitarias paragens, para afinal ir-se tomar descanso num ponto animado,

de costumes risonhos e meigos, sociavel, amigo de distracções e sabendo divertir-se, que para tanto é preciso tambem ter geito e vocação.

« O mesmo, de certo, não se poderá dizer da cidade de Goyaz, outro ponto bem central do Brazil, embora prime ella por solidas qualidades de franqueza e hospitalidade, mas triste e desconsolada.

« Em 1862 dizia de Cuyabá Bartholomeu Bossi :

« Não pode o viajante deixar de ficar agradavelmente surprehendido ao se lhe deparar no coração da America meridional, aos 15° 37' S. de latitude e 58° 23' O. de longitude, uma cidade de doze a quinze mil almas, que, si não é positivamente commoda e carece de não poucas das regalias creadas pela vida civilizada, é pitoresca pela sua elevada situação e bastante consideravel, apezar do afastamento da sua existencia.» Pareceu-lhe a *rua Bella* espaçosa e recta, ornada de edificios, que já podiam ser capitulados de elegantes. As mais vias de transito, com excepção de duas ou tres, estreitas, tortuosas, fazem de Cuyabá um verdadeiro labyrintho. (1)

« Coincidencia curiosa : a primeira rua em que Leverger alugou casa, foi a do *Campo*, que depois da sua morte a Camara Municipal chrismou com o seu nome heraldico.

« Muito o enlevaram, à chegada, as perspectivas que de varios pontos da cidade desfructa o olhar embevecido — a do Rosario, tão melancolica e saudosa, a do actual Seminario, que descortina largos horisontes e sobretudo aquella que do Arsenal de Guerra, então ainda nem siquer projectado, domina a baixada toda, emmoldurada, ao longe, pela serra da Chapada, cuja linha extrema do longo planalto resalta no fundo sempre anilado e puro daquelles limpidos céus.

« Foi das primeiras excursões de Leverger aquella bella planura de Sant'Anna, outr'ora Guimarães, tão graciosa e singelamente descripta por Hercules Florence, onde « o frio é tão forte, que ás vezes chega a matar gente, como na Russia (2) ».

« Que rochas singulares, immensas, ou esparsas ou juntas, similhando restos de collossal cidade « destroços de soberbos monumentos levantados por uma raça de architectos gigantes » : aqui, columnas partidas, ali, arcos de triumpho derruidos ou amphitheatros em ruinas ! . . .

---

(1) *Viage pintoresco* por los rios Paraná, Paraguay, S. Lorenzo, Cuyabá y el Arino, etc., por el C. Bartolomé Bossi, Pariz, 1863.

(2) Vale a pena ler-se toda a descripção. *Revista do Instituto Historico*, tomo XXXVIII, 1.ª parte, de pags. 449 a 469.

«No meio das suas digressões, sempre feitas com um fim util e scientifico, bastou a Leverger pouco tempo de estada em Cuyabá para que se sentisse presa de desanimo pelo bom cumprimento da tarefa de que estava officialmente incumbido. De prompto verificara que, mau grado todo o seu optimismo, de todo faltavam quaesquer elementos para tentar simplesmente iniciar qualquer cousa capaz. E para tanto eram necessarias indeclinaveis despezas, que ultrapassariam muito e muito os fundos marcados para a organização da flotilha, quando estes mal acudiam ao pagamento do restricto pessoal, que lá havia em serviço.

« Dsvéras não valia a pena ter emprehendido tão incommoda viagem e supportado tamanhas contrariedades para encontrar tão formal desengano, esbarrar com impossibilidades de natureza material inarredavel e ficar reduzido a completa inercia, de braços cruzados, sem saber para que lado se voltar e de onde tirar ou si quer esperar recursos.

« E quantas distancias interpostas, que de centenas de leguas até ao centro, donde poderia vir solução, por limitada que fôsse, a tantos tropeços !.

« Tomou tal vulto o caso, que Leverger era o primeiro a declarar a todos esse seu emprego legitima e fastidiosa sinecura, que, por certo, não podia convir ao seu espirito altivo e laborioso. Para lhe contentar os impulsos e não viver em completo ocio, entrou a explorar com minucia varios rios, estudou os archivos publicos, encarregou-se de trabalhos officiaes estranhos á sua commissão e especialidade e abriu até uma aula gratuita de mathematicas elementares, frequentada por uns 15 a 20 alumnos — uma das primeiras bôas recordações de Cuyabá.»

. . . . . .

Nesta terra que tanto amou e onde constituio familia, ganhando pelos seus serviços e trabalhos scientificos grande e justa nomeada falleceu o Barão de Melgaço, aos 14 de Janeiro de 1880, nesta cidade de Cuyabá, na avançada idade de 78 annos.

Matto-Grosso muito lhe deve.

Ninguem melhor do que elle, conhecia o curso dos seus rios caudalosos, as quedas de suas cataratas, a altura de suas montanhas e a extensão de suas planicies ; ninguem melhor do que elle, conhecia as suas riquezas naturaes, a constellação de suas estrellas e a variedade de seus climas.

Nascido na Bretanha, no meio de uma natureza sáfara e rude, salpicada de rochedos nùs açoitados constantemente pelos ventos fórtes do oceano, elle se apaixonou, desde logo, pelas bellezas do nosso formoso Brazil, dedicando-lhe o mais carinhoso amor, comprovado com o sacrificio da propria vida nos transes mais difficeis da formação, da nossa nacionalidade.

Servidor da nossa patria, e especialmente deste Estado, o grande marinheiro e intelligente administrador, tanto na guerra como na paz, escreveu paginas brilhantes da nossa historia com a sua coragem, prudencia e dedicação á causa do Brazil.

Matto-Grosso muito lhe deve.

Na verdade, quando suas fronteiras forão em 1865 invadidas pelos paraguayos, taládos seus campos e propriedades, tomadas suas praças de guerra, cidades e villas, o velho Leverger, alquebrado pelos annos, synthetisando os brios da nossa terra, reunio os elementos de resistencia que encontrou e no Melgaço « serviu de antemural á esta cidade de Cuyabá, ameaçada pelo inimigo victoriozo.»

Alli sim, naquelle posto avançado, Augusto Leverger é illuminado pelos clarões da immortalidade, immortalidade conquistada pelo seu valor no desaggravo dos nossos brios e da honra do Brazil !

Alli sim, Augusto Leverger fez jus á essa romaria de amor e de reconhecimento, que estamos presenciando no dia de hoje.

Cuyabá, 14 de Janeiro de 1905.

Moraes e Mattos

Sunt hic sua præmia laudi.

Virgilio.

NA Historia patria, ligado principalmente aos destinos do futuroso Estado de Matto-Grosso, destaca-se o nome de um cidadão illustre, cuja memoria representa a glorificação da Sciencia e da Virtude.

Tão querido é o nome desse patriota e inesqueciveis os exemplos que implantou no coração d'este Estado, ao qual intensamente amou e enalteceu, tão expontaneos os conceitos que a imparcialidade e a justiça lhe tributam e significativas as flores com que a gratidão popular perfumou-lhe o tumulo, tão modestas quanto sinceras as demonstrações de affecto e respeito dos seus contemporaneos e dos que lhe bemdizem a memoria, que torna-se dispensavel relatar os feitos, gloriosos sempre, que o sagraram benemerito.

Quando a consciencia nacional, lacerada por inextinguivel saudade, contempla os seus heróes, — os que a beneficiaram, com extremo carinho e verdadeira abnegação, já no commando de phalanges valorosas, propugnando o restabelecimento da paz, ou reivindicando direitos violados, já na suprema direcção dos negocios publicos, fortalecendo o progresso moral, intellectual e material da patria, — sente-se presa da consternação solemne e augusta dos grandes infortunios, e então julga cumprir o seu dever, apontando unicamente á posteridade, o nome, querido e aureolado, d'aquelle que muito a nobiliton.

Em verdade, é quanto basta para que, de momento, um passado rebrilhe, inteiramente recomposto, ou um notavel extincto resurja no coração do povo, para ser admirado tal qual exactamente vivêra.

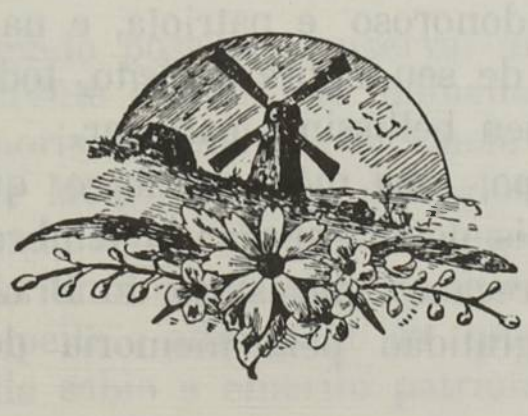
A simples indicação do nome do patriota suppre plenamente o mais inspirado panegyrico que o pensamento podesse construir . . .

Eis porque limito-me nestas ligeiras linhas, que vão ser publicadas n' «*O Archivo*», em homenagem a um dos vultos mais proeminentes da nossa Historia, a relembrar, com profundo respeito, o seu nome, que não sómente é uma gloria para Matto-Grosso, mas tambem para o Brazil.

Admiro e venero a memoria desse patriota, como todo o brazileiro que se ufana com os feitos d'aquelles que engrandeceram esta patria adorada e que, no derradeiro momento da vida terrena, puderam ouvir o cantico ineffavel, penetrante e vivaz da alma popular, agradecida e desolada, cantico precursor da immortalidade e da gloria. E' na galeria destes predestinados, onde a virtude tem a sua recompensa, na phrase do poeta mantuano, que se acha inscripto o nome do benemerito Augusto Leverger, depois Barão de Melgaço !

Que viva, sempre immaculada, a sua veneranda memoria !

Terencio Velloso



AUGUSTO LEVERGER

ESTE nome vibra entre o povo matto-grossense como o de um dos estrangeiros que mais soube amar e honrar a patria adoptiva.

Sem contestação alguma, Augusto Leverger é um dos vultos mais salientes da historia contemporanea de Matto-Grosso, um dos luctadores incansaveis da terra querida á que elle dedicou, na guerra — toda a coragem e bravura de um militar pundonoroso e patriota, e na paz — todo o vigor de seu nobre espirito, toda a superioridade de seu bellissimo caracter.

O tempo, essa mão de ferro que tudo esmaga, jamais poderá apagar da lembrança dos filhos deste recanto magestoso do Brazil, o sentimento da gratidão pela memoria do Barão de Melgaço.

Neste dia em que um concerto unisono dos mais elevados sentimentos se levanta nos corações matto-grossenses para render homenagem á memoria

de tão benemerito varão, vimos tambem, embora pobre e acanhadamente, concorrer com a offerenda modesta do nosso tributo, do nosso devotamento, julgando que Augusto Leverger é a individualidade que nos parece em maior evidencia para a iniciação, entre nós, do culto civico que a evolução social impõe a todos os povos civilisados.

Augusto Leverger — Barão de Melgaço — não morreu : na realidade, embora seu corpo tenha descido ao Nada, sua memoria vive palpitante, admirada e grata na alma do povo que elle tanto defendeu e amou.

Freitas Cabral.

BARÃO DE MELGAÇO

NÃO sendo possivel conservar-me hoje indifferente diante das homenagens prestadas á memoria do inolvidavel Chefe de Esquadra Barão de Melgaço, uma das glorias da Armada Nacional, venho reverente depositar sobre o seu tumulo uma corôa que synthetize o mais profundo respeito e admiração ás qualidades civicas daquelle sabio e emerito patriota.

14 — 1 — 905.

Maurino Gonçalves Martins

1.º Tenente da Armada

AUGUSTO LEVERGER

PRESTAR homenagem á memoria dos que deixaram do seu saber e do seu trabalho fulgurantes vestigios, é um dever commum, é obrigação de todos os povos a quem não seja desconhecida a luz benefica da civilisação.

Consiste nesse preito a recompensa de grandes sacrificios, de estoicas abnegações, de lutas incessantes, cujo objectivo é o bem da humanidade.

O sabio, o patriota, o doutrinario — são entes predestinados que trazem a missão de concorrer para o progresso humano, esclarecendo um ponto, firmando um direito, ou lançando os germens de uma idéa !

Quasi sempre são mal comprehendidos pelos seus contemporaneos, o que, entretanto, não lhes importa, porque o ideal que os preoccupa não lhes permitte sentir a lamina da injustiça.

A posteridade é o tribunal competente para realisar taes julgamentos.

Annos depois, decorrido um periodo capaz de produzir o esquecimento, — começa a verdadeira sagração do merito d'aquelle que fez jús a esse preito, pelo bem que derramou, pela luz que fez irradiar, pelo impulso que imprimiu ao progresso do mundo.

Então, desperta em nós a intuição carinhosa de um dever, falla em nossos corações o vivificante desejo de ajoelhar ante o tumulo do homem que se tornou benemerito ; e o que é notavel,

— sentimo-nos tambem elevados com isso. Parece que esse acto avigora e deleita a nossa alma, que a sua pratica colloca-nos na feliz situação de quem resgata uma divida de honra, de quem satisfaz um compromisso de subida importancia!

E em verdade, d'entre as nossas obrigações, nenhuma avulta mais, nenhuma se impõe com mais precisão, que a que nos impelle affectuosamente a amar e reverenciar a memoria dos que nos precederam e legaram um attestado dos seus esforços em prol das outras gerações.

Augusto Leverger, Barão de Melgaço, o homem simples e sabio ao mesmo tempo, que tão assignalados serviços prestou ao Brazil, especialmente a Matto-Grosso, immortalisou o seu nome pelo muito que fez no campo do trabalho e da sciencia e pelo exemplo fecundo que deixou de virtudes e bondade.

Hoje, que se commemora o 25.º anniversario do seu passamento, seja-me permittido associar ás justas demonstrações de respeito e amor que *O Archivo* rende á sua sacrosanta memoria, as manifestações da minha profunda veneração.

Cuyabá, 14 de Janeiro de 1905.

Avelino de Siqueira

OBSERVAÇÕES

sobre a Carta Geral do Imperio, relativas á

PROVINCIA DE MATTO-GROSSO

PELO

Barão de Melgaço

O governo imperial exigio de mim estas observações. Escrevo-as com grande acanhamento, não me dissimulando quanto são deficientes, mórmente a respeito do relevo do solo. Pouco é que tenho visto do territorio da provincia, em relação á sua immensa extensão ; e pouco confio nos conhecimentos que ministram relações de viagens e informações verbaes, pela maior parte, confusas e incompletas e, não raro, contradictorias entre si.

A idéa geral que faço da provincia é de um vasto *plateau*, cuja maior altitude não excede de mil metros, dividido naturalmente em duas grandes regiões : a das aguas que vão ter ao Amazonas e a das que correm para o Prata.

A primeira abrange : a léste e nordeste, o lado occidental do valle do Araguaya, tributario do Tocantins ; a norte, as bacias do Xingú e do Tapajoz ; a noroeste as vertentes orientaes do Madeira e Guaporé.

A outra região comprehende : a oeste e sudoeste, a bacia superior do Paraguay ; e, a sueste, as vertentes occidentaes do Paraná. Na bacia do Paraguay existe, por bem dizer, a totalidade da população civilisada. E' d'esta bacia que vou tratar quasi exclusivamente ; porquanto não tenho viajado o norte do parallelo de 14°, e não tenho transitado de léste a oéste, pelo plateau central, senão pelo caminho de Goyaz a Cuyabá, entre os parallelos de 15° e 16°, e, pela navegação fluvial, desde a foz do Rio Pardo, no Paraná, até a do Taquary, no Paraguay, entre 19° e 22° de latitude.

A inspecção da carta confirma meu juizo ácerca da divisão das aguas. Porém noto que as linhas culminantes, que separam as supramencionadas regiões e suas subdivisões, parecem representar cristas de alcantiladas cordilheiras, com igual pendor para um e outro lado , o que, em geral, não é exacto.

Em muitas partes as ditas linhas serpeiam por chapadões quasi planos ou levemente ondulados, onde não é raro ver-se depressões com lagoas ou brejos, que vertem em oppostas direcções. A's vezes aproximam-se até confundirem-se com a borda do *plateau* ; tendo, de um lado, escarpa mais ou menos abrupta, e do outro, terreno de suave declividade.

Nas immediações do parallelo de 18° e do meridiano 8°, estão as origens do Taquary, do Cayapó grande e do Sucuriú, affluentes do Paraguay, do Araguaya e do Paraná.

Alli tambem vae ter a serra que os cartographos appellidam *Sellada de Santa Martha ou das Divisões*, nomes pouco conhecidos na provincia. Tomarei este como ponto de partida, para descrever os principaes traços da linha divisoria das aguas do sul e do norte.

Segue esta linha por espaço de 40 a 50 leguas, o rumo geral de nornoroeste ; deixando á esquerda as cabeceiras dos affluentes do S. Lourenço, e á direita as do Cayapó grande, do Barreiro e do Rio das Mortes, todos tres tributarios do Araguaya.

Na referida distancia, na chamada *Serra d'Agua Branca*, atravessa uma varzea humida, a qual, sem que se perceba a differença de nivel, verte para a região do norte e para a do sul.

Continúa o divisor das aguas para oeste até a mais septentrional fonte do Rio S. Lourenço, chamado dos *Porrudos*, nome que outr'ora conservava até entrar no Paraguay.

E' este outro logar onde, em restricto espaço, veem-se as aguas, correr em differentes direcções sem que se interponham cordilheiras.

Com effeito medêa pouco mais de legua, se tanto, entre a cabeceira dos *Porrudos* e a beira do *Rio Manso*, principal origem do das Mortes, cujas cabeceiras demoram, a sudoeste, em distancia de quatro ou cinco leguas muito proximas da do ribeirão *Aricá Mirim* que vae desaguar no Cuyabá, um pouco abaixo da freguezia de Sant'Antonio.

Passa a linha divisoria entre o *Rio Manso* e o *Aricá* ; d'ahi, voltando abruptamente a norte e até entrando no quadrante de nordeste, vai circumdar as fontes de outro Rio Manso, que afflue no rio Cuyabá, 20 leguas ao norte da cidade do mesmo nome.

Nesse trajecto passa a linha divisoria pelas cabeceiras do *Rio da Casca*, grande affluente meridional do ultimo citado Rio Manso.

Adiante segue a mesma linha no quadrante de noroeste, deixando a direita as aguas que vão para o Paranatinga, e, do outro lado, rodeando as diversas cabeceiras do Cuyabá, algumas das quaes entrelaçam-se com as do Arinos até perto da villa do Diamantino.

Nesta parte do *plateau* tambem veem-se nascer e correr, em brevissima distancia, ribeiros que afinal tomão direcções diametralmente oppostas.

Castelnau cita entre outros o ribeirão do *Estivado*, affluente do Arinos, que dista apenas 50 braças de uma cabeceira do ribeirão *Tombador* que vae ter ao Cuyabá.

Continúa a linha divisoria pelo quadrante de noroeste entre as vertentes do Paraguay de um lado e do outro as do Arinos e, depois, do Sumidouro, e passa entre as cabeceiras deste e as do Sepotuba.

Em seguida, virando no quadrante de sudoeste, contorna entre as vertentes do mesmo Sepotuba e do Juruena até chegar as cabeceiras do Jaurú e do Guaporé ; acompanha o rumo de sul os cantos alli parallelos destes dous rios e, inclinando um pouco a sudoeste, passa entre os rios Aguapehy e Alegre que nascem contiguos na serra de Aguapehy.

Deste cume desce a linha divisoria quasi verticalmente e, por campos alagadiços em distancia de quatro ou cinco leguas a sueste, vai ter ao monte de *Boa-Vista* na fronteira boliviana.

Esta direcção do divisor das aguas do norte e sul muito pouco differe da que mostra a carta geral.

Julguei, comtudo, dever indical-a, como a imagino, antes de descrever as escarpas do grande *plateau* central, o que vou fazer agora.

As ditas escarpas são chamadas geralmente *serras*, se bem que com pouca propriedade, sendo de um lado o declive suave e do outro mais ou menos abrupto.

A sua nomenclatura é infinda, pois mudam de nome com as localidades e as vezes tem a mesma paragem diversos nomes.

Para simplificar e melhor poder explicar-me tomo o arbitrio de denominal-as serra dos *Parecis, do Paraguay, do Cuyabá, do S. Lourenço,* devendo sempre entender-se que taes serras são arestas do *plateau* que borda as bacias dos respectivos rios.

A cerca da Serra dos Parecis, que forma o lado oriental da bacia do Guaporé, nada sei com certeza além do que consta principalmente dos trabalhos dos engenheiros e astronomos que vieram para a demarcação de limites em 1872 ; trabalhos que consultou a commissão da Carta Geral.

Entendendo que a Serra do Paraguay começa nas cachoeiras do Jaurú. Ella corta as cabeceiras do Sepotuba ; dando-se-lhe alli, e ainda mais a léste o nome de Serra de Tapirapuan, acompanha, na distancia de 8 ou 10 leguas, a margem direita do Paraguay do qual vae-se aproximando, de modo que na altura da villa do Diamantino só dista uma legua desta, e tres ou quatro do rio. Alli confunde-se com o divisor das aguas.

Entre o Paraguay e o Cuyabá mette-se um contraforte do *plateau* que comprehende o morro de Tombador, o das Sete Lagôas e a Serra das Aráras.

Termina-se por um terreno não muito montuoso mais firme e accidentado que se estende até o sul do parallelo de 15.°

Ha tambem, em pequena distancia da margem esquerda do Paraguay, uma corda de montes que finda á beira do rio, no morro Escalvado, pela latitude de 17° 42'.

Ao *plateau* onde nascem os rios Cuyabá e Arinos, supponho que vem prender-se a Serra-Azul que divide as aguas desses rios, das do Paranatinga. Dalli para Norte e Leste, torno a dizer, nada sei senão vaga e confusamente.

Cousa de tres ou quatro leguas abaixo da foz do Rio Manso começa a apparecer a Serra do Cuyabá que dista do rio de quatro ou cinco leguas. Da cidade ao sobpé da Serra a seis leguas a nordeste e oito a dez leguas a leste. Aqui destaca-se um espigão que separa as aguas do Cuyabá das do S. Lourenço.

A Serra do S. Lourenço começa na cabeceira dos Porrudos e acompanha a Leste, em mui pequena distancia, o divisor geral até o lugar da Agua-Branca de que acima fallei. Dalli segue a mesma serra (que a carta chama do Cayapò) a sul, fazendo sinuosidades que não posso descrever por falta de dados. Sò sei que um contraforte, ou galho della vem abeirar o rio Correntes perto da sua confluencia com o Pequeri.

Nunca andei por essas paragens e as informações que tenho são muito incertas para que as anteponha às que indica a Carta.

O mais que me occorre ácerca da orographia acha-se adiante em observações especiaes.

Nas partes que conheço desta provincia são poucos e pouco importantes os sulcos torrenciaes que ficam completamente em secco fóra da estação das chuvas. Ha, porém, grande numero de canaes ou valles pelos quaes escoam-se as aguas de lagôas, brejos ou campos baixos para o rio visinho. Estão geralmente estagnadas ; mas as vezes têm corrente sensivel, ora em uma direcção, ora em outra opposta,

segundo foram mais abundantes as chuvas nas paragens donde manão, ou nas cabeceiras dos rios em que affluem.

Aqui, ninguem, senão muito excepcionalmente, dá a esses escoadouros o nome de rio, mas sim de *Corixos*, *Corixas* ou *Bahias*. Ha tambem verdadeiros rios, com fonte perenne, que em parte do seu curso, conservam corrente pronunciada e alguns palmos de fundo e depois somem-se como por infiltração e mais adiante tornam a manifestar-se, ficando o espaço intermedio, as vezes de leguas, sem sequer dar signal de humidade. Não raro reproduzem-se essas desapparições e reapparições até espalharem-se as aguas sem terem foz em rio algum.

Taes são o *Sangrador grande e pequeno* e o ribeirão das *Flexas*, no caminho de Cuyabá para S. Luiz de Caceres.

Outro exemplo muito notavel é o de *Corixo grande*, na fronteira do Imperio com a Bolivia. Brota pittorescamente de uma fenda em um morro e acaba espalhando-se pelo tremedal ao norte da lagôa Uberaba.

Em cada uma das quatro folhas de que se compõe a carta geral veem-se porções da provincia de Matto-Grosso. No exame que fiz d'ellas, designei, por uma lettra do alphabeto, os quadrilateros que contêm pontos que fixaram a minha attenção e aos quaes se referem as seguintes observações.

Para intelligencia de algumas serião precisas cartas parciaes que não posso organisar porque não sei desenhar.

Entretanto, esbocei, como pude, em escala dupla da da carta, os diagrammas juntos que me pareceram indispensaveis. Não procurei adaptal-os exactamente a mesma carta porque fora, para mim, trabalho difficil, e parece-me escusado, pois o meu fim é tão sòmente dar idéa geral menos incorrecta dos lugares representados.

1.ª Folha.— Quadrante de NO. A.— Latitude 10° á 11°.— Longitude 21° á 22°.

Conviria escrever a palavra — C. do *Ribeirão*, na margem oriental do Madeira, em lugar da palavra *Salto* junto ao mesmo ribeirão.

B.— Lat. 12° á 13°— Long. 21° á 22.°

Não sei que existia a povoação de *S. José* perto da fóz de Itonamas no Guaporé ; mas sendo em territorio boliviano, é ponto sobre que não insisto.

C.— Lat. 12° á 13° — Long.— 19° á 20°

Na margem direita do Guaporé, pela latitude 12° 52' 30", em terreno inaccessivel á inundação periodica, existe o *destacamento das Pedras*. Foi o primeiro posto militar que, sobre o Guaporé, mandou fundar o 1.° governador D. Antonio Rolim de Moura ; e desde então esteve quasi sempre guarnecido. Se bem que tenha sido, uma ou outra vez abandonado e que, presentemente alli existam poucas praças, parece-me que merece ser indicado na carta. Foi posteriormente a sua fundação denominado *Palmella*; mas prevaleceu, como devia prevalecer, o nome de *destacamento das Pedras*.

D.— Lat. 14° á 15° — Long. 16° á 17.°

Dos antigos arraiaes de Matto-Grosso só subsiste o de S. Vicente. O do *Ouro Fino* está extincto, como todos os outros, e conviria supprimil-o.

E.— Lat. 7° á 8° — Long. 14° á 15.°

Muitos dão tambem ao *R. de S. Manoel* o nome de *R. das Tres Barras.*

F.— Lat. 8° á 9°— Long. 15° á 16.°

Designando a carta todas as cachoeiras do Madeira, parece que devera tambem designar as muitas e importantes que existem no Juruena ou Tapajoz, da foz do Rio de S. João da Barra para baixo. Entretanto apenas menciona o *Salto Augusto.*

G.— Lat. de 14° á 15° — Long. 11° á 12.°

Pouso-Alegre não é *povoação.* E' lugar assim chamado pela satisfação que experimentão os que navegam aguas acima, por verem-se livres dos principaes trabalhos e perigos da navegação.

H.— Lat. de 13° á 14°— Long. 13° á 14°

Ha mais de um seculo que deixou de existir o *Arraial de Santa Izabel.*

I.— Lat. 14° á 15° — Long. 13° á 14.°

O *R. de S. Francisco de Paula* desagua no Paraguay com o nome de seu confluente oriental *R. de Santa Anna.*

Pelo modo porque está escripta a palavra *R. Diamantino* parece que se applica ao Paraguay ; sendo que o *R. Diamantino* é um pequeno rio que conflue com o ribeirão do *Ouro* junto da villa do mesmo nome.

As fontes do Paraguay não são bem indicadas.

V. o esboço 1.°

J.— Lat. 14° á 15° — Long. 12° á 13°

A uma cabeceira oriental do *Arinos* dá a carta o nome de *R. Negro* que é presentemente desconhecido O que se chama *R. Preto* é um pequeno rio que nascendo ao NO. da villa Diamantino vae confluir com o Arinos perto do *Porto Velho.*

V. o esboço 1.°

K.— Lat. 14° á 15° — Long. 11° á 12.°

As cabeceiras do R. Manso e do Paranatinga estão mais ao sul, perto do parallelo de 15.°

V. o esboço 1.°

Nada posso dizer com precisão ácerca das extremidades e da configuração da *Serra Azul.* Sei, porém, que separa as vertentes do Cuyabá das do Paranatinga, e, portanto existe ao norte e não ao sul do R. Manso (affluente do Cuyabá). Assim é de suppôr que a sua direcção longitudinal seja de SE. e NO. e não de SO. a NE.

L. — Lat. 11° á 14° — Long. 11° á 13.°

Nenhum motivo tenho para negar a existencia dos rios *Bacairis, Trahiras, Barubó, dos Paos e Trubario,* que vêm em todas as cartas que conheço. Sómente direi que estes nomes são hoje desconhecidos e não sei que tenhão sido substituidos.

2.ª Folha.— Quadrante de SO.

A.— Lat. 15° á 16° — Long. 15° á 16.°

O arraial de *Santa Barbara* nunca teve maior importancia e, de ha muito, está extincto.

B.— Lat. 16° á 17° — Long. 15° á 16°

Em *Pederneiras, Almeida, Onça, Lagem, Corixa,* não ha povoações. Na *Corixa* existe um destacamento de 15 praças e outro de 4 praças nas *Onças.* Os pequenos destacamentos das *Pederneiras e Lagem,* foram supprimidos. As Salinas do Almeida estão ha muito inhabitadas por gente nossa. Nenhum desses pontos me parece ter

sufficiente importancia para figurar em uma carta geral do Imperio, com excepção talvez da *Corixa* e das *Salinas do Almeida*, pelo tal ou qual interesse historico que se liga a taes pontos.

C.— Lat. 16· á 17· — Long. 14· á 15.·

Não concebo porque se figurou *excepcionalmente* um banhado n'este quadrilatero, ficando em branco outros logares da mesma natureza, não só no pantanal de Poconé ao sul do parallelo 17° ; como em todos os terrenos baixos que fazem o fundo da immensa bacia do Paraguay, Cuyabá, S. Lourenço, Taquary e Miranda ; os quaes consistem em vastos pantanos onde se encontram algumas lombas mais ou menos extensas de terreno firme, muitos corixos e um outro morrinho isolado.

D.— Lat. 17· à 18· — Long. 14· à 15.·

Os dous pequenos braços que sahem da margem esquerda do Paraguay e que, depois de espalharem-se por uma larga bocca, é constituem o que chamam bahia do Caracará.

E.— Lat. 18· à 19· — Long. 14· a 15.°

A bahia de *Caceres* é mais conhecida pelo nome de *Tamengos*.

O nome de *Ilha do Paraizo*, supposto que se encontra em antigos escriptos, principalmente hespanhóes, é hoje desusado. Designa-se a ilha pelo nome de *Paraguay-mirim* que a limita a Léste.

F.— Lat. 19· á 20· — Long. 14· á 15.·

Cuido que a Bahia Negra origina-se um pouco mais ao norte. Os trabalhos da commissão demarcadora de limites podem ministrar dados certos a tal respeito.

G.— Lat. 20· á 21· — Long. 14· á 15.·

C. R. *Momboy* figura em muitas cartas ; mas não tenho idéa da sua opinião e duvido muito da sua existencia, não tendo jamais ouvido mencionar pelos praticos da navegação do Paraguay.

O Passo *de Paiumã* não existe neste quadrilatero, mas sim abaixo do Fecho dos Morros pela latitude de 21· 35'.

Os indios que habitam essas paragens não são *Guands*, mas sim *Cadiuéos* tribu dos *Uaycurùs* que os Paraguayos chamam Albayás. Naveguei pelo *Rio Branco* acima algumas milhas e vi que acabava em uma barrancosa e estreita sanga de agua estagnada e tão pouca que não admittia a navegação da mais pequena embarcação. Ambas as margens são vestidas de vegetação propria do campo. Entretanto alguns viajantes, e em particular indios Cadiuéos, têm-me assegurado que ha por ahi um Rio Branco que corre no matto, onde, em tempo de aguas, vão fazer as suas canôas. Nunca tive a opportunidade de verificar o que se dá a tal respeito. Póde-se presumir que seja um desses rios, por assim dizer, intermitentes de que acima fallei.

H.— Lat. 21· à 22· — Long. 14· á 15·

Não tenho idéa do *Rio Terery*. Diz o coronel Ricardo Franco de Almeida que os antigos assim appellidavam o rio do *Paula*, hoje chamado de *Nabileque* que, como mostra a carta, desagua acima do Olympo. Antigos roteiros, e entre elles a relação da viagem dos demarcadores de limites 1754, mencionam o *Rio Tepoti* no lugar que figura a carta. Entretanto alli entrei em uma bahia um tanto extensa e não pude perceber que nella vasasse curso algum de agua perenne. E praticos paraguayos que por muitos annos fizeram a navegação mensal da villa

da Conceição para o forte de Olympo affirmaram-me, que não sabiam da existencia de tal rio. E' de suppor que a sua foz se tenha obstruido.

I. J.— Lat. 20° á 22° — Long. 13° á 14.°

Abeirei o rio *Landijá* sómente em dous de seus pontos, mas é bastante para convencer-me de que não é exacta a direcção que lhe dá a carta. Nasce nos terrenos altos que medeiam entre os rios de Miranda e o Paraguay e, correndo no quadrante de SE. vae confluir com o rio *Formozo*. O Sr. Elliot até dá a este ultimo o nome de Landijá.

A cordilheira que vai de SSE. a NNE. estende-se até o parallelo de 20°

Ha na sua extremidade um pequeno grupo de morros chamado *Nabodoquena*.

Ter-se-ha, sem duvida, obstruido a boca do rio Zezere assim denominado pelo primeiro explorador em 1776. Nenhum signal deixou na margem esquerda do rio de Miranda.

K. L. M.— Lat. 20° á 22° — Long. 11° á 13.°

Estão figurados e escriptos do mesmo modo *Guaxupé, Arêas, Rapadura, Coqueiro, Jardim, Nioac, Olaria, Agua-fria Santa, Rosa, Boa-Vista e Esteios*. De todos esses lugares só *Nioac* é povoação.

Os outros são simples sitios ou estabelecimentos ruraes que, ao meu vêr, podem achar lugar em uma carta topographica de districto, mas não em uma carta geral do Imperio. Tanto menos quanto fôram omittidos outros estabelecimentos de igual ou maior importancia não só nesta como em outras partes da provincia.

Creio que ainda não está restaurada a *Colonia de Miranda* destruida na invasão dos paraguayos.

N.— Lat. 19° á 20° — Long. 13° á 14.°

Os pequenos rios *Capivary* e *Vermelho* parecem-me escoantes do grande pantanal que se estende até o rio Paraguay e em que vem perder-se o *Rio Negro*.

O morro de *Azeite* é um monticulo notavel por ser isolado no meio do pantanal, mas que me parece não merecer lugar em uma carta geral.

O.— O.,— Lat. 18° á 20° — Long. 11° á 12.°

A carta menciona as seguintes cachoeiras do *Coxim, da Ilha, Giquitaia, Jaurú, Alvaro, Furnas*, e omitte outras de maior importancia como sejam *Avanhandava-assú, Avanhandava-mirim* que se passam com canôas vasias. Póde-se vêr a este respeito o Diario do Dr. Lacerda.

Sobre cachoeiras em geral, veja-se o que digo adiante tratando das do Rio Pardo (K. L. M. 3.ª Folha).

A carta indica sobre a margem direita do Taquary, um pouco abaixo da foz do *Coxim* a povoação do *Coxim*.

E' na verdade o nome que até agora geralmente se lhe dá. Entretanto foi fundada em 1862 com o nome *Nucleo colonial do Taquary*, e posteriormente erigido em freguezia de *S. José de Herculanea*.

Supposto que a antiga freguezia e povoação de *Camapuan* esteja abandonada, parece-me que merece ser mencionada em razão do interesse estrategico e historico que se liga áquelle lugar.

P.— P'.— Lat. 15° á 17° — Long. 13° á 14.°

E' certo que algumas pessoas conservam ao Rio *Piquiry* este nome até confluir com o S. Lourenço. Outras, porém, julgo que com mais

razão consideram-no como affluente do *Correntes*, este do *Itiquira* e o *Itiquira do S. Lourenço.*

Q.— Lat. 17· á 18· — Long. 13· á 14·

Pela lat. de 17· 26' desagua no S. Lourenço o chamado *Rio Negro*, grande escoante que vem de Lesnordeste e tem, na foz, corrente permanente, porque é engrossado por um bracinho que se destaca do mesmo S. Lourenço poucas milhas acima.

R.— Lat. 16· á 17· — Long. 13· á 14.·

A bahia vulgar do Rio de Janeiro é como uma espansão do Rio *Bento Gomes* em que vêm incorporados os numerosos ribeiros cujas cabeceiras estão na altura da freguezia do Livramento. Estas aguas vão espalhar-se pelo pantanal de Poconé e não vertem para o Cuyabá como outr'ora se supunha. E' verdade que na foz que indica a carta, existe no Cuyabá, uma bahia tambem chamada do *Bento Gomes*; mas esta estende-se, quando muito, meia legua da beira do rio.

Os *Guachús* estão mal collocados e trocadas as suas posições. Ambos são escoantes. O grande tem larga foz pela latitude de 14· e 46', mas pouco se estende além da beira do Cuyabá.

O pequeno mais abaixo, tem a sua estreita boca por 17· 53', em de mais longe, dando sahida ás aguas dos pantanaes de norte a n -deste.

S.— Lat. 15· á 16· — Long. 12· á 13.·

A carta colloca a cidade de Cuyabá no parallelo de 15· 32'; todas as observações de que tenho conhecimento concordam em darlhe a latitude de 15· e 36'.

Faltam na margem esquerda do Rio Cuyabá a freguezia *da Guia*, na confluencia do *Coxipó-Assú*, na latitude de 15· - 12' e *Brotas* fundadas esta em 1833 e aquella em 1850.

O rio Coxipó-mirim que afflue no Cuyabá pouco abaixo da cidade tem a sua fonte no planalto da *Chapada*. No mesmo planalto falta a freguezia, muito antiga, de *Sant'Anna da Chapada*, 8 leguas a lesnordeste da cidade.

A freguezia de *Santo Antonio* na margem esquerda do rio Cuyabá, está um pouco mais ao norte, pela latitude de 15· - 52'.

Os ribeirões *Aricá-assú e Aricá-mirim* representam-se como unidos antes de affluirem no Cuyabá. E' inexacto ; o primeiro tem sua foz pela latitude de 15· 58' e o outro pela de 16.·

O contraforte que separa as vertentes do Cuyabá das do S. Lourenço estende-se mais ao sueste.

A paragem indicada como morada dos *indios Cayapós*, é a dos *Coroados*, tribu dos antigos Bororós.

E' certo comtudo que muitas pessoas attribuem aos cayapós as correrias quasi incessantes que fazem os indios até no districto da cidade.

Neste quadrilatero não existe a extremidade da *Serra Azul*, como já disse na nota K, da primeira Folha.

A escarpa que parece findar entre as lettras B e A da palavra « Cuyabá », continúa ao noroeste quasi parallelamente ao rio Cuyabá até ir desapparecendo um pouco antes de chegar ao *Rio Manso.*

O rio Cuyabá tem muitas cachoeiras sendo a principal o *Salto* pouco acima da foz do rio Manso.

Tem dous degráus e apenas uma braça de differença de nivel. Sobre cachoeira em geral veja-se o que digo na nota K. L. M. da 3.ª Folha.

Sobre os diversos pontos d'esta nota S., refiro-me ao esboço 1.º

T. V.— Lat. 15° á 17° -- Long. 11° á 13.°

O Melgaço é um simples sitio hoje abandonado e arruinada a pequena capella alli existente. Só tem de notavel a sua situação sobre uma pequena collina, além da qual as margens do Cuyabá e S. Lourenço até o Paraguay, ficam alagadas nas maximas enchentes. O S. Lourenço conserva este nome até da foz do Rio Parnahyba que não desagua no *rio Agua branca*, mas sim no mesmo S. Lourenço ao qual d'alli até as cabeceiras dão alguns o antigo nome de *Porrudos*. O *Roncador* é affluente de pouca importancia, igual ou somenos a outros cujo nome não vem escripto.

3.ª Folha.— Quadrante de SE.

Para tornar intelligivel o que me occorre dizer ácerca d'essa folha, julguei necessario o Esboço II que principalmente mostra o caminho de Cuyabá á Goyaz, desde os *Macacos* até o porto do rio Grande ou Araguaya, entre a foz do *Rio das Almas e do Cayapó-pequeno*. Por este caminho tenho transitado por vezes, não porém pelo desvio praticado por carros, que foi aberto em 1868 — 1869 e que tracei segundo informações muito vagas. Este desvio tem por extremidades o ribeirão da cachoeirinha seis milhas a léste do *Paredão* e do lugar da Insua 20 minhas a oéste do Rio Grande.

A.— Lat. 15° á 16° — Long. 10° á 11.°

O ribeirão do *Paredão* corre quasi parallelamente e em pequena distancia do caminho, até juntar-se com o da *Lagem*, que dirigindo-se ao norte, vai entrar no *Rio das Mortes* á 4 ou 5 leguas, dizem, de distancia.

B.— Lat. 15° á 16° — Long. 9° a 10.°

O ribeiro dos *Motuns* é muito pequeno para merecer menção. Com mais razão figurar-se-hia o *Jatubá* que, cortando o caminho um pouco mais ao oéste, segue depois acompanhando-o, recebendo o mesmo *Motuns* e outros corregos até á altura das *Antinhas* onde toma a direcção norte.

C.— Lat. 15° á 16° — Long. 8° á 9.°

A carta não representa o rio do *Passa-Vinte*, o mais importante dos cursos de agua que cortavam o caminho e o difficultavam no tempo das chuvas. Digo *cortavam*, porque o novo caminho passa abaixo da confluencia do *Passa-Vinte* com o *Barreiros*, atravessando em duas pontes este ultimo rio, que tangenciava o outro caminho.

D.— Lat. 16° á 17° — 8° á 9.°

O rio *Cotovello* da carta é evidentemente o *Barreiros* que confluindo com o *Cayapó-grande* fórma o *Araguaya*.

Deram-lhe alguns o nome de *Cotovello*, creio que por causa do notavel angulo que fazem tanto o rio como o antigo caminho no logar em que este abeirava aquelle.

Meia legua abaixo da ponte que se construiu na passagem actual, entra na margem direita do Barreiros um rio que não lhe é somenos em cabedal de aguas e que os descobridores de 1871 chamarão *doParedão*, mas que o Sr. Dr. Couto de Magalhães, julga ser o *rio das Garças,* mencionado em antigas tradições como contravertente do *Itiquira.*

E. F.— Lat. 16° á 17° — Long. 9° á 11°.

Não tenho motivo para affirmar ou negar a existencia do *rio do Taquaral* que se vê em muitas cartas. Só digo que este nome é hoje desconhecido e muito duvido que as suas cabeceiras tanto se extendão a oéste e a sul.

G. H.— Lat. 17° á 18° — Long. 9° á 11°.

Observação igual à antecedente occorre-me a respeito do rio das Pitombas.

I. J.— Lat. 18° á 20° — Long. 8° á 9.°

Figura a carta um rio cujo nome não posso lêr que, tendo as cabeceiras ao norte do parallelo, de 18°, desagua no *Socory (Sucuriú)* pela latitude 19° 46'. Não atino que rio seja este que não encontro em outras cartas,nem em diversos roteiros do caminho de *Sant'Anna do Paranahyba* para o Piquiry e para o Coxim, os quaes não mencionam que se atravesse rio algum *caudaloso* desde aquella villa até a passagem do Sucuriú. Da cachoeira de Urubupungá ao Tieté cuido não ter mais de uma legua.

K. L. M.— Lat. 18° á 20° -- Long. 9° á 11°

Não menciona a carta uma só das muitas cachoeiras do *Rio Pardo* aliás muito conhecidas e descriptas em varias obras.

A meu ver attendendo a pequena escala da carta, conviria, a respeito deste como de outros rios, designar as cachoeiras por um simples risco, escrevendo tão sómente o nome das principaes.

Os ribeirões *Orelha de Onça e Orelha de Anta* são de pouca entidade e estão mal collocados.

O primeiro tem a sua foz 9 leguas acima do *Anhambahy-assú,* e o outro 3 1/2 leguas acima.

Não tenho idéa do *Rio da Figueira* como affluente do *Rio Pardo.*

N.— Lat. 22° á 23° — Long. 10° á 11°

Entre o *Rio de S. Bento* e o da *Sambambaia,* 4 leguas abaixo do primeiro desagua na margem esquerda do *Ivinheima* o pequeno rio de *Santa-Barbara.*

Em relação ás antecedentes observações (A e D), veja-se o Esboço 2.°, attendendo-se que tracei o novo caminho, por bem dizer, a esmo, não tendo informações ácerca das direcções, mas tão sómente das distancias e estas mesmas duvidosas.

4.ª Folha.— Quadrante de NE.

Uma unica observação farei sobre esta folha, que comprehende uma porção do territorio da provincia que não conheço senão muito vagamente.

A.— Lat. 12° á 14° — Long. 10° á 11°

Em uma pequena memoria minha, que foi publicada na Revista do Instituto Historico e Geographico do 2.° trimestre de 1862, escrevi o que segue.

«Entretanto o que acabo de expôr parece-me provar sufficientemente:

« 1.° — Que o rio Paranatinga (impropriamente chamado *Xingú* na carta) conflue com o rio das *Tres Barras*, conhecido tambem actualmente pelo nome de rio de *S. Manoel* que, unindo-se ao *Juruena*, fórma o Tapajóz.»

« 2.°— Que as desconhecidas cabeceiras do verdadeiro *Xingú existem na proximidade do parallelo de* 11°, *ou ainda mais ao norte.*»

Cumpre-me confessar que esta ultima conclusão foi porventura temeraria ; porquanto, das muitas cabeceiras do *Xingú*, que mostra a carta a que então me referia, póde bem ser que se formem dous grupos, dando o mais occidental aguas ao Paranatinga e o outro ao *Xingú*.

E' esta a imperfeitissima critica que pude fazer da carta geral, pelo que tóca a esta provincia.

Só por onediencia animo-me a apresental-a.

E' factivel que hajam omissões devidas á minha cançada vista.

Das que me descobrir ulterior e mais acurado exame, informarei á Secretaria de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas.

Cuyabá, 30 de Outubro de 1876.

Barão de Melgaço

Juls Pitaluga 14/2/95.

CSSF
057020